

DENISE MARIA DE PAIVA BERTOLUCCI

A COMPOSIÇÃO DO LIVRO *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE
MONTEIRO LOBATO: CONSCIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA
E APRIMORAMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA

Volume I

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
2005

DENISE MARIA DE PAIVA BERTOLUCCI

A COMPOSIÇÃO DO LIVRO *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE
MONTEIRO LOBATO: CONSCIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA
E APRIMORAMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP
para a obtenção do título de Doutor em
Letras (Área do Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Carlos Erivany Fantinati

ASSIS
2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Bertolucci, Denise Maria de Paiva
B546c A composição do livro *Reinações de Narizinho* de Monteiro
Lobato: consciência de construção literária e aprimoramento da
linguagem narrativa / Denise Maria de Paiva Bertolucci. Assis,
2005
2 v. (594 f.) : il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Literatura brasileira. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 3.
Narrativa. 4. Reinações de Narizinho – Crítica e interpretação.
I. Título.

CDD 028.509
869.93

... Não sei explicar. Só sei que em certos momentos a gente muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de nós.

Reinações de Narizinho

Para Ricardo e Ricardo Filho

Agradecimentos

ao Dr. Carlos Erivany Fantinati, pela orientação firme e cordial concedida;

ao Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, ao Dr. Rony Farto Pereira, e à Dra. Lia Cupertino Duarte, pelas ricas sugestões e pelo empréstimo de obras essenciais feitos no decorrer do trabalho;

aos funcionários da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, e do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa - CEDAP, órgãos da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis;

aos professores e funcionários do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo.

... le monde n'est pas inexpliqué
lorqu'on le récite... (O mundo deixa
de ser inexplicável quando se narra o
mundo.)

Roland Barthes

Resumo

Este trabalho apresenta, primordialmente, um estudo sobre o processo de composição do livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Parte-se de um depoimento do próprio escritor em carta ao amigo Godofredo Rangel, escrita em 1931. Com base em passagens significativas do referido depoimento, realizam-se comentários e análises, dentre as quais se destacam o cotejo do volume com uma de suas versões preliminares, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e o estudo da unificação dos episódios que compõem a obra enfocada. No paralelo e na investigação dos meios de integração mobilizados, apontam-se as melhorias e os resultados do esforço de coesão obtidos por Lobato no que diz respeito a temas, ao discurso, aos recursos lingüísticos e à apresentação de personagens. A comparação e o estudo da unificação objetivam revelar o aprimoramento da linguagem narrativa lobatiana e verificar a compatibilidade de intenção e realização no livro considerado. Complementa o trabalho a contribuição a uma possível indexação dos episódios ficcionais e das personagens do livro *Reinações de Narizinho*.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Monteiro Lobato; narrativa; *Reinações de Narizinho*.

Abstract

This work shows, mainly, a study about the process of composition of the book *Reinações de Narizinho*, by Monteiro Lobato. We initiate it with a declaration of the writer in a letter to his friend Godofredo Rangel, written in 1931. Basing on significant passages of the referred declaration, some comments and analysis are performed. Among them, some deserve attention, as the comparison of the book with one of its previous versions, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, and the study of the unification of the episodes that compose the work. In the confrontation and investigation of the ways of unification used, we can mention the advances and the results of the cohesion effort obtained by Lobato concerning the themes, the speech, the linguistic resources and the characters presentation. The comparison and the study of the unification have the purpose of revealing the improvement of Lobato's narrative language and examining the compatibility of intension and accomplishment in the book. The work is concluded with a contribution to a probable indexation of the fictional episodes and the characters of the book *Reinações de Narizinho*.

Keywords: Brazilian Literature; Monteiro Lobato; narration; *Reinações de Narizinho*.

Sumário

Volume I

Considerações iniciais: A intenção	12
Capítulo I - Notícias sobre o livro <i>Reinações de Narizinho</i>	17
1.1. Notícias sobre o livro <i>Reinações de Narizinho</i> em fontes impressas: Carta, livros, periódicos e anais	17
1.2. Notícias sobre o livro <i>Reinações de Narizinho</i> em fontes impressas: Teses e dissertações	46
1.3. Notícias sobre o livro <i>Reinações de Narizinho</i> em meio eletrônico	53
Capítulo II - O contista Monteiro Lobato e o gosto pelo ato de narrar histórias	56
Capítulo III - A consciência de construção literária na obra infantil enfocada:	
A realização	70
3.1. A organização do volume <i>Reinações de Narizinho</i> : Esclarecimentos	70
3.2. (...) <i>livro absolutamente original</i> (...)	78
3.3.(...) <i>consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes</i> (...)	88
3.4.(...) <i>volume</i> (...) <i>com melhorias</i> (...)	93
3.4.1. Do didático para o lúdico	93
3.4.2. O aperfeiçoamento dos temas	103
3.4.3. O aprimoramento da linguagem narrativa	115
3.4.3.1. A fusão real/maravilhoso	115
3.4.3.2. A tonalidade oral	121
3.4.3.3. As narrativas insertas nos discursos de personagens: As hiponidades	130
3.4.4. A solução lingüística	142
3.4.5. As personagens	166

3.5.(...) <i>volume (...) com (...) aumentos (...)</i>	188
3.6. (...) <i>volume (...) com (...) unificações num todo harmônico</i>	192
3.6.1. A distribuição dos temas	201
3.6.2. O desenvolvimento da linguagem narrativa	215
3.6.2.1. A amarração dos episódios do livro	215
3.6.2.2. A fusão real/maravilhoso	227
3.6.2.3. A tonalidade oral	232
3.6.2.4. As narrativas insertas nos discursos de personagens: As hipounidades	237
3.6.2.5. As narrativas metadieéticas	247
3.6.3. A questão lingüística	264
3.6.4. As personagens	306
3.7. (...) <i>livro para ler, não para ver (...)</i>	314
Considerações finais: Compatibilidade de intenção e realização	329
Referências bibliográficas	342
1. Obras de Monteiro Lobato	342
2. Obras sobre Monteiro Lobato	344
3. Obras sobre literatura infantil	350
4. Obras sobre história, teoria, crítica e técnica literárias	351
5. Outras obras	353
Anexos	355

Considerações iniciais: A intenção

“Caso único na história da nossa vida intelectual”¹, nas palavras de José Aderaldo Castello, a longa correspondência de Monteiro Lobato com Godofredo Rangel, reunida nos dois volumes de *A barca de Gleyre*, traz os depoimentos do escritor sobre inúmeros aspectos de sua obra. Numa carta enviada ao amigo em 1931, o escritor afirma:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel!²

Lobato traça o plano, vê-se, da composição de *Reinações de Narizinho*, indicando seus propósitos na preparação do livro para a publicação. As palavras do escritor inspiraram o desejo de verificar a compatibilidade de intenção e realização no livro considerado, principalmente quanto aos procedimentos ligados ao discurso. Este trabalho apresenta como objetivo básico, pois, demonstrar o aprimoramento da linguagem narrativa lobatiana no processo de composição do livro *Reinações de Narizinho*, confirmando o intento manifesto pelo escritor. Para tanto, opta-se pela estruturação que se apresenta na seqüência.

O primeiro capítulo da tese, “Notícias sobre o livro *Reinações de Narizinho*”, informa sobre as principais manifestações do interesse em relação à obra ao longo dos anos. Reúne posicionamentos críticos, teóricos e testemunhais desenvolvidos em fontes impressas, como carta, livros, anais, dissertações, teses e periódicos, e em meio digital, o que diz respeito às informações existentes na rede mundial de computadores. Com a construção do panorama de estudos que têm no livro o foco de investigação, pretende-se demarcar o lugar e a pertinência da abordagem presente.

¹ José Aderaldo CASTELLO, *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965. p. 90.

² Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 329 (2º tomo), carta de outubro de 1931.

Enxerga-se a sofisticação narrativa atingida por Lobato em *Reinações de Narizinho* como o coroamento de seu gosto pelo ato de narrar histórias. Para indicar o desenvolvimento dessa habilidade, que culmina no aprimoramento aludido, apresenta-se um percurso cronológico, no segundo capítulo da tese, da série denominada pelo próprio autor de Literatura Geral.

A verificação da prática do plano traçado no depoimento a Godofredo Rangel dá-se no terceiro capítulo. Como o autor manifesta-se explicitamente sobre o processo de composição do livro, e realiza, de fato, o que planejou, decidiu-se intitular o referido capítulo com a frase “A consciência de construção literária na obra infantil enfocada: Realização”.

No capítulo, as passagens significativas do depoimento são separadas e estudadas com o amparo de livros de crítica e de teoria literárias. As passagens são: (...) *livro absolutamente original (...)*; (...) *consolidação (...)* dessas aventuras que tenho publicado por partes (...); (...) *volume (...)* com melhorias (...); (...) *volume (...)* com (...) aumentos (...); (...) *volume (...)* com (...) *unificações num todo harmônico*; (...) *livro para ler, não para ver (...)*. Antes de se discutirem as idéias de Lobato e mostrar a concretização do projeto, se esclarecem as polêmicas quanto ao ano correto da publicação de *Reinações de Narizinho*, 1931, e quanto às datas e títulos que de fato integram o livro.

Na discussão do pensamento lobatiano relacionado à *consolidação*, defende-se que o volume não apenas fixa e integra a escrita das histórias originalmente publicadas em separado – A Menina do Narizinho Arrebitado, Narizinho Arrebitado, O Marquês de Rabicó, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, A cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinho, A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim -, mas consolida a produção infantil lobatiana como um todo, já que se considera esse livro o marco do amadurecimento artístico do escritor na vertente referida.

As idéias de Lobato relacionadas às *melhorias* e às *unificações* levam a uma análise mais profunda do esforço do escritor, originando, no primeiro caso, o cotejo de *Reinações de Narizinho* com uma de suas versões preliminares, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, e, no segundo, o estudo dos meios de integração dos episódios que compõem a obra enfocada.

A comparação das obras envolve o primeiro capítulo de *Reinações*, por conter o episódio que mais se aproxima da história contada em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. No paralelo, demonstra-se o aprimoramento obtido por Lobato no que diz respeito aos temas, à

linguagem narrativa, aos recursos lingüísticos e à apresentação de personagens. No âmbito do discurso, a demonstração das melhorias alcançadas pelo escritor destaca as narrativas inseridas nos discursos de personagens, as *hipounidades*, na terminologia de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, no livro *Dicionário de teoria da narrativa*. Parte-se da constatação de que a composição ficcional de *Reinações* rege-se pela dinâmica do viver e contar histórias, o que repercute no estatuto de determinadas personagens da obra, as quais se instituem em narradoras de eventos também. A designação, *hipounidades*, se origina da expressão proposta por M. Bal em substituição ao que G.Genette³ chama de nível metadieético: *nível hipodieético*. Assim, Reis e Lopes primeiramente esclarecem:

Entende-se, pois, por *nível hipodieético* aquele que é constituído pela enunciação de um relato a partir do *nível intradieético*: uma personagem da história, por qualquer razão específica e condicionada por determinadas circunstâncias (...), é solicitada ou incumbida de contar outra história, que assim aparece embutida na primeira.⁴

Mais adiante, os autores consideram, sobre as hipounidades:

Se adotássemos a concepção consideravelmente lata proposta por M. Bal [Notes on narrative embedding. *Poetics Today*, 2(2): 202-10, 1981], teríamos que admitir que até os diálogos constituem *hipounidades* inseridas na diegese; deve-se reconhecer que, em certos casos, o discurso de uma personagem pode revestir-se de um destaque e de um pendor narrativo suficientemente impressionantes para que se lhe atribua esse estatuto...⁵

Os discursos de personagens imbuídos de propensão narrativa são, portanto, analisados. No estudo dos meios de integração dos episódios que compõem a obra *Reinações de Narizinho*, discutem-se os mesmos elementos abordados no tratamento das *melhorias*

³ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, s/d.

⁴ Carlos REIS e Ana Cristina M. LOPES, *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988. p. 128.

⁵ *Ibid.*, p. 129.

alcançadas pelo escritor - temas, linguagem narrativa, recursos lingüísticos e personagens -, mas na perspectiva de sua disseminação no volume.

Quanto à linguagem narrativa, demonstra-se principalmente a evolução das *hipounidades* em *Reinações de Narizinho*, representada pela obtenção das *narrativas metadieéticas*, ou seja, discursos de personagens marcados por uma ação criativa mais ampla e sofisticada, em que seres e espaços são organizados com riqueza de atributos. A narração, nesse aspecto, se confunde com a principal, dando a impressão de que o narrador titular é a própria personagem, tamanho o obscurecimento do discurso extradiegético.

Acredita-se que a situação descrita acima seja a de fato abordada por G. Genette, na obra *Discurso da narrativa*. Por isso se lança mão de outra fonte bibliográfica quando se discutem as *hipounidades*. Faz-se útil conhecer, já, o que o teórico entende, exatamente, por *narrativas metadieéticas*:

Definiremos essa diferença de nível dizendo que *todo o acontecimento contado por uma narrativa está num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produtor dessa narrativa*. A redação, por M. de Renoncourt, das suas *Mémoires [d'un homme de qualité]* fictícias é um ato (literário) levado a cabo num primeiro nível, que se dirá *extradieético*; os acontecimentos contados nessas memórias (entre os quais o ato narrativo de Des Grieux) estão nessa primeira narrativa, qualificá-las-emos, pois, de *dieéticas*, ou *intradieéticas*; os acontecimentos contados na narrativa de Des Grieux, narrativa no segundo grau, serão ditos *metadieéticos* ...⁶

Como se passa na obra de Abbé Prévost, a narrativa *Reinações de Narizinho* é resultado de um ato literário que, num primeiro nível, o extradiegético, é levado a efeito por um narrador que não se nomeia. Todos os episódios contados por esse narrador formam uma primeira narrativa, em que as personagens Emília, o falso gato Félix, o Visconde de Sabugosa, bem como seus atos, se colocam no nível intradieético. Ocorre que esses entes ficcionais intradieéticos também se responsabilizam por atos literários, de modo que os acontecimentos por eles contados são de segundo grau, ou metadieéticos. Faz-se, assim, o

⁶ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 227.

estudo dessas ocorrências e também se apontam as relações que se estabelecem entre a *narrativa em segundo grau*, ou *metadieética*, e a narrativa primeira na qual esta se insere.

Deve-se dizer que a discussão da técnica literária praticada em *Reinações* fundamenta-se primordialmente em G. Genette, porque seus postulados são ainda hoje, acredita-se, os que mais amplamente dão conta dos complexos procedimentos narrativos ativados pelos grandes escritores como Monteiro Lobato. Além de Genette, Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, destacam-se os ensinamentos de Anatol Rosenfeld⁷ e T. Todorov⁸ seguidos na tese.

Os anexos trazem cópias digitalizadas e impressa de artigos históricos sobre *Reinações de Narizinho*, de cartas dos primeiros leitores dessa obra, e de ilustrações da 6ª edição do livro, de 1956, a utilizada nesta tese. Os artigos “No Sítio do Picapau Amarelo” e “Monteiro Lobato fala dos seus livros infantis”, bem como as cartas dos pequenos leitores da obra lobatiana endereçadas ao escritor são reproduções de documentos do Dossiê Monteiro Lobato, pertencente ao *Fundo Raul de Andrada e Silva* do *Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP*. O artigo “Monteiro Lobato – *As Reinações de Narizinho*” é uma cópia impressa de documento do *Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – CEDAP*, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

O apêndice representa uma contribuição a uma possível indexação dos episódios e das personagens do livro *Reinações de Narizinho*.

⁷ Anatol ROSENFELD, *O teatro épico*. São Paulo: Buriti, 1965.

⁸ Tzvetan TODOROV, *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

Capítulo I

Notícias sobre o livro *Reinações de Narizinho*

Este capítulo está organizado de modo a informar sobre as principais manifestações do interesse em relação à obra *Reinações de Narizinho* ao longo dos anos. Considera posicionamentos críticos, teóricos e testemunhais desenvolvidos em fontes impressas, como carta, livros, anais, dissertações, teses e periódicos, e em meio eletrônico, o que envolve a informação colhida na rede mundial de computadores.

1.1. Notícias sobre o livro *Reinações de Narizinho* em fontes impressas: Carta, livros, periódicos e anais

Quanto aos posicionamentos críticos em livros e periódicos, é imprescindível falar da dificuldade de se encontrarem estudos sobre o livro focado nos anos próximos da publicação e mesmo em outros períodos após a obra vir a lume. De modo geral, acredita-se que isso se explique pelo fato de o volume reunir títulos já lançados, não recebendo, pois, da imprensa literária e dos estudiosos de literatura o mesmo destaque reservado, por exemplo, a *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, e a *Narizinho Arrebitado*, de 1921. Adquire imensa valia nesse contexto, o trabalho de Caroline Elizabeth Brero, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*⁹, a partir do qual cita-se um texto voltado para o livro em estudo. Os saltos entre as décadas, saliente-se, ocorrem em função da escassez referida.

Talvez o primeiro julgamento de *Reinações de Narizinho* seja o artigo de Plínio Barreto, publicado em 19 de dezembro de 1931, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Nesse dia, o nome de Barreto não aparece, provavelmente por causa da diagramação realizada no número. Descobriu-se, porém, mediante a verificação de outras colaborações devidamente assinadas, que o famoso jurista era o responsável pela seção “Livros Novos”, onde surge a crítica do

⁹ Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, 2003. 263 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.

volume *As Reinações de Narizinho*¹⁰. Plínio Barreto introduz a crítica com uma reflexão sobre o “espírito de contradição” da criança, comportamento de discordar de tudo que os adultos lhe pedem ou lhe mandam fazer. Postula que tal atitude não decorre simplesmente do fato de o infante não compreender a conveniência dos pedidos e das ordens dos adultos, mas principalmente da necessidade de afirmar-se perante os mais velhos, de “provar que ‘existe’ fora das pessoas grandes”, enfim, de protestar “contra a intervenção excessiva dos adultos” em sua vida. Não querendo, portanto, ser impedidas de se manifestarem por si mesmas, as crianças, segundo o crítico, deixam-se atrair por “educadores tolerantes”, que as deixam viver a vida intensamente, e pelos avós, mais indulgentes e compreensivos, e que se fazem também crianças na convivência.

Do mesmo modo, prossegue Barreto, como sabem escolher as pessoas “de suas relações”, as crianças também sabem rechaçar e consagrar escritores, constituindo um público exigente, que somente aceita as obras, raras, nas quais se realiza “o milagre do máximo de imaginação com o máximo de verdade”. Para o autor do artigo, em geral os adultos desrespeitam a inteligência dos pequenos e oferecem a eles livros “insípidos”, que, no lugar da “fantasia”, apresentam “disparate”, e, no lugar do “simples”, expõem o “banal”.

Diz, na seqüência, que há dois escritores paulistas, naquele momento, que conseguiram quebrar a reserva do grande público infantil, e um deles é Monteiro Lobato. Embora o nome do outro escritor não seja citado, presume-se que seja Menotti Del Picchia, autor nascido em São Paulo e que alcançou grande popularidade como escritor infantil na década de 30. O crítico passa, então, a enumerar as qualidades do estilo de Lobato, na escrita para as crianças, que fazem seu sucesso junto a esse público:

Esse escritor, de estilo vigoroso e de colorido forte, com seu humorismo amargo e sarcástico e seu ímpeto panfletário, saiu-nos, de fato, um narrador capaz de virar a cabeça das crianças, com suas narrativas ricas de imprevistos, de uma ironia amável e de encantadora suavidade. Ele se dirige às crianças com todo o seu coração e toda a sua inteligência; um e outro, reunidos, o tornam infinitamente compreensivo para as exigências e os impulsos naturais da criança. O seu poder admirável, cada vez mais desenvolvido, da observação,

¹⁰ Plínio BARRETO, Monteiro Lobato – *As Reinações de Narizinho* – Biblioteca Pedagógica Brasileira, série I – Literatura Infantil – Vol. I, Companhia Editora Nacional, S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*, 19.12.1931. Livros Novos, p. 3.

que cria o estilo; esse sentido a um tempo agudo e intenso da forma, que lhe dá às expressões um encanto particular e a sua imaginação, inesgotável em surpresas, fizeram do escritor de “Urupês”, um mágico encantador de crianças; uma espécie de Papá Noel, bem brasileiro, de que elas estão sempre à espera, e que traz, na sacola de suas historietas, uma porção de coisas miríficas, que põem em alvoroço os nervos das crianças.

Para Plínio Barreto, Lobato é um psicólogo arguto, embora não o pretenda, e “mergulhou em cheio no mundo maravilhoso que constitui a vida infantil”. Frisa, porém, que, nesse mergulho, o escritor não tem propósitos de pedagogo e muito menos de organizar o “bazar fantástico” que é a cabeça das crianças. De uma forma familiar, amável e acolhedora, desperta e entretém a curiosidade típica da infância, demonstrando domínio completo da arte de escrever para os pequenos. Dessa forma, considera o crítico, Lobato restaura, no Brasil, a tradição da literatura infantil universal, renovando a “intimidade” entre o escritor e a criança. No último parágrafo do artigo, o crítico se concentra no livro em foco:

Nas páginas de seus contos, agora reunidos no volume “As reinações de Narizinho”, palpita a vigorosa sensação de um ambiente desenrolado em plena natureza, com a graça, o pitoresco e o humorismo que fizeram de Monteiro Lobato um narrador inconfundível. Dir-se-ia que nessas criações integralmente novas, em que toca às próprias fontes da emoção e da poesia, ele concentrou todas as qualidades primaciais, com que se impôs nos “Urupês”, e que o gosto e o hábito de escrever para crianças desenvolveu e apurou em vigor e simplicidade. Páginas alegres, ágeis e sadias, leves e delicadas, ricas de substância da vida, são as “Reinações de Narizinho”, a melhor festa para as crianças que vivem horas felizes, entretidas com esse feiticeiro animador de ilusões, artista e educador a um tempo, que, conseguindo fazer-se amar das crianças, faz com que elas comecem, por ele, a amar os livros.

Saliente-se que esse artigo é tomado como a mais importante prova de que a publicação de *Reinações de Narizinho* se dá, de fato, em 1931. É recuperado ainda na tese quando se discute a adoção por Lobato do léxico de enfrentamento. O entusiasmo com que

Plínio Barreto saúda a publicação do livro, mencionando pela primeira vez o sentido poético e o apuro narrativo nele existentes, como se vê, mantém-se inalterado ao longo dos anos. Anísio Teixeira, grande amigo de Monteiro Lobato e um dos líderes do movimento pela renovação do sistema educacional brasileiro à época da publicação de *Reinações*, afirma, com satisfação, numa carta endereçada ao escritor no fim do ano de 1931:

Meu grande amigo Lobato: Happy New Year! A sua carta, o seu livro, a sua lembrança, não me saem do espírito. Leio *Reinações de Narizinho* com um prazer sem nome. Você é um Kipling feito à medida do Brasil. Um pouquinho frouxo. O Brasil é tão pouco grande!... Mas como v. já cresceu de alguns dos seus outros livros de criança. Começa v. a sentir-se à vontade entre as crianças... E isso, v. sabe bem como é grande.¹¹

O juízo de Anísio Teixeira, retomado no desenvolvimento deste trabalho, é um atestado da maturidade artística alcançada por Lobato em *Reinações*, e o ano do envio da carta, mais um argumento forte na defesa de 1931 como o da publicação do livro. Em 6 de janeiro de 1935, é publicado o artigo de Jorge Amado no periódico *Revista Brasileira*. No texto intitulado “Livros infantis”¹², Amado manifesta sua discordância com o tema do pó de pirlimpimpim. Embora o crítico não mencione o título *Reinações de Narizinho*, sabe-se que o tema está presente nos dois últimos capítulos dessa obra. Jorge Amado argumenta:

Todas as vezes que os pequenos heróis de Monteiro Lobato têm que fugir do plano da realidade para o plano da imaginação tomam uma pitada daquele pó. O pó é como uma explicação, uma separação mesmo dos dois planos, deixando os leitores na impossibilidade de passar para o imaginário porque lhes falta o rapé pirlimpimpim. Ora, o garoto não precisa de rapé algum para se embrenhar pelos países da imaginação, viver aventuras maravilhosas, criar mundos novos, ver coisas nunca vistas. Para que a explicação do pó?

¹¹ Cassiano NUNES, *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: O sonho da educação no Brasil*. São Paulo: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1986. p. 15.

¹² Jorge AMADO, Livros infantis. *Revista Brasileira*, 6.1.1935. *apud* Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, p. 224.

Na presente tese, as idéias defendidas por Amado são recuperadas e problematizadas no tópico que trata do desenvolvimento da linguagem narrativa do livro. A base para a defesa de Lobato é a demonstração da evolução dos mecanismos discursivos notada em *Reinações*, a qual torna possível a fusão do real e do maravilhoso. Em outras palavras, a passagem para o imaginário dá-se de forma quase imperceptível no discurso, antes mesmo de o pó fazer parte da brincadeira. Não é, portanto, a menção ao pozinho o elemento impulsionador da fantasia. Isso é apenas um tema e tem mais a função de incrementar a aventura, como tem também a informação relacionada ao cerrar dos olhos das personagens, várias vezes fornecida no livro, na composição de possibilidades inimagináveis. O transporte, saliente-se, é assegurado no modo de narrar, e isso se conquista em todo o livro.

O artigo de Edgard Cavalheiro, “No Sítio do Picapau Amarelo”¹³, é publicado no periódico paulistano *Gazeta Magazine*, de 11 de janeiro de 1942. Trata-se de uma crítica não apenas do livro *Reinações de Narizinho*, mas da obra infantil lobatiana, pois discute as razões que explicariam a grande repercussão dessa lavra junto ao público. Dá-se destaque, contudo, ao livro estudado, talvez na primeira análise mais objetiva dos elementos estruturais do livro, a qual repercutirá ao longo dos anos nos ensaios críticos de outros estudiosos da prosa infantil de Lobato, como Nelly Novaes Coelho e Cassiano Nunes.

É importante dizer que as informações sobre autoria, veículo e data da divulgação desse texto não existem no Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde se buscaram subsídios para a elaboração da fortuna crítica de *Reinações*. O que se fez para suprir as lacunas mencionadas foi confrontar o título do artigo com os títulos da relação de fontes para o estudo de Lobato e sua obra, feita por Cavalheiro para a 9ª edição de *Urupês*, da 1ª série das Obras Completas de 1957.

Trechos do artigo, diga-se, são idênticos aos do texto “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, presente na abertura da edição de *Urupês* já apontada, mas escrito em setembro de 1954. Esse material condensa as informações que serão oferecidas em profundidade na biografia *Monteiro Lobato – Vida e obra*, de 1955. No segundo tomo da referida biografia, Cavalheiro retoma passagens do artigo de 1942. No artigo, enfim, o crítico se concentra na literatura infantil de Lobato, e aponta fatos relevantes que não estão no estudo introdutório, escrito em 1954, nem na biografia, publicada em 1955. O descaso da crítica literária com a literatura infantil é um ponto abordado apenas no artigo de 1942:

¹³ Edgard CAVALHEIRO, No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11.1.1942.

Em geral esse gênero de literatura passa incriticado (*sic!*) entre nós. Não lhe dão a atenção merecida. Pode-se afirmar que muitos o consideram gênero destituído de importância literária. O engano não pode ser mais absurdo e incongruente.

O “sentido poético” das idéias postas em prática pelo escritor paulista em sua ficção infantil é outro assunto de que o crítico não se ocupa no estudo introdutório, e na biografia, com a mesma acuidade. Acompanhe-se uma passagem do artigo:

Um poeta em plena exteriorização dos seus mais íntimos sonhos e ambições. O casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado, para citar um exemplo, constitui página de bela e pura poesia. E a descrição do maravilhoso vestido nupcial de Narizinho pode, perfeitamente, figurar em qualquer antologia poética.

Edgard Cavalheiro discorre, na continuação do artigo, sobre alguns aspectos que elucidariam o sucesso de Lobato em meio aos pequenos: a objetividade da narração, o rompimento com a noção de “tempo” e “realidade”, onde tudo é “natural” e de fato acontece, sem que se use a explicação do sonho, “como a gente estava acostumada a ver em tantos outros autores.”¹⁴ A questão da inexistência de separação ente o real e o maravilhoso é acentuada pelo crítico, e tida como a base dessa produção:

A nenhuma distinção entre o real e o irreal é, portanto, o ponto de partida de Monteiro Lobato. O que ele faz acontecer nas “Reinações de Narizinho” e em todos os outros volumes da série, não cabe, evidentemente, numa crônica. É todo um mundo que as crianças sentem, acreditam, anseiam por conhecer. E por isso lhe escrevem de todos as partes.

¹⁴ No texto “*Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro*”, presente na 9ª edição de *Urupês*, mas escrito em 1954, o crítico menciona a reescrita de modo a eliminar a explicação do “sonho” e a não distinguir o mundo real do mundo da fantasia, algo que ele não faz no artigo. Talvez seja Cavalheiro, portanto, nesse texto, que em 1957 viria a introduzir a 9ª edição de *Urupês*, quem primeiro aborda o assunto: “Na primeira versão, Lúcia, A Menina do Narizinho Arrebitado, acordava de um sonho, às margens do Ribeirão das Águas Claras. Mas Lobato percebeu que não havia razão para ser um sonho aquela maravilhosa aventura, e, nas edições subseqüentes, melhorou a obra, fazendo com que, para a menina do Sítio do Picapau Amarelo não existisse distinção alguma entre o maravilhoso e a realidade.” p. 44-45. No livro *Monteiro Lobato – Vida e obra*, à p. 578, Cavalheiro informa sobre a alteração promovida por Lobato em *Reinações de Narizinho* com praticamente a mesma redação transcrita acima.

Algumas das cartas a que Cavalheiro faz alusão são apresentadas nesta tese, inclusive em sua versão original, como se pode vislumbrar nos anexos. O crítico trata ainda da “elasticidade” da língua usada por Lobato, que cria vocábulos e “torna os verbos maleáveis”; e fala também do abandono do intuito moralizador e da adoção da idéia de que “a inteligência bem orientada” se impõe à força bruta. Percorridas essas etapas de reflexão, Cavalheiro volta a falar do sentido poético encontrado em certos achados temáticos da obra lobatiana:

Porque poesia é o maravilhoso da vida, o nenhum limite para a nossa concepção das coisas e dos seres. Esse anseio de ultrapassar o real, de atingir uma super-realidade, se assim podemos nos expressar é o anseio não só das crianças como de todos nós. Por isso seus livros infantis interessam também os adultos. Um desenho de Walt Disney é, quase sempre, uma obra da mais pura poesia. E o anjo da asa quebrada que Emília traz do céu não é, também, uma concepção poética das mais altas? (...) E o que dizer de certos detalhes que a gente suspira por ver num desenho? Estes por exemplo: “Em vez de lâmpadas viam-se, pendurados do teto, buquês de raios de sol colhidos pela manhã”. “Quem é? indagou de dentro o peixinho, que estava a despir-se das suas escamas para dormir”.

Na conclusão do artigo, Cavalheiro afirma que a “imaginação” e o “espírito” das narrativas de Lobato são os da própria infância e isso, enfim, explicaria a imensa aceitação de seus livros e de suas personagens. Convém lembrar que se apresenta também o artigo comentado, em seu formato original, na parte destinada aos anexos da presente tese. O artigo é retomado na discussão das melhorias obtidas e disseminadas por Lobato no discurso de *Reinações de Narizinho*.

No artigo de 22 de abril de 1943, “Monteiro Lobato fala dos seus livros infantis”¹⁵, publicado no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, noticia-se o início do programa de rádio dirigido às crianças, “No Sítio do Picapau Amarelo”, em que serão irradiadas as adaptações teatrais dos livros de Monteiro Lobato. No material também obtido no Instituto de Estudos Brasileiros, não se identifica explicitamente a autoria do artigo, mas pode tratar-se de um texto de Edgard Cavalheiro para o jornal também, pois há passagens iguais às do texto anteriormente comentado. Na abertura do artigo, discute-se a renovação do público de Lobato

¹⁵ Monteiro Lobato fala dos seus livros infantis. *A Gazeta*, São Paulo, 22.4.1943. A versão original desse artigo é apresentada na parte dos anexos.

e a influência dessa obra na formação de toda uma geração, algo que é importante ser transcrito:

Alguma razão muito forte existirá que explique a popularidade de Monteiro Lobato, como autor infantil. Popularidade, crescente-se, que aumenta dia a dia. A geração que hoje compra livros para os filhos é a mesma geração que há vinte e mais anos debruçou-se comovida e interessada nas páginas maravilhosas do criador do “Sítio do Picapau Amarelo”. O mais curioso a ser assinalado é que esses livros antes de serem entregues às mãos inquietas dos garotos são devorados pelos próprios pais, e mais, com visível e inocultável enlevo. De uma certa maneira, pode-se afirmar que todos nós, homens de hoje, velhos de amanhã, somos filhos espirituais de Monteiro Lobato.

Edgard Cavalheiro e Carlos Lacerda, conforme o texto divulga, são os autores das adaptações que serão apresentadas no programa infantil da Rádio Gazeta. Transcrevem-se falas de Lobato sobre a produção e a recepção de seus livros infantis, inclusive entre os adultos que leram sua obra na infância, e a opinião do escritor sobre a iniciativa da Rádio Gazeta de irradiar as adaptações: “--- Sim, disse-nos Monteiro Lobato. A idéia é boa e dará resultado. Acredito que possam realizar um bom trabalho, e que as crianças fiquem satisfeitas.” No final do artigo, noticia-se:

No programa inaugural, dia 28, às 5 e meia horas, os autores do “drami-riso” “Narizinho no Reino das Águas Claras”, peça de estréia, explicarão pessoalmente como e por que fizeram esse programa, prestando então uma homenagem ao escritor que as crianças consideram o seu melhor amigo.

Em 1948, motivada pelo falecimento recente do escritor, Maria Julieta Drummond seleciona o subtítulo “O pedido de casamento”, do terceiro capítulo de *Reinações de Narizinho*, O Marquês de Rabicó, para constar da seção “Antologia de Contos”, do jornal *Correio da Manhã*. A composição moderna do livro permite que a história do pedido de casamento da boneca Emília pelo Marquês possa ser lida como um conto, sem prejuízo do entendimento. Antes da apresentação do texto, Drummond argumenta:

Para os moços do Brasil a morte de Monteiro Lobato é muito difícil de compreender ou aceitar. O criador de Pedrinho e de Narizinho – nosso primeiro contato com a literatura – vivia para nós acima de qualquer tempo; tinha a mesma existência ideal e cheia de fantasia da negra tia Nastácia, de d. Benta, a avó, da estupenda Emília, do Visconde de Sabugosa, do Marquês de Rabicó. Quantas vezes, até hoje, suspiramos pelo Sítio do Picapau Amarelo, que é patrimônio da infância, e representa tudo o que a vida diária, sem imaginação e quem sabe sem realidade, rouba aos nossos sonhos.¹⁶

Na biografia romanceada escrita por Jorge Rizzini e publicada em 1954, *Vida de Monteiro Lobato*¹⁷, o escritor paulista é uma personagem do livro, e conta às personagens ouvintes fatos de sua vida e de sua produção literária. Para tratar de *Reinações de Narizinho*, Rizzini cria a seguinte cena, clara na tentativa de imitar o próprio estilo de Lobato:

--- (...) E um mês depois da minha primeira visita ao sítio, escrevi as primeiras aventuras do pessoalzinho do Picapau Amarelo que estão no livro *Reinações de Narizinho*, que vocês leram, provavelmente...

--- Leram, sim! --- confirmou Dona Santinha, sorrindo. E adoraram!

--- Mas quando escrevi esse livro --- explicou Monteiro Lobato --- as crianças brasileiras não tinham o que ler. Quer dizer: tinham, mas não gostavam nem um pouco.

--- Por que não gostavam? --- quis saber Toninho, que não havia meio de mudar a cara de ponto de interrogação.

Quem respondeu foi Dona Santinha.

--- As crianças brasileiras não gostavam porque os livros eram escritos para as crianças portuguesas. (...)

--- (...) Felizmente conheci o pessoalzinho do Sítio do Picapau Amarelo e escrevi o livro *Reinações de Narizinho*, que antes se chamava *A Menina do Narizinho Arrebitado* – e sem querer tornei-me o criador da literatura infantil brasileira!

¹⁶ Maria Julieta DRUMMOND, O pedido de casamento. *Correio da Manhã* (2ª Seção), Rio de Janeiro, 11.7.1948. Antologia de Contos.

¹⁷ Jorge RIZZINI, *Vida de Monteiro Lobato*. São Paulo: Piratininga, 1954.

Na densa biografia em dois volumes de Monteiro Lobato, *Monteiro Lobato – Vida e obra*¹⁸, publicada por Edgard Cavalheiro em 1955, faz-se menção, possivelmente pela primeira vez, ao marco representado pela publicação de *Reinações de Narizinho*:

Decide-se, então, a dar uniformidade às várias histórias. Aproveita as três primeiras aventuras de Narizinho que, apesar de refeitas, ainda o mostram pouco seguro, apalpando por assim dizer o terreno. Os restantes capítulos, a partir de “O casamento de Narizinho”, são escritos na estonteante New York, vivo contraste com a pacatez e serenidade do “Sítio” que tira do passado para a imortalidade. É mais do que simples consolidação o que faz: “Reinações de Narizinho” nasce um livro original, único, o volume básico em torno do qual girarão todos os outros que a partir de 1931 se põe a escrever, não mais com a mesma despreocupada pureza.

A observação de Edgard Cavalheiro sobre o fato de Lobato mostrar-se pouco seguro na elaboração dos primeiros capítulos do livro são retomadas nas “Notas dos editores” da edição de *Reinações de Narizinho* de 1956, a considerada na presente tese. Também se encontra nessas notas a famosa imagem associada ao volume, “a locomotiva que puxa o já longo comboio dos livros para crianças de Lobato”, que se fixou e é usada até hoje na apresentação do livro¹⁹.

O texto sobre a entrevista de Monteiro Lobato a Justino Martins, para a *Revista do Globo*, está na 8ª edição do volume *Prefácios e entrevistas*, publicado na 1ª série da obra completa de 1957. O autor do texto diz que o escritor ficou com o argumento da história do peixinho que “desaprendeu a arte de nadar” percorrendo sua imaginação e, tão logo viu-se só, escreveu a “História do peixinho que morreu afogado”. Também de acordo com o autor, esse texto, curto, chegou a ser publicado

¹⁸ Edgard CAVALHEIRO, *Monteiro Lobato – Vida e Obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros especialmente para a Companhia Editora Nacional, 1955. 2 v. p. 576.

¹⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”). p. IX. No texto do *site* institucional de Monteiro Lobato sobre o livro lê-se: “O livro-mãe, a locomotiva do comboio, o puxa-fila. A saga do Pica-pau Amarelo começa. Aparecem Narizinho, Pedrinho, Emília, o Visconde, Rabicó, Quindim (*sic!*), Nastácia, o Burro Falante... e o milagre do estilo de Monteiro Lobato vai tramando uma série infinita de cenas e aventuras, em que a realidade e a fantasia, tratadas pela sua poderosa imaginação, misturam-se de maneira inextrincável – tal qual se dá normalmente na cabeça das crianças. O encanto que as crianças encontram nestas histórias vem sobretudo disso: são como se elas próprias as estivessem compondo em sua imaginativa, e na língua que todos falamos nessa terra – não em nenhuma língua artificial e artificiosa, mais produto da ‘literatura’ do que da espontaneidade natural (1931)”. <http://lobato.globo.com/htm/narizinho.html>. Acesso em: 19 abr. 2005.

por Lobato; com o tempo, a narrativa foi-se ampliando, e a esta se misturaram ainda as memórias de infância do autor, vivida na fazenda. Mais além, Martins enuncia, sobre o que ouve do escritor:

Com Dona Benta, mais o peixinho e mais outras recordações, surgiram *Reinações de Narizinho*. Monteiro editou tudo e logo ficou surpreso ao ver que tais livros, escritos brincando, davam maior lucro e alcançavam maior tiragem que mesmo os *Urupês*, cujo sucesso excepcional era atestado pelo 15º milheiro em coisa de pouco tempo.²⁰

Em 1968, surge o livro de Leonardo Arroyo, *Literatura infantil brasileira*. No tópico reservado ao tratamento do legado lobatiano, especificamente no que se refere ao surgimento de *Reinações de Narizinho*, o autor veicula informações sobre o ano da publicação, as datas e os títulos dos livros integradores da obra, que serão contestadas ao longo desta tese. Emite, porém, um juízo acerca do livro ao qual é importante a referência:

... é desse mesmo ano [1934] sua idéia de reunir as várias aventuras de Narizinho – publicadas em pequenos tomos (...) – num único e sério volume. Era o que Monteiro Lobato chamava de “consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificação (*sic!*) num todo harmônico” (...), idéia, aliás, que de fato se efetivou nesse mesmo ano de 1934, quando apareceu, com a chancela da Companhia Editora Nacional, o texto definitivo de *Narizinho Arrebitado*.²¹

Mais adiante no livro, Arroyo ainda cita uma passagem das *Cartas escolhidas*, da obra completa lobatiana, reforçando o julgamento positivo já feito:

... em 1948, [Lobato] escrevia ao próprio neto [Rodrigo] congratulando-se com ele por ter gostado das *Reinações de Narizinho* e da adaptação do *D. Quixote*

²⁰ Monteiro LOBATO, Um mundo sem roupa suja ... Entrevista de Justino Martins para a *Revista do Globo. Prefácios e entrevistas*, p. 273.

²¹ Leonardo ARROYO, *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968. p. 205.

(...), acrescentando que “nesse ponto o avô está de acordo com o neto, porque eu também gosto muito desse livro (...)”.²²

Não se deve esquecer também que a carência de livros e artigos de crítica sobre *Reinações de Narizinho*, percebida principalmente entre as décadas de sessenta e setenta do século passado, liga-se a uma tradição de crítica sobre Monteiro Lobato que ignora sua ficção infantil. O problema, entretanto, já era apontado por Edgard Cavalheiro em 1942, sendo percebido também no livro de Otto Maria Carpeaux, *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*, publicado em 1949.

Obras importantes como *Presença da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido e José Aderaldo Castello²³, e *Método e interpretação*, de José Aderaldo Castello²⁴ - que traz, entre vários estudos, um ensaio crítico do livro de Edgard Cavalheiro, *Monteiro Lobato – Vida e obra* - ambas editadas no mesmo decênio, os anos 60, continuam apreciando exclusivamente a literatura geral do autor paulista. Marisa Lajolo e Regina Zilberman rompem com essa tradição, pois publicam vários livros na década de 80 integrando a literatura infantil lobatiana ao conjunto das obras do autor.

A primeira publicação desses anos, em que se nota o empenho referido, é o livro da série “Literatura comentada”, *Monteiro Lobato*, de 1981. Nesse livro, Marisa Lajolo seleciona os três primeiros subtítulos do capítulo Narizinho Arrebitado, de *Reinações*, e, em notas de rodapé, vai apontando características do texto, como os traços de modernidade da passagem em que Narizinho contracena com Dona Carochinha:

Observe como todo este trecho (que se inicia com a aparição de Dona Carochinha) marca com traços de vanguarda modernista a obra de Lobato: a revisão crítica dos valores tradicionais da literatura infantil, a sobreposição ambígua do real e do fantástico, uma vez que a fuga dos livros se faz para outro livro; a consciência lúcida da contemporaneidade e modernidade de Narizinho, reunida a Pinóquio e ao Gato Félix, heróis modernos; a transposição dos

²² Monteiro LOBATO, *Cartas escolhidas*, v. II, p. 268. *apud* Leonardo ARROYO, *Literatura infantil brasileira*, p. 209-210.

²³ Antonio CANDIDO; José Aderaldo CASTELLO, *Presença da literatura brasileira (História e Antologia)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

²⁴ José Aderaldo CASTELO, *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965.

personagens tradicionais para contextos novos, que lhes dão outras dimensões.²⁵

Em 1982, Zilberman e Lígia Cademartori Magalhães publicam o livro *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*, em que destacam o condão de *Reinações de Narizinho* de consolidar “uma nova estética da literatura infantil”. Essa renovação, segundo as autoras, é obtida em dois planos: “o da retórica, entendendo-se por isso as soluções comunicativas no plano lingüístico; e o da ideologia, entendida na ampla acepção de conjunto de idéias que dão conformação ao texto.”

No âmbito estilístico, Zilberman e Cademartori falam da obtenção da “linguagem afetiva” e da “espontaneidade do estilo infantil” em substituição ao rebuscamento verbal. No que diz respeito à sintaxe, referem-se às construções coloquiais, próximas da oralidade. Quanto às escolhas lexicais, ressaltam a naturalidade com que são acolhidas as expressões populares e apresentados os neologismos, e explicam sobre tais usos:

... as primeiras servem à criação de um fabulário nosso, contribuem para o contexto cultural que se quer afirmar; as expressões criadas ao sabor das provocações do momento se assemelham à espontaneidade infantil, insubmissa à inflexibilidade da norma, porque privilegiam a afetividade da mensagem.²⁶

As autoras ainda discorrem sobre o emprego das onomatopéias no livro, “recurso bastante representativo da desconstrução lingüística do texto e da expressividade que o anima”. Como comprovação, citam a famosa passagem em que Narizinho saboreia as jabuticabas do sítio, tendo Rabicó como companhia. As reflexões de Regina Zilberman e Lígia Cademartori Magalhães convergem para o esforço empreendido nesta tese no sentido de revelar o aprimoramento da linguagem narrativa lobatiana em *Reinações*.

O ano de 1982 registra um aumento considerável de estudos inteiramente voltados para Monteiro Lobato, porque nesse ano se celebrou o centenário de nascimento do escritor. Assim, surge o ensaio de Francisco de Assis Barbosa, “Monteiro Lobato e o direito de sonhar”, acompanhando a edição fac-similar de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Esse

²⁵ *Monteiro Lobato*/ biografia por Ruth Rocha; panorama da época por Ricardo Maranhão; seleção de textos, contextualizações, notas, cronologias, características e exercícios por Marisa Lajolo. – São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada). p. 45.

²⁶ Regina ZILBERMAN; Lígia Cademartori MAGALHÃES, *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982. p. 137.

texto, tal como acontece com o de Arroyo, já citado, oferece datas e títulos relacionados à composição de *Reinações de Narizinho* que serão problematizados nesta tese. Barbosa, no entanto, manifesta concordância com o princípio defendido neste trabalho, quanto à maturidade conquistada no livro investigado, pois afirma: “A obra de Monteiro Lobato não termina com o que chamou ‘consolidação’ de *Narizinho Arrebitado*. É a partir daí que ela se expande e adquire maior consistência...”²⁷.

São também de 1982 os artigos de Alfredo Bosi, Nelly Novaes Coelho e Amaury Mário Tonucci Sanchez, publicados no *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. Os três trabalhos integraram o ciclo de conferências sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, realizado no período de 12 de março a 14 de abril daquele ano, no auditório da citada biblioteca. No texto de Bosi, “Lobato e a criação literária”, há o louvor da obra infantil lobatiana, considerada superior à literatura para adultos, a partir do gênio demonstrado em *Reinações de Narizinho*. Para o crítico, esse livro é “absoluta obra-prima da literatura infantil universal”. O entusiasmo demonstrado com a ficção infantil de Lobato parece ser uma compensação da inexistência de juízo crítico sobre essa lavra na *História concisa da literatura brasileira*. Bosi também trata das modificações feitas por Lobato na escrita primitiva de modo a atingir a fusão real/imaginação, e conclui sobre o resultado obtido em *Reinações*:

Sente-se que, a partir daí, Lobato dá o grande salto, que é, efetivamente, colocar dentro do mundo da realidade cotidiana, do espaço da vigília, o mundo da imaginação. Daí ele não pára mais, como vocês sabem. Ele realmente desdobra infinitamente, abolindo tempo, abolindo às vezes o próprio espaço, graças ao pó de pirlimpimpim, e tudo é possível a partir daí. As transformações que estão em *Narizinho* são extraordinárias, tudo se transforma em tudo, praticamente. Por isso deve-se dizer que *Reinações de Narizinho* – é uma observação óbvia – são matriz de tudo que vem depois.²⁸

Nelly Novaes Coelho é autora do texto “Monteiro Lobato e a ficção para crianças”. O material que se apresenta no *Boletim* é o que comporá o *Dicionário crítico da literatura*

²⁷ Francisco de Assis BARBOSA, Monteiro Lobato e o direito de sonhar. Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado*. São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982. p. 55.

²⁸ Alfredo BOSI, Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, n. 1/2, jan./jun. 1982, p. 31.

infantil e juvenil brasileira, a ser publicado em 1983. A respeito do pensamento de Lobato sobre a composição de *Reinações*, Coelho afirma:

E no ano seguinte, 1931, enfim o “projeto” global de sua ficção para crianças se define claramente em seu espírito: reúne todos os livros publicados até então (*sic!*), reformula-os quase que inteiramente e publica-os em um só volume, *Reinações de Narizinho*.²⁹

A despeito da imprecisão da passagem, há que se apontar a correspondência entre a idéia de Coelho sobre a consolidação da obra infantil lobatiana, representada pela escrita de *Reinações*, e a que se defende neste trabalho. Para tratar da evolução impressa no volume enfocado, quanto à vivência do maravilhoso, a estudiosa se refere às alterações feitas no texto primitivo:

O confronto de textos entre a primeira versão das estórias e a definitiva, registrada, por exemplo, no volume atual de *Reinações de Narizinho* mostra claramente a evolução de Lobato no manipular os dois mundos (o chamado “real” e o da “fantasia”), fazendo com que os limites de um e de outro desapareçam.³⁰

Em “Literatura infantil e libertação”, Amauri M. Tonucci Sanchez utiliza principalmente passagens do livro *Reinações de Narizinho* para tecer considerações sobre a experiência de desimpedimento que rege o comportamento das personagens infantis de Lobato. Com a farta exemplificação do livro oferecida, o crítico enuncia:

O Sítio – é o que o leitor percebe sem dificuldade – caracteriza-se como um lugar que **consertou** o mundo, rearranjando alguns dos referenciais mais diretivos das sociedades contemporâneas. Dele estão banidos, por exemplo, a escola e as formas de saber que ela promove; a religião e o temor gerado pela

²⁹ Nelly Novaes COELHO, Monteiro Lobato e a ficção para crianças. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, n. 1/2, jan./jun. 1982, p. 131.

³⁰ *Ibid.*, p. 132.

presença de forças inelutáveis; a castração da soberania da consciência; os códigos éticos de mera conveniência...³¹

O volume de depoimentos sobre a vida e a obra do escritor paulista, organizado por Paulo Dantas, *Vozes do tempo de Lobato*, também se insere no quadro das publicações comemorativas do centenário. Em meio a escritos por vezes demasiadamente influenciados pela idéia de tributo a ser prestado, destaca-se o texto de João Carlos Marinho, “Conversando de Lobato”. Ele chama a atenção para aspectos centrais dos estudos sobre Lobato e sobre literatura infantil, como o “conceito de arte menor” cultivado pelos estudiosos em relação a essa ficção, a falta de trabalhos que coloquem o humor em destaque nos escritos de Lobato destinados à infância e a carência de análise “mais puramente literária” dessa obra.

Especificamente sobre *Reinações de Narizinho*, existe, em primeiro lugar, uma avaliação interessante sobre a passagem de Narizinho de estrela a personagem coadjuvante:

Percebe-se, lendo *Reinações de Narizinho*, que a Lúcia estava destinado o papel de estrela asneirenta e livre, que ela executa em grande performance até o momento em que Emília absorve-lhe a personalidade, começando a falar e mexer por aí. Como seria impossível manter duas sócias atuando no mesmo conjunto, o apagamento de Narizinho foi obrigatório.³²

Mais adiante, no tratamento do tópico “Visão geral dos livros infantis de Monteiro Lobato”, Marinho inclui o livro na categoria dos chamados volumes literários da produção infantil. Segundo a justificativa para a classificação proposta, nos livros literários “há uma história livre ou uma história livre bem acasalada com propósitos didáticos”. Além de *Reinações de Narizinho*, o crítico insere na mencionada categoria *O saci*, *As caçadas de Pedrinho*, *Viagem ao céu*, *O minotauro*, *Os doze trabalhos de Hércules*, *A reforma da natureza*, *A chave do tamanho*, *Memórias da Emília* e *O Picapau Amarelo*. Ainda de acordo com o crítico, esses são os livros “geniais” e neles estão “todas as qualidades que imortalizaram Lobato.”³³

³¹ Amauri M. Tonucci SANCHEZ, Literatura infantil e libertação. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, n. 1/2, jan./jun. 1982, p. 141.

³² Paulo DANTAS (Org.), *Vozes do tempo de Lobato*. s.l.: Traço Editora, 1982. p. 187.

³³ Na proposta de João Carlos Marinho, os livros literários formam a categoria A. Na B, estão os livros “onde predomina a intenção didática e não há literatura”, caso de *O poço do Visconde*, *Aritmética da Emília*, *Emília no país da gramática*, *Geografia de Dona Benta*, *História das invenções*, *História do mundo para as crianças* e *Serões de Dona Benta*. A categoria C inclui as histórias “de ‘fora do sítio’”, contadas nas reuniões do sítio, onde

Os estudos de Nelly Novaes Coelho, em que se realizam comparações entre a primeira versão da história de Narizinho, presente no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e a que se apresenta no livro *Reinações de Narizinho*, datam da década de 80, já se sabe. Nesse período são publicadas as primeiras edições do livro *Literatura infantil*³⁴ e do *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, este comportando, basicamente, o material divulgado no *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. No *Dicionário*, Coelho acrescenta uma informação importante sobre o segundo capítulo de *Reinações*, O Sítio do Picapau Amarelo:

Várias alterações foram feitas no texto original e também acrescentada uma Segunda Parte (hoje incluída no volume *Reinações de Narizinho*, com o título “O Sítio do Picapau Amarelo”), onde já encontramos todas as personagens que, através dos anos, acabaram por formar o universo do Sítio de D. Benta: Lúcia, Emília, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia, o Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa. Nessa Segunda Parte, surge também Tom Mix (o primeiro grande *cowboy* do cinema). Foi ele, portanto, o primeiro personagem famoso que Lobato fez entrar em sua própria criação literária. E facilmente se pode imaginar a alegria da criança ao descobrir em seu próprio livro de leitura a figura que, nas matinês de domingo, era um de seus grandes “heróis”.³⁵

A informação acima e a pesquisa dos novos entretidos vividos por Narizinho, publicados e anunciados na *Revista do Brasil*, permitiram reconhecer o segundo capítulo de *Reinações* como a reescrita do livro *Narizinho Arrebitado*, de 1921, e ter uma noção acerca de seu conteúdo original.

Talvez inspirado por Coelho, Antonio Carlos Hohlfeldt desenvolveu a pesquisa que originou o artigo “Comparando Lobato com Lobato”, em que também efetua um paralelo entre as narrativas. Hohlfeldt considera, na comparação, aspectos relacionados ao conteúdo, à linguagem e ao tratamento do real e do imaginário nas duas obras. Sobre os resultados logrados em *Reinações de Narizinho*, o crítico conclui:

um personagem, geralmente Dona Benta, é narrador, e os demais são ouvintes e palpitesiros”. Pertencem a tal categoria *Histórias diversas, Fábulas, Dom Quixote das crianças, Hans Staden, Peter Pan* e *Histórias da tia Nastácia*.

³⁴ Nelly Novaes COELHO, *A literatura infantil: história, teoria, análise*, São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

³⁵ Nelly Novaes COELHO, *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: (1882-1982)*, São Paulo: Quíron, 1983. p. 724.

As modificações não são apenas de informação, notando-se que Lobato se preocupa em enxugar o texto, dando-lhe maior dinamicidade. Também a evolução de suas idéias vai ter forte influência em tais modificações, como no episódio passageiro em que um religioso vem trazer a extrema-unção ao doente, no reino marinho, desaparecido totalmente na versão definitiva.³⁶

Em 1984, no livro *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman inserem a publicação do volume *Reinações de Narizinho* num contexto de vitalidade da prosa ficcional brasileira:

Dez anos depois de seu primeiro empreendimento literário na área da literatura infantil, Lobato remodela a história original de Narizinho e constitui as *Reinações de Narizinho* que, em 1931, dá início à etapa mais fértil da ficção brasileira, pois além do aparecimento de novos autores, como Viriato Correia (que concorre com Lobato na preferência das crianças, graças ao sucesso de *Cazuzza*, de 1938) ou Malba Tahan, incorporaram-se à literatura infantil escritores modernistas que começavam a se salientar.³⁷

As autoras também não deixam de reconhecer o sentido maior de *Reinações* na própria produção infantil de Lobato. Como outros críticos fazem, elas atestam a consecução de estabilidade do grupo de personagens nessa obra, o que repercute na unidade conseguida no arranjo definitivo do livro. Reiteram também a “primogenitura” de *Reinações* na série dos volumes destinados aos infantes. O livro é tido pelas estudiosas, ainda, como exemplo do esforço de Lobato no sentido de “recuperar o estatuto oral da literatura infantil.” Isso é reforçado no livro *Um Brasil para crianças*, das mesmas autoras, ainda que não se cite explicitamente o livro estudado. Lajolo e Zilberman relacionam a promoção do discurso oral e inculto, nas produções literárias do período entre os anos 20 e 40 do século passado, à influência modernista. No caso de Lobato, elas lembram – e isso se observa também em *Reinações* -, o coloquial ultrapassa a semântica e a sintaxe e atinge a própria ortografia³⁸.

³⁶ Regina ZILBERMANN (Org.), *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 109.

³⁷ Marisa LAJOLO; Regina ZILBERMAN, *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

³⁸ IDEM, *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986. p. 62-63.

Ainda em 1985, no volume *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*, Marisa Lajolo fala da “gênese” de *Reinações de Narizinho*: “Só em 1931 esta obra foi editada no tamanho atual, a que chegou pela justaposição de vários livrinhos curtos, lançados de forma independente ao longo dos anos 20.” Na continuidade de seu comentário, conjectura que “o perfil de obra aberta” da versão de 1931 talvez tenha sido o que levou Oswald de Andrade a considerá-la “um *não livro*”.³⁹

Em 1986, Cassiano Nunes organiza o volume *Monteiro Lobato vivo*, compondo-o basicamente de cartas enviadas pelo escritor a vários correspondentes seus, dentre os quais se destaca Anísio Teixeira. Integra também o volume “uma história para crianças”, “O casamento de Narizinho”. A inclusão dessa história no livro, a qual, juntamente com o conto “O engraçado arrependido”, de *Urupês*, constitui a parte ficcional da obra, reforça a possibilidade de recepção individual dos capítulos de *Reinações de Narizinho*. Ao explicar a escolha da história em questão para figurar no livro, Nunes empreende uma reflexão a respeito de certos aspectos de *Reinações*:

Mas nessa longa coleção de histórias, nenhum episódio parece tão sedutor como esse “Casamento de Narizinho”, que figura em *Reinações de Narizinho*. O próprio absurdo da situação, tratado com a maior naturalidade e verossimilhança, revela não só a riqueza da inventiva de Lobato mas também o seu domínio da arte de escrever.⁴⁰

Nunes ainda destaca a descrição do vestido de noiva de Narizinho, notando nessa passagem “a própria presença da poesia”. O crítico retoma, pois, a mesma apreensão já manifesta por Edgard Cavalheiro no texto “No Sítio do Picapau Amarelo”, de 1942, ao qual já se fez referência. Antes de Cavalheiro, na crítica feita no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1931, Plínio Barreto já fala do sentido poético percebido no livro, sem, no entanto, especificar a passagem do vestido de noiva de Lúcia.

De Lobato a Bojunga: as renações renovadas, de Laura Sandroni, é publicado em 1987. Nesse livro a autora cita o volume *Reinações de Narizinho* também como o que fixa o núcleo básico de personagens da ficção lobatiana. Ela se refere à visão de mundo oferecida pelo autor, a partir dessa obra, como algo idealizado, “onde reinam a paz, a sabedoria, a liberdade”. O caminho para isso seria o apelo à “fantasia do pó de pirlimpimpim ou do faz-de-

³⁹ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 53-54.

⁴⁰ Cassiano NUNES, *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/ Record, 1986. p. 255.

conta”. Sandroni ainda faz alusão ao trabalho de recriação da linguagem como meio para a instauração do universo imaginário de Lobato⁴¹.

Não obstante se perceba substancial aumento de estudos críticos sobre *Reinações de Narizinho* na década de oitenta, nesses se constata predominância de juízos acerca do conteúdo ideológico do livro. Análises dos meios literários a partir dos quais o autor desenvolve certas idéias são raras, e não se relaciona a conquista da fusão real/maravilhoso, algo intensamente apontado no decorrer dos anos, ao aperfeiçoamento discursivo da escrita lobatiana.

No livro de 1993, *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*, Marisa Lajolo cita a recepção de *Pinocchio* pelas personagens lobatianas, em *Reinações de Narizinho*, como comprovação da idéia de Lobato sobre a “leitura ao alcance de todos”⁴². Em 1994, Fernando Marques do Vale, no livro *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*, demonstra forte influência de Nelly Novaes Coelho e Nilce Sant’Anna Martins, autora de uma tese de Doutorado sobre o uso da língua portuguesa na ficção infantil de Monteiro Lobato, material a que este capítulo se refere mais adiante.

Vale se ampara em Coelho, que por sua vez se fundamenta em Edgard Cavalheiro, como se sabe, ao afirmar que as obras publicadas entre 1921 e 1931, “mostram claramente a evolução operada, quer no pensamento, quer na arte do escritor, nomeadamente em relação ao convívio do fantástico com o real.”⁴³ No capítulo II do livro, quando trata dos processos técnico-compositivos mobilizados por Lobato, comenta certos aspectos já discutidos por Nilce Martins, ligados ao desenvolvimento do discurso nas obras para a infância. Destaca os recursos criados para a coesão dos capítulos nos livros mais longos de Lobato, caso de *Reinações de Narizinho*, e os efeitos obtidos com o uso profuso do diálogo.

Nos anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições, *Gênese e memória*, de 1995, há o texto de Maria dos Prazeres Santos Mendes, “O processo de criação em Monteiro Lobato: de *A Menina do Narizinho Arrebitado* a *Reinações de Narizinho*”. Pretendendo mostrar “o fazer inventivo de Monteiro Lobato”, a autora empreende um cotejo entre as duas obras, também partindo de Nelly Novaes Coelho.

Além da retirada dos excessos lingüísticos do texto de *Reinações*, a autora trata dos acréscimos de elementos que contribuem para “uma melhor visualização da cena”, e da “intertextualidade” percebida na recuperação do “clima dos contos de fadas” no livro. Para

⁴¹ Laura SANDRONI, *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987. p. 51.

⁴² Marisa LAJOLO, *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993. p. 98.

⁴³ Fernando Marques do VALE, *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Lisboa: Portugal mundo, 1994. p. 58.

demonstrar suas idéias, a estudiosa cita passagens das duas narrativas que evidenciam o enxugamento do texto e a preocupação com a linguagem visual de *Reinações*. Quanto à intertextualidade, para abordá-la, Mendes transcreve a passagem da obra que narra o desentendimento de Narizinho com Dona Carochinha, no intuito da protagonista de ajudar o Pequeno Polegar a fugir de sua história. A estudiosa afirma, em meio a sua análise:

Ao nos defrontarmos com a segunda versão da obra (*sic!*), percebemos que não se explicita a demarcação dessa área de saber unívoco do autor e do aprender passivo do receptor. Ela cede espaço à dimensão criativa, inovadora, da função artística, que aí se mescla e lança raízes profundas, exigindo novos ritmos de ler. Caminha-se, portanto, da monovalência à descentralização dessa voz autoritária, de ensinamento normativo, prevendo-se novo conceito de texto e novo usuário.⁴⁴

As idéias alcançadas por Maria dos Prazeres Mendes no estudo do processo de criação de Lobato, vê-se, buscam pautar os resultados obtidos no cotejo das duas narrativas por uma perspectiva diferenciada e moderna. Essa visão em parte se aproxima das reflexões feitas nesta tese, relacionadas aos meios de unificação praticados por Lobato em *Reinações*. Deve-se lembrar, ainda, que o texto dos anais é parte de uma pesquisa mais ampla, que originou a tese de Doutorado *Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Lygia Bojunga Nunes: O estético em diálogo na literatura infanto-juvenil*, defendida em 1994, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Reconhecido o mérito do trabalho de Mendes, há que se referir às imprecisões de seu estudo principalmente quanto à data de publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, que ela afirma ser o ano de 1921, quando se sabe que o ano de fato é 1920, e à consideração do texto de *Reinações de Narizinho* como uma segunda versão da história de Narizinho publicada nesse ano, 1920. *Reinações* marca a fixação da narrativa, mas não é a segunda versão. O texto original foi intensamente modificado na publicação de 1921, *Narizinho Arrebitado*, e outras alterações aconteceram até se atingir o texto definitivo de *Reinações de Narizinho*, em 1931.

⁴⁴ Maria dos Prazeres S. MENDES, O processo de criação em Monteiro Lobato: de *A Menina do Narizinho Arrebitado* a *Reinações de Narizinho*. *Gênese e Memória* : [anais] do 4. Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições / organizador Philippe Willemart |. – São Paulo: ANNABLUME: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995. p. 526.

Essas informações se confirmam com a publicação do volume *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, de Hilda Junqueira Villela Merz e outros autores, em 1996. Responsável pela reconstituição da trajetória histórica das edições, feita na terceira parte do livro, Merz é fiel ao título original do volume estudado, *As Reinações de Narizinho*, quando o insere no ano de 1931. Desse modo organiza as informações sob a rubrica referida:

Reunião das histórias publicadas anteriormente, remodeladas pelo autor para imprimir unidade ao livro, dando início à saga do Pica-pau Amarelo. Mais tarde, Lobato deu forma final ao título do livro, que aparece nas obras completas de 1947 como *Reinações de Narizinho*. Por ser básico na obra de Lobato, recomenda-se a sua leitura aos que desejam se iniciar nas aventuras do Sítio.⁴⁵

O livro citado acima é uma das fontes seguidas nesta tese para a fixação das datas e dos títulos referentes a *Reinações*. Em *O ficcionista Monteiro Lobato*, também de 1996, o autor, Alaor Barbosa, parece basear-se em João Carlos Marinho quando oferece uma subclassificação da obra infantil lobatiana. Restringe, porém, seu empenho em duas categorias: a dos livros em que predomina o caráter ficcional e a categoria em que sobressai a intenção didática da narrativa. Depois de arrolar os livros em cada categoria, Barbosa alude, entretanto, à mescla de ficção e pensamento na obra lobatiana como um todo e em *Reinações*, em particular. Ainda comenta a respeito da naturalidade com que se narram “as coisas mais absurdas” e da inexistência de separação entre o real e o imaginário, citando a passagem do primeiro encontro de Narizinho com o Príncipe Escamado como comprovação.

O crítico, contudo, em meio ao reconhecimento de *Reinações de Narizinho* como o “livro mais rico de poesia, imaginação e fantasia” de Lobato, condena alguns excessos na linguagem da obra: “Encontra-se nesse inesquecível livro, com lamentável freqüência, um certo excesso de palavras – desnecessárias perífrases verbais e redundantes explicitações.”⁴⁶ Ao encerrar o livro, Barbosa avalia que Monteiro Lobato, embora não tenha dado “o máximo de si” como escritor, alcançou um ponto alto em determinados contos, em alguns livros, e “com certeza em muitos trechos magistrais de *Reinações de Narizinho*.”⁴⁷

⁴⁵ Hilda Junqueira Villela MERZ et al., *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 48-49.

⁴⁶ Alaor BARBOSA, *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 100.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 108.

Em *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, publicado em 1997, J. Roberto Whitaker Penteado traz observações cabais sobre o significado de *Reinações de Narizinho* no contexto da literatura infantil nacional. Penteado também considera o volume o marco da produção lobatiana para crianças:

Reinações é, ainda hoje, um belo e competente livro de histórias maravilhosas para crianças, que inaugura uma importante fase da literatura infantil brasileira. Fosse ele o único livro de Lobato, e seu lugar na galeria dos grandes autores infanto-juvenis já estaria assegurado.⁴⁸

Quanto ao propósito maior dessa obra, ou seja, indicar a influência da leitura dos livros infantis de Lobato na formação ideológica e política das pessoas de projeção no Brasil da atualidade, é importante lembrar que tal alcance em parte já era apontado em 1943, como se viu no comentário transcrito do artigo do jornal paulista *A Gazeta*: “De uma certa maneira, pode-se afirmar que todos nós, homens de hoje, velhos de amanhã, somos filhos espirituais de Monteiro Lobato.”

Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia, de Carmen Lucia de Azevedo, Márcia Camargos e Vladimir Sacchetta⁴⁹ é publicado em 1997 também. Esse volume apresenta, possivelmente, a mais completa e fidedigna história de vida de Monteiro Lobato até o momento. Baseia-se, por isso, também nesse material a fixação das datas e dos livros relacionados à composição de *Reinações de Narizinho*. Especificamente sobre o livro estudado, além da precisão das informações referidas, há uma interessante coleção de fotos das capas originais dos livros que passam a integrar *Reinações* a partir de 1931 e a reprodução de uma das litografias de Jean G. Villin para a primeira edição do livro.

Na *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno Picchio, igualmente lançada em 1997, se encontra uma avaliação sobre a literatura para crianças de Lobato, com destaque para o livro investigado. A estudiosa italiana supera, pois, a atitude comum dos autores de livros em que se realiza o estudo da literatura nacional sob uma perspectiva historiográfica: omitir a crítica sobre a produção infantil lobatiana. Sob o intertítulo “Regionalismo participante: O caso Monteiro Lobato”, Picchio reflete:

⁴⁸ J. Roberto Whitaker PENTEADO, *Os filhos de Lobato: O imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997. p. 189.

⁴⁹ Carmen Lucia de AZEVEDO, Marcia CAMARGOS, Vladimir SACCHETTA, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.

Reinações de Narizinho (1921, com uma tiragem inicial de 50.500 exemplares e depois, em sua forma definitiva, 1936) (*sic!*), *O saci* (1921), *Viagem ao céu* (1932), *Caçadas de Pedrinho* (1922-37), são obras-primas sobre as quais se formaram cinquenta anos de infância brasileira, tanto que entre as fontes da cultura dos intelectuais de hoje faz-se igualmente mister indicar, ao lado dos simbolistas franceses ou dos narradores russos ou norte-americanos, o porquinho Rabicó e a sua esposa dividida, a anti-conformista boneca Emília, consciência superego (até o advento da estória em quadrinhos) de todos os garotos do Brasil, saboreadores das estórias que se contam no “Sítio do Picapau Amarelo.”⁵⁰

Deve-se louvar o empenho da estudiosa em apontar o papel da leitura da prosa infantil de Lobato na formação dos intelectuais brasileiros da atualidade. Embora seja nítida a confusão realizada com o livro de 1921, *Narizinho Arrebitado*, e com as datas precisas da publicação das versões definitivas de *Reinações* (1931) e *Caçadas de Pedrinho* (1933), bem como com a data correta da história que mais tarde viria a integrar a última obra citada, *A caçada da onça* (1924), o posicionamento de Luciana Stegagno Picchio ajuda a compor uma tendência importante dos estudos lobatianos da década de 90.

Lendo e escrevendo Lobato, de 1999, é um volume de ensaios lobatianos organizado por Eliane Marta Teixeira Lopes e Maria Cristina Soares de Gouvêa. Reúne, entre outros escritos, textos que integram dissertações de Mestrado sobre Monteiro Lobato, e uma entrevista. Os ensaios que abordam *Reinações de Narizinho* são três. Em “A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim”, Maria Cristina Soares de Gouvêa trata da consolidação da literatura infantil a partir de sua associação com “uma linguagem não realista, fundada na imaginação”. Ela cita o pó de pirlimpimpim de *Reinações de Narizinho* como a radicalização das possibilidades de uso da fantasia em Lobato.

No ensaio de Adriana Silene Vieira, “O livro e a leitura nos textos de Lobato”, destaca-se um subtítulo que comenta as *situações de leitura* presentes nas narrativas infantis do escritor. A autora faz uso de várias citações de *Reinações de Narizinho* para indicar, com muita sensibilidade, a “relação das personagens do Sítio do Picapau Amarelo com os livros ou com personagens desses.” A partir, por exemplo, da reprodução da passagem em que o

⁵⁰ Luciana Stegagno PICCHIO, *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 397-398.

Visconde de Sabugosa sai de braço dado com um velho volume de Trigonometria, Vieira reflete:

Não obstante ele personificar um sábio, nesses momentos, sua relação com os livros é totalmente lúdica, próxima da forma como uma criança ainda não alfabetizada poderia relacionar-se com ele. Se a criança pode brincar com o livro, como faria com outro brinquedo qualquer, o Visconde pode, de forma análoga, absorver seu conteúdo ou dialogar, literalmente, com ele, como no caso citado, em que sai de braços dados com uma trigonometria, conversando sobre senos e co-senos. Através dessa relação, o livro, nas histórias lobatianas é visto enquanto objeto, como mais um brinquedo das personagens.⁵¹

“Um faz-de-conta das meninas de Lobato”, ensaio de Karina Klinke, fundamenta-se exclusivamente no livro *Reinações de Narizinho*, na parte ficcional, para que se construam considerações sobre os padrões comportamentais da mulher dos anos vinte do século passado, que são reforçados ou contestados no livro. É digna de nota a observação feita com base no trecho em que tia Nastácia faz amizade com a dama da corte do Príncipe Escamado, Miss Sardine:

A feminilidade norte-americana foi observada com curiosidade por tia Nastácia, a caricaturada mulher brasileira negra, a faz-tudo da casa. Em sua cozinha, espaço privilegiado de atuação da personagem, ela recebe a visita de Miss Sardine, uma caricatura da “moderna” mulher estrangeira. As duas personagens simbolizam forte contraste: tia Nastácia, mulher negra de estimação, apta a trabalhos domésticos, e Miss Sardine, mulher independente que nada sabia de cozinha.⁵²

Na entrevista de Pedro Paulo Moreira, proprietário da editora Itatiaia, concedida a Eliane Marta Teixeira Lopes e Márcio Araújo Melo, o editor fala da primeira vez em que viu Lobato na Companhia Editora Nacional. Segundo Moreira, que contava na ocasião “dezesseis, dezessete anos...”, teria acontecido a seguinte cena, envolvendo também Arthur Neves, o editor chefe da citada companhia:

⁵¹ Eliane Marta Teixeira LOPES et al., *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 59.

⁵² *Ibid.*, p. 91.

--- Oh Pedro Paulo, você não cumprimenta o Monteiro Lobato, não? Aí eu falei, --- Oh! Seu Lobato. Então, cumprimentei ele assim, e, uai! Nem o Arthur viu que eu fiquei assim meio sem jeito, não reconheci que era o Monteiro Lobato. Então ele tornou a falar --- Pedro Paulo, esse aí é o Monteiro Lobato, autor de *Reinações de Narizinho*, o livro que você está cansado, enjoado de vender. Aí eu caí na real, né?⁵³

As palavras de Arthur Neves, recuperadas por Pedro Paulo Moreira, e a frase final do próprio Moreira dão a exata noção da popularidade e do respeito de que gozava o livro em estudo entre os editores dos anos quarenta, momento quando acontece a cena descrita acima, ainda que Moreira não consiga precisar o ano. A década de noventa do século passado, enfim, caracteriza-se pela chegada de livros sustentados por exaustivos levantamentos de dados sobre Monteiro Lobato, que procuram dimensionar a evolução obtida pelo escritor em sua arte voltada para os infantes e sondar a repercussão dela nos leitores formados por essa tradição. Ainda não se encontram, entretanto, estudos que perscrutem os meios literários indicadores da evolução tantas vezes apontada pelos estudiosos no período citado.

Em 2000, surge o livro *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, de Marisa Lajolo⁵⁴. Como a própria autora comunica, trata-se de uma versão ampliada do volume publicado em 1985, *Monteiro Lobato: a modernidade do contra*. Na reedição, Lajolo atualiza as informações referentes ao que chama de “caráter cíclico” da obra infantil de Lobato, chegando a considerações que são utilizadas nesta tese para a discussão dos processos de unificação ativados pelo escritor em *Reinações*.

Nos anais do IX Encontro Anual de Iniciação Científica, evento que ocorreu também no ano de 2000, na Universidade Estadual de Londrina, há o texto de Fernando Teixeira Luiz, “O resgate da literatura universal em *Reinações de Narizinho*”⁵⁵. Em sua pesquisa, o autor verifica como os docentes e as publicações didáticas oferecem propostas metodológicas para o trabalho com a “opulência cultural” trazida pelo volume em questão. Conclui que, em razão de *Reinações* ser uma “ficção recreativa” e não uma “trama didática”, raramente é contemplada no espaço da escola.

⁵³ Eliane Marta Teixeira LOPES et al., *Lendo e escrevendo Lobato*. “Conversando sobre Lobato: entrevista com Pedro Paulo Moreira”. p. 127.

⁵⁴ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

⁵⁵ Fernando Teixeira LUIZ, O resgate da literatura universal em *Reinações de Narizinho*. IX Encontro Anual de Iniciação Científica: livro de resumos/ Universidade Estadual de Londrina ... [et al.]; organização Ivan Frederico Lupiano Dias ... [et al.]. - Londrina: Ed. UEL, 2000. p. 546-546.

Do mesmo ano é o livro organizado por Maria Cecília de Oliveira Micotti, *Alfabetização: o trabalho em sala de aula*. Nesse volume, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro escreve um artigo, “Um diálogo com *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato”, em que destaca, da estrutura narrativa, o encaixe de outras histórias ao texto lobatiano:

A leitura, então, foi nos revelando os entrelaçamentos feitos, a presença de personagens trazidos de muitas das histórias clássicas que povoam o imaginário popular e o universo infantil, participando de aventuras outras com os personagens do sítio, os questionamentos propostos, referentes à cristalização dos relatos sempre iguais, a inovação presente, sem contudo desvincular-se, totalmente, dos modelos trazidos por outras culturas.⁵⁶

Esse material, porém, não é rigoroso quanto à seleção das fontes de estudo crítico que fundamentam a análise, o que leva a erros de informação sobre fatos ligados à composição e à publicação de *Reinações*. Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro ainda coordena o projeto “Guia de leitura de *Reinações de Narizinho*”, do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro. O objetivo principal da iniciativa, conforme se descobre na leitura do texto que descreve a experiência de elaboração do material⁵⁷, é o resgate das diferentes narrativas às quais a obra lobatiana faz menção, como as histórias das personagens Raggedy Ann e Pássaro Azul. O guia, em meio digital, utiliza recursos como sons, imagens, vídeos e *hiperlinks*. Segundo esclarecem os responsáveis pelo projeto, no texto referido, por lançar mão de tais recursos, o guia possibilita formas de leitura não-linear e incorpora a interatividade.

Uma comunicação sobre o trabalho, “O digital compreendendo o impresso: guia eletrônico de *Reinações de Narizinho*”⁵⁸, foi feita por Ribeiro e seus colaboradores em 2003, na II Jornada do Núcleo de Ensino de Marília – Vygotsky e a escola atual: implicações no fazer pedagógico.

⁵⁶ Maria Cecília de Oliveira MICOTTI (Org.), *Alfabetização: o trabalho em sala de aula*. Maria Augusta H.W. RIBEIRO, Um diálogo com *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. - Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 2000. p. 162.

⁵⁷ O texto intitulado “Guia de leitura de *Reinações de Narizinho*” esteve disponível até o ano de 2004 em meio eletrônico. Atualmente não pode mais ser acessado.

⁵⁸ Maria Augusta H. W. RIBEIRO; Daniel Marcelo Dias ENTORNO; Augustinho Aparecido MARTINS, O digital compreendendo o impresso: guia eletrônico de *Reinações de Narizinho*. II Jornada do Núcleo de Ensino de Marília – Vygotsky e a escola atual: implicações no fazer pedagógico, 2003, Marília. Resumos. Marília: Gráfica da FFC/Marília, 2003. p. 14-14.

A aludida intenção de resgate das velhas histórias citadas em *Reinações*, ressalte-se, remete à categoria *entes de ficção não-lobatianos* da indexação das personagens do livro, integrante do apêndice do presente trabalho. Nesta parte, igualmente podem ser conhecidos ou recuperados seres ficcionais que não são criações originais lobatianas. Suas histórias não são apresentadas, mas se apontam suas fontes e se explica sua atuação, ou sua menção, no volume de Monteiro Lobato.

Une-se também ao esforço de recuperação das histórias abordadas em *Reinações de Narizinho* o trabalho de Rosângela Marçolla, “As histórias de tradição oral na obra infantil de Monteiro Lobato: análise folkmediática em *Reinações de Narizinho*”. Trata-se de uma apresentação feita na VI Conferência Brasileira de Folkcomunicação, evento realizado em São João da Barra, no estado do Rio de Janeiro, em 2003.

No texto da exposição, disponível nos anais do evento, Marçolla não explica satisfatoriamente o conceito usado no título, *Folkmídia*. Sabe-se, porém que envolve a difusão da cultura popular pelas indústrias midiáticas. Assim, a intenção da pesquisadora é realçar o papel de Lobato como divulgador de narrativas de fonte popular, utilizando para isso a mídia impressa, isto é, o livro. Por isso, a autora afirma, na conclusão do texto: “Esse resgate das histórias de tradição oral fez de Monteiro Lobato um agente dentro do processo folkmediático, um contador e recontador de histórias de muitas gerações.”⁵⁹ O texto referido de Rosângela Marçolla é parte de sua pesquisa de Mestrado em Comunicação Social. A dissertação intitulada “Monteiro Lobato: a arte de contar e recontar histórias. Uma abordagem folkmediática” foi defendida em 2002, na Universidade Metodista de São Paulo.

Renata Vilanova Lima e Luiz Antonio Luzio Coelho apresentaram juntos, também no ano de 2003, uma comunicação abordando o livro *Reinações de Narizinho*. A exposição foi feita na ocasião do XIV COLE – Congresso de Leitura do Brasil, e do II COHILILE – Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil. Os dois eventos aconteceram na Universidade de Campinas. O resumo da exposição, intitulada “Análise qualitativa de composição da personagem Emília nas ilustrações de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho* – Literatura infantil de Monteiro Lobato”⁶⁰, é o que consta dos anais dos eventos citados. Foi possível o acesso ao texto integral da exposição, contudo, e se utilizam algumas

⁵⁹ Rosângela MARÇOLLA, As histórias de tradição oral na obra infantil de Monteiro Lobato: análise folkmediática em *Reinações de Narizinho*. VI FOLKCOM – Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 2003, São João da Barra.

⁶⁰ Renata Vilanova LIMA; Luiz Antonio Luzio COELHO, Análise qualitativa de composição da personagem Emília nas ilustrações de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho* – Literatura infantil de Monteiro Lobato. XIV COLE – Congresso de Leitura do Brasil / II COHILILE – Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, 2003, Campinas, UNICAMP. As coisas. Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase... São Paulo: Paulinas, 2003. v. 1. p. 326-326.

considerações sobre o traço límpido de Le Blanc para o relacionamento com o propósito de Lobato de compor, em *Reinações*, uma obra “para ler, não para ver”.

Deve-se dizer que o texto em questão é parte dos resultados que vêm sendo obtidos por Renata Vilanova Lima em sua pesquisa de Mestrado em Design, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, intitulada “Eu vi Lobato por Emília”.

É de 2003 ainda o livro organizado por Nílvio Ourives dos Santos, da Universidade Paranaense, Campus de Umuarama. O volume intitulado *Repensando a literatura luso-brasileira* traz críticas literárias sobre obras de autores consagrados. Um dos artigos, “A ruptura do tradicional em *Reinações de Narizinho*”, de Eliara Silva Sant’Ana Parro e Nílvio Ourives dos Santos, analisa, na obra em consideração, “o que há de novo e diferente e que faz com que o escritor corresponda a um marco dentro da literatura infantil.”⁶¹

Os autores discutem a mistura de fantasia e realidade e o papel das personagens dos contos de fadas na aproximação dos dois mundos; a ambigüidade do espaço do sítio, ao mesmo tempo “cenário das aventuras de Emília, Narizinho, Pedrinho e muitos outros” e símbolo da “nação em busca do novo e da liberdade”; a obtenção pelo escritor de uma linguagem que alcança e cativa o pequeno leitor, levando-o a interagir com o texto, como o fazem as personagens do livro na audição das histórias; a vivência de situações novas e problemáticas pelas personagens, o que incentiva a criança leitora a também participar e a criar soluções para os problemas que surgem; e a apresentação de um mundo que não funciona com “convenções e rituais”, mas com a naturalidade da experiência da própria criança, que a qualquer momento e por um motivo simples pode passar do mundo mágico para o mundo natural.

Os apontamentos são relevantes, vê-se, mas não se mostra a vinculação das inovações discutidas com a técnica literária que dá sustentação a elas. Nos últimos anos, pois, as publicações de crítica e teoria sobre o livro *Reinações de Narizinho* mostram relativo isolamento dos estudos. As edições são de responsabilidade das próprias instituições onde se encontram os estudiosos do livro, o que torna restrita sua propagação. É marcante também a intenção de mostrar o resgate e a recriação das histórias do patrimônio universal feitos por Lobato na obra, e mesmo de renovar a recepção das velhas narrativas citadas por ele. Persiste, entretanto, a carência de investigações dos mecanismos literários que dão lastro inclusive a

⁶¹ Eliara Silva Sant’Ana PARRO; Nílvio Ourives dos SANTOS, A ruptura do tradicional em *Reinações de Narizinho*. Nílvio Ourives dos SANTOS (Org.). *Repensando a literatura luso-brasileira*. Umuarama – PR, 2003. p 49-53.

essa revitalização. Concluídas as notícias sobre livros, periódicos e anais, é tempo de passar às informações sobre teses e dissertações.

1.2. Notícias sobre o livro *Reinações de Narizinho* em fontes impressas: Teses e dissertações

O levantamento que segue partiu da consulta às páginas na Internet de duas instituições de fomento à pesquisa, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Considera os trabalhos, principalmente das últimas três décadas, que abordam o livro *Reinações de Narizinho* de algum modo, e também aqueles que trilham caminhos de análise similares aos da presente tese. Faz-se necessário dizer que nem todos os estudos puderam ser integralmente lidos.

Pioneira na análise profunda dos recursos expressivos mobilizados por Monteiro Lobato, Nilce Sant'Anna Martins, na tese de Doutorado intitulada *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*⁶², de 1972, aborda o livro *Reinações de Narizinho* em muitas de suas exemplificações. Em meio à variedade dos fatos lingüísticos estudados, e não apenas em relação a esse livro, Martins também trata da linguagem narrativa lobatiana. Isso acontece no sétimo capítulo do trabalho, "O processo de composição de Monteiro Lobato e os tipos de discurso". Ela destaca, nesse assunto, os procedimentos ativados pelo escritor para obter a coesão entre os capítulos nas obras mais extensas, caso do volume enfocado, e os efeitos obtidos com o uso intenso do diálogo. Nesta tese, passagens do trabalho da pesquisadora são tomadas principalmente como ponto de partida das discussões sobre o acerto das escolhas lexicais do livro *Reinações de Narizinho*. Sob esse enfoque e com o amparo de Nilce Sant'Anna Martins, foi possível identificar a coesão de alguns procedimentos lingüísticos básicos de *Reinações*: o léxico popular, representado pelos vocábulos fortes e pelas expressões idiomáticas, e o léxico figurativo/criativo, representado pelas onomatopéias e pelos neologismos.

Um dos primeiros trabalhos a darem destaque a *Reinações de Narizinho* é *A inventividade e a transgressão nas obras de Lobato e Lygia: confrontos*⁶³, de Sueli de Souza Cagnet. Trata-se de uma dissertação de Mestrado defendida em 1988. A pesquisadora

⁶² Nilce Sant'Anna MARTINS. *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, 1972. 472p. 2v. Tese (Doutorado em Letras). USP. São Paulo.

⁶³ Sueli de Souza CAGNET. *A inventividade e a transgressão nas obras de Lobato e Lygia: confrontos*, 1988. 112 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) UFSC. Florianópolis.

empreende, de início, duas análises: da obra lobatiana, representada basicamente pelo livro *Reinações de Narizinho*, relacionando-a às “narrativas tradicionais para crianças”; e da obra de Lygia Bojunga Nunes, em especial do volume *O sofá estampado*, aproximando-a de “textos lobatianos e pós-lobatianos”. O objetivo de Cagnet, com as análises, é chegar a um levantamento das inovações que as obras referidas atingem em termos de linguagem, estrutura e ideologia. Finalmente, com base no resultado obtido com tal abordagem analítica, ela traça um paralelo entre as obras de Lobato e Lygia, apontando as semelhanças e diferenças entre estas.

Em novembro de 1994, Horácio Dídimo Pereira B. Vieira defendeu a tese de Doutorado intitulada *Ficções lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*⁶⁴. O pesquisador identifica no ateliê da personagem Dona Aranha, do episódio “Reino-das-Águas-Claras”, constante do livro *Reinações de Narizinho*, “o ponto de partida para a *mise-en-scène* dos processos textuais lobatianos”. Depois o autor mostra que, em *Memórias da Emília*, a “crítica” personagem do título e o Visconde “didático” dividem a autoria desse volume, presidindo “a transcrição do Sítio do Picapau Amarelo”.

*Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Lygia Bojunga Nunes: O estético em diálogo na literatura infanto-juvenil*⁶⁵ também é uma tese de Doutorado. Nesse trabalho, Maria dos Prazeres Santos Mendes redimensiona as obras dos autores do título, “refletindo sobre a sua natureza e função, sob o enfoque da semiótica peirceana”. A pesquisadora parte dos mecanismos de criação desses escritores para perscrutar-lhes o “processar estético” e a recepção de suas produções.

A defesa da tese aconteceu igualmente em novembro de 1994 e resultados das descobertas sobre o processo de escrita de Lobato foram apresentados pela pesquisadora no artigo “O processo de criação em Monteiro Lobato: de *A Menina do Narizinho Arrebitado* a *Reinações de Narizinho*”, presente nos anais do IV Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições, *Gênese e memória*, de 1995, já comentado neste capítulo.

Em *A representação da infância na narrativa infantil brasileira*⁶⁶, dissertação de Mestrado de Flávia Brocheto Ramos, verificam-se as seguintes etapas no trabalho: primeiramente, a pesquisadora estuda a infância como uma fase de características específicas,

⁶⁴ Horácio Dídimo Pereira B. VIEIRA, *Ficções lobatianas: Dona Aranha e as seis aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*, 1994. 198 p. Tese (Doutorado em Letras) UFMG. Belo Horizonte.

⁶⁵ Maria dos Prazeres Santos MENDES, *Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Lygia Bojunga Nunes: O estético em diálogo na literatura infanto-juvenil*, 1994. 265 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) USP. São Paulo.

⁶⁶ Flávia Brocheto RAMOS, *A representação da infância na narrativa infantil brasileira*, 1994. 180 p. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Letras) PUC-RS. Porto Alegre.

analisando o lugar da criança na família, na escola e na sociedade. Na sequência, observa aspectos da literatura destinada a esse leitor. Depois, ela mostra, numa leitura diacrônica, a representação da criança na narrativa infantil brasileira do período de 1919 a 1976, destacando os livros *Saudade*, de Tales de Andrade, e *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. A defesa da dissertação deu-se em dezembro de 1994.

Sueli Lindalva Fonseca Vilhena é a autora da dissertação de Mestrado de título *A carnavalização no universo mágico de Emília: Uma leitura da narrativa lobatiana*⁶⁷, defendida em janeiro de 1997. Depois de inserir a obra de Lobato no cenário da literatura brasileira e apontar seu alcance, a autora desenvolve um percurso crítico em que analisa o universo narrativo do Sítio do Picapau Amarelo, e em especial da personagem Emília, fundamentada na teoria de Mikhail Bakhtin.

Andrea Maleski dos Santos, autora da dissertação de Mestrado intitulada *O mito do nacionalismo da literatura infantil de Monteiro Lobato*⁶⁸, defendeu seu trabalho em agosto de 1997. O objetivo da pesquisadora é investigar e analisar a construção do mito do nacionalismo na obra infantil lobatiana, tendo a teoria de Gilbert Durand como suporte. O trabalho apresenta três capítulos, e o primeiro desenvolve-se em três tópicos: “símbolo e mito”, em que se apresenta a teoria de base; “nacionalismo e literatura”, momento da discussão do nacionalismo na literatura brasileira; e “literatura infantil e Monteiro Lobato”, que traz dados sobre a biografia do autor e considerações a respeito de seu pensamento em relação à criança e ao livro a ela destinado de acordo com a ideologia de seu tempo. No segundo capítulo, realiza-se uma leitura de três livros da ficção infantil de Lobato, *Reinações de Narizinho*, *O poço do Visconde* e *As caçadas de Pedrinho*, em que se busca “encontrar os símbolos redundantes de cada um, relacionando-os com a biografia e com a época do escritor”. No terceiro capítulo, mediante a comparação dos “sistemas comuns e contrários presentes nas obras”, procura-se descobrir o mito pessoal de Monteiro Lobato.

*Meninas em estado de sítio*⁶⁹, de Karina Klinke, é o título da dissertação de Mestrado defendida em outubro de 1998. Em sua pesquisa, Klinke contrapõe “representações de infantil-feminino”, identificadas nas narrativas do livro *Reinações de Narizinho*, a artigos de três periódicos: *Revista do Brasil*, *Revista do Ensino de Minas Gerais* e *Revista Feminina*. O propósito da pesquisadora é compreender como outros intelectuais da época em que foram

⁶⁷ Sueli Lindalva Fonseca VILHENA, *A carnavalização no universo mágico de Emília: Uma leitura da narrativa lobatiana*, 1997. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁶⁸ Andréa Maleski dos SANTOS, *O mito do nacionalismo na literatura infantil de Monteiro Lobato*, 1997. 85 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) PUC-RS. Porto Alegre.

⁶⁹ Karina KLINKE, *Meninas em estado de sítio*, 1998. 125 p. Dissertação (Mestrado em Educação) UFMG. Belo Horizonte.

produzidas originalmente as histórias de Monteiro Lobato, a década de vinte, “reapresentaram as meninas para o público adulto”. A autora conclui que o tratamento da “diversidade” e das “ambigüidades de ser/estar menina” é uma característica do escritor, apesar da tentativa da sociedade de sua época de “delimitar o ser masculino do feminino”. Faz-se necessário lembrar que alguns resultados dessa pesquisa foram divulgados por Klinko no ensaio “Um faz-de-conta das meninas de Lobato”, do livro *Lendo e escrevendo Lobato*, já comentado.

Ricardo Iannace é o autor de *Leituras e leitores na obra de Clarice Lispector*⁷⁰, dissertação de Mestrado também defendida em outubro de 1998. O pesquisador efetua, em seu trabalho, a análise das relações intertextuais mantidas pelas narrativas clariceanas com escritos de diferentes escritores brasileiros e estrangeiros, com o objetivo de “rastrear e confluir leituras”. O trabalho divide-se em duas partes, sendo a primeira organizada em dois capítulos principais, “Narrando-se a leitura” e “Clarice e seus personagens leitores”, estratificado em cinco análises. Nestas, o autor compara textos da autora com romances e contos que ela leu, conforme revelou em depoimento, na pré-adolescência e juventude. Nos escritos estudados nesse capítulo, as personagens quase sempre se ocupam dos livros lidos nas fases de vida apontadas pela escritora.

A correlação, assim, dá-se entre: “os dois contos de Clarice Lispector – “Felicidade clandestina” e “Restos do Carnaval”- e *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; “Amor”, de Clarice Lispector, e “Bliss”, de Katherine Mansfield; “A bela e a fera ou A ferida grande demais”, de Clarice Lispector, e o conto de fadas *La belle et la bête*, de Mme. Leprince de Beaumont; *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse, e ainda *Crime e castigo*, de Dostoiévski; e, finalmente, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *Humilhados e ofendidos* – novela também de Dostoiévski.” A segunda parte da dissertação traz a catalogação das referências a escritores e títulos lidos por Clarice Lispector.

Em agosto de 1999 foi defendida a dissertação de Mestrado de Maria Otília Farto Pereira. Em *Reinações lexicais do homem do porviroscópio: Um estudo do vocabulário no Sítio do Picapau Amarelo*⁷¹, a autora descreve e analisa o vocabulário empregado por Monteiro Lobato em nove livros de sua produção infantil: *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao céu*, *Emília no país da gramática*, *Aritmética da Emília*, *Memórias da Emília*, *Histórias de tia Nastácia*, *O poço do Visconde*, *O Picapau Amarelo* e *A reforma da natureza*. A análise, amparada na Lexicologia, em disciplinas afins e em dicionários, “revelou que a linguagem

⁷⁰ Ricardo IANNACE, *Leituras e leitores na obra de Clarice Lispector*, 1998. 243 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) USP. São Paulo.

⁷¹ Maria Otília Farto PEREIRA, *Reinações lexicais do homem do porviroscópio: Um estudo do vocabulário no Sítio do Picapau Amarelo*, 1999. 248 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.

literária lobatiana repousa num paradigma lexical vasto e diversificado.” Essa diversidade vocabular, como aponta Pereira, pode ser um auxiliar do professor de língua materna na educação básica, pois permite reconhecer a complexidade do sistema lexical e desenvolver o vocabulário dos aprendizes. Deve-se ressaltar que algumas considerações feitas na presente tese, sobretudo as relacionadas ao emprego dos neologismos semânticos, fundamentam-se no trabalho de Maria Otilia Pereira.

Em *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências*, uma dissertação de Mestrado defendida em novembro de 1999, Cilza Carla Bignotto compara as personagens infantis dos contos “Bucólica”, “A vingança da peroba”, “Pedro Pichorra”, “O fisco”, “Negrinha” e “Duas cavalgadas”, com as criaturas ficcionais protagonistas dos livros *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920) e *O saci* (1921), respectivamente Narizinho e Pedrinho. Na introdução do trabalho, a autora esclarece, sobre esses livros: “Como essas histórias foram profundamente modificadas por Monteiro Lobato, até serem publicadas em edições definitivas, elas são analisadas juntamente com as versões finais, *Reinações de Narizinho* (1934) e *O saci* (1946) (*sic!*)”.⁷²

Antecede a análise comparativa o estabelecimento de “um panorama social do Brasil durante a República Velha (1889-1930), que enfatiza aspectos relativos à infância, ao cotidiano familiar e à educação” no período estudado. Quanto às convergências a que a pesquisadora chega no cotejo, destacam-se a faixa etária das personagens, o espaço das narrativas e o papel da imaginação infantil nas histórias. No que diz respeito às divergências, Bignotto aponta os destinos trágicos dos pequenos seres nos contos, diferentemente da proteção e do incentivo às brincadeiras e à fantasia direcionados aos infantes da ficção para crianças.

Stella Maris Souza da Mota é a autora da dissertação de Mestrado que tem por título *O Reino das Águas Claras: Uma possibilidade de resignificação edípica*⁷³ defendida em 2001. Concentrando-se no episódio “Reino-das-Águas-Claras”, do volume *Reinações de Narizinho*, a pesquisadora analisa o texto que lhe serve de base à luz da teoria psicanalítica freudiana do desenvolvimento psicosssexual infantil. Com isso, clarifica significações relacionadas aos nomes das personagens, à posição delas na história narrada, e à construção do espaço literário, apontando a “convergência entre as características peculiares à narrativa lobatiana e os

⁷² Cilza Carla BIGNOTTO, *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências*, 1999. 165 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) UNICAMP.

⁷³ Stella Maris Souza da MOTA, *O Reino das Águas Claras: Uma possibilidade de resignificação edípica*, 2001. 91 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Alagoas.

conflitos próprios da criança em processo de desenvolvimento emocional”. Tal correspondência, de acordo com Mota, explica a “repercussão emocional que essa obra tem sobre a psique infantil.”

Na dissertação de Mestrado intitulada *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*⁷⁴, defendida em 2003, Caroline Elizabeth Brero organiza em ordem cronológica e analisa criticamente artigos, ensaios e referências publicados em livros, periódicos e em meio eletrônico, entre 1920 e 2001. Com o encaminhamento dado a sua pesquisa, Brero identifica duas categorias de estudos críticos sobre as obras: “os que contribuíram com análises esclarecedoras e inovadoras sobre os dois livros e os que se limitaram a repetir lugares-comuns acerca deles”. Em vários momentos desta tese se dialoga com o trabalho de Caroline Brero, reforçando ou contestando dados apresentados por ela. Um dos textos críticos publicados em periódicos sobre o livro *Reinações de Narizinho*, como anteriormente já se ressaltou, é aqui apresentado graças ao esforço de pesquisa de Brero.

Pode-se afirmar, pois, com o apoio das informações fornecidas sobre as pesquisas acadêmicas envolvendo o livro *Reinações de Narizinho*, que há prevalência de estudos comparativos e de investigações que abarcam outros volumes além do que está em questão. Isso repercute na dispersão de aspectos essenciais do livro. Embora as abordagens sejam variadas e combinem ao enfoque do livro recortes que se associam basicamente às áreas da psicanálise, da sociologia, da lingüística e da crítica literária, ainda há carência de estudos que se debrucem sobre o discurso literário posto em prática por Monteiro Lobato nessa obra.

O encaminhamento dado ao presente estudo, portanto, pode enriquecer a pesquisa numa linha de estudos em que há comprovada escassez de inquirições. Torna-se necessário, ainda, em razão do exposto, expandir a busca e informar também sobre pesquisas que, apesar de não tratarem do livro *Reinações de Narizinho*, discutem temas do universo ficcional lobatiano relacionados aos objetivos do presente trabalho. No que respeita à reflexão sobre o processo de escrita e sobre a consciência de construção literária em Lobato, é conveniente mencionar, em primeiro lugar, a dissertação de Mestrado de Milena Ribeiro Martins, *Quem conta um conto...aumenta, diminui, modifica. O processo de escrita do conto lobatiano*, defendida em 1998.

⁷⁴ Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, 2003. 263 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.

Martins mostra o processo de escrita de vinte e nove contos de Lobato publicados na *Revista do Brasil* entre 1916 e 1923, os quais, posteriormente, foram editados em livro. A autora explica seu empenho:

De cada conto, analisamos três versões: a versão da *Revista do Brasil* (publicada entre 1916 e 1923) a versão da 1ª edição (entre 1918 e 1923) e a versão das *Obras completas* (de 1946). (...) O que pretendemos, então, foi verificar como se deu o *processo* de escrita e reescrita desses contos em dois momentos específicos: 1º) momento da passagem da revista para o livro, caracterizando as atitudes do escritor sobre o texto quando da sua edição; e 2º) momento da passagem do texto para as *Obras completas*, última interferência do autor sobre seus contos, motivo pelo qual é esta a edição definitiva.⁷⁵

A pesquisadora buscou compreender o processo de escrita do conto lobatiano mediante o conhecimento das versões referidas de cada narrativa e a verificação das informações contidas nas cartas do escritor, onde há registros da atividade de reescrita. A pesquisa sobre as edições dos contos lobatianos prosseguiu, e, em 2003, Martins defendeu tese de Doutorado, também na Universidade de Campinas, com o título *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*.

Em *Oscilações na escrita de Monteiro Lobato: Escritura ou escrivência?*⁷⁶, uma dissertação de Mestrado defendida em agosto de 1999, Neide das Graças de Souza relê cinco obras da produção infantil do escritor, *Viagem ao céu*, *Memórias da Emília*, *D. Quixote das crianças*, *O Picapau Amarelo* e *A reforma da natureza*, utilizando como pressupostos teóricos os conceitos de escritura e escrivência, de Roland Barthes.

Por fim, Sônia Aparecida Vido Pascolati, na dissertação de Mestrado intitulada *Nos andaimes do texto: A metatextualidade como traço da poética lobatiana*⁷⁷ defendida em dezembro de 1999, se ocupa da reflexão sobre o fazer literário inserta na ficção e do papel dela na construção dos contos de Monteiro Lobato. Assim procedendo, Pascolati chega às linhas gerais da poética lobatiana, da qual destaca os seguintes pontos: “a concepção de literatura do escritor; a linguagem marcada pela oralidade, neologismos e coloquialismos; a

⁷⁵ Milena Ribeiro MARTINS, *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica. O processo de escrita do conto lobatiano*, 1998. 129 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) UNICAMP. p. 9-10.

⁷⁶ Neide das Graças de SOUZA, *Oscilações na escrita de Monteiro Lobato: escritura ou escrivência?*, 1999. 125 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UFMG. Belo Horizonte.

⁷⁷ Sônia Aparecida Vido PASCOLATI, *Nos andaimes do texto: a metatextualidade como traço da poética lobatiana*, 1999. 149 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Araraquara.

introdução do espaço sertanejo no universo literário; a inserção do leitor no mundo ficcional; o diálogo crítico com a tradição literária”. Esses traços, como considera a pesquisadora, revelam a modernidade da produção de Lobato.

Finalizado o levantamento das teses e dissertações que tratam do livro *Reinações de Narizinho* e de questões atinentes à escrita lobatiana, é necessário indicar o material existente sobre o volume em meio eletrônico.

1.3. Notícias sobre o livro *Reinações de Narizinho* em meio eletrônico

Está nesta parte a indicação dos principais posicionamentos críticos, teóricos e testemunhais sobre o livro *Reinações de Narizinho* disponíveis na rede mundial de computadores. Em relação aos estudos críticos e teóricos, deve-se destacar, inicialmente, o texto “Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira”, de Alice Áurea Penteadó Martha⁷⁸. A pesquisadora trata do volume em questão principalmente quando se reporta aos eventos narrados no País-das-Fábulas, penúltimo de *Reinações*. Parte de sua reflexão é utilizada nesta tese, no tópico que discute a ilusão criada pelo discurso lobatiano, de modo a simular a recepção visual de certas fábulas pelas personagens.

Existem também os textos de Adriana Silene Vieira, “Peter Pan, uma leitura inglesa no Sítio do Picapau Amarelo”⁷⁹, e de Cilza Carla Bignotto, “Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato”⁸⁰. Nos dois documentos há considerações sobre o volume em estudo que integram as dissertações de Mestrado das pesquisadoras, já apresentadas anteriormente.

Vincula-se à crítica do livro igualmente a relação “Os 100 livros brasileiros do século 20”⁸¹, que arrola as cem obras consideradas as mais importantes da referida centúria. Os livros foram selecionados através de votação promovida pela Câmara Brasileira do Livro, em 1999. Na relação, o livro *Reinações de Narizinho* aparece na nona colocação. Também se insere no campo da crítica o texto “O nascimento de Narizinho e do Sítio do Pica-pau-amarelo”, de Carmen Lucia de Azevedo, co-autora do livro *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*.

⁷⁸ Alice Áurea Penteadó MARTHA (2001) Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira. <http://www.cuatrogatos.org/7monteirolobato.html>. Acesso em: 26 mar 2005.

⁷⁹ Adriana Silene VIEIRA, Peter Pan: Uma leitura inglesa no Sítio do Picapau Amarelo. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Picapau>. Acesso em: 10 abr. 2005.

⁸⁰ Cilza Carla BIGNOTTO, Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/cilza.html>. Acesso em: 10 abr. 2005.

⁸¹ <http://www.amigosdolivro.com.br/noticias.php?codNt=141&rnd=5492>. Acesso em 10 abr. 2005.

Nesse material, Azevedo fala do dossiê Monteiro Lobato, pertencente ao Fundo Raul de Andrada e Silva, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. A pesquisadora destaca a descoberta do manuscrito em que o escritor manifesta o que ela acredita ser “uma versão anterior a todas as versões depois reunidas no livro *Reinações de Narizinho*.” Antes de apresentar o documento, uma história protagonizada pelas personagens Joãozinho e sua irmã Nenê, escrita num caderno de anotações, Carmen Azevedo ainda afirma, no texto introdutório:

Em 1931, de volta ao país após uma temporada de quatro anos nos Estados Unidos (onde foi adido comercial do Brasil), Lobato decidiu reunir todas as historietas infantis que já publicara (*sic!*) e soltou então o volume intitulado *Reinações de Narizinho*. Ligeiramente modificado (*sic!*), se comparado à edição de 1920, o primeiro episódio do novo livro é justamente um passeio da menina Lúcia (a do narizinho arrebitado) ao ribeirão que passa nos fundos do pomar do Sítio do Pica-pau-amarelo. Depois de dar comida aos peixes, ela deita-se na grama e, embalada pelas nuvens e pelo mexerico das águas, penetra no fabuloso Reino das Águas Claras.⁸²

Apesar das imprecisões apontadas no texto introdutório, o material divulgado por Azevedo é importante, pois traz a informação sobre o caderno de notas de propriedade de Lobato e a transcrição de um escrito comprovadamente do autor, como se constatou na visita feita em março deste ano de 2005 ao IEB. Quanto ao entendimento dessa história como “a gênese não só da personagem Narizinho, inicialmente chamada Nenê, como de todo o sítio do Pica-pau-amarelo”, como quer Azevedo, é oportuno recordar o pensamento do escritor sobre o significado dessas anotações:

Por que não grafar isso diariamente --- não mariscar diariamente, de peneira, essa escumalha e pô-la no papel para futuro regalo? Essas *idéias-nuanças*, essas *sensaçãoezinhas-tons*? Comecei a fazer isso o ano passado e esta noite, relendo trechos do primeiro caderno, já cheio e relegado para o fundo da gaveta, achei-lhes um estranho sabor de autenticidade e cor fresca --- e aí vai a amostra para te induzir a fazer o mesmo. Infelizmente esses *arrepios de*

⁸² Carmen Lucia de AZEVEDO (2004) O nascimento de Narizinho e do Sítio do Pica-pau-amarelo. <http://www.nossahistoria.net/Default.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2005.

momento são grafados em letra também de momento indecifrável às vezes, já que a letra segue o estado d'alma. Há nelas *um descosido*, um desprezo às regras de enfurecer qualquer Catão da língua. Pontuação, ortografia --- nada atrapalha. *A impressão* só, nada mais --- *manchinhas*, como se diz em gíria de pintor.⁸³

Os destaques na carta de Lobato foram feitos para indicar a atitude de cautela, que se acredita seja a mais apropriada, que se adota em relação a essas anotações. Para concluir as notícias sobre o livro *Reinações de Narizinho* em meio digital, há que se referir aos testemunhos de pessoas conhecidas, revelando o papel desempenhado pela leitura do volume enfocado em sua formação literária. São vários os manifestos e personalidades como a escritora Ana Maria Machado, o sócio fundador e presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, Luiz Antonio Aguiar, o escritor Walcyr Carrasco e a escritora Lygia Bojunga Nunes falam em vários *sites* sobre a iniciação à literatura promovida pelo livro.

Cabe indicar uma entrevista de Lygia Bojunga, concedida em setembro de 2004 ao *site* Jornal do Portal⁸⁴. Nesse endereço, a escritora fala a Karla Hansen do impacto causado pela leitura de *Reinações de Narizinho* quando ganhou o livro de seu tio, e comenta também o prêmio Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA) recebido em maio de 2004, do governo sueco, pelo conjunto de sua obra. 4

⁸³ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 114-115 (1º tomo), carta de 1905.

⁸⁴ Karla HANSEN (2004). 6º Salão de Livros para Crianças e Jovens: Lygia Bojunga é a grande homenageada. <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=197>. Acesso em: 10 abr. 2005.

Capítulo II

O contista Monteiro Lobato e o gosto pelo ato de narrar histórias

Antes de lançar-se como autor de literatura infantil, com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, Lobato é respeitado por seu talento como contista. O gosto pelo ato de narrar histórias, aliás, marca vários momentos da vida do autor. É importante que se recuperem alguns desses momentos na seqüência do trabalho, privilegiando, pois, a prosa de ficção da série literária designada pelo próprio autor de Literatura Geral. Essa motivação básica para o contar, narrar histórias irá determinar, em grande parte, a sofisticação discursiva alcançada no livro analisado, *Reinações de Narizinho*.

Edgard Cavalheiro aponta como provável primeira produção de Lobato com seu próprio nome o conto “Gens ennuyeux” (Gente aborrecida), publicado em *O Onze de Agosto*, o jornal do órgão estudantil da Faculdade de Direito de São Paulo, onde o escritor ingressa em 1900. A publicação dá-se em 1904, como resultado do primeiro lugar obtido pelo ficcionista num concurso de contos promovido pelo referido órgão. Monteiro Lobato ganha a seguinte avaliação de Amadeu Amaral: “... trecho bem construído, de prosa forte, maleável, corrente, colorida, e sobretudo tão pessoal e tão espiritualmente irônica.”⁸⁵ Percebe-se que algumas das qualidades que fariam do autor um mestre da narrativa já são reconhecidas nessa primeira publicação: o domínio do curso da narração, a capacidade de envolver o leitor, a espontaneidade e originalidade de seus meios, o toque irônico.

Quando se forma em Direito, o que se dá também em 1904, aos vinte e dois anos, o escritor já possui contos e crônicas suficientes para um livro, mas ainda acha prematuro lançar-se na cena literária brasileira. Revela isso ao amigo Godofredo Rangel, com quem inicia, ao retornar a Taubaté, uma longa correspondência, posteriormente recolhidas em volume por Edgard Cavalheiro, sob o título *A barca de Gleyre*. Com o amigo, Lobato discute muitos assuntos, mas os literários têm primazia nas cartas. É tão grande sua preocupação com a técnica narrativa, que, mesmo sendo possuidor de recursos admiráveis como prosador, o que já fora reconhecido por Amadeu Amaral, ainda é severo na autocrítica:

⁸⁵ “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, prefácio de *Urupês*, 9.ed. São Paulo: Brasiliense (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”), p. 6.

Tenho um defeito grave: espremo e encurto demais o enredo, não o esclareço bem, não dou coloridos de transição, faltam-me tons, passo bruscamente duma coisa para outra, de modo que eu me entendo mas não me entendem os outros.⁸⁶

Em outra carta, Lobato expõe a Rangel suas ambições como ficcionista e afirma que quer escrever contos como os de Maupassant, de Kipling, narrativas “concentradas”, que tenham “drama” ou que o levem a “entrever” drama. Diz que anseia por textos “com perspectivas”, que façam o leitor interromper a leitura para fixar-se numa “mosca invisível”, ou seja, para meditar sobre o que está no conto. Ele fala ainda da intenção de, através de sua ficção, deflagrar o que vai dentro do leitor e que não encontra expressão: “coisas”, “idéias”, “imagens”, “desejos”. Finaliza dizendo que quer escrever contos os quais o leitor possa resumir e contar a um amigo, e que, também esse amigo possa se interessar pelo texto⁸⁷.

As ambições do autor não são poucas, e como já tivesse decidido a somente publicar um livro quando se considerasse amadurecido e seguro quanto aos princípios da arte narrativa, continua escrevendo, sempre com pseudônimos, e lendo muito. Datam de 1906 as produções “De como quebrei a cabeça à mulher do Melo” e “O pito do Reverendo”.

Em março de 1906 é nomeado para a promotoria de Areias e lá, em meio à desolação do lugar, busca refúgio na literatura. Faz traduções e as vende para o jornal *O Estado de S. Paulo*. Em 1909 escreve o conto “Júri na roça” e começa a trabalhar em outro, “Bocatorta”. Inicia a colaboração modesta para o periódico *Tribuna de Santos* e avalia a proposta do amigo Godofredo Rangel de publicarem um volume de contos a quatro mãos, mas ainda não crê que chegara o momento de publicar um livro. Pensa em reescrever alguma história já publicada e surge a idéia do conto “Os faroleiros”. O conto “Bocatorta” é enviado para o jornal *Tribuna de Santos* e desenhos e caricaturas são mandados para o periódico *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro. Nessa colaboração, usa o pseudônimo H.B.

Os anos se passam, Lobato casa-se, tem filhos, recebe a herança do avô, o Visconde de Tremembé, que falece em 1911. Torna-se proprietário de casas, terras, fazendas. O plano da publicação do livro é adiado mais uma vez, agora em função de suas atividades como fazendeiro. Do contato com a gente simples do meio rural, os caboclos, nasce a idéia de

⁸⁶ “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, prefácio de *Urupês*, 9.ed. São Paulo: Brasiliense (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”), p. 7.

⁸⁷ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 243-244 (1º tomo).

escrever sobre o assunto para mostrar, às pessoas cultas dos grandes centros, o quanto eram escamoteadas as privações de toda ordem sob as quais viviam esses seres.

Em princípio pensa em escrever um romance sobre o caboclo, depois, uma série de contos, mas, reconsiderando, acha que a nação precisa mesmo é de um “libelo”, que assombre os poderosos. Envia, em 1914, ao jornal *O Estado de S. Paulo*, uma carta, que intitula “Velha praga”, onde reclama das queimadas constantes das matas nos tempos de estiagem e inicia as críticas ao homem do meio rural brasileiro. O secretário do jornal dá a esse documento um destaque inesperado, e, em vez de sair na seção de “Queixas e reclamações”, sai como artigo, granjeando a admiração de pessoas importantes da capital, que chegam mesmo a enviar cartas a Lobato, cumprimentando-o pelas palavras.

A repercussão da carta anima o escritor a publicar outros textos, como “A Hostefagia”, um estudo sobre a guerra de um ponto de vista novo, como ressalta o autor a Godofredo Rangel⁸⁸. Continua usando pseudônimos e ainda não publica nenhum livro. Torna-se famoso por seus artigos e, quando viaja a São Paulo, seus admiradores o festejam. Advindas as dificuldades com a fazenda, por causa, entre outras coisas, da crise do café, Lobato considera a possibilidade de vender sua propriedade.

Dentro do propósito de recuperar passagens da vida do autor que ilustram seu gosto pelo narrar, é importante mencionar o costume de misturar aos frios registros dos livros de contas da fazenda as anotações pessoais, líricas de um diário. O gosto pela literatura já se percebe pela letra do fazendeiro-escritor, nos livros mencionados, conforme observa seu biógrafo, Edgard Cavalheiro: “O que é literatura propriamente dita está numa letrinha caprichada; os negócios da fazenda, num garrancho apressado, quase ilegível.”⁸⁹

A idéia de vender a fazenda se avoluma quando os textos de Lobato tornam-se contribuição assídua dos jornais, exigindo a presença mais constante do autor nos meios literários da capital. A *Revista do Brasil* é lançada em 1916 e, em março desse ano, tem início a famosa colaboração de Lobato para o periódico.

A revista, assunto da dissertação de Mestrado da autora do presente trabalho⁹⁰, defendida em 1992, é, num primeiro momento, o veículo onde Lobato publica contos e textos com comentários críticos e teóricos sobre artes plásticas e livros. Em março de 1919, por

⁸⁸ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 367 (1º tomo), carta de novembro de 1914.

⁸⁹ “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, p. 14.

⁹⁰ *As categorias da literatura brasileira na Revista do Brasil (1916-1919)*, 1992. 353 p. 2v. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP, Assis. Trechos da dissertação são citados neste trabalho.

exemplo, o autor faz a divulgação entusiástica do livro *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto. Motivado pela divulgação do livro *Vida rústica*, de Carlos da Fonseca, feita em agosto de 1918, teoriza sobre o conto e a crônica, com o propósito de estabelecer uma distinção entre os gêneros. É, sem dúvida, nas narrativas curtas veiculadas que está toda sua força, contudo.

De março de 1916 a novembro de 1919, as seguintes narrativas são publicadas: “A vingança da peroba”, “Bocatorta”, “A colcha de retalhos”, “A gargalhada do coletor”, “Pollice verso”, “Cavalaria rusticana”, “O mata-pau”, “O comprador de fazendas”, “O estigma”, “Pedro Pichorra”, “O plágio”, “O imposto único – Conto de natal”, “O caso do tombo”, “O fígado indiscreto ou o rapaz que saía fora de si”, “Gramática viva – De como se formam locuções familiares”, “Por que Lopes se casou”, “O espião alemão” e “O luzeiro agrícola”. A contribuição expressiva do autor na seção de prosa de ficção da revista é prova de seu prestígio naquele momento e tem uma repercussão muito grande no circuito literário nacional, tornando Lobato ainda mais popular dentro deste.

A principal tendência da prosa de ficção publicada na revista, entre os anos de 1916 e 1919, é o regionalismo, conseqüência natural do nacionalismo que impulsiona o periódico. Em prosa, o sentimento amoroso do homem provinciano, com desfechos comumente trágicos, é aproveitado nas histórias de forma incansável pelos autores. São vários os ficcionistas que se ocupam da narração de casos “voltados para a verdade humana da província”, segundo uma síntese feliz de Alfredo Bosi⁹¹. A lista abarca celebridades do porte de Lobato, Afonso Arinos e Valdomiro Silveira; escritores com um índice menor de reconhecimento, caso de Veiga Miranda, Godofredo Rangel, Mário Sette e Léo Vaz, e regionalistas hoje esquecidos, como Amando Caiubi, Sérgio Espínola, Herman Lima, Otoniel Mota e Rodolfo Teófilo.

Grosso modo, a prosa de ficção lobatiana publicada na revista naqueles anos, admite a seguinte classificação: narrativas marcadas pelo tom trágico, contribuições em que a veia cômica tem unicamente a intenção de divertir o leitor, e produções nas quais Lobato se posiciona diante de determinados fatos e atitudes do momento, valendo-se do humor e da sátira. Na narrativa “O plágio”, por exemplo, satiriza-se o academicismo; em “Gramática viva”, os gramáticos e o clero; no conto “O espião alemão”, satiriza-se o patriotismo exacerbado e ingênuo. Na produção “Por que Lopes se casou”, há a seguinte passagem, clara nas farpas ao simbolismo, ao parnasianismo, e à sua composição poética por excelência, o soneto:

⁹¹ Alfredo BOSI, *História concisa da literatura brasileira*, p. 233.

Lucas amou-a [a Nonoca Fagundes, mulher por quem a personagem Lucas, amiga do Lopes do título, se apaixona] em regra e sonetou-a inteira, dos cabelos aos pés, parnasianamente, nefelibatamente, com lirismo de comover às pedras.⁹²

O cultivo da tragédia associada ao amor e aos seus descaminhos, como a traição, expresso nas narrativas “A vingança da peroba”, “Bocatorta”, “A colcha de retalhos”, “Cavalleria rusticana”, “O mata-pau” e “O estigma”, liga-se à intuição apurada de Lobato em relação às expectativas do leitor de qualquer época. Numa carta a Godofredo Rangel de maio de 1917, fala do gosto da humanidade pelas “bebidas fortes”, numa alusão aos dramas e paixões violentas que sempre seduzem e viciam. Como a visão comercial é uma característica que o escritor não demorará a expressar, nos empreendimentos que se seguirão à colaboração na revista, pode-se, portanto, relacionar o comentário feito a Rangel com seu tino empresarial.

O humor puro e simples das narrativas “O comprador de fazendas”, e “Pedro Pichorra” corresponde ao desejo de oferecer ao público o mesmo efeito da “pantomima cômica” dos circos. O autor emprega essa expressão numa carta ao amigo, datada de julho de 1917. Já a prosa “Pollice verso” é explicitamente definida por Lobato, numa carta de junho do mesmo ano, como “uma violenta mercurial contra os médicos”.

O estilo de Monteiro Lobato na contribuição ficcional para a *Revista do Brasil* faz escola. É nítida, por exemplo, no âmbito das produções veiculadas na revista e no que respeita ao tom satírico e à crítica, a influência do escritor em Sérgio Espínola e Godofredo Rangel, o interlocutor de Lobato nas famosas cartas. Edgard Cavalheiro identifica, como ele diz, “se não a influência, pelo menos a presença e o estímulo do contista”⁹³ na ficção paulista produzida entre 1918 e 1922. Para o referido biógrafo de Lobato, Veiga Miranda, Amando Caiubi, Valdomiro Silveira, Cornélio Pires e Albertino Moreira são exemplos de escritores que sentem a presença e o estímulo lobatianos. É digno de nota, por outro lado, o esforço de Godofredo Rangel na construção de um caminho original.

No interessante e bem construído romance *Vida ociosa*, publicado no periódico entre maio de 1917 e janeiro de 1918, a crítica excede à exposição de idéias e atinge a forma literária. A lentidão peculiar ao transcorrer do dia no campo engendra uma técnica literária

⁹² *Revista do Brasil*, 11 (44): 326, ago. 1919.

⁹³ Edgard CAVALHEIRO, “Influência de Monteiro Lobato”, *Ciência & Trópico*, 9(2): 319-320.

que incorpora essa morosidade à forma de narrar. Com isso, nas palavras de Flora Süssekind, em *Cinematógrafo de letras*, Godofredo Rangel “reage à modernização urbana, à difusão de novos artefatos industriais e à crescente profissionalização dos homens de letras”.⁹⁴

Entre os anos considerados, 1916 a 1919, Lobato passa de colaborador de prestígio a diretor e proprietário da revista. O dinheiro para a compra ele o obtém com a venda de sua fazenda, o que acontece em 1917, mesmo ano da publicação do volume *O Saci-Pererê*. O livro traz o resultado do inquérito sobre a personagem do folclore brasileiro promovido por Monteiro Lobato nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*. A publicação e distribuição do livro são de inteira responsabilidade do autor. O sucesso obtido com o volume leva-o a pensar em ser editor para publicar, por exemplo, os contos com motivos caipiras de Valdomiro Silveira. Decide-se, porém, a publicar seus próprios contos, pois já os têm em número suficiente para a composição da obra, mas os prepara cuidadosamente para isso.

Preparados os textos, escolhe o título “Dez mortes trágicas” para seu livro. Artur Neiva, contudo, ao saber da intenção de Lobato, sugere a substituição desse título para *Urupês*, palavra que intitulava um artigo do ficcionista contendo, de certo modo, uma elucidação sobre a feitura dos contos. Há que se fazer uma explicação sobre o significado desse artigo. Tal como acontece com texto “Velha praga”, que, por sinal, também aparece no livro *Urupês*, o artigo homônimo é implacável com o homem do campo, o caipira, que continua sendo duramente criticado.

O artigo “Urupês”, portanto, integra o processo de destruição da figura do caboclo como a personagem heróica dos livros regionalistas brasileiros do momento. Bernardo Élis⁹⁵ vê os artigos referidos como constituintes de um programa seguido por Lobato na escritura de seus contos. Neste “programa”, o escritor cria a figura de Jeca Tatu, simbolizando o atraso, a inércia, o parasitismo do homem pobre da zona rural brasileira.

A sugestão da mudança do título é acatada de pronto e, em julho de 1918, *Urupês* chega às livrarias de São Paulo, não com dez, mas doze produções. Nove textos do livro - “Os faroleiros”⁹⁶, “O engraçado arrependido”⁹⁷, “A colcha de retalhos”, “Chóóó! Pan!”⁹⁸, “Pollice verso”, “O mata-pau”, “Bocatorta”, “O comprador de fazendas”, “O estigma” - já tinham sido divulgados, preliminarmente, na *Revista do Brasil*, entre os anos de 1916 a 1918, e juntam-se

⁹⁴ Flora SÜSSEKIND, “A técnica literária”, p. 96.

⁹⁵ Paulo DANTAS (Org.), *Vozes do tempo de Lobato*, p. 62.

⁹⁶ Na *Revista do Brasil*, esse conto foi publicado com o título “Cavalleria rusticana”.

⁹⁷ No mesmo periódico, esse conto foi publicado com o título “A gargalhada do coletor”.

⁹⁸ No mesmo periódico, esse conto foi publicado com o título “A vingança da peroba”.

a esses, no volume, os contos “Um suplício moderno”, “O meu conto de Maupassant”, e “Bucólica”.

É importante que se frise, no entanto, o apurado trabalho de preparação desses contos para a publicação em livro. Lobato adiou sua estréia como ficcionista, porque queria surgir com algo maduro, que identificasse um autor pronto e com um estilo próprio. Pode-se constatar isso nas cartas ao fiel interlocutor Rangel. Nestas o escritor menciona repetidas vezes o desejo de verdadeiramente impressionar em livro; do contrário, conforme ele reflete, nem valeria a pena publicar: “Essa história de vir com o primeiro livrinho e submeter-se à piedade da crítica e ouvir que somos uma “bela promessa”, isso não vai comigo. Ou entro e racho, ou não entro nunca.”⁹⁹

Deve-se, portanto, avaliar a coletânea de contos *Urupês* como uma obra diferente daquela publicada na revista, embora a base seja a mesma. O volume é meticulosamente concebido para a publicação, e incontáveis aspectos são considerados para a estréia do ficcionista Lobato: a seleção cuidadosa das narrativas; a titulação por vezes alterada como já se apontou, tanto do próprio volume como de algumas histórias; a inclusão de contos novos e de artigos-programa; a reescrita dos textos; a incorporação das ilustrações do próprio escritor. Estas foram retiradas das edições posteriores por decisão de Lobato, mas podem ser observadas na reprodução desse material constante da edição de *Urupês* de 1957¹⁰⁰. Todos esses aspectos, particularmente o que se refere à reformulação das produções, distinguem consideravelmente a recepção dos contos do volume daquela feita na revista. A propósito desse tema, Milena Ribeiro Martins afirma:

Verificamos que, de fato, a leitura do conto na Revista e no livro são diferentes, são influenciadas por fatores diferentes, seja por outros textos que compõem cada um dos veículos, seja pelas características próprias da Revista e do livro. Além dessas diferenças, há outras: aquelas introduzidas pelo escritor na passagem de uma versão para outra. E não são poucas, como vimos.

⁹⁹ “Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro”, p. 11.

¹⁰⁰ Sobre esse assunto, Yone Soares de Lima avalia, no livro *A ilustração na produção literária de São Paulo – década de vinte*: “Em edições mais modestas, a ilustração praticamente acompanhou o padrão gráfico do livro, apresentando-se menos eloqüente e menos pretensiosa. Sem qualquer desmérito à obra ou ao ilustrador, devemos reconhecer que *Urupês*, em sua primeira edição, foi um exemplo: teve suas ilustrações entre texto de autoria dividida entre J. Wash Rodrigues e o próprio Monteiro Lobato...” p. 124.

Desde as mais “simples” **reformulações lingüísticas**, que perpassam todo o texto, até acréscimos e cortes substanciais, as alterações efetuadas interferiram no processo de leitura da obra. (...) Também a **explicitação de referências históricas e literárias**, além de outros tipos de **preenchimento de lacunas do texto** (através, algumas vezes, de notas de rodapé), contribuem para uma leitura mais completa dos contos. (...) O narrador é um dos canais de veiculação das mudanças da personalidade do escritor. Ora **mais participativo**, ora **mais neutro**, essa figura central da narrativa lobatiana não tem uma forma fixa e imutável dentro das diferentes versões. (...)

Além da alteração do narrador, outro tipo estrutural de alteração é feita sobre o **efeito do texto** – intensificando-o – ou sobre o **desfecho**, inserindo ou eliminando dele, normalmente, um comentário do narrador.¹⁰¹

O significado da publicação de *Urupês* na cena literária nacional é imenso. Edgard Cavalheiro a qualifica mesmo de “acontecimento sem precedentes na literatura brasileira”. A repercussão explica-se de muitas maneiras.

Em primeiro lugar, é um livro de prosa de ficção e, naquele momento, há uma produção rarefeita e pouco significativa no gênero. No texto de divulgação do romance *Redimidos*, de Silviano Pinto, no número de maio de 1919 da *Revista do Brasil*, o autor anônimo do comentário declara que Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Lima Barreto, Xavier Marques, Veiga Miranda e Canto e Mello são os únicos romancistas em ação no período.

Em função de outros assuntos que despertavam mais a atenção dos leitores, o fato é que os autores consagrados deixavam de produzir prosa estritamente literária. Não é por acaso que a Academia Brasileira de Letras passa a instituir, em 1919, de acordo com o comentarista do livro de Silviano Pinto, prêmios para os escritores novos como estímulo à produção. Edgard Cavalheiro afirma que, na ocasião da chegada de *Urupês*, os leitores, na verdade, vivem de releituras dos mestres do passado, como Machado de Assis, Aluísio Azevedo e Raul Pompéia.

Especificamente no exercício da forma literária conto e tomando-se a revista como parâmetro, já que é um dos mais importantes veículos de divulgação da literatura que se

¹⁰¹ Milena Martins RIBEIRO, *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica: o processo de escrita do conto lobatiano*. p. 119-120.

produz na época, além de Lobato, os escritores são os seguintes: Medeiros e Albuquerque, Afonso Arinos, Lima Barreto, Amando Caiubi, Tristão da Cunha, Jacomine Define, Sérgio Espínola, Teodoro Magalhães, Alberto de Oliveira, Rodrigo Otávio, Godofredo Rangel, Mário Sette, Rodolfo Teófilo e Léo Vaz.

Um esclarecimento necessita ser feito, contudo. Há autores desse grupo que mantêm em sua prosa vínculos muito fortes com a poesia, retirando, por isso, traços eminentemente narrativos de sua produção. É o caso de Tristão da Cunha e Jacomine Define, adeptos da prosa simbolista, e de Alberto de Oliveira, representante da prosa com inclinação parnasiana. As composições desses autores evocam o sonho e personagens mitológicas, descrevem situações insuspeitadas e fantásticas e criam atmosferas com sugestões neo-românticas, como a amada ao piano e a presença da mulher indiferente e inacessível. Exercitam a chamada “fantasia”, gênero “novo e sem viabilidade”, segundo Lúcia Miguel-Pereira¹⁰².

A estudiosa também observa em seu livro que muitos ficcionistas da época do surgimento de *Urupês* produzem uma literatura “desencarnada”, que visa à estética e não à criação. Sendo assim, quase não há nenhuma preocupação em empreender inovações em seus escritos¹⁰³. Isso explica o fato de muitos desses nomes terem sido praticamente esquecidos pelos leitores da atualidade. Sem apresentar originalidade formal, não há como permanecer. A exceção, claro, é Lima Barreto, como reconhecem Miguel-Pereira e Tristão de Athayde. O crítico enxerga no escritor carioca a “mesma visão realista e sarcástica do Brasil” desenvolvida por Lobato e, embora nada os tenha aproximado em vida, como acredita Athayde, “a glória póstuma hoje os reúne para sempre.”¹⁰⁴

Compreende-se, portanto, o que um livro de contos como os de Lobato significa num meio como o da época. O autor tem muito claro um projeto como contista, o que suas cartas ao amigo Godofredo Rangel provam nitidamente, e isso terá repercussão até nos próprios padrões de leitura em vigor no contexto em que publica seu livro. Os leitores das produções em prosa do momento, marcadas pelo diletantismo, pelas veleidades, e pelos temas etéreos de seus autores, vêem surgir uma narrativa diferente, vigorosa, objetiva em Lobato, e são conquistados. Esses atributos, ainda, empolgam os leitores de outros gêneros, como a poesia e o ensaio, particularmente apreciados no período, sendo, portanto, o escritor um dos responsáveis pela aceitação que a forma literária conto tem até hoje. É exatamente desse

¹⁰² Lúcia MIGUEL PEREIRA, “Simbolismo”, *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*, p. 224.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 225.

¹⁰⁴ Paulo DANTAS (Org.), *Vozes do tempo de Lobato*, p.45.

aspecto da contribuição de Monteiro Lobato à literatura brasileira de que trata o comentário de Jorge Amado, no livro *Vozes do tempo de Lobato*:

Ninguém recriou, com a grandeza com que ele o fez, a vida das pequenas cidades do interior – das cidades mortas. O contista de *Urupês* é um mestre e se hoje existe um tão grande movimento em torno do conto brasileiro, isso se deve, em grande parte, à obra de Monteiro Lobato que deu popularidade, angariou leitores, para um gênero até então de pequena circulação; o conto ganhou público no Brasil com os livros de Lobato.¹⁰⁵

Um outro significado de *Urupês*, básico para o entendimento de sua repercussão é, logicamente, o que se relaciona às suas qualidades de elaboração literária. Embora existam críticos que acreditem que o sucesso do livro se deva, antes de tudo, a questões de ordem ideológica, pelo fato de também estarem no volume os famosos artigos críticos já mencionados, o critério literário acaba prevalecendo.

Nomes de peso como Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima, Josué Montello, Nelson Palma Travassos, José Carlos Barbosa Moreira, Cassiano Nunes, Wilson Martins, Marisa Lajolo, Vasda Bonafini Landers e Edgard Cavalheiro reconhecem as virtudes de composição artística das narrativas de *Urupês*. Mesmo críticos que associam o sucesso do livro à polêmica em torno da figura de Jeca Tatu, caso de Agripino Grieco e Bernardo Élis, não deixam de fazer justiça às inovações produzidas por Lobato na construção de seus contos.

De modo geral, o reconhecimento das qualidades da escrita literária trazidas pelo livro *Urupês* vinculam-se à constatação dos seguintes aspectos: aproveitamento da linguagem cotidiana, coloquial, livre dos atavios comuns na prosa do período; habilidade na composição de personagens marcadas por determinado traço, ângulo; domínio do conto no sentido clássico, ou seja, “como uma peça literária essencialmente *narrativa*, que de fato *conte* alguma coisa: uma *história*, no sentido tradicional do termo”¹⁰⁶, com a concentração e a síntese exigidas pela forma literária cultivada; e o talento para a descrição da cena evocada, permitindo que o leitor a visualize. Essa capacidade, como é sabido, relaciona-se ao fato de

¹⁰⁵ Jorge AMADO, O contista Monteiro Lobato, p. 56.

¹⁰⁶ José Carlos Barbosa MOREIRA, Apresentação de Monteiro Lobato, *Ciência & Trópico*, 9(2): 307.

Lobato também ser pintor, e alcançar, como ele mesmo declara numa carta a Rangel¹⁰⁷, um efeito de pintura com palavras.

Quanto à insistência de algumas avaliações no que diz respeito ao teor ideológico sobrepondo-se ao literário, são esclarecedores os posicionamentos de Gilberto Freyre, Wilson Martins e Vasda Bonafini Landers. O primeiro afirma que “Lobato não pretendeu, em *Urupês*, surgir como sociólogo”, mas como escritor, e isso não impede que existam “coincidências entre esse escritor e sociólogos do tipo mais aberto que os tecnocráticos.”¹⁰⁸

Wilson Martins vai ainda mais longe. Acredita mesmo que o espírito do “literato” nunca abandona Lobato, e mesmo nas campanhas e empreendimentos comerciais aos quais se dedica posteriormente à publicação do livro, ligados à editoração e à indústria, “há uma espécie de improvisação mais ou menos teórica, qualquer coisa como uma sensação irreparável de provisório, de irreal”¹⁰⁹ que se entende como típicas de um homem de literatura de fato, e que se vê compelido, por força de seu temperamento ativo, a experimentar seu potencial criativo em outras áreas.

Vasda Landers relaciona a preocupação com os “fatores exteriores” de *Urupês* à falta de estudos sobre elementos especificamente literários dos contos lobatianos. Ela considera o escritor “bastante sofisticado na manipulação arquitetônica” dessa forma literária. Acredita também que, com o recrudescimento de análises sobre o trabalho de Lobato como contista, o autor será incorporado não apenas aos “mestres do conto brasileiro mas também junto aos mestres do conto latino-americano em paralelismo, por exemplo, ao fabuloso Horacio Quiroga, o contista da região das Missões.”¹¹⁰

Em razão da carência de estudos sobre os contos de Lobato apontada por Landers, reveste-se de grande importância o trabalho de Marisa Lajolo intitulado “O regionalismo lobatiano na contramão do modernismo”, publicado na revista *Remate de Males*, de 1987. Nesse artigo, a estudiosa elabora uma análise que mostra como os contos de *Urupês* se inserem na tradição da oralidade, um dos traços mais fortes da representação do não-urbano na literatura brasileira. Explica Lajolo:

¹⁰⁷ Monteiro LOBATO, A barca de Gleyre, p. 251-252 (1º tomo), carta de julho de 1909.

¹⁰⁸ Gilberto FREYRE, Monteiro Lobato revisitado, *Ciência & Trópico*, 9(2): 165.

¹⁰⁹ Wilson MARTINS, Escândalo na biblioteca, *Ciência & Trópico*, 9(2): 355.

¹¹⁰ Vasda Bonafini LANDERS, *De Jeca a Macunaíma*, p. 66, 67.

Questão interessante e que ganha ainda mais interesse se se ampliar a noção de oralidade para além do uso de um léxico particular e do discurso direto livre, e incluir nela a mímese de uma interlocução oral e as maneiras como tal situação dá conta de elementos do contexto e das expectativas de resposta dos interlocutores.¹¹¹

A estudiosa ainda lembra que a oralidade, desse modo apreendida, não apenas torna possível a recuperação de uma das marcas mais fortes da “cultura caipira”, como também possibilita a prática constante da metalinguagem, procedimento que desvela o “projeto narrativo de um escritor”. Lajolo enfoca as narrativas “Os faroleiros”, “Meu conto de Maupassant”, “A colcha de retalhos”, “O comprador de fazendas” e “O mata-pau.

Concluída a empresa sob o prisma mencionado, a professora emite um juízo fundamentado pelo percurso analítico realizado e relaciona tal avaliação aos livros direcionados ao público infantil de Lobato, “outro gênero no qual a oralidade é requisito indispensável”. Enveredando mais tarde, como ela diz, para a literatura infantil, Monteiro Lobato “já havia acertado o passo e ajeitado a mão na finíssima arte de contar histórias.¹¹²

Sobre o significado da publicação de *Urupês* na cena literária brasileira, há que se mencionar ainda o caminho que esse volume abre a Lobato como editor e distribuidor de seus livros e de outros escritores. O sucesso de vendas obtido com essa publicação impulsiona o escritor a novos desafios na área. Já proprietário de uma editora, adquire oficinas próprias e veicula produções de autores principiantes, algo que somente sua editora faz naquele momento. Cassiano Nunes assinala, nesse empenho de Lobato, o apoio dado às mulheres escritoras, como Francisca Júlia, Maria Eugenia Celso e Rosalina Coelho Lisboa, “em uma época em que a mulher era figura apagada na vida intelectual.”¹¹³ Dá a público também outras coletâneas suas de contos: *Cidades mortas* é publicado em 1919, e *Negrinha*, em 1920.

Nesses livros recuperam-se colaborações para a *Revista do Brasil*, e a habilidade para narrar histórias cada vez mais se aprimora. Isso explica a constância de julgamentos que consideram as três coletâneas de contos como o que o escritor produziu de melhor antes de se dedicar à literatura infantil. Sabe-se que o escritor enfrenta sérios problemas como empresário do ramo de livros, mas, apesar das contingências que o levam a isso, ele vence, como diz seu

¹¹¹ Marisa LAJOLO, *Remate de Males*, Campinas, (7): 41, 1987.

¹¹² *Ibid.*, p. 47.

¹¹³ Cassiano NUNES, *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*, p. 14.

biógrafo Edgard Cavalheiro, ao concretizar o sonho de fazer o livro verdadeiramente circular no país, alargando suas fronteiras e tornando sua venda algo regular.

Lobato ainda exercita a ficção nos volumes *O macaco que se fez homem* e *O presidente negro*. O primeiro, de 1923, é uma coletânea de contos. O segundo, um romance escrito quando o escritor fixa residência no Rio de Janeiro, é publicado em 1926. O autor ambienta a ação de sua história nos Estados Unidos do ano de 2228 e, tão grande é sua capacidade de ficcionista, que conclui a obra em apenas vinte dias, façanha que ele mesmo declara em carta¹¹⁴. Ainda que não receba a mesma avaliação positiva dos livros de contos, o romance desperta a curiosidade não apenas pelo tempo curtíssimo de elaboração, mas por exercitar a narrativa no estilo futurista de H. G. Wells, como o próprio Lobato confessa¹¹⁵.

Os livros de crônicas e ensaios publicados na série literária de que se ocupa este capítulo são vários. A intenção, porém, é resgatar os momentos desta em que se mostra o gosto do escritor pelo contar histórias e, dentro desse espírito, um último momento necessita ser lembrado. Trata-se de sua participação no comício contra a cassação dos mandatos de políticos comunistas, ocorrido no Vale do Anhangabaú, na cidade de São Paulo, em junho de 1947. O protesto de Lobato contra essa situação é feito na forma de uma parábola, escrita por ele especialmente para o comício e lida à multidão que se concentra no local.

A parábola do Rei Vesgo trata de “certo rei do Oriente” que, movido pelo desejo incontrolável de “dominar a paisagem”, decide arrasar um morro que lhe estraga a vista do palácio. Como o morro é sagrado, o Morro da Democracia, e protegido pelas leis do reino, o povo não concordaria com a demolição. A solução encontrada pelo rei, sendo ele malandro, além de vesgo, é pedir a seus cavouqueiros que retirem um pouco de terra apenas, com a desculpa de extirpar uma touceira de craguatá. Os homens fazem isso, e várias carroças de terra são removidas do morro. Não há muito protesto, e mesmo os poucos inconformados são convencidos pelos apaziguadores de que a quantidade de terra retirada não fará falta alguma. O expediente de retirar terra do morro com a desculpa de apenas cortar uma planta daninha continua, e sempre os cavouqueiros arrancam mais terra, sem que o povo proteste. Até que um dia percebe que não há mais o Morro da Democracia. Assim explica o autor o significado de sua parábola aos ouvintes, quando a conclui:

¹¹⁴ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 298 (2º tomo), carta de fevereiro de 1927.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 293 (2º tomo), carta de julho de 1926.

Este comício tem essa significação. É um protesto do povo contra as primeiras carroçadas de terra que o nosso Rei, sob o pretexto de arrancar o craguatá espinhento do Comunismo, tirou do nosso Morro da Democracia. Cesteiro que faz um cesto faz cem. Quem tira uma carroçada de terra, tira mil. Se não reagirmos energicamente, um dia estaremos privados do nosso morro e com um terrível soba dominando toda a planície.¹¹⁶

Mesmo numa época conturbada como a que vive sob a “democracia restritiva do general Dutra”¹¹⁷, Lobato não deixa de recorrer à ficção. O fato de recorrer a esse tipo de texto, num momento delicado como o que o país atravessa naquele momento, confirma mais uma vez o gosto pelo ato de contar histórias e, acima de tudo, a crença no seu poder de emancipação. Lobato demonstra crer na capacidade da ficção de “mudar o limite de apreensão do mundo de seu destinatário”, como Lígia Cademartori Magalhães¹¹⁸ esclarece o sentido do caráter emancipatório de uma obra. Com certeza, a mesma crença move o escritor na série direcionada ao público infantil, que atinge maturidade com a publicação do livro *Reinações de Narizinho*.

¹¹⁶ Monteiro LOBATO, *Conferências, artigos e crônicas*, p. 315.

¹¹⁷ Carmen Lucia de AZEVEDO, Marcia CAMARGOS, Vladimir SACCHETTA, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, p. 347.

¹¹⁸ Lígia Cademartori MAGALHÃES, O Brasil levado a sério, *Letras de Hoje*, 15 (3): 27.

Capítulo III

A consciência de construção literária na obra infantil enfocada: Realização

3.1. A organização do volume *Reinações de Narizinho*: Esclarecimentos

A configuração da obra infantil *Reinações de Narizinho* data de 1931. Diz-se “configuração”, porque o autor organiza o livro reunindo, remodelando e unificando, basicamente, histórias que já havia publicado em separado no período de 1928 a 1931, sobretudo. Como essas narrativas passam a compor um título principal e se harmonizam, a enumeração que se faz delas, na seqüência do trabalho, utiliza o recurso tipográfico destinado a capítulos: Narizinho Arrebitado, O Marquês de Rabicó, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, A cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinho, A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim.

Existem, no entanto, entre os pesquisadores da obra de Monteiro Lobato, polêmicas quanto a determinadas informações sobre o livro. A primeira discussão diz respeito ao ano da primeira edição de *Reinações de Narizinho*. Leonardo Arroyo¹¹⁹, Francisco de Assis Barbosa¹²⁰ e Nelly Novaes Coelho¹²¹, três dos mais conhecidos estudiosos da literatura lobatiana destinada às crianças, apontam o ano de 1934 como o momento em que o escritor inaugura a trajetória editorial do volume comentado. Pode-se localizar a origem de tal idéia na reunião das cartas escritas por Lobato ao amigo Godofredo Rangel, feita por Edgard Cavalheiro nos volumes de *A barca de Gleyre*. Num trecho de uma dessas missivas se lê:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como

¹¹⁹ Leonardo ARROYO, *Literatura infantil brasileira*, p. 205.

¹²⁰ Francisco de Assis BARBOSA, Monteiro Lobato e o direito de sonhar, p.55.

¹²¹ Nelly Novaes COELHO, *Literatura infantil: teoria, análise, didática*, p. 139.

esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel!¹²²

A carta aludida, conforme se identifica na obra referida, teria sido escrita por Lobato em São Paulo, no dia 7 de outubro de 1934. Em razão da menção ao livro em estudo, nas circunstâncias de composição descritas, os estudiosos citados tomam a data indicada por Cavalheiro como a da publicação do livro. Um olhar mais atento ao que diz o escritor, no entanto, pode conduzir a uma idéia distinta.

No fragmento destacado, Lobato faz referência a uma iniciativa em andamento, relacionada à organização do livro *Reinações de Narizinho*. Por causa do emprego, pelo escritor, de determinadas expressões – *Tenho em composição; Estou gostando tanto* – tem-se claramente a noção de atividade em processo em que está envolvido. Quer isso dizer que a tarefa de composição, consolidando, melhorando, aumentando e unificando as aventuras publicadas anteriormente em separado, está sendo realizada naquele momento. Se está realizando tal tarefa, a publicação do volume teria que aguardar a conclusão do trabalho de preparação. Em resumo, a publicação de *Reinações de Narizinho* não poderia ser simultânea à escritura da carta; só poderia ocorrer depois de alguns meses, pelo menos.

Numa outra carta de Lobato, escrita em São Paulo, no dia 3 de dezembro de 1931, também segundo Edgard Cavalheiro, o autor explicita outra idéia quando se refere ao lançamento de *Reinações*. Não se tem mais a noção de algo em processo, mas de algo já efetivado, concluído, ou seja, o escritor faz alusão ao livro preparado e já publicado. Acompanhe-se um trecho da carta: “Já viste *Reinações de Narizinho*? Vou falar na Editora que te mandem.”¹²³

É curioso que, se pensarmos nas cartas como documentos escritos no mesmo ano de 1931, o período entre a preparação e a publicação do livro é de dois meses, isto é, de outubro a dezembro, tempo suficiente para a finalização da tarefa referida por Lobato. Essa possibilidade se fortalece com a data do artigo no jornal *O Estado de S. Paulo*, em que Plínio Barreto aprecia o livro lançado, *As Reinações de Narizinho*. Esse artigo é publicado em 19 de dezembro de 1931, provando que o ano focalizado é o mesmo da preparação e da publicação. Releia-se um trecho do artigo:

¹²² Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 329 (2º tomo).

¹²³ *Ibid.*, p. 325.

Nas páginas de seus contos, agora reunidos no volume “As reinações de Narizinho”, palpita a vigorosa sensação de um ambiente desenrolado em plena natureza, com a graça, o pitoresco e o humorismo que fizeram de Monteiro Lobato um narrador inconfundível. Dir-se-ia que nessas criações integralmente novas, em que toca às próprias fontes da emoção e da poesia, ele concentrou todas as qualidades primaciais, com que se impôs nos “Urupês”, e que o gosto e o hábito de escrever para crianças desenvolveu e apurou em vigor e simplicidade. Páginas alegres, ágeis e sadias, leves e delicadas, ricas de substância da vida, são as “Reinações de Narizinho”, a melhor festa para as crianças que vivem horas felizes, entretidas com esse feiticeiro animador de ilusões, artista e educador a um tempo, que, conseguindo fazer-se amar das crianças, faz com que elas comecem, por ele, a amar os livros.¹²⁴

Há também o argumento baseado no percurso cronológico da correspondência trocada por Lobato e Anísio Teixeira, realizado por Cassiano Nunes no livro *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: O sonho da educação no Brasil*. Ao encerrar os assuntos discutidos em 1930, e também depois de localizar o ano de 1928 como o do início do diálogo por carta entre os intelectuais, Nunes escreve:

No ano seguinte, a 5 de janeiro de 31, Anísio compara a sua existência com a de seu amigo em Nova York: “Recebi ontem a sua carta de 1º. Vejo como a sua atividade é realmente ampla, arejada e voltada para as cousas essenciais. Inteligência é a distinção entre o essencial e o secundário. Quando leio a sua carta, fico a imaginar se realmente o meu grande erro não está em não saber fazer tal distinção.

Escolas – sem livros e sem riqueza!... Eu. Livros e riqueza – você. Não há necessidade de comparar”.

No fim do mesmo ano, Anísio exalta o progresso em literatura infantil do seu amigo Lobato: “Meu grande amigo Lobato: Happy New Year! A sua carta, o seu livro, a sua lembrança, não me saem do espírito. Leio *Reinações de*

¹²⁴ Plínio BARRETO, Monteiro Lobato – *As Reinações de Narizinho*. O Estado de S. Paulo, 19.12.1931. Livros Novos, p. 3.

Narizinho com um prazer sem nome. Você é um Kipling feito à medida do Brasil. Um pouquinho frouxo. O Brasil é tão pouco grande!... Mas como v. já cresceu de alguns dos seus outros livros de criança. Começa v. a sentir-se à vontade entre as crianças... E isso, v. sabe bem como é grande¹²⁵.

Existe outro argumento forte: o do registro das edições lobatianas. No livro *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, Hilda Junqueira Villela Merz, organizadora e responsável pelo museu da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato de São Paulo, no texto de apresentação do histórico das edições lobatianas, explica:

Este histórico, que acreditamos será muito útil aos pesquisadores que queiram investigar mais a fundo a criação do universo lobateano, foi organizado de modo a reconstituir a trajetória de suas obras, título por título (42 lançadas por ele mesmo, um póstumo e um ainda inédito), procurando indicar a referência das edições, sempre que possível, desde a sua publicação inicial até a versão final legada pelo escritor.¹²⁶

Merz, por sua função de vários anos no museu da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, tem autoridade e credibilidade quando organiza o histórico das edições do escritor. Na publicação referida, ela cita o ano de 1931 como o da primeira edição de *Reinações de Narizinho* e não menciona o ano de 1934 nem como o de uma reedição. Originalmente, informa Merz, o título era *As Reinações de Narizinho* - como se verifica no artigo do jornal *O Estado de S. Paulo* de dezembro de 1931 -, passando a ser *Reinações de Narizinho*, em 1947, quando aparece nas obras completas. Ela aponta o ano de 1933 como o da segunda edição do livro e até a sétima, de 1937, não registra nenhuma data identificando tais edições intermediárias, preferindo usar a expressão “sem data” para se referir a essas.

O fato de a pesquisadora utilizar-se de semelhante procedimento apenas confirma quão imprecisas estão ainda as informações sobre as edições da produção infantil de Monteiro Lobato e como o assunto necessita ser investigado. Por isso, a possibilidade aqui aventada de as cartas em estudo terem sido redigidas e enviadas no mesmo ano de 1931 tem pertinência.

¹²⁵ Cassiano NUNES, *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: O sonho da educação no Brasil*, p. 15.

¹²⁶ Hilda Junqueira Villela MERZ et al., *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, p. 40.

Uma explicação para o registro do ano de 1934 como o da escrita e envio da missiva pode ser um erro de tipografia, o que a semelhança dos caracteres dos algarismos 1 e 4 ajuda a compreender.¹²⁷

No número especial do *Boletim Bibliográfico* da Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, referente ao período de julho a dezembro de 1976¹²⁸, homenageia-se Monteiro Lobato. No encerramento do volume, os editores do boletim oferecem uma bibliografia de e sobre Lobato e registram também o ano de 1931 como o do lançamento do livro *Reinações de Narizinho*. Nada consta sobre alguma edição ocorrida em 1934. Há que se dizer, também, que o ano de 1931 é o mais aceito atualmente pelos estudiosos de Monteiro Lobato como o da publicação da edição primeira do livro *Reinações de Narizinho*.

Vladimir Sacchetta, co-autor de *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*¹²⁹, livro recente e importante sobre a vida e a produção do escritor paulista, também aponta o referido ano como o da primeira edição da obra. Menciona-se tal estudo, porque parece ter sido a confiabilidade dos dados oferecidos pelo pesquisador nessa publicação a razão de se ter feito a escolha de seu nome para conceber e dirigir os conteúdos do *site* institucional de Monteiro Lobato, <http://lobato.globo.com>, página na Internet gerida pela **Monteiro Lobato Licenciamentos**. O *site* é mantido e atualizado sob a orientação da família do escritor, que, em 1999, nomeou a **TV Globo Ltda** como sua representante exclusiva para o licenciamento das criações infantis de Lobato, excetuando-se seus livros.

Sacchetta também é proprietário da **Companhia da Memória**, empresa especializada em pesquisa histórica e memória brasileira que tem no livro citado acima um de seus principais projetos. Essa empresa também colabora na manutenção do *site*, o que explica a mesma cronologia oferecida no livro e na página quanto aos fatos importantes do período compreendido entre 1882 e 1948, respectivamente os anos de nascimento e falecimento de Lobato.

Com o amparo das fontes comentadas é que se fixa, neste trabalho, o ano de 1931 como o da primeira edição do volume *Reinações de Narizinho*. A outra polêmica existente entre os pesquisadores da ficção infantil lobatiana assenta-se nas datas da publicação individual das histórias que compõem o livro.

¹²⁷ Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, no Exame de Qualificação do presente trabalho, chamou a atenção para essa semelhança.

¹²⁸ *Boletim Bibliográfico*, Biblioteca Municipal Mário de Andrade, v. 37, jul./dez. 1976, p. 155.

¹²⁹ Carmen Lucia de AZEVEDO, Marcia CAMARGOS, Vladimir SACCHETTA, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, p. 353.

Francisco de Assis Barbosa¹³⁰ e Nelly Novaes Coelho¹³¹, em estudos publicados na década de oitenta, afirmam que os títulos *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Félix*, *O noivado de Narizinho* e *O circo de escavalinho* são publicados em 1927. Barbosa, estranhamente, arrola um outro título, *A caçada da onça*, como história publicada nesse mesmo ano, e que posteriormente também vem a compor o volume *Reinações de Narizinho*. Coelho ainda cita os títulos *Cara de coruja* e *O irmão de Pinocchio*, que não são mencionados por Barbosa, e também aponta o ano de 1927 para sua publicação.

J. Roberto Whitaker Penteado, num estudo da década de noventa¹³², baseia-se no livro já citado de Nelly Novaes Coelho para reafirmar a data de publicação dos seis títulos. Leonardo Arroyo¹³³ indica o ano de 1928 para a publicação dos títulos *Noivado de Narizinho* e *Aventuras do Príncipe*, deixando de fazer referência a qualquer data no que diz respeito às narrativas *Gato Félix*, *Cara de coruja*, *O irmão de Pinocchio*, *O circo de escavalinhos*.

Quanto aos títulos *A pena de papagaio*, e *O pó de pirlimpimpim*, Francisco de Assis Barbosa e Nelly Novaes Coelho assinalam o mesmo ano da publicação, 1930; Arroyo cita os títulos, porém nada informa sobre as datas da edição. Barbosa ainda cita os títulos *As caçadas de Pedrinho*, publicado, segundo ele, em 1933, e *Novas Reinações de Narizinho*, do mesmo ano de acordo com ele, como narrativas que também integram o volume definitivo de *Reinações de Narizinho*. Arroyo faz alusão aos títulos *No país das abelhas* e *Novas Reinações de Narizinho*, sem, no entanto, fazer acompanhar tais obras com a indicação de datas. Os três autores indicam o ano de 1921 para a publicação do título *Narizinho Arrebitado*.

Percebem-se, portanto, muitos desencontros de informações. O que se faz no presente trabalho para buscar resolver essas divergências é, novamente, fundamentar a indicação das datas dos títulos formadores do livro *Reinações* nas mesmas fontes básicas utilizadas para fixar o ano de 1931 como o de sua primeira edição. Estão nos livros *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*¹³⁴ e *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*¹³⁵, bem como no site institucional do escritor, <http://lobato.globo.com>, as informações que aqui são apresentadas.

¹³⁰ Francisco de Assis BARBOSA, Monteiro Lobato e o direito de sonhar, p.55.

¹³¹ Nelly Novaes COELHO, *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, p. 725.

¹³² J. Roberto Whitaker PENTEADO, *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, p. 158.

¹³³ Leonardo ARROYO, *Literatura infantil brasileira*, p. 205.

¹³⁴ Hilda Junqueira Villela MERZ et al., *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, p. 41-48.

¹³⁵ Carmen Lucia de AZEVEDO, Marcia CAMARGOS, Vladimir SACCHETTA, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, p. 261-265; 353.

Assim, são publicados no ano de 1928 os seguintes títulos: O noivado de Narizinho, em julho; O Gato Félix, em outubro; Aventuras do Príncipe e A cara de coruja, em novembro. Data de junho de 1929 a publicação de O irmão de Pinocchio, e, de agosto do mesmo ano, a publicação de O circo de escavalinho. Em novembro de 1930, é publicado A pena de papagaio, e, em 1931, publica-se O pó de pirlimpimpim.

O título Narizinho Arrebitado corresponde ao livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicado em 1920. O Marquês de Rabicó, que Arroyo não cita, é publicado em 1922, como acertadamente apontam Barbosa e Coelho; nada consta sobre a narrativa No país das abelhas, citada por Arroyo; A caçada da onça, história que Barbosa afirma ter sido publicada em 1927, é, na verdade, publicada em 1924, vindo a integrar o livro *As caçadas de Pedrinho*, em 1933, não fazendo parte, portanto, de *Reinações*; e *Novas Reinações de Narizinho*, livro publicado em 1933, é uma segunda edição de *Reinações de Narizinho*, de 1931. A tabela abaixo ajuda a organizar as informações obtidas:

Francisco de Assis Barbosa	Nelly Novaes Coelho	Leonardo Arroyo	Pesquisadora
<i>Título publicado em 1921:</i> Narizinho Arrebitado	<i>Título publicado em 1921:</i> Narizinho Arrebitado	<i>Título publicado em 1921:</i> Narizinho Arrebitado	O título Narizinho Arrebitado corresponde ao livro <i>A Menina do Narizinho Arrebitado</i> , de 1920
<i>Título publicado em 1922:</i> O Marquês de Rabicó	<i>Título publicado em 1922:</i> O Marquês de Rabicó	Não cita	<i>Título publicado em 1922:</i> O Marquês de Rabicó
<i>Títulos publicados em 1927:</i> Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, O noivado de Narizinho, O circo de escavalinho, A caçada da onça	<i>Títulos publicados em 1927:</i> Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, O Noivado de Narizinho, O circo de escavalinho, Cara de coruja, O irmão de Pinocchio	<i>Títulos publicados em 1928:</i> Aventuras do Príncipe, Noivado de Narizinho <i>Títulos sem indicação de datas:</i> Gato Félix, Cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinhos, Pena de papagaio, Pó de pirlimpimpim, No país das abelhas e <i>Novas Reinações de Narizinho</i>	<i>Títulos publicados em 1928:</i> O noivado de Narizinho (julho), O Gato Félix (outubro), Aventuras do Príncipe (novembro), A cara de coruja (novembro) <i>Títulos publicados em 1929:</i> O irmão de Pinocchio (junho), O circo de escavalinho (agosto)
<i>Títulos publicados em 1930:</i> A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim	<i>Títulos publicados em 1930:</i> A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim		<i>Título publicado em 1930:</i> A pena de papagaio (novembro)
<i>Títulos publicados em 1933:</i> <i>As caçadas de Pedrinho e Novas renações de Narizinho</i> . Segundo Barbosa, são narrativas que também integram o volume definitivo de <i>Reinações de Narizinho</i> .			<i>Título publicado em 1931:</i> O pó de pirlimpimpim A caçada da onça é uma história publicada em 1924, que vem a integrar o livro <i>As caçadas de Pedrinho</i> em 1933. Não faz parte, portanto, de <i>Reinações de Narizinho</i> .

Feitos esses esclarecimentos, é conveniente separar as idéias de Monteiro Lobato, relacionadas à composição do volume *Reinações de Narizinho*, em itens, para, a partir daí, comentá-las com o apoio de estudos críticos e teóricos sobre o livro, e efetuar o paralelo com *A Menina do Narizinho Arrebitado* sempre que isso for necessário. O propósito é demonstrar, a partir da consciência de construção literária manifesta pelo escritor no trecho da carta enviada ao amigo Godofredo Rangel, a concretização do projeto traçado no depoimento. Antes do comentário, é oportuno que se transcreva novamente a passagem:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel!

3.2. (...) livro absolutamente original (...)

Antes de mais nada, há que ser apontada a consciência do autor em relação ao fato de que lança algo novo, “absolutamente original”, como ele diz. Embora se trate de uma reunião de obras já publicadas em anos anteriores, o autor tem muito clara a idéia de que, na reunião, nasce uma obra inteiramente nova. Essa visão a respeito do livro *Reinações de Narizinho* pode ser associada ao que já se discutiu sobre *Urupês*. A organização do volume para a publicação faz nascer uma nova obra, com princípios organizacionais igualmente renovados, diferentes daqueles que são seguidos quando da veiculação na *Revista do Brasil*, não obstante os contos sejam basicamente os mesmos. Essa diferença de idealização tem repercussões, logicamente, na recepção da coletânea.

O mesmo raciocínio pode ser feito com relação ao livro *Reinações*, porque as palavras de Lobato não deixam dúvidas quanto ao modo como encara o volume. Ainda que oficialmente se considere a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em 1920, o início de sua obra direcionada à criança, para o escritor esta é inaugurada, de fato, com *Reinações de Narizinho*. As histórias lançadas anteriormente passam por profundas transformações e, nesse processo de aperfeiçoamento constante que imprime à própria obra, o

escritor vai encontrando a forma mais adequada de dar conta das situações que quer comunicar, tornando sua escrita realmente artística. *Reinações* é original porque marca tal aprimoramento e Lobato tem plena consciência disso.

É curioso que o escritor emprega a mesma expressão de Breno Ferraz no artigo publicado na *Revista do Brasil*, de 1921, que avalia a reedição, bastante reformulada e expandida, da história de Narizinho, o livro *Narizinho Arrebitado*. Acompanhe-se parte de seu juízo, em que se grifa a expressão:

Publicou-se um livro escolar *absolutamente original*, em completo, inteiro desacordo com todas as nossas “tradições” didáticas. Em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser a tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a mostra do que podem os livros. (...) Com o seu aparecimento, marca-se a época em que a educação passará a ser uma realidade nas escolas paulistas. De fato, a historieta fantasiada por Monteiro Lobato, falando à imaginação, interessando e comovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as mais sábias lições morais e instrutivas: - desenvolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola. Nesses moldes há uma grande biblioteca a constituir-se.¹³⁶

A história de Narizinho tem boa acolhida do crítico, como se percebe por suas palavras elogiosas. *Narizinho Arrebitado* possui vínculos tênues com a literatura escolar, por isso é “absolutamente original”. Segundo Ferraz, o volume apresenta qualidades que o colocam “em desacordo” com uma tradição de livros escolares do momento, que mais afugentam do que conquistam os leitores. Ao contrário de trazer um texto cuja leitura se faz por mera decodificação, necessária ao cumprimento de alguma tarefa, o livro de Lobato propicia o ato prazeroso de ler, pois apela à fantasia, à imaginação, e, por isso, torna-se interessante para o leitor-criança e até o comove.

Não envereda pelo caminho das “lições morais e instrutivas”, mas busca oferecer condições para que a personalidade da criança aflore fortalecida, e, no entendimento do crítico, esta seria a finalidade “natural” da escola. Ferraz ainda lembra que uma literatura infantil desse modo concebida tem campo a ser explorado, isto é, como não existe nada igual

¹³⁶ Breno FERRAZ, *Narizinho Arrebitado*, *Revista do Brasil*, 17(65): 157, maio 1921.

ao que Lobato traz em 1921, o que lhe outorga originalidade absoluta, outros livros como o do escritor precisam ser escritos e postos em circulação.

A crítica de Breno Ferraz é, nota-se, primorosa e acerta, como poucas, não apenas na identificação das virtudes e propósitos da obra infantil lobatiana no momento mesmo em que busca trilhar um caminho próprio, como, outrossim, na avaliação do contexto que acompanha sua constituição e dos produtos destinados ao público infantil da época. A visão acurada do crítico, crê-se, anula a possibilidade de um engano quanto ao título do volume que está considerando.

Faz-se essa observação, porque, num estudo recente, Caroline Elizabeth Brero afirma que, no texto crítico apontado, Ferraz se equivoca quanto ao livro de Lobato. A pesquisadora acredita que o crítico julga, na verdade, o volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, e não *Narizinho Arrebitado*, de 1921. Ela baseia seu ponto de vista na data que diz ser a de veiculação do artigo de Breno Ferraz na *Revista do Brasil*, 5 de janeiro de 1921. Como *Narizinho Arrebitado* foi publicado, de acordo com a pesquisadora, em abril de 1921, o crítico não poderia estar se referindo a esse livro, e sim a *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Eis as palavras da pesquisadora:

Na *Revista do Brasil*, o crítico Breno Ferraz publica, no dia 05/01/1921, um artigo que confronta o livro de Monteiro Lobato com o sistema educacional brasileiro. Designando *A Menina do Narizinho Arrebitado* de *Narizinho Arrebitado* e de “livrinho-revolução”, o crítico comenta que ele caiu como uma “bomba” no ambiente escolar, acostumado com a “banalidade” e “mediocridade” dos livros de leituras para as crianças. Conforme Breno Ferraz, o livro de Monteiro Lobato tem seu valor porque privilegia a imaginação e desenvolve e liberta a personalidade “animando-a para a cabal eclosão, fim natural da escola”. Objetivo exatamente oposto ao da política educacional da época, cujo fim seria o de desenvolver o lado lógico, científico, educando “pela inteligência”.¹³⁷

¹³⁷ Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, p. 19.

Mais adiante, no mesmo trabalho, Brero ratifica seu pensamento, concluindo que “... à época do artigo de Breno Ferraz (05/01/21) (...) o segundo livro (*Narizinho Arrebitado*, de 1921) ainda não havia sido publicado.”¹³⁸ A data do artigo de Ferraz que a pesquisadora oferece, contudo, não é a de sua divulgação no periódico, na realidade. Consultou-se, para o presente estudo, o artigo comentado no setor de obras raras da Biblioteca Acácio José Santa Rosa, da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista. Constatou-se que a veiculação do texto crítico deu-se no número 65 da *Revista do Brasil*, de maio de 1921.

O mês da publicação de *Narizinho Arrebitado* também pode não ser abril, como Brero afirma, porque já em fevereiro de 1921 aparece uma publicidade do volume na revista. A agudeza de visão, a seriedade e a decência de Brenno Ferraz no exercício da crítica, é pertinente salientar, são qualidades que resguardam o crítico de uma possível displicência em seu ofício, e são reconhecidas pelo próprio Lobato numa carta a Godofredo Rangel, de dezembro de 1921. Essas características são decisivas para a fixação de seu nome na categoria, na *Revista do Brasil*, como afirma o autor ao amigo na aludida carta¹³⁹.

A respeito da possibilidade de o livro *Narizinho Arrebitado* ter sido publicado antes do mês de abril do ano de 1921, há ainda o posicionamento de Cassiano Nunes, renomado estudioso do escritor em estudo. Com o embasamento de um jornal paulistano, publicado no início daquele ano, Nunes declara, em meio à apresentação do resultado quantitativo da atividade de Lobato como editor:

Nos dois primeiros meses de 1921, foram entregues ao público *Os caboclos*, de Valdomiro Silveira, *Esfinges*, de Francisca Júlia, *A casa de marimbondos*, de Gustavo Barroso, e a edição excepcional para a época do *Narizinho Arrebitado*...¹⁴⁰

Em janeiro de 1921, é importante dizer, começam a ser veiculados de fato, no mensário *Revista do Brasil*, novos episódios da história de Narizinho que Lobato vai

¹³⁸ Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, p. 21.

¹³⁹ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 239-240 (2º tomo). Afirma Lobato na missiva: “Na *Revista* pus o Breno Ferraz na crítica. Ele tem dedo e é sério, decente. Convidei o Amadeu [Amaral] e o Afrânio Peixoto para diretores, um aqui, outro no Rio. Eu me contento com ser o editor.”

¹⁴⁰ Cassiano NUNES, *A atualidade de Monteiro Lobato*, p. 169.

acrescentando à matriz de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Nesse mês, sob o título “Lúcia, ou a Menina do Narizinho Arrebitado”, entre as páginas 42 e 50, e com ilustrações de Voltolino, propagam-se os títulos *O enterro da vespa*, *A pescaria de Emília* e *As formiguinhas*. Anuncia-se o material como “Fragmento” e há, antecedendo-o, um texto não-assinado, cujo conteúdo é o que segue:

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte, e cheia de artifício, - fria, desengraçada, pretensiosa. Ler algumas páginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso... Felizmente, esboça-se uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre, por ventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo álbum ilustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episódios, alguns dos quais se reproduzem aqui.”¹⁴¹

O número seguinte da *Revista do Brasil*, o 62, de fevereiro de 1921, continua trazendo novos episódios da narrativa lobatiana. A partir do mesmo título da publicação anterior, “Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado”, ainda com ilustrações de Voltolino, e entre as páginas 121 e 126 do periódico, são divulgadas as histórias *A colméia* e *A rainha*. Nos números de março e abril de 1921, nenhum novo episódio é veiculado, e, em maio, surge o artigo crítico de Breno Ferraz.

O fato de o crítico classificar *Narizinho Arrebitado* de “livro absolutamente original”, mesmo depois de Lobato já ter lançado *A Menina do Narizinho Arrebitado*, ressalte-se, ainda mais fortalece o ineditismo dessa produção infantil em formação. A idéia é a de um escritor sem pares no ofício de escrever para crianças nos moldes em que criava suas histórias. Sabe-se que, de fato, quando Lobato inicia sua produção para crianças, percebe-se num segmento praticamente esquecido no Brasil. Como assinala Marisa Lajolo,

¹⁴¹ *Revista do Brasil*, 16(61): 42, jan. 1921.

... é preciso lembrar que Monteiro Lobato passa à história literária como fundador da literatura infantil brasileira. Antes dele, Olavo Bilac e Figueiredo Pimentel eram o que havia disponível para as crianças. Em 1919 surge *Saudade* de Tales de Andrade, mas toda esta produção pré-lobatiana, quer pelo predomínio do tom didático e moralizante, quer por constituir mera tradução e cópia de modelos europeus, não chega a configurar uma literatura infantil nacional.¹⁴²

Esse é, ainda, outro motivo para o emprego da expressão “absolutamente original” pelo escritor na carta a Godofredo Rangel. Conforme Breno Ferraz vislumbra na década de vinte e hoje se aceita de forma praticamente unânime, como aponta Lajolo, o próprio Lobato manifesta a noção de que publica algo que mesmo nos anos trinta do século passado não tem similares. O autor sabe que *Reinações de Narizinho* coroa uma arte, até aquele momento, singular. É certo que a década de trinta dá início a uma fase fértil da ficção infantil brasileira. Marisa Lajolo e Regina Zilberman¹⁴³ falam do aparecimento de novos escritores na vertente, como Viriato Correia, Malba Tahan, e da incorporação dos autores do romance de trinta à literatura infantil, caso de José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

São pontuais, no entanto, as obras infantis desses escritores, e, se compartilham da evolução da literatura infantil brasileira nos anos trinta, como assinalam as autoras, isso acontece de um modo diferente do que se dá com Monteiro Lobato. O escritor cultivava o público da produção direcionada à criança e sobre isso revela, numa outra carta a Rangel, quem também chega a publicar alguma coisa para os infantes, até uma certa vaidade, tamanha é a consciência de sua originalidade. É interessante transcrever, na seqüência, o trecho dessa outra carta, para que se corrobore a aludida consciência e se constate o orgulho manifesto do autor diante da legião de leitores conquistada:

A diferença, meu caro, é que eu *fiz* o meu público, estou *fazendo* esse público desde a 1ª edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e você agora é que surgiu no campo. Quem conhece a marca “G.R.” no livro infantil? E quem não conhece a marca “M.L.”?¹⁴⁴

¹⁴² Marisa LAJOLO, A modernidade em Monteiro Lobato, *Letras de Hoje*, 15 (3): 19.

¹⁴³ Marisa LAJOLO; Regina ZILBERMAN, *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, p. 47.

¹⁴⁴ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 298 (2º tomo), carta de maio de 1945. Os grifos são de Lobato.

Prova maior da conquista e da fidelidade do público infantil de Lobato são as cartas dos próprios leitores endereçadas ao escritor. O anúncio de página inteira do livro *Narizinho Arrebitado*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 12 de abril de 1921, traz uma coleção dessas cartas. É importante conhecer as opiniões das crianças; nas palavras delas há nitidamente o encanto com a ficção criada, e idéias que influenciariam os rumos dessa produção:

Fiquei muito triste no fim. Por que a menina não se casou com o príncipe? Até chorei de dó do coitadinho... Quando sai o resto? Estou ansiosa de saber o resto da história. Ele ainda casa?

Nené Ramos

Dei boas risadas com o seu livro mas não gostei de ser tão pequeno. Por que não faz sair todo mês um pedaço como o *Tico-Tico*? Eu queria que a história de Narizinho não acabasse mais – e que casasse com o príncipe. Antes ela do que a Emília. O Marquês de Rabicó é continuação?

Belinha Novaes

Até sonhei com tanta coisa engraçada. Aquele Doutor Caramujo que amolava toda a gente com as tais pílulas do Serra-Pau. Mas antes não lesse porque agora quero saber o resto da história e não posso. Por que é que disse no fim que era sonho? Eu queria que não fosse sonho...

Eduardinho Costa

O livro que eu gostava mais era *Os contos da Avozinha*. Agora é o que o senhor me mandou. Já li três vezes e estou lendo para a Carmita que já riscou com o lápis a barata invejosa de raiva. (...) também leu. Disse que gosta de livro assim, de letras bem grandes e bastante figuras engraçadas. Eu queria saber como é que se pinta as figuras. Nenezinha disse que vai escrever uma história como aquela, veja que prosa!...

Tem continuação?

Olival P. Mendes

Muito lhe agradeço o fidalgo e honroso presente que me fez. *Narizinho Arrebitado* há de figurar sempre na minha pequenina estante como o livro mais querido e precioso dentre os que possuo. Mas... por que não pôs na edição colorida as proezas do Tom Mix e as diabruras do Marquês de Rabicó?

Que pena! Não se esqueça de me enviar um convite para assistir o casamento do Príncipe com a Lúcia...

Marília Brisolla

Escrevo essa carta para contar-lhe que li o seu livro do *Narizinho Arrebitado* e gostei muito e estou com pressa que o senhor publique outro. Gostei principalmente do primeiro conto quando ela está com Sua Majestade Rei dos Peixes. E também do Tom Mix, o herói do cinema. Quero que o sr. publique logo o Marquês de Rabicó e outros.

Stella Lebre Seabra¹⁴⁵

A originalidade de Monteiro Lobato é defendida pelas próprias crianças. O melhor exemplo disso é o trecho de uma carta de 18 de maio de 1937, escrita pela leitora Sarah Viegas da Motta Lima, de 12 anos:

Acho que o senhor não quer escrever [sobre a História do Brasil, assunto que ela sugere seja escrito por Lobato] porque Viriato Corrêa (*sic!*) plagiou dos seus contos, escrevendo logo a História do Brasil. Mas por mim pode escrever porque certamente já o tinha imaginado e mesmo eu não gosto dos livros que Viriato Corrêa faz. Prefiro os seus.¹⁴⁶

¹⁴⁵ *O Estado de S. Paulo*, 12.4.1921. p. 12. Os parênteses indicam o trecho da carta que não ofereceu condições de leitura.

¹⁴⁶ Fragmento da carta pertencente ao Dossiê Monteiro Lobato, Fundo Raul de Andrada e Silva, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

O conteúdo integral dessa missiva, assim como o de outras, sobre a recepção de *Reinações de Narizinho*, é apresentado, em sua versão original, na parte destinada aos anexos da presente tese. Nas cartas das crianças, pois, estão expostas algumas das expectativas do público preferencial de Lobato e também a satisfação por vê-las atendidas. Aos anseios sabe-se, o escritor procura corresponder no correr dos anos. O prazer de descobrir, através das cartas dos leitores, o quanto essa obra agradava viria a ser comentado pelo autor numa epístola a Rangel, de fevereiro de 1943, em que diz:

E assim, Rangel, se foi criando, por sucessivas agregações, à moda dos polipeiros, um mundinho no qual milhares de crianças *vivem*. Vale a pena conhecer as cartas que diariamente recebo!...¹⁴⁷

A pesquisa feita no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo mostrou que Lobato tinha um apreço tão grande por essas missivas, que as organizava cuidadosamente para que pudessem ser arquivadas. Nos anexos, há uma lista feita por ele daquelas que julgou mais interessantes por alguma razão, e a carta de Sarah Viegas da Motta Lima está na relação. Deve-se ressaltar que o gosto do escritor pela leitura e pelo arquivo das manifestações de seus leitores possibilitou que as gerações futuras as conhecessem.

Quando diz “absolutamente original” ainda, na carta a Godofredo Rangel, de 1931, Monteiro Lobato pode estar explicitando a idéia de que em *Reinações de Narizinho* é que realmente mobiliza seu potencial criativo. Além da consolidação em volume único das narrativas já mencionadas, o autor ainda consolida o livro *Fábulas*, em 1922; edita *As aventuras de Hans Staden*, em 1927, e *Peter Pan*, em 1930. Faz-se menção aqui aos livros cujas histórias se fixam nas datas citadas. Nessas obras, enfim, Monteiro Lobato realiza primordialmente um trabalho de adaptação de histórias já existentes. Por esse motivo, J. Roberto Whitaker Penteado diz que “tanto as *Fábulas* quanto *As aventuras de Hans Staden* fazem parte da obra ‘recontada’”¹⁴⁸ do escritor.

No primeiro título mencionado, reúnem-se fábulas de La Fontaine, de Esopo e do folclore brasileiro, caso de “O velho, o menino e a mulinha”. No segundo, Dona Benta conta aos netos Pedrinho e Narizinho as memórias do aventureiro alemão que foi prisioneiro dos

¹⁴⁷ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 343 (2º tomo).

¹⁴⁸ J. Roberto Whitaker PENTEADO, *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, p. 178.

índios tupinambás em terras brasileiras do século XVI. Em *Peter Pan*, Dona Benta primeiramente lê e depois conta a história original de James Barrie aos netos, ao Visconde, à Emília e à tia Nastácia.

Não se ignora que o gênio de Lobato patenteia-se inclusive nessas adaptações. A esse respeito, a propósito, é oportuna a transcrição de um trecho de uma carta a Rangel, em que o escritor explica seu método para organizar o volume *Fábulas*: “Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o a minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim...”.¹⁴⁹ O escritor ainda faz uso de recursos de estilo inovadores para a época, tais como a linguagem simples, a narração de Dona Benta e as intervenções das personagens ouvintes ao que se conta, mas as obras não são produções originais lobatianas.

O escritor, portanto, quando afirma que tem em composição um livro “absolutamente original”, pode estar fazendo alusão ao fato de *Reinações de Narizinho* conter apenas histórias concebidas por ele. Nos capítulos do volume, ainda que surjam muitas personagens não-lobatianas¹⁵⁰, elas vivem aventuras diferentes daquelas experimentadas em suas fontes originais, ou seja, elas vivem aventuras criadas por Monteiro Lobato.

Além disso, no livro, o autor constrói entes ficcionais “irmãos” de outros não-lobatianos: caso de João Faz-de-conta, boneco modelado por tia Nastácia para ser irmão de Pinocchio, e de Peninha, ente ficcional “irmão” de Peter Pan. O boneco Faz-de-conta, porém, ao viver, revela possuir características bem distintas daquelas de seu “irmão”: é sensato, valente e leal. Peninha, por sua vez, é um ser invisível. Há também a criação de uma personagem que se faz passar por outra, não-lobatiana: o Gato Félix. Falastrão, mentiroso e ladrão dos franguinhos de Dona Benta, o bichano desmascarado pelo Visconde de Sabugosa é uma personagem genuinamente lobatiana.

¹⁴⁹ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 193 (2º tomo), carta de abril de 1919.

¹⁵⁰ Ver a categoria *Entes de ficção não-lobatianos* da indexação das Personagens do livro *Reinações de Narizinho*.

3.3. (...) consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes (...)

A idéia básica associada a essa afirmação de Monteiro Lobato alia-se à decisão de dar forma final às aventuras publicadas anteriormente em volumes distintos. Em *Reinações de Narizinho*, portanto, fecha-se o ciclo de reescrita da história publicada em 1920, com o título *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Esse volume, lançado com 43 páginas, em formato 29 x 22 cm, é diferente da reedição da história de Narizinho publicada em 1921, com o título *Narizinho Arrebitado*. Em formato 18 x 23 cm, o livro *Narizinho Arrebitado* possui 181 páginas.

A diferença, como também aponta Caroline Elizabeth Brero¹⁵¹, se constata pelo aumento significativo verificado no número de páginas do último livro citado. Ainda que a redução do formato do livro em parte explique a ampliação do número de páginas na reedição, sobressai o aumento realizado por Lobato, e, de posse da informação, já apresentada, sobre os novos episódios da história de Narizinho publicados na *Revista do Brasil* – O enterro da vespa, A pescaria de Emília, As formiguinhas, A colméia, A rainha - pode-se compreender o aumento do número de páginas como resultado do acréscimo dessas narrativas à matriz publicada em 1920.

Reinações de Narizinho, pois, marca a estabilização textual da história de Narizinho e das outras narrativas que compõem o volume: O Marquês de Rabicó, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, A cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinho, A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim. O resultado é o livro “grande”, conforme diz o escritor, fazendo referência às “trezentas páginas” da edição de 1931, quantidade que as edições posteriores ultrapassariam.

O autor, com a expressão destacada, ainda demonstra ter consciência do significado da obra *Reinações* como a que fixa as bases de sua literatura infantil. O autor tem a nítida idéia de que, apesar de ter publicado anteriormente nessa vertente, agora sim sua produção adquire maturidade. Lobato permite, portanto, que se veja sua produção anterior como uma experimentação, um exercício em que afina os meios de sua escrita. Por isso, Anísio Teixeira,

¹⁵¹ Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, p. 16.

grande amigo do escritor e um dos líderes do movimento pela renovação do sistema educacional brasileiro à época, desse modo se manifesta sobre o livro ao seu autor, em carta:

A sua carta, o seu livro, a sua lembrança não me saem do espírito. Leio *Reinações de Narizinho* com um prazer sem nome. Você é um Kipling feito à medida do Brasil. Um pouquinho frouxo. O Brasil é tão pouco grande!... Mas como v. já cresceu de alguns dos seus outros livros de criança. Começa v. a sentir-se à vontade entre as crianças... E isso, v. sabe bem como é grande.¹⁵²

Com *Reinações*, de fato, o escritor solidifica sua arte. No que diz respeito às personagens, é nesse livro que estão as bases para seu estudo. Nessa obra apresenta-se, caracteriza-se e firma-se o núcleo lobatiano - Dona Benta, Narizinho, tia Nastácia, Emília, Rabicó, Pedrinho, Visconde de Sabugosa - e instaura-se o Sítio do Picapau Amarelo como o local onde convergem as histórias e a partir do qual as personagens se arrojam para viver suas aventuras.

A partir de *Reinações de Narizinho* ocorre o que Regina Zilberman chama de “maleabilidade” do cenário criado, ou seja, o Sítio pode ser visto como um “microcosmo do Brasil”, metáfora da realidade vivida pela criança leitora, e também pode representar “parte de um todo que ultrapassa os meninos e D. Benta, de modo que eles se lançam para fora, experimentando contextos desconhecidos, sempre numa postura interrogadora.”¹⁵³ A idéia de que o livro representa a consolidação da obra lobatiana permanece forte, como se verifica na seleção de posicionamentos sobre *Reinações* efetuada abaixo. No arranjo dos pensamentos dos estudiosos, parte-se dos mais recentes, e, conforme indicam os destaques, há a tendência de se associar à obra o significado de “livro-mãe”¹⁵⁴:

Reinações é, ainda hoje, um belo e competente livro de histórias maravilhosas para crianças, que *inaugura* uma importante fase da literatura infantil

¹⁵² Cassiano NUNES, *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: O sonho da educação no Brasil*, p. 15.

¹⁵³ Regina ZILBERMAN, *A literatura infantil na escola*, p. 93.

¹⁵⁴ *Reinações de Narizinho*. <http://lobato.globo.com/html/narizinho.html> Acesso em: 16 jul 2004.

brasileira. Fosse ele o único livro de Lobato, e seu lugar na galeria dos grandes autores infanto-juvenis já estaria assegurado.¹⁵⁵

Mais tarde, Lobato deu forma final ao título do livro, que aparece nas obras completas de 1947 como *Reinações de Narizinho*. Por ser *básico* na obra de Lobato, recomenda-se a sua leitura aos que desejam se iniciar nas aventuras do Sítio.¹⁵⁶

... *Reinações de Narizinho*, obra que, lançada em 1931, nunca perde a *primogenitura*, permanecendo como o livro *inaugural* da coleção das obras completas de Monteiro Lobato para a infância.¹⁵⁷

Por tudo isso deve-se dizer que *Reinações de Narizinho* – é uma observação óbvia – são *matriz* de tudo que vem depois.¹⁵⁸

A consolidação da arte dirigida à infância, ainda, conforme esclarece seu autor, tem em *Reinações* a fixação das *aventuras* como o motivo condutor dessa obra. Com efeito, as experiências ativas, libertadoras, incomuns, surpreendentes e por vezes arriscadas vividas pelas personagens firmam-se como elemento da estrutura das histórias do livro estudado e daquelas que compõem os outros que se seguem a esse também: *Viagem ao céu*, de 1932; *As caçadas de Pedrinho*, de 1933; *Emília no país da gramática*, de 1934; *Aritmética da Emília e Geografia de Dona Benta*, de 1935; *D. Quixote das crianças e Memórias da Emília*, de 1936; *O poço do Visconde e Serões de Dona Benta*, de 1937; *O Picapau Amarelo e O minotauro*, de 1939; *Reforma da natureza*, de 1941; *A chave do tamanho*, de 1942; e *Os doze trabalhos de Hércules*, de 1944.

Tão ostensivo é esse ideal conquistado em *Reinações de Narizinho*, que se oportuniza a vivência de aventuras mesmo em livros com incumbências didáticas postas na voz da culta Dona Benta. Livros como *Geografia de Dona Benta*, *D. Quixote das crianças* e *Serões de*

¹⁵⁵ J. Roberto Whitaker PENTEADO, *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, p. 189.

¹⁵⁶ Hilda Junqueira Villela MERZ et al., *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, p. 49.

¹⁵⁷ Marisa LAJOLO; Regina ZILBERMAN, *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, p. 55.

¹⁵⁸ Alfredo BOSI, Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, n. 1/2, jan./jun. 1982, p. 31.

Dona Benta poderiam levar à eliminação do recurso, em função da passividade imposta pela audição ao que a personagem informa. A passividade que se consigna é a relacionada à ausência de movimento, pois não se desconhece a característica de Monteiro Lobato de conservar suas criaturas ficcionais como condutores críticos do texto, tanto nas incursões didáticas quanto nas narrações do já anteriormente narrado.¹⁵⁹

Naqueles livros, prosseguindo, não se verifica a eliminação da aventura. Ainda que as experiências emocionantes ocorram numa intensidade bem menor e, às vezes, simplesmente consubstanciadas nas alusões do narrador, elas podem ser identificadas nas obras. No livro *Geografia de Dona Benta*, depois de ouvir por dias seguidos a velha senhora contar a Geografia, abordando temas como a Lei da Gravitação e os continentes, Emília dá o mote de mais uma aventura. Acompanhe-se seu diálogo com os companheiros do sítio:

--- Vamos estudar geografia de outro jeito – propôs. Tomamos um navio e saímos pelo mundo afora vendo o que há. Muito mais interessante.

--- Mas onde está o navio, boba? – indagou Narizinho.

--- Um navio faz-de-conta.

--- Acho ótima a lembrança, Emília – disse Dona Benta. E eu sigo no comando desse navio. Que nome vai ter?

--- “O Terror-dos-Mares”! – gritou a boneca. Levamos toda gente de casa: Tia Nastácia, Quindim, O Visconde – todos, menos Rabicó.¹⁶⁰

Em *D. Quixote das crianças*, Dona Benta lê para as crianças, para Emília, o Visconde de Sabugosa e tia Nastácia a história de Miguel de Cervantes, e o que ocasiona esse ato é uma aventura de Emília e do Visconde na biblioteca. A boneca queria ver as figuras dos grossos volumes da obra, colocados na parte mais alta da estante de Dona Benta. Pede a ajuda do sábio feito de sabugo, que lhe leva uma escada, e ela pode, assim, chegar aos livros desejados. Como não consegue retirar os livros do local onde estão, o Visconde lhe arranja uma alavanca feita de um cabo de vassoura.

¹⁵⁹ J. Roberto Whitaker PENTEADO, *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*, p. 168.

¹⁶⁰ Monteiro LOBATO, *Geografia de Dona Benta*, p. 32.

Emília consegue deslocar um dos volumes, mas faz isso com tamanha força que acaba derrubando o pesado livro sobre o pobre do Visconde. O barulho da queda do livro chama a atenção de tia Nastácia, que acorre à biblioteca e descobre o acontecido com o sábio. Apesar de manifestar grande preocupação com o Visconde, não pode fazer nada, porque é praticamente expulsa do lugar pela bonequinha. Assim que se vê sozinha com o livro, Emília trata de saborear-lhe as figuras e, enquanto isso, chegam Dona Benta e os netos. A velha senhora fica sabendo do ocorrido por Emília e, na noite daquele mesmo dia, começa a ler para as crianças e para a boneca a “história do engenhoso fidalgo da Mancha”.

O sábio é consertado por tia Nastácia no decorrer da narração, podendo, mais tarde, participar da audição da história. No mesmo livro, ainda, há a menção aos sonhos que as crianças têm, motivadas pela escuta das aventuras narradas. Emília chega mesmo a contar o seu e experiências emocionantes envolvendo a boneca, Pedrinho, o rinoceronte Quindim e o cavaleiro malvado da história são relatadas por ela. Narizinho, porém, suspeita da bonequinha e diz: “Esse sonho está muito bem arranjado para ser verdadeiro”¹⁶¹. Em *Serões de Dona Benta* também há um momento em que se alude a um sonho de Emília, ocasião para mais um desvio das situações de audição provocadas pelos ensinamentos da personagem do título:

No dia seguinte Emília contou que sonhara que um grão de ervilha viera em sua procura, como se fosse um cavalinho. Ela montou nesse cavalinho redondo para um passeio pelo céu; mas em vez de ir parar no céu, foi ter à venda do Elias Turco, onde o Chico Pirambóia¹⁶², já muito bêbado, comeu-lhe a ervilha, pensando que fosse um amendoim.

Podia ser verdade o sonho de Emília, mas ninguém lhe deu crédito; estava muito bem arranjado.¹⁶³

Com base no que se pesquisou sobre as *aventuras* vividas pelas personagens do núcleo lobatiano, motivo que se consolida no livro *Reinações de Narizinho* e continua aparecendo posteriormente, não se identificam tais experiências apenas nos livros *História do*

¹⁶¹ Monteiro LOBATO, D. *Quixote das crianças*, p. 47.

¹⁶² Caboclo “muito manhoso”, que morava nas proximidades do sítio. A personagem surge no livro *Serões de Dona Benta* (p. 141), e propõe à velha senhora a troca da vaca mocha por uma “égua lazarenta” de sua propriedade. A barganha é recusada, naturalmente.

¹⁶³ Monteiro LOBATO, *Serões de Dona Benta*, p.162.

mundo para as crianças, de 1933; *História das invenções*, de 1935; e *Histórias de tia Nastácia*, de 1937.

3.4. (...) volume (...) com melhorias (...)

As melhorias a que Monteiro Lobato se refere dizem respeito às modificações por que passa a obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* e as outras que se seguem a essa até darem origem ao livro *Reinações de Narizinho*. Não se teve acesso a outra versão preliminar em livro da obra estudada além da edição fac-similar da primeira edição de *A Menina do Narizinho Arrebitado*¹⁶⁴ feita, em 1982, por iniciativa da empresa Metal Leve, de José Mindlin. Isto é dito, porque as considerações que se fazem a partir de agora levam em conta, basicamente, além do pensamento do próprio Lobato, da edição de *Reinações de Narizinho* de 1956¹⁶⁵ e dos posicionamentos de estudiosos sobre a questão, apenas aquela edição fac-similada.

3.4.1. Do didático para o lúdico

O comentário das *melhorias* em relação às versões preliminares de *Reinações de Narizinho* parte da passagem do caráter didático das primeiras obras para o caráter lúdico da versão definitiva. Nelly Novaes Coelho diz, na obra *Panorama histórico da literatura infantil brasileira*, que, ao classificar *A Menina do Narizinho Arrebitado* de “Livro de Figuras”, Lobato assinala conhecimento das diretrizes da Escola Nova¹⁶⁶. Essa teoria da educação, cuja discussão se encontrava em voga nos anos considerados, se alicerça, em termos gerais, numa mudança de enfoque nas atividades escolares:

O que distingue da escola tradicional a escola nova, não é, de fato, a predominância dos trabalhos de base manual e corporal, mas a presença,

¹⁶⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (Edição fac-similar da 1ª edição do livro). São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982.

¹⁶⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

¹⁶⁶ Nelly Novaes COELHO, *Panorama histórico da literatura infantil/Juvenil*, p. 227.

em todas as suas atividades, do fator psicobiológico do interesse, que é a primeira condição de uma atividade espontânea e o estímulo constante ao educando (criança, adolescente ou jovem) a buscar todos os recursos ao seu alcance, "graças à força de atração das necessidades profundamente sentidas". É certo que, deslocando-se por esta forma, para a criança e para os seus interesses, móveis e transitórios, a fonte de inspiração das atividades escolares, quebra-se a ordem que apresentavam os programas tradicionais, do ponto de vista da lógica formal dos adultos, para os pôr de acordo com a "lógica psicológica", isto é, com a lógica que se baseia na natureza e no funcionamento do espírito infantil.¹⁶⁷

O texto transcrito acima é parte do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, que teve como redator Fernando de Azevedo e, entre seus signatários, Lourenço Filho e Anísio Teixeira, além do próprio Azevedo. Os três homens integram o grupo que publica, em 1932, o documento referido, fixando as diretrizes políticas, sociais, filosóficas e educacionais do movimento escolanovista brasileiro¹⁶⁸. O Manifesto, ainda, por fazer a defesa da escola pública, gratuita e de qualidade, é visto como marco da luta pela democratização do ensino no Brasil.

Monteiro Lobato passa a conhecer mais profundamente as idéias do escolanovismo quando firma laços de amizade com Anísio Teixeira. Não obstante a amizade ter-se iniciado em 1927¹⁶⁹, nos Estados Unidos da América, há similaridade de princípios inegáveis entre as produções infantis primeiras de Lobato e os postulados daquele movimento. Com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, por exemplo, já se reconhece o condão da obra lobatiana de falar à imaginação.

O estímulo à fantasia presente na obra de Lobato, portanto, talvez seja o que de mais imediato se possa pensar relacionado ao respeito pelas necessidades e pelos interesses da criança, como prega o escolanovismo, e, dentro desse pensamento, o papel da ilustração nos livros infantis adquire importância fundamental. Daí o cuidado com o projeto gráfico do livro

¹⁶⁷ <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm> Acesso em: 22 jul. 2004.

¹⁶⁸ Marcos Vinícius CUNHA, Escola Nova no Brasil. http://www.educ.pb.gov.br/cee/Artigos/nova_esc.asp Acesso em 22 jul. 2004.

¹⁶⁹ Cassiano NUNES, *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: O sonho da educação no Brasil*, p. 9.

e a convocação do grande ilustrador Lemmo Lemmi, mais conhecido por Voltolino, para levar a termo a tarefa de ornar com gravuras a obra.

Conclui-se que, sob tal perspectiva, a conexão com a Escola Nova engrandece o volume, pois o movimento tem justamente, o que se constata no trecho citado, o propósito de encerrar uma tradição de ensino fundada na “lógica formal dos adultos”, e implantar, na organização dos programas escolares, a “lógica que se baseia na natureza e no funcionamento do espírito infantil.”

O livro de Lobato, pelo incentivo à imaginação, busca, de fato, corresponder às ‘necessidades profundamente sentidas’ da infância, e, sendo assim, rompe com uma ordem educacional que desconsidera os aspectos próprios dessa faixa etária. Lobato, desse modo, institui sua arte como uma inovação para a época, como também atesta Fernando Marques do Vale, no raciocínio sobre a presença das ilustrações do artista Voltolino no volume em foco, complementando o pensamento de Nelly Novaes Coelho:

É importante referir que esta classificação “Livro de Figuras” estava, por um lado, em consonância com as diretrizes da Escola Nova, a qual preconizava as imagens nos livros infantis e, por outro, constituía, de certo modo, uma inovação no gênero, em território brasileiro.¹⁷⁰

O caráter didático de *A Menina do Narizinho Arrebitado* desse modo compreendido passa a ser uma qualidade. Ainda assim, a história passará por um aprimoramento intenso para realmente corresponder ao interesse infantil e superar, quase que totalmente, o pedagógico, atingindo o lúdico.

Narizinho Arrebitado, novo livro com a história de Narizinho, lançado em 1921, ganha um subtítulo que de pronto o vincula à chamada literatura escolar: *Segundo livro de leitura para uso das escolas preliminares*. Com a publicação de *Narizinho Arrebitado*, porém, muito mais do que acontecera com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, há a forte disposição do escritor em promover uma revolução no mercado editorial brasileiro. Compreenda-se tal revolução com peso maior para as ações do empreendedor Monteiro Lobato, as quais, ao serem perscrutadas uma a uma na ocasião da publicação daquele livro, em 1921, revelam

¹⁷⁰ Fernando Marques do VALE, *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*, p. 37.

atitudes nunca vistas no setor, no país. Justifica-se, pois, neste momento do trabalho, uma discussão delas.

A anexação do subtítulo deve ser entendida antes de tudo como um passo da estratégia de Lobato para expandir a vendagem de sua história e fazê-la penetrar no espaço escolar. Espaço que o escritor, diga-se, sabia estar tomado pela produção estrangeira, a qual oferecia aos leitores o inverso do trabalho malcuidado realizado nas obras brasileiras. O apontamento de tal realidade é feito pelo autor já em 1919, na crítica do livro de Luiz Rubano, *Prossigamos!*, publicada na *Revista do Brasil*:

Não sabemos que má sorte tem a literatura didática no Brasil. Cada nova contribuição que nos cai sob a vista é uma nova prova do nosso mau gosto, da nossa incompetência ou da nossa inaptidão para a fatura dos livros escolares. Faz pena, faz pena, realmente pensar que as nossas crianças tenham de educar-se com semelhante aparelhamento, tão defeituoso, pobre e infeliz. O que, no exíguo número das nossas obras didáticas, não peca pela má linguagem ou pela nenhuma metodicidade, peca, como este, pela feição material, que é, poder-se-ia dizer com alguma maldade – genuinamente brasileira...¹⁷¹

Em *Narizinho Arrebitado*, Lobato concilia, pois, o senso prático e o conhecimento da arte em que atua para desenvolver uma obra que busca atender integralmente às especificidades de seu público, mas é cauteloso quanto aos aspectos materiais aludidos acima.

Alice Mitika Koshiyama fala do desejo do autor de imprimir, formatar e encadernar *Narizinho Arrebitado* de forma semelhante ao *Primeiro livro de leitura*, de João Kopke, editado em 1920. Segundo ela, Lobato também decide-se por tipo e composição iguais ao do livro *Saudade*, de Tales de Andrade¹⁷². Tais disposições indicam um cálculo arguto da parte do escritor: o conteúdo do livro, inovador, faz-se, no entanto, veicular numa apresentação material já conhecida dos pequenos leitores. Ao se equiparar aos livros concorrentes em termos de projeto gráfico, o escritor reduz os riscos de não ser aceito por esse público, que poderia rechaçar uma edição mais arrojada.

¹⁷¹ *Revista do Brasil*, 12 (46): 175, out. 1919.

¹⁷² Alice Mitika KOSHIYAMA, *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*, p. 81.

A aliança entre visão empresarial e respeito pelos interesses próprios dos pequenos ainda se comprova numa carta a Godofredo Rangel, escrita em fevereiro de 1921. Na época, o amigo é também professor do ensino infantil, fato que Lobato sabe aproveitar admiravelmente, em mais um passo da estratégia de lançamento do livro: “Mando-te o *Narizinho* escolar. Quero tua impressão de professor acostumado a lidar com crianças. Experimente nalgumas, a ver se se interessam. Só procuro isso: que interesse às crianças.”¹⁷³

A ação máxima do Lobato empreendedor dá-se com a tiragem recorde de *Narizinho Arrebitado* por sua editora, a Monteiro Lobato & Cia., em 1921: 50.500 exemplares. Em outra carta a Rangel, de maio de 1921, o autor trata da fantástica edição. Comenta, então, os contratemplos enfrentados com a desmesurada quantidade de livros obtida; fala de nova estratégia de divulgação da obra, igualmente agressiva e inusitada para a época; e avalia a experiência com um argumento também revelador de ousadia:

O meu *Narizinho*, do qual tirei 50.500 – a maior edição do mundo! – tem que ser metido bucho a dentro do público, tal qual fazem as mães com o óleo de rícino. Elas apertam o nariz da criança e enfiam a droga e a pobre criança ou engole ou morre asfixiada. Gastei 4 contos num anúncio de página inteira num jornal daqui. Faz de conta que é Gelol. “Dói? Gelol. (...) Nunca imaginei que 50.500 fossem tanta coisa! Encheu-me os vazios das nossas salas da rua Boa Vista. Tive de alugar uma vizinha, que também se encheu até o forro. E ainda acomodei milhares no porão lá de casa. Quando Purezinha [esposa de Monteiro Lobato] viu aquilo, pôs as mãos na cabeça. “Você está louco?” O problema agora é vender, fazer que o público absorva a torrente de narizes.

Experiência, meu caro. Fora do processo do *trial and error*, como adquirir conhecimentos positivos?¹⁷⁴

Como esclarece Caroline Elizabeth Brero¹⁷⁵, o jornal onde Lobato veicula o anúncio de página inteira é *O Estado de S. Paulo*, de 12 de abril daquele ano. A publicidade traz a menção ao fato de o volume ter sido aprovado pelo governo de São Paulo, e apresenta

¹⁷³ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 228 (2º tomo).

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 230.

¹⁷⁵ Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, p. 17.

opiniões de professores, da crítica, e das próprias crianças sobre a obra, conteúdo apresentado anteriormente. Algumas ilustrações de Voltolino para o livro, e referências ao preço, 2.500 réis, e ao desconto de 25% a revendedores, também aparecem.

Numa entrevista concedida a Silveira Peixoto, cuja data não se pôde precisar, Monteiro Lobato, no entanto, credita o gigantismo da histórica edição do livro à inexperiência como editor:

Cheguei a tirar uma edição de 50.500 exemplares de *Narizinho Arrebitado* – isto, é claro, por mera inexperiência, pois um editor, por maior confiança que tenha num livro, nunca se arrisca a tamanha loucura; vai fazendo tiragens sucessivas de dez mil, para economia de espaço no depósito, para evitar empate de capital, por mil coisas. Mas a nossa inexperiência nos levou a esse absurdo, que nunca mais foi repetido, nem por nós nem por outro editor. Há, todavia, um deus para os bêbados e outro para os inocentes. O deus dos inocentes premiou a nossa inocência com um autêntico milagre: a tal edição-monstro esgotou-se em oito ou nove meses!¹⁷⁶

A “inexperiência” alegada pelo escritor, portanto, contradiz a avaliação que ele próprio já fizera do episódio da edição de *Narizinho Arrebitado* em carta ao amigo Godofredo Rangel. A propalada “inexperiência”, porém, cai por terra quando se toma conhecimento da diversidade de títulos lançados pelo escritor até 1921. Cassiano Nunes¹⁷⁷ revela, com o amparo do balanço dos primeiros dezoito meses da atividade de Lobato divulgado por um jornal paulistano no princípio de 1921, que, até aquele momento, já tinham sido editadas pelo menos dezoito obras, de autores como Hilário Tácito, Léo Vaz, Paulo Setúbal, Papi Júnior, Oliveira Viana, Guilherme de Almeida, Visconde de Taunay, Afrânio Peixoto, Godofredo Rangel, Valdomiro Silveira, Francisca Júlia, Gustavo Barroso, além do próprio escritor.

O mesmo periódico, informa Nunes, ainda menciona os próximos lançamentos, somando mais quatorze títulos, de autores como Lobato, Rangel, João Ribeiro, Amando Caiubi, Ribeiro Couto, Artur Mota, J.A. Nogueira, Cornélio Pires, João Paulista, Assis Cintra. Tais números são novidade no mercado brasileiro de livros da época, o qual, como qualifica

¹⁷⁶ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas*, p. 191.

¹⁷⁷ Cassiano NUNES, *A atualidade de Monteiro Lobato*, p. 169.

Alice Koshiyama, é “restrito e valorizador de autores importados”¹⁷⁸. O “milagre” a que também alude o escritor, na entrevista a Silveira Peixoto, é, na realidade, fruto de mais uma idéia bem-sucedida do editor e de suas poderosas relações de amizade. A idéia consiste na distribuição gratuita de quinhentos exemplares de *Narizinho Arrebitado*, em papel de melhor qualidade, a todas as escolas públicas do Estado de São Paulo.

Como as crianças gostaram do livro, de acordo com a explicação de Lobato na mesma entrevista, leram-no e manusearam-no muito. A percepção desse fato, numa visita às escolas, leva Dr. Washington Luís, na época Governador do Estado de São Paulo, a exigir a compra do volume em larga escala. A exigência é feita a Alarico Silveira, Secretário de Estado e amigo de Lobato. Embora o escritor não fale abertamente de tais laços de amizade com o Secretário, na entrevista, é sabido que existiam. Percebe-se isso, primeiramente, pelo tom informal como o escritor conta a respeito do que se passou, no dia seguinte àquela visita, quando se acertou a compra dos exemplares de *Narizinho Arrebitado*:

No dia seguinte Alarico me telefonou pedindo que passasse pela Secretaria. Lá me contou das visitas da véspera e da opinião do presidente [Governador]. Depois: “Quantos exemplares desse livro pode você vender ao governo?” Uma pergunta assim à queima-roupa a um editor que está atrapalhado com a maior avalanche nasal da sua vida é coisa de estontear. Pisquei sete vezes e respondi: “Quantos quiser, Alarico. Temos narizes a dar com pau. Posso fornecer cinco mil, dez mil, vinte, trinta mil...”¹⁷⁹

Depois, com a aceitação dos trinta mil livros enviados ao almoxarifado da sede do governo estadual, o Secretário mostra definitivamente que era mesmo muito amigo de Lobato, já que essa não constituía a quantidade esperada. Alarico Silveira tomara como uma “brincadeira” a intenção do autor de fornecer tal número de exemplares, considerado exagerado para os padrões da época. Com a ajuda desse “comprador providencial”, como diz Alice Koshiyama, na obra já referida, dentro de oito meses a imensa edição se esgota, deixando um lucro tremendo para a editora.

¹⁷⁸ Alice Mitika KOSHIYAMA, *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*, p. 35.

¹⁷⁹ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas*, p. 192.

Impulsionado pelo exemplo feliz de *Narizinho Arrebitado*, Lobato anuncia, numa entrevista de maio de 1921, mais livros, mais de treze, seus e dos autores Carlos de Laet, Gilberto Amado, Afonso Lopes de Almeida, Gabriel Marques, Guilherme de Almeida, Rosalina Coelho Lisboa, João Pinto da Silva, Ribeiro Souto (*sic!*), Almáquio Diniz, Abel Juruá, entre outros¹⁸⁰. O sucesso é tamanho, que Lobato se permite dizer a Rangel, numa carta de julho de 1921:

A publicação dos teus contos virá melhorar a saída do romance, de modo que é mais comercial imprimi-los agora do que depois. E não te incomodes com a parte econômica do negócio – se dá ou não dá lucro para a casa. É coisa que não tem a mínima importância. O importante é que você vá se imprimindo e imprima-se todo – nem que o editor leve a breca.¹⁸¹

A trajetória lucrativa do livro *Narizinho Arrebitado* marca definitivamente a carreira de Monteiro Lobato. Tanto que o escritor confessa, sem melindres, na última entrevista de sua vida, ocorrida em 2 de julho de 1948, quando o entrevistador indaga sobre a obra que mais lhe agrada:

De todas as minhas obras, a que mais me agrada é a que me dá mais dinheiro, a que me dá maior lucro. Revendo as minhas contas eu vejo que é *Narizinho Arrebitado*, porque já vendi uma série de edições de *Narizinho*, mais de 100.000 exemplares. Portanto, esta é a querida do meu coração. Se eu dissesse qualquer coisa diferente, seria mentira ou hipocrisia.¹⁸²

Retomando a questão da passagem do caráter didático das primeiras obras de Lobato para o caráter predominantemente lúdico percebido em *Reinações de Narizinho*, não se pode ignorar, portanto, depois do exposto acima, que o didatismo de *Narizinho Arrebitado* possui um fundo mercadológico. Se o aspecto pedagógico existe na história, também há,

¹⁸⁰ Cassiano NUNES, *A atualidade de Monteiro Lobato*, p. 169.

¹⁸¹ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 234 (2º tomo).

¹⁸² Monteiro LOBATO, *Conferências, artigos e crônicas*, p. 348. Essa entrevista foi concedida ao repórter Murilo Antunes Alves, da Rádio Record.

indiscutivelmente, o desejo de ultrapassá-lo, ao se oferecer à criança muito mais a prosa de ficção do que a utilitária. Isso se constata até por um anúncio do livro, veiculado, já em fevereiro de 1921, como se apontou antes, na *Revista do Brasil*¹⁸³.

Depois do título da obra e do nome de seu autor, colocados na parte superior da publicidade, em caixa alta, lê-se o que segue: “(Edição escolar, completa) É um livro fora dos moldes habituais e feito com o exclusivo intuito de interessar a criança na literatura.” Mais abaixo, sob o desenho que reproduz a capa do livro, se encontra, sublinhado, o seguinte alerta: “O livro que não interessa a criança é um mal: cria o desapego, quando não o horror à leitura.” Na parte inferior do anúncio, aparece: “*Narizinho Arrebitado* forma um volume de 181 páginas, em corpo 12, com todos requisitos didáticos e é magnificamente ilustrado com 114 desenhos de Voltolino.” Como última informação, encerrando o anúncio, surge o preço do livro: “2\$500”.

Em abril de 1921, mês correspondente ao número 64 do periódico, o anúncio do livro ganha informações novas, destacando a adoção da obra pelas escolas públicas paulistas. No alto, lê-se, em letras sublinhadas: “Um novo livro escolar aprovado pelo governo de S. Paulo”. No rodapé da página, anunciam-se, também, “Comissões a revendedores”. Existe, sem dúvida, uma forte rede de atitudes voltadas para o sucesso de vendas do livro, mas isso não significa que se sacrifique seu conteúdo em favor do didático, como também avalia Leonardo Arroyo.

Ao analisar a “literatura escolar” da época, no livro *Literatura infantil brasileira*, ele cita os volumes *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac; *Saudade*, de Tales de Andrade; e *Narizinho Arrebitado*, de Lobato, como os três grandes livros da vertente. O estudioso, porém, situa a produção lobatiana numa posição de destaque na tríade, exatamente por ultrapassar o meramente pedagógico, embora se inclua no grupo por razões editoriais. Acompanhem-se suas palavras:

Este último [o livro *Narizinho Arrebitado*], embora já com características específicas de uma literatura capaz de transcender o simplesmente pedagógico, ou intencionalmente educativo, como os dois primeiros [*Através do Brasil* e

¹⁸³ *Revista do Brasil*, 17(62): oitava página de publicidade do final do periódico, fev. 1921. A grafia original foi atualizada.

Saudade], por uma questão de técnica talvez até editorial apareceu como “literatura escolar”, conforme se lê do frontispício de sua primeira edição.¹⁸⁴

Essa compreensão do livro de Lobato é aguda e se choca com a avaliação de Edgard Cavalheiro sobre o tema. O biógrafo do criador do Sítio do Picapau Amarelo acreditava que o escritor quisesse primordialmente alcançar o público escolar. Leonardo Arroyo, na obra já citada, discorda desse ponto de vista e ainda diz que Lobato, ao publicar *Narizinho Arrebitado* na fase escolar da literatura infantil brasileira, obedece a um “imperativo” do desenvolvimento histórico da literatura infantil, ou seja, o escritor percorre um caminho inevitável para consolidar-se.

Ainda que possa ter feito concessões formais em função do aludido imperativo, tão logo se consagra, o autor procura abandoná-las. Os avanços obtidos em relação à escrita escolar resultam do processo de reescrita das primeiras versões da história de Narizinho e daquelas histórias que se seguem a essa narrativa. Essa é uma das razões de Monteiro Lobato afirmar, na carta a Rangel, que realiza *melhorias* na composição de *Reinações de Narizinho*. Na modificação das histórias que compõem o livro, o autor aprimora seus recursos expressivos e ultrapassa o didatismo, sob as nuances e determinações aqui apontadas, e atinge o lúdico.

O caráter lúdico dessa produção, ressalte-se, em muito se ampara na utilização do humor nas histórias. Nelly Novaes Coelho afirma que, dessa forma, Lobato vai além da literatura educativa da época, ostensivamente sustentada na “exemplaridade adulta” e na “sentimentalidade”, esta particularmente presente no livro *Coração*, do escritor italiano Edmondo De Amicis, também citado por ela.¹⁸⁵

¹⁸⁴ Leonardo ARROYO, *Literatura infantil brasileira*, p. 187.

¹⁸⁵ Nelly Novaes COELHO, *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, p. 851.

3.4.2. O aperfeiçoamento dos temas

Na linha de raciocínio que se adota neste trabalho, as palavras de Nelly Novaes Coelho destacadas anteriormente permitem que se veja o aprimoramento no próprio percurso lobatiano rumo a uma escrita cada vez mais ajustada à criança. Em outras palavras, com base no que a pesquisadora diz, é possível proceder a uma verificação textual das *melhorias* praticadas por Lobato na própria criação, de modo a obter um universo ficcional distante do ponto de vista adulto e de seus modelos de literatura e de conduta, e uma linguagem narrativa que progressivamente se aprimora, correspondendo às expectativas do mundo infantil.

Faz-se necessário, antes do estudo comparativo da história de Narizinho narrada nas obras *A Menina do Narizinho Arrebitado* e *Reinações de Narizinho*, que se esclareça o significado de dois planos considerados na verificação. T. Todorov, no livro *As estruturas narrativas*, cita o resultado dos estudos de outro estudioso, E. Benveniste, no que diz respeito aos dois planos referidos:

Benveniste mostrou a existência, na linguagem, de dois planos distintos de enunciação: o do discurso e o da história. Esses planos de enunciação se referem à integração do sujeito de enunciação no enunciado. No caso da história, diz-nos ele, “trata-se da apresentação dos fatos advindos a certo momento do tempo, sem qualquer intervenção do locutor na narrativa”. O discurso, por contraste, é definido como “toda enunciação supondo um locutor e um ouvinte, tendo o primeiro a intenção de influenciar o outro de algum modo”.¹⁸⁶

O que se enuncia, portanto, numa obra ficcional é conseqüência do desdobramento do ato narrativo em dois níveis: aquele onde se situa o discurso do narrador e o outro que compõe a história narrada ou o mundo ficcional criado. Anatol Rosenfeld assim explica o processo aludido: “É fundamental na narração o desdobramento em sujeito (narrador) e objeto (mundo narrado).”¹⁸⁷ Ao plano do discurso correspondem, pois, os procedimentos postos em prática pelo narrador da história de Narizinho na direção de uma comunicação efetiva com o leitor

¹⁸⁶ Tzvetan TODOROV, *Linguagem e literatura, As estruturas narrativas*, p. 59.

¹⁸⁷ Anatol ROSENFELD, *O gênero épico e seus traços estilísticos fundamentais, O teatro épico*, p. 14.

criança, diminuindo a distância da recepção infantil em relação ao universo narrado. A análise de tais procedimentos é feita mais adiante, no tópico 3.4.3., dedicado ao aprimoramento da linguagem narrativa lobatiana.

Pertencem ao plano da história certos temas ou conteúdos presentes no universo imaginário criado por Lobato, o que se discute na seqüência. Comparando-se a primeira narrativa apresentada em *Reinações*, *Narizinho Arrebitado*, com a que engendra o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, nota-se que há uma clara predileção pelas cenas cômicas e irreverentes em detrimento das trágicas e dramáticas.

Substituem-se os elementos típicos da prosa para adultos, como os motivos amorosos e sangrentos dos romances de capa e espada, uma das influências percebidas na versão preliminar considerada, pelas histórias com elevado poder de comunicação com a criança, acima de tudo. Outra influência nítida em *A Menina do Narizinho Arrebitado* diz respeito à adesão do autor à fórmula dos contos de fadas, enquanto em *Reinações* tal esquema é ironizado e contestado.

Tratando primeiramente dos exemplos de cenas trágicas e dramáticas colocadas no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, pode-se principiar pelo momento em que a menina Lúcia, que possui o apelido *Narizinho Arrebitado*, está nos domínios do Príncipe Escamado, o Reino-das-Águas-Claras, e se dirige na companhia do peixinho para o hospital. Lá está a “barata-pai”, seriamente ferida pela rã verde, que havia ainda matado a “barata-mãe” e devorado todas as “baratinhas-filhas”. A menina vê quando o Príncipe pergunta ao Doutor Caramujo sobre o estado do “pai-barata” e acompanha a descrição do quadro clínico do enfermo e dos procedimentos já postos em prática diante da iminência da morte da personagem:

--- Muito mal, respondeu Caramujo. Quebrou cinco pernas, rasgou uma asa, e está todo arrebitado por dentro. Dei-lhe as pílulas de mestre Escaravelho mas não tenho esperanças de salvá-lo.

--- Já se confessou? indagou o príncipe.

--- Confessou-se agorinha mesmo e vai comungar neste instante. Aí vem Frei Louva-a-Deus com os sacramentos.¹⁸⁸

¹⁸⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 15. A grafia original foi atualizada.

O discurso do narrador que se segue ao diálogo transcrito continua instaurando os componentes trágicos e dramáticos na história, e a menção ao desejo de chorar de Narizinho ainda acrescenta sentimentalidade ao que se conta:

Nem bem pronunciara o médico tais palavras, eis que entra Frei Louva-a-Deus, acompanhado dum mosquito coroinha. Era tão triste a cena que Narizinho sentiu vontade de chorar. O frade animou o doente, falou da beleza do céu e ofereceu-lhe a hóstia sagrada: uma escamazinha de peixe. Nem podia sentar-se na cama, o pobre. Foi preciso que as irmãs enfermeiras o erguessem pelos ombros e ficassem ali a sustê-lo. O baratão moribundo engoliu a hóstia, fez uma careta, engasgou, tossiu e morreu.¹⁸⁹

A fala do médico, logo depois do falecimento, é representativa da ponderação adulta exemplar diante de uma situação como a descrita na história: “Antes assim (...). Se sarasse, que triste vida seria a sua, só no mundo, sem mulher, nem filhos...”¹⁹⁰

Na saída do hospital, o elemento trágico se combina ao componente sangrento para compor a cena chocante que Narizinho espia pela janela. Além de encarregar-se de descrever a cena, o narrador ainda introduz a fala de Narizinho com a avaliação do que está presenciando, e, mais uma vez, agora no discurso da personagem criança, embute-se um julgamento representativo do pensamento adulto: “Antes de sair, porém, Narizinho espiou pela janela e viu a rã assassina pendurada pelo pescoço a balançar-se no galho dum espinheiro. Teve dó, mas lembrando-se do pai-barata moribundo, disse consigo: - Bem feito!”¹⁹¹

Abordando a partir de agora a mesma história de Narizinho em *Reinações*, constata-se que o argumento do ataque da rã verde à família de baratas desaparece da história. Logo, os desdobramentos dramáticos, trágicos e mesmo cruéis que o ataque desencadeia, como a visita ao hospital, o recebimento da extrema-unção pela baratinha mortalmente ferida, o falecimento desta e o enforcamento da rã culpada pelos infortúnios da vítima, também são suprimidos na versão final da história.

¹⁸⁹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 15-16.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 16.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 16.

Como já se observou, opta-se pela substituição desses ingredientes pesados do universo dos adultos pela leveza e comicidade de motivos mais diretamente relacionados ao que a criança vivencia. Não se pode ignorar que a evolução das idéias de Lobato quanto a questões de ordem religiosa e moral, influi, naturalmente, na eliminação dos desdobramentos apontados acima¹⁹². Dá-se agora um engraçado bate-boca na sala do trono, envolvendo uma vivaz Narizinho, completamente diferente de sua chorosa antecessora, e uma baratinha velha e de mantilha, mais conhecida como Dona Carochinha das histórias. É interessante constatar que a idéia da personagem barata continua, mas completamente modificada na versão final. A baratinha de *Reinações de Narizinho* nada tem de dramática ou trágica, mas é intrigueira, faladeira, inconveniente e engraçada, antes de tudo.

Dona Carochinha surge no reino do Príncipe Escamado à procura de uma de suas personagens, o Pequeno Polegar, que havia fugido de sua história porque estava aborrecido de viver preso dentro desta, sem novidades. Ela começa a conversar com Escamado e Narizinho sobre a revolta de suas personagens e, sem saber da identidade da menina, confessa que desconfiava que tudo se devia a “uma tal menina do narizinho arrebitado” que todas as personagens desejavam muito conhecer. Diz ainda que acreditava que essa menina era quem havia desencaminhado o Polegar, aconselhando-o a fugir.

Quando Narizinho, com o coração batendo acelerado, lhe pergunta se conhece a tal menina, Dona Carochinha responde que não, mas sabe que ela vive na companhia de “duas velhas corocas”. Ao ouvir isso, a menina perde a compostura, numa clara negação do exemplarismo adulto de que fala Nelly Novaes Coelho, e inicia uma discussão impagável com a baratinha das histórias:

--- Dobre a língua! – gritou vermelha de cólera. Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa “bela idéia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe?¹⁹³

¹⁹² Antonio HOHLFELDT, Comparando Lobato com Lobato, p. 109. Regina ZILBERMANN (Org.), *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*

¹⁹³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 12.

Dona Carochinha fica furiosa com as palavras da menina, ameaça “desarrebitar” seu nariz, ao que Narizinho retruca que iria, sim, arrebitar o dela. A baratinha das histórias tem, então, uma típica reação infantil, plenamente integrada à realidade da criança a quem o livro é dirigido: mostra a língua magra e seca à Narizinho e se retira resmungando da sala do trono.

A escrita lobatiana, vê-se, melhora sensivelmente na direção de uma comunicação efetiva com o pequeno leitor. A criança consegue identificar situações próprias de sua experiência na história e pode realmente fruir essa ficção.

Observam-se também traços amorosos e sangrentos do romance de capa e espada adulto na narrativa *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Os exemplos que se citam para confirmar a presença da violência característica dessas narrativas são dois: o momento do ataque do Escorpião Negro à Narizinho, no salão de festas do palácio, e a narração da morte do chefe da guarda do reino pelo Príncipe, como castigo por ser desleal.

O Escorpião Negro era o pior inimigo do reino, e, ao surgir no salão onde se oferece uma festa em honra da menina do nariz arrebitado, espalha terror por todo o ambiente. Aponta os terríveis ferrões para a homenageada, pois não podia aceitar que a “pequena humana” ousasse penetrar no reino dos animais, e, está já prestes a atacá-la, quando o Príncipe avança sobre a fera. O narrador chega a descrever a cena que se passa entre Escamado e o escorpião como um “duelo”, tal como aqueles que acontecem na prosa adulta referida, com os mesmos lances brutais, inclusive, acompanhando os atos de bravura :

Trava-se um medonho duelo. A fera lança sucessivos botes de ferrão mas o príncipe apara-os com a espada, e depois de muitos golpes consegue acutilar a cabeça do inimigo. O Escorpião solta um berro de dor e investe com redobrada fúria.

Todos tremem pelo príncipe que corre sério perigo pela desigualdade das suas forças com as de um monstro daquele porte. Mas o príncipe defende-se com heroísmo, arremessando golpes sobre golpes à cabeça do Escorpião, embora já se sentisse cansado.¹⁹⁴

¹⁹⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 28.

Até mesmo a boneca Emília, que surge inesperadamente nesse momento dramático, maneja um espeto “de assar lombo de porco” como se fosse uma espada. Com esta arma executa golpes igualmente sangrentos na luta com o Escorpião Negro, o que lhe possibilita sagrar-se a heroína da contenda: “Emília (...) avançou para o Escorpião e zás! zás! fura-lhe os dois olhos num relance. O monstro dá tamanho urro que o palácio estremece, e depois rebola-se no chão espumando de cólera e dor. Hurrah! Estava ganha a batalha...”¹⁹⁵

O Escorpião Negro é levado para a prisão após esse embate e, no cárcere, combina uma revolta com o gafanhoto capitão da guarda do Príncipe. A conversa sobre os planos da rebelião é ouvida pelo sapo *Agarra-e-não-larga-mais*, que conta tudo a Narizinho e a informa sobre o planejamento do assassinato do Príncipe Escamado, do enforcamento dos nobres do reino, e do casamento forçado da menina com o Escorpião. Ela, então, avisa Escamado sobre a conspiração e o soberano captura os grilos ajudantes do capitão, prendendo-os num alçapão. Depois, atrai o capitão traidor aos seus aposentos, onde, com um primeiro e certo golpe de espada, vara seu corpo. Acompanhem-se os acontecimentos seguintes à passagem comentada:

--- Miserável! Toma, para justo castigo da tua deslealdade! Disse o príncipe cortando-lhe a cabeça com um novo golpe de espada. O corpo do capitão perereceu no tapete uns instantes, ao lado da cabeça, em cujos olhos estava o espanto pelo imprevisto desenlace da conspiração.

O príncipe, embainhando a espada, chamou alguns soldados fiéis para que levassem dali a gaiola com os três traidores.

--- Ponham dentro, junto com estes traidores, o Escorpião, amarrem em cima da gaiola uma grande pedra e lancem-na ao lago.

Os guardas assim fizeram e o monstro, em vez de casar com Narizinho e subir a um trono, foi morrer afogado no fundo da lagoa...¹⁹⁶

A fala de Narizinho, ao saber do castigo, identifica-se, mais uma vez, com um julgamento adulto: “--- Bem feito! (...) Assim morra toda a raça dos traidores!”¹⁹⁷ A definição do castigo, nota-se, alcança um elevado grau de crueldade, pois os auxiliares do capitão e o

¹⁹⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 29.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 42.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 42.

Escorpião Negro são condenados a ser jogados no lago ainda vivos, para morrerem afogados. Ainda assim, Narizinho não se comove, como se constata por seu discurso.

Um exemplo forte do traço amoroso do livro também se associa a essa cena, não apenas pelo desejo frustrado do Escorpião Negro de se casar com Narizinho, mas ainda pelo que o Príncipe Escamado diz à menina, no desfecho da história: “--- Salvaste o meu reino. Em recompensa vais receber a coroa de princesa e sentar-te no trono, ao meu lado, como a mais adorada das esposas, disse pondo-lhe no dedo o anel de noiva.”¹⁹⁸

Outro exemplo da presença do lírico em *A Menina do Narizinho Arrebitado* existe no desdobramento da luta entre o Príncipe Escamado e o Escorpião Negro, mas já se insinua num outro trecho do início da história, quando Narizinho e o Príncipe encaminham-se para o Reino-das-Águas-Claras. Depois da fala da menina, aceitando o convite para conhecer os domínios de Escamado, o narrador enuncia: “Dizendo isto, ergueu-se, deu-lhe o braço, e seguidos pela Emília, que, muito tesinha, ia atrás feito criada, foram-se os dois, como um casal de namorados, em direção ao Reino-das-Águas-Claras.”¹⁹⁹

Com respeito ao episódio da luta, apesar de ser decidida pela boneca, Narizinho se apaixona pelo Príncipe por causa de sua valentia, já que ele arrisca a própria vida na tentativa de salvá-la. No dia seguinte à batalha, a menina mantém com Dona Aranha um diálogo cujo assunto é o sentimento em relação a Escamado. As marcações do narrador captam as reações da menina e da costureira diante da afeição revelada e conferem romantismo à cena:

--- Vou confessar-te, amiga aranha, o meu segredo. Desde ontem que me sinto apaixonada pelo príncipe... Disse e corou. A Aranha sorriu-se e respondeu:

--- E ele muito merece o amor da menina, porque não existe no mundo inteiro príncipe mais valoroso. Meu desejo é que se casem porque do contrário o príncipe é capaz de engraçar-se d’alguma barata e o reino sofreria a vergonha de ser governado por uma rainha que volta e meia perde a casca.²⁰⁰

A concessão ao mundo dos adultos é tão grande, vê-se, no trecho acima, que existe até mesmo a referência a um modelo de conduta esperado de uma mocinha da época quando

¹⁹⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 43.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 9.

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 31-32.

experimenta o sentimento amoroso: Narizinho fica vermelha ao falar que está apaixonada. Agindo tal como os adultos esperam, ou seja, portando-se de um modo exemplar na vivência do primeiro amor, a menina recebe um sorriso de compreensão da madura Dona Aranha.

Na descrição da festa veneziana, oferecida pelo Príncipe Escamado e tendo Narizinho como única convidada, os elementos selecionados são característicos dos escritos românticos:

... houve uma pequena festa noturna nos jardins do palácio. Pelas avenidas de areia muito alva perfilavam-se vaga-lumes imóveis, de olhos arregalados como tochas, servindo de lampiões. No lago, pequenas rãs serenatistas coaxavam, compassadamente, o “Noturno do Luar”, acompanhados do cri-cri de milhares de grilinhos. O Príncipe deu uma volta pelo jardim em companhia da menina e depois a convidou para um passeio de gôndola. Lá se foram, na gôndola de madreperola, remada por doze cavalos-marinhos.

E vogaram sobre as águas, embalados pelos formosos versos que uma libelinha poetisa recitava ao som de pequenina harpa tangida por mestre Louva-a-deus.²⁰¹

Cotejando-se, mais uma vez, o que se apontou acima com o que existe em *Reinações de Narizinho*, constata-se que associações com a prosa adulta não ocorrem. Não há, portanto, cenas brutais de luta características do romance de capa e espada e nem o tratamento lírico do envolvimento de Narizinho com o Príncipe Escamado. Na reescrita do momento em que a menina e o Príncipe se encaminham para o reino, a mudança é clara: “E lá se foram os dois de braços dados, como velhos amigos. A boneca seguia atrás sem dizer palavra.”²⁰² A descrição da festa noturna nos jardins do palácio é suprimida da versão definitiva.

Quanto a lutas, a única da primeira história do livro é uma divertida disputa que se dá entre Narizinho e Dona Carochinha pela personagem Pequeno Polegar. A baratinha fareja o cheiro do Polegar e retorna à presença do Príncipe na hora do jantar. De fato, o pequenino se encontra no palácio, mas disfarçado de bobo da corte. A menina percebe o disfarce e tenta proteger a personagem, para impedir que volte à história da Carochinha. Esconde, então, o falso bobinho na manga do vestido, mas a baratinha das histórias descobre tudo e avança para

²⁰¹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 36.

²⁰² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

Narizinho, que recebe, nesse momento, a ajuda da boneca Emília. Diferentemente do que ocorre na versão preliminar dessa história, porém, a bonequinha não executa sua ação com um lance de valentia, mas de esperteza, e isso acrescenta graça à cena. Acompanhe-se a narração do momento em que a baratinha é vencida:

Foi um rebuliço na sala. A velha [Dona Carochinha] atracou-se com a menina, e certamente que a subjugaria, se a boneca, que estava na mesa ao lado de sua dona, não tivesse tido a bela idéia de arrancar-lhe os óculos e sair correndo com eles.

Dona Carochinha não enxergava nada sem óculos, de modo que ficou a pererecar no meio da sala como cega, enquanto a menina corria a esconder Polegar na gruta dos tesouros, bem lá no fundo de uma concha.²⁰³

Emília tem, nota-se, um comportamento representativo da vivência infantil, ao contrário da atuação narrada em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em que a bravura da boneca é um valor muito mais associado ao universo adulto. Como a criança leitora, Emília também faz uma travessura, mas essa ação é astuta, porque resolve um conflito, e se justifica pela finalidade nobre do ato: salvar o Pequeno Polegar das garras de Dona Carochinha e possibilitar que viva histórias diferentes daquela da qual já se cansou.

A cena tem imensa capacidade de agradar a criança, pois além de trazer algo que ela conhece bem, a travessura, ainda dignifica o ato. Ao conferir dignidade à traquinagem, a história torna-se irresistível para o infante da época, levado pelo ensinamento adulto a encarar a travessura como algo condenável. A cena, enfim, agrada porque contraria radicalmente o exemplarismo das pessoas mais velhas, abraçando por completo a irreverência própria do comportamento da criança.

A associação do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* com o universo adulto ainda se dá na adesão à estrutura do conto de fadas, o que se verifica nas passagens do vestido da menina e de sua ida ao baile. Os momentos aludidos são considerados representativos da postura adulta, porque a escrita deles incorpora motivos da história de Cinderela numa atitude que se acredita de reverência às velhas fórmulas dessa narrativa. Não se consegue ler as

²⁰³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 17.

passagens sem que se recorde da história da Gata Borralheira sendo preparada pela Fada Madrinhá para ir ao baile no palácio, e, lá, sendo a razão da inveja das irmãs feias. Na história lobatiana, Dona Aranha assume o papel da Fada, que veste, penteia e ornamenta Narizinho para o momento de ir ao baile na companhia do Príncipe Escamado:

Quando julgou que já estivesse pronta veio a Aranha com vários cofres cheios de diademas, colares, anéis e braceletes capazes de dar inveja às mais opulentas princesas do mundo.

Narizinho escolheu as mais lindas e assim recamada de ouro e brilhantes ficou a cintilar como um sol.

--- Está “quase” pronta, disse a Aranha.

--- Quase? Disse Narizinho, sorrindo. Pois falta ainda alguma coisa?

A aranha respondeu mandando vir escrínios com pó das asas das mais raras borboletas e polvilhou-a inteira de azul furta-cor. Que maravilha! O próprio espelho chegou a abrir a boca, espantado de tanta formosura.²⁰⁴

Conduzida ao salão de baile pelo Príncipe, a menina é o centro das atenções, e desperta a inveja das damas presentes por entrar de braço dado com Escamado. Cinderela também é alvo de inveja, particularmente de suas irmãs feias, quando monopoliza a atenção do príncipe no baile real. Na narrativa lobatiana, é uma baratinha que demonstra o sentimento, e, corroborando a atitude adulta que subjaz à organização temática da passagem, a invejosa é castigada por não ter um comportamento exemplar:

Algumas damas chegaram a morder os lábios de inveja quando Narizinho passou à frente delas, pelo braço do príncipe, em direção ao trono. E uma feia barata descascada, amarela de inveja, murmurou ao ouvido de uma besoura de pernas cambaias, torcendo o nariz:

--- Nem por isso!...

²⁰⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 21.

Mas um gentil grilinho verde que estava atrás ouviu o desabafo da invejosa e castigou-a, ferrando-lhe uma terrível dentada na perna seca. A barata gemeu de dor mas aproveitou a lição, ficando bem caladinha o resto da noite.²⁰⁵

Em *Reinações de Narizinho*, também se narra o momento em que a personagem veste-se para o baile, mas, curiosamente, quem se torna a estrela da cena é Dona Aranha e não Narizinho. Ela conta à menina detalhes saborosos de sua vida, como sua experiência na feitura dos vestidos de casamento das princesas das histórias: “Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados.”²⁰⁶

Quando a menina pergunta se também costurou para Branca-de-Neve, a costureira do reino afirma que sim e ainda lhe conta que ficou manca nessa ocasião, ao deixar cair a tesoura sobre seu pé esquerdo. No momento em que Narizinho fica pronta, tão linda estava, que chega a rachar o espelho da costureira de alto a baixo, em seis pedaços. Dona Aranha põe-se a dançar de alegria por causa disso, e assim explica o motivo de seu contentamento:

--- Ora graças! (...) Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu esse espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.”²⁰⁷

Percebe-se que realmente é Dona Aranha a estrela da cena, pois além de viver um momento crucial de sua vida, como ela explica, é a própria personagem que se encarrega de contar os fatos de sua existência à Narizinho, instituindo-se a narradora de sua história. É fundamental apontar que a atitude em relação à organização dos contos de fadas em *Reinações de Narizinho* é de irreverência. Não se percebe a adesão a seus motivos, como se

²⁰⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 21-22.

²⁰⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 18.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 19.

verifica na versão preliminar da história de Narizinho, mas, ao contrário, nota-se o deliberado desejo de alterar essas narrativas, incorporar-lhes fatos novos e mesmo contestá-las.

O ponto de vista transgressor que se verifica na abordagem dos contos de fadas em *Reinações* é muito mais ajustado à criança do que a incorporação de seu arranjo convencional. É mais ajustado, porque faz parte da psicologia infantil a disposição para a experimentação e para a mudança, ao passo que os adultos têm uma resistência maior para a quebra de convenções. Por isso a escrita de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, na cena que narra a preparação de Narizinho para o baile, associa-se ao universo adulto. Consta-se que o narrador, imitando os motivos da história de Cinderela, reverencia e confirma uma estrutura cristalizada.

Em *Reinações de Narizinho*, portanto, essa estrutura não apenas é modificada, como até mesmo contestada e ironizada. A modificação se dá com os detalhes que Dona Aranha acrescenta às histórias das princesas dos contos maravilhosos, narrando a Narizinho que foi a responsável pela confecção de seus vestidos. A contestação fica clara quando Dona Carochinha conta para o Príncipe e para a menina seus dissabores com a revolta de suas personagens, ansiosas por viver outras aventuras, diferentes daquelas que experimentam em suas histórias.

A idéia de rebelião permanece, pois, mas não mais se associa a um plano de deposição do governo, como acontece em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Eliminam-se os motivos violentos ligados à conspiração, como a menção a enforcamentos e mortes por afogamento, e a narração da morte do chefe da guarda do Príncipe, varado e decapitado pela espada do soberano. Em *Reinações de Narizinho*, enfim, fixa-se outra revolta, a das personagens das histórias de Dona Carochinha, extremamente mais apropriada para a recepção infantil. Acompanhe-se a fala da baratinha, e atente-se também para o pendor narrativo de seu discurso:

--- Não sei (...), mas tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladino queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato-de-Botas brigou com o Marquês de

Carabas e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Felix. Branca-de-Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruga na cara. Andam todos revoltados, dando-me um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.²⁰⁸

3.4.3. O aprimoramento da linguagem narrativa

Na comparação já feita entre o primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho* e sua versão preliminar, as diferenças que marcam as *melhorias* na direção de uma escrita ajustada à criança se voltam essencialmente para o campo do mundo narrado, como o cômico, o irreverente, o contestatório, em oposição ao trágico, ao dramático, ao exemplar. Faz-se necessária, pois, a verificação do aprimoramento do discurso literário de Monteiro Lobato e dos avanços obtidos nos mecanismos de construção do narrar.

3.4.3.1. A fusão real/maravilhoso

Uma primeira evolução que se impõe, e já foi largamente comentada pelos estudiosos do escritor, diz respeito à eliminação das fronteiras entre a vida real e o mundo da fantasia. Nelly Novaes Coelho assim se posiciona sobre tal conquista:

Todas as situações narradas em cada livro acontecem (ou começam) no Sítio do Picapau Amarelo, espaço familiar onde vivem pessoas comuns (avó, netos, empregada, brinquedos, bichos...). Nesse ambiente conhecido e comum, surge de repente um elemento estranho, pertencente ao reino do imaginário, do sonho ou da fantasia. Mas, devido à naturalidade com que esse elemento estranho passa a integrar o natural, ambos se igualam ou se identificam como possibilidade de existência.²⁰⁹

²⁰⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 11.

²⁰⁹ Nelly Novaes COELHO, *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, p. 850.

Coelho explica que a identificação do escritor com a renovação operada nas artes, no período em que produz, o leva a gradativamente obter a fusão dos dois espaços em sua obra. O raciocínio da pesquisadora pode ser complementado com o de Marisa Lajolo. Essa estudiosa diz que determinados procedimentos literários desenvolvidos por Lobato, aos quais seguramente se associa a mencionada fusão, atestam “a sintonia do autor com o mundo moderno de seu tempo”. Acompanhe-se seu ponto de vista:

... todos os índices da modernidade de Lobato (modernização do modo de produção da literatura, a concepção moderna de livro e de leitura, projeto de criação de uma literatura infantil) poderiam ser insuficientes se outros aspectos, agora internos à sua obra, não apontassem também para um projeto e uma prática de modernidade e mesmo de vanguarda presidindo à sua produção literária.²¹⁰

A síntese lobatiana referida acima é um traço moderno, portanto, e se conquista mediante a reescrita dos textos. Nessa tarefa, Monteiro Lobato assinala a passagem de uma visão distanciada do específico infantil para o tratamento literário que integra essa experiência. Desse modo se compreende a anulação dos limites entre o mundo real e o espaço do maravilhoso: exatamente como faz a criança, que vivencia a fantasia sem a preocupação com a lógica e mistura o real e o imaginário de modo natural, os meios narrativos lobatianos passam a exprimir a mesma perspectiva, reorganizando eficazmente o que é próprio da infância. A esse respeito, é oportuno citar as palavras de Lobato expostas no artigo de Edgard Cavalheiro, “No Sítio do Picapau Amarelo”, de 1942. Cavalheiro lembra que o escritor assim respondeu a um repórter, sobre a razão de escrever para crianças:

O gosto que sinto em escrever histórias que irão dar prazer às crianças prova que estou chegando à idade mental delas. A criança que mais se diverte com as minhas histórias é a que subsiste ou está renascendo dentro de mim. Eis tudo... Velhice...²¹¹

²¹⁰ Marisa LAJOLO, A modernidade em Monteiro Lobato, *Letras de Hoje*, 15 (3): 20.

²¹¹ Edgard CAVALHEIRO, No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11.1.1942.

Para que se possa perscrutar o aprimoramento em questão, importa que se comparem as técnicas narrativas do escritor no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* e em *Reinações de Narizinho*. Considera-se, no paralelismo, o capítulo Narizinho Arrebitado, por ser aquele que mais diretamente corresponde à história primitiva. Acompanhe-se o trecho do primeiro livro citado:

Certa vez, estando a menina à beira do rio, com a sua boneca, sentiu os olhos pesados e uma grande lombeira pelo corpo. Estirou-se na relva e logo dormiu, embalada pelo murmurinho do ribeirão. E estava já a sonhar um lindo sonho quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos e, com grande assombro, viu de pé na ponta do seu narizinho um peixinho vestido.²¹²

O momento narrado no fragmento é o do início da aventura no maravilhoso Reino-das-Águas-Claras, quando Narizinho se comunica com um dos peixinhos do ribeirão e o segue até seu palácio, já que o peixinho é o Príncipe daquele reino. O narrador dos eventos experimentados pela menina é alguém que não faz parte da história contada, isto é, não é personagem dela, e posicionado de fora, vai relatando ao leitor o que se passa com Narizinho. O conhecimento que o narrador tem dos eventos é profundo, pois ele demonstra saber o que a menina sente, faz e até mesmo sonha.

Esse alguém que narra, portanto, tem um domínio e uma clareza intensas das situações narradas e pode, assim, demarcar com precisão as etapas vividas pela personagem no início da aventura: ele explicita que a moleza de corpo de Narizinho a leva a estirar-se na grama à beira do ribeirão; o barulho das águas faz com que durma; durante o sono, ela sonha, e, nesse sonho, sente que há um peixinho na ponta de seu nariz.

Tudo é explicitado pelo narrador de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, vê-se, e se compreende que a vivência do maravilhoso é fruto de um sonho de Narizinho durante uma soneca à beira do ribeirão do sítio. O final da aventura é igualmente narrado com pleno conhecimento do que se passa com a menina e se confirma a experiência incomum no reino dos peixinhos como um sonho:

²¹² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 4-5.

Narizinho sentiu uma alegria imensa e, toda perturbada, ia responder, quando uma voz conhecida a despertou:

--- Narizinho, vovó está chamando!

A menina sentou-se na relva, esfregou os olhos, viu o ribeirão a deslizar como sempre e lá na porteira a tia velha de lenço amarrado na cabeça.

Que pena! Tudo aquilo não passara dum lindo sonho...²¹³

Percebe-se que há uma preocupação em tornar claros os limites que separam as dimensões da história contada. O narrador parece querer que o leitor perceba a existência de uma lógica na vivência das duas experiências narradas. Narizinho somente pode transfigurar o local onde mora com a avó e a tia velha, e chegar ao reino maravilhoso, de um modo: sonhando.

Bem distinta é a narração das situações referidas no primeiro capítulo do livro *Reinações de Narizinho*, Narizinho Arrebitado. Embora nesta história o narrador ainda seja alguém que não é personagem dela e também a conte de fora, ele não demonstra ter a mesma preocupação com a lógica das ações vividas por Narizinho. Parece mesmo não ter exata noção de como tudo começa. Acompanhe-se a narração do início daquela aventura:

Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.²¹⁴

É interessante que o narrador do livro *Reinações*, no capítulo estudado, acrescenta um dado ao momento narrado. Ele conta que Narizinho acompanha as formas assumidas pelas nuvens, “ora castelos, ora camelos”, e se refere ao movimento delas no céu com uma metáfora que lembra muito a postura infantil de fantasiar os fenômenos naturais: as nuvens “passeavam” pelo céu. Ao contrário, ainda, do narrador arrevesado de *A Menina do Narizinho*

²¹³ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 43.

²¹⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

Arrebitado, que utiliza vocábulos e expressões distantes do cotidiano infantil, como “grande lombeira pelo corpo”, “estirou-se”, “relva”, “com grande assombro”, o narrador de *Reinações de Narizinho* possui um estilo identificado com o repertório lingüístico da criança, e isso o leva a suprimir tudo o que dificulta a recepção.

Assim, as expressões mencionadas desaparecem, num exercício de economia verbal surpreendente, pois o narrador obtém uma solução lingüística plenamente adequada à necessidade do pequeno leitor, e, no lugar das palavras complicadas, surgem os sinônimos de fato conhecidos e empregados pelos destinatários do texto: “deitou-se”, “grama”. Com tais processos de eliminação de frases e substituição de palavras, o narrador de *Reinações* adota uma perspectiva de todo coerente com a matéria narrada, o mundo da criança, e seu autor consolida um fazer literário caracterizado pela negação do excessivo, do rebuscado, do redundante.

A integração às especificidades infantis na história considerada de *Reinações de Narizinho* não se restringe ao universo narrado, portanto. O próprio discurso do narrador acomoda-se para dar conta do que é característico da criança: não há preocupação com limites lógicos na experiência do maravilhoso; cita a contemplação, pela personagem Narizinho, das formas imaginárias assumidas pelas nuvens, e figura o movimento delas no céu como um passeio, exatamente como poderia proceder um infante na observação da mesma realidade natural. Amparando todo o empenho narrativo está a linguagem clara e enxuta, em absoluta correspondência com a experiência dos pequenos.

Constata-se, pois, que a técnica narrativa de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, no que diz respeito à apresentação da vivência do maravilhoso e pelas razões anteriormente apontadas, não está de todo integrada à perspectiva infantil, chegando mesmo a dessa se distanciar. No capítulo em foco do livro *Reinações de Narizinho*, ao contrário, como se demonstra acima, o discurso se transforma para que ocorra a identificação com o destinatário do texto. No encerramento da experiência no Reino-das-Águas-Claras, essa aproximação com o específico infantil é reconhecida pela maneira como se narra o retorno, na qual se percebe unicamente a preocupação com a lógica do texto:

E [Narizinho] voltou para o palácio, onde a corte estava reunida para outra festa que o Príncipe havia organizado. Mas assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande estrondo lá fora – o estrondo duma voz que dizia:

--- Narizinho, vovó está chamando!...

Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar.

Estavam no sítio de Dona Benta outra vez.²¹⁵

O narrador resolve, em seu discurso, tão naturalmente o retorno das personagens ao sítio, que o leitor quase não percebe o momento da passagem de um mundo para outro. A fala de tia Nastácia se infiltra no mundo do imaginário, mostrando que os dois espaços não se excluem, mas se fundem e se completam. Além disso, o narrador do capítulo estudado de *Reinações de Narizinho*, diferentemente daquele de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, não instaura o desconsolo, por tudo não ter passado de um sonho. Acrescenta, porém, momentos de suspense ao que narra, criando expectativa, sentimento muito mais ajustado aos pequenos leitores.

A reescrita do retorno de Narizinho ao espaço do sítio sem a explicação do sonho, diga-se, pode ter sido influenciada pela própria resposta do público infantil à ficção criada por Lobato. Confirma isso uma das cartas apresentadas na publicidade do livro *Narizinho Arrebitado*, veiculada em abril de 1921, no jornal *O Estado de S. Paulo*. Trata-se da opinião de um pequeno leitor desse volume, que ainda mantém, vê-se, a escrita com a justificativa do sonho para a vivência do maravilhoso:

Até sonhei com tanta coisa engraçada. Aquele Doutor Caramujo que amolava toda a gente com as tais pílulas do Serra-Pau. Mas antes não lesse porque agora quero saber o resto da história e não posso. Por que é que disse no fim que era sonho? Eu queria que não fosse sonho...

Eduardinho Costa²¹⁶

²¹⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 29.

²¹⁶ *O Estado de S. Paulo*, 12.4.1921. p. 12.

Monteiro Lobato não ficaria insensível a uma opinião como essa, tendo o escritor, é sabido, grande preocupação com o que de fato interessa e encanta seus leitores. O envolvimento que o emissor do discurso obtém dos receptores ainda se sustenta na utilização de recursos típicos das narrações orais, bastante familiares à criança. Faz-se uso do reforço e da mostra de progressão da narrativa. O reforço é conseguido com a repetição da palavra “estrondo”: “Mas assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande *estrondo* lá fora – o *estrondo* duma voz que dizia...”. O segundo recurso, a mostra de progressão da narrativa, é um efeito estilístico alcançado com o emprego da palavra “então”, pontuando a sucessão dos eventos narrados:

Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio *então* uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar.²¹⁷

O ajustamento da linguagem narrativa obtido em *Reinações de Narizinho*, portanto, viabiliza a comunhão do texto com seu destinatário, e, desse modo, conforme diz Antonio Candido, o pequeno leitor sente-se preparado para “incorporar a sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade.”²¹⁸

3.4.3.2. A tonalidade oral

Não se esquece o fato de que a ficção infantil de Monteiro Lobato, já desde seu nascedouro, busca diminuir o impacto sobre a criança leitora de uma realidade inevitável em se tratando de textos infantis: a assimetria produção/recepção, ou seja, trata-se de literatura escrita por adultos, mas lida por crianças. Como vem-se demonstrando ao longo deste trabalho, a produção de Lobato, ainda que esteja sob o comando de um adulto, procura compensar a mencionada diferença mobilizando recursos literários que se harmonizem com as expectativas da infância. A técnica de oralizar o discurso narrativo é, justamente, como se antecipa acima, mais um progresso nesse sentido, e, não obstante já se identifique a iniciativa

²¹⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 29.

²¹⁸ Antonio CANDIDO, A literatura e a formação do homem, *Ciência e Cultura*, 24 (9): 809, set. 1972.

em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em *Reinações de Narizinho* isso se mostra de modo muito mais elaborado.

É importante ressaltar que a simulação do contar histórias oralmente era, já em 1916, uma meta dentro do projeto de Lobato de escrever para crianças. Isso se verifica numa carta escrita, em setembro daquele ano, a Godofredo Rangel, quando o escritor ainda residia em sua fazenda. Depois de revelar a idéia de adaptar velhas fábulas de Esopo e La Fontaine para a forma narrativa, explica:

Veio-me [a idéia] diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha lhes conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão.²¹⁹

Como o pensamento de Lobato indica, sua idéia de ficção para crianças não prescinde do condão de encantamento das narrativas orais, capazes que são de prender a atenção, pelos recursos ativados pelo contador, e de se perpetuarem, em razão da simplicidade de sua estrutura. Está, pois, na base da literatura infantil lobatiana o desejo de criar uma linguagem narrativa inspirada nos meios do contar como acontecem numa situação de uso da língua oral. Por isso, ao concretizar seu projeto, com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, foi fiel à idéia exposta a Rangel. Abrindo a história há um narrador que já dá mostras de querer conquistar o leitor com recursos característicos do discurso vivo, o que se verifica abaixo:

Naquela casinha branca, - lá muito longe, mora uma triste velha, de mais de setenta anos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e trêmula, e catacega, sem um só dente na boca – jururu... Todo o mundo tem dó dela: - Que tristeza viver sozinha no meio do mato...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pai e mãe, que lá mora desde que nasceu. Menina morena, de

²¹⁹ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 104 (2º tomo).

olhos pretos como duas jabuticabas – e reinadeira até ali!... Chama-se Lúcia, mas ninguém a trata assim. Tem apelido. Iaiá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apelido é “Narizinho Arrebitado”, - não é preciso dizer por quê.²²⁰

A principal marca de oralidade notada na passagem é o voltar-se do emissor do discurso para o leitor. Como alguém que está diante de um público de fato, o narrador parece, em determinados momentos, responder a manifestações dele. A frase enunciada pelo narrador no início do segundo parágrafo – “Pois estão enganados.” - parece corrigir uma intervenção do público em concordância com a afirmação feita sobre a aparente tristeza da velha senhora; já o trecho do final da passagem destacada - “Iaiá? Nenê? Maricota? Nada disso.” – simula responder a indagações dos ouvintes sobre o nome da menina.

Podem ser apontadas ainda, como recursos do discurso oral, as impressões externadas pelo narrador acerca das personagens apresentadas, em que o emprego do ponto de exclamação auxilia no realce necessário para cativar o público: “Naquela casinha branca, - lá muito longe, mora uma triste velha, de mais de setenta anos. *Coitada!*” ; “Menina morena, de olhos pretos como duas jabuticabas – e *reinadeira até ali!*...”

A linguagem narrativa do início da história *A Menina do Narizinho Arrebitado*, entretanto, quando confrontada com a desenvolvida em *Reinações de Narizinho*, revela que a tonalidade oral daquela passagem é tão incansavelmente buscada que o discurso, por vezes, se sobrecarrega. Tem-se a impressão de que o narrador quer, a todo custo, cativar o leitor para a história, mas, nesse intuito, exagera na informalidade. O resultado é que apresenta a velha senhora, primeira a surgir na história, de um modo irreverente demais, chegando a ser displicente quanto a uma informação básica a seu respeito: o nome da personagem. Ao longo da narrativa, diga-se, a avó de Narizinho não é nomeada em momento algum.

É oportuno dizer que a omissão do nome da senhora idosa não combina com o conhecimento que o narrador demonstra ter da personagem. Ele detém muitas informações a respeito da velha senhora para ignorar o próprio nome dela. Descreve os atributos físicos da personagem – “... trêmula, catacega, sem um só dente na boca...” - ; fala de seu temperamento com o privilégio do conhecimento correto dele, já que outros se enganam ao ver aquela senhora – “A velha vive feliz e bem contente da vida...”; e ainda dá a entender que conhece Lúcia e a avó há muito tempo, desde o nascimento da menina, pelo menos, pois, ao explicar o

²²⁰ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 3.

motivo da felicidade da mulher, informa: “A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pai e mãe, que lá mora desde que nasceu.”

Em razão da incongruência apontada, é possível relacionar tal omissão ao recurso denominado de *paralipse* por G. Genette. O teórico trata do assunto na categoria *modo*, da obra *Discurso da narrativa*, como um dos tipos possíveis na *alteração* do ponto de vista. Isso quer dizer que a paralipse consiste “em dar menos informação do que aquela que é, em princípio, necessária”, ou, ainda, “deixar (-lipse, de *leipo*) uma informação que se deveria tomar (e fornecer)”²²¹.

Como o narrador de *A Menina do Narizinho Arrebitado* demonstra conhecer profundamente a velha senhora, significa, na terminologia genettiana, que ele adota a *focalização zero*. Focalizar é restringir; portanto, na focalização zero, o narrador nada focaliza, nada restringe, pois tem plena consciência de tudo o que se passa na história e faculta esse conhecimento integral ao leitor. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, no *Dicionário de teoria da narrativa*, consideram “terminologicamente mais preciso falar em *focalização onisciente*”²²² no caso em questão. Se o narrador do volume em estudo, enfim, tudo sabe a respeito da personagem, é incompreensível que não a nomeie. A paralipse decorre dessa constatação.

Lúcia, claro, é a protagonista da história. Uma provável razão para a ocorrência da paralipse é o propósito de dar à menina destaque absoluto, muito embora se perceba, em vários momentos da história, o apagamento da personagem em relação a determinados companheiros de cena. Comparando-se, porém, a passagem comentada com a que abre o capítulo *Narizinho Arrebitado*, em *Reinações de Narizinho*, descobre-se que se opta pela nomeação:

Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

--- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

²²¹ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 193-194.

²²² Carlos REIS e Ana Cristina M. LOPES. *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 254.

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.²²³

A nomeação, vê-se, é uma das marcas da narração do trecho. Não só a avó de Narizinho é nomeada. Antes mesmo de o leitor saber que a velha senhora chama-se Dona Benta, fica sabendo também o nome da própria localidade onde as ações se passam: sítio do Picapau Amarelo. A integridade das informações oferecidas é coerente e esperada da focalização adotada neste momento pelo narrador, a focalização zero ou onisciente. Todos os detalhes importantes para o acompanhamento minucioso da narrativa, como nomes e atributos dos seres ficcionais, são fornecidos, sem que isso, no entanto, sobrecarregue o discurso. Esse efeito é obtido mediante o apuro da linguagem narrativa.

Apesar de ser preservada a tonalidade oral, com a mesma intenção de voltar o discurso para o leitor, inclusive, esta não sacrifica a contenção exigida pelo contar em sua forma escrita, como mostra a passagem que segue: “Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: --- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas engana-se.” Não há os excessos nem a informalidade permitidos apenas nas manifestações orais de fato.

Digressões do narrador acerca das personagens inexistem e há, nitidamente, uma mudança na apresentação dos atributos das personagens. Dona Benta é remoçada em dez anos e torna-se muito mais simpática para os leitores sem a ênfase em sua decrepitude, como ocorre na versão primeira da história.

O apontamento de visão deficiente com o uso do termo mais rude e depreciativo, “catacega”, em *Reinações de Narizinho* se transfere para a personagem tia Nastácia, apresentada mais adiante na história. Acompanhe-se uma passagem do capítulo O casamento de Narizinho, em que a cozinheira do sítio fala de si própria a Dona Benta: “Mas se chegar esse tempo, Sinhá, mecê que trate de arranjar outra cozinheira. Assim catacega como sou, tenho medo de escamar e fritar um bisneto de mecê pensando que é alguma traíra...”²²⁴

²²³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3.

²²⁴ *Ibid.*, p. 103.

Dona Benta, enfim, na versão definitiva da história, surge como uma senhora ativa e não decrepita, pois o narrador informa que ela ainda costura. Para falar de sua visão, já comprometida pela idade, o narrador diz que ela usa “óculos de ouro”. Tal informação ameniza a idéia da velhice da personagem e ainda empresta ares aristocráticos a ela, algo bem distinto do que há no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em que a descrição da velha senhora faz pensar numa mulher matuta.

Narizinho também é apresentada com muitas diferenças em relação à escrita primeira. Como o narrador é comedido e não procura cativar o leitor a todo custo, mas na medida certa, no lugar do tratamento da condição de órfã da menina, algo que poderia envolver o receptor com o apelo à comoção, ele escolhe dizer o quanto é encantadora e citar-lhe uma aptidão - “... tem sete anos (...) e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.” - , o que leva o leitor a admirá-la e jamais sentir pena dela. Ainda fala de um gosto alimentício característico de crianças dessa idade, a pipoca, e continua acentuando sua morenice.

O narrador de *Reinações* não fala dos olhos pretos da menina, algo muito mais apropriado na ficção para adultos, e compara seu tom de pele à fruta jambo. Confere-se, pois, altivez à Lúcia, tal como acontece com Dona Benta, e, ao mesmo tempo, aproxima-se Narizinho do perfil dos destinatários do texto, quer por sua característica física, representativa da menina brasileira em geral, quer pelos gostos a ela atribuídos, comuns na faixa etária em que se encaixa.

O que mais chama a atenção, portanto, é a obtenção da dinamicidade da narração, como também observa Antonio Hohlfeldt²²⁵, no que diz respeito à linguagem narrativa construída em *Reinações de Narizinho*, de modo geral, e ao discurso com tonalidade oral, especificamente. Enxuga-se o texto, mas sem prejuízo da naturalidade com que o narrador conduz a história. Para reforço do que se disse, atente-se para outra passagem do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O trecho abaixo dá conta do momento em que Narizinho, já com o Príncipe Escamado sobre seu nariz, recebe a visita de outra personagem, mestre Cascudo, o besouro, em sua testa:

Tão admirada ficou a menina da maravilhosa cena que reteve o fôlego, com medo de assustar o curioso [Príncipe Escamado], e assim permaneceu algum

²²⁵ Antonio HOHLFELDT, Comparando Lobato com Lobato, p. 109. Regina ZILBERMANN (Org.), *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*.

tempo até que a zoadada de um inseto a distraiu. Era um besouro que voava por cima da sua cabeça e que depois dumas tantas voltas veio pousar-lhe na testa. Narizinho, arrepiada, ia espantá-lo com um bom tabefe, quando notou que também ele estava vestido de gente, com sobrecasaca, óculos e bengalão. Conteve-se e ficou bem quietinha a ver em que dava aquilo. O besouro, notando a presença do senhor peixe, levou a mão ao chapéu e cumprimentou-o amavelmente...²²⁶

A ênfase das idéias talvez seja o que de mais ostensivo da linguagem oral se verifique no excerto. A adjetivação, percebida tanto nos predicativos – “Tão *admirada* ficou a menina...”; “Narizinho, *arrepiada*...” – como nos adjuntos adnominais – “... da *maravilhosa* cena...”; “Narizinho (...) ia espantá-lo com um *bom* tabefe...”; “...depois dumas *tantas* voltas... - ; o grau aumentativo, no caso da palavra *besouro*; e mesmo o pronome de tratamento, identificado na frase “...notando a presença do *senhor* peixe...”, são todos mecanismos lingüísticos que colaboram para a intensificação do que se narra.

Em substituição ao discurso enfático adotado pelo narrador de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em *Reinações de Narizinho*, mais uma vez, se reconhece o discurso marcado pelo equilíbrio e pela moderação. Na comparação das passagens, são notórias as modificações, todas com vistas à eliminação dos elementos acessórios e que apenas sobrecarregam o discurso. Acompanhe-se o trecho do primeiro capítulo do livro:

A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengalão.

Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessante estava achando aquilo.

Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente.²²⁷

²²⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 5.

²²⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

O fluxo da narração aprimora-se sensivelmente, vê-se. São retirados os elementos desnecessários e as idéias são comunicadas pelas palavras cuja presença no texto é essencial. A utilização da catacrese – “Espiou com o rabo dos olhos.” – reforça o propósito de simplicidade estilística, pois estabelece uma relação de similaridade quase não percebida como tal, dado seu coloquialismo. O resultado é um discurso preciso, econômico e apropriado à recepção infantil.

O cuidado na seleção do que realmente se ajusta à criança explica a substituição do advérbio de modo que fecha o trecho discutido. A troca da idéia de amabilidade para a de respeito parece indicar a intenção de destinar ao pequeno leitor uma linguagem menos concessiva, concepção que talvez regesse a organização literária de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Acompanhe-se outra passagem desse livro, concebida com recursos similares aos do anteriormente comentado no que diz respeito à narração enfática.

O trecho seguinte aborda o momento em que o Príncipe Escamado e mestre Cascudo, instalados no rosto de Narizinho, passam a arrancar fios da sobrancelha da menina, acreditando que fossem barbatanas. A narração explicita, basicamente, a sensação experimentada por Lúcia, e o pensamento dela a respeito do que transcorre:

E puseram-se os dois a tirar fios da sobrancelha de Narizinho. Cada “barbatana” que arrancavam era uma dorzinha aguda, e bem vontade teve a “terra” [As pequenas personagens confundem o rosto da menina com uma “terra”, “branca” e “lisa”] de varrê-los dali com uma taponá, mas tudo suportou, sem a menor careta, tão interessante estava achando a singular aventura. E ficou imóvel, a espiar a manobra dos curiosos bichinhos entretidos na colheita das varas de barbatana, pensando lá consigo...²²⁸

Na reescrita do trecho em *Reinações de Narizinho*, além da supressão dos elementos acessórios, há a substituição de “taponá”, termo até um tanto vulgar, por “carea”, muito mais apropriado:

²²⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 6.

O besouro gostou da idéia e veio colher as barbatanas. Cada fio que arrancava era uma dorzinha aguda que a menina sentia – e bem vontade teve ela de o espantar dali com uma careta! Mas tudo suportou, curiosa de ver em que daria aquilo.²²⁹

É interessante registrar que, justamente o que o narrador nega na escrita primeira – “...*sem* a menor careta...”- , é o que se afirma na versão definitiva: “...*com* uma careta...”. A simples troca da preposição faz uma grande diferença na redação final. No lugar do discurso carregado e enfático obtém-se uma linguagem objetiva, simples e ágil em *Reinações de Narizinho*.

Essa mudança, ressalte-se, marca o amadurecimento da apreensão de Monteiro Lobato sobre as expectativas de seu público quanto ao modo de organizar as narrativas. Já em 1931, o escritor demonstra a aludida evolução, e alguns anos mais tarde, precisamente em dezembro de 1945, ele discorre sobre isso com Godofredo Rangel:

A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a *Beleza literária*. Mas o que é beleza literária para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças. (...)

Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. (...) Depois da primeira edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus!²³⁰

Pela importância do manifesto de Lobato, essa passagem da carta a Rangel será retomada outras vezes ao longo deste trabalho. Por ora fica a confirmação do escritor acerca da reescrita com o intuito de alcançar comunicabilidade irrestrita com seu receptor e, logicamente, a prova de sua preocupação com a fluência e dinamicidade da linguagem narrativa, o que ele caracteriza de “narrativa a galope”. Para obtê-la, ele retira das primeiras

²²⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 6.

²³⁰ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 371-372 (2º tomo).

versões de suas histórias todos os entraves que podem comprometer seu projeto, o que se tem apontado até aqui.

3.4.3.3. As narrativas insertas nos discursos de personagens: As hipounidades

Ainda quanto às *melhorias* empreendidas por Lobato no que respeita à linguagem narrativa, há que se comentar um outro recurso desenvolvido pelo narrador, já no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e intensamente aprimorado em *Reinações de Narizinho*. Trata-se de falas de personagens que apresentam estrutura narrativa. Em mais um esforço no sentido de aproximar as condições de produção da obra das condições de recepção dela, o escritor, já em alguns momentos do primeiro livro citado, faz com que as personagens se encarreguem de contar eventos.

Com o aprimoramento desse recurso narrativo, o escritor chegará às narrativas metadieéticas dos capítulos que se seguem ao aqui comentado, *Narizinho Arrebitado*. Por fazerem parte da discussão relacionada às *unificações* feitas em *Reinações de Narizinho*, tal evolução da linguagem narrativa lobatiana será comentada mais adiante. Importa aqui discutir o que ocorre em *A Menina do Narizinho Arrebitado* e no primeiro capítulo de *Reinações* quanto às narrativas insertas nos discursos de personagens.

Antes da exemplificação do procedimento narrativo aludido, é importante dizer que, já em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, se identifica um propósito presidindo a organização interna do livro: fazer com que o ato de contar histórias seja contínuo, ininterrupto. É como se, na construção do livro, e muito mais no caso de *Reinações de Narizinho*, existisse uma dinâmica orientando o discurso: através dele, se vivem e se contam histórias, simultaneamente. A esse princípio organizacional ligam-se as reflexões dos estudiosos da obra infantil lobatiana acerca do predomínio dos diálogos em detrimento da narração.

Nilce Sant'Anna Martins, autora de um importante estudo sobre o uso da língua portuguesa na literatura infantil de Monteiro Lobato, afirma, sobre o assunto discutido, o que segue:

Apesar de se apresentarem histórias, aventuras vividas por um grupo de personagens, a parte expositiva da narração é bastante restrita. O autor reduz ao

mínimo a sua participação de narrador, passando a palavra a suas personagens. Quase se pode dizer que suas obras são mais dramáticas do que narrativas, donde a facilidade de sua adaptação para representações. Os fatos vão sendo vividos, mais do que relatados, ou ensinados.²³¹

G. Genette designa de *cena* o procedimento comentado por Martins, ou seja, as cenas ocorrem quando o narrador está tão próximo dos eventos que é como se dessem sem sua interferência e se desenrolassem no momento mesmo da recepção. Com a instauração dos diálogos, o narrador simula ausentar-se, numa situação parecida com a da representação dramática, e tenta imitar a *duração* real dos acontecimentos. Daí a impressão referida.

Para que fiquem claras as noções apresentadas, acompanhe-se uma passagem do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O trecho escolhido enuncia o momento em que o Príncipe Escamado reconhece Narizinho e a convida para visitar seu reino. A essa altura já se encontra desacompanhado do amigo, mestre Cascudo, que, assustado com o espirro da menina, vai embora:

Pensou, pensou muito tempo, de mãozinha no queixo, e de repente, vendo a boneca ao lado da menina, bateu na testa, numa grande alegria:

--- E esta! Pois não é que é Narizinho Arrebitado, a nossa amiguinha de todos os dias? Belo encontro! Vou convidá-la a visitar o Reino-das-Águas-Claras. Empertigou-se todo, arrumou a gravata e gritou no ouvido dela:

--- Ó de casa!

--- Quem fala? Respondeu Narizinho, fingindo não saber de nada.

--- Sou eu, o Príncipe Escamado, guaru de prata para te servir.

--- E que queres tu, peixinho?

--- Quero convidar a menina para conhecer os meus domínios, lá na cidade das Pedras Redondas, no Reino-das-Águas-Claras.

Narizinho, que não desejava outra coisa, bateu palmas de alegria e exclamou:

²³¹ Nilce Sant'Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 266-267.

--- Com todo o prazer! Estou às tuas ordens, amável Príncipe das Escamas de Prata.

Dizendo isto, ergueu-se, deu-lhe o braço, e seguidos pela Emília, que, muito tesimal, ia atrás feito criada, foram-se os dois, como um casal de namorados, em direção ao Reino-das-Águas-Claras.²³²

Conforme se observa pelo exemplo acima, o narrador praticamente se retira quando a cena é instaurada. As personagens assumem o fio da narrativa através do diálogo que travam, sendo suas falas reproduzidas em sua integridade e na seqüência mesma em que acontecem. Diz-se praticamente, porque, apesar de outorgar às personagens a tarefa de fazer a narrativa progredir, na forma do discurso direto, o narrador não renuncia verdadeiramente ao seu papel de organizador da história contada. É ele quem abre e fecha a cena, quem fornece informações a respeito da interação estabelecida, indicando, no caso, atitudes e sentimentos das personagens, e quem ainda os interpreta, para o leitor: “... foram-se os dois, como um casal de namorados, em direção ao Reino-das-Águas-Claras.”

Tais procedimentos do narrador, comuns já em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e usados intensamente em *Reinações de Narizinho*, são mobilizados justamente para que o leitor acompanhe o narrado como algo atualizado no momento da leitura, e apreenda as manifestações das personagens como prova da vivência concreta das diversas situações constituintes da história.

Da mesma maneira como simula o transcorrer natural da história mediante a organização da cena, o narrador pode condensar eventos, narrando-os resumidamente para o leitor. A esse meio G.Genette chama de *sumário*, ou seja, “a narração em alguns parágrafos ou algumas páginas de vários dias, meses ou anos de existência, sem pormenores de ação ou de palavras.”²³³ O sumário é mais um recurso narrativo posto à disposição do narrador, principalmente no volume *Reinações de Narizinho*, dentro da dinâmica referida do viver e contar histórias.

Retornando à discussão do simular da duração da história propiciado pelos diálogos, pode-se explicar sua freqüência nos livros infantis de Monteiro Lobato quando se reconhece a técnica como ajustada à recepção infantil. E disso o escritor demonstra ter plena consciência.

²³² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 8-9.

²³³ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 95.

Numa carta a Godofredo Rangel, de julho de 1905, o autor comenta o recurso: “Proponho-te escrevermos com mais assiduidade no *Minarete* [jornal de Pindamonhangaba]. Coisas leves, com diálogos – o diálogo areja.”²³⁴ Alguns anos depois, numa missiva escrita em abril de 1911, Lobato volta a tecer uma consideração sobre a técnica: “O diálogo no romance é o enxerto das coisas vivas, frisantes, engraçadas ou áticas, que por associação vão ocorrendo ao escritor.”²³⁵

Embora o escritor não relacione a construção dos diálogos à recepção infantil, suas palavras revelam uma concepção com certeza determinante na composição das narrativas que, anos mais tarde, destinaria a esse público. Prova-o a consciência do grau de convencimento proporcionado pelo recurso, exatamente por emprestar à narrativa a idéia de algo vivo e natural, e adequado, portanto, para ser recebido pelo pequeno leitor.

Ocorre, pois, que as mesmas personagens que vivem a história vez ou outra também se encarregam de contá-la. Por isso se disse anteriormente que, na dinâmica que preside a organização da linguagem narrativa do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* e, principalmente, do volume *Reinações de Narizinho*, se vivem e se contam histórias, ininterruptamente.

Logo no início da história narrada no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, quando o Príncipe Escamado e o amigo besouro, mestre Cascudo, se encontram sobre o rosto de Narizinho, dá-se o seguinte diálogo entre ambos:

--- Ora viva, mestre Escamado! Como lhe vai a saudinha?

--- Assim, assim, amigo Cascudo. *Lasquei ontem três escamas do lombo e o médico receitou-me ares de campo. Vim tomar o remédio, mas aqui encontrei este morro que não é meu conhecido, e estou a parafusar que diacho de terra tão branca e lisa é esta. Será porventura mármore?* Disse, batendo com a biqueira do guarda-chuva no nariz de Narizinho.²³⁶

Como o destaque na fala do Príncipe mostra, se obedece a uma concatenação de ações sucessivas que permitem ao leitor inteirar-se da história do soberano. Em sua fala, pois, a

²³⁴ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 102 (1º tomo).

²³⁵ *Ibid.*, p. 302.

²³⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 5.

personagem *conta* sobre a própria vida, instituindo-se a narradora dos eventos ligados a essa experiência. Nota-se até, no discurso da personagem, uma atualização possível da estrutura típica das narrativas, correspondente ao esquema das histórias imemoriais: equilíbrio-desequilíbrio-reequilíbrio²³⁷.

O estado inicial de equilíbrio é construído com o relato que aborda o acidente sofrido pelo Príncipe, as recomendações médicas para sanar a enfermidade e o cumprimento delas pelo convalescente; o advento do desequilíbrio se dá quando o Príncipe encontra o “morro” estranho, sobre o qual a personagem não tem informação; e o reequilíbrio se instaura com o propósito dela de descobrir “que diacho de terra tão branca e lisa” era aquela, tendo para isso a ajuda do companheiro.

A mesma personagem que vive a história também conta outra, em sua fala, sobre a própria vida. Com seu relato, explica ao pequeno leitor a razão de ter deixado seu lar, as águas, provisoriamente. A exposição da personagem recupera momentos anteriores ao narrado, informando o destinatário e acrescentando coerência à história. Além disso, ameniza a distância em relação ao receptor e a estrutura narrativa desenvolvida envolve e mobiliza o leitor no acompanhamento de histórias sem fim.

Tal sobreposição de narrativas ajusta-se, pois, às necessidades do leitor criança na recepção da obra e, se já se verifica em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em *Reinações de Narizinho* o recurso é ainda mais freqüente. Na fala do Príncipe presente no primeiro capítulo desse livro, igualmente se reconhece a propensão narrativa do discurso da personagem:

--- Que novidade traz Vossa Alteza por aqui, Príncipe?

--- *É que lasquei duas escamas do filé e o Doutor Caramujo me receitou ares do campo. Vim tomar o remédio neste prado que é muito meu conhecido, mas encontrei cá este morro que me parece estranho* – e o Príncipe bateu com a biqueira do guarda-chuva na ponta do nariz de Narizinho.²³⁸

Em termos de língua, substitui-se, vê-se, a palavra “lombo” da primeira escrita, por “filé”, mais apropriada sendo a personagem um peixe. Quanto à estrutura da narrativa,

²³⁷ Carlos Erivany FANTINATI, Recursos fundamentais para um contador de histórias, *Proleitura*, Assis 4 (12): 5, fev. 1997.

²³⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4-6.

percebe-se uma intensificação do conflito ou desequilíbrio, pois, afirmando conhecer muito bem o prado o Príncipe aumenta a perplexidade diante do “morro” misterioso lá encontrado. O surgimento de um “morro” inesperado no espaço já familiar motiva, sem dúvida, um estranhamento maior. O cuidado na construção do desequilíbrio dessa fala é um indício da consciência de Monteiro Lobato quanto ao valor do recurso narrativo discutido para a recepção infantil.

Na obra *Dicionário de teoria da narrativa*, Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes mencionam a designação *hipounidades* para as ocorrências em consideração. Partindo da expressão proposta por M. Bal em substituição ao que Genette chama de nível metadieético, ou seja, *nível hipodieético*, os autores primeiramente esclarecem:

Entende-se, pois, por *nível hipodieético* aquele que é constituído pela enunciação de um relato a partir do *nível intradieético*: uma personagem da história, por qualquer razão específica e condicionada por determinadas circunstâncias (...), é solicitada ou incumbida de contar outra história, que assim aparece embutida na primeira.²³⁹

Mais adiante, os autores consideram, sobre as hipounidades:

Se adotássemos a concepção consideravelmente lata proposta por M. Bal [Notes on narrative embedding. *Poetics Today*, 2(2): 202-10, 1981], teríamos que admitir que até os diálogos constituem *hipounidades* inseridas na diegese; deve-se reconhecer que, em certos casos, o discurso de uma personagem pode revestir-se de um destaque e de um pendor narrativo suficientemente impressivos para que se lhe atribua esse estatuto...²⁴⁰

De fato, como já se observou no primeiro exemplo fornecido, o discurso do Príncipe Escamado reveste-se do aludido pendor narrativo. Acompanhe-se a apresentação de outra hipounidade presente em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Nessa ocorrência, mestre

²³⁹ Carlos REIS e Ana Cristina M. LOPES, *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 128.

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 129.

Agarra-e-não-larga-mais, o sapo guardião do palácio que na escrita definitiva passa a ser Major Agarra-e-não-larga-mais, conta a Narizinho o plano de conspiração do Escorpião Negro:

--- Tu me salvaste a vida, respondeu o sapo, e eu quero salvar a tua. Escuta lá. Depois que me tiraram as pedrinhas da barriga, eu saí do jardim e fui encorujar-me num canto escuro para sarar da cortadura com todo o meu sossego, procurando para esse fim uma toca de pedra. Achei uma toca a meu jeito, e lá estava a cochilar quando à meia-noite ouvi rumor de vozes ao lado. Como sou muito curioso, encostei o ouvido a uma fresta e pus-me a escutar. Essa fresta ia ter ao cárcere do Escorpião Negro. A princípio me pareceu que o monstro falava consigo mesmo. Mas não era assim. O monstro conversava com o capitão da guarda, cuja voz conheço muito bem. Estavam conspirando contra o príncipe, e muito tempo levaram combinando os planos duma revolta a fim de matar o príncipe e enforcar todos os nobres do reino. Combinaram também que subiria ao trono o Escorpião cego, sendo Narizinho obrigada a casar com ele.²⁴¹

A fala do sapo é o principal exemplo de hipounidade do volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Da mesma forma como no caso inicialmente fornecido, com o recurso, a personagem, além de viver diversificadas ações na história, também conta eventos. Diferentemente do ocorrido naquele exemplo, porém, em que a fala do Príncipe narra fatos de sua história pessoal, tendo, por isso, uma função restrita, o discurso do guardião do palácio adquire um papel crucial no desenvolvimento da história. Não se trata apenas de acréscimos feitos à narrativa primeira, mas de acréscimos decisivos, envolvendo personagens centrais da diegese, e que decidirão os rumos da história.

Informado por Narizinho da conspiração, o Príncipe arma uma armadilha para os grilos comparsas do capitão da guarda do palácio, aprisionando-os num alçapão. Depois, Escamado atrai o gafanhoto capitão para seu quarto, e lá, vara-o com a espada, e o decapita, pela deslealdade. O corpo do capitão é colocado dentro do alçapão, com seus auxiliares e com o Escorpião, e a gaiola é lançada ao lago, com uma grande pedra amarrada em cima.

²⁴¹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 38.

É curioso verificar, mais uma vez, e já em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a consciência de Monteiro Lobato acerca das potencialidades do discurso das personagens. Afigura-se já, pelo mecanismo comentado de incumbir um ser ficcional de narrar fatos da história, a evolução que realizará na forma de contar os episódios contidos nos capítulos de *Reinações de Narizinho*. O sapo, ressalte-se, é um contador exemplar. Quando diz “Escuta lá”, parece dirigir sua fala diretamente ao leitor, que se anima para acompanhá-lo. Detentor privilegiado de informações exclusivas, com seu discurso enleia verdadeiramente o receptor, e exemplifica o que Anatol Rosenfeld aponta sobre os traços do gênero épico:

Já no caso da narração é difícil imaginar que o narrador não esteja narrando a estória a alguém. O narrador, muito mais que se exprimir a si mesmo (o que naturalmente não é excluído) quer *comunicar* alguma coisa a outros que, provavelmente, estão sentados em torno dele e lhe pedem que lhes conte um “caso”. Como não exprime o próprio estado de alma, mas narra estórias que aconteceram a outrem, falará com certa serenidade e descreverá objetivamente as circunstâncias objetivas.²⁴²

Tão importante é a fala da personagem, que o narrador, ao apresentar a cena do comunicado feito pela protagonista Narizinho ao Príncipe, informando-o da conspiração, sumariza o conteúdo de seu discurso, remetendo o leitor para a narração do sapo. Agarra-e-não-larga-mais. Acompanhe-se a passagem, com destaques:

Narizinho, com lágrimas nos olhos, agradeceu o aviso do sapo e saiu correndo em direção aos aposentos do príncipe. Lá bateu na porta, furiosamente. (...)

--- Depressa, príncipe! Estão conspirando contra a nossa vida!... disse ela. *E desfiou toda a história contada pelo sapo. O príncipe ouviu tudo em silêncio, de cara amarrada.* E, depois de meditar uns momentos, disse com grande calma:

²⁴² Anatol ROSENFELD, *O teatro épico*, p. 13.

--- Estou acostumado à luta e sei defender-me. Volta para o teu quarto e dorme sossegada que esta noite castigarei os criminosos.²⁴³

Em *Reinações de Narizinho*, conforme já se observou anteriormente, foi suprimido o argumento relacionado ao Escorpião Negro. No capítulo Narizinho Arrebitado, portanto, não há uma fala correspondente a da personagem guardiã do palácio. Com as modificações impostas na reescrita do episódio decorrido no Reino-das-Águas-Claras, entretanto, outras personagens desenvolvem estruturas narrativas em seus discursos.

Como se antecipa em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o narrador lobatiano continua designando personagens para contar eventos, conferindo ao relato delas uma importância cada vez maior na recepção da história narrada. Como primeiros exemplos importantes de hiponidades do primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*, podem-se citar as falas de Dona Carochinha, a contadora de histórias, quando, surgindo apressada e aflita na sala do trono, relata ao Príncipe e a Narizinho seus contratempos com a revolta de suas personagens:

--- A senhora por aqui? – exclamou este [o Príncipe Escamado], admirado. Que deseja?

--- *Ando atrás do Pequeno Polegar* – respondeu a velha. *Há duas semanas que fugiu do livro onde mora e não o encontro em parte nenhuma. Já percorri todos os reinos encantados sem descobrir o menor sinal dele. (...)*

--- *... tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viverem toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam em correr mundo a fim de se meterem em novas aventuras. Aladim queixa-se de que sua lâmpada maravilhosa está enferrujando. A Bela Adormecida tem vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos. O Gato-de-Botas brigou com o Marquês de Carabas e quer ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix. Branca-de-Neve vive falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara. Andam todos revoltados, dando-me*

²⁴³ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 39-40.

um trabalhão para contê-los. Mas o pior é que ameaçam fugir, e o Pequeno Polegar já deu o exemplo.

--- Tudo isso (...) por causa do Pinocchio, do Gato Félix e sobretudo de uma tal menina do narizinho arrebitado que todos desejam muito conhecer. Ando até desconfiada que foi essa diabinha quem desencaminhou Polegar, aconselhando-o a fugir.²⁴⁴

Vê-se, portanto, que a narração da revolta nada mais tem a ver com o propósito de derrubada de governo, como acontece em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Em *Reinações*, a rebelião é das personagens das histórias, as quais, ao contrário de terem as pretensões sangrentas dos conspiradores daquele livro, desejam viver novas aventuras. É curioso que, ainda que se esperem narrativas contadas pela personagem, por ser ela, como diz o Príncipe a Narizinho, “a célebre Dona Carochinha das histórias, a baratinha mais famosa do mundo”, ela o faz com entrecchos absolutamente novos em relação às famosas personagens mencionadas em seu relato.

O relato da baratinha seduz o pequeno leitor em função das novidades trazidas sobre as personagens das histórias. Apesar da antipatia que causa em Narizinho, por ser uma velha implicante, Dona Carochinha renova o interesse do destinatário acerca de narrativas já bastante conhecidas. Tais informações não desempenham um papel decisivo no desenvolvimento desse capítulo, Narizinho Arrebitado, como acontece com a narrativa do sapo *Agarra-e-não-larga-mais*, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O relato, porém, cria novas possibilidades de enredos envolvendo personagens caras às crianças, exercendo uma influência irresistível no leitor, que se sente motivado para também retirar outras personagens queridas de suas fontes originais e dar-lhes destinos distintos.

Outra competente contadora de história, em *Reinações de Narizinho*, é a personagem Dona Aranha. Sua participação marcante no episódio Reino-das-Águas-Claras em muito se sustenta em seu potencial como narradora de eventos ligados a sua experiência como costureira das célebres princesas Cinderela e Branca-de-Neve e aos fatos de sua própria história. Conhecedora de tantas narrativas interessantes para contar, chega a ofuscar a protagonista Narizinho, na passagem da confecção do vestido da menina para o baile em sua honra.

²⁴⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 11-12.

Acompanhe-se a transcrição do trecho em que Dona Aranha dialoga com a menina do nariz arrebitado e atente-se para as hiponidades presentes no discurso da costureira. A última fala refere-se ao momento em que o espelho se parte em seis fragmentos, em razão de Narizinho apresentar-se lindíssima, trajando o vestido mais bonito do mundo:

--- *É que tenho mil anos de idade (...) e sou a costureira mais velha do mundo. Aprendi a fazer todas as coisas. Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados.*

--- E para Branca-de-Neve também costurou?

--- *Como não? Pois foi justamente quando eu estava tecendo o véu de noiva de Branca que fiquei aleijada. A tesoura caiu-me sobre o pé esquerdo, rachando o osso aqui neste lugar. Fui tratada pelo Doutor Caramujo, que é um médico muito bom. Sarei, embora ficasse manca pelo resto da vida. (...)*

--- *Ora graças! (...) Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu esse espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.”²⁴⁵*

Deve-se lembrar que em *A Menina do Narizinho Arrebitado* a personagem Dona Aranha também desenvolve uma estrutura narrativa numa de suas falas. As condições de produção aproximam-se das condições de recepção, pois, como se afirma sobre o recurso, sempre que um ser ficcional assume a narração, atenua a distância em relação ao leitor e o enreda no acompanhamento de novos eventos, os quais, por sua vez, repercutem em maior ou menor grau nos desdobramentos da história principal. Em oposição, entretanto, às cativantes histórias de Dona Aranha contadas pela própria personagem em *Reinações de Narizinho*, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, sua história é marcada pelo tom de censura ao

²⁴⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 18-19.

comportamento dos seres humanos e pela temática desagradável e inadequada ao destinatário preferencial do texto:

--- São urubus [os homens], sim, e comem cadáveres de animais. Já tive minha teia num açougue da cidade e todas as noites via chegar um carroção cheio de cadáveres de bois, carneiros e porcos esfolados, que um homem, chamado açougueiro, todo sujo de sangue, vendia aos pedacinhos às criadas de cesta.²⁴⁶

As hipounidades são mais freqüentes em *Reinações de Narizinho*. Neste livro, o recurso também se sofisticou, originando as narrativas metadieéticas, o que se discutirá no capítulo reservado ao comentário das unificações executadas no volume. O expediente de ampliar o estatuto das personagens e instituí-las como narradoras de eventos pode desempenhar um papel decisivo nos próprios rumos da história contada, como se demonstrou com a fala do sapo Agarra-e-não-larga-mais. Variam as funções, mas a recepção é sempre enriquecida com essa dinâmica, em que os seres ficcionais vivem e contam histórias.

²⁴⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 33.

3.4.4. A solução lingüística

Ao longo da discussão do aprimoramento da linguagem narrativa obtida por Monteiro Lobato em *Reinações de Narizinho*, especificamente no capítulo correspondente ao texto *A Menina do Narizinho Arrebitado*, fizeram-se alguns apontamentos acerca da questão lingüística. Faz-se necessário um aprofundamento do assunto, já que, naturalmente, incorpora as *melhorias* alcançadas pelo escritor na reescrita de sua obra. Para o tratamento, selecionam-se os itens reforma ortográfica, substituição do léxico erudito pelo léxico ajustado à recepção infantil e simplificação da frase.

Causa estranhamento para os leitores da atualidade a forma como eram escritas as palavras portuguesas no ano da publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, 1920. Quando se compara a grafia de determinados vocábulos desse livro com seus correspondentes em *Reinações de Narizinho*, de 1956, vê-se quão intensas foram as alterações sofridas. Explicam a grande modificação percebida na escrita das palavras as reformas ortográficas acontecidas no Brasil até o ano da edição considerada. Importa falar da resultante do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa, de que se originaram os decretos federais de números 20.108, de 15 de junho de 1931, e 23.028, de 2 de agosto de 1933, instituindo a nova ortografia.

A menção à citada reforma ortográfica interessa quando se recorda o posicionamento de Monteiro Lobato sobre o tema à época da publicação de *Reinações*, ainda que não se faça um levantamento das diferenças de grafia observadas, o que ultrapassaria em muito os objetivos do presente trabalho. Não obstante a reforma envolver normatização do sistema lingüístico, desperta atenção pelo debate que suscita quanto aos fatos da língua. Numa entrevista concedida a editores, na década de trinta, Lobato se posiciona sobre o então novo regulamento relacionado aos acentos. Quando lhe perguntam a razão de sua “ojeriza” aos novos acentos, o autor responde:

--- Não é ojeriza. É o horror que eu tenho à imbecilidade humana sob qualquer forma que se apresente. Há uma lei natural que orienta a evolução de todas as línguas: a lei do menor esforço. Se eu posso dizer isto com o esforço de um quilogrâmetro, por que dizê-lo com o esforço de dois? Essa lei norteia a evolução da língua e foi o que fez que caíssem as inúteis letras dobradas, os *hh*

mudos, etc. A reforma ortográfica *veio apenas apressar um processo em curso*. Por si mesma a palavra *phytica* passou a *tísica*, e o *ph* já havia sido desmontado pelo *f*. E assim seria em tudo. Essa grande lei do menor esforço conduz à *simplificação* da ortografia, jamais à *complicação* – e os tais acentos a torto e a direito que os reformadores oficiais impuseram à nova ortografia vêm complicar, vêm contrariar a lei da evolução!²⁴⁷

O posicionamento do escritor parece se sustentar nas palavras do Dr. João Crisóstomo da Rocha Cabral, respeitado professor e jurista do período. Em 1935, Cabral publica *Reforma Ortográfica: A ortografia simplificada e a Constituição Federal*, em que discute, por itens numerados, o dispositivo da Constituição concernente à ortografia. No décimo primeiro item de seu texto, ao comentar os prós e contras da simplificação ortográfica, o professor diz:

Os simplificacionistas alinham do seu lado as razões de economia – a lei do mínimo esforço pelo máximo proveito dominando o universo – e as da elegância, que é tanto mais apreciável quanto mais se afasta da complexidade fastidiosa e desnecessária; bem assim as da sinceridade, - podemos dizer – da humanidade, que nos aconselha a não criar, só por nosso orgulho de mostrar uma erudição inútil, e – ai de nós! – muitas vezes falsa, dificuldades invencíveis para os outros mortais, na generalidade candidamente incultos.²⁴⁸

A possibilidade de o escritor estar amparado em Cabral é grande. O jurista, no livro citado, coloca-se abertamente contra a imposição de praticar o novo sistema ortográfico, apesar de aceitá-lo e defendê-lo com os exemplos da arte, “sobretudo sustentando a bandeira da liberdade”, o que, para ele, é a condição primeira desta.²⁴⁹ Há, pois, no pensamento do jurista, o mesmo repúdio de Lobato em relação a leis que regulam o funcionamento da língua. Por isso, o escritor ainda afirma, na citada entrevista aos editores, sobre o uso dos acentos:

²⁴⁷ Ligeira nota sobre a ortografia de Monteiro Lobato (Entrevista com os editores), Prefácio de *Urupês*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. p. 79-80.

²⁴⁸ João C. da Rocha CABRAL, *Reforma ortográfica: A ortografia simplificada e a Constituição Federal*, p. 20.

²⁴⁹ *Ibid.*, p. 31.

--- Não há lei humana que dirija uma língua, porque língua é um fenômeno natural, como a oferta e a procura, como o crescimento das crianças, como a senilidade, etc.. Se uma lei institui a obrigatoriedade dos acentos, essa lei vai fazer companhia às leis idiotas que tentam regular preços e mais coisas. Leis assim nascem mortas e é um dever cívico ignorá-las, sejam lá quais forem os paspalhões que as assinem. A lei fica aí e nós, os donos da língua, nós, o povo, vamos fazendo o que a lei natural da simplificação manda. Trema!... Acento grave!... “Outro” com acento circunflexo, como se houvesse meio de alguém enganar-se na pronúncia dessa palavra!... Imbecilidade pura, meu caro.”²⁵⁰

Aliada à noção manifesta encontra-se, sem dúvida, a busca pela palavra exata, clara, corrente, quando reelabora o léxico do volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Numa carta ao amigo Godofredo Rangel, de 1904, Lobato diz: “Na propriedade da expressão está a maior beleza; dizer “chuva” quando chove – “sol” quando soleja. É a porca que entra exata na rosca do parafuso.”²⁵¹ Existe, portanto, já em 1904, a valorização da escrita que alcança o emprego preciso das palavras.

Tal reflexão, associada à literatura destinada ao público infantil, adquire uma importância ainda maior. Apesar de o pensamento naquele momento não estar relacionado especificamente à produção para crianças, aponta para a inclinação estilística que será seguida pelo autor nessa vertente.

De fato, na comparação com a reescrita da história em *Reinações de Narizinho*, nota-se que o vocabulário erudito, antiquado, ou mesmo inadequado, é substituído por um conjunto de palavras mais comuns, expressivas e de fato usadas pelas crianças leitoras. Acompanhem-se as passagens, numeradas e com grifos para facilitar a realização do cotejo. O primeiro trecho dos conjuntos é o da escrita primitiva:

²⁵⁰ Ligeira nota sobre a ortografia de Monteiro Lobato (Entrevista com os editores), p. 81.

²⁵¹ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 46 (1º tomo).

1. Certa vez, estando a menina à beira do rio, com a sua boneca, sentiu os olhos pesados e uma grande lombeira pelo corpo. *Estirou-se na relva* e logo dormiu, embalada pelo *murmurinho* do ribeirão.²⁵²

1. Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. *Deitou-se na grama* com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo *mexerico* das águas, quando sentiu cócegas no rosto.²⁵³

2. --- Hu! Hu! Sai fora, *tinioso!*²⁵⁴

2. --- Hu! Hu! Sai fora, *bicho imundo!*...²⁵⁵

3. E lá se foi [o besouro Cascudo] pelos ares afora, zumbindo que nem um *aeroplano*.²⁵⁶

3. E lá se foi, zumbindo que nem um *avião*.²⁵⁷

4. --- Quero convidar a menina para conhecer os *meus domínios*, lá na cidade das Pedras Redondas, no Reino-das-Águas-Claras.²⁵⁸

4. Conversaram longo tempo, e por fim o Príncipe convidou-a para uma visita ao *seu reino*.²⁵⁹

²⁵² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 4.

²⁵³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

²⁵⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 7. A fala é do besouro Cascudo, procurando descobrir o que havia dentro da “caverna” desconhecida, a narina de Lúcia.

²⁵⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

²⁵⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 8.

²⁵⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

²⁵⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 9.

²⁵⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

5. --- A entrada do meu reino é por aqui, disse Escamado, apontando uma *furna* entre as pedras e dando a mão à menina para ajudá-la a subir.²⁶⁰
5. E ainda estavam discutindo os milagres das famosas pílulas [do Doutor Caramujo] quando chegaram a certa *gruta* que Narizinho jamais havia visto naquele ponto.²⁶¹
6. Mas dormia [o sapo Agarra-e-não-larga-mais] a sono *solto*, num regalo!²⁶²
6. O guarda dormia um sono *roncado*.²⁶³
7. --- Vamos acordá-lo agora, disse Escamado, *pespegando-lhe* um *formidável* pontapé na barriga.²⁶⁴
7. O Príncipe, *zás!*... *pregou-lhe* um *valente* pontapé na barriga.²⁶⁵
8. Enquanto *jantavam* [Narizinho e o Príncipe Escamado], uma excelente orquestra de cigarras, piuns e pernilongos, afinadíssimos, executava lindas músicas compostas pelo maestro Sabiá-do-campo. Vieram depois os dançarinos tangará e dançaram graciosos bailados.²⁶⁶
8. Enquanto *comiam*, uma excelente orquestra de cigarras e pernilongos tocava a música do fium, regida pelo maestro Tangará, de batuta no bico.²⁶⁷

²⁶⁰ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 9.

²⁶¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 8.

²⁶² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 10.

²⁶³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 8.

²⁶⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 11.

²⁶⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 9.

²⁶⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 18.

²⁶⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 14.

9. Penteou-lhe o cabelo à moda do reino, calçou-lhe nos pés lindos *escarpins* de ouro e, nas mãos, luvas fabricadas com pelica de pêssego.²⁶⁸
9. ... Dona Aranha pôs na cabeça da menina um diadema de orvalho (...), e fivelas de esmeraldas do mar nos *sapatos*...²⁶⁹
10. A aranha respondeu mandando vir *escrínios* com pó das asas das mais raras borboletas e polvilhou-a inteira de azul furta-cor.²⁷⁰
10. E ordenou às suas seis filhinhas que trouxessem as *caixas* de pó de borboleta.²⁷¹
11. Narizinho tinha bom coração e, *compadecida* da miséria do infeliz animal [o sapo Agarra-e-não-larga-mais], prometeu intervir em seu favor.²⁷²
11. *Tanta pena* do sapo *sentiu* Narizinho que mesmo em camisola como estava foi correndo ao quarto do Príncipe...²⁷³

De modo geral, o paralelo aponta a opção pelo vocabulário comum em substituição ao requintado. O resultado é a conquista de objetividade e clareza. Essa última virtude apontada, diga-se, é a mesma que o autor elogia em Firmino Costa, numa crítica ao volume *Gramática portuguesa*, feita, em abril de 1921, na *Revista do Brasil*. A paráfrase entusiástica que faz do sistema obedecido por Costa, na obra comentada, indica a concordância absoluta com o princípio seguido e posto em prática no volume *Reinações de Narizinho*:

²⁶⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 20. A passagem descreve a preparação de Narizinho por Dona Aranha para o baile em honra da menina.

²⁶⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 18.

²⁷⁰ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 21.

²⁷¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 19.

²⁷² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 32.

²⁷³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 23.

O seu sistema gramaticante é bastante inteligente. Foge de muito pedantismo consagrado e apresenta-se com uma clareza e uma singeleza extremas. O seu sistema decorre do conceito com que abre o livro: a palavra vale não tanto pela sua forma, mas principalmente porque exprime idéias e pensamentos; a alma da palavra é o seu sentido, e a sua forma apenas matéria perecível. “O sentido, como parte essencial da palavra, norteará a organização desta gramática, a ele subordinar-se-á a forma vocabular. Desprendido assim dos laços, em parte artificiosos, que ainda cingem os estudos gramaticais, este compêndio apresentará uma nova feição, tomará caminho diferente do de seus congêneres, pretenderá simplificar e melhorar o ensino da língua pátria”.²⁷⁴

Em *Reinações de Narizinho*, há, também acompanhando o desejo de simplificação, a busca por expressividade, tanto semântica quanto sonora. O resultado que se obtém com a troca da construção “sono solto” pela frase “sono roncado”, na passagem 6, é uma descrição incrivelmente condensada, concreta e expressiva, pois dá a idéia exata do modo como a personagem dormia. Cassiano Nunes, a respeito de tal evolução da linguagem lobatiana, comenta, apropriadamente:

A linguagem de Lobato é ágil, desembaraçada, e caracteriza-se por sua visualidade (o que ele próprio reconheceu), por sua tendência ao figurativo, ao concreto, ao material. Ninguém mais inimigo da “linguagem abstrata” do que ele.²⁷⁵

Na passagem 7, além da simplificação lexical, existe, novamente, a recorrência à figuração, agora propiciada pela onomatopéia “zás!”, que busca reproduzir o som do pontapé dado pelo Príncipe no sapo *Agarra-e-não-larga-mais*. Em conseqüência, a passagem em *Reinações de Narizinho* ganha um poder muito maior de evocação da cena narrada.

Na passagem 8, existe a simplificação do vocabulário e a manutenção da expressividade sonora do trecho original. A sonoridade do substantivo “piuns” (borrachudos),

²⁷⁴ Monteiro LOBATO, Gramática portuguesa, *Revista do Brasil*, 16 (64): 63, abr. 1921.

²⁷⁵ Cassiano NUNES, *A atualidade de Monteiro Lobato*, p. 63.

de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, é transferida para a onomatopéia “fium”, a música das cigarras e dos pernilongos, em *Reinações de Narizinho*. O apelo à onomatopéia, afora potencializar a recepção infantil com o recurso da figuração, igualmente agiliza o discurso, na medida em que sintetiza, na palavra imitativa criada, a idéia do som produzido pela orquestra de insetos.

A consciência do autor sobre a repercussão dos recursos sonoros da língua na recepção dos pequenos leitores explica a decisão de manter, no exemplo 8, a terminação dos vocábulos: *piuns/ fium*. A mesma noção por parte do escritor esclarece a intensificação do uso das onomatopéias em *Reinações de Narizinho*. No capítulo primeiro do livro, há ainda duas outras passagens em que se acrescenta o recurso, não sendo utilizado na escrita primitiva. Quando Narizinho sai com o Príncipe no coche real, e também no momento em que o espelho de Dona Aranha se quebra, motivo, aliás, não existente em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Acompanhem-se os respectivos conjuntos para a realização da comparação:

- I. Servia de cocheiro um belo camarão de libré vermelha, muito teso no alto da boléia. Mal o Príncipe e a menina entraram na carruagem, mestre Camarão estalou o chicote e os lambaris partiram como raios.²⁷⁶

- I. O passeio que Narizinho deu com o Príncipe foi o mais belo de toda a sua vida. O coche de gala corria por sobre a areia alvíssima do fundo do mar conduzido por mestre Camarão e tirado por seis parelhas de hipocampos, uns bichinhos com cabeça de cavalo e cauda de peixe. Em vez de pingalim, o cocheiro usava os fios de sua própria barba para chicoteá-los – *lepte! lepte!...*²⁷⁷

²⁷⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 14.

²⁷⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 12-13.

- II. A aranha respondeu mandando vir escrínios com pó das asas das mais raras borboletas e polvilhou-a [Narizinho] inteira de azul furta-cor. Que maravilha! O próprio espelho chegou a abrir a boca, espantado de tanta formosura.²⁷⁸
- II. Linda, tão linda, tão mais, mais, mais linda, que o espelho foi arregalando ainda mais os olhos, mais, mais, mais, até que – *craque!* ... rachou de alto abaixo em seis fragmentos!²⁷⁹

Além das construções “lepte!lepte!” e “craque!”, que figuram o ruído do chicote, no primeiro caso, e o barulho do espelho se partindo, no segundo, destaca-se a solução lingüística adotada pelo escritor, no trecho II de *Reinações de Narizinho*, para enfatizar a beleza de Narizinho, arrumada por Dona Aranha. Sem utilizar uma palavra rebuscada, o autor opta por uma gradação estilística do advérbio de intensidade “mais”, determinando o adjetivo “linda”, bem conhecido dos receptores, substituindo com êxito a palavra “formosura” de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, mais requintada e de emprego menos freqüente.

É nítida ainda a intenção de enxugar a frase, tornando-a direta, fluente, livre dos “enfeites literários” de que Monteiro Lobato fala numa carta a Godofredo Rangel. O trecho dessa epístola, já citada, necessita ser novamente transcrito, em virtude da pertinência de seu assunto:

A coisa tem de ser narrativa a galope, sem nenhum enfeite literário. O enfeite literário agrada aos oficiais do mesmo ofício, aos que compreendem a *Beleza literária*. Mas o que é beleza literária para nós é maçada e incompreensibilidade para o cérebro ainda não envenenado das crianças. (...)

Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. A cada revisão nova nas novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. (...) Depois da primeira edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus!²⁸⁰

²⁷⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 21.

²⁷⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 19.

²⁸⁰ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 371-372 (2º tomo), carta de dezembro de 1945.

A fluência e dinamicidade pretendidas por Lobato são plenamente obtidas nas passagens 1, 3 e 6, em que se cortam frases dispensáveis, redundantes, sem nenhum papel importante no período. Desse modo, é suprimida, da passagem 1, a frase “e uma grande lombeira pelo corpo”, construção redundante, que apenas repete o sentido da sonolência da menina já comunicado pela expressão “sentiu os olhos pesados”.

Da passagem 3, é eliminada a frase “pelos ares afora”, empregada com o intuito único de recheiar desnecessariamente o período. Na passagem 6, a frase “num regalo” desaparece na reescrita. Com isso, dinamiza-se o período, com a concisão lingüística obtida e mediante o descarte de uma expressão provavelmente em desuso no período de publicação de *Reinações de Narizinho*.

A propósito do vocabulário rebuscado presente no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, cabe lembrar ainda, obedecendo à ordem de ocorrência no livro: o substantivo “grotão”; a interjeição proveniente da língua italiana, “cáspite”, indicadora de admiração e ironia; o verbo “empertigar-se”, no texto empregado no pretérito perfeito do indicativo; o substantivo “libré”; o adjetivo “enfiado”, com o sentido de encabulado; o substantivo “entrecosto”, palavra de origem francesa que nomeia a carne entre as costelas da rês; o verbo “recamar”, usado na história no particípio passado; os substantivos “barcarolas” e “polca”, designando, respectivamente, uma música e uma dança do baile no palácio; o substantivo “convivas”; o verbo “acutilar”; o substantivo “miséria”, com o significado de estado lastimoso; o substantivo “pândego”; a expressão “festa veneziana”, designando uma celebração noturna sobre as águas; e o verbo “vogar”, usado no pretérito perfeito do indicativo.

As palavras e a expressão citadas acima desaparecem da história contada no primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*, indicando, por um lado, a possibilidade de o uso de algumas delas estar em declínio no ano da publicação desse livro. Por outro lado, reforça-se o ideal de simplicidade formal buscado por Lobato. Não se deve pensar, entretanto, que o aludido ideal envereda pelo empobrecimento da linguagem literária. Como muito bem reflete Cassiano Nunes a esse respeito: “É claro que a simplicidade que Lobato propugna para a literatura não justifica a admissão da ignorância, da canhestrice, da linguagem tatibitate, mas antes deve ser conquistada por meio de autodisciplina, estudo, trabalho.”²⁸¹

²⁸¹ Cassiano NUNES, *A atualidade de Monteiro Lobato*, p. 59.

É consequência do trabalho intenso com a linguagem o uso de neologismos. A criação de vocábulos talvez seja um dos recursos mais ajustados à recepção infantil. Por integrar a experiência concreta dos pequenos, o expediente estabelece importante via de comunicação com esse público, proporcionando originalidade, vigor e concisão à linguagem, como analisa Nilce Sant'Anna Martins²⁸². Trata-se, pois, de um procedimento lingüístico que igualmente concorre para a dinamização do discurso narrativo, porque, com a construção da palavra, adquire-se a exatidão semântica pretendida.

Pode-se principiar o comentário dos neologismos nas obras em foco com as designações construídas com palavras justapostas, grafadas com hífen. No primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*, o recurso caracteriza, num belíssimo efeito estilístico, o pó usado por Dona Aranha para enfeitar Narizinho:

E ordenou às suas seis filhinhas que trouxessem as caixas de pó de borboleta. Escolheu o mais conveniente, que era o famoso pó *Furta-Todas-as-Cores*, de tanto brilho que parecia pó de *céu-sem-nuvens* misturado com pó de *sol-que-acaba-de nascer*.²⁸³

Pelo processo de composição com a utilização de radical grego, há o neologismo “aerogrilo”, nomeando um meio de transporte do Reino-das-Águas-Claras. A situação em que o substantivo surge, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, não é rerepresentada em *Reinações de Narizinho*:

Veio logo um *aerogrilo*. Era um grilão verde, que trazia nas costas a barquinha de vime e na cabeça dois insetos, um besouro e um vaga-lume. Este vaga-lume, com os seus grandes olhos fosforescentes, servia de farol ao aeroplano e o besouro estava ali para zumbir, fingindo o barulho da hélice.²⁸⁴

Do trabalho com a linguagem resultam ainda os neologismos criados pelo processo de derivação sufixal. Cabe ressaltar que já em *A Menina do Narizinho Arrebitado* aparece o

²⁸² Nilce Sant'Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 73.

²⁸³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 19.

²⁸⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 37.

substantivo “famiteza”, substituído pelo vocábulo “faminteza”, de *Reinações de Narizinho*, para designar o apetite dos peixes do ribeirão:

Não se passa um dia sem que Lúcia vá sentar-se à beira d’água, na raiz de um velho ingazeiro, ali ficando horas, a ouvir o barulhinho da corrente e a dar comida aos peixes. E eles bem que a conhecem! É vir chegando a menina e todos lá vêm correndo, de longe, com as cabecinhas erguidas, numa grande *famiteza*.²⁸⁵

Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela [Narizinho] aparece, todos acodem numa grande *faminteza*.²⁸⁶

Em *A Menina do Narizinho Arrebitado* ainda se encontra o adjetivo “entiotadas”, constituindo uma situação de parassíntese a partir da palavra “tiotê”, dobras tubiformes em um tecido, usadas principalmente em folhos ou babados de vestimentas. Para caracterizar as toucas das criadas do Reino-das-Águas-Claras, o narrador enuncia: “No dia seguinte [à festa no palácio] Narizinho e Emília levantaram-se tarde e almoçaram na cama servidas por criadas abelhas, muito galantes em suas toucas *entiotadas*.”²⁸⁷

Em *Reinações de Narizinho* surgem os famosos verbos neológicos no gerúndio, que descrevem as ações de certas personagens no salão de baile do palácio, no momento da festa oferecida pelo Príncipe a Narizinho. Comparem-se as passagens dos dois livros e notem-se o ritmo e a sonoridade que a frase lobatiana adquire com as criações lexicais de *Reinações*:

²⁸⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 4.

²⁸⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

²⁸⁷ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 30. Dra. Lia Cupertino Duarte identificou a base do neologismo presente na passagem.

Havia ainda peixes de todos os formatos, caranguejos cascudos que só andam de lado; camarões que se atrapalhavam com tantas pernas; mariscos de casca aberta como livros; caramujos que carregam a casa às costas e andam apalpando o caminho com as trombas. Havia até um velho cágado de olhinhos pretos e casca envernizada de novo.²⁸⁸

Mamangavas de ferrões amarrados para não morderem. E canários cantando, e beija-flores beijando flores, e camarões *camaronando*, e caranguejos *caranguejando*, tudo que é pequenino e não morde, *pequeninando* e não mordendo.²⁸⁹

Também em *Reinações de Narizinho* há o adjetivo “caramujal”, caracterizando o sorriso dado por Doutor Caramujo durante a intervenção cirúrgica feita no sapo Agarra-e-não-larga-mais. O trecho correspondente de *A Menina do Narizinho Arrebitado* não faz uso do recurso:

O Doutor Caramujo arregaçou as mangas, pôs o avental e, ajudado por várias formigas, deu começo à operação. O sapo foi posto de costas, com a barriga para o ar, e as saúvas, com os afiados ferrões, abriram nela um corte. Depois entraram pela abertura e foram tirando uma por uma as cinqüenta pedrinhas do castigo.²⁹⁰

O grande cirurgião abriu com a faca a barriga do sapo e tirou com a pinça de caranguejo a primeira pedra. Ao vê-la à luz do sol sua cara abriu-se num sorriso *caramujal*.²⁹¹

A demonstração das melhorias impostas por Monteiro Lobato no léxico de *Reinações de Narizinho* assinala a conquista da propriedade da expressão, como anseia o escritor na

²⁸⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 24.

²⁸⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 21.

²⁹⁰ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 34-35.

²⁹¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 27.

carta a Rangel, já citada. O emprego apropriado e preciso das palavras dá-se na forma da simplificação vocabular, da seleção de palavras figurativas capazes de enriquecer a recepção e da criação de novos termos. Cumpre, na seqüência, ampliar o comentário, estendendo-o para o nível da frase, da sintaxe, e aprofundar algumas reflexões já esboçadas anteriormente sobre o assunto.

O primeiro procedimento que se pode citar, no aperfeiçoamento do arranjo sintático, é a obtenção do período enxuto. Desse modo, eliminam-se construções marcadas por longas enumerações, pelo uso excessivo de adjetivos, pela redundância, pelas abstrações, pelos atavios formais. Acompanhem-se os exemplos, e os comentários feitos logo em seguida a cada conjunto apresentado:

1. Não se passa um dia sem que Lúcia vá sentar-se à beira d'água, na raiz de um velho ingazeiro, ali ficando horas, a ouvir o barulhinho da corrente e a dar comida aos peixes. E eles bem que a conhecem! É vir chegando a menina e todos lá vêm correndo, de longe, com as cabecinhas erguidas, numa grande fome. Chegam primeiro os piquiras, os guarus barrigudinhos, de olhos saltados; vêm depois os lambaris ariscos de rabo vermelho; e finalmente uma ou outra parapitinga desconfiada. E nesse divertimento fica a menina até que a tia Anastácia apareça no portãozinho do pomar e grite com a sua voz sossegada: - Narizinho! Vovó está chamando!²⁹²

1. Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d'água, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris.

Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande fome. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar.²⁹³

Nesse primeiro conjunto, destaca-se, na reescrita, a ausência da inadequada enumeração das espécies de peixe do ribeirão. Enxuga-se o parágrafo e se opta pela concentração numa espécie única, os “lambaris”, designação que, no contexto, permite maior

²⁹² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 4.

²⁹³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3-4.

precisão, por ser um hipônimo da palavra “peixe”. A hiponímia ocorre quando um termo do texto mantém com um segundo uma relação que se pode caracterizar de parte-todo ou de elemento-classe. No caso, “lambaris” é um elemento, uma espécie, da classe dos peixes.

Entre “lambaris” e “peixe” se estabelece uma relação de inclusão, e o segundo termo possui uma abrangência maior. Leonor Lopes Fávero²⁹⁴, citando W. Dressler, afirma que, na hiponímia, existe uma definição na estrutura profunda semântico-lexical. Na situação em foco, a definição é a seguinte: lambari é um peixe. O resultado é o alcance de precisão, fluência, leveza e coerência textuais, pois a espécie é, de fato, a mais comumente encontrada em ribeirões de sítio. Acresce que a generalização obtida – “os mais miúdos”, “os graúdos”- exerce plenamente a função de fazer menção ao grande número de peixes do ribeirão, sem a recorrência a enumerações enfadonhas e com a vantagem de agilizar o discurso.

2. Tão admirada ficou a menina da maravilhosa cena que reteve o fôlego, com medo de assustar o curioso [Príncipe Escamado], e assim permaneceu algum tempo até que a zoadá de um inseto a distraiu. Era um besourão que voava por cima da sua cabeça e que depois dumas tantas voltas veio pousar-lhe na testa. Narizinho, arrepiada, ia espantá-lo com um bom tabefe, quando notou que também ele estava vestido de gente, com sobrecasaca, óculos e bengalão. Conteve-se e ficou bem quietinha a ver em que dava aquilo.²⁹⁵

2. A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengalão.

Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessante estava achando aquilo.²⁹⁶

No segundo caso, a reescrita assinala, sobretudo, a supressão dos atavios formais, isto é, das construções empregadas unicamente com a intenção de enfeitar o texto, tornando a recepção morosa. Assim, com o propósito de se imprimir rapidez no fluxo narrativo, altera-se

²⁹⁴ Leonor Lopes FÁVERO, *Coesão e coerência textuais*, p. 24.

²⁹⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 5.

²⁹⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

a apreensão de mestre Cascudo, o besouro, pela personagem protagonista. Em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Lúcia primeiramente ouve a zoadá do inseto, depois experimenta a sensação do contato dele em sua testa, e se arrepiá, e finalmente vê que também está vestido de gente. A gradação sensorial apresentada na percepção do besouro distende ainda mais o parágrafo e é mais uma oportunidade para o ornamento formal do texto.

No livro *Reinações de Narizinho*, encurta-se o caminho, e a presença do inseto é diretamente informada com o apontamento da sensação tida pela menina ao toque dele em sua testa: ela sente cócegas. Sem mais demora, se narra, então, a visão de mestre Cascudo por Narizinho. É importante ressaltar a propriedade da troca da sensação experimentada pela garota. As cócegas parecem se ajustar melhor à recepção infantil do que o arrepió da versão primeira.

3. Dizendo isto, ergueu-se [Narizinho], deu-lhe [ao Príncipe Escamado] o braço, e seguidos pela Emília, que, muito tesinha, ia atrás feito criada, foram-se os dois, como um casal de namorados, em direção ao Reino-das-Águas-Claras.²⁹⁷

3. E lá se foram os dois de braços dados, como velhos amigos. A boneca seguia atrás sem dizer palavra.²⁹⁸

No terceiro conjunto, há que se mostrar, basicamente, a eliminação da redundância e o acerto na descrição da atitude da boneca. Oportunamente já se apontou, neste trabalho, a substituição do tratamento lírico do trecho pela abordagem mais ajustada à criança, o que explica a troca da expressão “como um casal de namorados” pela construção “como velhos amigos”. Cumpre, neste momento do estudo, indicar que, em *Reinações de Narizinho*, não se menciona o destino das personagens: o Reino-das-Águas-Claras.

Isso é desnecessário, de fato, tendo em vista que o tema da conversa travada pelas personagens Lúcia e Príncipe Escamado é justamente o convite para uma visita ao local. Quanto à descrição da atitude da boneca, em *Reinações* ela é acertada, porque não é valorativa como a do volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. A neutralidade do narrador de

²⁹⁷ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 9.

²⁹⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

Reinações de Narizinho é mais adequada à recepção infantil, e se ampara, igualmente, num discurso enxuto.

4. O peixinho [Príncipe Escamado] sorriu e disse:

--- Os filhos dos homens só enxergam quando há luz, mas os filhos das águas são como as corujas: - tanto vêm no claro como no escuro. E puxou do bolso um vaga-lume de olhos acesos, pendurado num cabinho de arame. A caverna clareou à luz da lanterna viva, e Narizinho pôde ver que se achava num corredor comprido, espécie de túnel, com uma porta ao fundo, fechada.²⁹⁹

4. A resposta do peixinho foi tirar do bolso um vaga-lume de cabo de arame, que lhe servia de lanterna viva. A gruta clareou até longe e a “boneca” perdeu o medo. Entraram. Pelo caminho foram saudados, com grandes marcas de respeito, por várias corujas e numerosíssimos morcegos. Minutos depois chegavam ao portão do reino. A menina abriu a boca, admirada.³⁰⁰

Nesse quarto conjunto, é marcante, na transformação sintática, a concretização da idéia da passagem primitiva. Já se falou do gosto de Monteiro Lobato pela linguagem concreta, material. Esse gosto explica a alteração realizada no parágrafo comentado. “Corujas” passa de idéia, elemento irreal do símile – “os filhos das águas são como as corujas” -, para personagem, elemento concreto da estrutura narrativa: “Pelo caminho foram saudados [Narizinho e Príncipe Escamado], com grandes marcas de respeito, por várias corujas e numerosíssimos morcegos.”

O texto ganha em objetividade e clareza, aproximando-se realmente dos destinatários. Em termos de linguagem narrativa, nota-se que a supressão da fala do Príncipe eliminou o comentário valorativo do soberano e ainda conferiu dinamismo à personagem, por preferir agir logo e não perder tempo com falatórios, como se depreende a seu respeito na escrita primeira.

²⁹⁹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 10.

³⁰⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 8.

5. --- Perfeitamente, disse o Príncipe. Faz-se mister que o reino saiba da presença, entre nós, desta linda princesa de olhos negros, a fim de que o povo e a nobreza lhe prestem todas as homenagens. Quero uma grande festa como nunca houve igual. Avise a corte e dê as ordens necessárias, mas antes de nada, mande vir o coche real. O capitão saudou militarmente e saiu acompanhado dos guardas.³⁰¹
5. --- Mande convite a todos os nobres da corte para a grande festa que vou dar amanhã em honra à nossa distinta visitante. E diga a Mestre Camarão que ponha o coche de gala para um passeio pelo fundo do mar. Já.³⁰²

O quinto e último conjunto registra, basicamente, o descarte das frases carregadas de adjetivos e termos usados somente para causar impressão. A expressão “linda princesa de olhos negros” é substituída pela construção “nossa distinta visitante”, mais enxuta e objetiva e, por isso, mais apropriada aos pequenos leitores do que a passagem com pendor lírico presente no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

Feitos os apontamentos referentes à obtenção de períodos mais enxutos, resta tratar de outro procedimento que também repercute no aperfeiçoamento do arranjo sintático: a substituição da sintaxe de índole portuguesa pela sintaxe abasileirada. Sobre a questão, a propósito, Lobato discorre, na crítica já citada do livro de Firmino Costa, *Gramática portuguesa*:

Em matéria de língua caminhamos no sentido de criar uma língua nova, filha da portuguesa.

A língua brasileira positivamente está a sair das faixas, e coexiste no Brasil ao lado da língua portuguesa – como filha que cresce ao lado da mãe que envelhece. E tempo virá em que veremos publicar-se a “Gramática Brasileira”. Pois bem: a gramática de Firmino Costa, sem que o autor pensasse nisso, é já um bom passo à frente para a criação da gramática brasileira.³⁰³

³⁰¹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 13-14.

³⁰² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 12.

³⁰³ Monteiro LOBATO, Gramática portuguesa, *Revista do Brasil*, 16 (64): 63, abr. 1921.

A exaltação percebida nas palavras do escritor dão a mostra do particular interesse dispensado à questão do desenvolvimento de uma linguagem efetivamente brasileira, liberta da obediência servil às formas da matriz lingüística. Alaor Barbosa, ao abordar o assunto na obra *O ficcionista Monteiro Lobato*, assim se posiciona sobre a contribuição lobatiana na criação da língua brasileira:

Impulsionado por seu talento, e libertado, em parte pelos exemplos dos modernistas – com os quais conviveu já na *Revista do Brasil*, a partir de 1917-, Monteiro Lobato construiu e desenvolveu uma linguagem, em suas narrativas para crianças, muito brasileira. Essa linguagem se constitui de uma enorme riqueza léxica e sintática, extraída do imenso tesouro que a língua portuguesa recebe de suas fontes populares, das quais Monteiro Lobato, filho e por longo tempo habitante do interior paulista, sempre esteve muito próximo.³⁰⁴

É nítida, pois, em *Reinações de Narizinho*, a incorporação da linguagem de extração brasileira popular no arranjo sintático da frase, em substituição às construções de uso corrente em Portugal e presentes no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Pode-se constatar isso, por exemplo, no uso de formas de tratamento. No último livro citado há o emprego preferencial do tratamento de segunda pessoa do singular, *tu*, o que se nota claramente nos exemplos abaixo:

1. --- E que queres tu, peixinho?³⁰⁵
2. --- Perdoa, boa Emília, ter-me esquecido de ti!³⁰⁶
3. --- Se sou a senhora do teu coração (...), quero pedir-te uma graça...³⁰⁷

³⁰⁴ Alaor BARBOSA, *O ficcionista Monteiro Lobato*, p. 96.

³⁰⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 9. Narizinho indaga o Príncipe Escamado.

³⁰⁶ *Ibid.*, p. 29. Narizinho conversa com a boneca.

³⁰⁷ *Ibid.*, p. 34. Narizinho conversa com Príncipe Escamado.

4. --- E mais seguros que os aeroplanos dos homens, vais ver (...) ³⁰⁸

5. --- Tu me salvaste a vida (...), e eu quero salvar a tua. Escuta lá. ³⁰⁹

Não se realiza o cotejo nas passagens acima, porque as falas, em sua maioria, estão inseridas em situações que não são reapresentadas em *Reinações de Narizinho*. A exceção é a primeira frase. Como se verifica pela modificação dessa fala, apresentada em primeiro lugar na relação abaixo, em *Reinações* o pronome *tu* é substituído quase que totalmente pelo pronome *você*, tratamento de terceira pessoa com valor de segunda. Ainda que não estabeleçam correspondência integral com as falas retiradas de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, os exemplos abaixo possibilitam a confirmação da mudança da modalidade de tratamento:

1. --- Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não me reconhece? ³¹⁰

2. --- Como é seu nome? ³¹¹

3. --- Apareça lá no sítio de vovó, Senhor Fura-Bolos. Tia Nastácia faz bolinhos muito bons para serem furados. Vá morar comigo, em vez de levar essa vida idiota de bobo da corte. Você não dá para isso. ³¹²

4. --- Achou o fugido? – perguntou-lhe [a Dona Carochinha] o Príncipe. ³¹³

³⁰⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 37. O Príncipe conversa com a menina sobre a segurança dos aerogrilos, os meios de transporte aéreos existentes no Reino-das-Águas-Claras.

³⁰⁹ *Ibid.*, p. 38. O sapo Agarra-e-não-larga-mais conta a Narizinho sobre os planos de conspiração contra o Príncipe Escamado.

³¹⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

³¹¹ *Ibid.*, p. 14. O Príncipe interroga o Pequeno Polegar, disfarçado de bobo da corte.

³¹² *Ibid.*, p. 16. Narizinho faz o convite ao Pequeno Polegar, que aparece no Reino-das-Águas-Claras disfarçado de bobo da corte e afirmando chamar-se gigante Fura-Bolos.

³¹³ *Ibid.*, p. 16.

5. --- Boa-noite, Major Agarra! Que gemidos tão tristes são esses? Não está contente com a sua sainha nova?³¹⁴

A opção pelo pronome de tratamento *você*, em *Reinações de Narizinho*, indicia o desejo do escritor de tornar a linguagem de seu livro bem próxima da usada de fato pelos brasileiros. Como afirmam Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra, a referida forma é mesmo a mais corrente no Brasil:

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. [Neste ponto, os autores ressaltam, em nota de rodapé, que o emprego das formas oblíquas *te*, *ti*, *contigo* apresenta uma difusão bastante maior.] Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.³¹⁵

Somente quando Dona Aranha relata a Narizinho a fala da fada boa dirigida a ela, informando-a do que aconteceria no dia em que tecesse o vestido mais lindo do mundo, é que se emprega a modalidade *tu*. O tom cerimonioso adotado pela fada boa parece adaptar-se a sua condição superior:

--- Ora graças! (...) Chegou afinal o dia da minha libertação. Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu esse espelho com estas palavras: “No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.”³¹⁶

³¹⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 23. Narizinho fala com o sapo Agarra-e-não-larga-mais.

³¹⁵ Celso CUNHA e Luís Felipe Lindley CINTRA, *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 284.

³¹⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 19.

Ainda quanto às modalidades de tratamento, é interessante aludir à ocorrência bem menos significativa, em *Reinações de Narizinho*, do emprego da forma nominal antecedida de artigo no lugar das formas pronominais ou pronominalizadas. Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra afirmam que essa modalidade é freqüente no português de Portugal e rara no do Brasil³¹⁷. Por isso, enquanto o referido fato lingüístico surge quatro vezes no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, em *Reinações* aparece apenas uma. Acompanhem-se, na seqüência, as passagens presentes na escrita primitiva. Em todas, a pessoa com quem se fala é Narizinho. Quem fala, no primeiro exemplo, é o Príncipe Escamado, e, nos demais, Dona Aranha.

1. --- Quero convidar *a menina* para conhecer os meus domínios, lá na cidade das Pedras Redondas, no Reino-das-Águas-Claras.³¹⁸
2. --- Quer *a menina* examinar nossa coleção de vestidos de baile?³¹⁹
3. --- Vejo que *a menina* tem muito bom gosto!³²⁰
4. --- E ele muito merece o amor *da menina*, porque não existe no mundo inteiro príncipe mais valoroso.³²¹

Em *Reinações de Narizinho*, o uso da modalidade de tratamento discutida restringe-se a uma única ocorrência, como já se afirmou. Tal restrição clarifica a intenção de Monteiro Lobato de fazer sua obra corresponder às construções lingüísticas brasileiras, conhecidas e realmente praticadas pelos receptores de seus escritos. Observe-se, na fala de Narizinho, o único exemplo da forma em questão:

³¹⁷ Celso CUNHA e Luís Felipe Lindley CINTRA, *Nova gramática do português contemporâneo*, p. 288.

³¹⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 9.

³¹⁹ *Ibid.*, p. 19.

³²⁰ *Ibid.*, p. 20.

³²¹ *Ibid.*, p. 31.

--- E, por falar, onde anda a Senhora Emília? (...) Desde a briga com a Dona Carochinha que não a vi mais.

--- Nem eu. Acho bom que *o Senhor Príncipe* mande procurá-la.³²²

Para finalizar o comentário da incorporação da linguagem de fonte brasileira popular no arranjo sintático do volume *Reinações de Narizinho*, e concluir a discussão sobre as *melhorias* de natureza lingüística realizadas nessa obra, é necessário ainda mostrar as alterações com vistas à retirada das marcas de oralidade tipicamente portuguesas de algumas passagens de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Há construções nessa obra em que é nítida a recriação do falar português, e não brasileiro. Na reescrita, Lobato as modifica, para que ganhem traços do falar próprio do Brasil. Isso se constata no cotejo que segue, em que se grifam, nos exemplos, os trechos ilustrativos do fato apontado:

1. Certa vez, estando a menina à beira do rio, com a sua boneca, sentiu os olhos pesados e uma grande lombeira pelo corpo. Estirou-se na relva e logo dormiu, embalada pelo murmurinho do ribeirão. *E estava já a sonhar* um lindo sonho quando sentiu cócegas no rosto.³²³

1. Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. *E já ia dormindo*, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto.³²⁴

2. Arregalou os olhos e, com grande assombro, viu de pé na ponta do seu narizinho um peixinho vestido. *Vestido sim, pois não!*³²⁵

2. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.

³²² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 22.

³²³ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 5.

³²⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

³²⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 5.

*Vestido de gente, sim!*³²⁶

3. --- Não! Não! (...) Vamos antes pregar-lhe uma boa peça. Tiramos as armas desse dorminhoco e *vestimo-lo* com a roupa da Emília. Imagine o espanto dele quando acordar!³²⁷

3. --- Não ainda! Tenho uma idéia muito boa. *Vamos vestir este sapo* de mulher, para ver a cara dele quando acordar.³²⁸

4. O sapo derrubou um grande beijo, e foi encorujar-se a um canto, *muito desconsolado da vida*, enquanto Narizinho *ria a mais não poder*.³²⁹

4. O triste sapo derrubou um grande beijo, indo *muito jururu*, encorujar-se a um canto.³³⁰

5. --- *Perdoa, boa Emília, ter-me esquecido de ti!* Mas deixa estar que pedirei ao Príncipe que te faça condessa desta corte ...³³¹

5. --- Quem será o monstro que fez isto para a coitada? (...) Não bastava ser muda, vai ficar cega também. *Coitadinha da minha Emília!*...³³²

³²⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

³²⁷ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 10. Narizinho conversa com Escamado sobre a brincadeira com o sapo guardião do palácio.

³²⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 9.

³²⁹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 12.

³³⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 9

³³¹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 29. Narizinho diz tais palavras à Emília depois de a boneca furar os olhos do Escorpião Negro, salvando a todos do ataque do monstro.

³³² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 23. Narizinho lamenta o ataque de que Emília é vítima no palácio, quando é encontrada desacordada e sem um dos olhos de retrós.

3.4.5. As personagens

O propósito obedecido, neste trabalho, de se apontarem as *melhorias* obtidas por Monteiro Lobato em *Reinações de Narizinho*, ainda considera a introdução dos seres ficcionais na narrativa. Importa mostrar as modificações realizadas pelo escritor na reescrita da história apresentada no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado* de modo a fixar as criaturas do universo narrado, ajustando-as à recepção infantil. Quanto ao detalhamento das características e atuação das personagens ao longo do livro *Reinações de Narizinho*, isso se encontra no apêndice do presente estudo.

A primeira personagem que aparece na história contada em *A Menina do Narizinho Arrebitado* é a avó da protagonista. Como já se apontou anteriormente, a referida criatura ficcional não é nomeada no volume. Em *Reinações de Narizinho*, não apenas se consolida o nome, como alguns traços básicos dela, o que se observa na comparação dos trechos abaixo, sendo o primeiro o da versão preliminar da obra:

Naquela casinha branca, - lá muito longe, mora uma triste velha, de mais de setenta anos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e trêmula, e catacega, sem um só dente na boca – jururu... Todo o mundo tem dó dela: - Que tristeza viver sozinha no meio do mato...

Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pai e mãe, que lá mora desde que nasceu.³³³

Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

--- Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem.³³⁴

³³³ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 3.

³³⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3.

É notável a melhoria realizada na apresentação da personagem em *Reinações de Narizinho*. Em primeiro lugar, é nomeada, deixando de ser introduzida simplesmente como uma “velha”. Sobre o “batismo” da personagem, é interessante acompanhar as palavras do próprio Lobato numa entrevista:

--- Como nasceu a Dona Benta?

--- Eu andava no Colégio Paulista, em Taubaté. Nos colégios os “maiores” nunca dão confiança aos “menores”, e estes, por isso e outras razões, acham que aqueles são mesmo “importantes” – e vivem com os olhos neles. Ora, havia lá um rapaz chamado Pedro de Castro. Era um dos “maiores”, e tinha a seu favor a particularidade de ser de Macaé ou Pati do Alferes. Num colégio, o fato de um sujeito ser de uma terra que os outros não conhecem é bastante para dar-lhe um prestígio extraordinário. Eu era dos “menores”...

--- Ele não dava confiança...

--- Eu vivia a olhá-lo como quem vê um tipo importantíssimo. Esse Pedro de Castro costumava falar em sua avó, de nome Benta. Achei curioso o nome e mais tarde, quando precisei batizar a vovó de Narizinho, foi a avó de Pedro de Castro quem me forneceu o nome...³³⁵

A avó de Narizinho ainda é remoçada em dez anos, e, no lugar da caracterização reveladora de decrepitude, indicando a ênfase em aspectos externos – “Bem no fim da vida que está, e trêmula, e catacega, sem um só dente na boca...” -, ganha um atributo que destaca seu dinamismo: a disposição para a costura. A visão comprometida pela idade avançada é comunicada com a menção ao uso de óculos de ouro, o que acrescenta ao perfil da personagem a idéia de requinte, o oposto, portanto, da mulher matuta descrita em *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

Resulta da reescrita, enfim, uma personagem positiva, distinta da figura grotesca e caricatural apresentada no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Por isso, são maiores as chances de a personagem em *Reinações*, já nesse primeiro momento, angariar a simpatia dos pequenos leitores.

³³⁵ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas* (Entrevista com Silveira Peixoto, da *Gazeta-Magazine*), p. 173-174.

A apresentação de Narizinho também se aperfeiçoa na reescrita. Acompanhem-se os trechos em que se introduz a personagem:

A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pai e mãe, que lá mora desde que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jabuticabas – e reinadeira até ali!... Chama-se Lúcia, mas ninguém a trata assim. Tem apelido. Iaiá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apelido é “Narizinho Arrebitado”, - não é preciso dizer por quê.³³⁶

Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.³³⁷

Diferentemente do que se passa no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a segunda passagem do conjunto acima não aborda a orfandade de Narizinho. Com isso, o caminho para a aceitação da personagem não é o do apelo à comoção, levando o leitor a sentir pena da menina por sua condição. Antes, opta-se, em meio ao fornecimento das características físicas da garota e à menção a uma de suas preferências, pelo destaque a uma aptidão incomum para sua idade – “... (...) tem sete anos (...) e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos.”- o que pode causar admiração, e não piedade.

A especificação da habilidade da menina, diga-se, é mais apropriada do que a generalidade existente no atributo “reinadeira”, de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. A propósito da admiração do leitor criança pelo ser ficcional apresentado pelo adulto, é oportuno lembrar o que dizem Marie-José Chombart de Lawve e Claude Bellan, com base em pesquisas realizadas na França:

(...) as crianças admiram particularmente a força e a coragem dos jovens heróis; elas confessam com frequência, abertamente ou indiretamente através de certas

³³⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 3.

³³⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3.

reflexões, que desejam essa qualidade que não possuem. Buscam a admiração coletiva, se exibem... A criança conhece a imagem ideal de si mesma que o adulto lhe sugere e a utiliza.³³⁸

Afora o destaque dado à habilidade de Narizinho, em *Reinações* também são citadas características físicas dela e um de seus gostos alimentícios, a pipoca. Com relação ao elemento principal da fisionomia da personagem, Lobato esclarece, na entrevista aludida, quando o entrevistador lhe pergunta por que preferiu um “narizinho arrebitado”:

--- Não preferi... Veio assim, de momento. Eu queria dar um traço característico, pitoresco, à minha pequena personagem. E que traço mais pitoresco do que um narizinho arrebitado?³³⁹

É compreensível a busca por um traço pitoresco, quando se recorda que Lobato também pintava quando lhe vinha a vontade³⁴⁰, e, portanto, era inegavelmente sensível aos detalhes pictóricos da composição dos seres ficcionais. As palavras do escritor também permitem explicar a eliminação, na escrita definitiva, da referência à cor negra dos olhos de Lúcia. O nariz arrebitado é um traço suficientemente pitoresco para eternizar a personagem, com o qual não concorre a informação sobre o fato de a menina ser morena, que por isso é mantida.

O apontamento do gosto pela pipoca, por outro lado, pode conduzir o pequeno leitor à identificação com a personagem, pois o referido alimento é, de fato, um dos mais requisitados pelas crianças da faixa etária de Narizinho. Maria Alice Faria designa essa ocorrência, numa avaliação ampla do processo de escolha da personagem pelo leitor, de *identificação com terceiros*:

³³⁸ Marie-José CHOMBART DE LAWVE & Claude BELLAN, *Enfants de l'image*. Paris: Payot, 1979. *apud* Maria Alice Faria. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999. p. 47.

³³⁹ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas* (Entrevista com Silveira Peixoto, da *Gazeta-Magazine*), p. 173.

³⁴⁰ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 60. Numa carta datada de dezembro de 1915 (2º tomo), Lobato escreve a Godofredo Rangel: “Desenho e pinto como me coço, porque vem a coceira – mas só me coço portas a dentro, para mim mesmo. Eu sei o que é desenho – pintura. Sou velho assinante do *The Studio* de Londres.”

Neste caso, o leitor jovem ou criança encontra pontos comuns com o herói que os aproximam e vai tentar se assemelhar a ele o mais possível. Esta forma de identificação supõe sempre a existência de uma alteridade, um outro, que lhe serve de modelo, e é a forma mais comum.³⁴¹

Outro ponto em comum, naturalmente, que o leitor criança pode vir a reconhecer é a cor morena da personagem, tom de pele representativo da menina brasileira em geral. Com relação à Narizinho ainda, é importante dizer que, em *Reinações*, fixam-se-lhe as prerrogativas próprias de protagonista de fato. Isso explica as mudanças operadas na reescrita de maneira a conferir-lhe qualidades e a atribuir-lhe a iniciativa em ações, as quais, no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, são encetadas por seus companheiros de cena. O primeiro exemplo que se pode oferecer da modificação comentada é a passagem da retirada de alguns fios da sobancelha da menina pelas pequenas personagens alojadas em seu rosto. Comparem-se os trechos com os grifos necessários:

E ficou imóvel, a espiar a manobra dos *curiosos* bichinhos [Príncipe Escamado e mestre Cascudo] entretidos na colheita das varas de barbatana [O que pensavam ser varas de barbatana eram os fios da sobancelha de Narizinho], pensando lá consigo ...³⁴²

O besouro gostou da idéia e veio colher as barbatanas. Cada fio que arrancava era uma dorzinha aguda que a menina sentia – e bem vontade teve ela de o espantar dali com uma careta! Mas tudo suportou, *curiosa* de ver em que daria aquilo.³⁴³

³⁴¹ Maria Alice FARIA, *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*, p. 36. O outro tipo de identificação é a *especular*, desse modo explicada pela autora, à página 37 da obra citada: “Já na identificação especular há um reconhecimento global de si no outro e o jovem vê na personagem um alter-ego.”

³⁴² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 6.

³⁴³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 6.

Nota-se, pois, que a curiosidade passa a ser da menina, e não mais dos companheiros na história, Príncipe Escamado e mestre Cascudo. Essa última personagem, a propósito, na escrita primitiva é designada apenas pelo nome Cascudo, ganhando, em *Reinações de Narizinho*, o título aludido, passando a ser mestre Cascudo. Outro exemplo do incremento das qualidades de protagonista de Narizinho, no volume citado, liga-se ao trecho que narra o momento do reconhecimento entre a personagem e o amigo, Escamado. Acompanhem-se as passagens e observe-se a mudança:

O peixinho, porém, era um guaru valente que nunca teve medo de cucas, e por isso ali continuou firme, cada vez mais interessado em decifrar o enigma. Pensou, pensou muito tempo, de mãozinha no queixo, e de repente, vendo a boneca ao lado da menina, bateu na testa, numa grande alegria:

--- E esta! Pois não é que é Narizinho Arrebitado, a nossa amiguinha de todos os dias? Belo encontro! Vou convidá-la a visitar o Reino-das-Águas-Claras. Empertigou-se todo, arrumou a gravata e gritou no ouvido dela:

--- Ó de casa!

--- Quem fala? respondeu Narizinho, fingindo não saber de nada.

--- Sou eu, o Príncipe Escamado, guaru de prata para te servir.³⁴⁴

O peixinho, porém, que era muito valente, permaneceu firme, cada vez mais intrigado com a tal montanha que espirrava. Por fim a menina teve dó dele e resolveu esclarecer todo o mistério. Sentou-se de súbito e disse:

--- Não sou montanha nenhuma, peixinho. Sou Lúcia, a menina que todos os dias vem dar comida a vocês. Não me reconhece?

--- Era impossível reconhecê-la, menina. Vista de dentro d'água parece muito diferente...

--- Posso parecer, mas garanto que sou a mesma. Esta senhora aqui é a minha amiga Emília.

³⁴⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 8-9.

O peixinho saudou respeitosamente a boneca, e em seguida apresentou-se como o Príncipe Escamado, rei do Reino-das-Águas-Claras.³⁴⁵

Vê-se, na reescrita, que é Narizinho quem toma a iniciativa de tudo esclarecer e quem primeiro se apresenta. Parte da menina também a atitude de apresentar ao Príncipe a boneca, em seguida. Em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, apesar de o narrador informar o leitor sobre a fingida ignorância de Lúcia acerca dos fatos, ele retira da menina o destaque na cena ao concentrar em Escamado a iniciativa das ações. É o Príncipe inclusive quem vê Emília, fato que o ajuda a resolver o enigma do local onde se encontra, tornando desnecessária a intervenção da menina do nariz arrebitado.

É importante esclarecer que, na escrita primitiva, são muitos os exemplos do apagamento da personagem protagonista em relação ao Príncipe do Reino-das-Águas-Claras. Esse fato repercute na composição de Narizinho em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, indiscutivelmente mais insulsa do que aquela apresentada em *Reinações*. Escamado, na versão preliminar da narrativa, possui um perfil mais heróico do que a personagem da escrita definitiva. Em *Reinações de Narizinho*, pois, como o trecho acima mostra e se verifica ao longo do primeiro capítulo, é concedida a Narizinho a primazia esperada da personagem principal da história.

Sobre a terceira personagem do núcleo lobatiano a surgir na narrativa, acompanhem-se as passagens que a introduzem:

Além de Lúcia, existe na casa a tia Anastácia, uma excelente negra ...³⁴⁶

Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra ...³⁴⁷

Modifica-se, portanto, a grafia do nome: elimina-se a letra inicial, e a personagem passa a se chamar tia Nastácia. Na verdade, assinala-se graficamente o que acontece na pronúncia do nome primitivo. Em função de a palavra “tia” terminar por vogal e o nome

³⁴⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 7.

³⁴⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 3.

³⁴⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3.

“Anastácia” principiar por um fonema vocálico igualmente, as vogais se fundem na pronúncia, dando a impressão de a designação ser Nastácia de fato. A eliminação, pois, consolida o que a pronúncia do nome da escrita primeira já patenteia. A respeito da história da gênese dessa personagem, o escritor conta, na entrevista a Silveira Peixoto:

--- Tive em casa uma Anastácia, ama do meu filho Edgard. Uma preta alta, muito boa, muito resmungona, hábil quituteira... Tal qual a Anastácia, ou a tia Nastácia dos livros.³⁴⁸

A personagem que se introduz na seqüência da história é a boneca de pano de Narizinho. Comparem-se os trechos presentes nas duas obras em estudo:

Além de Lúcia, existe na casa a tia Anastácia, uma excelente negra de estimação, e mais a Excelentíssima Senhora Dona Emília, uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retrós preto e as sobranças tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.

Mas apesar disso Narizinho quer muito bem à Sra. Dona Emília, vive a conversar com ela e nunca se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha armada entre pés de cadeira. Fora esta bruxa de pano, o outro encanto de Narizinho é um ribeirão que passa no fundo do pomar ...³⁴⁹

Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranças tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso Narizinho gosta muito dela; não almoça nem janta sem a ter ao lado, nem se deita sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira.

³⁴⁸ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas* (Entrevista com Silveira Peixoto, da *Gazeta-Magazine*), p. 174.

³⁴⁹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 4.

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar.³⁵⁰

O fato da reescrita que imediatamente chama a atenção e talvez concentre o que há de mais importante na passagem é a consideração da boneca como uma “pessoa”: “Na casa ainda existem *duas pessoas* – *tia Nastácia*, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e *Emília* ...”. Não se distingue, pois, a boneca das outras personagens representativas de seres humanos da história: Dona Benta, Narizinho, tia Nastácia. Introduce-se a personagem com naturalidade em *Reinações de Narizinho* e o expediente descrito substitui com vantagens as formas de tratamento cerimoniais e artificiais da escrita primeira, “Excelentíssima Senhora Dona Emília” e “Sra. Dona Emília”.

A aceitação da personagem boneca como uma pessoa pelo leitor criança ampara-se, sem dúvida, na maneira como Monteiro Lobato organiza sua ficção. A forma de introduzir Emília na narrativa é apenas o primeiro de uma série de achados relacionados à configuração da personagem na estrutura de seus textos, tornando-a, possivelmente, o maior êxito da literatura infantil brasileira. Não é propósito deste item, já se esclareceu, a discussão e a análise da caracterização das personagens. O que se busca é apontar as modificações impostas pelo escritor, na reescrita da história narrada em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, quanto à introdução das personagens. Diz-se isso para justificar o comentário sucinto que se faz da personagem neste item, em consonância, porém, com os objetivos seguidos no presente trabalho.

Está, portanto, na organização interna da narrativa lobatiana, como a passagem de *Reinações de Narizinho* mostra, a chave para a aceitação da personagem pelo receptor infantil. Ao apresentar Emília como uma pessoa, o narrador lobatiano inicia a organização de traços relacionados à personagem, os quais, obedecendo à convenção estabelecida pelo autor na obra enfocada, a possibilidade de o real concreto fundir-se com o maravilhoso, fazem a personagem funcionar, convencer. Antonio Candido, autor que fornece o suporte para as considerações feitas, ainda afirma, sobre a questão:

Assim, pois, um traço *irreal* pode tornar-se verossímil, conforme a ordenação da matéria e os valores que a norteiam, sobretudo o sistema de convenções

³⁵⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3.

adotado pelo escritor; inversamente, os dados mais autênticos podem parecer irreais e mesmo impossíveis, se a organização não os justificar.³⁵¹

Reconhecidos o fator crucial para a discussão da natureza e aceitação da personagem Emília, bem como a importância de sua apresentação em *Reinações de Narizinho*, é conveniente, como curiosidade, discorrer também sobre sua gênese. A respeito do problema da origem das personagens, Candido, na obra já citada, ressalta que somente se justifica nos estudos da técnica de caracterização, e da relação entre criação e realidade. Depois de arrolar casos de mecanismos de criação de personagens, selecionados a partir de elementos deixados por romancistas célebres das literaturas brasileira e mundial, conclui:

Em todos esses casos, simplificados para esclarecer, o que se dá é um trabalho criador, em que a memória, a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis, sob a égide das concepções intelectuais e morais. O próprio autor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento, pois esse trabalho se passa em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir.³⁵²

De fato, quando o jornalista Silveira Peixoto dialoga com Lobato e a irmã do escritor, dona Ester de Moraes, sobre a origem da personagem Visconde de Sabugosa, nota-se incerteza nas palavras do criador quanto à gênese dessa criatura ficcional e de Emília. Acompanhe-se a entrevista, com os destaques necessários:

Dona Ester de Moraes larga o tricô e toma a palavra.

--- Naqueles tempos, na fazenda, as crianças costumavam brincar com bonecos de sabugo. Tomávamos um sabugo de milho e vestíamos como se fosse uma boneca. Nos chuchus púnhamos umas pernas de palitos e ficavam sendo os “cavalos” e os “porquinhos”... Quando aos sábados o Juca vinha do colégio nós

³⁵¹ Antonio CANDIDO et al., *A personagem de ficção*, p. 77.

³⁵² *Ibid.*, p. 74.

preparávamos uma porção de coisas para recebê-lo; alinhávamos as bonecas de sabugo...

--- Mas eu largava tudo e ia pescar! Aparteia Lobato.

--- É verdade... diz dona Ester. Mas os tais bonecos de sabugo...

--- ... devem ter influído na criação do Visconde de Sabugosa... conluo.

--- *É. Podem ter sido a matriz dessa idéia. E também a Emília deve ser produto de uma reminiscência desses tempos...* concorda Lobato.³⁵³

Pode-se, na seqüência, aludir à modificação empreendida na apresentação dos peixes do ribeirão. Conforme já se discutiu no item relacionado à solução lingüística, o escritor opta por enxugar o parágrafo, concentrando na espécie dos lambaris a detalhada enumeração dos habitantes das águas do ribeirão do sítio. Acompanhe-se a apresentação dos trechos:

³⁵³ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas* (Entrevista com Silveira Peixoto, da *Gazeta-Magazine*), p. 174-175.

Fora esta bruxa de pano, o outro encanto de Narizinho é um ribeirão que passa no fundo do pomar, de águas tão claras que se vêem as pedras do fundo e toda a peixaria miúda.

Não se passa um dia sem que Lúcia vá sentar-se à beira d'água, na raiz de um velho ingazeiro, ali ficando horas, a ouvir o barulhinho da corrente e a dar comida aos peixes. E eles bem que a conhecem! É vir chegando a menina e todos lá vêm correndo, de longe, com as cabecinhas erguidas, numa grande fome. Chegam primeiro os piquiras, os guarus barrigudinhos, de olhos saltados; vêm depois os lambaris ariscos de rabo vermelho; e finalmente uma ou outra parapitinga desconfiada. E nesse divertimento fica a menina até que a tia Anastácia apareça no portãozinho do pomar e grite com a sua voz sossegada: - Narizinho! Vovó está chamando!³⁵⁴

Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar. Suas águas, muito apressadinhas e mexeriqueiras, correm por entre pedras negras de limo, que Lúcia chama as “tias Nastácias do rio.”

Todas as tardes Lúcia toma a boneca e vai passear à beira d'água, onde se senta na raiz dum velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris.

Não há peixe do rio que a não conheça; assim que ela aparece, todos acodem numa grande fome. Os mais miúdos chegam pertinho; os graúdos parece que desconfiam da boneca, pois ficam ressabiados, a espiar.³⁵⁵

Além das qualidades relacionadas à economia do texto, sobre as quais já se falou, a eliminação das espécies de peixes de rio ainda se soma a outras alterações da reescrita que indicam a intenção de consolidar o episódio “Reino-das-Águas-Claros”, em *Reinações de Narizinho*, como uma experiência vivida em meio a elementos e seres marinhos, e não fluviais, esses últimos priorizados no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Embora tudo tenha início às margens de um ribeirão nos dois livros, há, na escrita definitiva, a disposição de propor a vivência de uma aventura no fundo do mar predominantemente, em que se transfiguram as águas doces do riacho do sítio e se alcança o ambiente do oceano.

³⁵⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 4.

³⁵⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 4.

Quando, portanto, Narizinho já se encontra na sala do trono do Príncipe Escamado e o acompanha na audiência aos súditos, a reescrita aponta outra alteração em atendimento à mencionada intenção. Observem-se os trechos com destaques:

Em seguida Escamado abriu a porta e, dando a mão à menina, introduziu-a numa grande sala onde havia um trono.

--- É aqui a sala do governo, onde dou audiências aos meus súditos e distribuo justiça, castigando os maus e premiando os bons.

Sentou-se no trono e bateu, com *um martelinho de prata, três pancadas num gongo de bronze: pom!pom!pom!*³⁵⁶

Entraram diretamente para a sala do trono, no qual a menina se sentou a seu lado, como se fosse uma princesa. *Linda sala! Toda dum coral cor de leite, franjadinho como musgo e penduradinho de pingentes de pérola, que tremiam ao menor sopro. O chão, de nácar furta-cor, era tão liso que Emília escorregou três vezes.*

O Príncipe deu o sinal de audiência batendo com *uma grande pérola negra numa concha sonora.*³⁵⁷

Nas personagens referidas e assistidas na audiência dá-se igualmente a modificação de modo a fixar os seres ficcionais marinhos em substituição aos de rio, da narrativa primitiva. Acompanhem-se as passagens com grifos:

³⁵⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 12.

³⁵⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 10.

--- Adiante-se! Ordenou o Príncipe. O capitão [Gafanhoto que comanda a guarda de grilos do reino] adiantou-se e veio postar-se em frente do trono.

--- Que novidades há no reino?

--- Poucas, Majestade. Houve um crime na Toca Preta. A *rã verdolenga* embriagou-se, e entrando em casa d'uma família de baratas matou a barata-mãe, feriu gravemente a barata-pai e comeu todas as baratinhas-filhas. (...)

--- (...) Que mais?

--- Foram encontrados sem sentidos *dois bagres amarelos*, a boiar *na lagoa pequena*. Recolhi-os à enfermaria e lá estão sob os cuidados do Doutor Caramujo, que receitou purgante e suadouro.³⁵⁸

O mordomo introduziu os primeiros queixosos – um *bando de moluscos* nus que tiritavam de frio. Vinham queixar-se dos *Bernardos Eremitas*.

--- Quem são esses Bernardos? – indagou a menina.

--- São uns caranguejos que têm o mau costume de se apropriarem das conchas destes pobres moluscos, deixando-os em carne viva *no mar*. Os piores ladrões que temos aqui.

(...)

Depois apareceu uma *ostra* a se queixar dum *caranguejo* que lhe havia furtado a pérola.

--- Era uma pérola ainda novinha e tão galante! – disse a ostra, enxugando as lágrimas. Ele raptou-a só de mau, porque os caranguejos não se alimentam de pérolas, nem as usam como jóias. Com certeza já a largou por aí nas areias...

O Príncipe resolveu o caso mandando dar à ostra uma pérola nova do mesmo tamanho.³⁵⁹

³⁵⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 13.

³⁵⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 10.

No encerramento da audiência, o Príncipe ordena que chamem o coche real para um passeio com Narizinho. Comparem-se as passagens dos momentos seguintes à sua ordem e atente-se para as modificações no que respeita às personagens e ao próprio espaço da ação:

Não demorou muito e uma carruagem apareceu à porta, puxada por *três parelhas de lambaris*.

Servia de cocheiro um belo camarão de libré vermelha, muito teso no alto da boléia. Mal o Príncipe e a menina entraram na carruagem, mestre Camarão estalou o chicote e os lambaris partiram como raios.

(...)

Enquanto a carruagem corria pelo *fundo do ribeirão*, ia Narizinho admirando, através das vidraças, os belos panoramas, as avenidas de areia branca, as pedras redondas e os peixes que paravam respeitosamente para vê-los passar.³⁶⁰

O passeio que Narizinho deu com o Príncipe foi o mais belo de sua vida. O coche de gala corria por sobre a areia alvíssima do *fundo do mar* conduzido por mestre Camarão e tirado por *seis parelhas de hipocampos*, uns bichinhos com cabeça de cavalo e cauda de peixe. Em vez de pingalim, o cocheiro usava os fios de sua própria barba para chicoteá-los – *lepte! lepte!...*³⁶¹

No jantar oferecido pelo Príncipe, Narizinho é chamada para comer, na escrita primeira, por um “grilo recadeiro”. Em *Reinações de Narizinho*, um “peixinho de rabo vermelho” incumbe-se da tarefa. Ao sentar-se ao lado de Escamado, a menina elogia a arrumação da mesa, e o Príncipe cita as responsáveis pelo primoroso trabalho. Observem-se as passagens com a alteração:

³⁶⁰ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 14.

³⁶¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 12-13.

--- Artes das *senhoras saúvas* (...). São elas que colhem as florinhas do campo e enfeitam estes vasos.³⁶²

--- Artes das *senhoras sardinhas* (...). São as melhores arrumadeiras do reino.³⁶³

Um último exemplo do propósito de consolidar a história narrada no episódio “Reino-das-Águas-Claras” como uma aventura decorrida num ambiente marinho é a manifestação dos convidados do baile em homenagem à Narizinho. Quando ela surge no salão, todos ficam impressionados com sua beleza, e a escrita expressa a admiração dos presentes do modo que segue. Cotejem-se as passagens e atente-se para a substituição:

Mal Narizinho entrou, pela sala real correu um murmúrio de admiração, muito explicável, visto como jamais aparecera em Águas Claras criatura assim tão deslumbrante. E começaram a cochichar que com certeza era a própria *Fada dos Rios* que se encarnara na menina.³⁶⁴

Chegou a hora da festa. Dando a mão a Narizinho, o Príncipe dirigiu-se à sala de baile.

--- Como é linda! – exclamaram os fidalgos lá reunidos ao verem-na entrar. Com certeza é a filha única da *fada dos Sete Mares*...³⁶⁵

A consolidação do ambiente marinho na escrita definitiva pode ser explicada, primeiramente, como um meio de se criarem personagens variadas, diferentes, inspiradas na fauna fantástica e misteriosa do oceano. Por outro lado, pode-se pensar na visão avançada de Monteiro Lobato como produtor e divulgador de arte indicando a necessidade de se universalizar a história narrada, e contá-la com o apoio de seres ficcionais mundialmente conhecidos e não apenas familiares às crianças brasileiras.

³⁶² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 17.

³⁶³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 14.

³⁶⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 21.

³⁶⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 20.

Prova do raciocínio desenvolvido é a eliminação da seqüência de nomes de peixes do ribeirão do sítio e a concentração na espécie dos lambaris. Piquiras, guarus e parapitinga designam espécies de peixes locais e não têm o alcance das designações relacionadas aos animais marinhos. Em *Reinações de Narizinho*, portanto, esses nomes desaparecem, enquanto personagens dos mares passam a integrar a história, como os Pólipos, os Bernardos-Eremitas, os hipocampos, as sardinhas.

Uma outra enumeração presente no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*, esta relacionada a nomes de pássaros, é igualmente eliminada. Atente-se para os nomes de aves brasileiras de alguns integrantes da orquestra do palácio, na narrativa primeira, e a concentração numa espécie única, em *Reinações*:

A orquestra era composta de cigarras e passarinhos miúdos: *canários, pintassilgos, papa-capins, corruíras, viuvinhas*. À frente dela estava, de batuta no bico, um *sabiá-do-campo*, maestro de fama.³⁶⁶

Enquanto comiam, uma excelente orquestra de cigarras e pernilongos tocava a música do fium, regida pelo maestro *Tangará*, de batuta no bico.³⁶⁷

Relaciona-se ainda ao comentado intento de universalização a entrada de uma personagem dos contos de fadas na história contada em *Reinações*, o Pequeno Polegar, e a menção, feita pelas personagens Dona Carochinha e Dona Aranha, a outras personagens mundialmente conhecidas: Aladim, Bela Adormecida, Gato-de-Botas, Marquês de Carabas, Gato Félix, Branca-de-Neve, Pinocchio, Cinderela.

O Pequeno Polegar entra na história como candidato a bobo da corte do Príncipe Escamado, já que o antigo, Carlito Pirulito, conforme o narrador esclarece, havia sido devorado pelo peixe-espada. Polegar se disfarça, porque Dona Carochinha, a baratinha contadora de histórias, está a sua procura desde que ele fugiu de sua narrativa, exigindo novas aventuras. Apresenta-se ao Príncipe como um improvável “gigante Fura-Bolos”, mas é

³⁶⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 24.

³⁶⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 14.

imediatamente reconhecido pela menina do nariz arrebitado, que acaba ajudando-o a fugir da baratinha.

No livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a personagem Carlito Pirulito é um caruncho, “um corcundinha pegado dentro dum caroço de milho e criado pelo Príncipe para divertir a corte”³⁶⁸. Em *Reinações*, pois, a criatura é retirada da história para que o Pequeno Polegar se candidate a assumir seu lugar. O tamanho ínfimo da personagem da escrita primeira na certa inspirou a escolha de Polegar, dentro do propósito de universalizar a obra, para tentar conquistar o posto de bobo da corte no Reino-das-Águas-Claras. Ainda que, na história, a pequena personagem não obtenha sucesso na tentativa de substituir Carlito Pirulito, pois não consegue ser engraçado, a introdução dela, na narrativa, cativa o pequeno leitor em função de sua notoriedade.

O esforço de Monteiro Lobato no sentido de consolidar, em *Reinações de Narizinho*, personagens realmente caras e ajustadas às crianças, também explica a eliminação de certas criaturas ficcionais da narrativa primitiva. A atuação delas, por estar relacionada a aspectos do universo prioritariamente adulto, não estabelece quase nenhum vínculo com a experiência infantil e dificilmente atende a uma provável expectativa desse público. Exemplifica o que foi dito a supressão de personagens presentes na passagem, eliminada, da visita ao hospital, como a barata moribunda, o Frei Louva-a-Deus e as baratas enfermeiras, irmãs de caridade; algumas criaturas do jantar oferecido pelo Príncipe, caso da poetisa Lagartixa; do vilão Escorpião Negro e do capitão Gafanhoto, chefe desleal da guarda de Escamado, ambos envolvidos na passagem, retirada, da conspiração contra o Príncipe; e de seres ficcionais que integram a passagem da festa veneziana, também eliminada, como as rãs serenatistas e a libelinha poetisa.

É indispensável, nesse momento do trabalho, ratificar o acerto na introdução da baratinha contadora de histórias, Dona Carochinha. Imensamente mais apropriada do que a personagem atacada pela rã verdolenga da versão primitiva, o pai-barata moribundo, ela é um ente ficcional não-lobatiano bastante conhecido dos livros para crianças no Brasil, como os de Figueiredo Pimentel, em que se narram os contos de fadas de tradição européia. A personagem, no entanto, surpreende o leitor na atuação e por acrescentar fatos inteiramente novos às experiências das célebres criaturas de suas histórias.

³⁶⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 19.

Dona Carochinha entra na narrativa com a função de ocupar também o lugar do vilão Escorpião Negro de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Provam tal percepção, a rivalidade que mantém com a protagonista Narizinho e a agressão à Emília, denunciada pela boneca assim que começa a falar.

A baratinha, portanto, acumula elementos que a definem como antagonista, mas, ao contrário do vilão da narrativa primeira, assustador, sombrio, traidor, ela cativa por ter características mais adequadas para serem recebidas pela criança: a implicância, a inconveniência, a desfaçatez. Propicia, por isso, momentos impagáveis na história, fixando-se como uma das vilãs mais famosas da obra infantil lobatiana.

Para encerrar o comentário acerca das melhorias efetuadas na apresentação das personagens em *Reinações de Narizinho*, é necessário tratar das modificações realizadas nos traços dos seres ficcionais Agarra-e-não-larga-mais, Dona Aranha e Doutor Caramujo, e das informações sobre a personagem Pedrinho.

O sapo guardião do palácio tem o nome alterado de mestre Agarra-e-não-larga-mais para Major Agarra-e-não-larga-mais, de maneira que se reconheça em sua designação o posto ocupado no exército marinho. O destaque que a personagem ganha no capítulo é conquistado por um motivo diferente de seu antecessor, no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Nessa obra, como se discutiu, responsabiliza-se pela narração de fatos que modificam os rumos da história.

Em *Reinações de Narizinho*, o sapo, tal como acontece na narrativa primeira, é castigado por dormir em serviço. A pena pelo delito aumenta, todavia, pois o Príncipe determina que o guarda engula cem pedrinhas redondas, cinquenta a mais do que em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Agarra-e-não-larga-mais encontra o mesmo problema apontado na escrita preliminar: sente-se empanturrado e pede ajuda a Narizinho. Doutor Caramujo é, então, convocado para realizar uma cirurgia e retirar as pedras que incomodavam o sapo. Na narrativa primeira, porém, não há nenhuma surpresa no momento da intervenção, ao contrário do que acontece em *Reinações*. Acompanhe-se a passagem descrita nas duas obras e atente-se para a mudança:

O Doutor Caramujo arregaçou as mangas, pôs o avental e, ajudado por várias formigas, deu começo à operação. O sapo foi posto de costas, com a barriga para o ar, e as saúvas, com os afiados ferrões, abriram nela um corte. Depois entraram pela abertura adentro e foram tirando uma por uma as cinquenta pedrinhas do castigo. Quando saiu a última, mestre Agarra deu um grande suspiro de alívio. Reunidas as pedras e feita lá dentro uma limpeza, o médico tratou de costurar o corte.³⁶⁹

O grande cirurgião abriu com a faca a barriga do sapo e tirou com a pinça de caranguejo a primeira pedra. Ao vê-la à luz do sol sua cara abriu-se num sorriso caramujal.

--- Não é pedra, não! – exclamou contentíssimo: É uma das minhas queridas pílulas! Mas como teria ela ido parar na barriga deste sapo?...

Enfiou de novo a pinça e tirou nova pedra. Era outra pílula! E assim foi indo até tirar lá de dentro noventa e nove pílulas.³⁷⁰

Tal surpresa, a descoberta de que suas pílulas desaparecidas estavam, na verdade, na barriga do sapo, torna possível ao Doutor Caramujo curar Emília de sua mudez. Agarra-e-não-larga-mais responsabiliza-se, pois, em *Reinações de Narizinho*, pelo famoso gosto sentido pela boneca e expresso nas primeiras palavras por ela proferidas, quando começa a falar: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!”³⁷¹

Doutor Caramujo, por sua vez, consolida-se, no capítulo, como o responsável pelo fenômeno de fazer Emília falar, adquirindo elementos mais fortes para fixar-se do que os apresentados no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. A propósito das pílulas, instrumento que se eterniza como aliado do médico nos procedimentos de cura, na escrita primitiva são mencionadas pela personagem como de propriedade de outro, além de não terem a mesma força daquelas de *Reinações*. Cotejem-se as falas de Doutor Caramujo sobre a procedência do remédio:

³⁶⁹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 34-35.

³⁷⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 27.

³⁷¹ *Ibid.*, p. 27.

--- Muito mal, respondeu Caramujo [quando o Príncipe Escamado lhe pergunta sobre o estado de saúde do pai-barata, ferido mortalmente pela rã verde]. Quebrou cinco pernas, rasgou uma asa, e está todo arrebetado por dentro. Deilhe as pílulas de mestre Escaravelho mas não tenho esperanças de salvá-lo.³⁷²

Já morreu o besouro boticário que fazia as pílulas, sem haver revelado o segredo a ninguém. A mim só me restava um cento, das mil que comprei dos herdeiros. O miserável ladrão [Doutor Caramujo pensa que as pílulas engolidas pelo sapo por engano haviam sido roubadas] só deixou uma – e imprópria para o caso porque não é pílula falante.³⁷³

Dona Aranha erige-se em personagem de destaque, é referida num dos subtítulos do primeiro capítulo, e tem seu estatuto de personagem ampliado em *Reinações de Narizinho*, passando a envolver consideravelmente o leitor com os eventos narrados a Narizinho. Firmase também como uma costureira com ateliê próprio, recebendo a ajuda, nesse ofício, das seis filhas aranhas. Em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, ela conta com o auxílio de outras personagens, aparenta ser a ama principal da menina, e morar no palácio. As sessenta filhas que tinha, informa o narrador, foram devoradas pelo sapo Agarra-e-não-larga-mais e, por isso, ela diz a Narizinho que não o perdoará jamais. Acompanhem-se os trechos que tratam das personagens Dona Aranha e suas auxiliares, nas obras estudadas:

³⁷² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 15.

³⁷³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 26.

Logo que saiu da mesa recolheu-se Narizinho ao quarto a fim de preparar-se para o baile. Para servi-la encontrou lá Dona Aranha, a melhor costureira do reino, e também várias *mucamas formigas*.³⁷⁴

Depois do jantar o Príncipe levou Narizinho à casa da melhor costureira do reino. Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas. (...) Dona Aranha tomou da fita métrica e, ajudada por *seis aranhinhas* muito espertas, principiou a tomar as medidas.³⁷⁵

Narizinho (...) saiu em companhia de Dona Aranha e passeou durante uma boa hora pelos jardins do palácio, enquanto as *saiúvas* experimentavam vestidos em Emília.³⁷⁶

E [Dona Aranha] ordenou às *suas seis filhinhas* que trouxessem as caixas de pó de borboleta.³⁷⁷

Quanto a Pedrinho, não aparece no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*. No primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*, é citado por Dona Benta, quando Lúcia retorna do Reino-das-Águas-Claras. A avó de Narizinho introduz a personagem criando expectativa quanto ao companheiro de brincadeiras da menina:

--- Uma grande novidade, Lúcia. Você vai ter agora um bom companheiro aqui no sítio para brincar. Adivinhe quem é?³⁷⁸

³⁷⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 19.

³⁷⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 17.

³⁷⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 31.

³⁷⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 19.

³⁷⁸ *Ibid.*, p. 29.

Narizinho, ainda sob o impacto da experiência no reino marinho, menciona personagens conhecidas naquele local, ao que Dona Benta replica, fornecendo mais alguns dados sobre o menino:

--- Qual sapo, nem papagaio, nem elefante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos conosco é o Pedrinho, filho da minha filha Antonica. (...) Deve chegar amanhã de manhã.³⁷⁹

3.5. (...) *volume* (...) *com* (...) *aumentos* (...)

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num *volume* grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, *com* melhorias, *aumentos* e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel!³⁸⁰

Dentro do propósito de se apontar a concretização do plano manifesto por Monteiro Lobato, no trecho da carta em que comenta a composição do volume *Reinações de Narizinho*, transcrito acima, há que se esclarecer o significado da idéia relacionada aos *aumentos*. Já se observou anteriormente que o escritor organiza a obra infantil enfocada reunindo, remodelando e unificando, basicamente, histórias que já havia publicado em separado no período de 1928 a 1931, sobretudo.

Como essas narrativas passam a compor um título principal e se harmonizam, a enumeração já apresentada delas, e aqui repetida, utiliza o recurso tipográfico destinado a capítulos: Narizinho Arrebitado, O Marquês de Rabicó, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, A cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinho, A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim.

³⁷⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 29-30.

³⁸⁰ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p.329 (2º tomo).

Para que se compreenda, inicialmente, os aludidos aumentos, é importante lembrar que nesse esforço básico de unificação das várias histórias há, seguramente, a realização de acréscimos às primeiras versões. Não se pode verificar de fato os aumentos feitos, porque, com exceção de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, reeditado nas condições já esclarecidas, os outros livros originais que passam a compor *Reinações de Narizinho* são inacessíveis para o manuseio exigido num trabalho de pesquisa e análise.

Ainda faz pensar, à primeira vista, que se associa à idéia dos *aumentos* declarada por Lobato o capítulo intitulado O Sítio do Picapau Amarelo, também integrante do volume *Reinações de Narizinho*. Esse capítulo, colocado logo depois do primeiro, *Narizinho Arrebitado*, é o único que aparentemente não retoma uma obra já publicada anteriormente em separado, levando à pressuposição de que poderia ter sido escrito e acrescentado à época da organização de *Reinações*. Nelly Novaes Coelho informa a tal respeito, porém:

Várias alterações foram feitas no texto original [de *A Menina do Narizinho Arrebitado*] e também acrescentada uma Segunda Parte (hoje incluída no volume *Reinações de Narizinho*, com o título “O Sítio do Picapau Amarelo”), onde já encontramos todas as personagens que, através dos anos, acabaram por formar o universo do Sítio de D. Benta: Lúcia, Emília, Pedrinho, D. Benta, Tia Nastácia, o Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa. Nessa Segunda Parte, surge também Tom Mix (o primeiro grande *cowboy* do cinema).³⁸¹

A referida Segunda Parte vem a ser, na verdade, o conteúdo parcial do livro *Narizinho Arrebitado*; portanto, já lançado em 1921. Confirma tal dado a leitura de alguns textos novos desse livro publicados na *Revista do Brasil*. O periódico, por fazer parte do acervo de obras raras da biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pôde ser consultado para a presente pesquisa.

Conforme menção já feita, constatou-se que nos números 61 e 62 da revista, respectivamente de janeiro e fevereiro de 1921, são veiculadas novas experiências de *Narizinho*, indicando a continuação da saga da protagonista de *A Menina do Narizinho Arrebitado* na forma de novas aventuras acrescidas à matriz citada.

³⁸¹ Nelly Novaes COELHO, *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, p. 848.

No número de janeiro, sob o título “Lúcia, ou a Menina do Narizinho Arrebitado”, entre as páginas 42 e 50, e em meio a sete ilustrações de Voltolino, propagam-se os textos O enterro da vespa, A pescaria de Emília e As formiguinhas. Anuncia-se o material como “Fragmento”, e há, antecedendo-o, um texto não-assinado, cujo conteúdo, apresentado antes neste trabalho, aqui é novamente exposto, pelas idéias esclarecedoras trazidas:

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte, e cheia de artifício, - fria, desengraçada, pretensiosa. Ler algumas páginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso... Felizmente, esboça-se uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre, por ventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo álbum ilustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episódios, alguns dos quais se reproduzem aqui.³⁸²

O número 62 da *Revista do Brasil*, de fevereiro de 1921, continua a apresentação de acréscimos à narrativa lobatiana. A partir do mesmo título da publicação anterior, “Lúcia ou A Menina do Narizinho Arrebitado”, com seis ilustrações de Voltolino, e entre as páginas 121 e 126 do periódico, são divulgados os textos A colméia e A rainha. Nos números seguintes de 1921, nada mais se veicula.

Oportunamente já se tratou da profunda reformulação de que o volume *Narizinho Arrebitado* é fruto. Em relação à *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o volume de 1921 traz significativo aumento do número de páginas – das 43 do volume primeiro passa a 181 nesse outro livro -, o que repercute no aumento considerável do número de ilustrações de Voltolino, passando de 60 para 114 desenhos, como se descobre na publicidade do livro publicada de fevereiro a julho de 1921, na *Revista do Brasil*.

³⁸² *Revista do Brasil*, 16(61): 42, jan. 1921.

Ainda que se tenha tido acesso, mediante a revista, a apenas cinco dos subtítulos do volume *Narizinho Arrebitado*³⁸³ - O enterro da vespa, A pescaria de Emília, As formiguinhas, A colméia, A rainha - sabe-se que é o mais longo dos que integram *Reinações*. Enquanto os outros capítulos, originalmente obras individuais, possuem em média oito subtítulos, O Sítio do Picapau Amarelo possui doze, como se verifica na obra unificadora: As jabuticabas, O enterro da vespa, A pescaria, As formigas ruivas, Pedrinho, A viagem, O assalto, Tom Mix, As muletas do besouro, Saudades, A rainha, A volta.

Ao compor *Reinações de Narizinho*, portanto, Monteiro Lobato rebatiza as aventuras de *Narizinho Arrebitado*, e o conteúdo desse livro de 1921 passa a integrar o capítulo intitulado O Sítio do Picapau Amarelo. O primeiro capítulo do volume, por sua vez, como já se apontou inúmeras vezes ao longo deste trabalho, recebe o título *Narizinho Arrebitado*, mas corresponde à narrativa *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920. Este capítulo compõe-se de sete subtítulos, o mesmo número da obra original. O terceiro subtítulo é praticamente o mesmo nas duas narrativas: No palácio real, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, e No palácio, em *Reinações de Narizinho*.

Decorre de tais informações, a percepção de que é obedecida, no arranjo dos capítulos de *Reinações*, a cronologia das publicações individuais: *Narizinho Arrebitado* corresponde ao livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, originalmente publicado em 1920; O Sítio do Picapau Amarelo associa-se a *Narizinho Arrebitado*, de 1921; O Marquês de Rabicó vincula-se ao livro *O Marquês de Rabicó*, de 1922; O casamento de *Narizinho* corresponde a *O noivado de Narizinho*; Aventuras do Príncipe liga-se ao volume *Aventuras do Príncipe*; O Gato Félix é a reescrita do livro *O Gato Félix*; Cara de coruja correlaciona-se ao volume *A cara de coruja*, sendo os quatro últimos textos publicados no mesmo ano de 1928; O irmão de Pinocchio relaciona-se ao livro *O irmão de Pinocchio*; O circo de cavalinhos corresponde a *O circo de escavalinho*, vindas a público as duas últimas obras no mesmo ano de 1929; Pena de papagaio associa-se a *A pena de papagaio*, de 1930; e O pó de pirlimpimpim corresponde ao livro *O pó de pirlimpimpim*, de 1931.

Depois do exposto, ainda se pode indagar sobre os aumentos aos quais está explicitamente fazendo alusão o autor. Se, na verdade, o capítulo O Sítio do Picapau Amarelo constitui a reescrita de *Narizinho Arrebitado*, não sendo, portanto, um capítulo completamente novo, que acréscimos seriam estes?

³⁸³ O caráter fragmentário dos textos impossibilita um cotejo amplo deles com os que fazem parte do volume *Reinações de Narizinho*.

Diante da informação já manifesta sobre o mesmo número de subtítulos nas duas obras cotejadas e em face da impossibilidade de se compararem todas as narrativas primitivas com aquelas que são posteriormente reunidas em *Reinações*, acredita-se que seja válido pensar em ampliações esperadas num trabalho de unificação, de modo a garantir uma coesão satisfatória entre um capítulo e outro. Já se afigura, pois, a idéia de unificação, assunto que se discute na seqüência.

3.6. (...) volume (...) com (...) unificações num todo harmônico

A idéia fundamental construída pela frase destacada de Lobato é a realização de um volume em que as histórias originalmente publicadas em separado formem uma maior, única, integradora das várias aventuras de suas personagens. O primeiro passo para a obtenção do corpo uno e coeso de *Reinações de Narizinho* é a transformação de cada título em capítulo. A partir dessa mudança, os antigos capítulos formadores de cada uma das onze narrativas passam a ser subtítulos. Esses, por sua vez, diluem-se na integração, e a sucessão dos *episódios* insertos nos vários capítulos ganha papel de suma importância na unificação.

O que integra verdadeiramente o volume *Reinações de Narizinho* é, portanto, a vivência dos episódios pelas personagens, tendo os subtítulos, assim como a própria divisão em capítulos, a função de efetuar as pausas necessárias para a recepção das várias peripécias. É imperioso lembrar, ainda, que, curiosamente, os títulos apresentados pelo autor nem sempre concentram a idéia do conteúdo básico dos episódios.

Um exemplo claro do que se afirma é a vivência do episódio Reino-das-Águas-Claras, que não aparece identificado por esse título nem na designação do capítulo inicial do volume, nem nos subtítulos. Por esse motivo, na feitura da indexação presente no apêndice deste trabalho, uma titulação específica dá conta da organização dos episódios, que são, enfim, o princípio de estruturação de *Reinações* e a chave de leitura da obra.

Urge esclarecer o significado de *episódio*, tal como se considera nesta tese. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, no *Dicionário de teoria da narrativa*, dizem, a respeito, o que segue:

No quadro da teoria semiótica da narrativa, é possível propor a seguinte definição de *episódio*: unidade narrativa não necessariamente demarcada exteriormente, de extensão variável, na qual se narra uma ação autônoma em relação à totalidade da sintagmática narrativa, ação essa que estabelece conexão com o todo em que se insere por meio de qualquer fator de redundância (a personagem que protagoniza os diferentes *episódios* de uma narrativa, o espaço em que eles se desenrolam, as dominantes temáticas que regem a narrativa etc.). É justamente o fator redundância que permite, por um lado, conceber o agrupamento de vários episódios e, por outro, aproximá-lo e distingui-lo da *seqüência*...³⁸⁴

Ao mesmo tempo independentes e determinantes do texto maior, os episódios são o meio pelo qual Lobato obtém a unidade de *Reinações*, pois é sempre Narizinho quem vive as aventuras, as quais se vão justapondo umas às outras, dando origem a uma grande história em que a menina é a protagonista. Nessas experiências, variam as personagens que são definidoras do assunto de cada episódio, mas Lúcia está acompanhada preferencialmente de Emília, Pedrinho, Rabicó, Visconde de Sabugosa, Dona Benta e tia Nastácia.

Todos os acontecimentos partem invariavelmente do sítio e para lá convergem, e as motivações para as várias aventuras parecem sempre nascer do mesmo desejo inquebrantável de experimentar a fantasia, fundindo-a, de modo natural, com a realidade concreta. Tais recorrências, embora já tenham sido apontadas em outros momentos deste trabalho, aqui são novamente lembradas, pois ajudam a compreender o “fator de redundância” de que falam os autores acima.

Para a teoria da narrativa, a redundância vem a ser a reiteração de elementos da estrutura ficcional, como os já citados personagens, espaço e temas, ao longo da cadeia de eventos narrados. Plenamente adequada à recepção infantil, pela noção de coerência que acrescenta ao texto, a redundância característica dos episódios institui-se como marca não apenas de *Reinações*, mas da literatura infantil lobatiana globalmente considerada.

Talvez a primeira constatação sobre tal pendor da escrita de Lobato dirigida à criança esteja num texto, não-assinado, publicado na *Revista do Brasil*. Em janeiro de 1921, na

³⁸⁴ Carlos REIS e Ana Cristina M. LOPES, *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 33.

abertura da veiculação do fragmento intitulado “Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado”, o mensário assinala:

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte, e cheia de artifício, - fria, desengraçada, pretensiosa. Ler algumas páginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso... Felizmente, esboça-se uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre, por ventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo álbum ilustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episódios, alguns dos quais se reproduzem aqui.³⁸⁵

O autor desconhecido do texto acima³⁸⁶ designa de *episódios* os novos entretchos vividos pela personagem Lúcia, além daquele transcorrido no Reino-das-Águas-Claras. Difundidos em primeira mão na revista, posteriormente vêm a compor o volume *Narizinho Arrebitado*, como já se discutiu em dois momentos desta tese. A partir dessa provável primeira consideração, fixa-se o termo, que, por seu turno, ainda estabelece relação com outro, *série*, identificado no discurso do narrador do capítulo O Sítio do Picapau Amarelo, de *Reinações de Narizinho*:

Terminado o assunto Emília, começou o assunto Reino-das-Águas-Claras. Narizinho contou a *série* inteira daquelas maravilhosas aventuras, despertando em Pedrinho um desejo louco de também conhecer o príncipe-rei [Escamado]. De nada se admirou, conforme o seu costume. Tanto ele como Narizinho achavam tudo tão natural! Só estranhou que o Pequeno Polegar tivesse fugido da sua historinha.³⁸⁷

³⁸⁵ *Revista do Brasil*, 16(61): 42, jan. 1921.

³⁸⁶ Edgard CAVALHEIRO, na obra *Monteiro Lobato – Vida e obra*, credita a Lobato a autoria desse texto. Nesta tese, não se aceita tal informação.

³⁸⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 52-53.

Encontra-se, pois, na própria criação de Lobato, a idéia defendida por Marisa Lajolo para tratar do assunto. Ela apropriadamente enxerga no *conceito de série* associado à ficção infantil do escritor um traço de modernidade, que ainda o leva a conquistar a fidelidade de seu público leitor:

Fortalecendo ainda mais o perfil moderno de Monteiro Lobato, seus livros infantis constituem uma série, ao que tudo indica fator relevante na conquista e manutenção do público: a repetição de um mesmo espaço e de um grupo constante de personagens parece um recurso eficiente quando o que está em jogo é a fidelidade dos leitores.³⁸⁸

A respeito da conquista da fidelidade dos leitores, é importante que se relembrem as opiniões das crianças sobre o livro *Narizinho Arrebitado*. Integrantes do anúncio publicitário da obra, veiculado em abril de 1921 no jornal *O Estado de S. Paulo*, tais manifestações talvez sejam as primeiras respostas do público preferencial de Lobato a essa literatura em formação:

Fiquei muito triste no fim. Por que a menina não se casou com o príncipe? Até chorei de dó do coitadinho... Quando sai o resto? Estou ansiosa de saber o resto da história. Ele ainda casa?

Nené Ramos

Dei boas risadas com o seu livro mas não gostei de ser tão pequeno. Por que não faz sair todo mês um pedaço como o *Tico-Tico*? Eu queria que a história de Narizinho não acabasse mais – e que casasse com o príncipe. Antes ela do que a Emília. O Marquês de Rabicó é continuação?

Belinha Novaes

Até sonhei com tanta coisa engraçada. Aquele Doutor Caramujo que amolava toda a gente com as tais pílulas do Serra-Pau. Mas antes não lesse porque agora

³⁸⁸ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, p. 63.

quero saber o resto da história e não posso. Por que é que disse no fim que era sonho? Eu queria que não fosse sonho...

Eduardinho Costa

O livro que eu gostava mais era *Os contos da Avozinha*. Agora é o que o senhor me mandou. Já li três vezes e estou lendo para a Carmita que já riscou com o lápis a barata invejosa de raiva. (...) também leu. Disse que gosta de livro assim, de letras bem grandes e bastante figuras engraçadas. Eu queria saber como é que se pinta as figuras. Nenezinha disse que vai escrever uma história como aquela, veja que prosa!...

Tem continuação?

Olival P. Mendes

Muito lhe agradeço o fidalgo e honroso presente que me fez. *Narizinho Arrebitado* há de figurar sempre na minha pequenina estante como o livro mais querido e precioso dentre os que possuo. Mas... por que não pôs na edição colorida as proezas do Tom Mix e as diabruras do Marquês de Rabicó?

Que pena! Não se esqueça de me enviar um convite para assistir o casamento do Príncipe com a Lúcia...

Marília Brisolla

Escrevo essa carta para contar-lhe que li o seu livro do *Narizinho Arrebitado* e gostei muito e estou com pressa que o senhor publique outro. Gostei principalmente do primeiro conto quando ela está com Sua Majestade Rei dos Peixes. E também do Tom Mix, o herói do cinema. Quero que o sr. publique logo o Marquês de Rabicó e outros.

Stella Lebre Seabra³⁸⁹

³⁸⁹ *O Estado de S. Paulo*, 12.4.1921. p. 12.

Vê-se que, além de elogiar o livro, as crianças pedem a continuação da história, anseio que foi prontamente atendido por Lobato com a criação da *série*. A série, no caso compreendida como a unificação de *Reinações de Narizinho* na forma do entrelaçamento de episódios, pelas possibilidades amplas de leitura que oferece, identifica o texto lobatiano com o modelo de narrativa de *composição aberta*.

De acordo com Reis e Lopes, nessa modalidade de composição ficcional não se configura uma intriga “perfeitamente encadeada, conduzida de forma equilibrada e internamente lógica, e provocando um *desenlace* (...) irreversível.”³⁹⁰ Tais elementos são próprios da *composição fechada*, naturalmente. A composição aberta, explicam os autores, “corresponde a um tipo de ação (ou conjunto de ações) que carece de *desenlace*, desenrolando-se em episódios entre si conexiados de forma variada...”³⁹¹.

Um levantamento das formas, a partir das quais objetivamente Monteiro Lobato obtém a conexão dos episódios em *Reinações de Narizinho*, exige a divisão desta parte da tese em itens. Respeitar-se-ão, na empresa, praticamente os mesmos tópicos discutidos no tratamento das *melhorias* alcançadas pelo escritor no volume: temas, linguagem narrativa, recursos lingüísticos e personagens. Isso, porém, se faz mais adiante. Importa agora ressaltar que a aludida abertura da modalidade a que se associa *Reinações*, conforme se depreende do raciocínio dos teóricos citados, não prescinde, obviamente, de uma composição. O critério de base, entretanto, parece não ser o do “devir da intriga”, mas o que considera “desenvolvimentos subseqüentes”.

Para corroborar essa noção, pode-se citar um trecho da passagem da despedida da personagem Pedrinho. No último episódio vivido pelo núcleo básico de personagens em *Reinações de Narizinho*, inserto no capítulo O pó de pirlimpimpim, a personagem Visconde de Sabugosa “morre” afogada. Todos se comovem com o acontecido, exceto Emília, mas no momento da partida de Pedrinho, que ia no cavalo pangaré, dá-se o seguinte:

³⁹⁰ Carlos REIS e Ana Cristina M. LOPES, *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 198.

³⁹¹ *Ibid.*, p. 199.

Antes, porém, que chegasse à porteira, Emília gritou-lhe que parasse.

--- Você esqueceu de despedir-se do Visconde, Pedrinho! Ele também é gente...

O menino sofreu as rédeas.

--- Que idéia! Pois o Visconde não morreu, Emília?

--- Morreu mas não acabou ainda! – replicou a boneca correndo na direção dele com o resto do Visconde na mão. Despeça-se deste toco, que é bem capaz de virar gente outra vez.³⁹²

De fato, no livro *Viagem ao céu*, de 1932, que se segue a *Reinações de Narizinho*, aparece o “avatar” do Visconde de Sabugosa, reconstruído por tia Nastácia. Para promover a ligação do novo episódio àquele de *Reinações*, no que diz respeito aos acontecimentos envolvendo a personagem, e situar o ressurgimento dela, o narrador de *Viagem ao céu* enuncia:

Os leitores destas histórias devem estar lembrados do que aconteceu ao pobre sábio naquele célebre passeio ao País-das-Fábulas, quando o Pássaro Roca ergueu nos ares o Burro Falante e o Visconde. (...)

O Barão [de Münchhausen] veio e com um tiro certíssimo resolveu o caso: cortou o cabresto do burro, sem ferir nem a ele nem ao Pássaro Roca. E o pobre burro, sempre com o Visconde a ele agarrado, caiu no mar, donde foi salvo por Pedrinho – mas o Visconde morreu duma vez. Emília encontrou-o lançado à praia pelas ondas, sem cartolinha na cabeça, depenado dos braços e das pernas, salgadinho, todo roído pelos peixes – e guardou aquele toco em sua canastra com a idéia de um dia restaurá-lo.³⁹³

Quem, na verdade, restaura o Visconde é tia Nastácia, já se disse. Nos volumes seguintes, a personagem sábia aos poucos se reintegra ao núcleo, confirmando o que a fala da boneca em *Reinações de Narizinho* deixara em suspenso. Desenvolvem-se, assim, narrativas

³⁹² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 312.

³⁹³ Monteiro LOBATO, *Viagem ao céu*, p. 8-9.

que constroem uma seqüência, em que os fatos novos necessariamente remetem aos já vividos para adquirir coerência. Por isso, Marisa Lajolo, baseada no conceito de série já referido, observa:

Nesta linha, a obra infantil de Monteiro Lobato estende-se por muitos títulos, sempre mencionando outros livros, próprios e alheios, onde uma história faz referência a outra, sublinhando com isso o caráter circular de sua obra, conjunto de livros cuja leitura pode recomeçar infinitamente de qualquer ponto, como sucede hoje com hipertextos.³⁹⁴

Lajolo não se restringe ao volume em estudo logicamente, mas seu raciocínio adapta-se sobretudo a essa obra. Como a própria estudiosa lembra, tratando especificamente da organização de *Reinações de Narizinho*, pode ter sido a estrutura aberta desse livro a razão de o escritor Oswald de Andrade chegar a considerá-lo um *não livro*³⁹⁵. A natureza moderna do livro, a propósito, permitiu a elaboração de um guia eletrônico de leitura dessa obra. Como anteriormente já se referiu, a iniciativa vincula-se ao Departamento de Educação do Instituto de Biociências de Rio Claro, unidade da Universidade Estadual Paulista, e tem a coordenação de Maria Augusta Hermengarda Wurthmann Ribeiro.

No texto que descreve a experiência de concretização do projeto, seus idealizadores dizem centrar-se, justamente, nas potencialidades do *hipertexto*, citado por Lajolo. Acompanhem-se as palavras dos responsáveis pelo guia eletrônico de leitura de *Reinações de Narizinho*:

A razão de construir um guia eletrônico centra-se nas propriedades do **hipertexto**. Ao contrário do texto comum linear, o hipertexto nos possibilita formas de leitura não-linear, pois o usuário-leitor é quem define a seqüência que irá seguir de acordo com seus interesses. Para que isso se torne mais claro podemos associar o *hiperlink* às notas de rodapé de um livro no qual o leitor pode buscar maiores informações sobre um assunto mais restrito. No formato

³⁹⁴ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, p. 63.

³⁹⁵ *Ibid.*, p. 64.

eletrônico podemos “ligar” um trecho do texto com outra informação seja textual ou não como sons, imagens, vídeos e modelos animados.³⁹⁶

A composição aberta de *Reinações de Narizinho*, vê-se, acomoda-se a um produto dos tempos modernos, o meio eletrônico, que, por sua vez, pode “transformar uma palavra em um objeto tanto auto-explicativo, quanto associador de idéias”³⁹⁷, exatamente a flexibilidade que se observa na organização fundada nos episódios. As amplas possibilidades de recepção dessa obra, ainda, associam-se às noções atuais de interatividade e leitura personalizada, indicando a consciência avançada de Lobato quanto às necessidades do leitor.

O conceito de *série* abordado por Lajolo faz parte dessa consciência, já se mostrou. É tão forte no escritor tal preocupação, que, quando publica sua literatura completa para crianças, exclui desta *O garimpeiro do Rio das Garças*, um livro infantil de sua autoria publicado em 1924. Sobre essa narrativa, dizem as autoras do volume *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*:

Conta a história de João Nariz às voltas com ladrões de diamantes, escrita como se fosse um desenho animado. Por ser um livro que não faz parte da saga do Sítio do Picapau Amarelo, Lobato não o incluiu na coleção de literatura infantil de 1947.³⁹⁸

O garimpeiro do Rio das Garças não traz, portanto, conforme esclarece a teoria da narrativa, os elementos redundantes, ou seja, as personagens, o espaço e os temas característicos e recorrentes da ficção infantil de Lobato. Isso explica a exclusão do livro da organização realizada pelo próprio autor. É o momento de se investigarem as formas com as quais objetivamente o escritor alcança a conexão dos episódios que compõem a série de *Reinações de Narizinho*. O primeiro tópico, como se antecipou, é o que se relaciona aos aspectos temáticos.

³⁹⁶ Maria Augusta H. W. RIBEIRO, Daniel Marcelo Dias ENTORNO, Augustinho Aparecido MARTINS, Guia de Leitura de *Reinações de Narizinho*, p. 5. Este material esteve disponível até o ano de 2004 em meio eletrônico. Atualmente não pode mais ser acessado.

³⁹⁷ *Ibid.*, p. 6.

³⁹⁸ Hilda Junqueira Villela MERZ et al., *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*, p. 44.

3.6.1. A distribuição dos temas

A questão que se procura verificar sobre as *unificações* realizadas por Monteiro Lobato em *Reinações de Narizinho*, no que tange a temas da história e dentro do *conceito de série* abordado, é a seguinte: como o escritor distribui ao longo do livro certas idéias apresentadas na narrativa primeira, *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Os argumentos desse livro e as aventuras a eles associadas integram *Reinações* e dão origem a procedimentos que retomam, transformam e dão novos contornos às idéias da obra primitiva. Este volume, já se sabe, é o único, dentre os escritos originais formadores de *Reinações*, que está disponível para consulta.

Faz-se mister esclarecer que se acolhe, no presente tópico e em toda a tese, a idéia da interpenetração de conceitos como *tema, assunto, motivo, argumento*; o emprego dos vocábulos decorre, pois, dessa visão associativa, que no entanto encontra sustentação na complexidade de que se revestiram os estudos em teoria da literatura sobre a matéria e na própria dificuldade dos teóricos na busca por delimitações.

A famosa informação sobre a história contada a Lobato por Toledo Malta, escritor editado pelo criador de Narizinho em 1920 e que usava o pseudônimo de Hilário Tácito, abre a discussão sobre os recursos de integração temática. Sobre essa narrativa, Lobato diz:

--- Toledo Malta, autor recente de “Madame Pommery”, surdo como uma porta mas inteligente de dar gosto, vinha todas as tardes ao meu escritório (...) para uma partida de xadrez, porque ali o xadrez tinha muito mais importância que edições de livros e literaturas. E, incidentemente, contou-me a história dum peixinho que por haver passado algum tempo fora da água, “desaprendeu a arte de nadar”, e de volta ao rio afogou-se.³⁹⁹

Muitos outros pesquisadores da ficção lobatiana, caso de Edgard Cavalheiro, Jorge Rizzini, Leonardo Arroyo, Francisco de Assis Barbosa, para citar apenas alguns dos mais importantes, já se referiram a essa história. Na continuação do material transcrito acima, o responsável pela condução da entrevista, Justino Martins, diz que o escritor ficou com o

³⁹⁹ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas*, p. 272.

argumento percorrendo sua imaginação e, tão logo viu-se só, escreveu a “História do peixinho que morreu afogado”. Também de acordo com a mesma entrevista, esse texto, curto, chegou a ser publicado por Lobato; com o tempo, a narrativa foi-se ampliando, e a esta se misturaram ainda as memórias de infância do autor, vivida na fazenda. Mais além, Martins enuncia, sobre o que ouve do escritor:

Com Dona Benta, mais o peixinho e mais outras recordações, surgiram “Reinações de Narizinho”. Monteiro editou tudo e logo ficou surpreso ao ver que tais livros, escritos brincando, davam maior lucro e alcançavam maior tiragem que mesmo os “Urupês”, cujo sucesso excepcional era atestado pelo 15º milheiro em coisa de pouco tempo.⁴⁰⁰

De fato, ainda que não se tenha notícia do veículo onde a história do peixinho foi publicada, informação que o próprio Lobato afirma ter perdido de vista⁴⁰¹, percebe-se que a idéia contida nesse texto não apenas impulsiona o nascimento da produção infantil do autor, como ressurge disseminada em *Reinações de Narizinho*. O primeiro capítulo, Narizinho Arrebitado, correspondente ao livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, concentra o episódio Reino-das-Águas-Claras. Nessa aventura aparece o Príncipe Escamado, cuja primeira característica selecionada pelo narrador é o fato de ser “um peixinho vestido de gente”, portanto, imediatamente se relaciona a inspiração da personagem àquela da história contada por Malta.

Todos os sucessos do episódio Reino-das-Águas-Claras, incluída a concepção das personagens, são recursos de unificação da idéia matriz. Ainda se reconhecem como recursos de unificação os episódios O casamento de Narizinho e A visita da corte do reino marinho ao sítio⁴⁰², respectivamente insertos nos capítulos quarto e quinto, O Casamento de Narizinho e Aventuras do Príncipe, porque são concebidos para funcionarem como desdobramentos da idéia primordial, dando continuidade ao argumento do reino marinho.

Na visita da corte do Príncipe Escamado ao sítio, a propósito, no encerramento da aventura, quando os visitantes se despedem e vão embora, o gato que todos imaginavam ser o

⁴⁰⁰ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas*, p. 273.

⁴⁰¹ Edgard CAVALHEIRO, *Monteiro Lobato – Vida e obra*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros especialmente para a Companhia Editora Nacional, 1955. p. 566 (2º volume).

⁴⁰² Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

Félix, surge no terreiro e diz, aflito: “ --- Acudam!... O Príncipe está se afogando...”. Todos acorrem, sem compreender, no entanto, o que o gato diz. Narizinho pergunta: “--- Afogando como, se o Príncipe é peixe?”. O bichano responde: “--- Sim, mas passou toda a tarde fora d’água e desapareceu a arte de nadar.”⁴⁰³

O tema do peixinho que morreu afogado revitaliza-se em *Reinações de Narizinho*, portanto, e uma passagem do capítulo nono, O circo de cavalinhos, fortalece a série de distensões dessa idéia fundamental. Na circunstância da estréia do espetáculo circense montado pelas crianças, aparecem vários convidados já conhecidos pela atuação em episódios anteriormente narrados. Quando chegam as personagens do reino marinho, Narizinho indaga a respeito do Príncipe e Doutor Caramujo lhe diz que depois da visita ao sítio, o soberano nunca mais fora visto. Na seqüência, apresenta-se no livro o que segue:

Narizinho recordou-se da cena. Lembrou-se de que o falso gato Félix havia aparecido para avisá-la de que o *Príncipe estava se afogando por ter desaprendido a arte de nadar*. Lembrou-se de que corraera ao rio para salvá-lo, mas nada encontrou. Ter-se-ia mesmo afogado?

--- Acha que ele morreu afogado, Doutor?

--- Isso é absurdo, menina. Um peixe nunca desaprende a arte de nadar. O que aconteceu, sabe o que foi?

--- Diga...

--- Foi comido pelo falso gato Félix, aposto.⁴⁰⁴

O vestido deslumbrante de Lúcia, apresentado de forma inesquecível no episódio O casamento de Narizinho, continua um tema que surge em *A Menina do Narizinho Arrebitado* e é retomado no primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*. No episódio Reino-das-Águas-Claras, entretanto, o vestido não é de casamento, e sim um traje de gala confeccionado por Dona Aranha, para ser usado no baile do palácio.

No episódio O casamento de Narizinho, o vestido já está pronto num dos armários de madrepérola da casa da costureira, e é usado pela menina em seu enlace com o Príncipe

⁴⁰³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 148.

⁴⁰⁴ *Ibid.*, p. 242.

Escamado. É tão marcante a descrição principal⁴⁰⁵ do vestido nesse episódio, que se retoma o motivo num outro, A festa em homenagem às personagens maravilhosas⁴⁰⁶, inserto no sétimo capítulo, Cara de coruja. Observem-se as passagens e a disseminação do tema, agora associado a Emília:

... Narizinho e Emília escolhiam figurinos em casa de Dona Aranha Costureira. Depois passaram a escolher fazendas. Dona Aranha tirou dos seus armários de madrepérola um *vestido cor do mar com todos os seus peixinhos*; e com o maior pouco caso, como se fosse de alguma cassinha barata, desdobrou-o diante das freguesas assombradas.⁴⁰⁷

A boneca estava num grande assanhamento a varrer, com o pincel de goma arábica que lhe servia de vassoura, um lugar do chão que o Visconde sujara de verde com o seu bolor. Narizinho implicou-se.

--- Chega, Emília! Assim você fura o soalho de vovó. Antes vá tomar banho e vestir aquele *vestido cor do pomar com todas as suas laranjas*. Ponha ruge, não esqueça. Está um tanto pálida hoje.⁴⁰⁸

Procedendo, ainda, ao apontamento dos recursos de unificação ligados à retomada ou à transformação de certos temas da narrativa *A Menina do Narizinho Arrebitado* ao longo de *Reinações de Narizinho*, pode-se tratar do argumento relacionado à fruta jabuticaba. Naquele livro, a fruta faz parte da caracterização da menina, como se verifica na passagem abaixo:

⁴⁰⁵ Sobre a famosa caracterização do vestido de Narizinho, Edgard Cavalheiro diz: “Um poeta em plena exteriorização dos seus mais íntimos sonhos e ambições. O casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado, para citar um exemplo, constitui página de bela e pura poesia. E a descrição do maravilhoso vestido nupcial de Narizinho pode, perfeitamente, figurar em qualquer antologia poética.” No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11.1.1942.

⁴⁰⁶ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

⁴⁰⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 113.

⁴⁰⁸ *Ibid.*, p. 175.

Menina morena, de olhos pretos como duas jabuticabas – e reinadeira até ali!... Chama-se Lúcia, mas ninguém a trata assim. Tem apelido. Iaiá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apelido é “Narizinho Arrebitado”, - não é preciso dizer por quê.⁴⁰⁹

Em *Reinações*, a jabuticaba deixa de aparecer como elemento da caracterização de Narizinho, mas ressurge, no segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo, como a fruta apreciada pela menina e de cujos caroços se alimenta o leitão Rabicó. As jabuticabas, por isso, são tema do primeiro subtítulo do referido capítulo, associadas a duas passagens memoráveis: a construção das onomatopéias *tloque! plufe! nhoque!*, e a narração do enterro da vespa, acontecimento que se desencadeia justamente com a picada de vespa sofrida por Narizinho enquanto chupava a fruta. Observe-se o trecho selecionado do livro *Reinações de Narizinho* envolvendo a composição das famosas onomatopéias:

Felizmente era tempo de jabuticabas.

No sítio de Dona Benta havia vários pés, mas bastava um para que todos se regalassem até enjoar. Justamente naquela semana as jabuticabas tinham chegado “no ponto” e a menina não fazia outra coisa senão chupar jabuticaba. Volta e meia trepava à árvore que nem uma macaquinha. Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e *tloque*. E depois do *tloque*, uma engolidinha de caldo e *plufe!* – caroço fora. E *tloque, plufe – tloque, plufe*, lá passava o dia inteiro na árvore.

As jabuticabas tinham outros fregueses além da menina. Um deles era um leitão muito guloso, que recebera o nome de Rabicó. Assim que via Narizinho trepar à árvore, Rabicó vinha correndo postar-se embaixo à espera dos caroços. Cada vez que soava lá em cima um *tloque!* seguido de um *plufe!* ouvia-se cá embaixo um *nhoque!* do leitão abocanhando qualquer coisa. E a música da jabuticabeira era assim: *tloque! plufe! nhoque! – tloque! plufe! nhoque!*⁴¹⁰

⁴⁰⁹ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 3.

⁴¹⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 33-34.

Acompanhe-se, de *Reinações*, um fragmento da narração de Emília sobre os eventos assistidos por ela enquanto esteve debaixo da jabuticabeira, esquecida pela menina:

--- Quero dizer que a tal vespa está morta e bem enterrada no fundo da terra – explicou a boneca. Assisti a tudo. Quando ela mordeu sua língua e você fez *plufe!* antes de berrar *ai! ai! ai!*, a jabuticaba cuspidinha, ainda com a vespa dentro, caiu bem perto de mim. Vi então tudo o que se passou depois que você desceu da árvore, berrando que nem um bezerro, e lá foi de língua de fora. (...) Ela [a vespa] ficou ainda quase uma hora metida dentro da casca, toda arrebentadinha, movendo ora uma perna, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro.⁴¹¹

Outra idéia que se dissemina em *Reinações de Narizinho*, a partir da obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, é a feitura de bonecos por tia Nastácia. Já está na escrita primeira sua responsabilidade na fabricação de Emília, o que se mantém na narrativa unificadora, e ainda se dilata, como se demonstra a seguir. Leia-se o trecho com a informação em *A Menina do Narizinho Arrebitado*:

Além de Lúcia, existe na casa a tia Anastácia, uma excelente negra de estimação, e mais a Excelentíssima Senhora Dona Emília, uma boneca de pano, fabricada pela preta e muito feiosa, a pobre, com seus olhos de retrós preto e as sobrelhas tão lá em cima que é ver uma cara de bruxa.⁴¹²

Em *Reinações*, tia Nastácia é a responsável pela modelagem de Emília, como se constata no capítulo *Narizinho Arrebitado*, e também pelo boneco que surge no oitavo capítulo, *O irmão de Pinocchio*, e é batizado de João Faz-de-conta pela boneca. Acompanhem-se os fragmentos comprovadores da distribuição do tema:

⁴¹¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 36-38.

⁴¹² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 3-4.

Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa.⁴¹³

Tia Nastácia fechara-se na cozinha para fazer o boneco sossegadamente. Uma hora depois reapareceu com a obra-prima na mão.

--- Pronto! Não ficou bonito, mas está muito simpático – disse ela – mostrando o produto do seu engenho e arte.

Houve um “Oh!” geral de decepção, porque realmente não se poderia imaginar coisa mais feia, nem mais desajeitada.⁴¹⁴

Vê-se que continua, em *Reinações*, a idéia de feiúra da personagem forjada pela cozinheira, adquirindo os dois seres, porém, a despeito de sua conformação, a capacidade de falar. Com relação a Emília, há também a retomada de uma idéia na obra unificadora que parece responder a uma inadequação da escrita primitiva. Trata-se da passagem de *A Menina do Narizinho Arrebitado* em que o narrador compara a atitude da boneca a de uma criada:

Dizendo isto, ergueu-se [Narizinho], deu-lhe [ao Príncipe] o braço, e seguidos pela Emília, que, muito tesinha, ia atrás feito criada, foram-se os dois, como um casal de namorados, em direção ao Reino-das-Águas-Claras.⁴¹⁵

Na discussão das melhorias promovidas por Monteiro Lobato em sua obra, já se apontou a alteração da referida passagem. Em *Reinações de Narizinho*, no capítulo Narizinho Arrebitado, elimina-se a aludida comparação e faz-se menção apenas ao silêncio da boneca, até esse momento sem o prodígio da fala. Embora ela ainda acompanhe Narizinho e o Príncipe seguindo-os mais atrás, não existe nenhuma aproximação lingüística com uma serva. É, pois, interessante verificar, no capítulo da seqüência do livro, O Sítio do Picapau Amarelo,

⁴¹³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 3.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 211-212.

⁴¹⁵ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 9.

uma retomada desse motivo, agora na fala da abelha do depósito de mel do Reino-das-Abelhas. Narizinho solicita-lhe mel de flores das jabuticabeiras do sítio de dona Benta e um quilo de cera bem branca.

--- Quem leva é aqui a sua criada? – perguntou a abelha indicando a boneca, enquanto fazia os pacotes.⁴¹⁶

A reação de Emília foi imediata, chegando a ficar “vermelhinha de cólera” com o engano da abelha, mas a fala que parece responder ao julgamento do narrador de *A Menina do Narizinho Arrebitado* é de Narizinho:

--- Esta senhora não é minha criada e sim a Excelentíssima Senhora Condessa da Perna Vazia, futura Marquesa de Rabicó.⁴¹⁷

Dando continuidade ao apontamento dos recursos de unificação temática, em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, Lúcia visita o hospital do Reino-das-Águas-Claras na companhia de Escamado. Presencia, como já se discutiu, uma triste cerimônia: a extrema-unção de pai-barata, personagem que fora ferida mortalmente por uma rã. Leia-se um trecho do momento em questão:

... eis que entra Frei Louva-a-Deus, acompanhado dum mosquito coroinha. Era tão triste a cena que Narizinho sentiu vontade de chorar. O frade animou o doente, falou da beleza do céu e ofereceu-lhe a hóstia sagrada: uma escamazinha de peixe. Nem podia sentar-se na cama, o pobre. Foi preciso que as irmãs enfermeiras o erguessem pelos ombros e ficassem ali a sustê-lo.⁴¹⁸

⁴¹⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 72.

⁴¹⁷ *Ibid.*, p. 72. O título de Emília a que Narizinho se refere é resultado da idéia da menina de, a caminho do Reino-das-Abelhas, esvaziar a perna da boneca e entregar o recheio de macela a Tom Mix, que acreditou ser ouro e as deixou livres para prosseguir a viagem.

⁴¹⁸ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 15-16.

Oportunamente fez-se a observação do conteúdo inadequado dessa passagem numa narrativa para crianças e da supressão dela por seu autor no capítulo Narizinho Arrebitado, o primeiro de *Reinações*. No segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo, a idéia da cerimônia fúnebre reativa-se, mas ajustada à recepção infantil. A passagem é narrada por Emília a Narizinho e é pontuada pelas tiradas espirituosas de sua narradora, informando sobre o enterro da vespa que picou a língua da menina, como se nota no trecho destacado abaixo:

Cada qual [cada formiga encarregada de fazer o enterro] a agarrou por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram de dentro da jabuticaba. E foram-na arrastando por ali afora até à cova, que é o buraquinho onde as formigas moram. Lá pararam à espera do fazedor de discursos.

--- Orador, Emília!

--- FAZEDOR DE DISCURSOS. Veio ele, de discursinho debaixo do braço, escrito num papel e leu, leu, leu que não acabava mais. As formigas ficaram aborrecidas com o besourinho (era um besourinho do Instituto Histórico) e apitaram. Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” – perguntou. “Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau”, disseram as formigas. “Pára pau, pau!” - resolveu o soldado – e arrolhou o orador com o seu pauzinho.

As formigas, muito contentes, continuaram o serviço e levaram para o fundo da cova o cadáver da vespa.⁴¹⁹

Emília ainda conta a respeito do epitáfio que a vespa recebeu das formigas e da insistência do besourinho em continuar seu discurso, mesmo arrolhado. Quando a boneca fala de um sapo que apareceu no local e engoliu o besourinho, Narizinho a interrompe, para perguntar se não era o Major-Agarra-e-não-larga-mais. Emília diz, então: “--- Não era, não! (...) Era o Coronel Come-orador-com-discurso-e-tudo...”⁴²⁰

Um outro argumento da história *A Menina do Narizinho Arrebitado* que se dissemina em *Reinações de Narizinho* é a tentativa de ataque do Escorpião Negro, o inimigo do Príncipe Escamado, à Lúcia. Na obra unificadora, a personagem vilã é assumida por Dona Carochinha,

⁴¹⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 38.

⁴²⁰ *Ibid.*, p. 39.

conforme se indicou antes, e a baratinha é a responsável por uma agressão de fato não à menina, mas à Emília, no Reino-das-Águas-Claras. O fato é denunciado pela própria boneca assim que começa a falar.

Está, porém, no capítulo O irmão de Pinocchio, o episódio em que mais nitidamente se reconhece a retomada do argumento da investida do vilão contra Narizinho. É curioso que se percebem os mesmos elementos de organização expostos na cena da narrativa primitiva, ainda que personagens outras contracenem com Lúcia; os elementos são reelaborados, entretanto, de modo a serem mais apropriados à recepção infantil. Trata-se do episódio que se intitulou As aventuras de Narizinho e João Faz-de-conta⁴²¹. Para que se comente tal distribuição temática, acompanhem-se as primeiras citações da passagem em *A Menina do Narizinho Arrebitado* e em *Reinações de Narizinho*:

O horrendo Escorpião Negro assomou à porta, do palácio, de ferrão arreganhado. Parou. Bufou de cólera e correu pela sala um olhar de desafio.

--- Quem é essa pequena humana que ousa penetrar no reino dos animais? disse ele trincando os ferrões.

Depois, vendo Narizinho de pé no espaldar do trono, pálida de espanto e muito atrapalhada com o seu vestido de cauda, arreganhou um sorriso feroz, marcou-a bem e investiu contra ela.⁴²²

--- Estou ouvindo tudo! – disse a vespa lá do galho. E para castigo vou dar uma ferroteada bem venenosa na ponta do nariz dessa menina má. Esperem aí!...

E começou a inchar, a inchar, até ficar do tamanho duma enorme aranha caranguejeira. E arreganhou os terríveis ferrões e lançou-se contra a menina.⁴²³

Vê-se que a vilã é uma vespa, no aludido episódio de *Reinações*. Esta se enfurece, porque descobre que Narizinho sabe do paradeiro do alfinete mágico que poderia tornar a ela, vespa, uma fada poderosa. A pequena peça está em poder de Emília, que ignora seus poderes.

⁴²¹ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

⁴²² Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 27-28.

⁴²³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 220-221.

A menina, ao saber da história, se encanta com a possibilidade de sua boneca vir a se transformar numa fada de pano e, orientada pelo boneco João Faz-de-conta, tenta enganar a vespa, provocando sua ira.

Nas duas obras, Narizinho é salva por personagens que surpreendem pela coragem. Em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, apesar de o Príncipe lutar com o terrível Escorpião e acutilar sua cabeça com a espada, quem ganha a contenda com o monstro, sabe-se, é Emília, que fura os olhos do Escorpião com um espeto da cozinha do palácio. No livro *Reinações de Narizinho*, o boneco João Faz-de-conta é o salvador da menina.

No comentário das melhorias realizadas por Lobato no primeiro capítulo de *Reinações*, justamente se apontou a eliminação dessa passagem em virtude da violência que encerra. Nessa obra, todavia, no episódio em questão, também se encontram a personagem comparsa, tal como se mostra Emília na narrativa primitiva, e a arma da luta, a espada. É notória, porém, na disseminação do argumento, o acerto do tom da narrativa, que deixa de ter inclinação adulta para atingir a propriedade de textos infantis bem concebidos. Para que se avalie a mudança, observem-se as passagens, nas duas obras, em que se narra a atuação das personagens salvadoras e a repercussão de sua atitude:

Emília, em fraldas de camisa, avançou para o Escorpião e zás! zás! fura-lhe os dois olhos num relance. O monstro dá tamanho urro que o palácio estremece, e depois rebola-se no chão espumando de cólera e dor. Hurra! Estava ganha a batalha, graças ao espeto da estranha criatura em fraldas de camisa.

--- Quem é? quem é? interrogavam de todos os lados os bichinhos numa grande curiosidade de saber quem era a exótica heroína. Narizinho saltou do trono e veio para ela de braços abertos.

--- Perdoa, boa Emília, ter-me esquecido de ti! Mas deixa estar que pedirei ao Príncipe que te faça condessa desta corte – e abraçou-a, chorando. Em seguida dirigiu-se ao Príncipe e beijou-lhe as mãos em agradecimento por haver arriscado a sua preciosa vida por amor dela. Foi uma cena comovente.⁴²⁴

De um pulo Faz-de-conta colocou-se entre a vespa e a menina, pronto para sacrificar a vida em sua defesa. O boneco era feio, mas tinha a alma heróica. E como estivesse desarmado, puxou do prego que prendia sua cabeça ao corpo, como quem puxa duma espada e investiu contra a vespa. Ao fazer isso, porém, sua cabeça caiu por terra, rolou morro abaixo e foi mergulhar – *tchibum!* – no ribeirão. A vespa assustou-se ao ver tão estranha criatura avançar para ela de prego em punho e sem cabeça. Assustou-se e – *zunn!* – desapareceu no ar...

--- Pronto? – perguntou a menina sempre de olhos fechados.

Ninguém respondeu.

Narizinho foi então entreabrindo os olhos, com muito medo, e afinal abriu-os de todo. Mas deu um grito de horror, ao ver o boneco na sua frente, de prego na mão e sem cabeça.

--- Que é isso, Faz-de-conta? Que fim levou sua cabeça?

O boneco está claro que nada respondeu.⁴²⁵

⁴²⁴ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 29. Emília encontra-se em fraldas de camisa, ou seja, apenas com a roupa de baixo, porque o saiote e a touca da boneca foram vestidos no guardião do palácio, o sapo *Agarra-e-não-larga-mais*, de brincadeira, assim que chegou com Narizinho ao reino.

⁴²⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 221.

Imensamente mais leve do que a escrita de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, a reescrita da passagem discutida, retomada no capítulo O irmão de Pinocchio, de *Reinações de Narizinho*, elimina traços da prosa adulta como a violência, o sentimentalismo e o romance. O tema da tentativa de ataque à Narizinho, desse modo refeito, evidencia não apenas o acerto da tonalidade narrativa, mas o próprio cuidado com a linguagem, muito mais rica na sugestão, proporcionada principalmente pela comparação e pelas onomatopéias presentes no fragmento, do que a narração realista do livro primeiro.

Um outro tema do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* que é retomado em *Reinações de Narizinho* é a intervenção cirúrgica. Naquela obra e no episódio Reino-das-Águas-Claras de *Reinações*, o procedimento médico é realizado no sapo Agarra-e-não-largamais, empanzinado pelas pedrinhas redondas que foi obrigado a engolir como castigo por ter dormido em serviço. Como já se discutiu, o momento da cirurgia reserva uma surpresa ao Doutor Caramujo, o cirurgião, na obra unificadora: a descoberta de que suas pílulas desaparecidas estavam, na verdade, na barriga do sapo. Essa descoberta permite ao médico curar a boneca Emília de sua mudez.

O mesmo tema retorna num outro capítulo de *Reinações de Narizinho*: O circo de cavalinhos. Também é Doutor Caramujo quem realiza a operação, mas a personagem que a esta se submete é o Visconde de Sabugosa. Como na escrita primeira e no episódio Reino-das-Águas-Claras, o médico é convocado porque o paciente está empanurrado. Nesta circunstância, porém, não são pedrinhas redondas a razão do mal-estar da personagem, mas o excesso de álgebra. Acompanhe-se a transcrição das passagens nas obras estudadas:

O Doutor Caramujo arregaçou as mangas, pôs o avental e, ajudado por várias formigas, deu começo à operação. O sapo foi posto de costas, com a barriga para o ar, e as saúvas, com os afiados ferrões, abriram nela um corte. Depois entraram pela abertura adentro e foram tirando uma por uma as cinquenta pedrinhas do castigo. Quando saiu a última, mestre Agarra deu um grande suspiro de alívio. Reunidas as pedras e feita lá dentro uma limpeza, o médico tratou de costurar o corte. Para isso uniu as beiradas da “casa” [da abertura] e mandou que as formigas ferrassem ali o ferrão, de modo que cada ferroteada era um ponto. E assim deu três pontos, ficando três formigas agarradas à barriga do sapo. Depois o médico tomou uma tesoura e foi guilhotinando as formigas, de jeito que só ficassem na pele do sapo as cabeças das coitadas.⁴²⁶

... o médico amolou na pedra a sua faquinha e abriu de alto a baixo a barriga do Visconde.

--- Chi! – exclamou fazendo uma careta. Vejam como está este pobre ventre. Completamente entupido de corpos estranhos.

Pedrinho e Narizinho espiaram aquela barriga aberta e viram que em vez de tripas o Visconde só tinha lá uma maçaroca de letras e sinais algébricos, misturados com “senos” e “co-senos” e “logaritmos” – ou “mangaritmos, como dizia a tia Nastácia. (...)

O Doutor Caramujo tomou uma colherzinha e começou a tirar para fora toda aquela tranqueira científica, depositando-a num pequeno balde que Pedrinho segurava.

--- Não tire todas as letras – advertiu o menino. Senão ele fica bobo demais. Deixe algumas para semente.

--- É o que estou fazendo. Estou tirando só o que é álgebra. Álgebra é pior que a jabuticaba com caroço para entupir um freguês.

Terminada a operação, o Doutor colou a barriga do doente com um pouco de Cola-Tudo.⁴²⁷

⁴²⁶ Monteiro LOBATO, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (edição fac-similar), p. 34-35.

⁴²⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 229-230.

Na distribuição do referido argumento, dá-se a autonomia do médico, vê-se. É ele, sozinho, quem conduz a cirurgia, dispensando o auxílio das saúvas. Com essa medida, elimina-se a menção à degola das formigas, algo inadequado na descrição da cena. É interessante também a concretização da ciência matemática, constituindo mais um exemplo da propriedade alcançada por Lobato na linguagem narrativa de *Reinações*. Deve-se aludir ainda à simbologia dessa concretização, completada com o pensamento expresso pelo médico. A comparação que a personagem faz da álgebra com a jabuticaba é clara na crítica às ciências que mais enfastiam do que enriquecem o ser humano, indicando, com semelhante potencial analítico, sua evolução em relação à obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*.

3.6.2. O desenvolvimento da linguagem narrativa

3.6.2.1. A amarração dos episódios do livro

O primeiro significado atribuído ao vocábulo *unificações* usado por Lobato, quando se considera o discurso literário desenvolvido em *Reinações de Narizinho*, é a amarração dos episódios do livro. Isso se cumpre tanto nos momentos em que o discurso literário está a cargo do narrador colocado no nível extradiegético - na nomenclatura genettiana, situação narrativa em que o produtor do discurso se coloca numa posição de exterioridade em relação à diegese-, como quando a narração se situa no âmbito do discurso das personagens, dentro da história, em nível intradieгético portanto, como ensina Genette. Nas duas situações preponderam referências a seres e a passagens de aventuras já vividas para, assim, se constituir a conexão dos episódios.

A unificação, porém, também faz pensar no desenvolvimento da linguagem narrativa de *Reinações* a partir dos achados discursivos do primeiro capítulo, *Narizinho Arrebitado*: a fusão real/maravilhoso, a tonalidade oral e as narrativas insertas nos discursos de personagens. Importa, pois, investigar os desdobramentos e a evolução desses recursos ao longo do volume, o que se faz mais adiante.

Para encetar o tratamento dos recursos de unificação ligados ao narrador posicionado fora da história, cita-se a abertura do segundo capítulo, *O Sítio do Picapau Amarelo*. Perceba-se como o narrador atua:

De volta do Reino-das-Águas-Claras, Narizinho começou todas as noites a sonhar com o Príncipe Escamado, Dona Aranha, o Doutor Caramujo e mais figurões que conhecera por lá. Ficou de jeito que não podia ver o menor inseto sem que se pusesse a imaginar a vida maravilhosa que teria na terrinha dele. E quando não pensava nisso pensava no Pequeno Polegar e nos meios de o fazer fugir de novo da história onde o coitadinho vivia preso.

Era este o assunto predileto das conversas da menina com a boneca. Faziam planos de toda sorte, cada qual mais amalucado. Emília tinha idéias de verdadeira louca.⁴²⁸

Faz-se a ligação do passado com o presente da ação na forma de referências a personagens e a momentos da aventura no reino marinho. Longe dele e depois de viverem a experiência no Reino-das-Abelhas, apresentada no segundo capítulo, as personagens do núcleo básico compõem o episódio O casamento de Emília⁴²⁹. Esses eventos estão presentes no capítulo O Marquês de Rabicó, terceiro do livro *Reinações de Narizinho*. O narrador trata, mais uma vez, de promover a ligação das aventuras, agora descrevendo os reparos feitos na boneca Emília, avariada na vivência do episódio antecedente:

Emília andava bem de saúde, gorda e corada. Tia Nastácia havia enchido de macela nova a perninha que fora saqueada no passeio ao Reino-das-Abelhas e Narizinho havia consertado uma das suas sobancelhas de retrós, que estava desfiando. Além disso, pintara-lhe nas faces duas rodela de carmim, bem redondinhas.⁴³⁰

Para introduzir o quinto capítulo, Aventuras do Príncipe, no qual aparece o falso gato Félix, o narrador se refere a dois episódios já transcorridos, O casamento de Narizinho, do quarto capítulo, e O casamento de Emília, do terceiro. Os dois acontecimentos têm em comum o desfecho marcado pela desastrada participação do leitão Rabicó:

⁴²⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 31.

⁴²⁹ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

⁴³⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 81.

Num dia de sol muito quente Lúcia e Emília sentaram-se à sombra da jabuticabeira, à espera de Pedrinho que fora ao mato cortar varas para uma arapuca. Longo tempo estiveram as duas recordando as festas do casamento, terminadas dum modo tão estranho em virtude da eterna gulodice de Rabicó. De repente, um miado de gato. Narizinho admirou-se, porque não havia gatos no sítio.⁴³¹

No final do mesmo quinto capítulo, Narizinho se apavora e clama por socorro ao receber a notícia, pelo falso gato Félix, de que Escamado desaprendera a arte de nadar e estava se afogando. O narrador indica a prontidão da menina na tentativa de salvar seu Príncipe do modo que segue: “... berrou Narizinho, disparando como louca na direção do rio para salvar o seu amado Príncipe...”⁴³² Na introdução do capítulo sexto, O Gato Félix, o discurso literário promove a perfeita conexão com o capítulo anterior, fazendo, ainda, progredir a história:

Narizinho não teve o gosto de salvar o Príncipe. Quando chegou ao ribeirão do pomar, já nada viu por ali. Certa de que ele se havia salvado a si próprio voltou correndo para casa, ansiosa por conhecer as aventuras do gato Félix.⁴³³

Ao encerrar este sexto capítulo, o narrador alude ao local onde Dona Benta guarda o Visconde de Sabugosa, depois de o boneco receber elogios da velha senhora por sua atuação no episódio do desmascaramento do falso gato Félix:

O relógio bateu as dez horas, e enquanto os meninos se recolhiam a velha pegou o Visconde e guardou-o bem guardadinho na sua estante, entalado entre uma Aritmética e uma Álgebra – fato que iria ter notáveis conseqüências futuras.⁴³⁴

⁴³¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 123.

⁴³² *Ibid.*, p. 148.

⁴³³ *Ibid.*, p. 149.

⁴³⁴ *Ibid.*, p. 171.

Percebe-se que, além das informações do momento narrado, o discurso cria expectativa quanto a eventos vindouros, isto é, na ordem dos acontecimentos, há uma antecipação de fatos que ocorrerão posteriormente na história. Tal como o apelo a aspectos atinentes a aventuras do passado, as antecipações fundam distorções em relação à ordem temporal, o que G. Genette chama de *anacronia*. Para que se compreenda o conceito, acompanhe-se o esclarecimento do teórico, que também designa, com termos específicos e hoje bastante conhecidos, as alterações comentadas:

... por outro lado, para evitar as conotações psicológicas ligadas ao emprego de termos como “antecipação” ou “retrospecção”, que evocam espontaneamente fenômenos subjetivos, eliminá-los-emos na maior parte das vezes em proveito de dois termos mais neutros: designando por *prolepse* toda a manobra narrativa consistindo em contar ou evocar de antemão um acontecimento ulterior, e por *analepse* toda a ulterior evocação de um acontecimento anterior ao ponto da história em que se está, reservando o termo geral de *anacronia* para designar quaisquer formas de discordância entre as duas ordens temporais [ordem da história e ordem da narrativa]...⁴³⁵

A prolepse e a analepse são, pois, manobras postas em prática pelo narrador extradiegético para empreender o liame entre os episódios do livro estudado. Assim, no sétimo capítulo, Cara de coruja, o narrador menciona novamente o móvel, a estante, para indicar onde está o Visconde. Como Narizinho, Pedrinho e Emília preparam-se para viver uma nova aventura, agora envolvendo uma festa em homenagem às personagens maravilhosas⁴³⁶, há a necessidade de se convocar o Visconde de Sabugosa também.

Na progressão da história, a semana passada pela personagem no lugar em questão motiva uma idéia saborosa: seu resgate pelas crianças. Vê-se, pois, que o discurso avança, consubstanciando as várias peripécias. Acompanhem-se os trechos em que se narram os fatos apontados:

⁴³⁵ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 38.

⁴³⁶ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

Narizinho estava muito atrapalhada para salvar o Visconde que uma semana atrás caíra atrás da estante. (...)

Pedrinho ajudou-a a desencostar a estante de modo que pudessem pescar o pedaço do Visconde com o cabo da vassoura. Não era pedaço, não; estava inteirinho; apenas mais embolorado do que nunca – e todo sujo de poeira e teias de aranha... (...)

Depois de limpo mal e mal, o Visconde recebeu ordem de pendurar-se no alto da janela com o binóculo de Dona Benta a fim de espiar a estrada.⁴³⁷

No oitavo capítulo, O irmão de Pinocchio, novamente o narrador lembra o receptor do local onde permanecera o Visconde de Sabugosa. Isso é feito de modo a explicar a conquista paulatina da sabedoria pela personagem, demonstrada na conversa com Pedrinho. Nesse diálogo, o boneco sugere ao menino a busca da madeira para a construção de um irmão para Pinocchio no próprio sítio de Dona Benta. Acompanhe-se o discurso do narrador:

Desta vez foi o Visconde quem teve a melhor idéia. Esse sábio estava ficando cada vez mais sabido, depois da temporada que passou atrás da estante, entalado entre uma Álgebra e uma Aritmética. Por isso só falava cientificamente, isto é, de um modo que tia Nastácia não entendia.⁴³⁸

No discurso do narrador posicionado fora da história, portanto, nesse momento da narrativa, elucida-se a informação deixada em suspenso sobre as conseqüências futuras da decisão de Dona Benta de guardar o Visconde em meio a livros de Álgebra e Aritmética. A conexão se faz ao mesmo tempo em que os atributos da personagem se constroem gradativamente aos olhos do leitor e a informação antecipada se encaixa na ordem temporal. Ainda no mesmo capítulo, para dar início à narração do episódio As aventuras de Narizinho e João Faz-de-conta⁴³⁹, o narrador evoca a primeira aventura contada em *Reinações de*

⁴³⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 173-174.

⁴³⁸ *Ibid.*, p. 201.

⁴³⁹ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

Narizinho, criando um elo entre as duas experiências maravilhosas, a antiga e a nova, no que respeita ao elemento impulsionador:

Pescou-o [o boneco João Faz-de-conta] de cima do armário com o cabo da vassoura e lá se foi [Narizinho] com ele ao pomar, rumo do ribeirão, onde havia aquele velho pé de ingá de enormes raízes de fora. Sentou-se na “sua raiz” (havia outra de Pedrinho e outra do Visconde), recostou a cabeça no tronco e cerrou os olhos, porque o mundo ficava três vezes mais bonito quando cerrava os olhos. De todos os lugares que ela conhecia era aquele o mais gostado. Fora ali que vira pela primeira vez o Príncipe das Águas Claras, e era ali que costumava pensar na vida, resolver seus problemazinhos e sonhar castelos.

O sol ia descambando no horizonte (“horizonte” era o nome do morro atrás do qual o sol costumava esconder-se) e seus últimos raios vinham brincar de acende-e-apaga brilinhos na correnteza. Volta e meia um lambari prateava o ar com um pulo.

De repente Narizinho ouviu um bocejo (...) Olhou... Era Faz-de-conta que se espreguiçava, como quem sai de um longo sono.⁴⁴⁰

Construído para ser o irmão de Pinocchio, o boneco João Faz-de-conta ganha vida na companhia de Narizinho, chegando mesmo a salvá-la de situações de perigo no decorrer das aventuras. Perceba-se que o discurso promove a ligação entre os episódios aludidos e ainda acrescenta informações importantes para a apreensão inclusive do já vivido, renovando sua recepção. Isso é possível por causa da focalização zero adotada, ou seja, o narrador colocado no nível extradiegético, neste episódio, tem conhecimento absoluto do que se passa na história, podendo, assim, na unificação, até mesmo incrementar o que já foi contado.

Num outro momento do mesmo episódio, quando Narizinho encontra a casa de Chapeuzinho Vermelho e lhe faz uma visita, o narrador igualmente relaciona essa experiência a um outro episódio já vivido, A festa em homenagem às personagens maravilhosas:

⁴⁴⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 218.

Abraçaram-se e beijaram-se e ficaram de mãos presas e os olhos postos uma na outra. Era ali a casa da Menina da Capinha Vermelha, cuja avó havia sido devorada pelo lobo. Capinha já tinha estado no sítio de Dona Benta no dia da recepção dos príncipes encantados e ficara gostando muito de Narizinho e Emília, tendo-as convidado para virem passar uns dias com ela.⁴⁴¹

Tendo onisciência, o narrador posicionado no nível extradiegético do referido episódio amplia, no presente da ação, as informações sobre as peripécias já vividas. Confirma isso o dado acerca do convite feito pela pequena, algo que não existe na narração da visita da personagem ao sítio, mas é acrescentado na recuperação do passado para a correlação das aventuras. Resulta de semelhante recurso uma mudança na percepção do anteriormente narrado, somada à fruição dos novos fatos expostos. É necessário lembrar ainda que o incremento das informações do narrador onisciente é mais uma realização de Monteiro Lobato, quanto ao desenvolvimento da linguagem narrativa de *Reinações de Narizinho*, com o objetivo de mostrar que as histórias não são fechadas e sempre podem ser recriadas.

Anteriormente fez-se o apontamento dos enredos diferenciados que Dona Carochinha associa às personagens encantadas quando desenvolve em seu discurso estruturas narrativas. Trata-se de outro exemplo dessa convicção do autor, que não se limita aos casos descritos, todavia, como se demonstra em discussões ulteriores. Esse pensamento pode ainda ser robustecido com o conceito de série já aludido, a partir do qual Marisa Lajolo entende a inclinação da obra infantil lobatiana de se recontar infinitamente, em pleno atendimento às necessidades e expectativas do receptor criança.

Continuando a abordagem das *unificações* empreendidas por Lobato no discurso de *Reinações*, sob o prisma do narrador colocado fora da história, no começo do capítulo nono, O circo de cavalinhos, faz-se a vinculação com o episódio O irmão de Pinocchio, inserto no oitavo capítulo do livro:

⁴⁴¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 222.

Depois do concurso para a fabricação do irmão de Pinocchio houve no sítio de Dona Benta outro concurso muito engraçado – o concurso de “quem tem a melhor idéia.” Quem venceu foi a Emília, com a sua estupenda idéia de um “círculo de escavalinho.” Dona Benta, que era o juiz do concurso, achou muito boa a lembrança, mas deu risada do título.⁴⁴²

Na continuação do referido capítulo nono, o narrador cita as personagens convidadas para a estréia do circo, e se percebe que são, em sua maioria, de episódios anteriores. A narração efetua, pois, relacionamentos vários com passagens de aventuras já vividas, entrelaçando-as:

Às sete e meia ia começar o espetáculo. O diretor sentou-se à porta do circo para esperar os convidados. Dali a pouco a porteira do terreiro ringiu e apareceu o Doutor Caramujo, muito sério, de casca nova, carregando a sua maleta debaixo do braço. Contou que vinha muita gente do Reino-das-Águas-Claras, menos o Príncipe Escamado. [No diálogo com o médico, a menina descobre que o Príncipe não existia mais.] (...)

Narizinho recordou-se da cena. Lembrou-se de que o falso gato Félix havia aparecido para avisá-la de que o Príncipe estava se afogando por ter desaprendido a arte de nadar. Lembrou-se de que correria ao rio para salvá-lo, mas nada encontrou. Ter-se-ia mesmo afogado? [Na seqüência, Narizinho mantém com o Doutor Caramujo outro diálogo e ele diz apostar na possibilidade de o Príncipe ter sido devorado pelo falso gato Félix.] (...)

O choque sentido pela menina foi enorme, e não caiu com um desmaio unicamente porque os convidados estavam chegando e isso estragaria a festa. Mesmo assim puxou do lenço para enxugar três lágrimas bem sentidinhas. Nisto a porteira ringiu. Era Dona Aranha com as suas seis filhas. Narizinho fez-lhes grande festa, e contou que tinha estado com Branca-de-Neve e mais outras princesas para as quais Dona Aranha havia costurado.⁴⁴³

⁴⁴² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 227.

⁴⁴³ *Ibid.*, p. 241-242.

Nota-se que a instauração das cenas reproduzindo o diálogo entre Narizinho e Doutor Caramujo, e entre a menina e Dona Aranha, é precedida da sumarização de seus discursos pelo narrador. Nesse esforço de organização, é possível apreender outro trunfo da focalização zero na unificação dos episódios. O narrador que tudo sabe antecipa sucintamente o conteúdo dos diálogos, e permite que as histórias se conectem, agora obedecendo aos princípios de economia e clareza narrativas, o que torna a leitura mais fluente, embora muitos fatos, novos e já conhecidos, sejam desfiados.

No décimo capítulo de *Reinações de Narizinho*, Pena de papagaio, Pedrinho combina com o menino invisível a partida para o Mundo das Maravilhas. Depois de confiar o assunto a Narizinho, Emília e ao Visconde de Sabugosa, fica decidido que partiriam de madrugada, devendo, por isso, ir todos dormir mais cedo. No último capítulo do livro, O pó de pirlimpimpim, Dona Benta percebe que o fato de as crianças e os bonecos terem ido para a cama tão cedo, no dia anterior, como ela diz, estabelecendo a ligação com o capítulo precedente, era sinal de “grossa travessura” e comenta a respeito com tia Nastácia. A cozinheira lembra que a fome os traria de volta sem demora, e com isso a velha senhora concorda. Intervém, na seqüência, o narrador colocado no nível extradiegético:

Isso foi daquela vez em que partiram com o Peninha [o menino invisível] para a primeira viagem maravilhosa. Eles ainda não tinham voltado, mas já vinham vindo.

O relógio bateu seis horas.⁴⁴⁴

A primeira viagem maravilhosa a que se refere o narrador é contada no capítulo anterior. É interessante o modo como o emissor do discurso aguça a curiosidade do leitor sobre o que vai contar, isso acontecendo simultaneamente à menção ao passado. Mesmo com a indicação de uma pausa entre as peripécias – “Eles ainda não tinham voltado, mas já vinham vindo.” – novas aventuras são somadas às várias apresentadas ao longo do livro, naturalmente, e, neste último capítulo, até Dona Benta participa.

É o momento de se apresentarem alguns exemplos da unificação dos episódios no discurso das personagens. Como mais adiante se reserva um estudo da evolução desse recurso

⁴⁴⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 287.

em *Reinações de Narizinho*, por ora apenas se demonstra a amarração de certas aventuras feita por narradores posicionados dentro da história. Já se disse que, no encerramento do primeiro capítulo do livro, há a alusão à chegada da personagem Pedrinho por Dona Benta. No segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo, depois de saber que o primo chegaria no prazo de uma semana, Narizinho lamenta a demora e diz que tinha muita coisa para contar a ele, sobre o Reino-das-Águas-Claras. Dona Benta afirma não saber de que reino se tratava, já que a neta nada falara sobre ele. Narizinho responde:

--- Não falei nem falo porque a senhora não acredita. Uma beleza de reino, vovó! Um palácio de coral que parece um sonho! E o Príncipe Escamado, e o Doutor Caramujo, e Dona Aranha com suas seis filhinhas, e o Major Agarra, e o papagaio que salvei da morte – quanta coisa!... Até baleias vimos lá, uma baleia enorme dando de mamar a três baleinhas. Vi um milhão de coisas mas não posso contar nada nem para vovó nem para tia Nastácia porque não acreditam. Para Pedrinho, sim, posso contar, tudo, tudo...⁴⁴⁵

Embora afirme que nada vai contar, vê-se que a menina narra, sim, alguma coisa de sua aventura no reino marinho. O discurso da personagem relaciona o presente da história, em que destaca a descrença das senhoras e a aliança com o primo em relação às experiências maravilhosas, com a narração da aventura já vivida em meio a tantos seres e acontecimentos fantásticos. No quinto capítulo, Aventuras do Príncipe, Narizinho não apenas recupera sucessos já vividos como, outrossim, soma aos fatos narrados detalhes que explicam o desfecho do episódio inserto no capítulo sexto, O Gato Félix. Acompanhe-se a narração da personagem:

⁴⁴⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 33.

--- O Visconde levou a breca (...). Voltou da viagem ao fundo do mar tão encharcado que tive de pendurá-lo no varal de roupa para enxugar. Mas ficou mal pendurado. Deu o vento e caiu e ficou esquecido num canto por muito tempo. Resultado: deu nele uma doença esquisita chamada bolor. Ficou todo verdinho, coberto dum pó que sujava o assoalho. Embrulhei-o, então, num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes* que andava rodando por aí e o botei não sei onde. Com certeza já morreu...⁴⁴⁶

O discurso da menina do nariz arrebitado é uma resposta ao pedido de notícias sobre o Visconde de Sabugosa feito pelo Príncipe Escamado, e se encontra no episódio A visita da corte do reino marinho ao sítio⁴⁴⁷. A viagem a que a menina se refere é narrada no capítulo quarto, O casamento de Narizinho, circunstância em que as crianças, os bonecos e o leitão Rabicó estiveram presentes, o que permitiu o encontro de Escamado com o Visconde.

No presente da ação, Narizinho conversa com o Príncipe em visita ao sítio. A narração retoma um fato pretérito, o casamento, e adiciona a menção aos acontecimentos que se seguiram ao evento no fundo do mar. No discurso da menina existe ainda o fornecimento de informações essenciais para o acompanhamento do episódio seguinte, em que o Visconde, longe de falecer, revelar-se-á um exímio investigador justamente por ter sido embrulhado no livro em questão. Dessa forma, os episódios se entrelaçam também no discurso da personagem, transformada, assim, em narradora intradieética, que igualmente utiliza analepses, e mesmo prolepses, na costura das peripécias.

Emília também se encarrega de promover, em seu discurso, a ligação entre certos episódios de *Reinações de Narizinho*. É o que se verifica na passagem abaixo, retirada do oitavo capítulo, O irmão de Pinocchio:

--- Vou para a casa do Pequeno Polegar. Quando lhe dei de presente o pito de barro, ele me disse: “Muito obrigado, Dona Emília. Tenho lá uma casa às suas ordens. Apareça.” Chegou o dia. Vou aparecer e ficar morando lá.⁴⁴⁸

⁴⁴⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 130.

⁴⁴⁷ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

⁴⁴⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 210.

A fala de Emília é uma resposta a Narizinho, que indaga sobre o local para onde a boneca pretendia ir, depois de surpreendê-la arrumando as malas, muito brava. A razão da zanga é tia Nastácia, quem aconselhara Dona Benta a dar umas palmadas na boneca, por ter tentado trapacear no concurso de desenho. A ocasião em que a boneca presenteia o Pequeno Polegar com o cachimbo é narrada no episódio A festa em homenagem às personagens maravilhosas⁴⁴⁹, do sétimo capítulo, Cara de Coruja. Tal acontecimento é recuperado na narração de Emília, que ainda acrescenta a fala de Polegar com o convite, algo inexistente na organização do episódio, para tornar-se mais persuasiva na intenção manifesta nesse momento da história. Ainda assim, Narizinho consegue fazer com que ela mude de idéia.

Um último exemplo da conexão de episódios efetivada por narradores colocados dentro do universo narrado é retirado de uma outra fala de Emília. No capítulo Pena de papagaio, décimo do livro, a boneca explica ao fabulista Esopo, quando ele pergunta sobre a pessoa que lhe ensinou a falar: “--- Ninguém (...). Nasci sabendo. Quando o Doutor Caramujo me deu uma pílula tirada da barriga dum sapo, comecei a falar imediatamente.”⁴⁵⁰

No presente da narrativa, quando o núcleo básico de personagens vive a aventura no País-das-Fábulas, Emília conta sua história. Dá-se, assim, o nexa entre o episódio primeiro, marco da obtenção da habilidade da fala pela boneca, e o que é narrado no momento. Neste episódio, a personagem, plenamente evoluída, dialoga com o eminente fabulista grego, reconstituindo o passado dela.

Já se afirmou que o sentido do vocábulo *unificações* usado por Lobato na carta a Godofredo Rangel seguramente também abrange a disseminação dos recursos discursivos identificados no capítulo Narizinho Arrebitado. Feita a discussão acerca da amarração dos episódios em *Reinações de Narizinho*, o que se realiza nos níveis extradiegético e intradiegético, é tempo, pois, de se apontar o desenvolvimento da linguagem narrativa do livro a partir das idéias apresentadas no primeiro capítulo.

⁴⁴⁹ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

⁴⁵⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 273.

3.6.2.2. A fusão real/maravilhoso

Com respeito ao tratamento real/maravilhoso, discutiu-se o acerto da linguagem narrativa do primeiro capítulo ao obter a fusão dos dois mundos. Pôde-se demonstrar que os meios narrativos lobatianos passam a exprimir a perspectiva infantil de baralhar o real e o imaginário de modo natural, sem a preocupação com outra lógica que não a do texto. Recorde-se a narração do retorno da experiência no Reino-das-Águas-Claras:

E [Narizinho] voltou para o palácio, onde a corte estava reunida para outra festa que o Príncipe havia organizado. Mas assim que entrou na sala de baile, rompeu um grande estrondo lá fora – o estrondo duma voz que dizia:

--- Narizinho, vovó está chamando!...

Tamanho susto causou aquele trovão entre os personagens do reino marinho, que todos se sumiram, como por encanto. Sobreveio então uma ventania muito forte, que envolveu a menina e a boneca, arrastando-as do fundo do oceano para a beira do ribeirãozinho do pomar.

Estavam no sítio de Dona Benta outra vez.⁴⁵¹

Vê-se que o narrador, é conveniente reforçar, resolve tão naturalmente o retorno das personagens ao sítio, que o leitor quase não se dá conta do momento da passagem de um mundo para outro. A fala de tia Nastácia se infiltra no mundo da fantasia de Narizinho, mostrando que os dois espaços não se repelem, mas se fundem e se completam.

No primeiro capítulo, portanto, se reconhece como narrador principal alguém que não é personagem da história, conta-a de fora e que não demonstra preocupação com a racionalidade das ações vividas por Narizinho, parecendo mesmo, neste aspecto, não ter a exata noção de como tudo começa e termina, o que desencadeia a mencionada fusão. De modo geral, essa é a índole narrativa de *Reinações de Narizinho*, mas há uma questão polêmica relacionada à vivência do maravilhoso no livro que merece ser discutida. É a que o escritor Jorge Amado levanta num artigo de janeiro de 1935, para a *Revista Brasileira*, do Rio

⁴⁵¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 29.

de Janeiro. Apresenta-se um trecho longo desse material para que o comentário possa ser feito:

Alguns escritores para adultos de nosso país, depois que se voltou para o sítio de Dona Benta não quis outra vida. Aqueles seus heróis, dois meninos, dois bonecos e um porco, são muitas vezes admiráveis. Monteiro Lobato criou, e leva sobre os demais escritores de livros infantis a vantagem de ter sido o primeiro, uma série de livros que por muitos anos serão o encanto da meninada. Muita coisa notável há nestes livros de Lobato, livros que todos, garotos e adultos, lêem com imenso prazer, muita fuga para os países da imaginação, do nunca visto.

Porém aí é que aparece a minha discordância com este grande Lobato. E essa discordância está num pozinho. Um pozinho com nome comprido: “Pó de Pirlimpimpim”. Todas as vezes que os pequenos heróis de Monteiro Lobato têm que fugir do plano da realidade para o plano da imaginação tomam uma pitada daquele pó. O pó é como uma explicação, uma separação mesmo dos dois planos, deixando os leitores na impossibilidade de passar para o imaginário porque lhes falta o rapé pirlimpimpim. Ora, o garoto não precisa de rapé algum para se embrenhar pelos países da imaginação, viver aventuras maravilhosas, criar mundos novos, ver coisas nunca vistas. Para que a explicação do pó?

A imaginação da criança não só não exige como até recusa estas explicações. Acho que no livro infantil a passagem da realidade para a imaginação deve se dar sem nenhum sono, sem nenhum pó, sem coisa alguma que auxilie esta passagem. A criança pode estar no plano da realidade e passar para o da imaginação naturalmente, de olhos bem abertos, bem acordados, sem qualquer auxílio que o da sua própria imaginação. A criança, para citar um exemplo que está num livro infantil de Matilde Garcia Rosa e meu, pode estar no cinema assistindo à fita e de repente se encontrar na fita sem qualquer auxílio. Para o

pequeno leitor é sempre uma decepção isto de os heróis se servirem de qualquer coisa para fugirem da realidade besta deste mundo besta.⁴⁵²

Está claro que Jorge Amado tem em mente o livro *Reinações de Narizinho*, pois os dois últimos capítulos da obra, Pena de papagaio e O pó de pirlimpimpim, trazem o recurso aludido no artigo. As palavras do escritor são pertinentes, mas é importante que se diga, com base no que já se demonstrou acerca da evolução dos mecanismos discursivos do livro, com a qual se alcança a fusão do real e do maravilhoso, que as personagens já estão imersas na fantasia quando o narrador menciona o pó de pirlimpimpim.

Em outras palavras, a passagem para o imaginário dá-se de forma quase imperceptível no discurso, antes mesmo de o pó fazer parte da brincadeira. Não é, portanto, a menção ao pozinho o elemento impulsionador da fantasia. Isso é apenas um tema e tem mais a função de incrementar a aventura, como tem também a informação relacionada ao cerrar dos olhos das personagens, várias vezes fornecida no livro, na composição de possibilidades inimagináveis. O transporte, saliente-se, é assegurado no modo de narrar, e isso se conquista em todo o livro. Acompanhe-se a narração e o estabelecimento da cena do início da aventura contida no capítulo Pena de papagaio:

Pedrinho também não queria crescer, mas estava crescendo. Cada vez que apareciam visitas era certo lhe dizerem, como se fosse um grande cumprimento: “Como está crescido!” e isso o mortificava.

Um dia, em que estava no pomar trepado numa goiabeira, comendo as goiabas boas e jogando as bichadas para Rabicó, entrou pela centésima vez a pensar naquilo.

--- Que maçada! --- murmurou de si para si. Tenho de crescer, ficar do tamanho do tio Antonio, com aquele mesmo bigode, feito um bicho cabeludo, embaixo do nariz e, quem sabe, aquela mesma verruga barbada no queixo. Se houvesse um meio de ficar menino sempre...

⁴⁵² Jorge AMADO, Livros infantis. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 6.1.1935. *apud* Caroline Elizabeth BRERO, *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, p. 224.

--- Há coisa ainda superior --- respondeu atrás dele uma voz desconhecida.

Pedrinho levou um grande susto. Olhou para todos os lados e nada viu. Não havia ninguém por ali.

--- Quem está falando? --- murmurou com voz trêmula.

A mesma voz respondeu:

--- Eu!

--- Eu, quem? Eu nunca foi nome de gente. (...)

A pior coisa do mundo é falar com criaturas invisíveis. A gente não sabe para onde virar-se. Assim estava Pedrinho, e para mais atrapalhá-lo a voz ora vinha da direita, ora da esquerda.⁴⁵³

Na linguagem narrativa do trecho, ocorre claramente o que Nelly Novaes Coelho chama de “o real penetrado de magia”⁴⁵⁴. À realidade concreta do presente da ação, vê-se, naturalmente se mistura uma outra, simbólica, irracional, sem o menor esforço do narrador para explicar ou justificar o surgimento do interlocutor invisível de Pedrinho. Antes, o discurso do narrador, pelo modo como se constrói, reconhece a situação exposta como familiar, normal, corriqueira.

Assim, já penetrados de magia, o neto de Dona Benta e os outros participantes da aventura, Lúcia, Emília, que batiza o menino invisível de Peninha, e o Visconde de Sabugosa comparecem ao local combinado para a partida, ocasião em que o narrador menciona, pela primeira vez no livro, o pó de pirlimpimpim:

Resolvido aquele ponto [do nome do menino invisível, que foi batizado de Peninha por causa da pena de papagaio atada à sua testa por Emília, para ajudar na localização dele], trataram de partir. Para isso o menino invisível tirou dum saquinho certo pó de pirlimpimpim. Deu uma pitada a cada um, e mandou que o cheirassem. Todos o cheiraram – sem espirrar, porque não era rapé. Só Emília espirrou. A boneca espirrava com qualquer pó que fosse, desde o dia em que viu tia Nastácia tomar rapé. Assim que cheiraram o pó de pirlimpimpim,

⁴⁵³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 251-252.

⁴⁵⁴ Nelly Novaes COELHO, *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, p. 851.

que é o pó mais mágico que as fadas inventaram, sentiram-se leves como plumas, e tontos, com uma zoeira nos ouvidos. As árvores começaram a girar-lhes em torno como dançarinas de saiote de folhas e depois foram se apagando. Parecia sonho. Eles boiavam no espaço como bolhas de sabão levadas por um vento de extraordinária rapidez. (...) Segundos depois sentiram terra firme sob os pés. Tinham chegado.⁴⁵⁵

A narração do trecho enleia o receptor muito mais do que a alusão ao pó. Embora o emissor do discurso, em boa parte de sua atividade, tenha conhecimento pleno e objetivo do que narra, razão pela qual se aproxima do narrador onisciente, também manifesta uma visão de mundo subjetiva. Confirma isso o emprego dos símiles e a construção lingüística insólita que trata do “apagamento das árvores”, como num desenho a lápis. O discurso do narrador, portanto, mostra uma apreensão do mundo muito semelhante a de uma criança, e por isso, nas já citadas comparações, são usados temas queridos por esse público, como dançarinas e bolhas de sabão.

A linguagem narrativa de *Reinações de Narizinho* afina-se, pois, pela lógica infantil mesmo quando a narração está sob a incumbência de alguém posicionado fora da história. Essa é a razão de, por vezes, a onisciência apresentar-se matizada, de operar-se tão naturalmente o encontro do real e do mágico no livro, e de o condutor da narrativa dar constantes mostras de um voltar-se para seu receptor. Tais fatores da solução discursiva do livro, enfim, asseveram a comunhão dos pequenos leitores com a obra. O voltar-se do narrador para o receptor, a propósito, confere a tonalidade oral ao discurso, outro achado da linguagem narrativa do primeiro capítulo que se desenvolve e se aprimora em *Reinações* como um todo.

⁴⁵⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 259-260.

3.6.2.3. A tonalidade oral

No intuito de Lobato de simular o contar de histórias oralmente em seus livros, materializa-se a participação do ouvinte no acompanhamento das situações narradas, o que conduz à introdução do narratário extradiegético. Acompanhe-se uma passagem do capítulo segundo da obra, *O Sítio do Picapau Amarelo*:

As jabuticabas tinham outros fregueses além da menina. Um deles era um leitão muito guloso, que recebera o nome de Rabicó. Assim que via Narizinho trepar à árvore, Rabicó vinha correndo postar-se embaixo à espera dos caroços. Cada vez que soava lá em cima um *tloque!* seguido de um *plufe!* ouvia-se cá embaixo um *nhoque!* do leitão abocanhando qualquer coisa. E a música da jabuticabeira era assim: *tloque! plufe! nhoque! – tloque! plufe! nhoque!*

Sanhaços também, e abelhas, e vespas. Vespas em quantidade, sobretudo no fim, quando as jabuticabas ficavam que nem um mel, como dizia Narizinho. Escolhiam as melhores frutas, furavam-nas com o ferrão, enfiavam meio corpo dentro e deixavam-se ficar muito quietinhas, sugando até caírem de bêbedas.

--- E não mordiam?

--- Não tinham tempo. O tempo era pouco para aproveitarem aquela gostosura que só durava uns quinze dias.

Não mordiam é um modo de dizer. Nunca tinham mordido, isso sim. Porque justamente naquela tarde uma mordeu.⁴⁵⁶

A recorrência à figuração propiciada pelas onomatopéias já é um indício da “oralização” do discurso. Imitando o som do ruído das jabuticabas sendo devoradas por Narizinho e Rabicó, o contador tem chances maiores de evocar a cena narrada e, conseqüentemente, de ganhar a atenção dos ouvintes. O esforço de voltar o discurso para o receptor, no entanto, vai além do emprego dos vocábulos onomatopaicos. No ato de narrar, o narrador extradiegético é interrompido por alguém que não é da história, mas do discurso, pois interage com o contador. Indagando sobre algo que acaba de ser contado, esse narratário

⁴⁵⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 34.

ajuda o emissor do discurso a compor o mundo narrado. A resposta serena do narrador, por outro lado, esclarecendo e ampliando as informações, faz pensar no que observa Anatol Rosenfeld sobre o gênero épico:

A função mais comunicativa que expressiva da linguagem épica dá ao narrador maior fôlego para desenvolver, com calma e lucidez, um mundo mais amplo. Aristóteles salientou este traço estilístico, ao dizer: “Entendo por épico um conteúdo de vasto assunto.”⁴⁵⁷

Um outro exemplo da introdução do narratário extradiegético se encontra no terceiro capítulo, *O Marquês de Rabicó*:

Eram sete leitõezinhos. Bem sei que sete é conta de mentiroso, mas eram mesmo sete, todos ruivos, com manchas brancas pelo corpo. Quando a mamãe deles saía a passeio, os sete leitõezinhos acompanhavam-na em fila – *ron, ron, ron...*

O tempo foi passando e os leitões foram crescendo, e à medida que iam crescendo iam entrando...

--- Para a escola, já sei!

--- Sim, para a escola do forno!

--- Que horror!

--- Pois é verdade. Vida de leitão no sítio do Picapau Amarelo não é das mais invejáveis. Está o lindo animalzinho brincando no terreiro, feliz, gordo como uma bola. Dona Benta olha e diz:

--- Tia Nastácia, a prima Dodoca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar “aquele um!” e aponta para o coitado.

A negra vai ao paiol, toma uma espiga de milho e grita no terreiro – *xuque, xuque, xuque!*⁴⁵⁸

⁴⁵⁷ Anatol ROSENFELD, *O teatro épico*, p. 13.

⁴⁵⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 79.

Novamente o narrador dialoga com alguém que acompanha a história - agora da família do leitão Rabicó -, mas não é participante desta. O condutor da narrativa continua posicionado de fora, com conhecimento amplo dos fatos, e desenvolvendo um discurso intensamente marcado pela tonalidade oral. Prova-o, antes de mais nada, a manifestação de um “eu” no início do relato. Ainda que esse narrador esteja ausente como personagem da história, sendo heterodiegético, portanto, o emprego do verbo na primeira pessoa é perfeitamente possível e esperado, de acordo com Genette. A situação descrita marca “a designação do narrador enquanto tal por si mesmo”, já que a “presença, explícita ou implícita, da ‘pessoa’ do narrador (...) só pode estar na sua narrativa, tal como qualquer sujeito de enunciação no seu enunciado, na ‘primeira pessoa’...”⁴⁵⁹. Parece também que o emissor responde a alguma manifestação de incredulidade dos ouvintes, ao mesmo tempo em que demarca sua posição de titular da narração, pois tem a parceria com o narratário, o contador auxiliar.

A simulação dos apartes dos ouvintes é outra prova da tonalidade ostensivamente oral da passagem. Tão forte é a impressão da presença de contador e ouvintes neste trecho, enfim, que as falas das personagens Dona Benta e tia Nastácia são apreendidas como imitações do emissor, e não como a presentificação das personagens. Entende-se, daí, o raciocínio de Anatol Rosenfeld, quando afirma, na obra já citada:

De um modo assaz misterioso parece [o narrador] conhecer até o íntimo dos personagens, todos os seus pensamentos e emoções, como se fosse um pequeno deus onisciente. Mas não finge estar identificado ou fundido com eles. Sempre conserva certa distância face a eles. Nunca se transforma neles, não se metamorfoseia. Ao narrar a estória deles imitará talvez, quando falam, as suas vozes e esboçará alguns dos seus gestos e expressões fisionômicas. Mas permanecerá, ao mesmo tempo, o narrador que apenas *mostra* ou *ilustra* como esses personagens se comportam, sem que passe a transformar-se neles.⁴⁶⁰

A introdução do narratário extradiegético, acredita-se, responde a um desejo grande da parte de Monteiro Lobato de concretizar a interação que necessariamente a narrativa contém,

⁴⁵⁹ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 243.

⁴⁶⁰ Anatol ROSENFELD, *O teatro épico*, p. 14.

mesmo quando a instância receptora não se materializa no discurso. Saliente-se que a correspondência obtida pelo escritor entre o narrador extradiegético e o narratário extradiegético é exatamente o que postula G. Genette:

Como o narrador, o narratário é um dos elementos da situação narrativa, e coloca-se, necessariamente, no mesmo nível diegético; quer dizer que não se confunde mais, *a priori*, com o leitor (mesmo virtual) de que o narrador com o autor, pelo menos não necessariamente. (...)

O narrador extradiegético (...) outra coisa não pode senão visar um narratário extradiegético, que se confunde aqui com o leitor virtual, e a quem qualquer leitor real pode identificar-se. Esse leitor virtual é, em princípio, indefinido...⁴⁶¹

Assim, a presença do narratário extradiegético em *Reinações de Narizinho*, ou seja, a instância criada para funcionar como um leitor virtual, que pergunta e opina sobre os fatos da história contada no livro, provavelmente também simula a situação que Lobato anseia alcance identificação com os leitores reais e seja vivida na recepção real de sua obra. Para adquirirem sentido, portanto, os eventos apresentados pressupõem a intervenção inquiridora, franca e aberta dos pequenos leitores. Tal se constata na passagem abaixo, do nono capítulo, O circo de cavalinhos, em que o estímulo do narratário é providencial para o esclarecimento do narrador e, por extensão, para a verificação da coerência do relato:

O Visconde havia encontrado uma Tri-go-no-me-tri-a velha que pertencera ao Cônego Encerrabodes e Pedrinho pusera como calço dum dos esteios do circo. Tamanha foi a sua satisfação, que arrancou o livro dali e saiu de braço dado com ele para um passeio pelos arredores. E por lá ficaram até o dia seguinte, a conversar sobre “senos” e “co-senos”.

--- Como isso, se o Doutor Caramujo havia curado o Visconde da sua mania científica?

Muito simples. Havia curado, mas não havia curado completamente. Deixara em sua barriga algumas letras para semente e foi o bastante para que a festa de

⁴⁶¹ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 258-259.

Pedrinho acabasse naquele fiasco [representado pelo sumiço do Visconde, que seria o palhaço do circo montado pelas crianças].⁴⁶²

A convocação dos receptores reais é, frisa-se, a que mais amiúde acontece no livro. Mesmo sem o narratário extradiegético textual, o narrador continua respondendo a indagações em potencial, que podem ser interpretadas como manifestações possíveis do envolvimento esperado do leitor real com a obra. Acompanhem-se as passagens do segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo:

Narizinho respondeu ao convite [da parte da rainha das Abelhas, para visitar seu reino] por meio dum borboletograma. Não sabem o que é? Invenção da Emília. Como não houvesse telégrafo para lá, a boneca teve a idéia de mandar a resposta escrita em asas de borboleta. Agarrou uma borboleta azul que ia passando e rabiscou-lhe na asa, com um espinho...⁴⁶³

Horrorizada com a feiúra da velha, Narizinho fechou os olhos. Depois criou coragem e os foi abrindo devagarinho. E viu... sabem quem? Viu tia Nastácia a olhar para ela... [A horrenda feiticeira surgiu no sítio na ausência da menina do nariz arrebitado e de Emília, e transformou Pedrinho em pássaro, Dona Benta, em tartaruga, e tia Nastácia, em galinha. O feitiço foi quebrado com a ajuda de Tom Mix, que perseguiu a bruxa durante três dias e a ameaçou, obrigando-a a desfazer o mal].⁴⁶⁴

Um efeito da tonalidade oral do discurso nos trechos acima é a interrupção provisória do tempo pretérito - consequência do conhecimento pleno, pelo narrador, dos eventos anteriormente transcorridos e sobre os quais conta -, para a introdução do presente dos ouvintes. Exemplos importantes disso aparecem no oitavo capítulo, O irmão de Pinocchio, quando o narrador, em dado momento, situa a narração no tempo do destinatário, enredando-o ainda mais:

⁴⁶² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 250.

⁴⁶³ *Ibid.*, p. 54.

⁴⁶⁴ *Ibid.*, p. 78.

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que *há* no Brasil *são* muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante.⁴⁶⁵

Ela [Narizinho] sabia que o melhor meio de escapar dos grandes perigos era fechar os olhos, bem fechados, como a gente *faz* nos sonhos quando *sonha* que está caindo num precipício.⁴⁶⁶

3.6.2.4. As narrativas insertas nos discursos de personagens: As hipounidades

Afora os aspectos relacionados à tonalidade oral da linguagem narrativa de *Reinações de Narizinho*, há que se iniciar o tratamento da evolução das narrativas insertas nos discursos das personagens. É importante recordar a dinâmica que preside a organização do livro: através do discurso se vivem e se contam histórias sem fim. Por essa razão, as mesmas personagens que vivem a história também se encarregam de contar eventos. Daí possivelmente decorra a visão manifesta nas “Notas dos Editores”, prefácio da edição de *Reinações* considerada na tese, quando se afirma: “*Reinações de Narizinho* é um cacho de histórias.”⁴⁶⁷ A imagem que os editores usam para tratar da organização da obra faz pensar num eixo comum que, todavia, se ramifica, originando histórias sobrepostas.

Na linguagem narrativa de *Reinações de Narizinho*, o eixo comum é o discurso do narrador extradiegético, que organiza os fatos numa ordem básica. As ramificações são os discursos de personagens, as citadas hipounidades, com sua evolução representada pelas narrativas metadieéticas.

Quando se abordaram as *melhorias* impostas por Monteiro Lobato no volume em estudo, foram citados e comentados exemplos de falas de seres ficcionais com propensão

⁴⁶⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 199-200.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 221.

⁴⁶⁷ *Ibid.*, p. X.

narrativa, retirados do primeiro capítulo. Faz-se necessário, portanto, que se demonstre, em princípio, a continuação do processo ao longo do livro, para, finalmente, se discutir o mencionado aprimoramento. Também se falou, numa discussão ainda preliminar, sobre o papel que as hipounidades podem desempenhar no desenrolar da história principal. Um exemplo de hipounidade, pois, com função restrita na história encontra-se no quinto capítulo, Aventuras do Príncipe. No trecho, Pedrinho conta ao caranguejo encarregado de fazer a guarda do Príncipe Escamado, em visita ao sítio, fatos da história de Emília:

--- Emília muda muito, não é como vocês que são sempre os mesmos. Cada vez que Narizinho se enoja da cara dela, muda. Muda tudo. Muda a boca mais para baixo ou mais para cima. Muda as sobrancelhas, muda os olhos. Houve até uma vez em que Emília passou sem olhos cinco dias.

--- Como assim?

--- Narizinho estava mudando os olhos dela, que são de retrós, e já tinha arrancado os velhos para pôr novos, quando viu que não havia mais retrós no carretel. Até que alguém fosse à cidade e trouxesse mais retrós, a coitada ficou sem olhos, ceguinha num canto, sem enxergar coisa nenhuma... (...)

--- Mas também – continuou Pedrinho – quando a linha veio e Narizinho botou-lhe olhos novos, bem arregalados, Emília tirou a forra. Passou o dia inteiro sem fazer outra coisa senão olhar, olhar, olhar.⁴⁶⁸

As falas do menino organizam uma estrutura narrativa rica em elementos com os quais o chefe da guarda do Príncipe, o narratário intradieético, e, por extensão, o leitor, constroem impressões sobre Emília. As informações não interferem, entretanto, no curso da história contada. O mesmo se dá com as narrativas das personagens maravilhosas do sétimo capítulo, Cara de coruja. Na ocasião da festa em homenagem a elas, organizada pelas crianças e pelos bonecos no sítio, algumas acrescentam desdobramentos desconhecidos às suas histórias. Isso restaura o interesse dos narratários intradieéticos, e, claro, dos receptores reais sobre essas personagens. Lobato consegue igualmente, como já se apontou antes com as hipounidades de Dona Carochinha, mostrar que as histórias podem ser recontadas muitas vezes, mantendo

⁴⁶⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 139-140.

sempre o encantamento. Desses enredos diferenciados, porém, não depende o rumo da história contada no livro. Acompanhe-se a fala de Cinderela, esclarecendo uma dúvida de Emília:

--- (...) Que é que aconteceu para sua madrasta e suas irmãs, afinal de contas? Um livro diz que foram condenadas à morte pelo Príncipe; outro diz que um pombinho furou os olhos das duas...

--- Nada disso aconteceu (...). Perdoei-lhes o mal que me fizeram – e hoje já estão curadas da maldade e vivem contentes numa casinha que lhes dei, bem atrás do meu castelo.⁴⁶⁹

Ainda se pode demonstrar a hipounidade sem repercussão na história com outro discurso de Pedrinho, presente no décimo capítulo do livro, Pena de papagaio. No País-das-Fábulas, ao ver um corvo com um queijo no bico, no topo de uma árvore, o menino reconhece a personagem da narrativa, e a conta aos companheiros, apenas para vangloriar-se de seu conhecimento:

--- Aposto que embaixo da árvore está uma raposa. Ela vai gabar a voz do corvo, dizendo que nenhum sabiá canta mais bonito que ele. O vaidoso acredita, fica todo ganjento, abre o bico para cantar e o queijo cai e a raposa pega o queijo e foge com ele, na risada. Já sei tudo. Não vale a pena pararmos para ver isso.⁴⁷⁰

Talvez se possa associar os casos apresentados ao terceiro tipo de relação possível entre os dois níveis da história - o diegético e o metadieético, este representado pelo mundo ficcional criado pela personagem-narradora – de que trata G. Genette. Dentre “os principais tipos de relação que podem unir a narrativa metadieética à narrativa primeira na qual se insere”⁴⁷¹, o estudioso identifica um tipo que não comporta, segundo ele, nenhuma relação aparente entre os dois níveis da história: “é o próprio ato da narração que desempenha uma

⁴⁶⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 178.

⁴⁷⁰ *Ibid.*, p. 274.

⁴⁷¹ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 231.

função na diegese, independentemente do conteúdo metadieético: função de distração, por exemplo, e/ou de obstrução.”⁴⁷². Embora ainda se abordem as ocorrências de hipounidades, acredita-se na pertinência da referida associação, dada a ausência de maiores conseqüências das narrativas acima transcritas no curso da história principal.

Outros tipos de relação se observam nas hipounidades que seguem. O trecho abaixo, do segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo, é um diálogo entre Narizinho e Pedrinho. Lúcia, Emília e o *cowboy* Tom Mix estão retornando do Reino-das-Abelhas, quando, antes de o grupo alcançar o sítio, a menina descobre que o primo está transformado em pássaro. Acompanhe-se a cena do encontro entre as personagens:

--- Então que é isso, Pedrinho? Deixo você em casa feito gente e o venho encontrar virado em ave!...

--- Assim é --- disse ele. Todos viramos aves lá em casa.

--- Como? *Explique* isso! --- gritou Narizinho ansiosa.

--- *Pois apareceu por lá uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço. “Menino” – disse-ela, “é aqui a casa onde moram duas velhas dugudéias em companhia duma menina pequenina de nariz arrebitado, muito malcriada?” Furioso com a pergunta, respondi: “Não é da sua conta. Siga seu caminho que é o melhor.” “Ah, é assim?” exclamou ela. “Espere que te curo!” E me virou a mim em passarinho, virou vovó em tartaruga e tia Nastácia em galinha preta...*⁴⁷³

Diferentemente do que ocorre com as hipounidades precedentes, essa desempenha um papel crucial no processo narrativo. O narrador extradiegético incumbe a personagem Pedrinho de esclarecer fatos da diegese, por isso Narizinho pede a ele que *explique* o que se passou na ausência dela do sítio. Assim, o relato do menino dispõe para os narratários intradieéticos e para o leitor eventos que garantem o fio da narrativa, pois informações necessárias à coerência e à ordenação da história principal são apresentados por ele. Pedrinho é cuidadoso na narração, tanto que as características da velha responsável pelo malefício são bem marcadas, particularmente a implicância com Narizinho. Isso conduz a menina e o leitor,

⁴⁷² Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 232.

⁴⁷³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 76.

obviamente, a adivinhar o nome da bruxa, Dona Carochinha, embora a fala posterior de Lúcia não o mencione de forma explícita: “Já sei quem é essa velha! Não pode ser outra! Bem sei que ela me disse que havia de vingar-se...”⁴⁷⁴

É com êxito que o discurso de Pedrinho cumpre a tarefa de complementar a narração principal, e explicar a história. Por isso, o narrador extradiegético, ao compor a cena envolvendo Narizinho e Tom Mix, que conversam sobre o feitiço, sumariza o conteúdo do discurso da menina, apontando a suficiência do relato de Pedrinho:

--- Que foi que aconteceu, princesa [Narizinho]? – indagou Tom Mix, já de mão no revólver.

--- Não sei, Tom, se desta vez nos poderá valer! Contra uma bruxa feiticeira, não sei... não sei... *e contou o que havia.*⁴⁷⁵

Uma outra hipounidade com semelhante grau de influência na narrativa primeira encontra-se no quinto capítulo, Aventuras do Príncipe. A narradora intradieética é tia Nastácia, que conta a Narizinho o acontecimento trágico envolvendo Miss Sardine, uma das integrantes da corte do reino marinho em visita ao sítio. Atente-se para os estímulos da menina, o narratário intradieético, e para a parceria estabelecida entre a cozinheira e o narrador extradiegético na apresentação dos fatos:

--- Pois imagine que Miss Sardine, desde que o Príncipe chegou, se meteu aqui na cozinha todo o tempo, a coitada. Remexeu em tudo, provou o sal, o açúcar, e até caiu no pote de pimenta do reino. Eu salvei ela, dei um banhinho nela e pus ela ali no canto para secar. No começo, enquanto a pimenta estava ardendo, ficou muito sossegada. Mas depois que a ardidura passou, principiou a reinar outra vez. Eu estava sempre avisando: “Não mexa aí! Não chegue perto do fogo! Não seja tão reinadeira que de repente acontece qualquer coisa para mecê!”

⁴⁷⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 76.

⁴⁷⁵ *Ibid.*, p. 76-77.

Mas era o mesmo que estar falando pra aquele pau de lenha ali. Fazia uma carinha de caçoada e continuava. Se não aconteceu desgraça foi porque meu “zóio” não saía de cima dela, vigiando. Mas de repente Sinhá [Dona Benta] me chamou para ouvir uma história do Doutor Caramujo. Fui e deixei Miss Sardine sozinha...

--- E o que aconteceu? --- indagou Narizinho surpresa.

A negra continuou, depois de enxugar as lágrimas no avental.

--- Aconteceu o que eu tinha medo que acontecesse. A coitadinha, assim que saí, trepou no fogão para espiar a frigideira de gordura. Achou linda, com certeza, aquela água que pulava e chiava – e deu um pulo para dentro da frigideira, pensando que fosse uma pequena lagoa. Gordura fervendo, imagine!...

--- (...) Onde está ela, Nastácia?

--- Está ainda na frigideira --- respondeu a negra. Frita! Frita que nem um lambari frito...⁴⁷⁶

A fala de tia Nastácia é imprescindível para que se compreenda o andamento da história. A personagem inicialmente condensa as primeiras travessuras na cozinha da ilustre dama da corte do Príncipe Escamado. Depois de viver tais fatos, relatados previamente pelo narrador posicionado fora da história, a cozinheira passa a contá-los, resumindo-os para Narizinho e para o leitor. Em seguida, tia Nastácia explica pontos deixados em suspenso pelo narrador extradiegético. Adotando a focalização externa, em virtude de sua ignorância “em relação aos pensamentos autênticos do herói”⁴⁷⁷, que, no caso, é Miss Sardine, ela conta – “Achou linda, com certeza, aquela água que pulava e chiava – e deu um pulo para dentro da frigideira, pensando que fosse uma pequena lagoa. Gordura fervendo, imagine!...” - o que sucedeu na cozinha, enquanto esteve na companhia de Dona Benta e do Doutor Caramujo.

O momento do encontro das três personagens – tia Nastácia, Doutor Caramujo e Dona Benta – é apresentado pelo narrador extradiegético, mas os eventos simultâneos que tiveram lugar na cozinha, enquanto Miss Sardine ficou só, é a cozinheira que os expõe. Seu conhecimento é de alguém que estabeleceu camaradagem com a dama da corte, e por isso

⁴⁷⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 145-146.

⁴⁷⁷ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 192.

pode fazer as deduções corretas e impor lógica ao narrado. A narração da personagem ainda amarra os fatos, proporcionando o nexos necessário para a aceitabilidade dos eventos.

As hiponidades acima comentadas, enfim, pela “causalidade direta entre os acontecimentos da metadiegeese e os da diegeese”, certamente cumprem a função *explicativa* identificada por Genette. Leiam-se suas palavras a respeito:

É o “eis porque” balzaquiano, mas assumido agora por uma personagem, quer a história que conta seja a de outra (...) ou, mais freqüentemente, a sua própria (...). Todas essas narrativas respondem, explicitamente ou não, a uma pergunta do tipo “Quais os acontecimentos que conduziram à situação presente?”. O mais freqüente é que a curiosidade do auditório intradiegetico mais não seja que um pretexto para responder a do leitor, como nas cenas de exposição do teatro clássico...⁴⁷⁸

Saliente-se que tia Nastácia, numa parte de sua fala, reconta fatos da história submetendo-os a sua visão de mundo. Seu relato, assim, talvez exemplifique o que Genette chama, no corpo da discussão sobre a *freqüência*, de narrativa *repetitiva*, ou *contar n vezes* [no discurso] *aquilo que só se passou uma vez* [na história]. O teórico justamente declara, sobre a vantagem desse expediente para a recepção:

Pensemos também (o que não é tão estranho como se possa pensar à função da literatura) que as crianças gostam que lhes contem várias vezes – ou até várias vezes seguidas – a mesma história, ou reler o mesmo livro, e que esse gosto não é em absoluto o privilégio da infância...⁴⁷⁹

No oitavo capítulo de *Reinações de Narizinho*, O irmão de Pinocchio, há o encontro de Lúcia com Chapeuzinho Vermelho. A menina do nariz arrebitado encontra a casa da personagem no bosque e lhe relata os acontecimentos vividos na companhia do boneco João Faz-de-conta, inclusive a perda da cabeça deste. O discurso de Narizinho é igualmente uma

⁴⁷⁸ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 231.

⁴⁷⁹ *Ibid.*, p. 116.

hipounidade, e com características similares a de tia Nastácia, pois experiências anteriormente vividas pela menina, e contadas pelo narrador extradiegético, agora são reapresentadas em sua fala, porém de forma abreviada. Acompanhe-se o discurso aludido, que, embora não seja decisivo, atende ao referido propósito de reiteração:

--- É que cheguei aqui por acaso. Vi-me só na floresta, depois que meu guia [João Faz-de-conta] perdeu a cabeça, e não sei o que seria de mim se não fosse a fumacinha de tua casa, que vi de longe. E vim correndo, mas sem saber quem morava aqui.⁴⁸⁰

Convocada pelo narrador para, com seu discurso, decidir a história, Chapeuzinho Vermelho, ou Capinha Vermelha como é designada em *Reinações de Narizinho*, conta à menina do nariz arrebitado, na seqüência:

--- Que coincidência! (...) Não faz minutos eu estava tomando banho no ribeirão e um objeto, feito castanha de caju veio rolando pela água abaixo até esbarrar em mim. Peguei-o, olhei e vi que era uma cabeça, com boca, nariz e tudo. Quem sabe se não é a cabeça de Faz-de-conta? Está guardada no bolso do meu avental.⁴⁸¹

A narração de Chapeuzinho Vermelho é resolutiva, porque explica a razão de se ter podido consertar o boneco e, com isso, a narrativa prossegue, encaminhando o desfecho da experiência maravilhosa vivida por Narizinho no pomar do sítio. Quando a menina se vê novamente em casa, apressa-se a relatar o que viveu aos amigos, e uma série de hipounidades resgatando sua experiência são construídas. Em suas falas, portanto, se reconhecem novos exemplos das narrativas repetitivas, já que a mesma história novamente é apresentada no discurso, agora da personagem. Acompanhe-se o relato que a menina faz a Dona Benta:

⁴⁸⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 222.

⁴⁸¹ *Ibid.*, p. 222.

--- Vovó! (...). Faz-de-conta viveu mais de uma hora, e conversou comigo, e me acompanhou ao País-das-Maravilhas, lá onde mora Capinha Vermelha. E vi as ninfas dançando, e um fauno tocando flauta, e quebrei-lhe a flauta, e saiu de dentro uma nuvem de vespas, e uma delas era fada e... [Nesse ponto da narração, Dona Benta pede que a neta pare com sua história, pois afirma não estar entendendo coisa alguma. Mesmo assim, Narizinho prossegue.]

--- E a fada quis me morder e fechei os olhos bem fechados, e João Faz-de-conta puxou o prego e bateu nela, e a malvada fugiu e a cabeça de Faz-de-conta rolou pelo morro abaixo...⁴⁸²

Dona Benta interrompe a neta novamente, sugere a ela que conte tudo a Pedrinho, e a deixe em paz. Narizinho, assim, conta tudo novamente ao primo. Entremeando a narração do que se passou, ainda, há uma tentativa curiosa de analisar a experiência vivida. Acompanhem-se as falas que organizam seu relato:

--- Três grandes novidades, Pedrinho! Faz-de-conta viveu por mais de uma hora e revelou-se nobre caráter. Tem gênio muito diferente do de Pinocchio. Muito mais sensato e, além disso, valente e leal. [Nesse momento do relato, o narrador extradiegético faz alusão ao espanto de Pedrinho, o que conduz a menina a ser enfática.]

--- Viveu, sim! (...) Mas só vive quando a gente “muda de estado.” (...)

--- Não sei explicar. Só sei que em certos momentos a gente muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de nós. Vi ninfas, e um fauno, e uma vespa que era fada, e Faz-de-conta lutou com ela e me salvou, e vi uma fumacinha lá longe e fui correndo e dei com a casa – sabe de quem? (...)

--- Da menina da Capinha Vermelha! (...)

--- E estive conversando com ela uma porção de tempo, e soube que se dá muito com Peter Pan. E Peter Pan apareceu para Faz-de-conta e prometeu chegar até aqui. (...)

⁴⁸² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 224.

--- E a terceira novidade é ainda mais importante (...). Imagine que descobri que aquele alfinete de pombinha que tia Nastácia deu à Emília é uma poderosa vara de condão – e portanto Emília, se quiser, pode virar fada!⁴⁸³

As falas de Narizinho, além de repetirem no discurso a história, também vão além da explicação da diegese. Há mesmo um esforço de ajuizar o sentido maior de sua experiência na companhia do boneco João Faz-de-conta, de buscar refletir com seus interlocutores intradieгéticos, e principalmente com os leitores reais, sobre a possibilidade de alargar a vivência concreta com o recurso da fantasia. Como apropriadamente reflete Amauri M. Tonucci Sanchez sobre essa mesma fala da menina do nariz arrebitado:

Narizinho capta dentro de si sinais indicativos de que o universo é bem maior do que as dimensões a que a percepção e a conveniência lógica das sociedades o reduziu, desfalcando o próprio espaço possível da existência.⁴⁸⁴

Com seu discurso, portanto, Narizinho parece querer dividir com os ouvintes sua descoberta sobre as delícias do desprendimento da mente, e isso não passa por uma apreensão racional, já que ela diz: “Não sei explicar”. A narrativa repetitiva, pois, e essa de Narizinho em particular, responde aos apelos emocionais dos receptores. Tal como as hiponidades sem repercussão na história, talvez a narrativa reiterada cumpra a função de enlevar os leitores, oferecendo-lhes sempre mais chances de se deixarem envolver pela ficção proposta. As hiponidades com função explicativa, por seu propósito de acrescentarem inteligibilidade ao que se conta e pelo nexos que promovem entre a diegese e a metadieгese, podem atender aos imperativos de ordem intelectual dos destinatários.

⁴⁸³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 225.

⁴⁸⁴ Amauri M. Tonucci SANCHEZ, *Literatura infantil e libertação*, *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, p. 139.

3.6.2.5. As narrativas metadieéticas

Até agora a discussão abarcou falas de personagens revestidas de pendor narrativo, as chamadas hipounidades. Todas elas, viu-se, são curtas, resumidas, em que se nota a delegação do ato narrativo a determinados seres ficcionais, sem que se interrompa por muito tempo o diálogo e nem se apague a presença do narrador extradiegético. Há que se refletir, pois, sobre a evolução desse recurso em *Reinações de Narizinho*, conforme a diretriz traçada no presente trabalho, no que se refere à questão do aprimoramento da linguagem narrativa do livro.

É tempo de se falar a respeito dos discursos de personagens marcados por uma ação criativa mais ampla e sofisticada, em que seres e espaços são organizados com riqueza de atributos. A narração, nesse aspecto, se confunde com a principal, dando a impressão de que o narrador titular é a própria personagem, tamanho o obscurecimento do discurso extradiegético.

Acredita-se que a situação descrita acima seja a de fato abordada por G. Genette, na obra *Discurso da narrativa*. Por isso se lança mão de outra fonte bibliográfica quando se discutem as hipounidades. Faz-se útil conhecer, pois, o que o teórico entende, exatamente, por *narrativas metadieéticas*:

Definiremos essa diferença de nível dizendo que *todo o acontecimento contado por uma narrativa está num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produtor dessa narrativa*. A redação, por M. de Renoncourt, das suas *Mémoires [d'un homme de qualité]* fictícias é um ato (literário) levado a cabo num primeiro nível, que se dirá *extradieético*; os acontecimentos contados nessas memórias (entre os quais o ato narrativo de Des Grieux) estão nessa primeira narrativa, qualificá-las-emos, pois, de *diegéticas*, ou *intradiegéticas*; os acontecimentos contados na narrativa de Des Grieux, narrativa no segundo grau, serão ditos *metadieéticos* ...⁴⁸⁵

Como se passa na obra de Abbé Prévost, a narrativa *Reinações de Narizinho* é resultado de um ato literário que, num primeiro nível, o extradiegético, é levado a efeito por

⁴⁸⁵ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 227.

um narrador que não se nomeia. Todos os episódios contados por esse narrador formam uma primeira narrativa, em que as personagens Emília, o falso gato Félix, o Visconde de Sabugosa, bem como seus atos, se colocam no nível intradieético. Ocorre que esses entes ficcionais intradieéticos também se responsabilizam por atos literários, de modo que os acontecimentos por eles contados são de segundo grau, ou metadieéticos.

Em razão de essas narrativas metadieéticas serem bem mais longas do que as hiponidades, nem sempre há como apresentá-las na íntegra. Por isso, a exemplificação procura assegurar a demonstração do obscurecimento do narrador extradieético em favor do intradieético, momento em que mais claramente se constata a evolução dos meios discursivos lobatianos. Recomenda-se, para o conhecimento detalhado de tais narrativas, a leitura dos verbetes das personagens dessas histórias presentes no apêndice da tese⁴⁸⁶.

Emília é a primeira personagem a criar uma narrativa no livro. Ela, diga-se, ainda cria uma outra, bastante importante, que será igualmente comentada a seu tempo. O fato de a boneca destacar-se como narradora na obra não chega a ser uma surpresa, pois, em várias oportunidades ao longo do livro se alude ao gosto dela por histórias. Já no segundo capítulo, O Sítio do Picapau Amarelo, o narrador principal afirma:

Dona Benta era outra que achava muita graça nas maluquices da boneca. Todas as noites punha-a ao colo para lhe contar histórias. Porque não havia no mundo quem gostasse mais de história do que a boneca. Vivia pedindo que lhe contassem a história de tudo – do tapete, do cuco, do armário. Quando soube que Pedrinho, o outro neto de Dona Benta, estava para vir passar uns tempos no sítio, pediu a história de Pedrinho.⁴⁸⁷

Do costume de ouvir nasce a habilidade de contar, o que leva Dona Benta a comentar com tia Nastácia, depois de ouvir a história contada por Emília no sexto capítulo, O Gato Félix: “--- (...) Pois não é que essa boneca aprendeu a contar história que nem uma gente grande?”⁴⁸⁸ Narizinho também reconhece a competência da contadora: “--- (...) A história que você contou está muito boa e merece grau dez. Para uma boneca de pano, e feita aqui na roça,

⁴⁸⁶ Cf. a indexação dos entes de ficção lobatianos no apêndice do presente trabalho.

⁴⁸⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 32.

⁴⁸⁸ *Ibid.*, p. 164.

não podia ser melhor.”⁴⁸⁹ No sétimo capítulo, Cara de coruja, Emília não tem dúvida quanto ao que perguntar ao espelho mágico ganho de Branca-de-Neve, e a resposta é pronta, confirmando sua fama. Acompanhe-se a cena:

--- Diga-me, senhor espelho, qual a boneca que conta histórias mais bonitas?

--- É a ilustre Marquesa de Rabicó! --- respondeu o espelho na sua voz mágica.⁴⁹⁰

O empenho de Emília já se exterioriza na narrativa cujo assunto é o enterro da vespa que picou a língua de Narizinho, do segundo capítulo da obra estudada. O modo impagável como narra o desenrolar da cerimônia fúnebre faz com que a história se ajuste à recepção infantil. Anteriormente se discorreu sobre isso, no apontamento da retomada de temas da obra *A Menina do Narizinho Arrebitado* em *Reinações de Narizinho*. Antes de se transcrever a narrativa de Emília em *Reinações*, é oportuno mostrar uma versão do mesmo acontecimento publicada na *Revista do Brasil* de janeiro de 1921.

Já se afirmou que a veiculação de entretchos diferentes dos narrados no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado* foi feita no periódico até fevereiro daquele ano. Isso permite supor que tais enredos vêm a integrar posteriormente o livro *Narizinho Arrebitado*. Como não se teve acesso ao livro, não se pode dizer que seu conteúdo, em relação ao enterro da vespa pelo menos, é o mesmo do que aqui se apresenta. De qualquer modo, mesmo que o escritor tenha reescrito o trecho no livro, é interessante perceber que, na revista, a narração do fato não cabe à Emília. Acompanhe-se a passagem, transcrita inteiramente, pela importância que encerra:

Foi ao escurecer. O leitão rabricó, já de barriga cheia, roncava no chiqueirinho sonhando árvores que dessem espigas de milho em vez de frutas. E Narizinho, num canto da sala de jantar, vestia na boneca uma saia nova, de pintas azuis, feita pela tia Anastácia.

⁴⁸⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 164.

⁴⁹⁰ *Ibid.*, p. 179.

--- Não estou gostando... murmurava Emília que era muito luxenta em matéria de vestidos. Está pensa e além disso muito apertada no cós.

--- Alarga-se o cós, remediou a menina.

--- Depois, continuou Emília, de nariz torcido, já disse que não gosto desta moda de babadinhos. Fico velha e feia, tal qual uma perua choca.

--- Enjoada!...

Enquanto assim conversavam as duas, embaixo da jabuticabeira grande se reuniam amigos e parentes da vespa machucada.

Pobre vespa! Muito tempo ficou no chão, moribunda, movendo lentamente ora uma perninha ora outra. Por fim encolheu as pernas todas e imobilizou-se, morta. E agora vinham amigos e parentes a cuidar do enterro.

Quatro formigas pretas ergueram no ferrão o seu triste corpinho inteiriçado e foram-se com ele a caminho do cemitério. Atrás delas um louva-a-deus de mãos postas seguia, rezando – *ora pro nobis, dominus vobiscum* – no latim lá dos insetos.

E assim chegaram ao cemitério onde uma paquinha coveira acabava de abrir a cova. As formigas depuseram na cova a defunta e começavam a cobrir o corpo de terra – quando apareceu, esbaforido, um besouro de sobrecasaca e chapéu-canudo, com as tiras de um discurso na munheca. O ilustre figurão era o orador oficial do Instituto Histórico dos Escaravelhos, sábio de grande fama na Besourolândia, mas um peroba de marca! Principiou a falar, com citações de mil autores e muitas frases latinas. Falou, falou, e como não acabasse mais de falar, o louva-a-deus, impaciente, arrolhou-lhe a boca com um toquinho de pau.

As formigas aproveitaram o lance para encher a cova e colocar em cima da terra um pedregulho redondo com esta inscrição:

Aqui jaz

Uma pobre vespa assassinada

Na flor dos anos

Pela Menina do Narizinho Arrebitado.

Orai por ela!

Feito o que, cada um tratou de raspar-se para as respectivas tocas, depressinha, antes que a noite viesse. Porque então apareceriam os morcegos malvados que caçam sem dó todos os insetos desprevenidos. Só ficou no cemitério o orador besouro, lutando para desenvolver-se a fim de concluir a leitura do discurso.

Teimava em falar, o ladrão! E tanto fez que arrancou o batoque e prosseguiu na lenga-lenga:

--- Mon't Alverne já disse que...

Mas aconteceu que suas palavras despertaram um sapo que cochilava ali por perto. O sapo olhou-o bem, ouviu um pedacinho do discurso, deu uma risada velhaca, e disse lá com as suas pintas:

--- Eu já te curo, meu pedante...

E aproximando-se devagarinho, - *nhoc!* – engoliu o orador com sobrecasaca, discurso, cartola e tudo.

Bem feito. Assim houvesse um sapo para cada orador cacete!...⁴⁹¹

Não deixa de ser instigante o modo como Monteiro Lobato compõe essa história, já em 1921. O deslocamento que o narrador efetua da cena envolvendo Narizinho e Emília, para assim se concentrar nos insetos pequeninos, é arrojado, porque abandona as personagens protagonistas a sua própria sorte. Os outros eventos ligados aos insetos é que passam para primeiro plano. O arrojado contraria, porém, a idéia de série que Lobato passa a adotar na composição de sua obra. Não se identifica o aludido fator de redundância na narrativa relacionada aos insetos, pois suas personagens não protagonizam os diferentes episódios do livro estudado e nem seus temas são os dominantes na obra. A história, portanto, não caracteriza um episódio das personagens nucleares, embora assim o designe o autor desconhecido do texto que abre a apresentação dos acréscimos à matriz de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. O que se tem é uma narrativa independente, pois se desenrola sem que as personagens principais tomem sequer conhecimento dela.

O argumento da cerimônia do sepultamento da vespa, com os ingredientes de sátira e ironia às formalidades entediadas do mundo dos adultos, não poderia ser abandonado por

⁴⁹¹ *Revista do Brasil*, 16 (61): 42-44.

Lobato, naturalmente. Saliente-se que a postura irreverente do responsável pela condução da história é muito parecida com a que desenvolveria Emília ao longo dos anos. Na reescrita dessa passagem, portanto, em *Reinações de Narizinho*, o escritor resolve a questão da independência da história atrelando-a à personagem que mais apropriadamente caberia contá-la: a boneca. Desse modo, não apenas respeita a série, em que todas as aventuras são protagonizadas pelas mesmas personagens, vivendo e contando histórias, como ainda patenteia a evolução de seus meios discursivos, o que se constata com a sobreposição de narrativas.

Para que se acompanhe com clareza as modificações impostas e ao mesmo tempo se demonstre a construção da narrativa metadieética em *Reinações de Narizinho*, assunto deste item, transcreve-se integralmente a passagem em questão:

--- Quero dizer que a tal vespa está morta e bem enterrada no fundo da terra – explicou a boneca. Assisti a tudo. Quando ela mordeu sua língua e você [Emília conversa com Narizinho] fez *plufe!* antes de berrar *ai! ai! ai!*, a jabuticaba cuspidada, ainda com a vespa dentro, caiu bem perto de mim. Vi então tudo o que se passou depois que você desceu da árvore, berrando que nem um bezerro, e lá se foi de língua de fora.

E a boneca contou direitinho o triste fim da pobre vespa.

--- Ela ficou quase uma hora metida dentro da casca, toda arreventadinha, movendo ora uma perna, ora outra. Afinal parou. Tinha morrido. Vieram as formigas cuidar do enterro. Olharam, olharam, estudaram o melhor meio de a tirar dali. Chamaram outras e por fim deram começo ao serviço. Cada qual a agarrou por uma perninha e, puxa que puxa, logo a arrancaram de dentro da jabuticaba. E foram-na arrastando por ali afora até à cova, que é o buraquinho onde as formigas moram. Lá pararam à espera do fazedor de discursos.

--- Orador, Emília!

--- FAZEDOR DE DISCURSOS. Veio ele, de discursinho debaixo do braço, escrito num papel e leu, leu, leu que não acabava mais. As formigas ficaram aborrecidas com o besourinho (era um besourinho do Instituto Histórico) e apitaram. Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” – perguntou. “Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador

não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau”, disseram as formigas. “Pára pau, pau!” - resolveu o soldado – e arrolhou o orador com o seu pauzinho.

As formigas, muito contentes, continuaram o serviço e levaram para o fundo da cova o cadáver da vespa. Em seguida apareceu uma trazendo um letreiro assim, que fincou num montinho de terra:

AQUI NESTE BURACO JAZ
 UMA POBRE VESPA ASSASSINADA
 NA FLOR DOS ANOS
 PELA MENINA DO NARIZ ARREBITADO.
 ORAI POR ELA!

Feito isso, recolheu-se. Era noite quase fechada. No pomar deserto só ficou o besourinho, sempre engasgado com o pau. Queria à viva força continuar o discurso. Por fim conseguiu destapar-se e imediatamente continuou: “Neste momento solene...” Nisto um sapo, que ia passando, alumiu o olho dizendo: “Espere que eu te curo!...” Deu um pulo e engoliu o fazedor de discursos!

--- Não reparou, Emília, se esse sapo era o Major Agarra-e-não-larga-mais? --- perguntou a menina.

--- Não era, não! --- respondeu a boneca. Era o Coronel Come-orador-com-discurso-e-tudo...⁴⁹²

Afora a substituição gradual da instância narrativa extradiegética pela intradieética, é preciso apontar o acerto da tonalidade do discurso. Sob a condução de Emília, a narrativa preserva a graça da história contada na revista, porém é sutil na crítica ao universo dos adultos. Fica clara a intenção básica de divertir, de propiciar a fruição de um evento engraçado a Narizinho e aos pequenos leitores; existe, portanto, na narração da boneca, uma preocupação maior com a recepção da história. Com o narrador extradiegético da versão publicada na revista, ao contrário, e em função da condenação explícita ao comportamento das pessoas mais velhas, nota-se a imposição de seu modo de pensar, ou seja, do modo de pensar de quem produz a narrativa.

⁴⁹² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 36-39.

Cabe ainda lembrar que, pelas razões já fornecidas e pela inexistência de relação direta entre os acontecimentos da metadiegeese e os da diegeese, o caso comentado exemplifica a função de distração prevista por G. Genette. A mesma função desempenha a narrativa construída pelo falso gato Félix, no sexto capítulo de *Reinações de Narizinho*. Este capítulo, diga-se, é totalmente estruturado por narrativas metadieéticas. O receptor real, assim, faz-se acompanhar das personagens ouvintes na audição das histórias do gato, de Emília e do Visconde. Todas, saliente-se, revelam em sua estrutura elementos com alta potencialidade de envolver os receptores.

É tia Nastácia quem alerta para a chegada do momento de se ouvirem as narrativas. Ela acende o lampião da sala e diz: “É hora!”. Todos, então, se reúnem para conhecerem os enredos. O ritual descrito no livro para os atos de contar e ouvir histórias, no capítulo considerado, faz pensar no atavismo desses costumes entre os seres humanos. O acender do lampião evoca o acender da fogueira dos antepassados mais remotos do homem, os quais, provavelmente inspirados pela aura de mistério trazida pela noite, procuravam, mediante as histórias, compreender o mundo: “O mundo deixa de ser inexplicável quando se narra o mundo”, diz Roland Barthes⁴⁹³.

O gato que surgiu no sítio, pois, e levou todos a pensar que se tratasse do famoso gato Félix, é convocado por Narizinho, na diegeese, a contar sua história. É válido relacionar o exposto com a reflexão de T. Todorov sobre o processo do *encaixe*, discutido por ele no capítulo intitulado Os homens-narrativas, do livro *As estruturas narrativas*:

A aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova personagem, nos seja contada. Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama *encaixe*.⁴⁹⁴

Acompanhe-se um trecho da narrativa do gato. Na passagem selecionada, ele narra o momento em que consegue sair espetacularmente do estômago de um tubarão, e conversa com o Capitão do navio onde vai dar:

⁴⁹³ Roland BARTHES, *Le degré zéro de L'Écriture*, p. 47.

⁴⁹⁴ Tzvetan TODOROV, *As estruturas narrativas*, p. 123.

O gato continuou:

--- O caso era difícilimo, e eu estava a pensar nele quando vi entrar no estômago da fera uma enorme isca com anzol dentro. Mais que depressa fisguei o anzol, bem fisgado, na pacuera do monstro. Assim que ele sentiu a dor da fisgada, pôs-se a corcovear como burro bravo com domador em cima. Corcoveou, corcoveou, corcoveou até que não pôde mais e foi morrendo. Passaram-se algumas horas sem acontecer nada. O tubarão estava bem morto. Nisto vi uma réstia de luz e uma ponta de faca aparecendo. Encolhi-me bem encolhido para me livrar da faca e compreendi que estavam abrindo a barriga do peixe. Não esperei por mais. Dei um pulo para fora e caí no meio dum grupo de marinheiros, bem dentro dum navio!... Os marinheiros ficaram assombradíssimos de ver sair um gato vivo da barriga de um peixe e só sossegaram quando lhes contei toda a minha história. O Capitão olhou para mim, alisou as barbas e disse:

---“Para onde pretende ir? Meu navio está de rumo à Inglaterra, onde poderei desembarcar você.

--- “Muito obrigado --- respondi. O país que eu procuro não é esse.

--- “Será a França?

--- “Não!

--- “Será a Alemanha? a Suécia? a Turquia? a Arábia? a Patagônia?

--- “Nada disso. A terra que eu procuro é aquela onde o demo perdeu as botas. Quero encontrar essas botas.

O Capitão julgou que eu estivesse a mangar com ele e pregou-me tamanho pontapé que fui parar no porão.

Todos deram gostosas risadas e tia Nastácia observou:

--- Isso é invenção de gente sem serviço. Esse lugar nunca existiu.⁴⁹⁴

Confirma-se com o fragmento apresentado a forma imbricada como se dispõem os discursos do gato e do narrador principal. Praticamente se confundem os enunciadores, tão

⁴⁹⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 154-156.

requintados são os recursos narrativos ativados. O leitor, ao final do trecho, só percebe que a instância narrativa extradiegética assume a narração, interrompendo a metadiegeese, ou o encaixe, quando é citada uma personagem diegética: tia Nastácia. A reação da platéia até esse momento da história, formada por Narizinho, Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Dona Benta, além da cozinheira, indica o deleite que experimenta com as peripécias narradas pelo gato.

A despeito dos absurdos que contém, e que o Visconde trata prontamente de apontar, a narrativa do gato distrai os ouvintes diegéticos e reais. Mais tarde, na diegeese, se desmascara a fama de gatuno do falso Félix, e isso leva o leitor a desconfiar das histórias anteriormente contadas por ele. Ainda assim, por serem tão engenhosas, pode-se, sem dúvida, reconhecer na personagem o gosto de se fazer ouvir. “Contar pelo prazer de contar, contar pela alegria do ouvir”⁴⁹⁶, como diz João Luís C.T. Ceccantini. Conquistam os ouvintes ainda as atitudes dessa criatura ficcional protagonista da narrativa metadiegética, pois lembram as de um pícaro, figura muito conhecida das narrativas populares. Como o Malasartes, “o burlão incorrigível e invencível, o sem escrúpulos que zomba de tudo e de todos que tentem cercear-lhe a vontade”⁴⁹⁷, o gato entretém a platéia com suas façanhas. Por tudo isso é que se enxerga na narrativa contada por ele, quanto à relação estabelecida com a história principal, a já mencionada função de distração da abordagem genettiana.

Não se pode ignorar que o gato corrompe tanto o elemento atávico relacionado ao costume de se contar histórias à noite como a justificativa para o encaixe de sua narrativa. Quando ele diz a Narizinho que só sabe contar histórias de noite, porque de dia “perdem a graça”, está, espertamente, preparando a execução de seu plano de fartar-se com os franguinhos de Dona Benta durante o dia. Da mesma forma, ao ser convocado pela menina do nariz arrebitado para contar sua história, o felino mente sobre os fatos de sua vida, como os ouvintes diegéticos e reais vêm a descobrir depois, com a ajuda das investigações do Visconde de Sabugosa.

A narrativa de Emília, que se segue a do falso gato Félix no sexto capítulo de *Reinações de Narizinho*, por outro lado, obedece a fórmulas convencionais e consagradas das narrativas maravilhosas. Não se trata de um relato sobre sua vida, mas de uma história de “reis, príncipes e fadas”, como classifica Narizinho ao ouvir o início do enredo. Acompanhem-se os fragmentos que reconstituem as partes principais dessa narrativa:

⁴⁹⁶ *Proleitura*, 4 (12): 1, fev. 1997.

⁴⁹⁷ Nelly Novaes Coelho, *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*, p. 59.

--- Era uma vez um “rei”, um “príncipe” e uma “fada”, que moravam juntos num lindo palácio de cristal, na beira do lago mais azul de todos. Uma beleza esse palácio, todo cheio de fios de ouro, que quando dava o vento iam para lá e vinham para cá. E quando dava o sol, os cristais e os ouros brilhavam tanto que quem olhava sentia logo uma tontura e precisava agarrar-se a qualquer coisa para não cair. E o Príncipe foi e disse:

--- “Meu pai: quero casar-me, mas as moças daqui não são bonitas, nem boas de coração. Vou procurar uma pastora bem pobrezinha, mas que tenha um coração de ouro.

--- “Vai, meu filho --- disse o rei, mas leva contigo a fada do palácio. Sozinho, não te deixarei ir.

O Príncipe chamou a fada, virou a fada numa bengalinha e virou-se a si mesmo numa formiguinha. (...)

A formiguinha virou logo num pobre bem pobre e foi pedir esmola às pastoras. Chegou à primeira, que estava fiando na roca enquanto o seu rebanho pastava, e disse:

--- “Gentil pastora, uma esmolinha pelo amor de Deus! Há três anos que nem durmo, e se não me dás um pão, morro de fome já neste instante.

A pastora deu-lhe uma pedra, dizendo:

--- “Aqui tens um pão muito gostoso.

O pobre pegou a pedra, olhou, olhou, olhou e disse:

---“Que todos os pães que comas sejam gostosos como este!” e foi andando o seu caminho.

Dali a pouco a pastora sentiu fome; foi comer o pão que trazia no bolso e viu que tinha virado pedra, e quebrou todos os dentes e morreu... Mais adiante o pobre encontrou outra pastora e pediu outra esmolinha. A pastora deu-lhe um osso dizendo:

--- “Leve este pão, que é muito gostoso.

--- “Obrigado --- respondeu o pobre --- e que todos os pães que comas sejam gostosos como este!

E foi andando. A pastora logo depois sentiu fome e foi comer o pão que estava na cesta e viu que tinha virado osso. Essa pastora não morreu de fome, como a primeira, mas teve de passar a vida roendo ossos feito cachorro. Tudo que ela pegava para comer virava logo em osso. O pobre foi andando, andando, andando, até que encontrou uma terceira pastora. A coitadinha parecia ainda mais pobre do que ele e estava chorando.

--- “Por que choras, ó gentil pastora? --- perguntou o pobre.

--- “Choro porque minha madrasta, que é muito má, me bate todos os dias. Põe-me neste lugar, guardando estes porcos imundos, e não me dá comida a não ser este pão bolorento e tão azedo que até preciso tapar o nariz quando como.

--- “Pois se eu pilhasse esse pão --- disse o pobre --- dava um pulo de alegria, porque estou morrendo de fome e só encontrei pedras e ossos neste país de pastoras.

A triste pastorinha olhou bem para ele e disse:

--- “Pois não morrerás de fome. Repartirei contigo o meu pão bolorento. (...)

E saíram. E foram andando, andando, andando, até que chegaram ao palácio do rei. Bateram na porta e entraram e foram falar com Sua Majestade. O rei estava de coroa na cabeça, sentado no seu trono de ouro e marfim, muito triste porque não tinha notícias do amado filho.

--- “Que é que queres, senhor pobre? --- perguntou o rei.

--- “Quero dar a Vossa Majestade uma boa notícia.

O rei arregalou os olhos, cheio de esperança, e disse:

--- “Pois fala, e se a notícia for mesmo boa dar-te-ei os mais ricos presentes.

Então o pobre contou que havia encontrado o Príncipe e que ele já se tinha casado com a moça de melhor coração do mundo inteiro.

--- “Bravos! --- exclamou o rei. E quando esse amado filho me aparece por cá?

--- “Ei-lo! --- exclamou o pobre, virando-se outra vez em príncipe. E eis minha amada esposa, disse batendo com a bengalinha no ombro da pastora e virando-a na mais linda princesa de todas que existiram, existem e existirão.

O rei ficou alegríssimo e beijou a princesa na testa e disse para o Príncipe:

--- “Muito bem! Só resta agora que fiques rei. Adianta-te, meu filho, e vem sentar-se neste trono, ao lado de tão formosa princesa. Deste momento em diante o rei és tu, e ela a rainha. Já estou cansado e até enjoado de ser rei. Amém.

Assim terminou Emília a sua historinha, inventada por ela mesma, sem auxílio de ninguém, nem tirada de nenhum livro. Todos bateram palmas...⁴⁹⁸

No nível metadieético, há um príncipe que busca uma esposa de bom coração para casar-se. Bem se nota que essa história não firma uma relação de causalidade direta com a diegese, na qual as personagens do núcleo básico lobatiano estão às voltas com o mistério do desaparecimento dos franguinhos do galinheiro do sítio. Há, sim, o intuito de proporcionar mais um momento de fruição aos ouvintes por intermédio da delegação do ato literário a um ente ficcional intradieético com habilidade para tanto: Emília. Em vista disso, também nesse caso pode-se identificar a função de distração quanto ao tipo de relação que poderia unir a metadiegeese à diegese.

Diz-se que Emília é habilidosa, porque, como se antecipou, se reconhecem em sua narrativa elementos recorrentes nas histórias maravilhosas, o que sem dúvida colabora para a aceitação do enredo. O primeiro a que se pode aludir é a linearidade da história. Emília é objetiva na organização da narrativa: há um início convencionalmente marcado – “Era uma vez...” -, conflitos de praxe no desenvolvimento da história, que são resolvidos dentro do esperado, ou seja, o bem vence o mal, e um final feliz que satisfaz a todos pelo equilíbrio obtido. A essa característica liga-se a possibilidade de essa narrativa, assim como as outras que mantêm com a diegese a relação de distração, corresponder às necessidades emocionais dos receptores. O fecho com a palavra *Amém*, aparentemente descabido em se tratando de uma narrativa sem teor religioso, adapta-se perfeitamente ao propósito da vaidosa narradora de encerrar sua história de modo solene, sentencioso.

O segundo elemento da narrativa de Emília, constante nas narrativas maravilhosas, é a regularidade dos motivos: em sua jornada, o Príncipe encontra *três* pastoras e repete, a cada encontro, o mesmo pedido, até que a terceira se revela diferente das demais. A citação do número três, a propósito, é outro fator recorrente nas narrativas maravilhosas, e se nota a

⁴⁹⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 159-164.

menção ao mesmo número na fala do Príncipe dirigida à primeira pastora: “--- ‘Gentil pastora, uma esmolinha pelo amor de Deus! Há três anos que não como nem durmo, e se não me dás um pão, morro de fome já neste instante.’”⁴⁹⁹ O quarto elemento característico das narrativas maravilhosas presente na história de Emília é a própria efabulação básica do *conto de fadas*, que, como esclarece Nelly Novaes Coelho,

... expressa os *obstáculos* ou *provas* que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro de seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da *princesa*, que encarna o *ideal* a ser alcançado.⁵⁰⁰

É necessário lembrar que a opção de Emília por uma estrutura convencional não vai de encontro ao seu espírito libertário e contestador. Ela sabiamente se vale de um modelo básico de história, que ainda mantém, entretanto, o encantamento, para diminuir as possibilidades de frustrar sua platéia. Com isso, é aclamada por seus ouvintes e consegue irritar o falso gato Félix, que não se conforma com o sucesso da boneca como contadora.

O conteúdo dessa metadiegeese, pois, desse modo compreendido, também indica a coerência da postura de Monteiro Lobato no que respeita à composição da personagem Emília e à escrita de textos infantis. Existe de fato, no livro *Reinações de Narizinho*, a proposição de reinvenção dos enredos das narrativas maravilhosas, e sobre esse assunto já se discutiu. O ato literário de Emília, contudo, mostra que, independentemente de qualquer renovação, os receptores são sempre sensíveis ao modo objetivo e direto de narrar. Lobato reitera isso no discurso da boneca, e reflete abertamente sobre o tema com Godofredo Rangel, numa carta de dezembro de 1945:

Para ser infantil tem o livro de ser escrito como o *CAPINHA VERMELHA*, de Perrault. Estilo ultradireto, sem nem um grânulo de “literatura”. Assim: Era uma vez um rei que tinha duas filhas, uma muito feia e má, chamada Teodora, a outra muito bonitinha e boa, chamada Inês. Um dia o rei, etc.⁵⁰¹

⁴⁹⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 160.

⁵⁰⁰ Nelly Novaes COELHO, *O conto de fadas*, p. 13.

⁵⁰¹ Monteiro LOBATO, *A barca de Gleyre*, p. 371 (2º tomo).

A escolha da personagem para construir uma narrativa de exemplo, ainda no sexto capítulo de *Reinações*, também é coerente com a composição dela. Trata-se do Visconde de Sabugosa. Na diegese, o sábio investiga o sumiço dos franguinhos de Dona Benta, e ao tomar posse de provas decisivas da identidade do culpado, conta sua história. Acompanhe-se a cena de seu relato:

--- Meus senhores e senhoras! A história que vou contar não foi lida em livro nenhum, mas é o resultado dos meus estudos científicos e criminológicos. É o resultado de longas e cuidadosas deduções matemáticas. Passei duas noites em claro compondo minha história e espero que todos lhe dêem o devido valor.

--- Muito bem! --- exclamou Narizinho. Mas desembuche de uma vez.

--- Era uma vez um gato --- começou o Visconde. Mas um gato à-toa de roça, um gato que não valia coisa nenhuma, além de que nascido com muito maus instintos. Se fosse um gato sério e decente, eu teria muito gosto em o declarar aqui, mas não era. Era o que se chama – um gato ladrão. E porque era um gato ladrão, ninguém queria saber dele. Na casa onde nasceu logo descobriram a sua má índole e o tocaram para a rua com uma boa sova. O gato saiu correndo e foi morar numa casa bem longe da primeira, dizendo que o seu dono tinha morrido e que ele era o melhor caçador de ratos do mundo. Todos acreditaram nas palavras do mentiroso e o deixaram ficar. Mas tão ordinário era esse gato, que em vez de corrigir-se e viver vida nova, continuou com maroteiras. Na primeira noite que dormiu nessa casa foi à cozinha e roubou um pedaço de carne que a cozinheira havia guardado para o dia seguinte. Roubou e ficou quietinho, deixando que a cozinheira pusesse a culpa numa pobre negrinha e a castigasse com vara de marmelo.

--- Ah, eu lá! --- exclamou Pedrinho. Ferrava-lhe uma pelotada de bodoque, que ele havia de ver estrelas...

--- Por fim --- continuou o Visconde --- também nessa casa lhe descobriram as patifarias e o puseram no olho da rua.

Ele fugiu e resolveu mudar-se para um sítio onde houvesse muitos pintos. Achou o sítio que precisava e ficou morando lá. Mas o dono observou que os pintos estavam diminuindo, um, dois e até três por dia, e falou à mulher que ia

arranjar um cachorro policial para tomar conta do galinheiro durante a noite. O gato ladrão percebeu a conversa e fugiu. Andou, andou, andou até que encontrou outro sítio onde moravam duas velhas e dois meninos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

--- Que coincidência! --- exclamou Narizinho. Parece o sítio de vovó...

--- Escolheu esse sítio --- continuou o Visconde --- e foi entrando por ele adentro com a maior sem-cerimônia deste mundo, com partes de que era um grande gato de família nobre e que tinha nascido num país estrangeiro, etc. (...)

--- Continue, Senhor Visconde --- disse Narizinho.

O Visconde tossiu outro pigarrinho e continuou:

--- O tal gato ladrão ficou morando nesse sítio. Todos o tratavam com a maior gentileza, mas em vez de mostrar-se grato por tantas atenções, ele tratou de continuar a sua triste vida de gatuno. E foi e comeu um pinto carijó...

Neste ponto o Visconde parou e olhou firme para o gato Félix. O gato sustentou o olhar do Visconde e deu o desprezo.

O Visconde continuou:

--- Comeu esse pobre pinto, que era tão lindo, e no dia seguinte comeu outro pinto ainda mais bonito.

O gato Félix levantou-se indignado.

--- O Senhor Visconde está me insultando! --- gritou. Esses olhares para meu lado parecem querer dizer que sou eu o gato ladrão!...

O Visconde pulou fora da latinha e berrou:

--- E é mesmo! O tal gato ladrão é você, seu patife! Você nunca foi gato Félix nenhum! Você não passa de um miserável comedor de pintos!...⁵⁰²

Conforme se adiantou, a história do Visconde de Sabugosa é contada depois de o sábio juntar provas irrefutáveis da autoria dos ataques ao galinheiro do sítio. No decorrer das investigações do Visconde, o leitor desconfia do gato, mas tem a confirmação de sua

⁵⁰² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 169-170.

responsabilidade no caso, interpretando, juntamente com os ouvintes intradieгéticos, os fatos que o sábio apresenta em sua narrativa. É certo que o nome do culpado é apresentado ao final do relato pelo próprio Visconde. Chama a atenção, porém, o modo como o narrador dieгético constrói, na reconstituição das andanças do felino, uma estrutura que tem por finalidade levar os ouvintes a fazer uma analogia com o que se passa presentemente no sítio, e fazê-los chegar, pelos exemplos fornecidos, à certeza quanto à identidade do autor dos delitos.

Por isso se ressaltou antes a coerência na designação da personagem para efetuar a narrativa. O Visconde de Sabugosa possui a sabedoria exigida do contador nessa modalidade de história, em que o objetivo do emissor do discurso não é revelar algo de pronto aos ouvintes, mas conduzi-los a atingir por si próprios a revelação. Por causa dessas características, cria-se uma relação entre a metadieгese e a dieгese que se aproxima da temática, prevista por G. Genette. O teórico afirma que a relação temática, quando é percebida pelos ouvintes, pode “exercer uma influência na situação dieгética”⁵⁰³. Em *Reinações*, a relação é explicitada pelo próprio narrador intradieгético, no final de seu ato literário.

A influência, na dieгese, da revelação sobre a má índole do gato que todos acreditaram ser o Félix é seu banimento, com a ajuda das vassouradas de tia Nastácia. A expulsão é definitiva, pois, mais tarde, no nono capítulo, O circo de cavalinhos, quando o narrador principal alude a um miado que se ouve ao longe, não deixa de esclarecer que não era do falso gato Félix como Pedrinho, furioso, chegou a pensar: “Mas não era, e sim o gato Félix verdadeiro.”⁵⁰⁴ Em razão do exercício analógico que a modalidade de narrativa construída pelo Visconde exige de seus receptores, talvez se possa pensar, também nesse caso, no atendimento aos anseios intelectuais dos ouvintes, tal como acontece com as hipounidades com função explicativa, já abordadas.

Fica, portanto, assente a sofisticação que os meios discursivos lobatianos alcançam em *Reinações de Narizinho*. Quando o escritor fala das *unificações* que empreende na composição do livro, na carta a Rangel, se refere não apenas à amarração dos episódios no discurso, mas à propagação e ao desenvolvimento das idéias que marcam as *melhorias* da linguagem narrativa dessa obra em relação a sua escrita preliminar. Resulta de tal processo de aprimoramento narrativo um texto ajustado à recepção da criança, em que os atos de viver e contar histórias se afinam pela lógica infantil e parecem não ter fim, irmanando personagens e

⁵⁰³ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 232.

⁵⁰⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 243.

leitores no acompanhamento das inúmeras aventuras, em pleno atendimento aos anseios mais profundos dos receptores.

3.6.3. A questão lingüística

A consideração da idéia de unificação envolvendo os processos lingüísticos, em *Reinações de Narizinho*, leva em conta os procedimentos formais que se distribuem pelo livro com alguma regularidade, particularmente no que diz respeito a escolhas lexicais. De modo geral, confirma-se na obra como um todo a preferência pela linguagem simplificada, porém expressiva ou mesmo figurativa, e pelo emprego de neologismos.

A simplificação mencionada é percebida principalmente na opção pelo coloquialismo, o que leva ao emprego de palavras e expressões de caráter popular. Antes de se abordarem tais usos, é oportuno recordar o pensamento de Monteiro Lobato sobre a questão, expresso num depoimento bastante conhecido, e imprescindível para o desenvolvimento do assunto. Trata-se do “Prefácio às *Contas de Capiá*, de Nho Bento”, inserto no volume *Prefácios e entrevistas*, da obra completa lobatiana. Leia-se parte desse material:

Mais cientificamente, podemos dizer que a língua portuguesa no Brasil está sofrendo duas variações: uma lenta, da gente que sabe ler e escrever e outra rápida, da gente da roça segregada do urbanismo, do livro, do jornal e do rádio – o abençoado jeca que tem a sorte de não ler os jornais do governo nem os da oposição e de não ouvir a “Hora do Brasil”.

Quem condena como coisa “errada” o modo de falar ou a língua do jeca, revela-se curto de miolo. Os modos de variação duma língua são fenômenos naturais, e não há erro nos fenômenos naturais. Erro é coisa humana. Temos que estudar essas variações em vez de tontamente condená-las, pois condená-las equivale, por exemplo, a condenar os anéis de Saturno em nome dos planetas que não possuem anéis; ou as caudas dos cometas em nome dos astros suras; ou as sementes da paineira por virem ao mundo envoltas num algodãozinho em nome das sementes de capiá que vêm nuas.⁵⁰⁵

⁵⁰⁵ Monteiro LOBATO, *Prefácios e entrevistas*, p. 32. A data do prefácio não se sabe.

Faz-se útil ressaltar que o contexto social brasileiro à época da escrita do prefácio, possivelmente os anos dez do século XX, explica a associação da variação popular com as formas lingüísticas das pessoas humildes das zonas rurais, enquanto a variação culta liga-se aos brasileiros dos centros urbanos, normalmente ricos e com acesso aos bens culturais como o livro, os jornais e o rádio. Naquele momento em que as cidades ainda se desenvolviam, a maior parte da população concentrava-se de fato no campo, e é o seu modo de usar a língua que Lobato contrapõe ao letrado.

A lenta transformação operada na língua portuguesa pelos usuários residentes nas cidades em crescimento, percebida pelo escritor, tornará mais complexa a noção de variante popular. Regina Zilberman e Marisa Lajolo, a esse respeito, acentuam a influência da estética modernista no tratamento lingüístico da produção infantil entre os anos 20 e 40 do século XX:

A estética do período, desestimulando as preocupações estilísticas de reprodução da norma padrão e o falar elevado, promoveu, em seu lugar, a expressão oral e “inculta” dos novos grupos urbanos. Com isso, a linguagem modelar foi destronada, cedendo a vez (e a voz) ao coloquial, ao popular e ao atual no que se refere à semântica e à sintaxe e, em alguns casos, como o de Monteiro Lobato, até à ortografia.⁵⁰⁶

Esclarecido esse ponto, é interessante ainda que se reconheça o pensamento de Lobato sobre o tema na própria criação. Em *Reinações de Narizinho*, há pelo menos dois ensejos para que o autor deixe explícita sua idéia sobre a linguagem popular. O primeiro está no discurso do narrador principal do oitavo capítulo, O irmão de Pinocchio:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava, por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que

⁵⁰⁶ Marisa LAJOLO, Regina ZILBERMAN, *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*, p. 62-63.

dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante.⁵⁰⁷

Uma outra oportunidade, em *Reinações*, para a expressão do ponto de vista do autor acerca da variação lingüística popular encontra-se na cena inicial do nono capítulo, O circo de cavalinhos:

Depois do concurso para a fabricação do irmão de Pinocchio houve no sítio de Dona Benta outro concurso muito engraçado – o concurso de “quem tem a melhor idéia.” Quem venceu foi a Emília, com a sua estupenda idéia de um “círculo de escavalinho.” Dona Benta, que era o juiz do concurso, achou muito boa a lembrança, mas deu risada do título.

--- Não é “círculo”, Emília, nem “escavalinho.” É circo de Cavalinhos.

--- Mas toda gente diz assim --- retorquiu a teimosa criaturinha.⁵⁰⁸

De fato, é a língua que toda gente usa a valorizada e encontrada em *Reinações de Narizinho* com freqüência. Construções com o adjetivo *danado*, ou *danada*, para iniciar a exemplificação, são muito comuns no livro. Nilce Sant’Anna Martins afirma sobre a palavra:

Dentre os adjetivos populares, muito numerosos, o mais empregado (para horror do Padre Sales Brasil) é talvez *danado*. Aparece [na obra lobatiana] no sentido de “enraivecido, furioso”, mas é mais freqüente na acepção de “sabido, esperto, digno de admiração.”⁵⁰⁹

Observem-se as construções em que a palavra em foco comparece em *Reinações de Narizinho*, com a primeira acepção referida:

⁵⁰⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 199-200.

⁵⁰⁸ *Ibid.*, *Reinações de Narizinho*, p. 227.

⁵⁰⁹ Nilce Sant’Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 65.

Em vez de ficar *danada* com aquilo [com a quebra do espelho], como Narizinho esperava, Dona Aranha pôs-se a dançar de alegria.⁵¹⁰

--- A pobre! [A mãe do Visconde, que foi comida pela vaca mocha] --- murmurou a menina muito triste. Eu sinto bastante, Visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vaca mocha come as donas Palhas e a gente come as vacas. A vida é um come-come *danado*.⁵¹¹

Mas Pedrinho, que estava *danado* com a feia ação de Rabicó [que roubara uma das cocadas da mesa de doces de seu casamento com Emília], estragou tudo...⁵¹²

O menino [Pedrinho] ficou *danado* [com o Visconde de Sabugosa].⁵¹³

--- A inveja matou Caim! --- repetiu a boneca. Você está mas é *danado* com o grande sucesso da minha historinha. [Diz Emília ao falso gato Félix].⁵¹⁴

--- Que é, Emília? --- indagou a menina aparecendo. Que aconteceu que está tão *danadinha*?⁵¹⁵

--- Estou pensando na vaca mocha --- disse ela [Emília]. A coitada costuma deitar-se aí no terreiro todas as tardes. Imaginem a surpresa dela agora! Olha dum lado, vê um rei. Vira-se de outro, dá com um anão. Sacode a cauda e bate numa princesa. A coitada deve estar que nem mover-se pode. Se não morrer de medo, é capaz de secar o leite --- e amanhã Dona Benta vai ficar *danada*!...⁵¹⁶

⁵¹⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 19.

⁵¹¹ *Ibid.*, p. 84.

⁵¹² *Ibid.*, p. 94.

⁵¹³ *Ibid.*, p. 117.

⁵¹⁴ *Ibid.*, p. 166.

⁵¹⁵ *Ibid.*, p. 166.

⁵¹⁶ *Ibid.*, p. 188.

Pedrinho estava mais desapontado do que *danado*. Era o cúmulo dos cúmulos, aquilo! Ser bobado por uma boneca de pano e um visconde de sabugo, ele, o menino mais esperto e sabido daquelas redondezas...⁵¹⁷

--- Quero, quero --- respondeu Dona Benta, já meio *danada*. [Dona Benta fala com Emília, que se oferece para procurar os óculos da velha senhora, desde que pague \$3,00 pelo serviço.]⁵¹⁸

--- Como chama bobo a um homem tão importante [La Fontaine], Emília? Vovó, quando souber, vai ficar *danada*!...⁵¹⁹

Acompanhem-se, na seqüência, as ocorrências do adjetivo *danado*, quase sempre substantivado, com o sentido de “sabido, esperto, digno de admiração”:

--- Não caçoe, Nastácia [Narizinho conversa com a cozinheira]! Emília é uma *danada*. Ninguém imagina de quanta coisa ela é capaz.⁵²⁰

--- Se não conhece o cinema [Tom Mix diz ao Marquês de Rabicó], não pode fazer idéia do meu formidável heroísmo! Não há uma só fita em que eu seja derrotado, seja lá por quem for. Venço sempre! Sou um *danado*!...⁵²¹

--- Sossegue, Narizinho. Tom Mix é um *danado*. De repente reaparece e conserta tudo, como no cinema --- dizia a boneca para a consolar.⁵²²

⁵¹⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 217.

⁵¹⁸ *Ibid.*, p. 237

⁵¹⁹ *Ibid.*, p. 272.

⁵²⁰ *Ibid.*, p. 40.

⁵²¹ *Ibid.*, p. 61-62.

⁵²² *Ibid.*, p. 77.

--- E não é só isso --- interveio Narizinho. Bonita e prestimosa como não há outra! Sabe fazer tudo. Cozinha na perfeição, lava roupa e lê nos livros que nem uma professora. Emília é o que se chama uma *danada*.⁵²³

--- Sim, senhor! --- disse Narizinho depois de lida a carta. Estes tais peixinhos sabem escrever na perfeição. Acho que nem vovó, que é uma *danada*, seria capaz de escrever uma cartinha tão cheia de gramáticas...⁵²⁴

--- Você é mesmo uma *danada*, Emília --- disse Narizinho distraída, com os olhos postos em Rabicó, muito jururu no seu canto.[A menina diz a frase depois de ouvir a boneca afirmar que era capaz de “fabricar” um polvo.]⁵²⁵

--- Pior que isso [Pedrinho fala das vespas ao caranguejo encarregado pela guarda do Príncipe Escamado]. São deste tamanho, e voam como umas *danadas*. Certa vez uma ferrou na ponta da língua de Narizinho. A coitada viu fogo! Vespa, sim, é um bicho *danado*.⁵²⁶

--- Que *danada*! --- exclamou Dona Benta. Nunca pensei que Emília se saísse tão bem; até parece o Tom Mix... [A velha senhora surpreende-se com a atuação da boneca no número de montaria do circo organizado pelas crianças.]⁵²⁷

--- Não estrague a sua cabecinha, Dona Laura --- disse Emília. Temos aqui o Visconde que é um *danado* para contas. Visconde, arreie a canastra e faça a conta desta menina. [A boneca dialoga com a personagem da fábula, que

⁵²³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 86.

⁵²⁴ *Ibid.*, p. 102.

⁵²⁵ *Ibid.*, p. 107.

⁵²⁶ *Ibid.*, p. 139.

⁵²⁷ *Ibid.*, p. 246.

começara a fazer cálculos de cabeça do lucro que teria com a venda do leite de sua vaca.]⁵²⁸

--- Minha neta. Uma *danada*, Senhor Barão! Não tem medo de coisa nenhuma. Está aqui a rir-se da pobre vovó medrosa... [Dona Benta apresenta Narizinho ao Barão de Münchhausen.]⁵²⁹

--- Tia Nastácia é uma *danada*. Com este toco, aposto que faz um Visconde novinho e muito mais bonito. [Emília diz isso enquanto guarda na canastrinha o tronco do boneco feito de sabugo]⁵³⁰

É necessário aludir ainda a construções em que os dois sentidos da palavra, “esperto” e “furioso”, se misturam:

--- Sim, mas você dá um jeito. Mata escondido, sabe? --- e piscou para a negra. As duas velhas eram *danadas* para se entenderem. [Dona Benta conversa com tia Nastácia sobre Rabicó.]⁵³¹

A casa do Visconde era um vão de armário na sala de jantar. (...) A cama era formada por um exemplar da *Enciclopédia do Riso e da Galhofa*, livro muito antigo e *danado* para dar sono.⁵³²

O adjetivo focalizado alcança, nas acepções referidas, valores expressivos ligados ao desejo de ênfase, de exagero, de enfrentamento, e talvez de quebra de limites, que são importantes para as crianças em seus atos comunicativos. Esse pensamento remete à reflexão de Plínio Barreto sobre o livro estudado, feita no jornal *O Estado de S. Paulo*. Para introduzir

⁵²⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 275.

⁵²⁹ *Ibid.*, p. 299.

⁵³⁰ *Ibid.*, p. 304.

⁵³¹ *Ibid.*, p. 80.

⁵³² *Ibid.*, p. 228.

a apreciação do volume e indicar a razão do sucesso de Lobato junto ao público infantil, ele fala do “espírito de contradição” próprio da criança, e assim compreende o fato:

Esse espírito de contradição não vem apenas e sempre de não compreender a criança a conveniência do ato que se lhe pede ou se manda praticar: ele responde as mais das vezes à necessidade que sente o pequenino ser de “afirmar-se”, de provar que ele “existe” fora das pessoas grandes. É um protestozinho obstinado contra a intervenção excessiva dos adultos na sua vida... Se observarmos bem, verificamos que, intervindo demais na vida das crianças, as deixamos irritadas, sempre dispostas a se oporem a tudo que queremos delas e procurando, com mil expedientes, os meios de escapar à rede cada vez mais apertada, em que as envolvemos, tolhendo-lhes as iniciativas, com as nossas interferências impertinentes de todas as horas...⁵³³

Na continuação de seu raciocínio, o crítico diz que a criança aceita o escritor Monteiro Lobato justamente por não levá-la a abdicar de sua vontade em favor da vontade dos adultos, enfim, por revelar “uma intuição mais viva da alma e das necessidades espirituais da infância”. Desse modo, a palavra retirada da linguagem popular e encontrada em *Reinações de Narizinho* pode revelar a idéia de Monteiro Lobato sobre o léxico libertador: a força de certas palavras como forma de o infante se impor num mundo dominado pelos adultos. Dentro desse entendimento é que se selecionam os vocábulos para os comentários, como é o caso, na seqüência das exemplificações, do emprego de *diaba*, ou *diabo*. Nilce Sant’Anna Martins afirma que esse vocábulo, na obra lobatiana globalmente considerada, “ora tem sentido ofensivo, ora é até um elogio”⁵³⁴. Seguem as ocorrências do uso em *Reinações*:

Procuraram o bobinho [o Pequeno Polegar, que no Reino-das-Águas-Claras se disfarçou de bobo da corte] por toda parte, inutilmente. É que a menina, mal viu entrar na sala a *diaba* da velha [Dona Carochinha], disfarçadamente o tinha agarrado e enfiado na manga do vestido.⁵³⁵

⁵³³ Monteiro Lobato – *As Reinações de Narizinho*. *O Estado de S. Paulo*, 19.12.1931. Livros Novos, p. 3.

⁵³⁴ Nilce Sant’Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 62.

⁵³⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 16.

--- Pois foi aquela *diaba* da Dona Carocha. A coroca apareceu na gruta das cascas...[Emília conversa com Narizinho]⁵³⁶

Narizinho ria-se, dizendo: “Possa-se com uma *diabinha* destas!”⁵³⁷

--- Não coma esse leitão, Pedrinho! É Rabicó! Aquela *diaba* feia nos enganou e assou no forno o coitadinho... [Narizinho fala de tia Nastácia, mas não se tratava, naturalmente, do Marquês o porquinho servido no jantar de Ano Bom. Era um outro, parecido com ele].⁵³⁸

--- Dou, *diabinha*, dou. [Narizinho conversa com Emília, que é chamada desse modo por pedir um vestido novo em troca de sua permanência no sítio, já que tencionava partir.]⁵³⁹

--- Não resta dúvida! --- murmurou [Pedrinho] consigo depois de refletir uns momentos. (...) A *diaba* [Emília] estava com medo de que eu lhe tomasse o cavalinho e me armou esta peça, de combinação com o tal sábio de uma figa. É isso mesmo!⁵⁴⁰

--- Pois é este Senhor Visconde que está me bobeando --- explicou a negra. Eu aqui bem quieta escamando estes lambaris para o almoço, e o “estrupício” aparece de livrinho na mão e começa a mangar comigo, com uma história de “seno” e “co-seno” e não sei que história de “mangar ritmos.” Eu estou cansada de dizer que não sei inglês, mas o *diabo* parece que não acredita...⁵⁴¹

⁵³⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 28.

⁵³⁷ *Ibid.*, p. 32. Narizinho se refere a Emília.

⁵³⁸ *Ibid.*, p. 95.

⁵³⁹ *Ibid.*, p. 211.

⁵⁴⁰ *Ibid.*, p. 217.

⁵⁴¹ *Ibid.*, p. 228.

Dona Benta armou a boca para pregar uma mentirinha, com um ar muito desconchavado, porque a pobre nunca havia mentido em toda a sua vida. A *diaba* da negra, porém, impediu-a disso. [Dona Benta pretendia mentir para Nastácia de modo a esconder o fato de ter vivido uma aventura em companhia das crianças.]⁵⁴²

Outra palavra da linguagem popular que aparece no livro *Reinações de Narizinho* com a já comentada intenção de arrostar os adultos é *coroca*. Nilce Martins⁵⁴³ lembra que o vocábulo é mencionado no livro histórico de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*. Na obra estudada, quase sempre aparece associado à personagem vilã, Dona Carochinha. Leiam-se as ocorrências:

E sem esperar resposta, [Narizinho] foi tirando a saia de Emília e vestindo-a, muito devagarinho, no dorminhoco [Major Agarra-e-não-larga-mais]. Pôs-lhe também a touca da boneca em lugar do capacete, e o guarda-chuva do Príncipe em lugar da lança. Depois que o deixou assim transformado numa perfeita velha *coroca*...⁵⁴⁴

--- Bela coisa, Major! Dormindo como um porco e ainda por cima vestido de velha *coroca*... Que significa isto? [O Príncipe Escamado ralha com o sapo.]⁵⁴⁵

--- Você de fato nunca foi assim --- explicou Narizinho. Mas, como dormiu escandalosamente durante o serviço, a fada do sono o virou em velha *coroca*. Bem feito...⁵⁴⁶

--- Não a conheço --- respondeu a velha [Dona Carochinha] --- mas sei que mora numa casinha branca, em companhia de duas velhas *corocas*. [A

⁵⁴² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 310.

⁵⁴³ Nilce Sant'Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 66.

⁵⁴⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 9.

⁵⁴⁵ *Ibid.*, p. 9.

⁵⁴⁶ *Ibid.*, p. 9.

baratinha contadora de histórias fala de Narizinho quando afirma não conhecê-la, e as senhoras ofensivamente mencionadas são, claro, Dona Benta e tia Nastácia.]⁵⁴⁷

--- Dobre a língua! --- gritou [Narizinho] vermelha de cólera. Velha *coroca* é vosmecê...⁵⁴⁸

--- E eu arrebitarei o seu [nariz], está ouvindo? Chamar vovó de *coroca*! Que desaforo!... [Narizinho ameaça Dona Carochinha.]⁵⁴⁹

Mas Narizinho não pôde dormir. Mal se deitou, ouviu gemidos no jardim que havia ao lado. Levantou-se. Espiou da janela. Era o sapo que fora vestido de velha *coroca*.⁵⁵⁰

--- Pois foi aquela diaba da Dona Carocha. A *coroca* apareceu na gruta das cascas... [Emília diz a Narizinho o nome da responsável pelo ataque que sofreu na gruta.]⁵⁵¹

--- Cascas, sim --- repetiu a boneca teimosamente. Dessas cascas de bichos moles que você tanto admira e chama conchas. A *coroca* apareceu e começou a procurar aquele boneco [o Pequeno Polegar]...⁵⁵²

--- COBERTOR. Foi saindo com ela debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima dela. Mas a *coroca* me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi.⁵⁵³

⁵⁴⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 12.

⁵⁴⁸ *Ibid.*, p. 12.

⁵⁴⁹ *Ibid.*, p. 12.

⁵⁵⁰ *Ibid.*, p. 23.

⁵⁵¹ *Ibid.*, p. 28.

⁵⁵² *Ibid.*, p. 28.

⁵⁵³ *Ibid.*, p. 28.

--- Pois apareceu por lá uma velha *coroca*, de porrete na mão e cesta no braço. [Pedrinho conta a Narizinho sobre a velha que surgiu no sítio e virou Dona Benta em tartaruga, tia Nastácia em galinha preta, e a ele, Pedrinho, em passarinho.]⁵⁵⁴

--- Fiquei no porão até que o navio entrou num porto. Desembarquei e fui andando por um caminho muito comprido. De repente apareceu uma velha, muito velha e *coroca*, de porretinho na mão. [O falso gato Félix conta sua história aos ouvintes do sítio.]⁵⁵⁵

--- Encontrei outra velha, mais velha ainda e mais *coroca* do que a primeira. [O falso gato Félix conta sua história aos ouvintes do sítio.]⁵⁵⁶

A cigarra bateu e ficou esperando, toda encolhida. Instantes depois apareceu uma formiga *coroca*, sem dentes, com ares de ter mais de mil anos.⁵⁵⁷

A cigarra sorriu, certa de que a lembrança das suas passadas cantorias tinha amolecido o coração da formiga. Ah, ela não imaginava o que era o coração duma formiga *coroca* de mais de mil anos!⁵⁵⁸

Estão em *Reinações de Narizinho*, diga-se, os dois únicos usos na obra lobatiana de um adjetivo sinônimo de *coroca* que não está dicionarizado, o vocábulo *dugudéia*. Nilce Martins diz, sobre a palavra: “Outro adjetivo que não figura em nenhum dicionário, mas que tem certa feição popular, é *dugudéia* (*coroca*), que acompanha o substantivo *velha* em duas únicas ocorrências (...). Seria uma criação do autor?”⁵⁵⁹ Observa-se coerência absoluta entre a opção pelo termo e a índole das personagens que o empregam. O possível neologismo adapta-

⁵⁵⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 76.

⁵⁵⁵ *Ibid.*, p. 156.

⁵⁵⁶ *Ibid.*, p. 157.

⁵⁵⁷ *Ibid.*, p. 268.

⁵⁵⁸ *Ibid.*, p. 270.

⁵⁵⁹ Nilce Sant’Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 67-68.

se perfeitamente ao temperamento por vezes insolente de Pedrinho e à criatividade de Emília. Acompanhem-se os trechos com o vocábulo comentado:

--- Pois apareceu por lá uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço. “Menino” – disse-ela, “é aqui a casa onde moram duas velhas *dugudéias* em companhia duma menina pequenina de nariz arrebitado, muito malcriada?” Furioso com a pergunta, respondi: “Não é da sua conta. Siga seu caminho que é o melhor.” “Ah, é assim?” exclamou ela. “Espere que te curo!” E me virou a mim em passarinho, virou vovó em tartaruga e tia Nastácia em galinha preta...⁵⁶⁰

--- Não me atrapalhe [Diz Emília a tia Nastácia]! A minha história só tem esta velha. Encontrou uma velha e disse:

--- “Velha *dugudéia*, diga-me, se for capaz, se há por aqui uma pastora assim, assim, e de bom coração.”⁵⁶¹

O uso do substantivo *freguês*, cujos sentidos são “homem, pessoa, indivíduo”, como explica Nilce Martins, também encerra uma atitude de enfrentamento. Cabe dizer que, ao contrário das palavras anteriormente comentadas, o termo é quase desconhecido atualmente na acepção de *Reinações de Narizinho*. O empenho de Monteiro Lobato no sentido de tornar sua escrita sintonizada com as formas lingüísticas realmente praticadas pelas crianças, porém, adiciona à situação de emprego do vocábulo em questão outros usos populares ainda hoje comuns. É o que mostram os trechos que seguem:

--- Gato Félix? --- disse [o Príncipe Escamado] franzindo a testa. Não conheço esse *freguês*...⁵⁶²

⁵⁶⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 76.

⁵⁶¹ *Ibid.*, p. 160. Não se deve esquecer que a palavra *dugudéia* aparece nas histórias contadas por Pedrinho e por Emília. Na metadiegeese, quem emprega o termo é, respectivamente, a velha feiticeira e o Príncipe que busca uma esposa de bom coração para casar-se.

⁵⁶² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 131.

--- Pois eu não! --- contraveio Narizinho. Esse *freguês* não me está com cara de ser boa bisca. E você Emília, que acha? [A menina fala da personagem Pinocchio.]⁵⁶³

--- É o que estou fazendo. Estou tirando só o que é álgebra. Álgebra é pior que jabuticaba com caroço para entupir um *freguês*. [Doutor Caramujo é quem fala, enquanto realiza uma intervenção cirúrgica no Visconde de Sabugosa.]⁵⁶⁴

--- Peter Pan? Quem é? Nunca o vi mais gordo e nem conheço tal *freguês*. [O emissor do discurso é o ser invisível que, no decorrer do episódio, é batizado de Peninha por Emília.]⁵⁶⁵

De uso freqüente na obra lobatiana, o verbo *botar* é também referido por Nilce Sant'Anna Martins. A estudiosa aponta as acepções correspondentes, *deitar* e *pôr*, com base em Caldas Aulete. Em *Reinações de Narizinho*, a forma verbal destaca-se por integrar as construções que indicam a atitude de algumas personagens, particularmente Emília, de mostrar a língua para os interlocutores que as contrariam de algum modo. O emprego de termos populares menos polidos, vistos como aliados dos pequenos em seu posicionamento frente aos adultos, ganha o reforço da figuração do ato malcriado, porém igualmente libertador, do ponto de vista defendido, que é marcante no livro. Acompanhem-se as ocorrências:

Dona Carochinha *botou-lhe* [a Narizinho] a língua --- uma língua muito magra e seca --- e retirou-se furiosa da vida, a resmungar ...⁵⁶⁶

--- Malcriado! Não se enxerga? --- retrucou [a sardinha do Reino-das-Águas-Claras para o Visconde de Sabugosa] *botando-lhe* a língua.⁵⁶⁷

⁵⁶³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 200.

⁵⁶⁴ *Ibid.*, p. 229.

⁵⁶⁵ *Ibid.*, p. 252.

⁵⁶⁶ *Ibid.*, p. 12.

⁵⁶⁷ *Ibid.*, p. 113.

Mas antes que ela chegasse à porteira Emília explodiu:

--- Cara-de-coruja seca! Cara de jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo, *ahn!*... e *botou-lhe* uma língua tão comprida que Dona Carochinha foi arregaçando a saia e apressando o passo...⁵⁶⁸

Emília, cada vez mais furiosa, *botou-lhe* [a tia Nastácia] um palmo de língua, *ahn!*⁵⁶⁹

A figuração do ato de mostrar a língua, nota-se, é possível com o emprego do verbo de caráter popular e com o apelo à onomatopéia – *ahn!* – que imita o ruído do gesto de afronta. Em decorrência do condão de evocar a sonoridade das cenas contadas, as onomatopéias enriquecem extraordinariamente a recepção. Nilce Sant’Anna Martins designa de *interjeições imitativas* tais formas lingüísticas e elucida sobre seu uso, na obra infantil lobatiana, o que segue:

O emprego das interjeições imitativas de vozes, ruídos, pancadas, gestos ou movimentos, que constitui o que Wundt chama “Lautgebärden” e que é traduzido por “mímica sonora” (...) tem larguíssima exemplificação na literatura infantil de Monteiro Lobato. O autor sabia quanto as crianças, desde pequeninas, apreciam esse recurso expressivo, e com ele estimula-lhes a fantasia, tornando mais viva e intensa a ação narrada. Quando o texto é lido em voz alta, dando-se a expressão conveniente a essas vozes imitativas, é que mais ressalta a sua força sugestiva, o seu efeito rítmico.⁵⁷⁰

⁵⁶⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 197.

⁵⁶⁹ *Ibid.*, p. 208.

⁵⁷⁰ Nilce Sant’Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 368-369. Há uma chamada de nota de rodapé na passagem destacada da autora, que remete à seguinte obra: BEINHAUER, Werner. *El español coloquial*. Madri: Gredos, 1963.

É oportuno, pois, que se arrolem outros contextos nos quais o recurso onomatopaico é ativado ao longo de *Reinações de Narizinho*. Leia-se a seleção, que se faz acompanhar de comentários ao final da apresentação.

Rabicó – *ron, ron, ron*, - volta e meia aparecia por ali por força do hábito. Ficava imóvel, muito sério, esperando que caíssem cascas; mas, como não caísse coisa nenhuma, desistia e retirava-se, *ron, ron, ron...*⁵⁷¹

--- Agora, Emília, bico calado! Nem um pio, senão espanta os peixes. Logo que um deles beliscar, *zuct!*, dê um puxão na linha. [A fala é de Narizinho.]⁵⁷²

Palavras não eram ditas e --- *tchibum!* ... a pescadora de pano revirava dentro d'água, com pedra e tudo.⁵⁷³

Novas formiguinhas foram chegando, que de um bote --- *zás!* ... ferravam a minhoca sem dó.⁵⁷⁴

Altas horas, estavam [Narizinho e Emília] no mais gostoso do sono quando bateram --- *toque, toque, toque...*⁵⁷⁵

--- Espere que te curo! --- gritou ela [Emília], passando a mão na vassoura. E *pá! pá! pá!*... desceu a lenha no lombo do gatuno [Rabicó], enquanto Narizinho se rebolava na cama de tanto rir, pensando consigo: “Se antes de casar é assim, imagine-se depois!”⁵⁷⁶

⁵⁷¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 39.

⁵⁷² *Ibid.*, p. 40.

⁵⁷³ *Ibid.*, p. 40.

⁵⁷⁴ *Ibid.*, p. 45.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 46.

⁵⁷⁶ *Ibid.*, p. 49.

Paque, paque, paque... Pedrinho apareceu na porteira, trotando no pângaré, corado do sol e alegre como um passarinho.⁵⁷⁷

Súbito, uma brisa soprou mais forte e um ringido se fez ouvir --- *nhen, nhin...*

Pedrinho interrompeu a conversa, de ouvido atento.

--- O mastro de S. João!... murmurou enlevado. Quantas vezes no colégio me iludi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do nosso mastro!... Como vai ele?⁵⁷⁸

Narizinho estava justamente no meio dum lindo sonho quando despertou de sobressalto, com umas pancadinhas de chicote na vidraça --- *pen, pen, pen...*⁵⁷⁹

Emília --- *lepte, lepte*, chicoteou o cavalinho pampa, disparando numa galopada louca.⁵⁸⁰

A menina [Narizinho] estalou o chicote e o pângaré partiu na galopada erguendo nuvens de pó --- *pá-lá-lá, pá-lá-lá!* De repente...⁵⁸¹

Tom Mix foi chegando, foi chegando e, de repente...

--- *Nhoque!* agarrou o Marquês por uma perna.

Coin! coin! coin! --- grunhiu o ilustre fidalgo.⁵⁸²

⁵⁷⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 50.

⁵⁷⁸ *Ibid.*, p. 51.

⁵⁷⁹ *Ibid.*, p. 53-54.

⁵⁸⁰ *Ibid.*, p. 55.

⁵⁸¹ *Ibid.*, p. 59.

⁵⁸² *Ibid.*, p. 60.

Rabicó fez a carta depressa e entregou-lha. A libelinha tomou-a no ferrão e *zzzit!* lá se foi, veloz como o pensamento.⁵⁸³

A libelinha vibrou as asas e *zuct!* desapareceu. Voou rápida como o pensamento.⁵⁸⁴

Nisto um *trrrlin, trrrlin*, de esporas ressoou perto. Voltaram-se todos. Era Tom Mix que entrava.⁵⁸⁵

No melhor da festa --- *tzziu!* um passarinho cantou na árvore próxima. A menina ergueu os olhos: era um tiziu.⁵⁸⁶

A negra vai ao paiol, toma uma espiga de milho e grita no terreiro --- *xuque, xuque, xuque!*⁵⁸⁷

--- É ele mesmo! --- exclamou a menina. Juro que é o gato Félix!... e fez *pshuit, pshuit...*⁵⁸⁸

Nisto ouviu-se rumor lá fora, seguido de batida na porta --- uma batidinha muito delicada, *tique, tique, tique...* [Era a corte do Príncipe Escamado que chegava ao sítio.]⁵⁸⁹

A boneca, *teque, teque, teque*, muito esticadinha para trás, foi vestir-se.⁵⁹⁰

⁵⁸³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 61.

⁵⁸⁴ *Ibid.*, p. 66.

⁵⁸⁵ *Ibid.*, p. 71.

⁵⁸⁶ *Ibid.*, p. 76.

⁵⁸⁷ *Ibid.*, p. 79.

⁵⁸⁸ *Ibid.*, p. 123.

⁵⁸⁹ *Ibid.*, p. 126.

⁵⁹⁰ *Ibid.*, p. 175.

Logo depois ouviu-se um *tique, tique, tique* na porta, e Rabicó anunciou:

--- Um senhor pingo de gente com umas botas maiores do que ele! [O leitão se referia ao Pequeno Polegar.]⁵⁹¹

O pobre Visconde dormira em cima do binóculo, tão bem dormido que, de repente, *plaft!* ... caiu lá do alto um grande tombo no chão.⁵⁹²

Ficaram todos três [Narizinho, Emília e Pedrinho] no maior contentamento, a mirar e remirar aquelas maravilhas e a fazer projetos de aventuras ainda mais extraordinárias que as que os livros contam. No melhor do enlevo, porém, ouviram uma batidinha trêmula na porta, *tuque, tuque, tuque* ...⁵⁹³

--- Que pena! --- murmurou o menino fazendo bico. Não fosse a tal sa-be-do-ri-a da vida, que nunca vi mais gorda, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a história do *Pinocchio*. Mas, não! Temos de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente --- *nhen, nhen, nhen* ...⁵⁹⁴

--- Pedrinho tem o costume de passar por aqui quando volta da mata onde anda procurando o pau vivo. E como está que não pode passar por perto de pau nenhum sem dar um golpe, já estou vendo o jeitinho dele: chega, pára e --- *pã!* Machadada neste tronco. [A fala é de Emília.]⁵⁹⁵

--- ... Tia Nastácia não tem dó de nada. Pega aqueles frangos tão lindos e --- *zás!* torce-lhes o pescoço. (...) Pegou naquela faca de ponta que mora na cozinha e --- *fuct!* Enfiou dentro dele [de um irmão de Rabicó], até no fundo.⁵⁹⁶

⁵⁹¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 182.

⁵⁹² *Ibid.*, p. 191.

⁵⁹³ *Ibid.*, p. 196-197.

⁵⁹⁴ *Ibid.*, p. 199.

⁵⁹⁵ *Ibid.*, p. 202-203.

⁵⁹⁶ *Ibid.*, p. 209-210.

--- É fada mesmo, Faz-de-conta! E das que falam, porque há umas que só fazem *tlin, tlin, tlin*, como aquela fada Sininho que gostava de Peter Pan. [O discurso é de Narizinho.]⁵⁹⁷

A vespa assustou-se ao ver tão estranha criatura [o boneco João faz-de-conta] avançar para ela de prego em punho e sem cabeça. Assustou-se e --- *zunn!* --- desapareceu no ar...⁵⁹⁸

A boneca espantou-se tanto com aqueles nunca vistos excessos de gentilezas, que foi arregalando os olhos, arregalando, arregalando, até que --- *pluf!* --- arrebentaram.⁵⁹⁹

--- “Mangaritos!” --- exclamou o Visconde erguendo os braços para o céu --- e *plaf!* caiu por terra com ataque.⁶⁰⁰

Bum! Bum! Bum! Chegou afinal o grande dia [da estréia do circo montado pelas crianças e pelos bonecos.] O terreiro estava enfeitado de bandeirolas e arcos de bambu.⁶⁰¹

Pedrinho resolveu começar o espetáculo e deu sinal, batendo com um martelo numa enxada velha, pendurada de um barbante --- *blen, blen, blen ...*⁶⁰²

A boneca botou o cavalo no galope, correu duas voltas e na terceira --- *zupt!* deu um salto.⁶⁰³

⁵⁹⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 219.

⁵⁹⁸ *Ibid.*, p. 221.

⁵⁹⁹ *Ibid.*, p. 226.

⁶⁰⁰ *Ibid.*, p. 228.

⁶⁰¹ *Ibid.*, p. 241.

⁶⁰² *Ibid.*, p. 245.

⁶⁰³ *Ibid.*, p. 247.

Depois de engolida a última espada, [João Faz-de-conta] começou a comer fogo, e *glut, glut, glut*, deu conta de todas as brasas da lata.⁶⁰⁴

De repente --- *pluf!* barulho de alguém que pula de árvore ao chão. Era a “voz” [do menino invisível] que havia descido, plantando-se no meio deles.⁶⁰⁵

--- *Pss!* fez o fabulista [La Fontaine]. Silêncio, agora. Vamos ver se é mesmo como eu escrevi.⁶⁰⁶

Todos cheiraram o pó de pirlimpimpim, e imediatamente começaram a sentir a vista turva, a cabeça tonta, com uma zoadada de pião nos ouvidos --- *fiuun ...*⁶⁰⁷

--- Não tenha medo, vovó! É assim mesmo. Este *fiun* dura enquanto estivermos voando. Depois pára --- sinal de chegada.⁶⁰⁸

--- Uma vez --- disse o Senhor de Münchhausen, perdi a pederneira desta mesma espingarda numa das minhas excursões, e justamente quando um veado ia passando. Pensam que me atralhei? Fiz pontaria e, *bá!* dei um formidável soco no olho. Saiu uma faísca ainda melhor que as da pederneira --- e matei o veado!⁶⁰⁹

--- É hora ! --- disse o Barão [de Münchhausen] erguendo a arma à cara. Fez a pontaria e --- *blef!* --- o gatilho deu em seco.⁶¹⁰

⁶⁰⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 248.

⁶⁰⁵ *Ibid.*, p. 258.

⁶⁰⁶ *Ibid.*, p. 268.

⁶⁰⁷ *Ibid.*, p. 293.

⁶⁰⁸ *Ibid.*, p. 294.

⁶⁰⁹ *Ibid.*, p. 301.

⁶¹⁰ *Ibid.*, p. 301.

Bum! Um tiro reboou, daqueles que levam segundos ecoando por montes e vales.⁶¹¹

Lept ... Uma lambada só --- de leve, e o cavalinho partiu...⁶¹²

Ainda que não se empreenda o comentário de cada um dos contextos apresentados acima, é imprescindível indicar, ou mesmo reforçar, determinados fatos que avultam na organização. Deve-se ressaltar, em primeiro lugar, o papel das onomatopéias na interação estabelecida pela narrativa. A palavra imitativa faz o discurso ultrapassar o significado objetivo e atingir a sugestão, a evocação. Mobilizam-se, assim, aspectos ligados às emoções que são indispensáveis para a aceitação do discurso pelo destinatário.

Um outro aspecto que chama a atenção é a inventividade de Monteiro Lobato. Na absoluta maioria, os contextos trazem palavras novas para sugerirem os sons presentes nas cenas contadas. Sem recorrer em demasia aos vocábulos já convencionalizados - como *tchibum!*, para indicar o barulho da queda na água, e *toque, toque, toque*, para reproduzir o ruído da batida na porta – o autor mostra quão sensível e particular pode ser a percepção da sonoridade que acompanha as várias ações narradas. J. Mattoso Camara Jr. clarifica essa idéia quando afirma:

Um estado da alma tende a um contato com o objeto do seu estímulo, e cria-se uma harmonização de que a manifestação lingüística resultante apresenta os vestígios. É o que ressalta do conjunto das interjeições puras, onde a ligação com o mundo das coisas pode chegar até à onomatopéia, que não é o nome intelectual de um ruído, mas antes a exteriorização do prazer, do medo, da curiosidade que ele provoca.⁶¹³

Talvez um bom exemplo da manifestação do sentimento provocado por um som esteja no contexto que traz a imitação do ringir da bandeira do mastro de S. João:

⁶¹¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 302.

⁶¹² *Ibid.*, p. 312.

⁶¹³ J. Mattoso CAMARA JR., *Contribuição à estilística portuguesa*, p. 30.

Súbito, uma brisa soprou mais forte e um ringido se fez ouvir --- *nhen, nhin...*

Pedrinho interrompeu a conversa, de ouvido atento.

--- O mastro de S. João!... murmurou enlevado. Quantas vezes no colégio me iludi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do nosso mastro!... Como vai ele?

A sonoridade dolente da onomatopéia, que lembra o ruído do choro, é a exteriorização do sentimento que Pedrinho experimenta na cena, pois ele chega saudoso de tudo que existe no sítio, particularmente de seus sons. Assim, esse vocábulo onomatopaico se enche de um sentido afetivo, o que o narrador não deixa de salientar, quando se refere ao enlevo da personagem ao ouvir o ruído. Isso leva a uma outra característica do uso das onomatopéias por Lobato: a coerência com as situações e as personagens abordadas. Acompanhem-se os contextos que seguem:

Paque, paque, paque... Pedrinho apareceu na porteira, trotando no pangaré, corado do sol e alegre como um passarinho.

A menina [Narizinho] estalou o chicote e o pangaré partiu na galopada erguendo nuvens de pó --- *pá-lá-lá, pá-lá-lá!* De repente...

A forma lingüística usada para indicar o modo como Pedrinho conduz o cavalo pangaré evoca perfeitamente o andar natural do animal, assim como é igualmente precisa a onomatopéia para o galope de Narizinho. Mais interessante ainda é lembrar que o menino mora na cidade, e só monta nas férias passadas no sítio. Narizinho, ao contrário, vive no sítio, por isso se espera mesmo que saiba conduzir o cavalinho com a habilidade que a construção onomatopéica registra. Observem-se ainda os contextos abaixo:

Nisto ouviu-se rumor lá fora, seguido de batida na porta --- uma batidinha muito delicada, *tique, tique, tique...* [Era a corte do Príncipe Escamado que chegava ao sítio.]

Logo depois ouviu-se um *tique, tique, tique* na porta, e Rabicó anunciou:

--- Um senhor pingo de gente com umas botas maiores do que ele! [O leitão se referia ao Pequeno Polegar.]

A onomatopéia comum, *toque, toque, toque*, evocativa do som da batida na porta, é modificada para se adaptar ao tamanho reduzido das personagens, e no lugar da vogal *o*, usa-se a vogal *i*. Com a mudança da vogal, altera-se o modo como é pronunciada a palavra, e talvez em função da abertura menor da boca para a pronúncia do *i*, a palavra discutida carrega-se de significados subjetivos associados à delicadeza, ao mimo, à fragilidade. Torna-se, pois, coerente com o tamanho das personagens dos contextos aludidos: os seres da corte do Príncipe Escamado e o Pequeno Polegar.

A vogal *i*, a propósito, por causa de seu som agudo, é decisiva nas sugestões pretendidas com a importante onomatopéia *fiun*. Representa, em *Reinações de Narizinho*, com algumas variações de grafia, a música da orquestra de cigarras e pernilongos do Reino-das-Águas-Claras, ocorrência comentada oportunamente, e o efeito do pó de pirlimpimpim: a zoadá e o “transporte ultra-rápido”⁶¹⁴ para o País-das-Fábulas e para as terras das Mil-e-Uma-Noites. Acompanhem-se todas as passagens do livro em que o vocábulo onomatopaico é empregado e atente-se para a substantivação operada, prova da consolidação da palavra:

Enquanto comiam, uma excelente orquestra de cigarras e pernilongos tocava a música do fium, regida pelo maestro Tangará, de batuta no bico.⁶¹⁵

Todos cheiraram o pó de pirlimpimpim, e imediatamente começaram a sentir a vista turva, a cabeça tonta, com uma zoadá de pião nos ouvidos --- *fiuun ...*⁶¹⁶

--- Não tenha medo, vovó! É assim mesmo. Este *fiun* dura enquanto estivermos voando. Depois pára --- sinal de chegada.⁶¹⁷

⁶¹⁴ Nilce Sant’Anna MARTINS, *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, p. 370.

⁶¹⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 14.

⁶¹⁶ *Ibid.*, p. 293.

⁶¹⁷ *Ibid.*, p. 294.

De fato foi assim. O *fiun* zuniu no ouvido deles por algum tempo e por fim cessou.⁶¹⁸

--- Uf! --- exclamou [Dona Benta] (...) Estou muito velha para estas maluquices. O tal *fiun* me deixou tonta, tonta...⁶¹⁹

Na unificação dos episódios de *Reinações de Narizinho*, pois, o processo onomatopaico distribui-se com regularidade, dotando o discurso de intensa carga expressiva e atendendo aos anseios afetivos dos destinatários. O emprego da onomatopéia, recorde-se, além de potencializar a recepção infantil com o recurso da figuração, ainda agiliza a linguagem narrativa, porque condensa, na palavra imitativa criada, a percepção do som citado na história. Isso leva a pensar em outro recurso que se espraia pelo livro, igualmente resultando em exatidão e riqueza semânticas: a criação vocabular. Por recriar uma experiência comum na infância, o processo neológico talvez seja dos mais adequados para ser recebido pela criança.

Podem ser citados, inicialmente, os substantivos compostos com elementos latinos ou gregos. Estão em *Reinações* dois neologismos lobatianos muito famosos, *borboletograma* e *narizinhoarrebitedite*. Na passagem do emprego da primeira criação referida, o narrador parece responder a uma indagação dos receptores, indicando o envolvimento esperado do leitor real com a obra. Na situação da ocorrência da segunda palavra, o emissor do discurso é a personagem Doutor Caramujo, que dirige sua fala ao Príncipe Escamado:

Narizinho respondeu ao convite por meio dum *borboletograma*. Não sabem o que é? Invenção da Emília. Como não houvesse telégrafo para lá [para o reino das abelhas], a boneca teve a idéia de mandar a resposta escrita em asas de borboleta.⁶²⁰

⁶¹⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 294.

⁶¹⁹ *Ibid.*, p. 294.

⁶²⁰ *Ibid.*, p. 54.

--- Vossa Majestade está sofrendo de *narizinhoarreditadite*, doença muito séria, cujo único remédio é casamento com uma certa pessoa.⁶²¹

Outro substantivo criado pelo processo aludido é *cinqüentaneto*. Acompanhe-se uma das passagens de sua ocorrência:

Narizinho e Emília aproveitaram a ocasião para lhe contar [ao Gato-de-Botas] toda a história do falso Gato Félix, que se impingiu como o seu *cinqüentaneto*.

--- Mentira cínica! --- disse o Gato-de-Botas. Nunca me casei. Não tive nem filho, quanto mais *cinqüentaneto*.⁶²²

O processo de derivação sufixal dá origem a substantivos, adjetivos, verbos e pronomes. Dos substantivos, destacam-se os vocábulos *botadeira* e *cavalências*. O primeiro integra uma expressão que designa uma das várias habilidades de Emília; o segundo é inspirado no substantivo *excelência*, tratamento das pessoas de alta hierarquia social, que se adapta, na fala da boneca, aos seres enaltecidos por ela:

--- Chega, Emília. Já está muito bem explicado [a razão de a boneca batizar o feio boneco, modelado por tia Nastácia, de João Faz-de-conta] --- disse Narizinho com os olhos postos no boneco. Você tem razão. Não pode haver nome mais bem posto.

Todos acharam a mesma coisa e classificaram a boneca como a melhor “*botadeira* de nome” do sítio.⁶²³

--- (...) Estou ensinando o abc a este analfabeto, que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras “*cavalências*”

⁶²¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 97.

⁶²² *Ibid.*, p. 184.

⁶²³ *Ibid.*, p. 213.

célebres. [Emília fala do cavalinho de madeira que recebe de Pedrinho por ter dado ao menino a idéia da busca pelo pau vivente.]⁶²⁴

Quanto aos adjetivos, aparecem as formas *barrigóide*, *macelar* e *pinocchianas*. As duas primeiras são encontradas nas falas do Doutor Caramujo e de Narizinho. Ele fala de Emília, que é recheada de macela, como se sabe. O último neologismo citado é usado pelo Visconde de Sabugosa, numa conversa com Pedrinho:

--- É grave! --- exclamou. A Senhora Condessa está sofrendo duma anemia *macelar* no pernil *barrigóide* esquerdo. Caso muito sério.⁶²⁵

--- Alimentação *macelar*, eu sei --- disse a menina rindo-se da ciência do doutor. Tia Nastácia sabe aplicar esse remédio muito bem. Em dois minutos, com um bocado de macela e uma agulha com linha ela cura Emília para o resto da vida.⁶²⁶

--- Eu acho --- observou ele cuspidando um pigarrinho, que não é preciso ir à Itália para descobrir madeira com “propriedades *pinocchianas*.” A Natureza é a mesma em toda parte; e se lá há disso, não vejo razão plausível para que não o haja aqui também.⁶²⁷

O neologismo verbal que se destaca pelo processo de derivação sufixal é o gerúndio *tartarugando*, usado na circunstância do feitiço que transformou Dona Benta em tartaruga e tia Nastácia, em galinha:

⁶²⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 217.

⁶²⁵ *Ibid.*, p. 63.

⁶²⁶ *Ibid.*, p. 63.

⁶²⁷ *Ibid.*, p. 201.

Passaram-se dois dias. Narizinho, inconsolável, não podia conformar-se com a idéia da sua querida avó *tartarugando* na rede, nem de tia Nastácia volta e meia botando um ovo na cozinha.⁶²⁸

Dois pronomes neológicos interessantíssimos surgem na obra: *Vossa Cavalência* e *Vossa Lobência*. São claramente inspirados na forma de tratamento reverente *Vossa Excelência*, usada para qualquer pessoa a quem se quer manifestar grande respeito. Em *Reinações de Narizinho*, contudo, os termos se revestem de certa ironia da parte de quem os emprega: Emília e o esperto carneirinho do País-das-Fábulas, salvo de ser comido pelo lobo por uma rápida ação do próprio autor da famosa história aludida, o Senhor de La Fontaine. Acompanhe-se a situação de emprego da primeira forma citada, com a conhecida inventividade da boneca:

--- (...) Antes de mais nada, preciso consertar Vossa Senhoria, pois onde já se viu um cavalo sem rabo? Vou arranjar para *Vossa Cavalência* um lindo rabo de galo, muito mais na moda que esses rabos de cabelo com que os cavalos nascem, está ouvindo, Senhor Barão Cavalgadura Cavalcanti Cavalete da Silva Feijó?⁶²⁹

Note-se que a simplificação da forma *Vossa Lobência*, em meio ao diálogo que o carneirinho mantém com o lobo, ressalta o tom irônico aludido:

--- “Desculpe-me, senhor lobo, mas *Vossa Lobência* está do lado de cima do rio e eu estou do lado de baixo. Assim, com perdão de *Vossa Lobência* creio que não posso turvar a água que *vossa Lobência* vai beber. (...)”

--- “Não é verdade, *Lobência*, porque só tenho três meses; o ano passado eu ainda estava no calcanhar de minha avó.⁶³⁰”

⁶²⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 77.

⁶²⁹ *Ibid.*, p. 204-206.

⁶³⁰ *Ibid.*, p. 262.

Há palavras empregadas em *Reinações* com sentidos distintos daqueles já conhecidos no uso habitual. Nestes casos, portanto, Monteiro Lobato ativa o procedimento designado de neologismo semântico, que encerra mutação somente do significado de um signo, não colocando em jogo qualquer mecanismo morfológico⁶³¹. Assim, para designar um animal assustador, a personagem Emília usa um substantivo que já existe como topônimo: *jacarepaguá*. Num dos contextos de emprego dessa forma, a boneca pergunta ao Pequeno Polegar se ele não tem medo de elefante. Acompanhe-se a seqüência da referida passagem:

--- Nem de elefante, nem de hipopótamo, nem de rinoceronte, nem de girafa, nem de anão mau, nem de serpente...

--- E de *jacarepaguá*? --- perguntou ainda a boneca, para quem *jacarepaguá* devia ser o monstro dos monstros.

--- Nem de *jacarepaguá*, nem de nada. Cada passo desta bota anda sete léguas. Acha que um *jacarepaguá* pode me pegar?⁶³²

A palavra *condessado* é usada pelo narrador como o particípio de *condessar*, ou seja, “tornar condessa”. Como esse verbo não está dicionarizado com tal acepção, e sim com o sentido de “pôr em depósito, guardar”, trata-se de um outro neologismo semântico de Lobato. Segue o contexto de emprego da forma referida:

--- Que é que deseja? --- indagou a menina cheia de curiosidade.

--- Quero entregar à Senhora Condessa este presente mandado pela rainha das formigas.

--- Condessa? --- repetiu Narzinho franzindo a testa. Que condessa, minha senhora?

--- Condessa de Três Estrelinhas --- explicou a formiga.

⁶³¹ GUILBERT, L. *La formation du vocabulaire de l'aviation*. Paris: Larousse, 1965. *apud* Maria Otília Farto PEREIRA, *Reinações lexicais do homem do porviroscópio*, p. 61.

⁶³² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narzinho*, p. 182.

--- Hum! --- fez a menina, lembrando-se de que ela mesma havia “*condessado*” a boneca.⁶³³

A funcionalidade atribuída ao léxico popular distende-se para o nível da frase. No uso de muitas das expressões idiomáticas de *Reinações de Narizinho* subjaz o pensamento de Monteiro Lobato acerca do papel da linguagem popular e autêntica no processo de afirmação dos pequenos receptores. Para que se avalie essa consideração, leiam-se os contextos de algumas das expressões idiomáticas citadas no livro:

--- Eu também acho, Sinhá. Essa menina *é levada da breca*. [A fala, sobre Narizinho, é de tia Nastácia.]⁶³⁴

Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” --- perguntou. “Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador não acaba nunca mais o seu discurso. *Está muito pau*”, disseram as formigas.⁶³⁵

--- (...) Estou com mais de sessenta anos e todos os dias aprendo coisas novas com esta minha neta *do chifre furado*.⁶³⁶

--- Sim, senhora! --- exclamou a menina depois de terminada a festa. É o que se pode chamar um trabalho limpo! *O demo queira ser minhoca* neste pomar...⁶³⁷

--- Não se trata mais disso, idiota! Está aí à procura *duma tal* condessa a criada *duma tal* rainha. Vamos! Acorde *duma vez*! [Narizinho conversa com Emília.]⁶³⁸

⁶³³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 46-47.

⁶³⁴ *Ibid.*, p. 33.

⁶³⁵ *Ibid.*, p. 38.

⁶³⁶ *Ibid.*, p. 42.

⁶³⁷ *Ibid.*, p. 45.

⁶³⁸ *Ibid.*, p. 47.

--- *Espere que te curo!* --- gritou ela [Emília], passando a mão na vassoura. E *pá! pá! pá!... desceu a lenha* no lombo do gatuno [Rabicó], enquanto Narizinho se rebojava na cama de tanto rir, pensando consigo: “Se antes de casar é assim, imagine-se depois!”⁶³⁹

--- Nada! É cá uma coisa que sei e *não é da sua conta* [de Rabicó] --- respondeu a menina piscando o olho.⁶⁴⁰

Calúnias puras. Narizinho nem tomava palmadas, nem *levava pitos*, nem *tirava ouro do nariz*. Emília, sim...⁶⁴¹

O Doutor Caramujo *meteu o rabo entre as pernas* e sumiu-se.⁶⁴²

--- Senhora Condessa, acho que é tempo de mudar de vida. Precisa casar, senão *acaba ficando tia*. [A fala é de Narizinho.]⁶⁴³

--- (...) Marquês *duma figa!* [A fala é de Pedrinho.]⁶⁴⁴

--- Concha por aqui! --- exclamou [Pedrinho] muito admirado. Isto *tem dente de coelho!*...⁶⁴⁵

--- *Dobre a língua*, vovó! Escamado é príncipe. Se se tratasse aí dum peixe vulgar de lagoa, vá que vovó falasse. Mas o meu noivo é um grande príncipe das águas!...⁶⁴⁶

⁶³⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 49.

⁶⁴⁰ *Ibid.*, p. 56.

⁶⁴¹ *Ibid.*, p. 57.

⁶⁴² *Ibid.*, p. 63.

⁶⁴³ *Ibid.*, p. 81.

⁶⁴⁴ *Ibid.*, p. 92.

⁶⁴⁵ *Ibid.*, p. 100.

⁶⁴⁶ *Ibid.*, p. 102.

--- Você --- disse ela [Emília] --- convidou-me para madrinha do casamento, lembre-se. Como, pois, posso apresentar-me na corte com este *vestido de Judas no sábado de Aleluia*?⁶⁴⁷

--- Polvo *o seu nariz*. Onde já se viu polvo com mastros? É navio e muito bom navio. [Pedrinho discorda do Visconde de Sabugosa.]⁶⁴⁸

Emília *amarrou um pequeno burrinho*, certa de que era de ciúmes que a menina não queria que ela falasse com o Príncipe.⁶⁴⁹

--- “Senhor velho, poderá dizer-me onde é o lugar *em que o demo perdeu as botas*?”

--- “Posso, sim --- respondeu o velho [ao falso gato Félix]. Fica pertinho *dos confins do Judas*.”⁶⁵⁰

--- Pois eu não! --- contraveio Narizinho. Esse freguês [a personagem Pinocchio] não me está com cara de *ser boa bisca*.⁶⁵¹

Emília, sempre *com a pulga atrás da orelha* de medo que seu estratagema fosse descoberto (...) [A boneca temia que Pedrinho viesse a descobrir que não havia pau vivente algum no sítio.]⁶⁵²

--- Basta! Basta! Basta! Já estou ficando bochechudo de tanto te assoprar e “tu [o boneco João Faz-de-conta] não vive” nunca, seu feiúra. *Vai-te pros quintos!*

⁶⁴⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 104.

⁶⁴⁸ *Ibid.*, p. 112.

⁶⁴⁹ *Ibid.*, p. 116.

⁶⁵⁰ *Ibid.*, p. 157.

⁶⁵¹ *Ibid.*, p. 200.

⁶⁵² *Ibid.*, p. 206.

e, agarrando-o por uma perna, [Pedrinho] jogou-o para cima do armário da sala de jantar.⁶⁵³

--- (...) A diaba [Emília] estava com medo de que eu lhe tomasse o cavalinho e me *armou esta peça*, de combinação com *o tal sábio de uma figa*. É isso mesmo! E eles desta vez me bobearam. *Caí como um pato...* [O discurso é de Pedrinho.]⁶⁵⁴

--- E eu, se fosse você --- respondeu o menino de mau humor, *ia pentear macacos*. [Pedrinho dirige sua fala a Emília.]⁶⁵⁵

--- E por que você não *vai lamber sabão*, Emília? [A fala é de Pedrinho]⁶⁵⁶

--- Peter Pan? Quem é? *Nunca o vi mais gordo* e nem de nome conheço tal freguês. [O emissor do discurso é o ser invisível que, no decorrer do episódio, é batizado de Peninha por Emília.]⁶⁵⁷

As crianças ficaram num delírio. Levarem sua querida vovó ao País-das-Fábulas foi coisa que nem em sonhos lhes passara pela cabeça. *Era o suco!* --- dizia Pedrinho dando pinotes.⁶⁵⁸

--- *Conheceu, papudo?* --- gritou Emília de longe, quando viu o serviço feito. [A boneca profere a frase quando ela e o grupo de aventureiros, com a ajuda do Senhor de Münchhausen, conseguem amordaçar o filhote do pássaro Roca.]⁶⁵⁹

⁶⁵³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 214.

⁶⁵⁴ *Ibid.*, p. 217.

⁶⁵⁵ *Ibid.*, p. 238.

⁶⁵⁶ *Ibid.*, p. 239.

⁶⁵⁷ *Ibid.*, p. 252.

⁶⁵⁸ *Ibid.*, p. 292.

⁶⁵⁹ *Ibid.*, p. 307.

[Dona Benta] Arregaçou a saia, botou a dentadura no bolso e virou veado também. Chegou ao castelo mais morta que viva, *pondo a alma pela boca*.⁶⁶⁰

--- *Que maçada*, vovó! --- exclamou ele [Pedrinho] aborrecidíssimo. Justamente agora que temos o burro falante e o Peninha para nos levar a todos os países do Mundo-das-Maravilhas, mamãe me manda chamar...⁶⁶¹

Impressiona, no levantamento das frases, a permanência do uso. Ainda hoje, a maioria delas pode ser entendida sem nenhum problema pelo receptor, fator decisivo para a aceitação do texto. Por outro lado, o livro proporciona a oportunidade de se conhecerem variações mais antigas de frases ainda em circulação, e a recuperação de outras expressões praticamente esquecidas na atualidade. Dois exemplos de variação de expressões idiomáticas ainda conhecidas estão nas passagens abaixo:

Emília *amarrrou um pequeno burrinho*, certa de que era de ciúmes que a menina não queria que ela falasse com o Príncipe.

Dona Benta] Arregaçou a saia, botou a dentadura no bolso e virou veado também. Chegou ao castelo mais morta que viva, *pondo a alma pela boca*.

A expressão da primeira situação destacada poderia corresponder atualmente à forma *ficou emburrada*, e a segunda, à frase *pondo o coração pela boca*. Mesmo algumas construções idiomáticas que já caíram no esquecimento, dado o contexto criado para seu emprego, podem igualmente ser interpretadas pelos leitores. É o caso de pelo menos duas das passagens:

⁶⁶⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 308.

⁶⁶¹ *Ibid.*, p. 310.

Apareceu então um louva-a-deus policial, de pauzinho na mão. “Que há?” --- perguntou. “Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador não acaba nunca mais o seu discurso. *Está muito pau*”, disseram as formigas.

As crianças ficaram num delírio. Levarem sua querida vovó ao País-das-Fábulas foi coisa que nem em sonhos lhes passara pela cabeça. *Era o suco!* --- dizia Pedrinho dando pinotes.

Na situação narrada no primeiro exemplo, a idéia de algo aborrecido e maçante é construída anteriormente ao emprego da expressão idiomática. É com a menção ao cansaço e à fome das formigas, bem como à longa duração do discurso do “famoso orador”, que se obtém o significado básico do trecho. A expressão decorre dos outros elementos que erigem o sentido da passagem. Não se trata de um entrave sua interpretação para o leitor da atualidade, portanto.

Algo semelhante acontece na segunda passagem. A frase *Era o suco!* coroa a citação, no discurso, da euforia das crianças com a idéia de levar Dona Benta em sua aventura. A exclamação é facilmente reconhecida como uma manifestação de entusiasmo pela delícia da possibilidade descrita.

Retomando a reflexão sobre o papel dessa linguagem popular e autêntica no processo de afirmação dos pequenos receptores, as escolhas lexicais de narrador e personagens parecem confirmar o que diz Marisa Lajolo, apropriadamente, sobre essa matéria:

Nos usos que o homem faz da linguagem, em inúmeras outras situações, as palavras se tecem de forma a intensificar ou atenuar o relacionamento do homem com o mundo das coisas.

Temendo a violência do mundo dos seres, e ao mesmo tempo fascinado por ele, o homem vive e se move entre palavras, ora fortalecendo, ora atenuando o vínculo destes dois mundos: o original dos seres e o simbólico da linguagem.⁶⁶²

⁶⁶² Marisa LAJOLO, *O que é literatura*, p. 35.

É Pedrinho a personagem que, em *Reinações de Narizinho*, mais intensamente se afirma através do uso de expressões idiomáticas. A incidência dessas frases no discurso do menino é maior, como se constata no levantamento. Cabe a representação de suas falas:

--- (...) Marquês *duma figa!*

--- Concha por aqui! --- exclamou muito admirado. Isto *tem dente de coelho!*...

--- Polvo *o seu nariz*. Onde já se viu polvo com mastros? É navio e muito bom navio. [Pedrinho discorda do Visconde de Sabugosa.]

--- Basta! Basta! Basta! Já estou ficando bochechudo de tanto te assoprar e “tu [o boneco João Faz-de-conta] não vive” nunca, seu feiúra. *Vai-te pros quintos!* e, agarrando-o por uma perna, jogou-o para cima do armário da sala de jantar.

--- (...) A diaba [Emília] estava com medo de que eu lhe tomasse o cavalinho e me *armou esta peça*, de combinação com *o tal sábio de uma figa*. É isso mesmo! E eles desta vez me bobearam. *Caí como um pato...*

--- E eu, se fosse você --- respondeu o menino de mau humor, *ia pentear macacos*. [Pedrinho dirige sua fala a Emília.]

--- E por que você não *vai lambar sabão*, Emília?

--- *Que maçada*, vovó! --- exclamou ele aborrecidíssimo. Justamente agora que temos o burro falante e o Peninha para nos levar a todos os países do Mundo-das-Maravilhas, mamãe me manda chamar...

Pedrinho, pois, é quem melhor desenvolve o plano de Lobato acerca da função da linguagem no relacionamento da criança com o mundo. Ele enfrenta e desafia as pessoas a sua volta, e as várias situações que se apresentam, com um repertório lingüístico popular e, por isso, direto, cru, algumas vezes até grosseiro. Em parte, isso surpreende, porque Pedrinho é uma personagem urbana, de quem o leitor talvez esperasse uma linguagem menos rude. Justamente por ter sido criado na cidade, porém, é que possivelmente seja sensível à agilidade que as expressões idiomáticas de extração popular transmitem.

É importante lembrar que, afora o uso de tais expressões, há outros indícios no livro da postura de enfrentamento da personagem. Quando a corte do reino marinho chega ao sítio, provoca medo, num primeiro momento, em Dona Benta e em tia Nastácia. Por isso, o Príncipe Escamado chega a cogitar a possibilidade de voltar para casa, para não incomodá-las. Pedrinho diz, decidido, ao saber da intenção do soberano:

--- Isso é que não! (...) Já que vieram, têm que entrar, quer as velhas queiram, quer não queiram. Se não puderem entrar pela porta, entrarão pela janela. Esperem aí...⁶⁶³

A atitude contestadora do menino chega ao ponto de pôr em dúvida a sabedoria de Dona Benta. Isso se percebe em dois momentos: na circunstância da viagem para o Reino-das-Águas-Claras, onde Narizinho se casa com Escamado, e na ocasião da leitura do livro *Pinocchio*. Leiam-se as passagens:

--- Uma coisa não há --- interveio Narizinho. Sereias! Vovó diz que sereia é mentira.

Pedrinho fez um muxoxo de dúvida.

--- Como vovó pode saber, se nunca devassou todos os mares?⁶⁶⁴

⁶⁶³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 128.

⁶⁶⁴ *Ibid.*, p. 108.

--- Alto lá! --- interveio Dona Benta. Quem vai ler o *Pinocchio*, para que todos ouçam, sou eu, e só lerei três capítulos por dia, de modo que o livro dure e nosso prazer se prolongue. A sabedoria da vida é essa.

--- Que pena! --- murmurou o menino fazendo bico. Não fosse *a tal* sa-be-do-ri-a da vida, que *nunca vi mais gorda*, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a história do *Pinocchio*. Mas, não! Temos de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente --- *nhen, nhen, nhen...*⁶⁶⁵

Manifestam-se desdém, ironia e mesmo mofa no choque do pensamento juvenil de Pedrinho com o de sua avó, via linguagem. Auxiliam-no, na defesa de seu ponto de vista, não apenas as frases populares. Há também o gesto de desprezo, a fala sarcasticamente pausada e o emprego zombeteiro da onomatopéia. Esta figura o som do carro de boi, que, no caso, se associa a coisas monótonas, lentas, bem ao gosto das pessoas mais velhas. Pode-se, assim, em função do mencionado conflito, vislumbrar as dificuldades típicas do crescimento consubstanciadas na linguagem direta da personagem. Também nessa linguagem pré-adolescente, a expressão idiomática tem seu lugar:

--- *Que maçada!* --- murmurou de si para si. Tenho de crescer, ficar do tamanho do tio Antonio, com aquele mesmo bigode, *feito* um bicho cabeludo, embaixo do nariz e, quem sabe, aquela mesma verruga barbada no queixo. Se houvesse um meio de ficar menino sempre...⁶⁶⁶

Apesar de insolentes muitas vezes, as expressões idiomáticas de Pedrinho se destacam pelo frescor e vivacidade típicos da idade da personagem. Contrastam com os provérbios, também usados pelas personagens em todo o livro, porém mais associados às personagens maduras. Por isso, ao uso de tais sentenças se vinculam propósitos diferentes daqueles verificados no emprego das expressões idiomáticas. Antes de se discutirem esses objetivos, acompanhem-se as palavras de Agostinho Fortes sobre os adágios:

⁶⁶⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 199.

⁶⁶⁶ *Ibid.*, p. 251.

Nem sempre, porém, o adágio, na sua tão característica, por fundamental, maneira sentenciosa, é filho da espontaneidade ou da experiência popular, antes provém, em bastantes casos, da mais alta atividade literária ou erudita. (...) Muitos e muitos adágios e provérbios tiveram origem absolutamente literária e fixaram-se pela corrente da erudição, e ainda hoje não poucos mantêm indeléveis os sinais da fonte não popular de que provieram.⁶⁶⁷

Sem a pretensão de se efetuar o estudo da origem dos provérbios usados em *Reinações de Narizinho*, enxerga-se na citação de Agostinho Fortes a confirmação do tom grave e solene de muitas dessas construções, coerente com o conceito moral que encerram. Essa é a razão de Emília vir a ser a personagem que mais usa o provérbio. A grande vaidade da boneca e o desejo constante de mostrar conhecimento abalizado das coisas talvez expliquem o gosto por essas formas. Acompanhe-se a relação dos contextos de emprego dos provérbios no livro estudado:

Dona Benta abriu a boca.

--- Bem diz o ditado, que *quanto mais se vive mais se aprende*. Estou com mais de sessenta anos e todos os dias aprendo coisas novas com esta minha neta do chifre furado...⁶⁶⁸

--- Bem feito! --- disse Emília. Quem a mandou ser abelhuda? Se estivesse com as outras lá dentro da terra, que é o lugar das minhocas, nada lhe aconteceria. *Macaco que muito mexe quer chumbo*, como diz tia Nastácia.⁶⁶⁹

⁶⁶⁷ Agostinho Fortes, *Levia verba*. Ladislau BATALHA, *História geral dos adágios portugueses*, p. 18.

⁶⁶⁸ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 42.

⁶⁶⁹ *Ibid.*, p. 45.

A menina torceu o nariz desdenhosamente.

--- Deus me livre! Juro que é croquete de minhoca.

Percebendo que ela falava assim por despeito, a boneca disse, para moê-la:

--- *Quem desdenha quer comprar...*⁶⁷⁰

--- Sossegue, Narizinho. Tom Mix é um danado. De repente reaparece e conserta tudo, como no cinema --- dizia a boneca para a consolar.

--- Mas está demorando tanto, Emília!...

--- Dois dias só. Você sabe que *a conta para tudo é três...*⁶⁷¹

Bem sei que *sete é conta de mentiroso*, mas eram mesmo sete [leitõezinhos no sítio], todos ruivos, com manchas brancas pelo corpo.⁶⁷²

Entraram no coche. Contaram-se. Faltava o Marquês!

--- *Sempre se espera pela pior figura!* --- resmungou Pedrinho já meio aborrecido. Por que será que ele não aparece?⁶⁷³

--- *A inveja matou Caim!* --- repetiu a boneca. Você está mas é danado com o grande sucesso da minha historinha. [Emília conversa com o falso gato Félix.]⁶⁷⁴

--- Dona Benta falou outro dia que *as grandes dores são mudas*. Esse pau bem que sente, mas como a dor de se ver separado do tronco pai dele é muito grande, está assim mudo como um peixe. [A fala é de Emília.]⁶⁷⁵

⁶⁷⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 48.

⁶⁷¹ *Ibid.*, p. 77.

⁶⁷² *Ibid.*, p. 79.

⁶⁷³ *Ibid.*, p. 106.

⁶⁷⁴ *Ibid.*, p. 166.

⁶⁷⁵ *Ibid.*, p. 206.

--- Agora passe-me para cá os três cruzeiros em notas novas. *Promessa é dívida*
 --- como diz tia Nastácia. [Emília conversa com Dona Benta sobre o dinheiro
 que a velha senhora aceitara lhe dar caso encontrasse seus óculos.]⁶⁷⁶

--- *Amor com amor se paga*. Eu seguro a bruxa e você malha com a porta no
 nariz dela. Vamos! [Emília conversa com a cigarra sobre a formiga,
 personagens da famosa fábula, de modo a executarem o plano de desforra.]⁶⁷⁷

--- *Sua alma sua palma* --- respondeu secamente a menina, tirando-a do bolso.
 Ninguém a obriga --- e fez um gesto de a arremessar ao chão. [Narizinho diz o
 ditado a Emília, que não queria voltar ao País-das-Fábulas.]⁶⁷⁸

--- *Pêlo de cão se cura com a mordedura do próprio cão* --- respondeu a
 boneca, trocando as bolas dum dito que tia Nastácia usava muito.⁶⁷⁹

De fato, os provérbios, em *Reinações de Narizinho*, ligam-se ao universo das personagens adultas. Mesmo quando as crianças os empregam, fazem isso quando é conveniente adotar uma posição disciplinadora e sentenciosa, cara aos adultos conservadores, para alcançar determinado fim. Emília, que se destaca por usar os ditos várias vezes, em parte consegue isso por ter aprendido as frases com tia Nastácia ou Dona Benta. A boneca também, já se falou, tem como principal motivação a vaidade de mostrar conhecimento referendado pelas pessoas mais experientes e, conseqüentemente, indicar sua evolução, apesar de nem sempre ter êxito, como demonstra ao inverter a ordem dos termos do último adágio citado.

Pode-se, assim, relacionar o uso das expressões idiomáticas do livro ao comportamento verdadeiramente infantil, pela espontaneidade, vigor e presteza que atribuem ao sentido dos contextos de emprego. Cumprem, desse modo, uma função importante, e, somados aos vocábulos de origem popular comentados, constituem um aparato lingüístico de

⁶⁷⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 237.

⁶⁷⁷ *Ibid.*, p. 271.

⁶⁷⁸ *Ibid.*, p. 293.

⁶⁷⁹ *Ibid.*, p. 303. Na verdade, *mordedura de cão se cura com o pêlo do próprio cão*.

ruptura de certas imposições no trato com os mais velhos que auxilia a criança, com a mediação das personagens, a ter consciência de seu espaço na interação com os adultos.

Os provérbios mantêm relação com a experiência acumulada pelas pessoas mais velhas. Por isso, como reflete Cecília Meireles⁶⁸⁰, tendem a desaparecer em face de tal imobilidade. Em *Reinações*, pois, se circunscrevem às situações em que as personagens buscam nesse conhecimento cristalizado o amparo para atitudes mais convencionais.

Para finalizar o estudo da unificação dos processos lingüísticos em *Reinações de Narizinho*, é necessário lembrar que se enfatizou o acerto das escolhas lexicais do livro. Sob esse enfoque, foi possível identificar a coesão de alguns procedimentos básicos: o léxico popular, representado pelos vocábulos fortes e pelas expressões idiomáticas, e o léxico figurativo/criativo, representado pelas onomatopéias e pelos neologismos. Em todos eles sobressai a realização primordial de Lobato, ou seja, também do ponto de vista do uso da língua, o autor ajusta sua escrita em todo o livro de modo a corresponder aos anseios dos pequenos leitores.

⁶⁸⁰ Cecília MEIRELES, *Problemas da literatura infantil*, p. 87.

3.6.4. As personagens

Já se sabe que os episódios são o meio pelo qual Lobato obtém a unidade de *Reinações de Narizinho*. É sempre Narizinho quem vive as aventuras, as quais se vão justapondo umas às outras, dando origem a uma grande história em que a menina é a protagonista. Nessas experiências, variam as personagens que são definidoras do assunto de cada episódio, mas Lúcia está acompanhada preferencialmente de Emília, Pedrinho, Rabicó, Visconde de Sabugosa, Dona Benta e tia Nastácia.

No tópico destinado à discussão da distribuição dos temas, diz-se que o argumento contido na famosa história do peixinho que morreu afogado não apenas impulsiona o nascimento da produção infantil de Monteiro Lobato, como ressurge disseminado em *Reinações de Narizinho*. O primeiro capítulo, Narizinho Arrebitado, correspondente ao livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, concentra o episódio Reino-das-Águas-Claras. Nessa aventura, recorde-se, aparece o Príncipe Escamado, e a primeira característica selecionada pelo narrador é o fato de ser “um peixinho vestido de gente”. Imediatamente se relaciona a inspiração da personagem àquela da história contada por Toledo Malta.

A concepção das personagens do episódio Reino-das-Águas-Claras, portanto, é um recurso de unificação da idéia matriz. O mesmo acontece com os episódios O casamento de Narizinho e A visita da corte do reino marinho ao sítio, respectivamente insertos nos capítulos quarto e quinto, O Casamento de Narizinho e Aventuras do Príncipe, porque são concebidos para funcionarem como desdobramentos da idéia primordial, dando continuidade ao argumento do reino marinho e constituindo uma seqüência.

As personagens maravilhosas, do mesmo modo, imprimem coesão ao livro. Depois de serem apenas citadas por Dona Carochinha no primeiro episódio - com exceção do Pequeno Polegar, que também participa da história -, retornam com atuação nos episódios A festa em homenagem às personagens maravilhosas, As aventuras de Narizinho e João Faz-de-conta e O circo de cavalinhos, respectivamente insertos nos capítulos sétimo, oitavo e nono do livro.

No núcleo básico de personagens, há dois seres que fecham um ciclo em *Reinações*, tendo sua trajetória, pois, a função de unificar as aventuras e ajudar a constituir a história maior contada na obra. Trata-se de Pedrinho e do Visconde de Sabugosa. O menino é apenas referido, no fim do primeiro episódio, por Dona Benta, quando esta informa Narizinho a

respeito da chegada do neto para passar uns tempos no sítio. Acompanhe-se o trecho desta menção:

--- Uma grande novidade, Lúcia. Você vai ter agora um bom companheiro aqui no sítio para brincar. Adivinhe quem é?

(...)

--- Qual sapo, nem papagaio, nem elefante, nem jacaré. Quem vem passar uns tempos conosco é o Pedrinho, filho da minha filha Antonica.

Lúcia deu três pinotes de alegria.

--- E quando chega o meu primo? --- indagou.

--- Deve chegar amanhã de manhã. Apronte-se. Arrume o quarto de hóspedes e endireite essa boneca.⁶⁸¹

No início do segundo capítulo da obra, *O Sítio do Picapau Amarelo*, descobre-se que o menino demorará uma semana para chegar. Na véspera de sua chegada de fato, Dona Benta recebe do neto uma carta com as seguintes palavras:

“Sigo para aí no dia 6. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta do quarto de hóspedes. Narizinho sabe. Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer.”⁶⁸²

Apesar de instalado no sítio e informado por Narizinho das novidades, Pedrinho não participa da visita ao Reino-das-Abelhas, episódio vivido após sua chegada. Quando a menina pergunta a Emília por que não incluía o nome do primo na resposta ao convite feito pela rainha, a boneca argumenta:

⁶⁸¹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 29-30.

⁶⁸² *Ibid.*, p. 50.

--- Porque ele não é nobre --- nem barão é!...⁶⁸³

Com tais palavras, Emília deixa claro que Pedrinho ainda não está totalmente integrado ao núcleo. Essa integração ocorre de fato no episódio O casamento de Emília, do terceiro capítulo, com a confecção do Visconde de Sabugosa pelo menino. A atuação de Pedrinho no volume se consolida com esse ato e, no episódio A festa em homenagem às personagens maravilhosas, do sétimo capítulo, ele ganha um título de nobreza ao ser apresentado por Narizinho à princesa Cinderela:

--- Faça o favor de sentar-se, princesa! --- disse a menina indicando uma cadeira de espaldar marcado com as iniciais G.B. (Gata Borracheira) em grandes letras de ouro --- letras recortadas em casca de laranja por Pedrinho. Depois fez as apresentações: --- Permita-me, Senhora Princesa, que apresente meu primo Pedrinho, o *Conde dos Bigodes de Manga*, e a minha amiga Emília, Marquesa de Rabicó.⁶⁸⁴

O auge da atuação de Pedrinho em *Reinações de Narizinho* dá-se no episódio O irmão de Pinocchio, do oitavo capítulo, em que alcança o estatuto de protagonista da mencionada aventura⁶⁸⁵. Tão marcante passa a ser sua participação depois disso, que, tal como Narizinho, vem a ser uma personagem que o narrador escolhe para desencadear a passagem real/maravilhoso promovida no discurso:

Pedrinho também não queria crescer, mas estava crescendo. Cada vez que apareciam visitas era certo lhe dizerem, como se fosse um grande cumprimento: “Como está crescido!” e isso o mortificava.

Um dia, em que estava no pomar trepado numa goiabeira, comendo as goiabas boas e jogando as bichadas para Rabicó, entrou pela centésima vez a pensar naquilo.

⁶⁸³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 55.

⁶⁸⁴ *Ibid.*, p. 177.

⁶⁸⁵ Cf. a indexação dos episódios ficcionais no apêndice do presente trabalho.

--- Que maçada! --- murmurou de si para si. Tenho de crescer, ficar do tamanho do tio Antonio, com aquele mesmo bigode, feito um bicho cabeludo, embaixo do nariz e, quem sabe, aquela mesma verruga barbada no queixo. Se houvesse um meio de ficar menino sempre...

--- Há coisa ainda superior --- respondeu atrás dele uma voz desconhecida.

Pedrinho levou um grande susto. Olhou para todos os lados e nada viu. Não havia ninguém por ali.

--- Quem está falando? --- murmurou com voz trêmula.

A mesma voz respondeu:

--- Eu!

--- Eu, quem? Eu nunca foi nome de gente. (...)

A pior coisa do mundo é falar com criaturas invisíveis. A gente não sabe para onde virar-se. Assim estava Pedrinho, e para mais atrapalhá-lo a voz ora vinha da direita, ora da esquerda.⁶⁸⁶

Do mesmo modo como se inicia a menção a Pedrinho em *Reinações*, provavelmente com a motivação de uma carta recebida por Dona Benta, já que é esse, viu-se, o meio usado para a comunicação com a cidade, uma nova missiva fecha o ciclo de aventuras da temporada passada no sítio, encerrando o livro com o nexo importante para a recepção. A carta é escrita por Dona Antonica, mãe de Pedrinho, personagem que é apenas aludida. Leia-se o trecho comentado, do último capítulo, O pó de pirlimpimpim:

No dia seguinte [ao retorno da aventura com o Barão de Münchhausen] chegou da cidade uma carta de Dona Antonica chamando Pedrinho.

--- Que maçada, vovó! --- exclamou ele aborrecidíssimo. Justamente agora que temos o burro falante e o Peninha para nos levar a todos os países do Mundo-das-Maravilhas, mamãe me manda chamar...

Mas que remédio? Quem o governava era Dona Antonica, e portanto teve de arrumar a bagagem para seguir no dia seguinte.

⁶⁸⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 251-252.

No dia seguinte o cavalo pangaré foi arreado e bem cedo. Às seis horas Pedrinho tomou o café com mistura e montou.

--- Adeus, vovó! --- exclamou antes de dar no cavalo a primeira lambada. Adeus, Narizinho! Adeus, tia Nastácia! Adeus, Emília. Adeus, Faz-de-conta... (...) Em seguida deu outra lambada no cavalinho --- desta vez com bastante força, e partiu no galope. Não queria que a boneca visse duas lágrimas que já iam pingando dos seus olhos...⁶⁸⁷

O Visconde de Sabugosa igualmente cumpre um ciclo em *Reinações*. É confeccionado por Pedrinho, a pedido de Narizinho, no episódio O casamento de Emília. Leia-se a passagem que narra a ocasião do surgimento da personagem no livro:

Pedrinho fez como Lúcia pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba, botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo --- e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com ele à casa da boneca.

--- *Toque, toque, toque*, bateu.

--- Quem é? --- indagou de dentro a voz da menina.

--- É o ilustre Senhor Visconde de Sabugosa que vem fazer uma visita à Senhora Condessa de três Estrelinhas e pedi-la em casamento para o seu ilustre filho, o Senhor Marquês de Rabicó.⁶⁸⁸

No quarto capítulo, em que as personagens vivem o episódio O casamento de Narizinho, já se faz alusão ao gosto do Visconde pelos livros, e a ciência da personagem se manifesta na exposição dos nomes científicos dos seres marinhos. No episódio A visita das personagens do reino marinho ao sítio, do quinto capítulo, Narizinho diz ao Príncipe Escamado que o sábio apanhara uma doença depois do retorno daquele reino:

⁶⁸⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 310-312.

⁶⁸⁸ *Ibid.*, p. 83.

--- O Visconde levou a breca (...). Voltou da viagem ao fundo do mar tão encharcado que tive de pendurá-lo no varal de roupa para enxugar. Mas ficou mal pendurado. Deu o vento e caiu e ficou esquecido num canto por muito tempo. Resultado: deu nele uma doença esquisita chamada bolor. Ficou todo verdinho, coberto dum pó que sujava o assoalho. Embrulhei-o, então, num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes* que andava rodando por aí e o botei não sei onde. Com certeza já morreu...⁶⁸⁹

No sexto capítulo, no entanto, intitulado O Gato Félix, o Visconde prova não apenas não estar morto, como também demonstra ser um sábio verdadeiro. Apoiado em rígidas investigações, consegue desmascarar o bichano ladrão de franguinhos que se fazia passar pela famosa personagem e é aclamado por todos, principalmente por Dona Benta. É guardado por ela entre livros de Aritmética e Álgebra. No episódio seguinte, A festa em homenagem às personagens maravilhosas, do sétimo capítulo, é resgatado pelas crianças depois de passar uma semana caído atrás da estante. Estava muito embolorado e sujo de teias de aranha e poeira, e, ao vê-lo nesse estado, Narizinho comenta:

--- Agora é que vai ficar um sábio completo! Tia Nastácia não acredita em sábio que toma banho, faz a barba e perfuma-se. Diz que sábio de verdade é assim --- bem sujinho.⁶⁹⁰

No episódio O irmão de Pinocchio, presente no oitavo capítulo, o narrador esclarece ao leitor o resultado do período que o Visconde passa entre os livros da estante, apontando a evolução da sabedoria da personagem:

Esse sábio estava ficando cada vez mais sabido, depois da temporada que passou atrás da estante, entalado entre uma Álgebra e uma Aritmética. Por isso só falava cientificamente, isto é, de um modo que tia Nastácia não entendia.⁶⁹¹

⁶⁸⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 130.

⁶⁹⁰ *Ibid.*, p. 174.

⁶⁹¹ *Ibid.*, p. 201.

Na ocasião da idéia da montagem do circo pelas crianças, no nono capítulo, o Visconde é escolhido para ser o palhaço. Um novo contratempo, entretanto, sobrevém. O sábio acumulara tantas leituras, que chega a sofrer um ataque, necessitando ser operado às pressas pelo Doutor Caramujo. O médico retira da barriga do sábio “toda aquela tranqueira científica” e as crianças aproveitam para guardar no estômago dele “três páginas bem dobradinhas dum livro do Cornélio Pires”. Passados alguns dias de repouso, a personagem está pronta para ser o palhaço, mas acaba sumindo na companhia de um livro de Trigonometria que encontrara, provando que não estava completamente curado de “sua mania científica”.

Quando as personagens do núcleo decidem partir para uma aventura na companhia de Peninha, o ser invisível, no penúltimo capítulo, o Visconde está mais embolorado do que nunca e “todo duro de reumatismo”, provas de seu envelhecimento. Mesmo assim incumbe-se de carregar a canastra de Emília. É nítido o obscurecimento da personagem sábia em favor da proeminência da boneca na narrativa; mesmo ao lado de personalidades como os dois fabulistas célebres, o Senhor de La Fontaine e Esopo, o sábio, debilitado, não pensa em outra coisa a não ser carregar às costas a canastrinha, obedecendo servilmente à dona do objeto. Até que, no último capítulo, O pó de pirlimpimpim, o Visconde encontra seu fim, ao cair nas águas do oceano das terras das Mil-e-Uma-Noites. Narizinho o encontra na praia:

Todos correram para lá, e de fato viram o pobre Visconde semi-enterrado na areia, morto, completamente morto!... Tinha-se afogado, e fora trazido pelas ondas. Pobre Visconde! Sem cartola, de língua de fora, olhos cheios de areia, corpo metade comido pelos peixes... Todos se comoveram profundamente, sobretudo ao verem que não largara a canastrinha. Fiel como um cão, cumpridor da palavra como um verdadeiro nobre, perdera a vida, mas não perdera a carga que lhe fora confiada!... Até o Senhor de Münchhausen se comoveu. Descobriu-se, cruzou os braços e ficou de mão no queixo a contemplar aquele triste fim. Emília, porém, demonstrou mais uma vez que não tinha coração. Em vez de derramar uma lágrima, ou dizer umas palavras tristes, a diabinha limitou-se a abrir a canastra --- para ver se o Visconde não havia furtado alguma coisa!... Depois teve uma idéia muito prática. “Depenou” o cadáver, isto é, arrancou-lhe as pernas e os braços roídos pelos peixes e guardou o tronco na canastrinha, dizendo:

--- Tia Nastácia é uma danada. Com este toco, aposto que faz um Visconde novinho e muito mais bonito.⁶⁹²

Fecha-se o ciclo da personagem sábia em *Reinações*. Apesar do enternecimento que a narração de seu fim provoca, também é fiel ao que de hábito acontece com os brinquedos, concentra uma abordagem franca sobre o ritmo normal da vida e cria um gancho importante para a manutenção da *série* lobatiana. Tanto no discurso como na história, aventa-se a possibilidade de o boneco ressurgir, pois Emília diz acima que tia Nastácia pode reconstruí-lo e ainda reforça isso em sua última fala no livro estudado, quando prenuncia a Pedrinho, com certo suspense, o retorno da personagem:

--- Morreu mas não acabou ainda! (...) Despeça-se deste toco, que é bem capaz de virar gente outra vez.⁶⁹³

Assim, conforme já se assinalou anteriormente, a composição aberta de *Reinações de Narizinho* funda leituras variadas: os episódios podem ser recebidos de forma independente, também criam um texto maior, com o amparo dos recursos de unificação estudados até aqui, e ainda permitem “desenvolvimentos subseqüentes”. De fato, no livro *Viagem ao céu*, de 1932, que se segue a *Reinações de Narizinho*, aparece o “avatar” do Visconde de Sabugosa, reconstruído por tia Nastácia. Como também já se afirmou antes, nos livros seguintes, a personagem sábia aos poucos se reintegra ao núcleo, confirmando o que a fala da boneca em *Reinações* deixara em suspenso e corroborando o “caráter circular” da produção lobatiana como um todo.

Constata-se que a harmonia buscada pelo escritor Monteiro Lobato na articulação dos episódios do volume estudado é alcançada também no que respeita à apresentação das personagens. O procedimento vincula-se a uma possibilidade de leitura integradora das várias atuações das personagens na vivência das aventuras e que ainda abrange todo um período ou um ciclo da vida dos seres ficcionais, dentro de uma lógica e uma ordem de acontecimentos sem dúvida importantes para os leitores preferenciais do livro.

⁶⁹² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 304.

⁶⁹³ *Ibid.*, p. 312.

3.7. (...) livro para ler, não para ver (...)

O trecho destacado do depoimento de Monteiro Lobato sobre a composição de *Reinações de Narizinho* ressalta o desejo do autor de que seu livro seja fruído primordialmente como construção verbal. Essa idéia ainda mais se acentua quando se lê a continuação do depoimento: “... livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto.” Para além da crítica explícita à tendência de se privilegiar a imagem ilustrada em detrimento do texto escrito, impressiona a evolução do pensamento do escritor acerca das potencialidades das imagens sugeridas pelas palavras.

Isso é dito, porque no livro que marca o início da produção infantil lobatiana, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, a ilustração de Voltolino está presente em cada uma das 43 páginas, com 60 desenhos a três cores no todo. O próprio subtítulo dessa obra, Livro de figuras, já indica a participação intensa das imagens ilustradas. Também no livro *Narizinho Arrebitado*, de 1921, o trabalho do mesmo artista, Voltolino, soma 114 desenhos ao longo de 181 páginas. A respeito da presença importante da ilustração em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, é pertinente citar passagens da análise que Luís Camargo faz da arte de Voltolino para essa obra, no livro *Ilustração do livro infantil*:

Além das vinhetas⁶⁹⁴, do título, da editora (Edição da *Revista do Brasil*/ Monteiro Lobato & Comp.), da cidade (São Paulo) e do ano de publicação (1920), aparece [na página de rosto] um epíteto em forma de triângulo invertido (*cul-de-lampe*, ou fundo de lâmpada, para usar o jargão dos tipógrafos):

⁶⁹⁴ Como o próprio Luís Camargo elucida no volume citado, vinheta é “uma ilustração pequena, até cerca de ¼ do tamanho da página. Do francês *vignette*, pequena vinha, estes ornamentos representavam, na origem, cachos e folhas de videira, símbolo da abundância. Chama-se cabeção a vinheta que ocupa o alto de uma página de começo de capítulo. Vinheta final ou de remate é a que é colocada em fim de capítulo...” p. 16.

LIVRO DE FIGURAS
 POR MONTEIRO
 LOBATO COM
 DESENHOS
 DE VOLTO-
 LINO

(...)

O projeto gráfico é variado, cada página parece ter um desenho próprio: ilustrações de quase meia página, vinhetas de mais ou menos ¼ de página, páginas com duas vinhetas alternadas, por exemplo, uma no canto superior direito e outra no canto inferior esquerdo, etc. (...)

Em alguns momentos, a ilustração apresenta uma linguagem tipicamente cinematográfica, como nas páginas 18-19, em que há uma passagem de um plano de conjunto para um plano de detalhe.

Camargo conclui a análise afirmando que, ao “desenhar para crianças, Voltolino não adapta seu desenho, não adocica nem angeliza seu traço.” Ao contrário disso, e como aponta o analista, a partir da citação de um crítico da *Revista do Brasil*, de abril de 1916, o desenhista conserva “forte espírito de sátira”, “funda impressão do ridículo”, “a espontaneidade de uma piada”⁶⁹⁵. É nítido, portanto, o relevo que os desenhos obtêm nos livros citados, ao contrário dos desenhos de *Reinações de Narizinho*. Nesse livro, desde a publicação, quando coube a Jean G. Villin⁶⁹⁶ o compromisso de orná-lo com litografias, a ilustração não aparece muito.

O ilustrador que se encarrega da edição de *Reinações de Narizinho* considerada na pesquisa, ou seja, a de 1956, é André Le Blanc, um haitiano que se educou nos Estados Unidos, morou no Brasil durante muito tempo, e faleceu naquele país em 1998. Ele ilustrou praticamente a coleção infantil inteira de Lobato, que foi organizada pelo autor e publicada

⁶⁹⁵ Luís CAMARGO, Um pouco de história, *Ilustração do livro infantil*, p. 58-60. O autor da crítica sobre Voltolino na *Revista do Brasil*, embora Camargo não cite, é alguém que usa o pseudônimo “N.”

⁶⁹⁶ Carmen Lucia de AZEVEDO, Marcia CAMARGOS, Vladimir SACCHETTA, *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, p. 315.

pela editora Brasiliense em 1947. Somente os dois tomos de *Os doze trabalhos de Hércules* foram ilustrados por outro profissional, J. U. Campos.

Luiz Antonio Luzio Coelho e Renata Vilanova Lima, estudiosos do Departamento de Artes e Design da PUC-RJ, são autores de uma comunicação sobre a ilustração de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho*. De acordo com os pesquisadores, o artista enfrentou muitas limitações técnicas em seu trabalho de ilustrador da obra lobatiana no período entre 1944 e 1946, quando acompanhou o escritor. Citam, como confirmação, uma fala do próprio Le Blanc veiculada na Revista *Veredas*, do Centro Cultural Banco do Brasil de agosto de 1996:

O desenho tinha que ser o mais simples possível, em bico de pena, gravado em clichê de zinco ou de madeira, este ainda mais precário, e o papel de impressão não era grande coisa.

Os autores ainda destacam dentre as hipóteses geradas a partir da análise das imagens de *Reinações*:

Para construir uma linha, muitas vezes Le Blanc utilizava vários traços, o que caracteriza uma idéia de ainda construção, de esboço, propondo uma ilustração mais aberta, sugerindo ser completada – além de ser formada basicamente por traço, não havendo quase preenchimento da imagem. O humor em Le Blanc, assim como os aspectos infantis das fisionomias das personagens, aproximam a criança da ilustração. Isso, aliado às limitações técnicas da época, que proporcionavam impressões “borradas” e ilustrações em uma cor, sugeriam que a ilustração ainda estava inacabada. Isso justifica o fato de crianças se sentirem convidadas a interferir na imagem, colorindo-a.⁶⁹⁷

⁶⁹⁷ Luiz Antonio Luzio COELHO e Renata Vilanova LIMA, Análise qualitativa de composição da personagem Emília nas ilustrações de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho* – Literatura infantil de Monteiro Lobato. In: XIV COLE - Congresso de Leitura do Brasil, e II COHILILE – Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil . Campinas. 2003.

Fernando Marques do Vale caracteriza o traço de Le Blanc como “solto e leve”⁶⁹⁸, numa consideração que concorda com o pensamento dos pesquisadores citados acima. É importante que se relacione o estilo do ilustrador com a proposta de Lobato manifesta no trecho de sua carta. Le Blanc, com seus traços “imprecisos”, límpidos, e com a parcimônia no número de gravuras destinadas ao volume – são vinte e quatro ilustrações e cinco vinhetas, distribuídas em 312 páginas –, é fiel ao desejo do escritor de criar imagens verbais muito mais do que visuais. A discreta ilustração de *Reinações*, enfim, parece estar no livro apenas para arejar o texto e fazê-lo sobressair, pois é o universo da palavra que ganha destaque absoluto.

Por esse motivo, é muito interessante perceber o espaço que outros gêneros textuais escritos ganham dentro da narrativa. Por serem apresentados em caracteres tipográficos distintos daqueles do texto principal, de modo a dar a exata idéia de como circulam entre as personagens, adquirem o estatuto de ilustrações e ajudam a compor o projeto gráfico do livro. A carta é o principal deles, pois aparece mais vezes. A primeira missiva cujo conteúdo se apresenta aos receptores é a de Pedrinho, que, por escrito, avisa a avó de sua chegada e faz recomendações extensivas a todos os moradores do sítio. Acompanhe-se a passagem do livro com a carta:

Chegou afinal o grande dia. Na véspera viera para Dona Benta uma carta de Pedrinho que começava assim: “Sigo para aí no dia 6. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta do quarto de hóspedes. Narizinho sabe. Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer.”⁶⁹⁹

A segunda carta apresentada é a de Rabicó. A partir desta, usa-se o destaque do itálico para separar esse texto do restante da narrativa e se busca respeitar, cada vez mais, a apresentação do documento tal como foi escrito pela personagem. Atente-se para o modo como o leitão grafa as palavras, na tentativa desesperada de salvar-se de ser morto por Tom Mix:

⁶⁹⁸ Fernando Marques do VALE, *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*, p. 122.

⁶⁹⁹ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 49-50.

Narizinho tomou a carta e leu:

Pesso-vos-lhe perdão da minha kovardia. Tommíques sta aqui amolando a phaca pra me matttar. Tenha ddó deste infeliz, que se assina, com perdão da palavra, criado amigo brigado

*RABICO.*⁷⁰⁰

Uma libélula encarrega-se de entregar a carta à menina. A terceira missiva é escrita pela escrevente do mar, a Senhora Lula, a pedido do Doutor Caramujo. É redigida em nome de todos os peixes do mar e levada a Narizinho, dentro de uma concha de madre pérola, pelos peixinhos escoteiros. Pedrinho encontra o documento à beira do ribeirão e o conduz a sua destinatária. Leia-se o trecho da apresentação dessa carta:

Rasgou o envelope e leu:

Senhora!

A felicidade do Reino-das-Águas-Claras está nas vossas mãos. Nosso Príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. Ou casa-se ou morre --- diz o médico da corte.

Quererá a menina salvar este Reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado Príncipe?

(Assinado) Peixinhos do mar⁷⁰¹

Afora as cartas, ainda se expõem o epitáfio da vespa que foi morta quando picou Narizinho; o convite da rainha das Abelhas para uma visita a seu reino, e o *borboletograma* de Emília com a resposta afirmativa; versos; o programa do circo montado pelas crianças, e o

⁷⁰⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 65.

⁷⁰¹ *Ibid.*, p. 100.

ingresso de \$1,00, feito especialmente para tia Nastácia e Dona Benta. Acompanhem-se as passagens em que tais modalidades textuais são acrescentadas à narrativa:

Em seguida apareceu uma [formiga] trazendo um leiteiro assim, que fincou num montinho de terra:

AQUI NESTE BURACO JAZ
 UMA POBRE VESPA ASSASSINADA
 NA FLOR DOS ANOS
 PELA MENINA DO NARIZ ARREBITADO.
 ORAI POR ELA!⁷⁰²

Na véspera chegara um maribondo mensageiro com um convite assim:

*Sua Majestade a Rainha das... dá a honra
 de convidar vocês todos para
 uma visita ao seu reino.*

Como o papelzinho estivesse rasgado num ponto, havia dúvida se o convite era da rainha das Vespas ou da rainha das Abelhas.⁷⁰³

⁷⁰² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 38.

⁷⁰³ *Ibid.*, p. 54.

[Emília] Agarrou uma borboleta azul que ia passando e rabiscou-lhe na asa, com um espinho, o seguinte:

*“Narizinho, a Condessa e o Marquês agradecem a honra do convite e prometem não faltar.”*⁷⁰⁴

E [Narizinho] dirigindo-se ao representante:

--- O Senhor Marquês não escreveu ainda uns versos para a sua amada noivinha?

--- Escreveu, sim --- respondeu o Vidro Azul, metendo a mão no gargalo e sacando um papelzinho. Aqui estão eles.

E recitou:

Pirolito que bate bate,

Pirolito que já bateu,

Quem adora o Marquês é ela,

*Quem adora Emília sou eu.*⁷⁰⁵

⁷⁰⁴ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 54.

⁷⁰⁵ *Ibid.*, p. 90.

E o menino assim fez. Escreveu um lindo convite [para o espetáculo circense montado no sítio] numa folha de papel de seda, picou o papel em mil pedaços e subiu à mais alta pitangueira do pomar para jogá-los ao vento lá de cima. E jogou em verso, porque o Vento, o Ar, o Fogo e outras forças da natureza só devem ser falados em verso.

Vento que vento frade,

Estas cartas levade,

Norte, sul, leste, oeste,

E direitinho, senão...

*Temos complicação!*⁷⁰⁶

GRANDE CIRCO DE ESCAVALINHO

eqüestre e pedestre dirigido por

PEDRO MALAZARTE ESCAVALINHO DA SILVA

No Sítio do Picapau Amarelo

—————
A famosa Emília correrá no seu cavalo de rabo de pena

—————
O incrível homem que come fogo e engole espadas.

—————
O célebre palhaço Sabugueira

(rir, rir, rir ...)

A monumental pantomima O FANTASMA DA ÓPERA

—————
O espetáculo terminará com uma sensacionalíssima SURPRESA

Os espectadores terão direito a uma cocada ou um pé-de-moleque

da célebre doceira ANASTAZIMOVA

HOJE

HOJE

HOJE

VER PARA CRER

Preços: cadeiras: Um Cruzeiro; arquibancadas: 10 centavos

Observação: é expressamente proibido entrar por baixo do pano⁷⁰⁷

⁷⁰⁶ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 233-234.

C. de E.

Cadeira reservada\$1,00⁷⁰⁸

Não há dúvida de que a idéia é proporcionar efeitos variados com as próprias palavras. A tendência ao figurativo e ao material, própria da linguagem lobatiana, já se sabe, foi largamente apontada nesta tese, particularmente no que diz respeito ao uso das onomatopéias e suas possibilidades de evocação sonora. Cabe falar ainda, reforçando a dimensão gráfica da palavra, de outros recursos ativados para simular diferentes tons de voz. É o caso da caixa alta para figurar a voz alta, gritada. Acompanhe-se o diálogo mantido por Narizinho e Emília tão logo a boneca começa a falar:

--- Que boneco, Emília?

--- O tal Polegada que furava bolos e você escondeu numa casca bem lá no fundo. Começou a procurar e foi sacudindo as cascas uma por uma para ver qual tinha boneco dentro. E tanto procurou que achou. E agarrou na casca e foi saindo com ela debaixo do cobertor...

--- Da mantilha, Emília!

--- Do COBERTOR.

--- Mantilha, boba!

--- COBERTOR. Foi saindo com ela debaixo do COBERTOR e eu vi e pulei para cima dela. Mas a coroca me unhou a cara e me bateu com a casca na cabeça, com tanta força que dormi. Só acordei quando o Doutor Cara de Coruja...

--- Doutor Caramujo, Emília!

--- Doutor CARA DE CORUJA.⁷⁰⁹

⁷⁰⁷ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 232.

⁷⁰⁸ *Ibid.*, p. 235.

⁷⁰⁹ *Ibid.*, p. 28.

Há também palavras escritas com hífen para figurar a fala pausada, mas com tom irônico. O principal exemplo está numa fala de Pedrinho, dirigida a Dona Benta:

--- Que pena! --- murmurou o menino fazendo bico. Não fosse a tal sa-be-do-ri-a da vida, que nunca vi mais gorda, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a história do *Pinocchio*. Mas, não! Temos de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente --- *nhen, nhen, nhen...*⁷¹⁰

Observe-se, na passagem abaixo, a utilização de um outro recurso gráfico, os asteriscos, na construção do sentido da fala de Emília:

--- Quero ser a Condessa de Três Estrelinhas! Acho lindo tudo que é de Três Estrelinhas --- a cidade de***, o ano de ***, o duque de ***, como está naquele romance que Dona Benta vive lendo.⁷¹¹

Perceba-se, também, como a cena da conversa de Emília com o cavalinho de madeira ganha um encanto especial com os pontos de interrogação nos turnos de fala dele. Os sinais indicam as manifestações do brinquedo, as quais só a boneca parece entender, numa situação bastante conhecida pelos pequenos leitores:

⁷¹⁰ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 199.

⁷¹¹ *Ibid.*, p. 36.

--- Boa? Está muito enganado. Mais malvada que ela [tia Nastácia] só o Barba Azul. (...). Mata patos, mata perus, mata camundongos --- não há o que não mate. Outro dia, no Natal, a diaba assassinou um irmão de Rabicó, tão bonitinho! Pegou naquela faca de ponta que mora na cozinha e --- *fuct!* Enfiou dentro dele, até no fundo. E pensa que foi só isso? Está enganado! Depois pelou o coitadinho numa água bem fervendo e assou o coitadinho num forno tão quente que nem se podia chegar perto.

--- ?

--- Como não? Você não é melhor do que os frangos, perus e leitões. Essa é uma das razões por que quero ir-me embora: para tirá-lo daqui antes que a malvada o mate e asse no forno. Que pena não ser você grande como o cavalo de Tróia!...

--- ?

--- Para quê? É boa. Para dar um coice de Tróia no nariz dela.⁷¹²

O uso inovador do registro escrito, portanto, consubstanciado na exploração de seu arranjo visual na página, ajuda os leitores a preencherem os vazios do texto. Também a escrita convencional proporciona belíssimos efeitos figurativos. Trata-se do poder das imagens sugeridas pelas palavras nas descrições do livro. A descrição mais importante que se pode referir é sem dúvida a do vestido de casamento de Narizinho. O resultado estético obtido por Monteiro Lobato nesse especialíssimo trabalho lingüístico talvez seja impossível de ser alcançado num outro código artístico. Leia-se a passagem:

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda, nada! Feito de cor --- e cor do mar! Em vez de enfeites conhecidos --- rendas, entremeios, fitas, bordados, plissés ou vidrilhos, era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só, mas de todos os peixinhos --- os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios

⁷¹² Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 209-210.

de barba movediços --- todos, todos!... Foi ali que Narizinho viu como eram infinitamente variadas a forma e a cor dos habitantes do mar. Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias não estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor-do-mar como se nadassem n'água. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura da menina apertou e ela pôs-se a chorar. (...)

O mais lindo era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furtar-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim...⁷¹³

A idéia de trabalho lingüístico singular apontada acima decorre da simultaneidade de percepções que a passagem proporciona. Não se tem apenas o efeito plástico, mas também o cinético, pois a intenção básica é dar a idéia do movimento incessante dos peixinhos coloridos e multiformes no vestido. É necessário dizer que Monteiro Lobato consegue isso, porque *anima* a exposição, principalmente nas comparações, e não descreve meramente o vestido, mas narra como Narizinho enxerga tamanha beleza:

Alguns [peixinhos] davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse o menor dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção.

As algas ondeavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes sem nunca tocá-los nem com a pontinha do rabo. De

⁷¹³ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 113-114.

modo que tudo aquilo virava e mexia e subia e descia e corria e fugia e nadava e boiava e pulava e dançava que não tinha fim...

Compreende-se, com tal empenho literário de Lobato, o que Anatol Rosenfeld afirma sobre a matéria em discussão:

Se Lessing recomenda, no ensaio acima citado [*Laocoonte*], a dissolução da descrição em narração porque a palavra, recurso sucessivo, não pode apreender adequadamente a simultaneidade de um objeto, ambiente ou paisagem (que a nossa visão apreende de um só relance), o que no fundo exige é a presença de personagens que atuam. Homero, em vez de descrever o traje de Agamenon, narra como o rei se veste, e em vez de descrever o seu cetro, narra-lhe a história desde o momento em que Vulcano o fez. Assim, o leitor participa dos eventos em vez de se perder numa descrição fria que nunca lhe dará a imagem da coisa.⁷¹⁴

Uma visualidade interessante, diga-se, e que igualmente envolve o leitor, é construída na apresentação das fábulas, transformadas pela presença das personagens principais do núcleo lobatiano. Essa presença, no caso, dá-se na forma da constituição de uma platéia que assiste, no País-das-Fábulas e ao lado do fabulista La Fontaine, ao desenrolar de grande parte do enredo de duas narrativas muito conhecidas, para finalmente interagir com as personagens dessas histórias. As fábulas referidas são O lobo e o cordeiro, e A cigarra e a formiga. A linguagem narrativa dessa parte, pois, coloca as personagens das fábulas e suas ações como pertencentes a um teatro que é visto pelos seres lobatianos, pelo Senhor de La Fontaine e pelos receptores, os quais se irmanam aos espectadores ficcionais no acompanhamento das histórias. Leia-se uma passagem da primeira apresentação:

⁷¹⁴ Antonio CANDIDO et al., *A personagem de ficção*, p. 28.

--- É o lobo! --- cochichou Peninha. Vai devorar o cordeirinho da fábula.

--- Que judiação! --- exclamou a menina com dó. Não deixe, Pedrinho. Jogue uma pedra nele.

--- *Psiu!* Fez Peninha. Não atrapalhem a fábula. O Senhor de La Fontaine lá está, de lápis na mão, tomando notas.

O lobo chegou-se para junto do carneirinho e disse, com a insolência própria dos lobos ...⁷¹⁵

A manifestação da personagem Peninha é a típica reação do espectador que não quer nenhum empecilho para assim poder fruir a história encenada. Com tal modo de organizar o discurso, portanto, as personagens lobatianas e o leitor parecem estar prontos para *ver*, mais do que ler, as peripécias dos seres da fábula. A mesma impressão é construída na exposição da segunda fábula citada. Acompanhe-se um trecho desta:

Nisto a fábula da cigarra e da formiga principiou de novo.

--- *Pss!* Fez o fabulista. Silêncio, agora. Vamos ver se é mesmo como eu escrevi.

Todos se calaram, imóveis em roda do formigueiro. A célebre cigarra tuberculosa, que tossia, tossia, vinha chegando, embrulhada no seu xalinho esfarrapado. Vinha de rastos, como quem está nas últimas, a morrer de fome e frio. Parando à porta do formigueiro, bateu --- *toque, toque, toque.*

--- Como ela bate direitinho! Murmurou Emília. Bate tal qual uma gente.⁷¹⁶

Emília parece mesmo elogiar a atuação da cigarra “atriz”, tão forte é a ilusão criada pelo discurso. Sabe-se que, no desenvolvimento dessa parte do livro, La Fontaine e a boneca intervêm e alteram os finais conhecidos das histórias. Antes que isso aconteça, contudo, o discurso desenvolvido no livro estudado simula uma recepção visual dessas fábulas pelas personagens lobatianas, renovando a forma de expor o conteúdo de velhas histórias.

⁷¹⁵ Monteiro LOBATO, *Reinações de Narizinho*, p. 261.

⁷¹⁶ *Ibid.*, p. 268.

Relaciona-se com essa análise da linguagem narrativa lobatiana, a reflexão de Alice Áurea Penteado Martha sobre a fábula apresentada em *Reinações*:

... em *Reinações de Narizinho*, com o auxílio do menino invisível e do pó de pirlimpimpim, elas [as crianças do Sítio] chegam ao país das fábulas para observar in loco, e com o acompanhamento do escritor francês, o desenrolar das desventuras da cigarra. Mas se ao ouvirem a fábula contada por Dona Benta as crianças apenas opinam, ali, no mundo das fábulas, a ação é que vai fazer a diferença. Também a estrutura desta narrativa é mais elaborada, uma vez que, num processo de “bricolage”, duas histórias caminham intercaladas: as aventuras das crianças fora do Sítio e os fatos da fábula tradicional.⁷¹⁷

A expressão escrita de uso inventivo e a linguagem narrativa sofisticada atingida por Lobato, como se constata, compensam amplamente a presença exígua da ilustração em *Reinações de Narizinho*. Privilegiando as possibilidades do signo verbal no diálogo com a criança, o escritor cumpre o propósito manifesto em sua carta a Godofredo Rangel e confirma sua maturidade como ficcionista.

⁷¹⁷ Alice Áurea Penteado MARTHA (2001) Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira. <http://www.cuatrogatos.org/7monteirolobato.html>. Acesso em: 26 mar 2005.

Considerações finais: Compatibilidade de intenção e realização

Ao longo deste estudo apontaram-se particularmente os resultados do empenho de Monteiro Lobato no sentido de realizar a proposição manifesta a Godofredo Rangel, na carta escrita em 1931. Desse modo, cabe, nesse momento, recuperar os principais fatos que confirmam a efetivação de seu pensamento relacionado à composição do volume *Reinações de Narizinho*.

A *originalidade* de *Reinações* se confirma, em primeiro lugar, em razão de o livro fazer nascer uma obra inteiramente nova com a reunião das histórias anteriormente publicadas em separado: Narizinho Arrebitado, O Marquês de Rabicó, O noivado de Narizinho, Aventuras do Príncipe, O Gato Félix, A cara de coruja, O irmão de Pinocchio, O circo de escavalinho, A pena de papagaio, O pó de pirlimpimpim. Afora isso, as narrativas são reescritas na integração, passando por profundas transformações, até que o escritor encontre a forma mais adequada de dar conta das situações que quer comunicar.

A *originalidade* também se constata pelo fato de o volume não ter similares mesmo nos anos 30 do século passado, algo que é reconhecido pelas próprias crianças, nas inúmeras cartas endereçadas a Lobato. O escritor cultivava seu público desde a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, e o atendimento aos anseios dos leitores, além de propiciar satisfação ao autor e aos receptores, conquista a fidelidade dos infantes. Verifica-se a *originalidade* de *Reinações* ainda quando se pensa que nesse livro é que o autor realmente mobiliza seu potencial criativo.

Além da consolidação em volume único das narrativas em questão, o autor consolida o livro *Fábulas*, em 1922; edita *As aventuras de Hans Staden*, em 1927, e *Peter Pan*, em 1930. Como já se observou, faz-se menção aos livros cujas histórias se fixam nas datas citadas. Está claro que o gênio de Lobato mostra-se inclusive nesses volumes, mas não são produções originais lobatianas. Nessas obras, o escritor realiza primordialmente um trabalho de adaptação de histórias já existentes. Nos episódios de *Reinações*, ainda que surjam muitas personagens não-lobatianas, elas vivem aventuras diferentes daquelas experimentadas em suas fontes originais, ou seja, elas vivem aventuras criadas por Monteiro Lobato.

Quanto à *consolidação* das histórias que compõem o livro, de fato, no ano de 1931, fecha-se o ciclo de reescrita da narrativa publicada em 1920, e se fixa o texto, agora integrado aos demais, citados acima, publicados em anos subsequentes. A idéia de *consolidação* exposta

por Lobato também valida a consideração de *Reinações de Narizinho* como o livro que marca a maturidade do artista. O manifesto permite que se veja o livro como um divisor de águas na ficção infantil lobatiana, e a produção anterior, uma experimentação, um exercício em que o escritor afina os meios de sua escrita. Os julgamentos críticos que a obra vem recebendo no decorrer dos anos e o próprio desenvolvimento desta tese confirmam a consideração de Lobato.

No que diz respeito às *melhorias*, pôde-se verificar que o caráter didático de *Narizinho Arrebitado*, de 1921, possui um fundo mercadológico, e, embora exista o aspecto pedagógico na narrativa, também há o desejo de ultrapassá-lo, ao se oferecer à criança muito mais a prosa de ficção do que a utilitária.

No tocante a certos temas ou conteúdos presentes no universo imaginário criado por Lobato, demonstrou-se, no cotejo, que o autor substitui os elementos típicos da prosa para adultos, como os motivos amorosos e sangrentos de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, pela leveza e comicidade de motivos mais ajustados ao que a criança vivencia, encontrados no primeiro capítulo de *Reinações de Narizinho*, *Narizinho Arrebitado*, o que mais diretamente corresponde à história primitiva. Em lugar da adesão da narrativa à fórmula dos contos de fadas, em *Reinações* tal esquema é ironizado e contestado. Confirma-se, nesse aspecto, a melhora sensível da escrita lobatiana na direção de um diálogo efetivo com o pequeno leitor. A criança consegue identificar situações próprias de sua experiência na história e pode realmente fruir essa ficção.

Quanto às *melhorias* envolvendo os mecanismos de construção do narrar, na comparação das técnicas narrativas praticadas, demonstrou-se que em *Reinações de Narizinho* o discurso se acomoda para dar conta do que é característico da criança, não existindo a preocupação com limites lógicos na experiência do maravilhoso, mas unicamente com a lógica do texto. Em *Reinações* também, apesar de a tonalidade oral ser preservada com a mesma intenção de voltar o discurso para o leitor, inclusive, como acontece em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, esta não sacrifica a contenção exigida pelo contar em sua forma escrita. As *hiponidades*, falas de personagens com pendor narrativo, são mais frequentes em *Reinações* e tal recurso, por ampliar o estatuto dos seres ficcionais, instituindo-os como narradores de eventos, pode desempenhar um papel decisivo nos próprios rumos da história contada.

No âmbito dos recursos lingüísticos, as *melhorias* que se constataram no léxico de *Reinações* assinalam a conquista da propriedade da expressão. O emprego apropriado e

preciso das palavras dá-se na forma da simplificação vocabular, da seleção de palavras figurativas capazes de enriquecer a recepção e da criação de novos termos. No aperfeiçoamento do arranjo sintático, obtém-se o período enxuto. Eliminam-se as construções marcadas por longas enumerações, pelo uso excessivo de adjetivos, pela redundância, pelas abstrações, pelos atavios formais. Incorpora-se a linguagem de extração brasileira popular no arranjo sintático da frase em substituição às construções de uso corrente em Portugal, presentes em *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Também as marcas da recriação do falar português de algumas passagens desse livro são trocadas em *Reinações* para que ganhem traços do falar próprio do Brasil.

Na verificação das *melhorias* atinentes à introdução de personagens, pôde-se confirmar a notável melhora realizada na apresentação de Dona Benta em *Reinações de Narizinho*. Resulta da reescrita uma personagem positiva, distinta da figura grotesca e caricatural apresentada no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Por isso, são maiores as chances de a personagem em *Reinações*, já na abertura do livro, angariar a simpatia dos pequenos leitores.

A apresentação de Narizinho também se aperfeiçoa na reescrita e, em *Reinações*, fixam-se-lhe as prerrogativas próprias de protagonista de fato. Assim, na reescrita operam-se mudanças de maneira a conferir-lhe qualidades e a atribuir-lhe a iniciativa em ações, as quais, no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, são encetadas por seus companheiros de cena. Na apresentação da personagem Emília em *Reinações*, chama a atenção o fato de se considerar a boneca como uma “pessoa”: “Na casa ainda existem *duas pessoas* – *tia Nastácia*, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e *Emília* ...”.

Não se distingue, pois, a boneca das outras personagens representativas de seres humanos da história: Dona Benta, Narizinho, tia Nastácia. Notou-se que se introduz a personagem com naturalidade em *Reinações de Narizinho* e o expediente descrito, verificou-se, substitui com vantagens as formas de tratamento cerimoniosas e artificiais da escrita primeira, “Excelentíssima Senhora Dona Emília” e “Sra. Dona Emília”. Diz-se que a aceitação da personagem boneca como uma pessoa pelo leitor criança ampara-se, sem dúvida, na maneira como Monteiro Lobato organiza sua ficção. A forma de introduzir Emília na narrativa é apenas o primeiro de uma série de achados relacionados à configuração da personagem na estrutura de seus textos, tornando-a, possivelmente, o maior êxito da literatura infantil brasileira.

Outras alterações na escrita primitiva indicam a intenção de consolidar o episódio “Reino-das-Águas-Claras”, em *Reinações de Narizinho*, como uma experiência vivida em meio a elementos e seres marinhos, e não fluviais, esses últimos priorizados no volume *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Embora tudo tenha início às margens de um ribeirão nos dois livros, há, na escrita definitiva, a disposição de propor a vivência de uma aventura no fundo do mar predominantemente, em que se transfiguram as águas doces do riacho do sítio e se alcança o ambiente do oceano.

A consolidação do ambiente marinho na escrita definitiva pode ser explicada, primeiramente, como um meio de se criarem personagens variadas, diferentes, inspiradas na fauna fantástica e misteriosa do oceano. Por outro lado, pode-se pensar na visão avançada de Monteiro Lobato como produtor e divulgador de arte indicando a necessidade de se universalizar a história narrada, e contá-la com o apoio de seres ficcionais mundialmente conhecidos e não apenas familiares às crianças brasileiras.

Relaciona-se ainda ao comentado intento de universalização a entrada de uma personagem dos contos de fadas na história contada em *Reinações*, o Pequeno Polegar, e a menção, feita pelas personagens Dona Carochinha e Dona Aranha, a outras personagens mundialmente conhecidas: Aladim, Bela Adormecida, Gato-de-Botas, Marquês de Carabas, Gato Félix, Branca-de-Neve, Pinocchio, Cinderela.

Comprovou-se ainda, no esforço de Monteiro Lobato de consolidar, em *Reinações de Narizinho*, personagens realmente caras e ajustadas às crianças, a eliminação de certas criaturas ficcionais da narrativa primitiva. A atuação delas, por estar relacionada a aspectos do universo prioritariamente adulto, não estabelece quase nenhum vínculo com a experiência infantil e dificilmente atende a uma provável expectativa desse público, caso do vilão Escorpião Negro e do capitão Gafanhoto, chefe desleal da guarda do Príncipe Escamado.

É indispensável, mais uma vez, agora nas palavras finais do trabalho, ratificar o acerto na introdução da baratinha contadora de histórias, Dona Carochinha. Imensamente mais apropriada do que a personagem atacada pela rã verdolenga da versão primitiva, o pai-barata moribundo, ela é um ente ficcional não-lobatiano bastante conhecido dos livros para crianças no Brasil, como os de Figueiredo Pimentel, em que se narram os contos de fadas de tradição européia. A personagem, no entanto, surpreende o leitor na atuação e por acrescentar fatos inteiramente novos às experiências das célebres criaturas de suas histórias.

Dona Carochinha entra na narrativa com a função de ocupar também o lugar do vilão Escorpião Negro de *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Provam tal percepção, a rivalidade que mantém com a protagonista Narizinho e a agressão à Emília, denunciada pela boneca assim que começa a falar.

A baratinha, portanto, acumula elementos que a definem como antagonista, mas, ao contrário do vilão da narrativa primeira, assustador, sombrio, traidor, ela cativa por ter características mais adequadas para serem recebidas pela criança: a implicância, a inconveniência, a desfaçatez. Propicia, por isso, momentos impagáveis na história, fixando-se como uma das vilãs mais famosas da obra infantil lobatiana.

Dona Aranha erige-se em personagem de destaque, é referida num dos subtítulos do primeiro capítulo, e tem seu estatuto de personagem ampliado em *Reinações de Narizinho*, passando a envolver consideravelmente o leitor com os eventos narrados a Narizinho. Firma-se também como uma costureira com ateliê próprio, recebendo a ajuda, nesse ofício, das seis filhas aranhas. Confirma-se, assim, a realização plena do propósito lobatiano de melhorar a narrativa, também no que se refere à apresentação de personagens.

Quanto aos *aumentos* mencionados por Lobato, diz-se que, para compreender essa idéia, é importante lembrar que no esforço básico de unificação das várias histórias há, seguramente, a realização de acréscimos às primeiras versões. Não se pode verificar de fato os aumentos feitos, porque, com exceção de *A Menina do Narizinho Arrebitado*, reeditado nas condições já esclarecidas, os outros livros originais que passam a compor *Reinações de Narizinho* são inacessíveis para o manuseio exigido num trabalho de pesquisa e análise.

Comentou-se também que, à primeira vista, se associa à idéia dos *aumentos* declarada por Lobato o capítulo intitulado O Sítio do Picapau Amarelo, também integrante do volume *Reinações de Narizinho*. Esse capítulo, colocado logo depois do primeiro, Narizinho Arrebitado, é o único que aparentemente não retoma uma obra já publicada anteriormente em separado, levando à pressuposição de que poderia ter sido escrito e acrescentado à época da organização de *Reinações*. Verificou-se, no entanto, que o capítulo vem a ser, na verdade, o conteúdo parcial do livro *Narizinho Arrebitado*; portanto, já lançado em 1921.

Em decorrência do exposto, atingiu-se a percepção de que é obedecida, no arranjo dos capítulos de *Reinações*, a cronologia das publicações individuais: Narizinho Arrebitado corresponde ao livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, originalmente publicado em 1920; O Sítio do Picapau Amarelo associa-se a *Narizinho Arrebitado*, de 1921; O Marquês de Rabicó

vincula-se ao livro *O Marquês de Rabicó*, de 1922; O casamento de Narizinho corresponde a *O noivado de Narizinho*; Aventuras do Príncipe liga-se ao volume *Aventuras do Príncipe*; O Gato Félix é a reescrita do livro *O Gato Félix*; Cara de coruja correlaciona-se ao volume *A cara de coruja*, sendo os quatro últimos textos publicados no mesmo ano de 1928; O irmão de Pinocchio relaciona-se ao livro *O irmão de Pinocchio*; O circo de cavalinhos corresponde a *O circo de escavalinho*, vindas a público as duas últimas obras no mesmo ano de 1929; Pena de papagaio associa-se a *A pena de papagaio*, de 1930; e O pó de pirlimpimpim corresponde ao livro *O pó de pirlimpimpim*, de 1931.

Em face da impossibilidade, já apontada, de se compararem todas as narrativas primitivas com aquelas que são posteriormente reunidas em *Reinações de Narizinho*, acredita-se que os *aumentos* constituam ampliações esperadas num trabalho de unificação, de modo a garantir uma coesão satisfatória entre um capítulo e outro. Isso atesta, portanto, a prática do projeto declarado por Lobato.

Constatou-se que a vivência dos episódios pelas personagens integra verdadeiramente o livro. Ao mesmo tempo independentes e determinantes do texto maior, os episódios são o meio básico pelo qual Lobato realiza as *unificações* em *Reinações*, pois é sempre Narizinho quem vive as aventuras, as quais se vão justapondo umas às outras, dando origem a uma grande história em que a menina é a protagonista. Nessas experiências, variam as personagens que são definidoras do assunto de cada episódio, mas Lúcia está acompanhada preferencialmente de Emília, Pedrinho, Rabicó, Visconde de Sabugosa, Dona Benta e tia Nastácia.

Todos os acontecimentos partem invariavelmente do sítio e para lá convergem, e as motivações para as várias aventuras parecem sempre nascer do mesmo desejo inquebrantável de experimentar a fantasia, fundindo-a, de modo natural, com a realidade concreta. Tais recorrências ajudam a compreender o “fator de redundância” relacionado aos episódios, de que trata a teoria da narrativa, ou seja, a reiteração de elementos da estrutura ficcional, como os já citados personagens, espaço e temas, ao longo da cadeia de eventos narrados. Plenamente adequada à recepção infantil, pela noção de coerência que acrescenta ao texto, a redundância característica dos episódios institui-se como marca não apenas de *Reinações*, já se afirmou, mas da literatura infantil lobatiana globalmente considerada.

Liga-se a essa noção o conceito usado por Marisa Lajolo. Ela apropriadamente enxerga no *conceito de série* associado à ficção infantil do escritor um traço de modernidade, que ainda o leva a conquistar a fidelidade de seu público leitor:

Fortalecendo ainda mais o perfil moderno de Monteiro Lobato, seus livros infantis constituem uma série, ao que tudo indica fator relevante na conquista e manutenção do público: a repetição de um mesmo espaço e de um grupo constante de personagens parece um recurso eficiente quando o que está em jogo é a fidelidade dos leitores.⁷¹⁸

A série, no caso compreendida como a unificação de *Reinações de Narizinho* na forma do entrelaçamento de episódios, pelas possibilidades amplas de leitura que oferece, identifica o texto lobatiano com o modelo de narrativa de *composição aberta*. Esse tipo de composição, conforme explicam os teóricos Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, “corresponde a um tipo de ação (ou conjunto de ações) que carece de *desenlace*, desenrolando-se em episódios entre si conexionados de forma variada...”⁷¹⁹

Ressaltou-se que a aludida abertura da modalidade a que se associa *Reinações*, conforme se depreende do raciocínio dos teóricos citados, não prescinde, obviamente, de uma composição. Nessa, o critério de base é o que considera “desenvolvimentos subseqüentes”. Por isso se indicou e se reforçou a idéia de que as narrativas lobatianas constroem uma seqüência, em que os fatos novos necessariamente remetem aos já vividos para adquirir coerência. É oportuno retomar as observações de Marisa Lajolo sobre isso, fundamentada no conceito de série já referido:

Nesta linha, a obra infantil de Monteiro Lobato estende-se por muitos títulos, sempre mencionando outros livros, próprios e alheios, onde uma história faz referência a outra, sublinhando com isso o caráter circular de sua obra, conjunto de livros cuja leitura pode recomeçar infinitamente de qualquer ponto, como sucede hoje com hipertextos.⁷²⁰

Como a própria estudiosa lembra, recorde-se, tratando especificamente da organização de *Reinações de Narizinho*, pode ter sido a estrutura aberta desse livro a razão de o escritor

⁷¹⁸ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, p. 63.

⁷¹⁹ Carlos REIS e Ana Cristina M. LOPES, *Dicionário de teoria da narrativa*, p. 198.

⁷²⁰ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, p. 63.

Oswald de Andrade chegar a considerá-lo um *não livro*⁷²¹. Na investigação das formas com as quais objetivamente Monteiro Lobato alcança a conexão dos episódios que compõem a série de *Reinações de Narizinho*, o primeiro elemento abordado foi o atinente aos temas da história, na perspectiva do *conceito de série* abordado.

Desse modo, buscou-se responder à seguinte questão: como o escritor distribui ao longo do livro certas idéias apresentadas na narrativa primeira, *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Demonstrou-se, então, que os argumentos desse livro e as aventuras a eles associadas integram *Reinações* e dão origem a procedimentos que retomam, transformam e dão novos contornos às idéias da obra primitiva.

O segundo elemento estudado para a comprovação das *unificações* promovidas pelo escritor em *Reinações* foi a linguagem narrativa. Procedeu-se, primeiramente, ao tratamento da amarração dos episódios do livro. Confirmou-se que esta se cumpre tanto nos momentos em que o discurso literário está a cargo do narrador colocado no nível extradiegético - na nomenclatura genettiana, situação narrativa em que o produtor do discurso se coloca numa posição de exterioridade em relação à diegese-, como quando a narração se situa no âmbito do discurso das personagens, dentro da história, em nível intradieгético portanto, como ensina Genette. Nas duas situações, viu-se que preponderam referências a seres e a passagens de aventuras já vividas para, assim, se constituir a conexão dos episódios.

Como o sentido do vocábulo *unificações* usado por Lobato na carta a Godofredo Rangel seguramente também abrange a disseminação dos achados discursivos identificados no capítulo *Narizinho Arrebitado*, fez-se, na seqüência, o estudo do desenvolvimento da linguagem narrativa do livro a partir das idéias apresentadas no primeiro capítulo: a fusão real/maravilhoso, a tonalidade oral e as narrativas insertas nos discursos de personagens, com a investigação dos desdobramentos e da evolução desses recursos ao longo do volume.

A propósito da fusão real/maravilhoso, provou-se que a linguagem narrativa de *Reinações de Narizinho* afina-se pela lógica infantil mesmo quando a narração está sob a incumbência de alguém posicionado fora da história. Notou-se que essa é a razão de, por vezes, a onisciência apresentar-se matizada, de operar-se tão naturalmente o encontro do real e do mágico no livro, e de o condutor da narrativa dar constantes mostras de um voltar-se para seu receptor. O voltar-se do narrador para o receptor, diz-se, confere a tonalidade oral ao

⁷²¹ Marisa LAJOLO, *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*, p. 64.

discurso, outro achado da linguagem narrativa do primeiro capítulo que se desenvolve e se aprimora em *Reinações* como um todo.

Do intuito de Lobato de simular o contar de histórias oralmente em seus livros, demonstrou-se que se materializa a participação do ouvinte no acompanhamento das situações narradas, situação que conduz à introdução do narratário extradiegético. Essa introdução, acredita-se, responde a um desejo grande da parte do escritor de concretizar a interação que necessariamente a narrativa contém, mesmo quando a instância receptora não se materializa no discurso. Salientou-se que a correspondência obtida pelo escritor entre o narrador extradiegético e o narratário extradiegético é exatamente o que postula G. Genette, como a recuperação de seu pensamento o prova:

Como o narrador, o narratário é um dos elementos da situação narrativa, e coloca-se, necessariamente, no mesmo nível diegético; quer dizer que não se confunde mais, *a priori*, com o leitor (mesmo virtual) de que o narrador com o autor, pelo menos não necessariamente. (...)

O narrador extradiegético (...) outra coisa não pode senão visar um narratário extradiegético, que se confunde aqui com o leitor virtual, e a quem qualquer leitor real pode identificar-se. Esse leitor virtual é, em princípio, indefinido...⁷²²

Conclui-se, assim, que a presença do narratário extradiegético em *Reinações de Narizinho*, ou seja, a instância criada para funcionar como um leitor virtual, que pergunta e opina sobre os fatos da história contada no livro, provavelmente também simula a situação que Lobato anseia alcance identificação com os leitores reais e seja vivida na recepção real de sua obra. Para adquirirem sentido, portanto, os eventos apresentados pressupõem a intervenção inquiridora, franca e aberta dos pequenos leitores.

Depois dos aspectos relacionados à tonalidade oral da linguagem narrativa de *Reinações de Narizinho*, apontou-se a continuação do recurso de outorgar a narração aos seres ficcionais, as *hipounidades*, identificando o papel que essas narrativas podem desempenhar no desenrolar da história principal, bem como o apelo dos receptores a que podem satisfazer.

⁷²² Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 258-259.

Atingiu-se, então, a análise da evolução desse recurso em *Reinações de Narizinho*: as *narrativas metadieéticas*.

Essas narrativas, informou-se, dizem respeito aos discursos de personagens marcados por uma ação criativa mais ampla e sofisticada, em que seres e espaços são organizados com riqueza de atributos. A narração, nesse aspecto, se confunde com a principal, dando a impressão de que o narrador titular é a própria personagem, tamanho o obscurecimento do discurso extradiegético.

Com o amparo de G. Genette, diz-se que a narrativa *Reinações de Narizinho* é resultado de um ato literário que, num primeiro nível, o extradiegético, é levado a efeito por um narrador que não se nomeia. Falou-se, ainda, que todos os episódios contados por esse narrador formam uma primeira narrativa, em que as personagens Emília, o falso gato Félix, o Visconde de Sabugosa, bem como seus atos, se colocam no nível intradieético. Ocorre, apontou-se, que esses entes ficcionais intradieéticos também se responsabilizam por atos literários, de modo que os acontecimentos por eles contados são de segundo grau, ou metadieéticos.

Na exemplificação, procurou-se assegurar a demonstração do obscurecimento do narrador extradiegético em favor do intradieético, momento em que mais claramente se constata a evolução dos meios discursivos lobatianos. Priorizou-se o sexto capítulo de *Reinações*, O Gato Félix, já que é totalmente estruturado por narrativas metadieéticas. O receptor real, assim, faz-se acompanhar das personagens ouvintes na audição das histórias do gato, de Emília e do Visconde. Todas, salientou-se, revelam em sua estrutura elementos com alta potencialidade de envolver os receptores.

A narrativa organizada pelo gato que imaginavam ser o Félix conquista os ouvintes em grande parte por suas atitudes como protagonista da história, que lembram as de um pícaro, figura muito conhecida das narrativas populares. Como o Malasartes, “o burlão incorrigível e invencível, o sem escrúpulos que zomba de tudo e de todos que tentem cercear-lhe a vontade”⁷²³, o gato entretém a platéia com suas façanhas. Por tudo isso é que se enxergou na narrativa contada por ele, quanto à relação estabelecida com a história principal, a função de distração da abordagem genettiana.

Já a narrativa de Emília, que se segue a do falso gato Félix, no capítulo aludido de *Reinações de Narizinho*, obedece a fórmulas convencionais e consagradas das narrativas

⁷²³ Nelly Novaes Coelho, *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil*, p. 59.

maravilhosas. Viu-se que não se trata de um relato sobre sua vida, mas de uma história de “reis, príncipes e fadas”, como classifica Narizinho ao ouvir o início do enredo.

Notou-se que a história da boneca não firma uma relação de causalidade direta com a diegese, na qual as personagens do núcleo básico lobatiano estão às voltas com o mistério do desaparecimento dos franguinhos do galinheiro do sítio. Há, sim, o intuito de proporcionar mais um momento de fruição aos ouvintes por intermédio da delegação do ato literário a um ente ficcional intradieético com habilidade para tanto: Emília. Em vista disso, também nesse caso pôde-se identificar a função de distração quanto ao tipo de relação que poderia unir a metadiegesse à diegese.

Ainda se disse que o conteúdo dessa metadiegesse indica a coerência da postura de Monteiro Lobato no que respeita à composição da personagem Emília e à escrita de textos infantis. Embora exista no livro *Reinações de Narizinho* o intento de reinvenção dos enredos das narrativas maravilhosas, pelo ato literário de Emília o escritor mostra que, independentemente de qualquer renovação, os receptores são sempre sensíveis ao modo objetivo e direto de narrar.

A história do Visconde de Sabugosa, viu-se, é contada depois de o sábio juntar provas irrefutáveis da autoria dos ataques ao galinheiro do sítio. No decorrer das investigações do Visconde, o leitor desconfia do gato, mas tem a confirmação de sua responsabilidade no caso, interpretando, juntamente com os ouvintes intradieéticos, os fatos que o sábio apresenta em sua narrativa. É certo que o nome do culpado é apresentado ao final do relato pelo próprio Visconde. Chama a atenção, porém, o modo como o narrador diegético constrói, na reconstituição das andanças do felino, uma estrutura que tem por finalidade levar os ouvintes a fazer uma analogia com o que se passa presentemente no sítio, e fazê-los chegar, pelos exemplos fornecidos, à certeza quanto à identidade do autor dos delitos.

Destacou-se a coerência na designação da personagem para efetuar a narrativa. O Visconde de Sabugosa possui a sabedoria exigida do contador nessa modalidade de história, em que o objetivo do emissor do discurso não é revelar algo de pronto aos ouvintes, mas conduzi-los a atingir por si próprios a revelação. Por causa dessas características, cria-se uma relação entre a metadiegesse e a diegese que se julgou próxima da temática, prevista por G. Genette. O teórico afirma que a relação temática, quando é percebida pelos ouvintes, pode

“exercer uma influência na situação diegética”⁷²⁴. Em *Reinações*, a relação é explicitada pelo próprio narrador intradieético, no final de seu ato literário.

Confirma-se, assim, a sofisticação que os meios discursivos lobatianos alcançam em *Reinações de Narizinho*. Quando o escritor fala das *unificações* que empreende na composição do livro, na carta a Rangel, se refere não apenas à amarração dos episódios no discurso, mas à propagação e ao desenvolvimento das idéias que marcam as melhorias da linguagem narrativa dessa obra em relação a sua escrita preliminar. Resulta de tal processo de aprimoramento narrativo um texto ajustado à recepção da criança, em que os atos de viver e contar histórias se afinam pela lógica infantil e parecem não ter fim, irmanando leitores e personagens no acompanhamento das inúmeras aventuras, em pleno atendimento aos anseios mais profundos dos receptores. No que diz respeito às *unificações* no discurso, enfim, comprova-se plenamente a realização do plano.

Nas *unificações* envolvendo os processos lingüísticos em *Reinações*, enfatizou-se o acerto das escolhas lexicais do livro. Sob esse enfoque, foi possível identificar a coesão de alguns procedimentos básicos: o léxico popular, representado pelos vocábulos fortes e pelas expressões idiomáticas, e o léxico figurativo/criativo, representado pelas onomatopéias e pelos neologismos. Em todos eles sobressai a realização primordial de Lobato, ou seja, também do ponto de vista do uso da língua, o autor ajusta sua escrita em todo o livro de modo a corresponder aos anseios dos pequenos leitores.

A harmonia buscada pelo escritor Monteiro Lobato na articulação dos episódios do volume estudado é alcançada também no que respeita à apresentação das personagens. O procedimento vincula-se a uma possibilidade de leitura integradora das várias atuações das personagens na vivência das aventuras e que ainda abrange todo um período ou um ciclo da vida dos seres ficcionais, caso de Pedrinho e do Visconde de Sabugosa, dentro de uma lógica e uma ordem de acontecimentos sem dúvida importantes para os leitores preferenciais do livro.

Por fim, constatou-se que a expressão escrita de uso inventivo e a linguagem narrativa sofisticada atingida por Lobato compensam amplamente a presença exígua da ilustração no livro. Privilegiando as possibilidades do signo verbal no diálogo com a criança, o escritor também cumpre o propósito manifesto em sua carta a Godofredo Rangel de fazer de *Reinações* um *livro para ler, não para ver*. Como o escritor diz, vaidoso e entusiasmado ao

⁷²⁴ Gérard GENETTE, *Discurso da narrativa*, p. 232.

amigo, e com o amparo do percurso analítico que aqui se encerra, pode-se afirmar, sem dúvida: *Reinações de Narizinho* é um livro *estupendo*.

Referências bibliográficas

1. Obras de Monteiro Lobato

LOBATO, Monteiro. Por que Lopes se casou. *Revista do Brasil*, São Paulo, 11(44): 323-327, ago. 1919.

_____. *Prossigamos!*, de Luiz Rubano. *Revista do Brasil*, São Paulo, 12 (46): 175, out. 1919.

_____. Lúcia, ou a Menina do Narizinho Arrebitado. *Revista do Brasil*, São Paulo, 16(61): 42-50, jan.1921.

_____. Lúcia ou a Menina do Narizinho Arrebitado. *Revista do Brasil*, São Paulo, 16(62): 121-126, fev. 1921.

_____. *Gramática portuguesa*, de Firmino Costa. *Revista do Brasil*, São Paulo, 16 (64): 63, abr. 1921.

_____. *Reinações de Narizinho*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Viagem ao céu e O saci*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Caçadas de Pedrinho e Hans Staden*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *História do mundo para as crianças*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Memórias da Emília e Peter Pan*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Emília no país da gramática e Aritmética da Emília*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Geografia de Dona Benta*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

- LOBATO, Monteiro. *Serões de Dona Benta e História das invenções*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *D. Quixote das crianças*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *O poço do Visconde*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Histórias de tia Nastácia*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *O Pica-Pau-Amarelo e A reforma da natureza*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *O minotauro*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *A chave do tamanho*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Fábulas e Histórias diversas*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Os doze trabalhos de Hércules (1º Tomo)*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Os doze trabalhos de Hércules (2º Tomo)*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. (2ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Urupês*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Cidades mortas*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Negrinha*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *Idéias de Jeca Tatu*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. *A onda verde e O presidente negro*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre* (1^o e 2^o tomos). 8^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1^a série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Prefácios e entrevistas*. 8^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1^a série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Conferências, artigos e crônicas*. 9^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1957. (1^a série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Brasiliense, 1965. (1^a série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).

_____. *A Menina do Narizinho Arrebitado* (Edição fac-similar da 1^a edição do livro). São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982.

2. Obras sobre Monteiro Lobato

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília INL, 1982.

AMADO, Jorge. Livros infantis. *Revista Brasileira*, 6.1.1935.

_____. O contista Monteiro Lobato. DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. s.l.: Traço Editora, 1982. p. 55-56.

ANTUNES, Benedito (Editor). Monteiro Lobato faz 110 anos. *Proleitura*, Assis, 1 (1): 1-10, ago. 1992.

ATHAYDE, Tristão de. Monteiro Lobato – I. DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. s.l.: Traço Editora, 1982. p. 45-52.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de (2004). O nascimento de Narizinho e do Sítio do Pica-pau-amarelo. <http://www.nossahistoria.net/Default.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2005.

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

- BARBOSA, Francisco de Assis. Monteiro Lobato e o direito de sonhar. Posfácio de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (Edição fac-similar da 1ª edição do livro). São Paulo: Indústrias Metal Leve S.A. (José Mindlin), 1982.
- BARRETO, Plínio. Monteiro Lobato – *As Reinações de Narizinho*. *O Estado de S. Paulo*, 19.12.1931. Livros Novos.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Personagens infantis da obra para crianças e da obra para adultos de Monteiro Lobato: convergências e divergências*, 1999. 160 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNICAMP.
- _____. Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/cilza.html>. Acesso em: 10 abr. 2005.
- Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*. Número especial: Monteiro Lobato. São Paulo, v. 37, p.1-253, jul./dez. 1976.
- BOSI, Alfredo. Lobato e a criação literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, 43 (1/2): 19-33, jan./jun. 1982.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Prêmio grandes educadores brasileiros: monografias premiadas 1988*. Brasília: MEC/INEP, 1989. (1. Monteiro Lobato; 2. Heitor Villa-Lobos).
- BRERO, Caroline Elizabeth. *A recepção crítica das obras A Menina do Narizinho Arrebitado (1920) e Narizinho Arrebitado (1921)*, 2003. 263 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.
- CARVALHO, Fabília Aparecida Rocha de. *De Negrinha a tia Nastácia: um estudo sobre as personagens negras na obra de Monteiro Lobato*, 2001. 196 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Araraquara.
- CASTELLO, José Aderaldo. O biografado e seu biógrafo. *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965.
- CAVALHEIRO, Edgard. No sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11.1.1942.
- _____. Monteiro Lobato fala dos seus livros infantis. *A Gazeta*, São Paulo, 22.4.1943.

- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato – Vida e obra*. São Paulo: Edição da Companhia Distribuidora de Livros especialmente para a Companhia Editora Nacional, 1955. 2v.
- _____. Vida e obra de Monteiro Lobato por Edgard Cavalheiro. Prefácio de *Urupês*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957 (1ª série das “Obras Completas de Monteiro Lobato”).
- _____. Influência de Monteiro Lobato. *Ciência & Trópico*, Recife, 9 (2): 315-320, jul./dez., 1981.
- CECCANTINI, João Luís C. T. (Editor). Meio século sem Lobato. *Proleitura*, Assis, 5 (18): 1-12, fev. 1998.
- COELHO, Nelly Novaes. Monteiro Lobato e a ficção para crianças. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, 43 (1/2): 129-136, jan./jun. 1982.
- DRUMMOND, Maria Julieta. O pedido de casamento – Monteiro Lobato. *Correio da Manhã* (2ª Seção), Rio de Janeiro, 11.7.1948. Antologia de Contos.
- ÉLIS, Bernardo. Por que Monteiro Lobato trocou de nome. DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. s.l.: Traço Editora, 1982. p. 59-69.
- FARIA, Álvaro Alves de. Últimas frases de um Lobato cético e irônico. *O Estado de S. Paulo*, 22.09.2002, p. D5, Caderno 2/Cultura.
- FERRAZ, Brenno. Narizinho Arrebitado. *Revista do Brasil*, São Paulo, 17 (65): 156-157, maio de 1921.
- FREYRE, Gilberto. Monteiro Lobato revisitado. *Ciência & Trópico*, Recife, 9 (2): 155-167, jul./dez. 1981.
- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 13-30.
- HANSEN, Karla (2004). 6º Salão de Livros para Crianças e Jovens: Lygia Bojunga é a grande homenageada. <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materia.asp?seq=197>. Acesso em: 28 abr. 2005.
- HOHLFELDT, Antonio. Comparando Lobato com Lobato. ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 106-110.

- KLINKE, Karina. Um faz-de-conta das meninas de Lobato. LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 83-99.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.
- LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 15 (3): 15-22, set. 1982.
- _____. *Monteiro Lobato – A modernidade do contra*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Encanto Radical).
- _____. O regionalismo lobatiano na contramão do modernismo. *Remate de Males*, Campinas, (7): 39-48, 1987.
- _____. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- LIMA, Renata Vilanova; COELHO, Luiz Antonio Luzio. Análise qualitativa de composição da personagem Emília nas ilustrações de Le Blanc para o livro *Reinações de Narizinho* – Literatura infantil de Monteiro Lobato. XIV COLE – Congresso de Leitura do Brasil / II COHILILE – Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil. UNICAMP. 2003. As coisas. Que tristes são as coisas consideradas sem ênfase... São Paulo: Paulinas, 2003. v.1. p. 326-326.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; MELO, Márcio Araújo. Conversando sobre Lobato – Entrevista com Pedro Paulo Moreira. LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 125-134.
- LUIZ, Fernando Teixeira. O resgate da literatura universal em *Reinações de Narizinho*. IX Encontro Anual de Iniciação Científica: livro de resumos / Universidade Estadual de Londrina ... [et al.]; organização Ivan Frederico Lupiano Dias ... [et al.]. Londrina: Ed. UEL, 2000. p. 546.
- MAGALHÃES, Lúcia Cademartori. O Brasil levado a sério. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 15 (3): 23-28, set. 1982.

- MARÇOLLA, Rosangela. As histórias de tradição oral na obra infantil de Monteiro Lobato: análise folkmediática em *Reinações de Narizinho*. VI FOLKCOM – Conferência Brasileira de Folkcomunicação. São João da Barra. 2003.
- MARINHO, João Carlos. Conversando de Lobato. DANTAS, Paulo (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. s.l.: Traço Editora, 1982. p. 181-193.
- MARTHA, Alice Áurea Penteadó (2001). Monteiro Lobato e as fábulas: adaptação à brasileira. <http://www.cuatrogatos.org/7monteirolobato.html>. Acesso em: 26 mar. 2005.
- MARTINS, Milena Ribeiro Martins. *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica: o processo de escrita do conto lobatiano*, 1998. 129 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) UNIC AMP.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato*, 1972. 472 p. Tese (Doutorado em Letras) USP.
- MARTINS, Rosângela Alves de Lima. *A desmitificação dos mitos gregos e a mitificação das personagens de Monteiro Lobato*, 1994. 221 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. São José do Rio Preto.
- MARTINS, Wilson. Escândalo na biblioteca. *Ciência & Trópico*, Recife, 9 (2): 353-358, jul/dez., 1981.
- MENDES, Maria dos Prazeres S. Mendes. O processo de criação em Monteiro Lobato: De *A Menina do Narizinho Arrebitado* a *Reinações de Narizinho*. Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito e de Edições (4.: 1994: São Paulo) Gênese e Memória: [anais] do 4. Encontro Internacional do Manuscrito e de Edições / [organizador Philippe Willemart]. São Paulo: ANNABLUME: Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995.
- MERZ, Hilda Junqueira Villela et al. *Histórico e resenhas da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- Monteiro Lobato/* biografia por Ruth Rocha; panorama da época por Ricardo Maranhão; seleção de textos, contextualizações, notas, cronologias, características e exercícios por Marisa Lajolo. São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada).
- MOREIRA, José Carlos Barbosa. Apresentação de Monteiro Lobato. *Ciência & Trópico*, Recife, 9 (2): 303-311, jul/dez., 1981.

- MURALHA, Sidônio. *Um personagem chamado Pedrinho*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1970.
- NUNES, Cassiano. *A atualidade de Monteiro Lobato*. Brasília: Thesaurus, 1984.
- _____. *Monteiro Lobato e Anísio Teixeira: O sonho da educação no Brasil*. São Paulo: Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, 1986.
- _____. *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.
- _____. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.
- Os 100 livros brasileiros do século 20. <http://www.amigosdolivro.com.br/noticias.php?codNt=141&rnd=5492>. Acesso em 10 abr. 2005.
- PARRO, Eliara Silva Sant'Ana; SANTOS, Nílvio Ourives dos. A ruptura do tradicional em *Reinações de Narizinho*. SANTOS, Nílvio Ourives dos (Org.). *Repensando a literatura luso-brasileira*. Umuarama – Pr, 2003.
- PENTEADO, J. Roberto Whitaker. *Os filhos de Lobato: o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1997.
- PEREIRA, Maria Otilia Farto. *Reinações lexicais do homem do porviroscópio: Um estudo do vocabulário no Sítio do Picapau Amarelo*, 1999. 248 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.
- Reinações de Narizinho. <http://lobato.globo.com?html/narizinho.html>. Acesso em: 16 jul. 2004.
- RIBEIRO, Maria Augusta H.W. Um diálogo com *Reinações de Narizinho* de Monteiro Lobato. MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (Org.) *Alfabetização: o trabalho em sala de aula*. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 2000. p. 161-184.
- SANCHEZ, Amaury Mário Tonucci. Literatura infantil e libertação. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, 43 (1/2): 137-147, jan./jun. 1982.
- SANDRONI, Laura. *De Lobato a Bojunga; as reinações renovadas*. Rio de Janeiro: Agir, 1987.
- TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Clube do Livro, 1974.

VALE, Fernando Marques do. *A obra infantil de Monteiro Lobato: inovações e repercussões*. Lisboa: PortugalMundo Editora, 1994.

VIEIRA, Adriana Silene. *Um inglês no sítio de Dona Benta: estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana*, 1998. 124 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) UNICAMP.

_____. O livro e a leitura nos textos de Lobato. LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.). *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 45-64.

_____. Peter Pan: Uma leitura inglesa no Sítio do Picapau Amarelo. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Picapau>. Acesso em: 10 abr. 2005.

ZILBERMAN, Regina (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

3. Obras sobre literatura infantil

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

CADEMARTORI, Lúgia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

_____. *Panorama da literatura Infantil/Juvenil – Das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira (1882/1982)*. São Paulo: Quíron, 1983.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: Séculos XIX e XX*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. *O conto de fadas*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

- DUARTE, Lia Cupertino. *A morte: seu sentido e sua expressão em narrativas infanto-juvenis*, 1997. 116 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. São José do Rio Preto.
- FARIA, Maria Alice. *Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos realmente gostam*. São Paulo: Contexto, 1999.
- LAJOLO, Marisa ; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 2. ed. São Paulo: Global, 1982.
- ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.
- ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

4. Obras sobre história, teoria, crítica e técnica literárias

- ALVES, Manuel dos Santos. *Dicionário de Os Lusíadas*. [Portugal]: Parceria A. M. Pereira Lda., 1971.
- BAL, Mieke. Narration et focalisation: pour une théorie des instances du récit. *Poétique*, Paris, 8 (29): 107-127, fév. 1977.
- _____. Narration et focalisation. *Poétique*, Paris, 8 (29): 107-127, fév. 1977. (Trad. Mariluce Miraz de Freitas Grecco e Rev. de Durval Ártico).
- BARTHES, Roland. *Le degré zéro de L'Écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 1953.
- _____. *O grau zero da escritura*. Trad. De Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971.
- _____. *Análise estrutural da narrativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1971
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, São Paulo, 24 (9): 803-809, set. 1972.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira (História e Antologia)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: FFCL/USP, 1963.
- CASTELLO, José Aderaldo. *Método e interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965.
- CECCANTINI, João Luís C. T. (Editor). Contar histórias. *Proleitura*, Assis, 4 (12): 1-12, fev.1997.
- FANTINATI, Carlos Erivany. Recursos fundamentais para um contador de histórias. *Proleitura*, Assis (12): 4-5, fev. 1997.
- FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, s.d.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.
- LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LIMA, Yone Soares de. *A ilustração na produção literária – São Paulo – década de vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1985.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1986.
- PAIVA, Denise Maria de. *As categorias da literatura brasileira na Revista do Brasil - 1916-1919* (Contribuição para o estudo do pré-modernismo), 1992. 353 p. 2v. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.
- PATI, Francisco. *Dicionário de Machado de Assis: história e biografia das personagens*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.

- PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Buriti, 1965.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1991.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TAVARES, Paulo. *Criaturas de Jorge Amado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1985.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- _____. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1973.

5. Outras obras

- BATALHA, Ladislau. *História geral dos adágios portugueses*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1924.
- CABRAL, João Crisóstomo da Rocha. *Reforma Ortográfica: A ortografia simplificada e a Constituição Federal*. Rio de Janeiro: Marisa Editora, 1935.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, Marcos Vinícius. Escola Nova no Brasil. http://www.educ.pb.gov.br/cee/Artigos/nova_esc.asp. Acesso em 22 jul.2004.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.

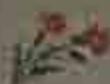
Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm>.

Acesso em 22 jul. 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. rev. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.

Anexos

- Cartas dos pequenos leitores endereçadas a Monteiro Lobato, com opiniões sobre o livro *Reinações de Narizinho* principalmente
- Seleção feita por Lobato das cartas a ele enviadas
- Artigos sobre o livro *Reinações de Narizinho*
- Ilustrações de André Le Blanc para a 6^a edição de *Reinações de Narizinho* (1956)



Carta de 22-5-1932

M. de S. M.

Monsieur le Ministre

Capitaine

Monsieur le Ministre

Je vous prie de bien vouloir agréer mes
 très respectueuses salutations et de vouloir bien
 agréer mes remerciements pour l'envoi de
 votre rapport sur les travaux effectués
 pendant le voyage de Paris à Bordeaux
 et de vouloir bien agréer mes
 assurances de haute estime et de haute
 reconnaissance.

Très respectueusement,
 M. de S. M.

1. *Utricularia*
 2. *Utricularia*
 3. *Utricularia*
 4. *Utricularia*
 5. *Utricularia*
 6. *Utricularia*
 7. *Utricularia*
 8. *Utricularia*
 9. *Utricularia*
 10. *Utricularia*
 11. *Utricularia*
 12. *Utricularia*
 13. *Utricularia*
 14. *Utricularia*
 15. *Utricularia*
 16. *Utricularia*
 17. *Utricularia*
 18. *Utricularia*
 19. *Utricularia*
 20. *Utricularia*
 21. *Utricularia*
 22. *Utricularia*
 23. *Utricularia*
 24. *Utricularia*
 25. *Utricularia*
 26. *Utricularia*
 27. *Utricularia*
 28. *Utricularia*
 29. *Utricularia*
 30. *Utricularia*
 31. *Utricularia*
 32. *Utricularia*
 33. *Utricularia*
 34. *Utricularia*
 35. *Utricularia*
 36. *Utricularia*
 37. *Utricularia*
 38. *Utricularia*
 39. *Utricularia*
 40. *Utricularia*
 41. *Utricularia*
 42. *Utricularia*
 43. *Utricularia*
 44. *Utricularia*
 45. *Utricularia*
 46. *Utricularia*
 47. *Utricularia*
 48. *Utricularia*
 49. *Utricularia*
 50. *Utricularia*
 51. *Utricularia*
 52. *Utricularia*
 53. *Utricularia*
 54. *Utricularia*
 55. *Utricularia*
 56. *Utricularia*
 57. *Utricularia*
 58. *Utricularia*
 59. *Utricularia*
 60. *Utricularia*
 61. *Utricularia*
 62. *Utricularia*
 63. *Utricularia*
 64. *Utricularia*
 65. *Utricularia*
 66. *Utricularia*
 67. *Utricularia*
 68. *Utricularia*
 69. *Utricularia*
 70. *Utricularia*
 71. *Utricularia*
 72. *Utricularia*
 73. *Utricularia*
 74. *Utricularia*
 75. *Utricularia*
 76. *Utricularia*
 77. *Utricularia*
 78. *Utricularia*
 79. *Utricularia*
 80. *Utricularia*
 81. *Utricularia*
 82. *Utricularia*
 83. *Utricularia*
 84. *Utricularia*
 85. *Utricularia*
 86. *Utricularia*
 87. *Utricularia*
 88. *Utricularia*
 89. *Utricularia*
 90. *Utricularia*
 91. *Utricularia*
 92. *Utricularia*
 93. *Utricularia*
 94. *Utricularia*
 95. *Utricularia*
 96. *Utricularia*
 97. *Utricularia*
 98. *Utricularia*
 99. *Utricularia*
 100. *Utricularia*

Luquinos
Luís Magalhães
29-2-31

Querido Sr. Monteiro Lobato

Gosto muito dos seus livros, principalmente de "Reinados de Nasirinho", "Novos Reinados", "O Dinheiro", "Válgem ao céu", "História do Mundo para as crianças" e "O Rei Pim". São os meus prediletos porque tratam de aventuras fantásticas cheias de seres sobrenaturais que não entanto fazem-me crer que existem realmente.

Espero que o Senhor logo escreva mais para nós.

Estou lendo um ^{livro} alemão da coleção de "Bertha Wunderbücher", mas que foi tirado do inglês "Green Magic" por John Lossen Henly.

Gostaria muito que o Senhor o inserisse para o português, para que todas as crianças paulistas o possam apreciar também.

Tenho dez anos, gostaria tanto de conhecer o Senhor pessoalmente.

Quisa, o Sr. Lobato, aceitar um grande abraço de um pequenino grato

Jagor Björnsberg

quarta, quando fosse obrigado de mais longe, como não
a indolência plena de sair.

Fazêi tanto, e ainda não me apresentei. Chamou-me muito, mas
de novo e não se deu alguma forma de presença a quem se
alarga, vários cantadas e outros, tem mais - não se deu, de
de não, como se vissemos não somente, que não quer sair
a não respeito.

Quando que comecei a ler suas "resolvi" e não tenho
escrito, isso em oito anos! Vejo por aqui e lá, com o tempo, por
verificar que não há mais alguma coisa é preciso dar-se tal
coisa - e o que "marcar" escrito, eis tudo.

Se não fosse no dever de ser. Não, não há mais
e não há mais. Não há mais. Não há mais. Não há mais.
Não há mais. Não há mais. Não há mais. Não há mais.
Não há mais. Não há mais. Não há mais. Não há mais.
Não há mais. Não há mais. Não há mais. Não há mais.

Quando que comecei a ler suas "resolvi" e não tenho
escrito, isso em oito anos! Vejo por aqui e lá, com o tempo, por
verificar que não há mais alguma coisa é preciso dar-se tal
coisa - e o que "marcar" escrito, eis tudo.

Quando que comecei a ler suas "resolvi" e não tenho
escrito, isso em oito anos! Vejo por aqui e lá, com o tempo, por
verificar que não há mais alguma coisa é preciso dar-se tal
coisa - e o que "marcar" escrito, eis tudo.

Quando que comecei a ler suas "resolvi" e não tenho
escrito, isso em oito anos! Vejo por aqui e lá, com o tempo, por
verificar que não há mais alguma coisa é preciso dar-se tal
coisa - e o que "marcar" escrito, eis tudo.

S Paulo, 29 de Setembro de 1944

Monteiro Lobato

É de li o seu livro "Peregrinações ao Tempo" e tem dois capítulos de Emilia Lima quando ela perde o "Ungem ao Céu" e parte para o céu. E quando ela vê a história da Ananda para as crianças não parte, não tem graça. Eu tenho já li o "Chamado do Jambanto" mas não toda em ordem certa.

Agora eu vou fazer dos personagens de seu livro.

A Emilia é a que fazes mais do "Ungem ao Céu", e foi ela que alçou o "Chamado do Jambanto" e "Peregrinações" e uma criatura muito fraca, mas a Emilia é que encontrou o "Ungem ao Céu" e "Peregrinações" e a criatura terrestre.

Eu moro em S. Paulo, e também moro aqui.

É o Sr. Botelho não foi um livro sobre a Amazônia? Será bem interessante.

Eu já estive lá no Belém da Pará. É parte de algumas histórias.

O meu nome é Arnaldo Juncos Mendes e Sr. não conheço o Sr. Francisco

so "Luzinete" Mendes que trabalha aí na sua
companhia Editora Monteiro Lobato?

Eu moro na rua Amarelada com
César 4^o numa casa branca.

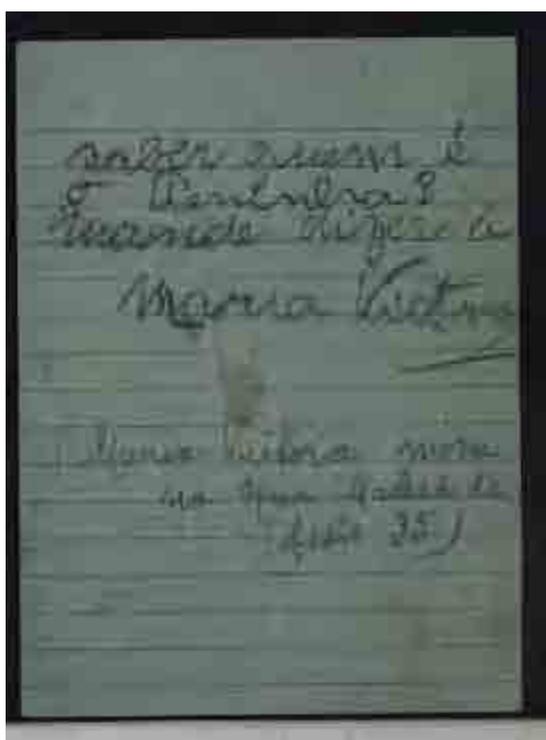
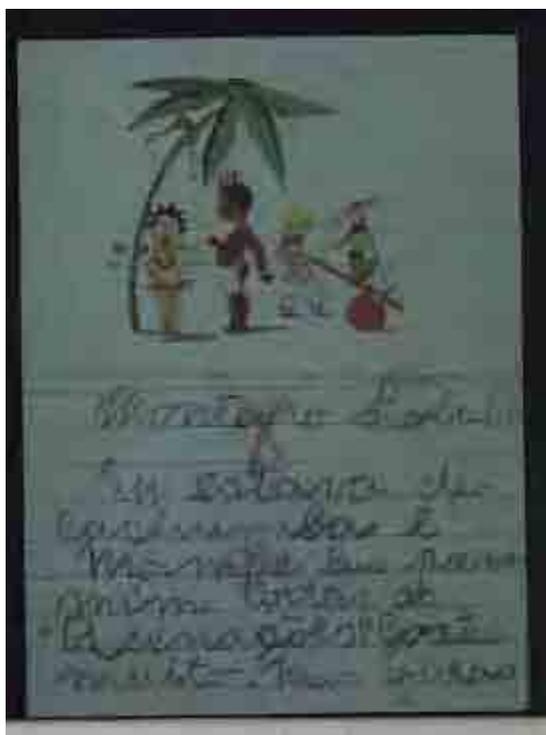
Bom, até logo até a sua respos-
ta.

Arnaldo Zucena Mendes

Summa 15 de Maio de 1945

Presado Monteiro Lobato

Seu cunha mas aficio as lras escritas
 pelo senhor, no entanto estoi fazendo uma
 coleção que falta me apenas o Minotauro,
 Dragão do Cu, e Memórias da Emilia e
 Remações de Navegante, sei bem que gostaria
 que o senhor mandasse me Remações de
 Navegante e junto a sua filha
 Nesta cidade e impore que encontro
 O meu endereço e Rua 15 de Março, 42
 Desde já fico lhe muito grato pela aten-
 ção dispensada
 José Aparício Cunha



1845

Requiem de ...

Messa requiem ...

20 ad

Messa requiem ...

... requiem ...

... requiem ...

... requiem ...

Requiem de ...

Requiem de ...

... requiem ...

... requiem ...

... requiem ...

1750

La primera parte del libro trata de la historia de la república.

El libro de descomposiciones de materia es un libro muy interesante para el estudio de la química.

El libro de física es muy interesante para el estudio de la física.

El libro de matemáticas es muy interesante para el estudio de las matemáticas.

El libro de historia es muy interesante para el estudio de la historia.

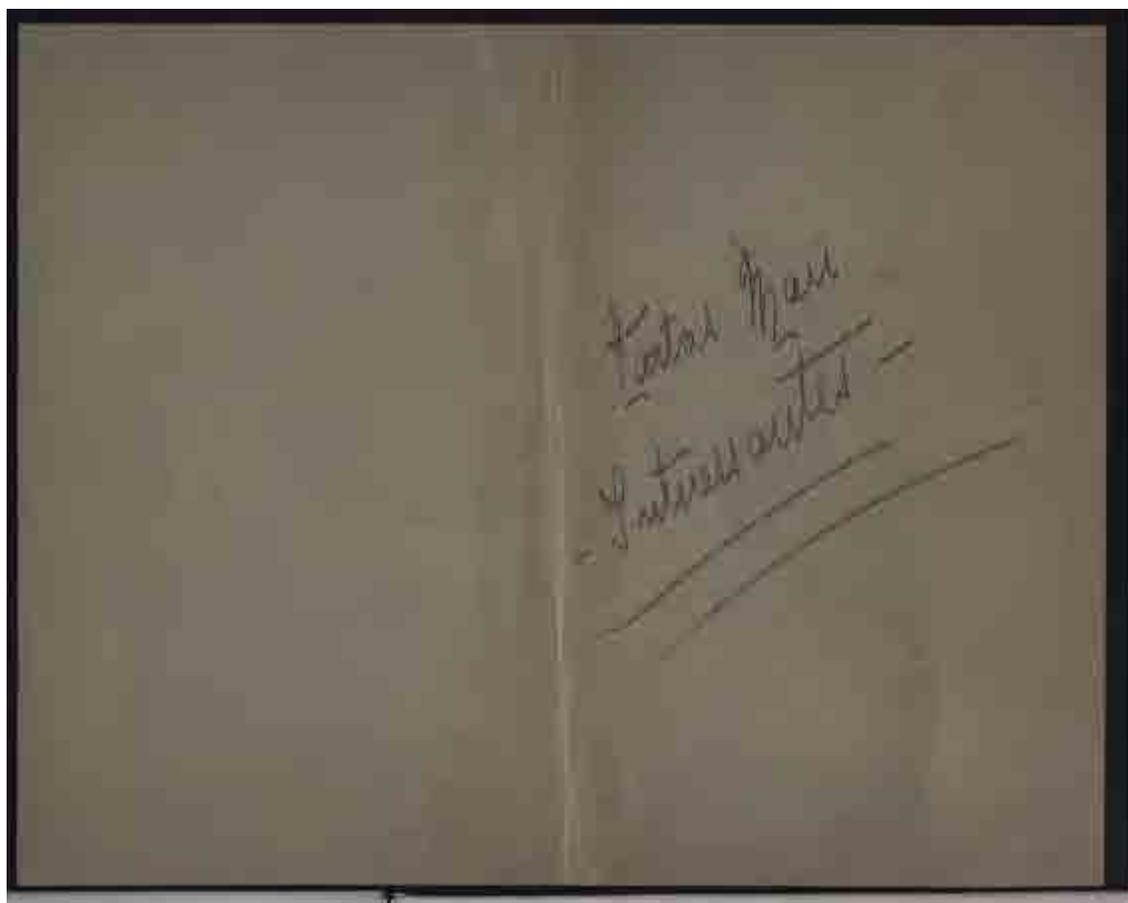
El libro de geografía es muy interesante para el estudio de la geografía.

El libro de filosofía es muy interesante para el estudio de la filosofía.

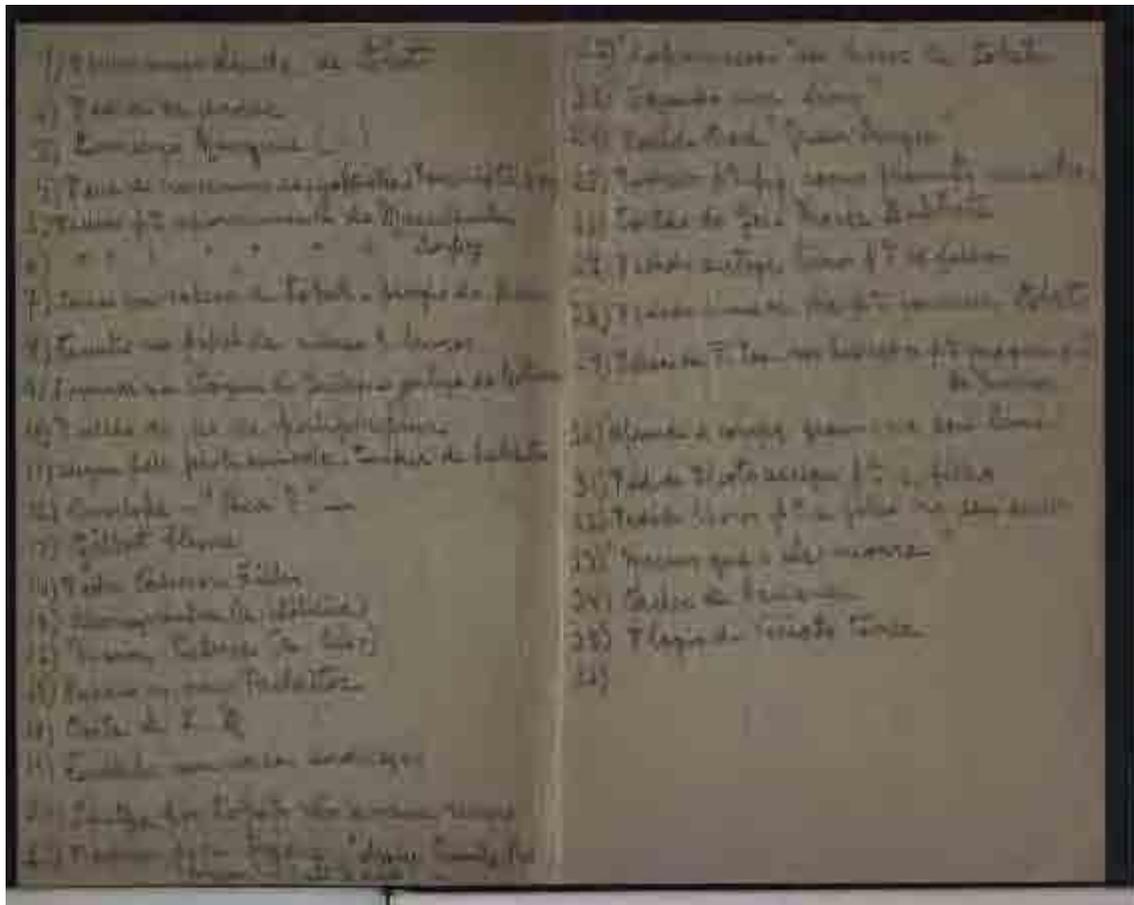
El libro de medicina es muy interesante para el estudio de la medicina.

El libro de derecho es muy interesante para el estudio del derecho.

El libro de economía es muy interesante para el estudio de la economía.



for
Lester Mear
- Interest added -



- 1) Desembaraço diante de Lobato
- 2) Pedido de dados
- 3) Lourenço Marques (!)
- 4) Pena de nascermos sacis (Outra) pena não ter saci
- 5) Pedido p^a aparecimento do Manchinha
- 6) “ “ “ “ “ “ “ Tupi
- 7) Coisas na cabeça de Lobato – plágio do pai
- 8) Escritos no papel da cabeça 3 livros
- 9) Figurar na Viagem à China – justiça de leitura
- 10) Pedido do pó de pirlimpimpim
- 11) Alegria pela foto enviada – (...) de Lobato
- 12) Envelope – “Rua ?” –
- 13) Gilbert Hime
- 14) Pedro Calmon Filho
- 15) Alariquinho (A. Silveira)
- 16) Maria Victoria (A. Cilse)
- 17) Recado a um Redator
- 18) Carta de A.M.
- 19) Envelope com vários endereços
- 20) Tristeza por Lobato não escrever mais
- 21) Pedido para traduzir “I miss Family Robinson” e “Just David” –

- 22) “Supremacia” dos livros de Lobato
- 23) “Fazendo um livro”
- 24) Pedido trad. “Green Magic”
- 25) Pedido p^a fig. [figurar] como pianista no sítio
- 26) Cartas do José Maria Baptista
- 27) Pedido autogr [autografar] livros p^a os filhos
- 28) Pedido marcar dia p^a conhecer Lobato
- 29) Idéia de P.Pan vir buscá-los p^a viagem à T. [Terra] do Nunca
- 30) “Aprendi e compr. [compreendi] gram. [gramática] no seu livro”
- 31) Pedido foto assinada p^a o filho
- 32) Pedido livros p^a a filha no seu aniv. [aniversário]
- 33) “Mesmo que o Sr. morra”
- 34) Cacho de bananas
- 35) Plágio de Viriato Correa. (*sic!*)
- 36)

XEROX

no sitio de

PICAPAU AMARELO

Interio, a cidade que sempre se
teve unida ao Marão, tendo de
sucesso e prosperidade, especialmente
nas terras de limão, mas de um
lado estende pelo mar, de outro a sul,
o Lago e Oroy. As terras de limão
são as mais férteis, e sempre se
construam com facilidade, devido ao
solo que nasce de fora, para dar lugar
ao limão nas terras. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo.

Um grande rio que se chama de
Santo, atravessa entre nós, e dá um
lado a outro, e sempre se construiu
com facilidade. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo. Um grande rio que se chama de
Santo, atravessa entre nós, e dá um
lado a outro, e sempre se construiu
com facilidade. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo. Um grande rio que se chama de
Santo, atravessa entre nós, e dá um
lado a outro, e sempre se construiu
com facilidade. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo. Um grande rio que se chama de
Santo, atravessa entre nós, e dá um
lado a outro, e sempre se construiu
com facilidade. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo.

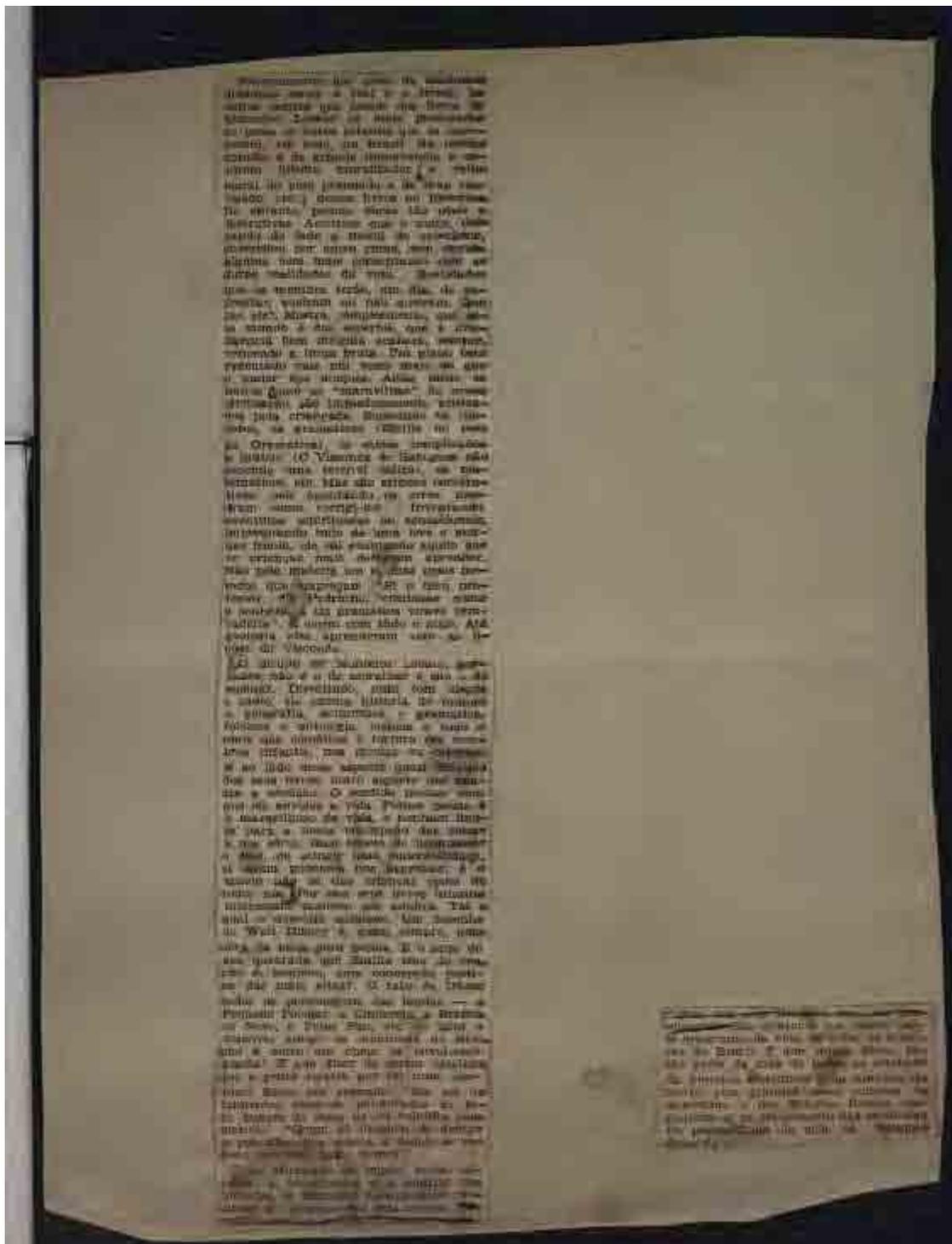
Um grande rio que se chama de
Santo, atravessa entre nós, e dá um
lado a outro, e sempre se construiu
com facilidade. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo. Um grande rio que se chama de
Santo, atravessa entre nós, e dá um
lado a outro, e sempre se construiu
com facilidade. Alguns rios que
se formam aqui, que ajudam a fertilizar
as terras de limão, como o rio de
Santo.

...

Para Proclamar sua eloquencia, por-
 que Fructosus possui uma diversidade de
 ...

...

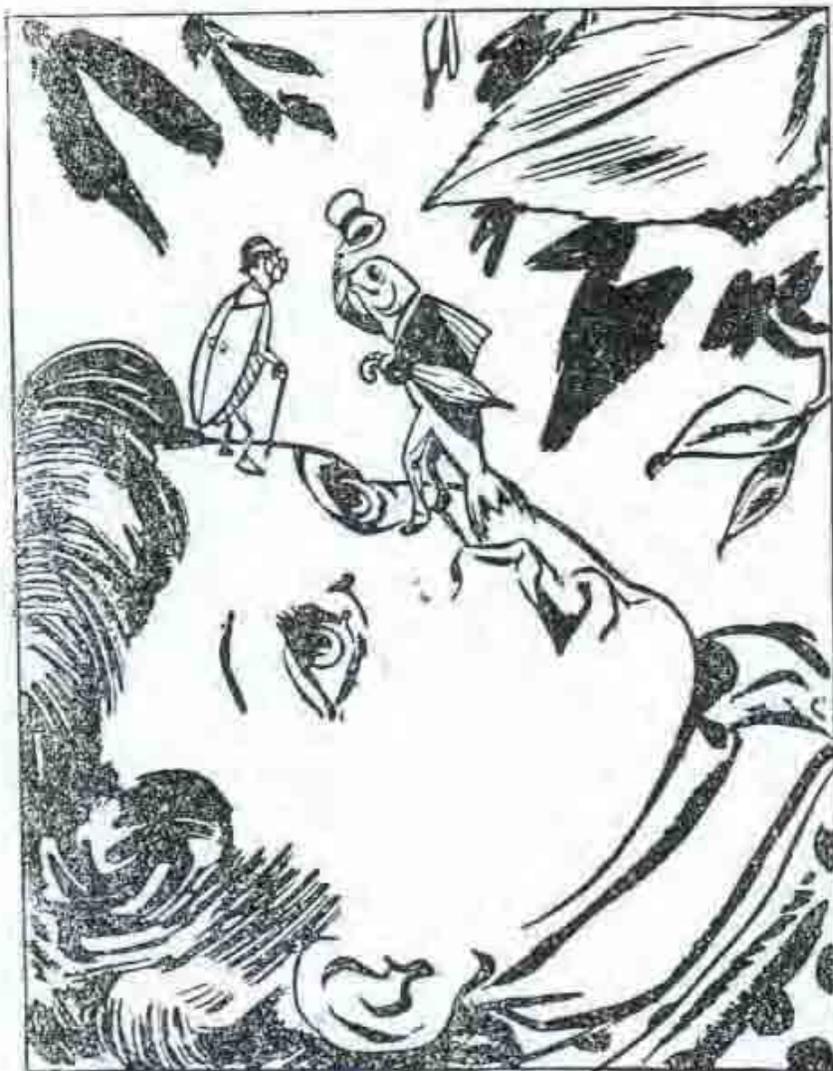
...



Edgard CAVALHEIRO, No Sítio do Picapau Amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11.1.1942.

REINAÇÕES DE NARIZINHO

5



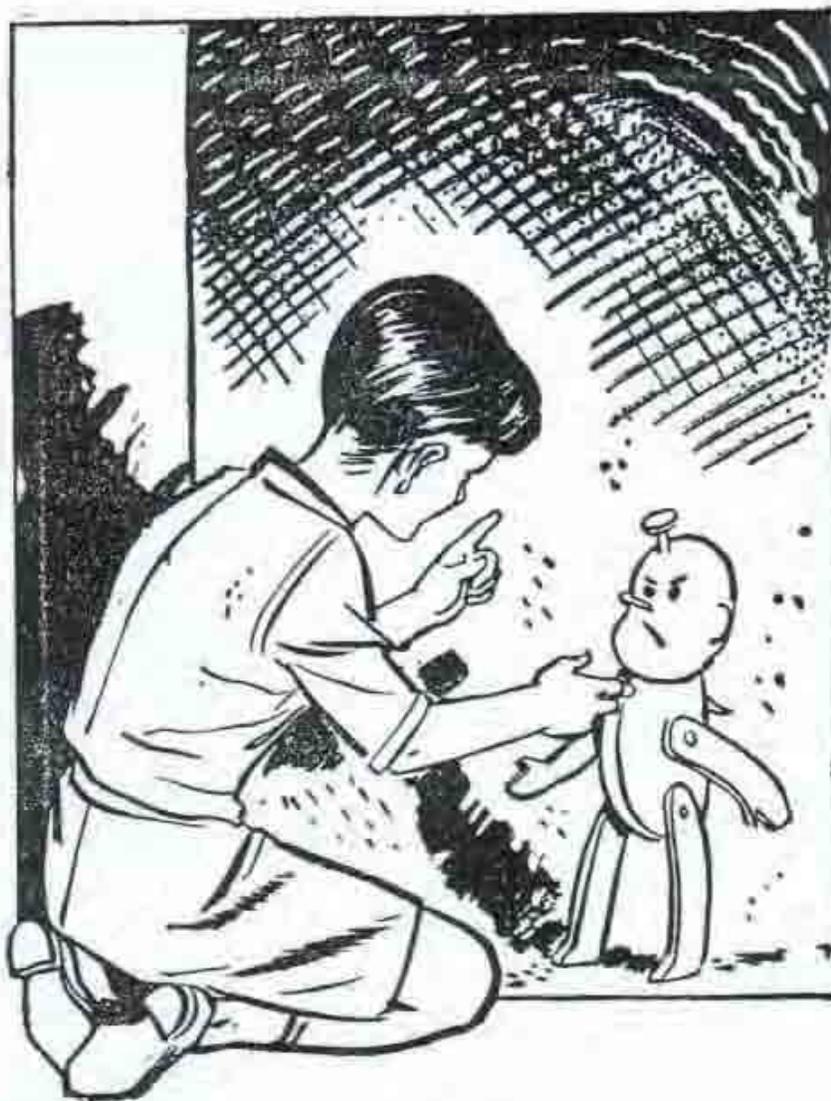
Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.



... botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo, e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei.



Vieram vindo os noivos. Emilia, de vestido branco e véu; Rabicó, de cartola e faixa de séda em tórno ao pesçoço.



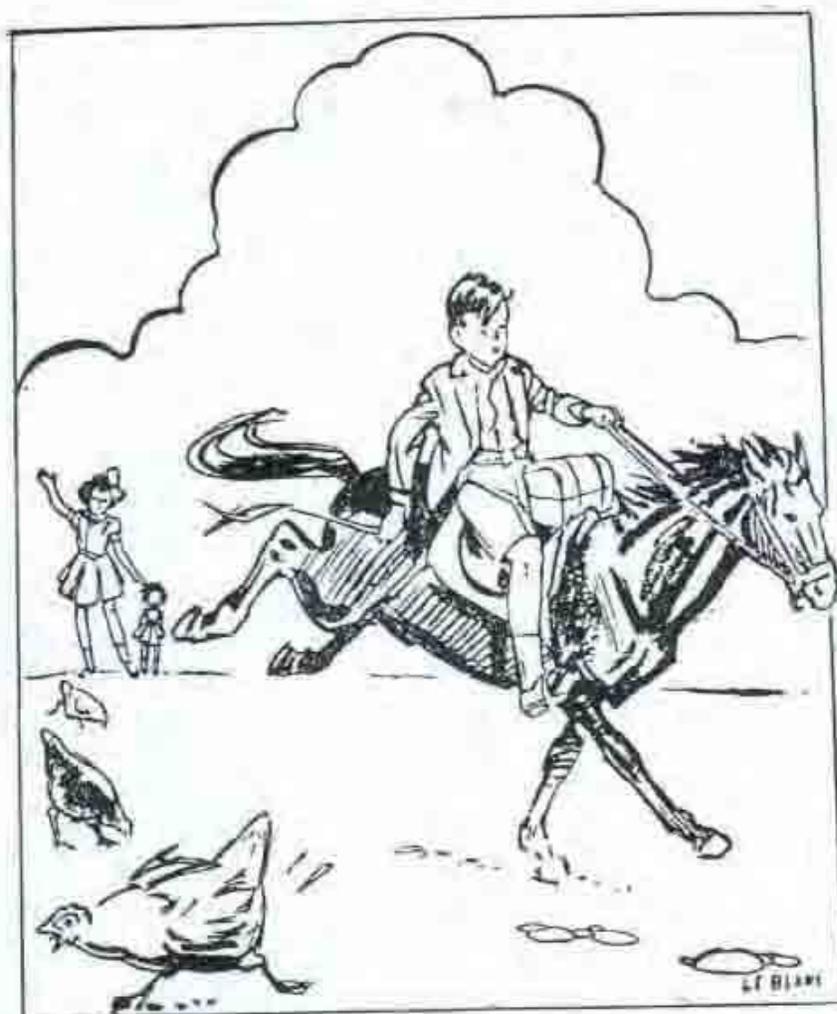
... Já estou ficando bochechudo de tanto te assoprar e
"tu não vive" nunca, seu feiúra.



— Acuda, Sinhá! — berrou a pobre preta. Fala mesmo, o canhoto!



Dona Benta concordou e, suspirando, sentou-se numa das raízes da árvore...



*Lept! Uma lambada só — de leve, e o cavalinho
partiu...*

DENISE MARIA DE PAIVA BERTOLUCCI

A COMPOSIÇÃO DO LIVRO *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE
MONTEIRO LOBATO: CONSCIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA
E APRIMORAMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA

Volume II

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
2005

DENISE MARIA DE PAIVA BERTOLUCCI

A COMPOSIÇÃO DO LIVRO *REINAÇÕES DE NARIZINHO*, DE
MONTEIRO LOBATO: CONSCIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO LITERÁRIA
E APRIMORAMENTO DA LINGUAGEM NARRATIVA

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP
para a obtenção do título de Doutor em
Letras (Área do Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Carlos Erivany Fantinati

ASSIS
2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

B546c	<p>Bertolucci, Denise Maria de Paiva</p> <p>A composição do livro <i>Reinações de Narizinho</i> de Monteiro Lobato: consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa / Denise Maria de Paiva Bertolucci. Assis, 2005</p> <p>2 v. (594 f.) : il.</p> <p>Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.</p> <p>1. Literatura brasileira. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 3. Narrativa. 4. Reinações de Narizinho – Crítica e interpretação. I. Título.</p> <p>CDD 028.509 869.93</p>
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Apêndice

Contribuição a uma possível indexação dos episódios ficcionais e das personagens do livro *Reinações de Narizinho*: nota explicativa

A presente proposta é uma tentativa de abarcar e organizar o universo dos eventos e dos seres ficcionais da obra analisada. Os títulos do índice dos episódios procuram dar uma idéia mais clara a respeito do principal conteúdo da aventura vivida. O índice das personagens compreende três categorias: *entes de ficção lobatianos*, *entes de ficção não-lobatianos* e *personalidades históricas*.

Nos verbetes da primeira categoria, há os próprios nomes das personagens ou características marcantes pelas quais podem ser identificadas. Recontam-se passagens significativas de cada um dos seres nos capítulos, de modo que o leitor possa, de fato, construir o perfil deles. Alguma interpretação acontece, mas estritamente sustentada pelo texto.

Nos verbetes da segunda categoria, indicam-se autoria ou fonte originais antes de se proceder à narração da aventura vivida pela personagem ou ao esclarecimento das circunstâncias de sua menção na obra lobatiana.

Na última categoria citada, os verbetes explicam quem são as personalidades, em que período viveram, o que fizeram para se tornarem famosas, em qual situação são mencionadas ou como atuam no livro *Reinações de Narizinho*.

Sumário

Volume II

<i>Episódios ficcionais</i>	15
A festa em homenagem às personagens maravilhosas	15
A visita da corte do reino marinho ao sítio	17
As aventuras com o Barão de Münchhausen	18
As aventuras de Narizinho e João Faz-de-conta	19
O casamento de Emília	21
O casamento de Narizinho	22
O circo de cavalinhos	25
O falso Gato Félix	27
O irmão de Pinocchio	30
País-das-Fábulas	34
Reino-das-Abelhas	35
Reino-das-Águas-Claras	36
Tom Mix	37
<i>Personagens - Entes de ficção lobatianos</i>	39
Abelha	39
Abelha meleira	39
Avô do falso Gato Félix	39
Baratinha do mar	40
Beija-flor mensageiro	40
Bernardos Eremitas	40
Besourinho fazedor de discursos	41
Besouro boticário	41

Besouro do Instituto Histórico	41
Borboleta azul	42
Burro falante	42
Cacique	43
Capitão do navio	43
Caranguejos enfermeiros	44
Caranguejos rajados	44
Carlito Pirulito	45
Chico Orelha	45
Chiquinho Pé-de-Pato	45
Cocheiro do Barão de Münchhausen	45
Compadre Teodorico	45
Conde dos Bigodes de Manga	45
Condessa de Três Estrelinhas	46
Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira	46
Coronel Come-orador-com-discurso-e-tudo	47
Cozinheira	47
Dona Antonica	47
Dona Aranha	47
Dona Benta	50
Dona Palha de Milho	57
Donas Palhas	57
Dono do sítio	57
Doutor Caramujo	57
Emília	61
Fada	79

Fada dos Sete Mares	79
Fada má	80
Fada Miragem	80
Falso Gato Félix	80
Filhas de Dona Aranha	83
Formigas carregadeiras	84
Formigas do enterro da vespa	84
Formiga mandona	84
Galinha sura	84
Galo carijó	85
Gigante Fura-Bolos	85
Grilos carregadores	85
Guarda do Rei Simão XIV	85
Hipocampos	85
Inspetor de quarteirão	86
Italiano galinheiro	86
Jacarepaguá	86
João Faz-de-conta	86
Libelinha mensageira	89
Libélulas dançarinas	89
Livreiro	90
Louva-a-deus policial	90
Lúcia (Narizinho)	90
Madrasta da pastora	106
Maestro Tangará	107
Major Agarra-e-não-larga-mais	107

Maribondo mensageiro	107
Maroto	108
Marquês de Rabicó	108
Marquesa de Rabicó	108
Menino opilado	109
Mensageiro vindo da Alemanha	109
Mestre Camarão	109
Mestre Cascudo	109
Minhoca do mar	109
Mordomo do palácio	110
Mulher	110
Negrinha	110
Nhá Veva Papuda	111
Narrador do título “Os sete leitõezinhos”	111
Narratário da história de Rabicó	111
Papagaio falador	111
Pastora (I)	111
Pastora (II)	112
Pastora (III)	112
Pé-de-Vento	113
Peninha	114
Pedrinho	114
Peixes elétricos	126
Peixes fosforescentes	127
Peixinho de rabo vermelho	127
Peixinhos escoteiros	127

Pinto sura	127
Pólipos	128
Polvo	128
Prima Dodoca	129
Príncipe	129
Príncipe Escamado	130
Quadrilha Chupa-Ovo	134
Rabicó	134
Rainha da Cintura Fina	139
Rainha das Abelhas	139
Rainha das Vespas	140
Rei	140
Sardinha mensageira	140
Sardinha mensageira do Príncipe	141
Sardinhas correio	141
Senhor Barão Cavalgadura Cavalcanti Cavalete da Silva Feijó	141
Senhor espelho mágico	143
Senhor jabuti	143
Senhor Vento	143
Senhor Vidro Azul	144
Senhora Lula	144
Senhora ruiva	144
Senhoras galinhas	144
Senhoras sardinhas	145
Senhores Envelopes, Senhores Selos, Senhores Sobrescritos	145
Senhorita Sardinha	145

Simão XIV	146
Taturana gorda	146
Tia Nastácia	147
Tio Barnabé	153
Vaca mocha	153
Vaga-lumes de circo	155
Velha	155
Velha bruxa	156
Velha da história do falso Gato Félix (I)	157
Velha da história do falso Gato Félix (II)	157
Velho caranguejo	157
Velho da história do falso Gato Félix	157
Vespa-fada	158
Visconde de Sabugosa	159
Zangãos	166
<i>Personagens - Entes de ficção não-lobatianos</i>	168
Aladim	168
Alfaiate Valente	169
Ali Babá	169
Alice de Wonderland	170
Anjos	170
Anões	170
Barão de Münchhausen	170
Barba Azul	171
Bela Adormecida	173
Bento	173

Branca-de-Neve	173
Bruxas	175
Burro	175
Capinha Vermelha (Chapeuzinho Vermelho)	175
Capitão Gancho	176
Carneirinho da fábula	177
Cavaleiro da Triste Figura	177
Cavalo Encantado	177
Cigarra	177
Cinderela	177
Coisa-ruim	180
Corvo	180
Cuca	180
Demo	181
Diogo	181
Deus	181
Dona Carochinha	181
Fadas	182
Fauno	183
Formiga coroca	183
Gato-de-Botas	183
Gato Félix	184
Gênio	185
Gênio mau	186
Hansel e Gretel (Joãozinho e Maria)	186
Laura (Menina do leite)	186

Leão	186
Lobo	187
Lobo da fábula	188
Macaco	188
Medusa	188
Mefistófeles	188
Minotauro	188
Morgiana	189
Ninfas	189
Nhá Inacinhas	189
O Fantasma da Ópera	190
Pã	190
Pássaro Azul	190
Pássaro Roca	190
Patinho Feio	191
Pedro Malazarte	191
Pégaso	191
Pequeno Polegar	192
Perseu	193
Pescador	193
Peter Pan	193
Pinocchio	195
Polichinelo	196
Príncipe Ahmede	196
Príncipe Codadade	196
Raggedy Ann	196

Raposa (I)	197
Raposa (II)	197
Rosa-Branca e Rosa-Vermelha	197
Saci	198
Sereias	198
Sherlock Holmes	198
Sindbade (Simbad)	199
Sininho	199
Soldadinho de Chumbo	199
Teseu	200
Tigre	200
Xeerazada (Xerazade)	200
<i>Personagens - Personalidades históricas</i>	201
Andersen	201
Bucéfalo	201
Caim	201
Cornélio Pires	201
Cristo	201
Cristóvão Colombo	202
Eduardo das Neves	202
Esopo	203
Hipócrates	203
Irmãos Grimm	203
Jonas	204
Judas	204
La Fontaine	204

Lampião	205
Morais	205
Platão	205
Rousseau	205
Santa Maria	206
São João	206
São Paulo	206
São Pedro	207
Spinelli	207
Tom Mix	207

A FESTA EM HOMENAGEM ÀS PERSONAGENS MARAVILHOSAS – Pedrinho recebia instruções de Dona Benta sobre como cortar as unhas da mão direita quando percebeu que Emília lhe trazia um recado. Era de Narizinho e vinha cifrado na “linguagem do pisco”. A menina pedia que ele a ajudasse na arrumação da sala para receberem os convidados da festa e a auxiliasse também no salvamento do Visconde. O sábio se encontrava caído havia uma semana atrás da estante de Dona Benta. A velha senhora identificou que falavam da organização de uma festa e quis saber se receberiam novamente a visita dos seres do mar. Pedrinho respondeu-lhe que não, e explicou que se preparavam para a vinda dos amigos do “País-das-Maravilhas”, referindo-se às personagens das histórias maravilhosas. Dona Benta aconselhou o neto a lavar o rosto antes de receber seus amigos, pois percebeu que nele havia bigodes amarelos deixados por uma manga comida pelo menino. Pedrinho disse que os bigodes haviam sido feitos de propósito, para levar os convidados a pensarem que ele fosse o Conde dos Bigodes de Manga. Assim que se encontrou com Narizinho, o menino perguntou se ela havia mandado todos os convites e soube que isso fora feito por intermédio de um beija-flor. Pedrinho não gostou, porém, de saber que até mesmo o terrível Barba Azul fora convidado. A menina garantiu-lhe, entretanto, que, se viesse de fato, bateriam com a porta no nariz dele, e revelou seu desejo de constatar se aquela barba era mesmo azul. Salvo o Visconde, Narizinho tratou de lhe dar uma incumbência: deveria postar-se no alto da janela com o binóculo de Dona Benta e vigiar a estrada, avisando da chegada dos convidados. Rabicó foi trazido de seu cercado e recebeu a função de anunciar quem chegasse; Emília recebeu instruções para se vestir e maquiarse adequadamente. Narizinho decidiu que a festa começaria logo depois do café, que foi, por isso, tomado às pressas pelas crianças. Dona Benta quis saber mais detalhes da “reinação” daquele dia, e a menina respondeu: “- Nem é bom falar, vovó! Vai ser uma festa linda até não poder mais. Só reis e príncipes e princesas e fadas...” Como a velha senhora precisasse escrever uma carta a sua filha Antonica, pediu que não fizessem muito barulho, e a deixassem no seu canto. Sua neta, no entanto, recomendou que ela espiasse um pouquinho da festa pelo buraco da fechadura no momento em que ouvisse uma salva de palmas e um hino de índios. Como Dona Benta em princípio não entendesse o que Narizinho dizia, a menina explicou-lhe que as palmas e o hino dos índios, composto por Emília, eram uma forma de homenagear a personagem Peter Pan. A festa teve início quando Narizinho gritou para o Visconde que era hora, e o sábio, espiando a estrada com o binóculo, avisou: “- Estou vendo uma poeirinha lá longe!...” A primeira convidada a chegar foi a princesa Cinderela. Depois dela vieram Branca-de-Neve, as irmãs Rosa-Vermelha e Rosa-Branca, o Pequeno Polegar, Barba Azul, que foi impedido de entrar e retornou furioso,

Aladim, o Gato-de-Botas, Ali Babá, o Soldadinho de Chumbo, o Patinho Feio, filho da personagem que se transformou num belo cisne, Joãozinho e Maria, todas as personagens das *Mil e uma noites*, os heróis gregos, Chapeuzinho Vermelho e Peter Pan. Emília consagrou-se uma celebridade nesta festa, pois as princesas Cinderela e Branca-de-Neve, ao serem apresentadas à bonequinha, afirmaram que já tinham conhecimento de sua fama. Ainda mostrou-se a mais envolvida nos acontecimentos da celebração, porque ganhou um espelho mágico de Branca-de-Neve e fez muitas perguntas a todas as personagens, esclarecendo pontos de suas histórias que lhe eram obscuros, tomando conhecimento de detalhes desconhecidos e até fazendo sugestões a elas. Chegou a fazer algo nunca feito antes e que nunca mais repetiria: deu um presente ao Pequeno Polegar. Ela era amiga de receber mimos, jamais de ofertá-los, mas tanto se encantou com o pequenino que lhe fez uma porção de perguntas e depois o levou ao seu quartinho para mostrar-lhe os brinquedos, onde presenteou-lhe com um velho cachimbo de tia Nastácia. Emília ainda proferiu os insultos que levaram o terrível Barba Azul a ir embora do sítio, e gritou pelo socorro de tia Nastácia, quando se viu sozinha para espantar o lobo mau que surgiu no sítio, ameaçando devorar Dona Benta. A personagem que chegou por último e era a mais aguardada por Pedrinho foi Peter Pan. Dona Benta seguiu a orientação de sua neta Narizinho e, ao ouvir as palmas e o hino dos índios, não apenas espiou a festa, mas fez questão de cumprimentar o famoso menino. Quando o relógio marcou seis horas, a princesa Branca-de-Neve avisou que precisava partir, e, assim, uma a uma, aquelas célebres criaturas foram se despedindo, até que a casa ficou vazia. Narizinho e Pedrinho estavam conversando sobre suas personagens favoritas, momento em que, ao rolar para debaixo da mesa, Emília encontrou a lâmpada de Aladim. Anunciou radiante sua descoberta, e Pedrinho apoderou-se imediatamente do precioso objeto. A bonequinha ainda encontrou no mesmo lugar a varinha de condão de Cinderela, e também assenhoreou-se do instrumento mágico. Narizinho, por fim, descobriu que as botas-de-sete-léguas do Gato-de-Botas haviam sido esquecidas atrás do armário e tratou de proclamar-se a nova dona desses calçados encantados. E lá ficaram os três na maior alegria, imaginando as incríveis aventuras que poderiam viver com tais objetos, algo que nem as histórias lidas nos livros poderiam exceder em maravilhas. Estavam desse modo enlevados, quando ouviram batidinhas na porta. Emília foi abrir e descobriu que era Dona Carochinha. Ela cumprimentou a boneca e fingiu não reconhecê-la. Sentou-se para descansar e começou a se apresentar. Narizinho observou que já sabia quem ela era e perguntou-lhe, diretamente, o que queria ali. A baratinha de mantilha explicou, então, que viera buscar os objetos de suas personagens, pois, na pressa de voltar para casa, haviam esquecido deles. As crianças e a bonequinha ficaram muito

desapontadas com o que ouviram, chegaram a pensar em não devolver nada e mesmo em agredir aquela baratinha inconveniente. Dona Benta havia ensinado seus netos a respeitar os mais velhos, porém, e esses ensinamentos foram decisivos para a atitude resignada de fazer o que Dona Carochinha queria. Narizinho disse-lhe que tomasse os objetos de volta, portanto, mas que soubesse que só faziam isso por causa de Dona Benta. A baratinha não disse nada, mas apanhou todos os pertences de suas personagens, inclusive o espelho que Branca-de-Neve havia dado à Emília. Partiu desconfiada, e antes de alcançar a porteira do sítio, ouviu os maiores desaforos da bonequinha, que, contrariadíssima, não suportou mais conter a raiva. Até a língua Emília mostrou, e uma língua tão comprida, que Dona Carochinha acelerou o passo (“**Cara de Coruja**”, 173 a 197).

A VISITA DA CORTE DO REINO MARINHO AO SÍTIO - Um gato surgiu no sítio e Narizinho imaginou que fosse o famoso Gato Félix. Ele informou que uma comitiva do Reino-das-Águas-Claras viria visitar o sítio, e a menina, juntamente com o gato, Emília e Pedrinho, prepararam uma surpresa à Dona Benta. Em princípio, a chegada da corte do reino marinho amedrontou Dona Benta e tia Nastácia. Feitas as apresentações, todavia, a presença dos bichinhos do mar acabou sendo aceita com naturalidade pelas duas senhoras. Integravam a comitiva o Príncipe Escamado, Doutor Caramujo, Dona Aranha costureira, Miss Sardine, que era uma importante dama do reino, o venerando Bernardo Eremita, Major Agarra-e-não-larga-mais, e os couraceiros comandados por um caranguejo capitão, vindos para fazer a guarda do Príncipe. Narizinho acompanhou o tempo todo seu amado Príncipe: mostrou-lhe os objetos da casa, deu notícias do Visconde de Sabugosa e do Marquês de Rabicó, apresentou-lhe a vaca mocha. Tia Nastácia acabou por estabelecer uma grande camaradagem com Miss Sardine e divertiu-se com as perguntas inocentes dela sobre os utensílios e temperos usados pelos humanos do sítio. Emília ficou longo tempo com Dona Aranha costureira, fez-lhe muitas perguntas e até acalentou a idéia de tê-la no sítio. Pedrinho conversou com o capitão dos couraceiros, ouviu e contou histórias sobre valentias e lutas memoráveis. Dona Benta interessou-se pela ciência do Doutor Caramujo e até aprendeu com ele como administrar uma de suas milagrosas pílulas no pinto sura que sofria de estupor. Riu quando a pílula foi engolida por tia Nastácia, na verdade, que foi chamada para ajudar no tratamento do franguinho, deixando Miss Sardine só, na cozinha. A pobre sardinha ficou tão encantada com a gordura fervendo na frigideira, que se atirou dentro dela imaginando que fosse um pequeno lago. Quando todos souberam que ela morrera frita, foi uma grande tristeza na casa, o Príncipe sofreu um desmaio e não quis saber mais do passeio. Narizinho decidiu presentear-lo

na volta para o reino e Pedrinho sugeriu as quatro rodinhas que haviam sobrado do despertador consertado, para que se lembrasse dos quatro habitantes do sítio. Na despedida, todos choraram e acenaram lenços. A corte já havia desaparecido ao longe, quando o gato surgiu e avisou que o Príncipe estava se afogando, porque, como ficara a tarde toda fora d'água, havia desaprendido a arte de nadar. Narizinho correu para ajudá-lo, porém, quando chegou ao ribeirão, não encontrou mais ninguém e ficou certa de que Escamado se salvara sozinho. Voltou, então, depressa para casa, pois estava ansiosa para conhecer as aventuras do gato que ela pensava ser o Félix (**“Aventuras do Príncipe”**; **“O Gato Félix”**, 123 a 149).

AS AVENTURAS COM O BARÃO DE MÜNCHAUSEN - A personagem acompanhou o grupo de aventureiros e Dona Benta no episódio vivido nas terras das Mil-e-Uma-Noites. Quando o pássaro Roca levantou vôo e com ele levou o burro falante, Pedrinho foi chamar o Barão para ajudar. Ele veio vestido de caçador e encantou Dona Benta por aceitar sentar-se com eles e comer o mexido de galinha preparado por ela. No momento em que o terrível pássaro se aproximou, o Barão se preparou para atirar no cabresto que prendia o burro à ave, mas percebeu que estava sem a pederneira da espingarda. Emília havia escondido a peça, pois queria ver o Barão de Münchausen fazer sair faísca de seu olho, conforme contara a todos. Pedrinho foi quem desferiu um forte soco no olho do Barão e, de fato, com a faísca que saiu, foi possível disparar a arma, e o tiro derrubou o burro no mar. Pedrinho e o Barão resgataram o burro, mas o Visconde de Sabugosa, que estava preso à crina do animal, morreu afogado. Por causa desse triste incidente, o Barão de Münchausen disse que iria “tomar luto no chapéu por três meses, visto que eles, barões e viscondes, são parentes entre si – parentes em nobreza.” O valente caçador ainda teve de chefiar o esforço do grupo para amordaçar o filhote do pássaro Roca, que saiu do ovo quando os aventureiros estavam a caminho de seu castelo. Já no castelo, o Barão recebeu uma carta vinda da Alemanha, e comunicou aos seus hóspedes: “- Que maçada! Tenho de partir incontinenti para meu país, que acaba de declarar guerra aos turcos. O imperador está aflito pela minha volta.” Pôs, então, a residência à disposição do grupo, e partiu. No castelo do Barão de Münchausen, a avó das crianças só fazia reclamar e Pedrinho percebeu que o único jeito era voltarem. Apesar do susto com a falha do pó de pirlimpimpim, bem na hora em que o pássaro gigantesco vinha na direção do local onde estavam, os aventureiros conseguiram voltar para o sítio. Isso porque fecharam os olhos com toda a força, por sugestão de Emília, e viajaram. Dona Benta quis enganar tia Nastácia sobre o passeio que fizera, mas a cozinheira avisou que já fora informada de tudo pelo burro. A boa senhora recolheu-se, então, bem quieta. No dia seguinte à aventura com o Barão de

Münchhausen, Pedrinho recebeu uma carta de Dona Antonica, pedindo que voltasse para casa (“O pó de pirlimpimpim”, 288 a 312).

AS AVENTURAS DE NARIZINHO E JOÃO FAZ-DE-CONTA - Depois que o boneco construído para ser o irmão de Pinocchio foi atirado para cima do armário da sala de jantar por Pedrinho, por não viver conforme o menino queria, Narizinho resolveu levá-lo num passeio. O convite havia sido feito a Emília, mas como a bonequinha andava muito ocupada com seu cavalinho de pau, ensinando-lhe muitas coisas, não aceitou acompanhar sua dona. A menina recorreu ao boneco, então, e falou, antes de retirá-lo de onde estava: “- Coitado! (...) Porque é feio como o Diogo e morto como um defunto, ninguém faz conta dele. Vou levá-lo comigo. Talvez que os ares do ribeirão lhe façam bem.” Com o boneco, portanto, caminhou na direção do pomar e do ribeirão, onde existia o velho ingazeiro com as enormes raízes expostas. Sentou-se naquela que considerava a sua raiz, assim como havia a de Pedrinho e a do Visconde, e fechou os olhos. Aquele era um lugar especial para ela, pois fora ali que vira o Príncipe Escamado pela primeira vez e era onde ficava a pensar sobre a vida e costumava devanear. Era fim de tarde, quando a menina ouviu um bocejo – “*ahhh!*” - e, ao olhar, percebeu que Faz-de-conta se espreguiçava, como se acordasse de um longo sono. Narizinho, demonstrando que já esperava por aquilo, comentou: “- Ora graças! Eu tinha certeza de que os ares do ribeirão fariam você mudar.” O boneco respondeu que não mudara, mas ela, sim, e que, por isso, veria coisas nunca vistas, embora estivessem sempre ali. Disse isso e apontou para um determinado local, onde Narizinho vislumbrou uma cena já vista num dos livros de Dona Benta, como a menina recordou: eram as ninfas do bosque que dançavam ao som da flauta tocada por um fauno. Ao ouvirem as palavras de admiração da menina, ainda que fossem ditas em voz baixa, aqueles seres se assustaram e correram, e, na fuga, o fauno deixou cair a flauta. Narizinho apressou-se para apanhar o instrumento, mas, como fosse de barro, desmanchou-se todo no momento em que as mãos da menina o apertaram, na ânsia de possuí-lo. De dentro do instrumento saíram muitas vespas, que voaram na direção das ninfas. Uma delas, porém, ficou presa entre os dedos da menina do nariz arrebitado, que pôde, assim, olhá-la bem de perto. Achou-a esquisita e comentou isso com João Faz-de-conta, que também se aproximou para examinar a pequenina. O boneco reconheceu a vespa dos tempos em que fora parte de uma árvore e recebia a visita dela em seus galhos. Disse a Narizinho que a vespa poderia ser uma fada disfarçada. A menina duvidou da possibilidade, pois, se era mesmo fada, não entendia por que a vespa não fugira como as outras, deixando-se apanhar. Foi grande a alegria da menina quando, ao terminar de fazer tais perguntas, a própria vespa deu-lhe a

resposta: “- Porque queria conversar com você...” Muito satisfeita por estar com uma fada que falava mesmo e não apenas fazia “*tlin, tlin, tlin*”, Narizinho ouviu sua história. Soube, então, que ela corria mundo em busca de um alfinete mágico, perdido entre as pessoas comuns. Esse alfinete era, na verdade, uma poderosa varinha de condão, que poderia transformá-la numa fada com poderes de virar uma coisa em outra. A neta de Dona Benta ficou com o coração aos pulos ao saber disso, pois lembrou-se do alfinete que estava em poder de Emília. Para ter certeza de que se tratava do mesmo objeto que estava com a bonequinha, Narizinho indagou à vespa se o tal alfinete mágico era de pombinha carijó. A vespa-fada respondeu afirmativamente, e ficou desconfiada de que a menina soubesse onde se encontrava aquele instrumento encantado. Narizinho achou melhor desconversar, para impedir que a pequenina viesse a tomar o alfinete de Emília. A vespa percebeu que a menina sabia muito mais do que dizia, e fugiu-lhe da mão, pousando num galho de árvore. Faz-de-conta alertou Narizinho para o risco representado por uma fada má e orientou-a a não revelar nada do que sabia. A vespa, furiosa, afirmou que ouvira toda a conversa e avisou que, como castigo, iria ferroar a menina bem na ponta de seu nariz. Começou a inchar, então, chegando a ficar do tamanho de uma aranha caranguejeira. Quando se preparava para lançar-se contra Narizinho, que fechara os olhos e gritara pela ajuda de João Faz-de-conta, o boneco se colocou entre a menina e a vespa. Parecia disposto a se sacrificar para salvar a garota, e, como não portasse nenhuma arma, arrancou o prego que segurava sua cabeça e partiu para cima da vespa. A cabeça, solta, rolou por terra e foi cair no ribeirão. A malvada vespa assustou-se ao ver a estranha figura arrojando-se sem a cabeça, e desapareceu no ar. Ao reabrir os olhos, Narizinho notou que o companheiro estava sem a cabeça, ficou preocupada por não poder contar mais com sua ajuda, e desejou que por perto existisse uma casa. Avistou uma fumacinha ao longe e caminhou na direção dela. Descobriu, encantada, que a linda casa de onde saía a fumaça era o lar de Chapeuzinho Vermelho. Ao se verem, as duas meninas se abraçaram e se beijaram, pois já tinham estado juntas na ocasião da festa em honra das personagens maravilhosas celebrada no sítio, e se gostavam muito. Conversaram bastante e Narizinho contou tudo a respeito dos sucessos experimentados na companhia de João Faz-de-conta, inclusive da cabeça perdida pelo boneco. Chapeuzinho Vermelho falou, então, que coincidentemente encontrara algo no ribeirão, enquanto se banhava, e que se assemelhava ao membro perdido pelo boneco. Era mesmo a cabeça de Faz-de-conta, quem, tão logo foi consertado, narrou o que se passara enquanto a menina estivera de olhos fechados. Chapeuzinho Vermelho desejou imensamente ter um companheiro corajoso e leal como o boneco e continuou conversando com Narizinho, enquanto o valente auxiliar de Narizinho saiu para refrescar a cabeça. Voltou muito satisfeito,

logo depois, comentando: “- Adivinhem quem passou por aqui! Peter Pan. Conversou comigo meio minuto e lá se foi, voando, para a Terra do Nunca, onde mora. Disse que qualquer dia aparece no sítio de Dona Benta para brincar com Pedrinho.” A menina do nariz arrebitado aproveitou para fazer muitas perguntas sobre Peter Pan e sobre a fada Sininho. Estava ainda a ouvir o relato de João Faz-de-conta, quando o boneco deu um grito, apontando na direção de alguém que acabara de pular a cerca do quintal. Era Barba Azul, com uma faca na mão. O boneco pediu que Narizinho fechasse os olhos, e a menina assim fez, com toda a força. Quando reabriu os olhos, ela percebeu que estava de novo no pomar, sentada na raiz do ingazeiro. João Faz-de-conta voltara a ser apenas um boneco mudo e não reagiu com as sacudidelas da menina. Narizinho, então, lamentou: “- Que pena! (...) ‘Mudei de estado’ outra vez. Estou agora no estado de todos os dias – um estado tão sem graça...” Ao chegar em casa, já quase noite, foi correndo contar tudo o que vivera a Dona Benta. Falou de tudo tão rapidamente, que atordoou a avó, e a velha senhora pediu que a neta fosse contar suas histórias a Pedrinho. Foi o que Narizinho fez, deixando o menino empolgadíssimo com as novidades. Pedrinho não conseguia entender como fora possível o boneco viver, pois já descobrira que João Faz-de-conta não havia sido modelado com o pau vivente, mas sim com um pedaço de madeira comum. Por causa disso, aliás, o menino andava pensando num modo de vingar-se de Emília e do Visconde, os responsáveis pela mentira relacionada à construção do irmão do Pinocchio, o boneco João Faz-de-conta, com a madeira encantada. Narizinho falou para o primo que, embora não soubesse explicar exatamente como tudo se dera, o boneco vivera de fato e revelara ser corajoso e possuidor de um nobre caráter. Todas as outras histórias contadas pela menina do nariz arrebitado fizeram com que o menino até saltasse de contentamento. Ao descobrir que Emília poderia vir a se transformar numa fada de pano, Pedrinho esqueceu completamente de seus projetos de vingança e começou a adular a bonequinha, prometendo-lhe muitos presentes. Emília estranhou tanta gentileza e arregalou demais os olhos de retrós, arrebetando-os (“**O irmão de Pinocchio**”, 217 a 226).

O CASAMENTO DE EMÍLIA – Narizinho decidiu que estava na hora de Emília mudar de vida: “Precisa casar, senão acaba ficando tia. Amanhã vem cá um distinto cavalheiro pedir a mão de Vossa Excelência.” O distinto cavalheiro a quem a menina se referia era o Visconde de Sabugosa, que foi encomendado a Pedrinho para se fazer passar pelo pai do escolhido para marido da boneca, o Marquês de Rabicó. Em princípio, a boneca não gostou nada da idéia de se casar com um covarde como o leitão. Narizinho contou-lhe, então, que o Marquês era na realidade um príncipe transformado em porco por uma fada má. Ainda de acordo com tal

história, Rabicó voltaria a ser príncipe quando encontrasse um anel mágico na barriga de certa minhoca. Isso explicaria a mania do porquinho fossar a terra, à procura desses animais. Emília aceitou ser a noiva do Marquês, porque a menina lhe garantiu que tal história havia sido revelada a ela pelo próprio Visconde de Sabugosa, um rei de verdade que escondia o sinal de coroa em redor da testa com uma cartola. Feito o Visconde por Pedrinho, exatamente como a menina pedira, de um bom sabugo de milho, as crianças trataram de levá-lo à presença da boneca para que pedisse sua mão em casamento. No dia da apresentação, Narizinho encarregou-se de falar ao Visconde das qualidades de sua futura nora, da mesma forma como o fidalgo falou das de seu filho. No momento de decidir oficialmente se aceitava ou não o Marquês de Rabicó como esposo, Emília disse sim. Veio, então, o período do noivado, mas como o leitão não soubesse brincar nem se comportar, “na sua eterna preocupação de descobrir coisas de comer”, Pedrinho, zangado, arranhou-lhe um representante: um vidro vazio de óleo de rícino jogado no quintal, o Senhor Vidro Azul. Ao cabo de uma semana de noivado, Narizinho queixou-se a Dona Benta: “- Este noivado está me acabando com a vida, vovó. Todas as noites tenho de fazer sala para os noivos. Como isto cansa!...” Indagada sobre o que faltava para o casamento, a menina respondeu que eram os doces e acabou ganhando uns níqueis com os quais pôde comprar cocadas, pés-de-moleque e uma rapadura, e realizar o enlace. Pedrinho armou a mesa da festa embaixo de uma laranjeira do pomar e ao redor dela colocaram-se os convidados: Dona Benta, tia Nastácia e vários conhecidos e parentes, que foram figurados por pedras, tijolos e pedaços de pau. Emília vestiu branco e véu, e Rabicó estava de cartola e faixa de seda em torno do pescoço. Encerrada a festa, Narizinho e Pedrinho puseram-se a discutir sobre o que aconteceria depois do casamento e esqueceram de vigiar a mesa de doces. Rabicó aproveitou-se desse esquecimento e abocanhou a mais bonita das cocadas da mesa. A menina gritou a Pedrinho para que acudisse o doce, e o porquinho levou uma paulada no lombo com o toco que representava o inspetor de quartelão amigo de Dona Benta, mas, mesmo assim, fugiu com a cocada. Pedrinho ficou furioso com a feia ação do noivo e contou à decepcionada Emília que o Marquês não era príncipe coisa nenhuma, e que ela fora enganada por Narizinho. A bonequinha teve um desmaio com a revelação (“**O Marquês de Rabicó**”, 81 a 94).

O CASAMENTO DE NARIZINHO – Depois que Lúcia se foi do reino do Príncipe Escamado, o peixinho caiu em profunda tristeza e adoeceu. Doutor Caramujo foi chamado para examiná-lo e diagnosticou o que chamou de “narizinhoarrebidade”, uma doença muito grave, cujo único remédio seria o casamento. Escamado concordou que seu mal não era do

corpo, mas da alma e reconheceu a ausência da menina como o motivo de seus dissabores. Autorizou, então, o médico a obter o remédio para seu mal, e prometeu recompensá-lo, tornando-o Duque da Pílula, se tivesse êxito nessa empresa. Como Doutor Caramujo encantou-se com a idéia de tornar-se um duque, o que seria uma grande honra para a família dos caramujos, foi prontamente conferenciar com outros figurões da corte sobre o assunto dos amores do Príncipe. Decidiram enviar uma carta com um pedido de casamento à Narizinho e, para fazê-la, foi chamada a Senhora Lula, a escrevente do mar. Feita a carta, foi colocada numa concha de madrepérola e entregue, pelo Doutor Caramujo, aos peixinhos escoteiros, incumbidos de a deixarem à beira do ribeirão do sítio, num lugar onde pudesse ser enxergada. Pedrinho encontrou a concha quando se preparava para pescar no ribeirão, e estranhou: “- Concha por aqui! (...) Isto tem dente de coelho!...” Descobrimo ser uma carta para a prima Lúcia, já desconfiou que fosse de namoro, e correu entregá-la. Narizinho estava ajudando tia Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho quando Pedrinho chegou. Largou tudo e leu a carta com o pedido de casamento. Depois, pediu a Pedrinho para enviar uma resposta dizendo que ela aceitava se casar, sim, e o faria assim que acabasse de enrolar as rosquinhas. Apesar do assombro de Dona Benta e de tia Nastácia pelo fato de a menina aceitar ser a esposa de um peixe, a resposta com o “Sim!” foi enviada, e o Príncipe ficou felicíssimo. Deu ordens para que fosse realizada em seu reino a maior festa já feita nos Sete Mares, passou a enviar muitas cartas a sua noiva e todas elas foram lidas e respondidas com presentes. O de que o Príncipe mais gostou foi uma rosquinha de polvilho enrolada pela própria Narizinho, que foi enfeitada, pelo melhor ourives do reino, com uma fileira de diamantes, transformando-se numa preciosa coroa. Chegado o dia da partida para o Reino-das-Águas-Claras, o coche de gala seguiu viagem com Doutor Caramujo, a noiva e seus convidados: Emília, convidada para ser a madrinha, o Visconde, que seria o padrinho, Pedrinho e o Marquês de Rabicó. Quando lá aportaram, Narizinho e Emília foram conduzidas à casa de Dona Aranha Costureira para que escolhessem os figurinos do casamento, e, enquanto faziam isso, Pedrinho e os outros saíram para passear por uma floresta de corais. No passeio, dois incidentes aconteceram com o Marquês. Primeiramente, abocanhou um ouriço do mar, achando que fosse algo de comer, e ficou com ele espetado na boca. Só a muito custo Pedrinho conseguiu livrá-lo do bicho. Depois, quando encontraram um grande navio de três mastros naufragado, foram explorá-lo, e Rabicó se separou dos amigos, à procura da cozinha da embarcação. O leitão ferrou o dente novamente no que acreditou ser uma linda raiz de mandioca, mas não demorou para descobrir que aquilo era, na verdade, um dos tentáculos de um polvo escondido no navio. O Visconde sugeriu a Pedrinho dar pelotadas de bodoque no monstro, mas o menino percebeu que isso

não adiantaria, e pediu a uma sardinha que fosse avisar o Príncipe do acontecido. Lá no palácio, Narizinho e Emília se encantaram com o vestido cor do mar que Dona Aranha Costureira mostrou a elas. A fazenda do vestido era tão linda, com todos os peixinhos do mar, das mais variadas cores e dos mais diferentes formatos, nadando sem parar, que a menina teve a “vertigem da beleza”, e sentiu muita tontura, chegando mesmo a chorar. Na casa da costureira teve a notícia do infortúnio do Marquês, e pediu ao Príncipe que salvasse o leitão, custasse o que custasse, porque, se o porquinho fosse comido pelo polvo, sua avó ficaria “danada”. Escamado disse que já havia enviado seu melhor batalhão de couraceiros, os caranguejos rajados, em socorro de Rabicó, e foi o que aconteceu. Os caranguejos, por serem lentos, foram montados nos peixes elétricos e assim que seus ferrões, cheios de eletricidade, tocaram o polvo, produziu-se um choque que fulminou o monstro. Salvo o Marquês, ainda se ouviam seus gemidos de dor, e Pedrinho descobriu que eram por causa de um siri ferrado na ponta da cauda do porquinho. O menino achou que o siri, tal como estava, ia melhor até que o laço de fita vermelha e deixou-o lá. Ao retornarem ao palácio do Príncipe, deram com suas portas fechadas, pois a cerimônia do casamento já havia começado. Pedrinho teve a idéia de pedir a uma minhoca do mar que passasse pelo buraco da fechadura e levasse o aviso de sua chegada a Escamado. Enquanto a pequenina fazia seu trabalho, o menino subiu a uma janela e espiou o que se passava lá dentro do palácio. Viu a prima, ricamente vestida, assim como o Príncipe a seu lado, e Emília, que vinha atrás, de braço dado a um Bernardo Eremita que trazia a coroa de rosquinha, engastada de diamantes, numa salva de escamas. Arregalou os olhos ao ver as sereias cantando as músicas mais belas que se podiam imaginar. O Príncipe recebeu, nesse momento, o recado da minhoquinha do mar e avisou Narizinho que seus amigos acabavam de chegar. “- Que bom! – exclamou a menina batendo palmas. Mas agora temos de recomeçar a festa desde o começo, senão Pedrinho fica danado.” Como a menina do nariz arrebitado já mandava no reino, fez-se o que ela pediu e tudo recomeçaria do início. Os três convidados da noiva entraram e Emília percebeu, no mesmo instante, que Rabicó tinha algo na cauda. Quando a bonequinha se deu conta de que se tratava de um siri, desmaiou de vergonha, provocando um grande rebuliço na corte, que correu toda para acudi-la. O Doutor Caramujo foi chamado rapidamente e constatou que a boneca não estava morta, mas desacordada. Narizinho, ansiosa, perguntou se haveria éter por ali, mas o médico disse que havia coisa melhor: siri. E explicou a todos que não conhecia nada melhor do que o bichinho para acordar uma criatura desmaiada. O Príncipe pediu que trouxessem um, e Rabicó, ao ouvir isso, mostrou a cauda ao médico, contente por ter aparecido um meio de ver-se livre daquele incômodo em seu rabinho. Assim que Doutor Caramujo aplicou o siri no nariz de

Emília, ela sorriu, perguntou onde estava, e disse que via tudo atrapalhado, “como se o mundo estivesse cheio de pernas...” O médico sorriu e guardou o siri no bolso para outra emergência. A festa recomeçou, do princípio, como ordenara o Príncipe em atendimento ao gosto de sua noiva, e os noivos repetiram a marcha até o trono, ao som dos mais lindos cantos entoado mais uma vez pelas sereias. Novamente o Bernardo Eremita casamenteiro proferiu as palavras sacramentais casando os noivos. Faltava a coroação e o mesmo Bernardo Eremita pediu a coroa, que não mais estava lá. O fidalgo que segurara a salva de escama onde viera a coroa começou a gritar que a peça havia sumido, e que alguém a havia furtado. O Príncipe chamou-o de “miserável” e, enfurecido, bateu com o cetro na cabeça dele. Foi uma grande confusão, e a corte fugiu assustada, porque todos de lá sabiam que, quando o Príncipe batia em alguém com o cetro, era sinal de acontecimentos piores do que tempestade em alto mar. Narizinho e seus companheiros fugiram também e chegaram pingando ao sítio. Quando pararam para tomar fôlego, Emília disse a sua dona que vira Rabicó comendo a coroa do Príncipe (**“O casamento de Narizinho”**, 97 a 121).

O CIRCO DE CAVALINHOS – Depois de Emília vencer o concurso “quem tem a melhor idéia” com a sugestão da montagem de um “círculo de escavalinho”, Dona Benta a corrigiu, dizendo que o certo era “circo de cavalinhos”. A boneca comentou que Escavalinho seria o nome do diretor do circo, e Pedrinho gostou da idéia. O nome do circo ficou sendo, então, Pedro Malazarte Escavalinho da Silva. As crianças e a boneca começaram a organizar as atrações e decidiram que a boneca faria uma corrida de cavalo, João Faz-de-conta seria o homem que engole espadas e come fogo e o Visconde de Sabugosa seria o palhaço. Estavam empenhados nesse assunto, quando foram surpreendidos pelos gritos de tia Nastácia. Ela reclamava da insistência do Visconde em importuná-la com uma conversa de “seno” e “co-seno” e ainda com o que ela chamava de “mangarítmos”. Ao ouvi-la proferir essa palavra estranha, o sábio caiu por terra, vitimado por um ataque. Narizinho acomodou o pobre Visconde na lata que lhe servia de cama, no vão do armário da sala de jantar, em meio aos livros de Dona Benta. Pediu que chamassem o Doutor Caramujo. Rabicó se encarregou disso, e depois de examinar o sábio, o médico disse: “- Hum! O caso é dos mais graves. Tenho de operá-lo imediatamente. Sua Excelência está empanturrado de álgebra e outras ciências empanturrantes. Tragam-me uma bacia d’água, toalha e também uma pedra de amolar.” Quando o cirurgião abriu o ventre do Visconde, as crianças viram lá uma confusão de letras e sinais algébricos, e ficaram compungidos com isso. O Doutor Caramujo, porém, retirou tudo e depositou “aquela tranqueira científica” num balde, deixando apenas algumas letras.

Terminada a intervenção, colou a barriga do sábio com Cola-Tudo. Recomendou um repouso de três dias e disse que era necessário esconder todos os livros de álgebra que pudessem existir na casa. Narizinho teve a idéia, já que a cola da cirurgia ainda não havia secado, de rechearem a barriga do sábio com três páginas de um livro de Cornélio Pires, com casos engraçados. Isso feito, colaram o ventre definitivamente. Recuperado o Visconde, Pedrinho comentou: “- Agora sim (...) nosso circo vai ter um palhaço ainda melhor que o tal Eduardo das Neves que tia Nastácia tanto gaba. Você, Narizinho, precisa fazer-lhe uma roupa bem pândega.” Os preparativos foram-se encaminhando: fez-se o programa do circo, preparou-se uma surpresa para o final, enviaram-se os convites. Dona Benta e tia Nastácia teriam cadeiras reservadas, mas pagariam com dinheiro de verdade para isso. A cozinheira regateou, e, para conseguir um desconto no valor da entrada, teve de prometer arranjar um tabuleiro de cocadas e pés-de-moleque para o espetáculo. O problema era o dinheiro que ainda faltava para a compra da peça de algodãozinho para a montagem. Emília o conseguiu, entretanto. Como Dona Benta não se lembrava do lugar onde deixara seus óculos, a boneca ofereceu-se para procurar, e cobrou por isso. Emília somente entregou o dinheiro a Pedrinho, todavia, depois que o menino consertou uma das rodas do carrinho de carretel que fizera e o cedeu à boneca, já que essa era a condição para a obtenção do valor necessário. A montagem do circo pôde, assim, prosseguir, e Pedrinho chegou a ficar com bolhas nas mãos de tanto cavar os buracos para fincar os esteios. Armado o circo, trataram de cuidar dos ensaios e os fizeram sem permitir que Dona Benta e tia Nastácia os vissem. Depois, preparou-se uma pantomima, que Emília insistiu que se chamasse “O PANTASMA DA ÓPERA”. No dia da apresentação, o terreiro foi enfeitado com bandeirinhas e arcos de bambu, e os convidados foram chegando: Doutor Caramujo, Dona Aranha e suas seis filhinhas, os dois Bernardos Eremitas, o Major Agarra. Chegaram ainda o Gato Félix, Aladin, o Gato-de-Botas, o Pequeno Polegar, a Menina da Capinha Vermelha, Rosa Branca e Rosa Vermelha, Ali Babá, Alice de Wonderland, Raggedy Ann. Barba Azul também foi, mas foi expulso por Maroto, o cão emprestado de tio Barnabé para impedir a entrada de personagens malvadas. O espetáculo somente começou quando apareceram Dona Benta e tia Nastácia, vestidas ricamente para a ocasião. O primeiro número era a corrida de cavalo de Emília, saltando por arcos de papel. Tudo ia muito bem, até que a pena do rabo do cavalinho da boneca se prendeu na ponta do prego de João faz-de-conta. A platéia explodiu em gargalhadas e vaias ao ver o feio boneco com um penacho balançando ao vento. Isso irritou profundamente a vaidosa Emília, pois ela imaginou que as vaias tinham sido para ela. O público clamava pela entrada do palhaço e Pedrinho, como o diretor do circo, viu-se numa grande aflição ao perceber que o Visconde de Sabugosa havia

desaparecido. Recomendou a João Faz-de-conta que entrasse no picadeiro para executar o número do homem que engole espadas e brasas. O feioso boneco estava fazendo seu papel direito, mas um outro incidente aconteceu. Quando engolia a última brasa da lata, essa esbarrou em seu nariz de palito de fósforo e pegou fogo. Vários convidados da apresentação pularam no picadeiro para socorrer Faz-de-conta, mas num esforço em vão. O nariz do boneco foi destruído e só restou dele um pedacinho de carvão. Curiosamente, a aparência de João Faz-de-conta melhorou com o incêndio, pois era o nariz de fósforo que o deixava tão feio. O boneco foi levado para dentro, mas o público continuava pedindo o palhaço. Pedrinho teve de dar explicações à impaciente assistência e avisou que o “famoso palhaço Sabugueira” desaparecera misteriosamente e que a estrela principal da pantomima, Emília, estava emburrada e se recusava a se apresentar. Comunicou também que, em face daqueles acontecimentos, o espetáculo seria encerrado com uma surpresa. Surgiu, então, um elefante, o menor que existia no mundo, como dizia Pedrinho, e começou a caminhar sobre garrafas arranjadas no picadeiro. A surpresa parecia um sucesso, porém o Polegar pediu que o elefante berrasse e, ao fazer isso, o elefantinho chamou a atenção do cão Maroto, pois berrava como um porco. Maroto avançou sobre o animal e, ao fazer isso, rasgou a pele do elefante e de dentro dela saiu correndo o Senhor Marquês de Rabicó. Revelada a farsa, a platéia quase veio abaixo com tanta gritaria que fez. Pedrinho saiu dando pontapés no cão, enquanto o leitão fugia para o terreiro. Narizinho apressou-se a entrar no picadeiro com uma tabuleta, na qual se lia: “INTERVALO”. Tia Nastácia iniciou a distribuição das cocadas e ainda persistia o mistério do desaparecimento do Visconde. O Gato-de-Botas jurava que era Peter Pan o responsável pelo sumiço, mas nada disso era verdade. O Visconde, de fato, saíra para conversar com o velho volume de Trigonometria que encontrara auxiliando na sustentação do circo. Foi tão grande a satisfação do encontro, que saíra para passear com o livro e assim ficou até o dia seguinte, mostrando que não tinha sido curado completamente de sua mania de ciência (“**O circo de cavalinhos**”, 227 a 250).

O FALSO GATO FÉLIX – Um gato apareceu no sítio, e Narizinho, assim que ouviu pela primeira vez seu miado, acreditou que fosse o Gato Félix. Como Emília desconhecesse a personagem, sua dona narrou-lhe os feitos do famoso felino e a bonequinha ficou encantada: “- Ai, ai! Era com uma pessoa assim que eu desejava ser casada...” Quando conversou com ele, Narizinho descobriu que corria mundo para descobrir onde existiriam os ratos mais gostosos e que já estivera até mesmo na corte do Príncipe Escamado. Ao ouvir isso, a menina do nariz arrebitado ficou exultante e revelou que se casara com tal Príncipe. Quis, então, ter

notícias de seu marido, e ficou sabendo que ele lhe mandara um recado: viria naquele mesmo dia passar a tarde com os moradores do sítio. A corte do reino marinho de fato fez a visita anunciada, mas, no momento em que a menina perguntou a Escamado sobre o gato, ele lhe disse que não o conhecia. Narizinho estranhou: “- Como não, se foi ele quem trouxe a notícia da sua visita, Príncipe?” Escamado, no entanto, revelou que mandara o recado por uma sardinha mensageira. Isso intrigou a menina, e se lembrou do cheiro de sardinha que sentiu quando deu um beijo no focinho do gato, mas não comentou nada com seu Príncipe, para não entristecê-lo. Depois que a comitiva do Reino-das-Águas-Claras se foi do sítio, a menina voltou sua atenção para o gato, pois desejava muito conhecer sua história. A pedido dele, suas aventuras foram contadas à noite, à luz do lampião aceso por tia Nastácia especialmente para o momento da narrativa. O gato principiou falando de suas origens: afirmou ser “cinquentaneto” do gato de botas e contou que seu avô viajara no navio do navegador Cristóvão Colombo. Ao saber disso, Emília pediu-lhe que contasse como havia sido a descoberta da América de acordo com o que seu avô vira. O gato contou, mas tal versão da descoberta desagradou o Visconde, que ouvia tudo atentamente, da lata onde estava colocado de maneira a não sujar o chão da sala com seu bolor: “- Não acreditem! A descoberta da América não foi assim, foi muito diferente. Eu li toda a história de Colombo num livro de Dona Benta. Posso afirmar que o Gato Félix está inventando.” Emília ficou irritada com a intervenção do sábio e propôs a Narizinho que tampasse a lata do Visconde a fim de que o gato pudesse continuar sua história. Isso feito, o bichano continuou a contar suas aventuras e, num dado momento delas, afirmou que, para salvar-se do afundamento do navio onde se encontrava, teve a idéia de jogar-se dentro da boca de um tubarão, acomodando-se em seu estômago, que era do tamanho da sala de Dona Benta. O Visconde empurrou a tampa de sua lata e mais uma vez protestou: “- Não acreditem! É mentira! Nem baleia tem estômago desse tamanho. Além disso, é impossível a um gato permanecer vivo num estômago de tubarão.” Emília irritou-se novamente e citou a história do profeta Jonas contada por Dona Benta para mostrar ao sábio que ficar na barriga de um peixe era possível, sim. O Visconde ainda tentou argumentar, mas todos deram razão à bonequinha, e o gato continuou sua narrativa. O relato, entretanto, começou a ficar enfadonho, a própria Emília ironizou o recurso repetitivo de introduzir personagens velhas, e o contador concluiu sua história de um modo que provocou grande desapontamento nos ouvintes. Somente a bonequinha, porém, teve coragem de encarar o gato e dizer-lhe a verdade: “Não valeu a pena vir de tão longe para contar uma história tão sem pé nem cabeça. Eu, que nunca saí daqui, sou capaz de contar coisa muito mais bonita.” Dona Benta, então, avisou que, no dia seguinte, seria a vez de Emília contar uma história.

Quando amanheceu, todos ficaram sabendo do sumiço de um dos franguinhos do galinheiro, e Pedrinho propôs: “- Vamos armar uma ratoeira, mas o melhor é consultarmos o Visconde. Depois que foi embrulhado naquele folheto das *Aventuras de Sherlock Holmes*, ficou tão esperto que é capaz de descobrir o ladrão.” Consultado, o Visconde pediu que deixassem o caso com ele e começou suas investigações: passou o dia no galinheiro e recolheu pelinhos que encontrou no chão. Quando anoiteceu e tia Nastácia acendeu o lampião, Emília contou sua história. Fez isso tão bem, que foi até aplaudida pelos ouvintes. O gato, porém, ficou enciumado e implicou com a boneca, dizendo que não havia gostado da história. Narizinho interveio em favor dela: “- Não acredite, Emília! (...) A história que você contou está muito boa e merece grau dez. Para uma boneca de pano, e feita aqui na roça, não podia ser melhor.” Dona Benta comunicou que no dia seguinte seria a vez do Visconde contar uma história e foram dormir. No outro dia, tia Nastácia avisou que um novo franguinho havia desaparecido do galinheiro, e isso aborreceu Dona Benta. O Visconde conversou com Pedrinho e disse-lhe achar que o responsável pelo roubo dos pintos do galinheiro não era uma raposa, pois o pêlo que encontrara no local não indicara isso. Para ter certeza a respeito do animal, precisava de um microscópio e o menino lhe trouxe o binóculo de Dona Benta. O sábio pôs, então, um pelinho do autor dos roubos na frente do instrumento e começou a examiná-lo. Pedrinho quis saber quem era o ladrão, e o detetive do sítio respondeu: “- Não posso dizer ainda, mas é um bicho de quatro pernas da família dos felinos. Vá brincar e deixe-me só por aqui. Preciso ‘deduzir’ e pode ser que de noite já esteja com o problema resolvido.” Emília, na varanda, estava muito envolvida com suas idéias de se tornar escritora de histórias, quando o gato começou a provocá-la. O motivo do desentendimento dos dois era a história que a boneca havia contado na noite anterior, e que provocara a inveja do gato. Discutiram muito, a ponto de Emília avançar no bichano e agarrar-lhe a barba, arrancando dela um fio. Narizinho teve mesmo que apartar a briga e pôr o gato para fora. O Visconde conversou com a bonequinha logo depois, soube do que acontecera, inclusive do pêlo que ela havia arrancado do gato, e o pediu para examinar. À noite, assim que tia Nastácia acendeu o lampião, o Visconde iniciou seu relato, não sem antes pedir à boa senhora que deixasse a vassoura ao alcance de sua mão. Sua história trazia, na verdade, a narração de fatos relacionados ao gato, quem o sábio investigara, podendo, por isso, afirmar a todos que o visitante não era o famoso Gato Félix, mas um terrível bichano ladrão. As provas do delito eram os pêlos de felino: o que ele havia encontrado no galinheiro e o que havia sido arrancado por Emília da barba do gato loroteiro. Examinando no binóculo de Dona Benta tais provas, o Visconde percebeu que pertenciam ao mesmo animal, identificando o culpado pelos roubos. Assim que o Visconde terminou seu

relato e desmascarou o gato, tia Nastácia avançou sobre ele com a vassoura, obrigando-o a fugir pela janela. Todos deram vivas ao Sherlock Holmes do sítio e o cumprimentaram carinhosamente. Dona Benta disse que os fatos daquela noite provavam que o Visconde de Sabugosa era um verdadeiro sábio e anunciou que tomaria conta dele a partir daquele momento, curando-o do bolor e colocando-o como administrador do sítio. Ela guardou-o, então, em sua estante, entre um livro de Aritmética e outro de Álgebra (“**Aventuras do Príncipe**”, 123 a 125; 131; “**O Gato Félix**”, 149 a 171).

O IRMÃO DE PINOCCHIO – Narizinho comentou, certa feita, que Dona Benta andava sem inspiração para contar novas histórias. A velha senhora percebeu que isso de fato acontecia e escreveu a um livreiro de São Paulo, solicitando o envio de quantos livros tivesse. Foram chegando muitos volumes ao sítio, até que surgiu *Pinocchio*. Pedrinho quis ler a história sozinho, debaixo da jabuticabeira, mas Dona Benta avisou que ela leria o livro para todos e aos poucos, para que o prazer da leitura da obra se prolongasse. Em princípio o menino se irritou, pois tinha vontade de conhecer logo toda a história. À noite, porém, quando foi aceso o lampião por tia Nastácia, Pedrinho era o mais ansioso pelo começo da leitura. Dona Benta possuía um jeito especial para ler as histórias às crianças. Ela simplificava a linguagem do livro e interpretava a fala das personagens, criando sotaques para elas. Tudo isso fazia a audição da história tornar-se muito mais interessante. Lidos os primeiros capítulos, ainda não era possível ter uma idéia mais precisa do conteúdo, porém Pedrinho comentou que simpatizara com a personagem-título. Narizinho disse que não tivera a mesma impressão e quis saber a opinião de Emília, que respondeu, com jeito pensativo: “- Eu acho (...) que achei uma grande coisa.” Os garotos ficaram curiosos a respeito do pensamento de Emília, contudo a bonequinha andava extremamente interesseira por esse tempo, e só concordava em falar se recebesse algo em troca: o cavalinho de pau sem rabo de Pedrinho, guardado em sua gaveta. O menino disse que faria a cessão do brinquedo se a idéia de Emília fosse “aproveitável”. Ela, então, depois de obter a palavra do neto de Dona Benta de que ficaria mesmo com o cavalinho, revelou: “- Pois minha idéia é esta: Se Pinocchio foi feito de um pedaço de pau vivente, bem pode ser que ainda haja mais pau dessa qualidade no mundo.” Pedrinho quis saber o que tinha com isso, e a bonequinha explicou: “- Tem que, se houver mais pau dessa qualidade, você poderá arranjar um pedaço e fazer um irmão do Pinocchio!”. Ficaram todos admirados com a esperteza de Emília, porém Pedrinho foi quem de fato se entusiasmou com a idéia. Autorizou que a boneca apanhasse o cavalinho de sua gaveta e não parou mais de pensar no que ela dissera. O problema era ir até a Itália, algo que Dona Benta não permitiria,

por temer viagens de navio. O Visconde de Sabugosa, quem por essa época andava mais sabido do que nunca, deu a Pedrinho uma idéia excelente. Disse ao menino que não era preciso ir à Itália buscar o pau vivo de que fora feito o Pinocchio. Explicou ele: “A Natureza é a mesma em toda parte; e se lá há disso, não vejo razão plausível para que não o haja aqui também. Logo, se você procurar, bem procurado, é possível que descubra em nossas matas algum ‘exemplar esporádico da mirífica substância.’” Pedrinho amolou seu machadinho e, já no dia seguinte à conversa com o sábio, começou a procurar o precioso pau. Ao cabo de uma semana de buscas vãs, o menino se irritou e chegou a dizer que a idéia do Visconde se parecia com o nariz dele. Emília ouviu tal desabafo e ficou preocupada com a possibilidade de o menino tomar-lhe o cavalinho de pau se não encontrasse o pau vivo. Tratou de pensar e elaborou um plano, tendo a colaboração do Visconde de Sabugosa, para enganar Pedrinho e levá-lo a acreditar que encontrara o pau vivo. A bonequinha convenceu o sábio a se esconder no oco de um tronco velho, caído à beira da estrada por onde passaria o menino, e gemer quando o garoto golpeasse a madeira com seu machadinho. Ao ouvir o gemido, Pedrinho pensaria que achara o mesmo pau que dera origem ao Pinocchio, ficaria satisfeito e não pegaria de volta o brinquedo da bonequinha. Tudo aconteceu como Emília imaginara e Pedrinho voltou para casa com um pedaço do pau que pensava ser o vivo, numa alegria nunca vista. Mostrou a todos sua descoberta e ouvia os comentários mais admirados, enquanto a bonequinha e o Visconde disfarçavam o riso, pois sabiam que tudo não passava de uma farsa montada por eles. Restava construir o irmão para o Pinocchio, porém Pedrinho estranhava a mudez do pau, que, no entanto, gemera de dar dó quando o encontrara. A esperta boneca forneceu uma refinada explicação para aquele silêncio, demonstrando “progressos ‘psicológicos’” no seu desenvolvimento de boneca que encantaram o amigo Visconde. O neto de Dona Benta resolveu que se construísse o irmão de Pinocchio mesmo com o silêncio do pedaço de pau, pois tinha esperança de que desse modo viesse a viver. Como não houvesse consenso sobre a forma que o boneco teria, Pedrinho decidiu fazer um concurso de desenho. O desenho vencedor definiria o modelo do irmão da famosa personagem. Ao longo de meia hora, não se fez outra coisa na casa, cada um se envolveu com seu desenho. Concluídas as seis obras, de cada um dos moradores do sítio, Pedrinho as prendeu na parede para que fossem julgadas. Os desenhos eram todos muito engraçados, mas o de tia Nastácia era o mais feioso. O menino tentou por três vezes pôr em votação o melhor desenho, sem obter sucesso, pois cada um votava na própria criação. O jeito foi tirar a sorte e, enrolados os papéis com os nomes, ele escolheu Dona Benta para fazer o sorteio, por ser a mais velha. Emília não concordou com a escolha e começou a protestar, dizendo que seria ela

quem fazia o sorteio. Erguia uma das mãos em protesto, mas não tirava a outra do bolsinho da saia. Tal atitude intrigou Narizinho, que pediu para ver a mão da boneca. Emília se negou a mostrar, o que levou a menina a retirar-lhe a mão à força do bolso. Entendeu a razão do disfarce da bonequinha: na mão escondida no bolso da saia, havia um papelzinho enrolado do mesmo modo daqueles que seriam sorteados. Emília tentara trapacear, na verdade, e isso, em princípio, foi condenado por todos. Depois, ao descobrirem que ela escrevera “O MEU” no papelzinho, demonstrando muita ingenuidade, começaram a rir da situação. Somente tia Nastácia não achou nada engraçado na atitude de Emília e comentou que, se fosse Dona Benta, daria umas palmadas na boneca. A velha senhora não chegou a fazer isso, alegando que Emília era “uma bobinha” que ainda não sabia distinguir o bem do mal, mas repreendeu a boneca pela primeira vez. Emília saiu muito ofendida da sala e não participou do sorteio, que, afinal, definiu o desenho de tia Nastácia como o modelo a ser adotado na feitura do boneco. A decepção foi geral, pois o desenho da cozinheira era o mais feio, mas o sorteio foi respeitado. Narizinho foi, então, ver o que Emília estava fazendo e a encontrou arrumando os brinquedos e vestidos numa caixa de papelão que lhe servia de mala, pois pretendia ir embora do sítio. Sem perceber a chegada da menina, conversava com o cavalinho de pau, e demonstrava toda sua raiva por tia Nastácia na forma de insultos que a caracterizavam como a mais malvada das criaturas. Por isso, explicava a boneca ao cavalinho, precisavam partir dali: Tia Nastácia poderia matá-lo e assá-lo no forno, como fazia com os frangos, os perus, os leitões. Narizinho interrompeu sua boneca nesse momento e descobriu que a intenção dela era ir morar com o Pequeno Polegar, que lhe fizera o convite quando de sua passagem pelo sítio. A menina do nariz arrebitado fez a bonequinha perceber que não caberia na casinha do Polegar, sendo ele tão pequenino. Emília concluiu, então, que teria de dormir ao relento, com o risco de ser atacada por morcegos e corujas, o que ela mais temia. Decidiu ficar, portanto, mas fez Narizinho garantir que lhe daria um vestido novo de seda, com laço de fita e babado. A menina também condicionou a realização do pedido a algo: queria que Emília fizesse as pazes com tia Nastácia, quem, segundo contou, até já se arrependera de ameaçar a boneca com palmadas. A raiva de Emília já passara também, e ela quis tirar ainda mais proveito da situação: disse que só fazia as pazes, se a cozinheira lhe desse o alfinete de pombinha em seu poder. Esse alfinete vinha a ser o mais novo objeto querido pela boneca, em sua fúria de tudo possuir. Narizinho afiançou-lhe que tia Nastácia lhe daria. Depois de se fechar em sua cozinha por uma hora, de modo a modelar o irmão de Pinocchio com a madeira encontrada por Pedrinho, tia Nastácia apresentou a todos seu trabalho. Mais uma vez, decepcionou a todos, porque não poderia existir obra mais feia. A feiúra do boneco irritou Pedrinho, e ele

continuava não compreendendo a mudez daquele pedaço de tronco que, entretanto, gera ao ser encontrado. O Visconde de Sabugosa aconselhou o menino a fazer como Deus procedera com o primeiro homem, e dar vida ao boneco assoprando-o. Emília, nesse momento, enquanto manifestava concordância com a idéia do sábio, acabou por batizar a horrorosa criatura de João Faz-de-conta. Todos aprovaram o nome e a bonequinha foi classificada como a “melhor ‘botadeira de nome’ do sítio”. Emília, então, tratou de lembrar Narizinho a respeito de seu pedido e, apesar de inicialmente a cozinheira relutar, cedeu às insistentes solicitações da menina e deu o alfinete de pombinha carijó à boneca. Por esse tempo, Emília já arranjara um lindo rabo de pena de galo para seu cavalinho e com ele passava muito tempo brincando. Ao receber o alfinete de tia Nastácia, foi correndo mostrar ao seu brinquedo a nova conquista. A bonequinha, porém, não ficava sossegada, pois temia perder o cavalinho de madeira, se Pedrinho descobrisse que fora enganado. Chegou a conversar disfarçadamente com João Faz-de-conta e prometer-lhe um presente caso vivesse, mas, em vão. Pedrinho, cansado de assoprar o horrendo boneco, também sem êxito, irritou-se imensamente um dia. Atirou-o para cima do armário da sala de jantar depois de insultá-lo bastante e, aproximando-se de Emília, perguntou pelo cavalinho. O que a bonequinha mais temia acontecera, mas, como não pretendia devolver o brinquedo de modo algum, discutiu para valer com o menino. Ele chegou a xingar a boneca de “cara de coruja seca”, o que ela considerava o pior dos insultos, e a dar-lhe um beliscão. Ela o chamou de Barba Azul e gritou por socorro. Todos acudiram e deram razão a Emília, principalmente Dona Benta, que até ameaçou o neto de efetuar sua matrícula no velho colégio Caraça, estabelecimento de ensino com uma fama muito ruim, caso ele continuasse brigando com a bonequinha. Os dois se acalmaram depois da ameaça da dona do sítio, mas, assim que voltaram a se encontrar, trocaram ofensas novamente. Emília possuía o trunfo do colégio, todavia, e foi com ele que impediu o menino de tornar a insultá-la do modo que a irritava. Para esquecer a raiva, Pedrinho foi para a floresta com o machadinho, e lá, acabou por descobrir a farsa montada pela boneca e pelo Visconde de Sabugosa. Ficou muito bravo por ter sido enganado, mas prometeu tirar a forra. Tanto Emília andava envolvida com o cavalinho, que recusou o convite de Narizinho para o costumeiro passeio pelo pomar certa tarde. Alegou estar muito ocupada, a lhe ensinar coisas: “Estou ensinando o abc a este analfabeto, que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras ‘cavalências’ célebres.” A menina do nariz arrebitado resolveu, então, levar o boneco João Faz-de-conta consigo e viveu, em sua companhia, uma experiência maravilhosa que depois foi relatada a Emília e a Pedrinho. Um dos fatos mais incríveis do que a menina contou dizia respeito à possibilidade de Emília vir a se transformar numa fadinha de pano, por ter em

seu poder o alfinete de pombinha carijó, o que era, na realidade, uma poderosa varinha de condão. Ao saber dessa possibilidade, Pedrinho esqueceu completamente dos planos de vingança da bonequinha. O que fez foi adular a futura fadinha, prometendo-lhe uma porção de coisas, como cavalinhos novos, uma casinha, um fogãozinho e até um trapézio onde ela poderia balançar-se. Emília, atônita com tal excesso de gentilezas da parte do menino, arregalou muito os olhos de retrós e os arreventou (**“O irmão de Pinocchio”**, 199 a 226).

PAÍS-DAS-FÁBULAS – Uma personagem surgiu na presença de Pedrinho, enquanto o menino comia goiabas, trepado no pé. Era um ser invisível, de modo que assustou o neto de Dona Benta da primeira vez que se comunicaram. Afirmou que tinha “mais ou menos” a mesma altura de Pedrinho e também “mais ou menos” a idade dele. Disse também que estava ali para ensinar um grande segredo a todos: o jeito de tornar uma pessoa invisível como ele. Em princípio, o menino achou que se tratasse de Peter Pan, mas o menino invisível negou. Na conversa com Pedrinho, o ser invisível disse que, para aprenderem o referido truque, ele e a prima Narizinho precisavam acompanhá-lo na viagem pelo mundo das maravilhas. Sendo o primeiro menino invisível do mundo, sentia-se muito só e por isso precisava de companheiros. Mostrou, então, o mapa desse mundo a Pedrinho, e quando o neto de Dona Benta quis saber o meio de ir até esse lugar, o ser invisível respondeu: “Não se preocupe com isso. Tenho jeitos para tudo. Guiarei você.” Combinaram de partir já no dia seguinte, de madrugada, e, ao se despedir, o menino invisível cantou como um galo. Na hora estipulada, foram os primos, e também Emília e o Visconde de Sabugosa, ao pomar, para o encontro com o ser invisível. Feitas as apresentações, Emília decidiu amarrar uma pena de papagaio na testa do menino invisível, de maneira que pudessem localizá-lo. Isso deu a ela a idéia de chamá-lo de Peninha e assim ficou. Para que fizessem a viagem, Peninha deu a todos uma pitada de um pó mágico, chamado pó de pirlimpimpim. Chegaram, então, ao País-das-Fábulas. Nesse lugar, o grupo de aventureiros encontrou os fabulistas célebres La Fontaine e Esopo, e teve contato com as personagens de suas fábulas. As crianças, porém, se perderam de seu guia e acabaram capturadas pelos guardas do rei Simão XIV, do país dos macacos. Emília foi a única que conseguiu se safar e pôde, assim, ir ao encontro de Peninha e pedir ajuda. Ele libertou os prisioneiros enquanto os macacos dormiam, pois pusera uma forte dose de uma “planta dormideira” na água dos símios, o que permitiu a fuga, no lombo do burro de uma das fábulas (**“Pena de papagaio”**, 251 a 285).

REINO-DAS-ABELHAS – No palácio das Colméias, Narizinho e Emília foram recepcionadas por vários zangões. Como a boneca precisasse de muletas por estar com uma das pernas vazias do recheio de macela, a menina solicitou um par àqueles senhores e ficaram sabendo por eles, então, que o Doutor Caramujo, do Reino-das-Águas-Claras, lá se encontrava. Narizinho quis que ele viesse à presença delas para consultar Emília e isso aconteceu. A menina, porém, desentendeu-se com o médico, pois ao dizer que tia Nastácia poderia curar Emília em dois minutos, usando um pouco de macela, agulha e linha, ouviu do Doutor Caramujo que a mulher era uma “reles curandeira”. Narizinho indignou-se, ameaçou tratá-lo da mesma maneira como fez com Dona Carochinha, e o “verdadeiro discípulo de Hipócrates”, como o doutor se auto-denominava, “meteu o rabo entre as pernas e sumiu-se.” Um besouro mendigo, manco, que costumava andar pelo reino pedindo esmolas foi apresentado à Narizinho, e a menina não reconheceu, em princípio, o mesmo besouro que já estivera passeando pelo seu rosto uma vez, próximo ao ribeirão do sítio. Ele contou que ficara aleijado para sempre quando caiu de mal jeito do rosto da menina, no momento em que ela espirrou. Narizinho compadeceu-se com a história do besouro, enfiou-o no bolso do vestido, onde estavam os bolinhos de tia Nastácia, com o quais poderia se fartar, e avisou que o levaria para o sítio. Narizinho encontrou ainda outra personagem do Reino-das-Águas-Claras, o Major Agarra. Este contou à menina que o príncipe ainda não havia se casado, e todos do reino achavam que ele sofresse de “paixão recolhida”, por amar alguém e não ser correspondido. Indagado sobre o “tal gigante Fura-Bolos”, o Pequeno Polegar disfarçado, o Major disse que nunca mais fora visto. Deu-se, então, o encontro de Narizinho com a libelinha mensageira, que trazia uma carta do Marquês de Rabicó, pedindo perdão por sua covardia e avisando a menina de seu apuro com Tom Mix. Escrita e enviada a carta que salvou a vida do leitão, Narizinho e Emília começaram a visitar as dependências do palácio, e a menina se encantava cada vez mais com a “ordem”, a “economia” e a “inteligência” do lugar. Uma abelhinha que passava explicou-lhes como era a convivência e os costumes entre as abelhas, sempre comparando com o modo de vida dos seres humanos, para mostrar que ali tudo era melhor. Narizinho queria muito conhecer a rainha e foi levada a sua presença, mas não gostou de saber que, dentre aqueles zangões que lhe faziam a corte, apenas um seria o escolhido, sendo os outros condenados à morte. Surgiu, atendendo a um recado da menina, o *cowboy* Tom Mix. Ela lhe perguntou logo sobre o Marquês de Rabicó e o vaqueiro respondeu que estava vivíssimo. Soube, então, que o motivo de sua ida ao Reino-das-Abelhas era arranjar burrinhos de carga que pudessem transportar mel e cera para o sítio. Tom Mix providenciou uma tropa de grilos arreados de cangalhas e ancorotes próprios para conduzir

mel, esperou que os potes fossem cheios do mel escolhido por Narizinho pela abelha meleira e aguardou no portão do palácio com os cavalinhos prontos, conforme orientação da menina. Na volta, Emília foi colocada num pote vazio de mel, onde poderia ir mais comodamente do que na garupa do cavalinho pangaré. Para sossegá-la e impedir que protestasse, foi posta na frente do bando, a fim de que pudesse ver tudo antes dos outros. Foi a bonequinha, assim, quem primeiro enxergou uma estranha criatura à frente, o que, para ela, era um “monstro com cabeça de porco e ‘peses’ de tartaruga”. Tom Mix, ao aproximar-se da criatura, viu que era, na verdade, o Marquês de Rabicó montado num jabuti. O pobre animal vinha açoitado pelo leitão, o que indignou Narizinho. Ela quis, por isso, dar uma lição no Marquês: pediu ao jabuti que lhe pusesse os arreios e lhe montasse, ficando-lhe, sem dó, as esporas e o chicote. O castigo dado ao Marquês foi aprovado até pela libelinha enganada, que apareceu e pediu que o jabuti desse “umas boas lambadas” no porquinho, por sua conta. Já bem perto do sítio, o bando parou para o almoço, pois Narizinho estava com fome. Ao remexer no bolso à procura de algum pedaço de bolo, a menina do nariz arrebitado não encontrou nada, muito menos o besouro aleijado, que havia fugido. O jeito foi comer o mel puro trazido do Reino-das-Abelhas. Um tiziu que cantou numa árvore próxima chamou a atenção da menina. Desconfiou que o pássaro tinha algo a ver com Pedrinho, e, de fato, tinha, pois era o próprio menino transformado em tiziu. Ele contou que isso fora obra de uma velha feiticeira que surgira no sítio e que ela também transformara Dona Benta em tartaruga e tia Nastácia, em galinha preta. Narizinho contou novamente com a ajuda do *cowboy* Tom Mix, que buscou a bruxa durante três dias e a trouxe para desfazer o malfeito na mira de dois revólveres. A velha era tão feia, que a menina fechou os olhos horrorizada, e quando teve coragem de os reabrir, viu tia Nastácia a sua frente, que lhe disse: “- Acorde menina! Parece que está com pesadelo...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 62 a 78).

REINO-DAS-ÁGUAS-CLARAS – Esse episódio iniciou-se quando Narizinho, depois de dar comida aos peixinhos e sentindo os olhos pesados de sono, deitou-se na grama perto do ribeirão que passava nos fundos do pomar do sítio. Emília estava em seu braço. Foi seguindo as nuvens que passavam no céu, formando castelos e camelos, e, embalada pelo barulho das águas, quase ia dormindo quando sentiu cócegas no rosto. Era um peixinho vestido de gente que estava em pé na ponta de seu nariz, o Príncipe Escamado. Em sua testa também estava um besouro, igualmente trajado como gente, o mestre Cascudo. Feitas as apresentações, Narizinho foi convidada a fazer uma visita ao reino. Lá conheceu o sapo guardião, o Major Agarra-e-não-larga-mais, a costureira do reino, Dona Aranha, que lhe teceu o vestido mais

bonito do mundo, e o doutor Caramujo, o excelente médico que curou Emília de sua mudez com a pílula falante. No reino do Príncipe Escamado, Narizinho também envolveu-se na contenda com Dona Carochinha, a baratinha contadora de histórias que estava à procura de uma de suas personagens, o Pequeno Polegar. A menina ajudou-o a fugir de sua história e foi a convidada de honra de uma festa dada pelo Príncipe. O episódio encerrou-se no momento em que Narizinho ouviu um grande estrondo de uma voz fora da sala de baile do palácio, que dizia: “- Narizinho, vovó está chamando!...” O susto causado por esse trovão fez as personagens do reino marinho sumirem todas. Uma ventania muito forte envolvendo a menina e sua boneca arrastou-as do fundo do oceano para a beira do pequeno ribeirão do pomar, e estavam no sítio outra vez (“**Narizinho Arrebitado**”, 4 a 30).

TOM MIX – Tudo começou quando Narizinho despertou de um lindo sonho por batidinhas de chicote em sua vidraça. Era o Marquês de Rabicó que a chamava, montado num cavalinho de pau. Avisou que já eram horas de partir e que a Condessa de Três Estrelinhas, Emília, já estava lá embaixo, no cavalo pampa. Enquanto selavam o cavalo pangaré para Narizinho, a menina pôs seu vestido vermelho de bolso, onde guardou os bolinhos de tia Nastácia. Os bolsos também serviriam para trazer coisas do Reino-das- Abelhas, para onde iriam, a convite de Sua Majestade, a Rainha das Abelhas. O convite fora trazido na véspera por um maribondo mensageiro e a resposta afirmativa foi dada por Emília, que teve a idéia de escrever um bilhete na asa de uma borboleta, o borboletograma. Neste bilhete, a bonequinha não incluiu o nome de Pedrinho no passeio, pois conforme ela mesma explicou a Narizinho, quando lhe perguntou isso: “- Porque ele não é nobre – nem barão é!...” Foram, então, sem o menino. No caminho, Narizinho aproveitou uma oportunidade e falou a sós com o Marquês de Rabicó sobre sua intenção de casá-lo com a boneca. Ele declarou que aceitaria, com a condição de o dote ser bom. Mais adiante foram abordados pelo grande herói do cinema, o *cowboy* Tom Mix, agora chefe de uma quadrilha de lagartos. O Marquês fugiu assim que a quadrilha Chupa-Ovo apareceu; Narizinho e Emília levantaram as mãos, pois o bandido lhes apontou um trabuco e disse: “- A bolsa ou a vida!” Ele queria ouro de verdade e não adiantou Narizinho lhe oferecer os bolinhos que trazia no bolso. Ela, então, teve uma idéia genial. Disse a Tom Mix que lhe daria um montinho de ouro puro, daquele bem amarelo, mas pediu em troca seu alforje e uma tesourinha. O *cowboy* deu o que ela queria, e Narizinho, então, explicou à Emília seu plano: esvaziaria uma das pernas da boneca, recheadas de macela, e encheria com esta planta o alforje do bandido. Emília protestou em princípio, mas acabou cedendo, e o plano foi posto em prática. “- Aqui tem seu alforje cheio de ouro-macela!”, disse

Narizinho a Tom Mix. Com os olhos faiscando de cobiça, ele libertou as duas e colocou-se à disposição da menina para o que ela precisasse. Bastaria gritar – “Mix, Mix, Mix!”- e ele viria para ajudá-la, e se foi. Como Emília estivesse com uma perna vazia, teve dificuldade para seguir viagem em seu cavalo. Acomodou-se, por isso, na garupa do pangaré de sua dona e já partiam, quando se lembrou do Marquês. Narizinho fez o cavalo parar, e pensou em vingar-se do leitão, por tê-las abandonado com o bandido, pensando somente nele próprio. Gritou, então: “Mix, Mix, Mix!”. E pediu ao *cowboy* que fosse buscá-lo onde estivesse, pois queria vingar-se do leitão comendo, no almoço do dia seguinte, virado de feijão com torresmo do Marquês. Emília ficou com pena de Rabicó, mas assim queria Narizinho, e o bandido se foi, para cumprir o desejo dela. Encontrou o leitão na floresta, com a cabeça enfiada dentro de uma abóbora muito grande, entretido em devorá-la. Tom Mix agarrou Rabicó por uma perna e explicou ao assustado leitão o desejo da menina do nariz arrebitado. O porquinho tentou dissuadir o bandido, oferecendo-lhe aquela abóbora que devorava e ainda outra maior, que havia escondido. Tom Mix, porém, declarou que não gostava de abóbora e já se preparava para matá-lo, quando o Marquês teve uma idéia. Pediu cinco minutos de vida para fazer seu testamento e confiá-lo a uma libelinha que ia passando. O bandido concordou e o leitão prometeu à libelinha dar-lhe um lindo lago azul, onde poderia voar a vida inteira, se levasse à Narizinho uma carta. Neste documento, o Marquês pedia perdão à menina por sua covardia e avisava que Tom Mix estava prestes a matá-lo com uma faca. A libelinha mensageira aceitou fazer esse favor ao leitão e levou a carta à mencionada destinatária, que já se encontrava no Reino-das-Abelhas. Recebida a carta, Narizinho escreveu um bilhete a Tom Mix com uma ordem de perdão ao porquinho, que também foi levado pela libelinha. Tal ordem chegou bem na hora em que Tom Mix já acreditava estar findo o prazo pedido pelo leitão. Foi, então, liberto pelo bandido com um formidável pontapé. A libelinha contou ao Marquês, a pedido dele, o que se passara com Narizinho e Emília em sua ausência, e quando ela perguntou sobre a promessa de ganhar um lago azul, Rabicó lhe respondeu: “Eu prometi um lago, é verdade, mas refletindo melhor vi que é um presente muito perigoso, pois você pode vir morrer afogada. Em vista disso achei melhor substituir esse lago por esta sementinha de abóbora. Tome!” A libelinha, furiosa, agradeceu, mas disse que fazia questão de seu lago azul. Rabicó falou, então, que decidiria sobre esse caso no dia seguinte, e voltou a devorar sua abóbora (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 53 a 62; 65 a 68).

ABELHA – No Reino-das-Abelhas, Narizinho e Emília pediram informações a ela sobre a vida na colméia. A primeira pergunta foi feita pela bonequinha, para saber se era a rainha quem mandava naquele reino. A resposta foi a seguinte: “- Não, senhora! (...). Nós não temos governo, porque não precisamos de governo. Cada qual nasce com o governo dentro de si, sabendo perfeitamente o que deve e o que não deve fazer. Nesse ponto somos perfeitas.” Essas palavras causaram admiração na menina do nariz arrebitado, que lamentou não ser do mesmo modo no mundo dos seres humanos. A abelha ainda falou mais a respeito de seu reino e de sua rainha, sempre apontando a supremacia deste em relação ao dos homens. Como as visitantes estivessem ansiosas por conhecer a rainha, a abelha as conduziu aos cômodos reais para que pudessem vê-la (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 69, 70).

ABELHA MELEIRA – Narizinho e Emília a encontraram no Reino-das-Abelhas, tomando conta do depósito de mel. Vestia um avental muito limpo, e logo perguntou às visitantes, quando chegaram: “- Querem mel?” A menina respondeu afirmativamente, e disse querer levar cera também. A abelha meleira interrogou-a sobre a qualidade do mel desejado e Narizinho quis saber a respeito disso. A pequenina respondeu: “- Temos aqui mel de flores de laranjeira, mel de flores de jabuticabeira lá do sítio de Dona Benta e temos o mel mil flores, colhido de todas as flores do campo.” Narizinho escolheu o mel de flores de jabuticabeira e pediu “um quilinho de cera bem branca” para levar à tia Nastácia. A abelha meleira pensou que Emília fosse a criada da menina e perguntou se era a boneca quem levaria os pacotes. Emília chegou a ficar vermelha de cólera por causa do engano, mas Narizinho explicou à abelhinha quem era de fato sua acompanhante. Ao perceber seu erro, a abelha meleira pediu desculpas, e, nesse momento, chegou ao depósito uma tropa de grilos munidos de cangalhas e pequenos barris para transportar mel. A tropa tinha à frente Tom Mix, que descarregou as vasilhas e aguardou que fossem cheias pela abelhinha meleira com o mel escolhido pela menina do nariz arrebitado (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 72, 73).

AVÔ DO FALSO GATO FÉLIX – Quando o gato, que todos do sítio imaginaram ser o Félix, contou sua história aos moradores do sítio, desse modo se referiu a seu avô: “Meu avô veio para a América no navio de Cristóvão Colombo e naturalizou-se americano. Eu ainda alcancei meu avô. Era um velhinho muito velho, que gostava de contar histórias da sua viagem.” Ao ouvir isso, Emília ficou maravilhada e pediu ao gato que contasse a história do descobrimento da América tal como lhe revelara seu avô. O impostor contou, então, a história, mas anexou-

lhe detalhes inverídicos que irritaram o Visconde de Sabugosa, conhecedor dos fatos verdadeiros relacionados ao descobrimento do continente (“**O Gato Félix**”, 150, 151).

BARATINHA DO MAR – No Reino-das-Águas-Claras, o Visconde de Sabugosa foi incumbido por Pedrinho de subir à gávea do mastro do navio naufragado, e avisar da chegada das tropas de salvamento do Príncipe Escamado ao Marquês de Rabicó, que fora enlaçado por um polvo. O sábio acabou se distraíndo com a baratinha do mar que andava por perto, pensando no possível nome científico que ela teria, e nada mais viu. Depois que os caranguejos rajados fizeram o salvamento, o Visconde desceu do mastro com a pequenina dentro da cartola, explicando: “- Acho que esta baratinha deve ser uma *Balabera gigantea* das Índias Ocidentais”. Pedrinho ficou muito bravo com o sábio de sabugo por não ter feito como lhe recomendara e chegou a chamá-lo de “perfeito palerma” por isso (“**O casamento de Narizinho**”, 116, 117).

BEIJA-FLOR MENSAGEIRO – O pássaro que todos os dias ia visitar a roseira de Emília e quem enviou os convites da festa em homenagem às personagens das histórias maravilhosas. Narizinho disse a Pedrinho que se aproximara dele e lhe perguntara se sabia ler. O pequenino prontamente respondera: “ ‘Sei, sim!’”. A menina do nariz arrebitado pedira-lhe, então, que apanhasse as cartinhas e as entregasse aos seus donos. O beija-flor fizera como que ela recomendara e – “pr!” – teria ido embora (“**Cara de Coruja**”, 174).

BERNARDOS EREMITAS - Eram uns caranguejos que tinham o mau costume de se aproximar das conchas dos moluscos e os deixar em carne viva no mar. De acordo com o Príncipe Escamado, eram os piores ladrões que havia por lá, no reino marinho. Um deles, mais solene, foi o acompanhante de Emília na cerimônia do casamento de Narizinho com o Príncipe. Ele dava o braço à boneca, e “trazia nas mãos uma salva de escama onde repousava a coroa com que o príncipe ia ser coroado.” A coroa era uma rosquinha que Narizinho havia enviado ao Príncipe como resposta às muitas cartas que o soberano mandou a ela. Como foi o presente de que o Príncipe Escamado mais gostou, não a comeu, e “mandou que o melhor ourives do reino engastasse nela uma fileira de diamantes, de modo a transformá-la numa preciosa coroa. Outro dos Bernardos Eremitas foi o casamenteiro da mesma cerimônia, respeitadíssimo no reino por suas “manhas”. Este fora convidado não apenas para celebrar as núpcias como também para coroar o Príncipe com a rosquinha engastada de diamantes. Porém, apesar das palavras sacramentais do venerando Bernardo Eremita casando os noivos,

não houve a coroação, pois a coroa de rosquinha sumiu, fato que deixou o Príncipe tomado por súbito acesso de cólera. O fidalgo que segurava a salva de escama onde estava a coroa levou, do soberano, uma pancada de cetro na cabeça, e quando o Príncipe surrava alguém com o cetro era sinal de que algo pior do que uma tempestade em alto mar poderia acontecer. Narizinho e seus companheiros resolveram sair correndo de lá, e quando chegaram, pingando, ao sítio de Dona Benta, pararam para tomar fôlego. Emília contou a Narizinho, então, que vira Rabicó comendo a coroa do Príncipe (**“O Casamento de Narizinho”**, 104; 118; 120, 121). O venerando casamenteiro Bernardo Eremita também integrou a comitiva do Reino-das-Águas-Claras que visitou o sítio de Dona Benta (**“Aventuras do Príncipe”**, 129). Também estiveram no espetáculo circense montado pelas crianças no sítio (**“O circo de cavalinhos”**, 242).

BESOURINHO FAZEDOR DE DISCURSOS – Conforme Emília contou a Narizinho, esta personagem compareceu ao enterro da vespa da jabuticaba “de discursinho debaixo do braço, escrito num papel e leu, leu, leu que não acabava mais.” Era do Instituto Histórico, e tanto leu, que acabou aborrecendo as formigas encarregadas de cuidar do enterro. Elas apitaram e apareceu um louva-a-deus policial, que “arrolhou o orador com o seu pauzinho.” Mais tarde, quando as formigas já tinham levado a vespa para o fundo da cova e providenciado um epitáfio, o besourinho ainda quis continuar seu discurso. Assim que conseguiu livrar-se do pau, começou: “Neste momento solene...”. Um sapo que estava próximo, vendo-o, disse: “Espere que eu te curo!...” E, dando um salto, engoliu o besourinho fazedor de discursos (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 38, 39).

BESOURO BOTICÁRIO – Era quem fazia as pílulas falantes para o Doutor Caramujo. Morreu sem revelar o segredo da fabricação delas a ninguém (**“Narizinho Arrebitado”**, 26).

BESOURO DO INSTITUTO HISTÓRICO – Na festa oferecida pelo Príncipe Escamado em honra de Narizinho, no Reino-das-Águas-Claras, este besouro tropeçou numa pérola no momento da grande quadrilha, e desconjuntou-se inteiro. Doutor Caramujo foi chamado às pressas para consertá-lo. A perícia demonstrada pelo cirurgião no tratamento do besouro, e de uma taturana também ferida no baile, encantou a menina. Narizinho decidiu, então, levar Emília ao seu consultório para curá-la da mudez (**“Narizinho Arrebitado”**, 22).

BORBOLETA AZUL – Em suas asas foi escrita a resposta ao convite trazido por um maribondo mensageiro, e que não se sabia ao certo se era da rainha das vespas ou das abelhas, para uma visita a seu reino. Havia a dúvida, porque o convite veio rasgado exatamente na palavra que esclareceria o mistério. Emília teve, então, a idéia de criar o “borboletograma”, isto é, a inscrição nas asas de uma borboleta. Ela escolheu essa, que ia passando, e escreveu em suas asas, com um espinho, as seguintes palavras: “Narizinho, a Condessa e o Marquês agradecem a honra do convite e prometem não faltar.” A menina do nariz arrebitado quis saber por que não incluía Pedrinho, e a bonequinha justificou a exclusão afirmando que o menino não era nobre. Escrito o borboletograma, havia o problema de não se saber a quem endereçá-lo. Emília, soltando a borboleta, ordenou que fosse “direitinha” e não se distraísse com flores pelo caminho. A pequenina perguntou-lhe: “Ir para onde?” A bonequinha deu-lhe uma resposta indelicada, e disse que era um atrevimento dela fazer perguntas a uma condessa. A borboleta tentou se justificar, mas Emília ordenou que se pusesse para fora e conhecesse o lugar dela. A pequenina foi-se, então, muito desapontada e com medo. Narizinho perguntou como a borboleta poderia saber o endereço se não o havia dado, e a bonequinha respondeu: “Sabe, sim! (...) São umas sabidíssimas as senhoras borboletas. Se sabem fabricar pó azul para as asas, que é coisa difícilíssima, como não hão de saber o endereço dum borboletograma?” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 54, 55).

BURRO FALANTE – Conduziu as crianças na volta do País-das-Fábulas e foi apresentado com entusiasmo por Pedrinho à dona da casa: “Este burro pensa para falar. Se a senhora ouvisse o discurso dele na assembléia dos animais pesteados, havia de ficar boba de espanto.” Dona Benta determinou que o burro fosse recebido com toda a consideração e pediu à tia Nastácia que o alimentasse com espigas de milho bem bonitas e lhe servisse água fresca. O burro percebeu o medo de tia Nastácia quando se aproximou dele, mas encarou isso como algo natural, e depois de se servir, agradeceu com toda a clareza: “- Muito obrigado, tia. Deus lhe pague.” Tia Nastácia correu para a cozinha, assustada com a habilidade de falar do animal, mas acabou grande amiga dele. Alimentava-o, passava-lhe a raspadeira todas as semanas e conversavam muito enquanto isso. Na aventura nas terras das Mil-e-Uma-Noites, foi salvo pelo Barão de Münchhausen e por Pedrinho dos infortúnios pelos quais passou: primeiro foi levado pelos ares pelo pássaro Roca; depois, caiu no mar e quase se afogou, quando o Barão atirou no cabresto que o prendia às pernas da gigantesca ave. Ao ver que o burro recuperava as forças depois de vomitar a água do mar que engolira, Dona Benta quis saber se se sentia melhor. O burro respondeu, educadamente: “- Um pouco melhor, obrigado!”. Foi ele quem

pôs tia Nastácia a par de todos os sucessos vividos na companhia do Barão de Münchhausen, o que impediu que Dona Benta tentasse enganar a cozinheira, na volta da aventura (“**O pó de pirlimpimpim**”, 289, 290; 302, 303; 310).

CACIQUE – Esta personagem surgiu na história, narrada pelo falso Gato Félix, de como teria sido o descobrimento da América, conforme seu avô lhe contara. Assim que Colombo desembarcara, chamara os índios da terra, que olhavam para o navio “como se estivessem vendo coisa do outro mundo”. Os índios não saíram do lugar, mas o cacique adiantara-se, e recebera os cumprimentos do navegador. O chefe dos índios teria dito, então: “- ‘Bem-vindo seja!’” Colombo perguntara-lhe, em seguida, se aquela era a “tal América” que andava procurando. O cacique respondera: “- ‘Perfeitamente! (...) Isto por aqui é a tal América que o senhor anda procurando. E o senhor já sei quem é. O senhor é o tal Cristóvão Colombo, não?’” O chefe recebera uma resposta afirmativa do navegador, que ainda quisera saber como tivera sua identidade reconhecida. Respondera-lhe o cacique: “‘Pelo jeito! (...). Assim que o senhor botou o pé na praia, senti uma batida na pacuera e disse cá comigo: É o Senhor Cristóvão que está chegando, até aposto!’” Colombo teria apertado a mão do índio, quem, em seguida, virara-se para os companheiros ao longe, gritando: “- ‘Estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristóvão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por diante é vida nova – e vai ser um turumbamba danado...’” Nesse momento da história, o Visconde de Sabugosa protestou, alertando as pessoas do sítio, que ouviam o relato do gato, sobre as mentiras contadas por ele (“**O Gato Félix**”, 150, 151).

CAPITÃO DO NAVIO – De acordo com a história contada pelo falso Gato Félix aos moradores do sítio, depois que conseguiu sair do estômago de um tubarão, onde permanecera um tempo, caiu dentro de um navio, no meio dos marinheiros. Aqueles homens teriam ficado muito assombrados ao ver sair um gato vivo da barriga de um peixe, e não sossegaram enquanto o felino não lhes contou toda sua vida. O Capitão teria dito ao gato, alisando as barbas: “- ‘Para onde pretende ir? Meu navio está de rumo à Inglaterra, onde poderei desembarcar você.’” O bichano agradecera, mas dissera que procurava outro país. O Capitão perguntara: “- ‘Será a França?’” Depois de ouvir uma resposta negativa, o homem ainda insistira: “- ‘Será a Alemanha? A Suécia? A Turquia? A Arábia? A Patagônia?’” Como o gato teria dito que procurava a terra onde o demo perdera as botas, pois queria encontrá-las, o Capitão se irritara. Julgando estar sendo zombado, aplicara no felino um pontapé tão forte,

que o arremessara no porão do navio. Os ouvintes da história do gato deram boas gargalhadas nessa parte do relato (“**O Gato Félix**”, 155, 156).

CARANGUEJOS ENFERMEIROS – Eram os ajudantes do Doutor Caramujo. Antipáticos e fortes, esmurramaram o papagaio que seria sacrificado para possibilitar a cura da mudez de Emília. Ao saber da intenção do médico do Reino-das-Águas-Claras, Narizinho ficou furiosa e protestou, libertando o pássaro das cordas que amarravam seu bico, as quais foram atiradas no nariz dos caranguejos. Não foi necessário o sacrifício, contudo. As pílulas do Doutor Caramujo foram recuperadas e a cura da boneca deu-se com elas (“**Narizinho Arrebitado**”, 26).

CARANGUEJOS RAJADOS – Compunham o batalhão de couraceiros do Príncipe Escamado. Tinham a casca rija como a da tartaruga e eram armados de pinças piores do que as de boticão de dentista. Eram muito vagarosos, por isso, quando foram convocados para salvar o Marquês de Rabicó das garras do polvo, foram montados em peixes elétricos. (“**O casamento de Narizinho**”, 115, 116). Possuíam um comandante, o capitão dos couraceiros, e integraram a corte do Príncipe na visita ao sítio de Dona Benta, com a função de fazer a guarda do soberano. Nesta visita, Pedrinho fez amizade com o capitão, que gostava de falar sobre sua coragem e contar suas façanhas no mar. Narrou ao menino suas lutas com as lagostas, o ataque a um filhote de peixe-espada, e ouviu as histórias de seu anfitrião também. Quis saber do menino se de fato era o leão o bicho mais perigoso da terra, e ouviu dele que era e não era, pois apesar da ferocidade, o animal poderia ser morto por qualquer caçador com uma boa bala na cabeça. Para Pedrinho, o bicho mais perigoso era a vespa, por causa de sua picada terrível. O capitão dos couraceiros perguntou, então, se um caçador também não poderia dar cabo de uma vespa com uma bala na cabeça, pois desconhecia por completo tudo que não se referia ao mar. Pedrinho respondeu que estava para nascer um caçador que acertasse uma bala na cabeça de uma vespa, e o couraceiro, como era um dos caranguejos mais exibidos do mar, tomou aquilo como um desafio e disse: “- Pois eu só queria encontrar-me com uma! Tenho tirado a prosa de muito bichinho valente e tirava a das vespas também.” O menino riu e disse que toda a valentia do capitão advinha de sua couraça, que a tirasse, portanto, e viesse lutar com uma vespa se fosse capaz. O comandante dos couraceiros ficou ofendido e lembrou ao menino que já havia enfrentado uma grande lagosta e ganho a contenda em poucos minutos. Pedrinho achou pouca coisa e também lhe contou que já havia batido no moleque mais temido lá na cidade, o Chiquinho Pé-de-Pato, e, no entanto, corria de

vespa, e não se envergonhava disso. A conversa foi interrompida quando Emília passou por eles toda galante no seu vestido de teia cor-de-rosa, e nem se deu conta dos dois. O comandante quis saber quem era aquela senhora e Pedrinho passou, então, a falar-lhe da bonequinha (“**Aventuras do Príncipe**”, 138 a 140).

CARLITO PIRULITO - Bobo da corte do Reino-das-Águas-Claras, que foi devorado pelo peixe-espada. Por causa disso, foi possível que o Pequeno Polegar assumisse seu lugar (“**Narizinho Arrebitado**”, 14).

CHICO ORELHA – Um pobre sem orelhas que aparecia à vezes no sítio, pedindo esmolas. Tia Nastácia receitou a ele as pílulas do Doutor Caramujo quando sarou de uma “célebre ‘tosse de cachorro’” ao engolir, por acidente, uma dessas pílulas (“**Aventuras do Príncipe**”, 135).

CHIQUINHO PÉ-DE-PATO – O moleque mais temido da cidade, como explicou Pedrinho ao capitão dos couraceiros, quando este integrou a comitiva do reino do Príncipe Escamado na visita que fez ao sítio de Dona Benta. Apesar de despertar medo nos outros meninos, Pedrinho já batera nele (“**Aventuras do Príncipe**”, 139).

COCHEIRO DO BARÃO DE MÜNCHAUSEN – Ele trouxe a caleça que levaria o grupo de aventureiros ao castelo do Barão. No caminho, auxiliou no esforço de quebrar a casca do imenso ovo do pássaro Roca, e, depois de nascido o filhote, ainda ajudou a amordaçá-lo (“**O pó de pirlimpimpim**”, 304; 306, 307).

COMPADRE TEODORICO – Foi mencionado por Dona Benta como um disfarce para o fato de estar saindo em companhia das crianças para uma aventura. Como tivesse vergonha de estar participando de uma experiência tipicamente infantil, disse a tia Nastácia: “Se aparecer alguém, diga que estou na casa do compadre Teodorico.” Na volta para o sítio, ainda solicitou às crianças: “- Não contem nada a tia Nastácia para que ela não pense que estou caducando. Vamos fingir que estivemos na casa do compadre Teodorico.” Todos tentaram dar essa impressão à cozinheira, mas ela veio a descobrir tudo pelo burro falante; assim, no retorno dos aventureiros, disse à Dona Benta, irônica: “- Sim, senhora! (...) Já sei que encontrou o Coronel Teodorico muito bem obrigado, não é?” (“**O pó de pirlimpimpim**”, 292; 310).

CONDE DOS BIGODES DE MANGA – Pedrinho. Ele queria que os convidados da festa em homenagem às personagens maravilhosas pensassem que fosse um nobre. Por isso, deixou dois bigodes amarelos no rosto ao comer uma manga. Dona Benta, na ocasião, pediu a ele que os lavasse, porque não sabia de sua intenção. O menino explicou à avó o motivo daqueles bigodes, então. No momento em que Narizinho apresentou o primo e a boneca à princesa Cinderela, assim se referiu a eles: “- Permita-me, Senhora Princesa, que apresente meu primo Pedrinho, o Conde dos Bigodes de Manga, e a minha amiga Emília, Marquesa de Rabicó.” (“**Cara de Coruja**”, 173; 177).

CONDESSA DE TRÊS ESTRELINHAS – Emília. Quando Narizinho levou uma picada de vespa na língua enquanto chupava jabuticabas, saiu gritando do pomar e esqueceu a bonequinha lá. Emília ficou toda molhada de orvalho e muito brava com o esquecimento de sua dona. Somente acalmou-se com a promessa de um vestido novo, de chitinha cor-de-rosa, com pintinhas. Queria também que a saia fosse bem comprida, de modo a esconder uma sujeirinha no joelho. Narizinho achava mais fácil lavar o joelho, mas a boneca lembrou-lhe do fato de ser de macela por dentro, e, por isso, como tia Nastácia dissera, não podia se molhar. Emília ainda disse: “Um dia ainda posso virar condessa e não quero ser chamada a Condessa do Bolor.” Narizinho concordou, refletindo que ficaria melhor para condessas um vestido de cauda. Não sabia, porém, condessa de que seria. Emília sugeriu, então: “- Quero ser a Condessa de Três Estrelinhas! Acho lindo tudo que é de Três Estrelinhas – a cidade de ***, o ano de ***, o duque de ***, como está naquele romance que Dona Benta vive lendo.” A menina do nariz arrebitado, aceitando a sugestão da bonequinha, proclamou: “- Pois muito bem, Emília. Desde esse momento fica você nomeada Condessa de Três Estrelinhas e para não haver dúvida vou pintar três estrelinhas na sua testa. Todas as criaturas do mundo vão torcer-se de inveja!...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 35, 36).

CÔNEGO AGAPITO ENCERRABODES DE OLIVEIRA – Tio de Dona Benta. Foi citado, pela primeira vez, pelo narrador, para informar sobre o antigo dono de alguns livros herdados pela velha senhora. Depois foi mencionado por Narizinho, ao apresentar a avó para os convidados do espetáculo circense montado no sítio: “- Respeitável público, tenho a honra de apresentar vovó, Dona Benta de Oliveira, sobrinha do famoso Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira, que já morreu.” Ao final do episódio, o narrador mencionou novamente a personagem, para indicar o antigo dono do livro usado na estrutura do circo: “O Visconde havia encontrado uma Tri-go-no-me-tri-a velha que pertencera ao Cônego Encerrabodes e

Pedrinho pusera como calço dum dos esteios do circo.” (**“O circo de cavalinhos”**, 229; 245; 250).

CORONEL COME-ORADOR-COM-DISCURSO-E-TUDO – De acordo com Emília, esse era o nome do sapo que devorou o besourinho fazedor de discursos, no enterro da vespa da jabuticaba (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 39).

COZINHEIRA – Conforme o Visconde de Sabugosa apurou sobre o falso Gato Félix e contou para os habitantes do sítio, esta personagem trabalhava na segunda casa de onde o gato fora expulso. Ainda de acordo com as investigações do sábio, a cozinheira havia guardado um pedaço de carne para ser consumido mais tarde pela família da casa e o gato o furtou. Como o felino ficasse bem calado, a mulher pôs a culpa do furto numa menininha negra e a castigou com uma vara de marmelo (**“O Gato Félix”**, 169).

DONA ANTONICA – Filha de Dona Benta e mãe de Pedrinho. Ela escolheu o presente que o menino levou à avó, quando foi para o sítio. Na ocasião, Pedrinho desafiou a prima Narizinho a adivinhar o que trouxera para Dona Benta, e a menina respondeu: “- Eu só adivinho quando é você mesmo quem escolhe os presentes. Mas o presente de vovó apostado que não foi você quem escolheu – foi tia Antonica...”. Pedrinho ficou impressionado com a esperteza da prima e confessou que ela tinha razão. Quando as crianças e a boneca Emília organizaram a festa para as personagens das histórias maravilhosas, Dona Benta, ao saber da celebração, pediu: “- Muito bem (...) mas tenho que escrever uma carta à minha filha Antonica, por isso não façam muito barulho. Deixem-me em paz no meu canto.” Por já ter terminado de escrever a missiva para a filha é que a velha senhora pôde conversar com Peter Pan, tão logo percebeu sua chegada (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 51; **“Cara de Coruja”**, 175; 194, 195). No dia seguinte à aventura na companhia do Barão de Münchhausen, chegou uma carta da mãe de Pedrinho chamando-o de volta. O menino ficou aborrecido, mas teve de obedecer. Arrumou a bagagem e no outro dia partiu (**“O pó de pirlimpimpim”**, 310; 312).

DONA ARANHA – A melhor costureira do Reino-das-Águas-Claras. “Era uma aranha de Paris, que sabia fazer vestidos lindos, lindos até não poder mais! Ela mesma tecia a fazenda, ela mesma inventava as modas”. Era ajudada por suas filhas, “seis aranhinhas muito espertas”. Ela teceu para Narizinho o vestido da festa em que a menina foi a convidada de honra, da primeira vez em que visitou o reino do Príncipe Escamado: “... teceu, depressa,

depressa, uma fazenda cor de rosa com estrelinhas douradas, a coisa mais linda que se possa imaginar. Teceu também peças de fitas e peças de entremeio – até carretéis de linha de seda fabricou”. Tinha mil anos de idade, e, portanto, era a costureira mais velha do mundo, como ela explicou a Narizinho: “Aprendi a fazer todas as coisas. Já trabalhei durante muito tempo no reino das fadas; fui quem fez o vestido de baile de Cinderela e quase todos os vestidos de casamento de quase todas as meninas que se casaram com príncipes encantados. (...) foi justamente quando eu estava tecendo o véu de noiva de Branca [de Neve] que fiquei aleijada. A tesoura caiu-me sobre o pé esquerdo, rachando o osso (...). Fui tratada pelo Doutor Caramujo, que é um médico muito bom. Sarei, embora ficasse manca pelo resto da vida.” Tinha um cofre de jóias e dele é que retirou as peças com as quais enfeitou Narizinho: “... pôs na cabeça da menina um diadema de orvalho, e braceletes de rubis do mar nos braços, e anéis de brilhantes do mar nos dedos, e fivelas de esmeraldas do mar nos sapatos, e uma grande rosa do mar no peito”. Por ter deixado Narizinho belíssima para a festa, o espelho tanto arregalou os olhos, que se partiu em seis pedaços. Ao ver isso, Dona Aranha alegrou-se e assim explicou sua euforia à menina: “Quando nasci, uma fada rabugenta, que detestava minha pobre mãe, virou-me em aranha, condenando-me a viver de costuras a vida inteira. No mesmo instante, porém, uma fada boa surgiu, e me deu esse espelho com estas palavras: ‘No dia em que fizeres o vestido mais lindo do mundo, deixarás de ser aranha e serás o que quiseres.’” Com o fim do encantamento, portanto, Dona Aranha poderia deixar de ser costureira, e, transformar-se no que quisesse. Continuou sendo aranha, apesar disso, e desse modo explicou sua decisão, depois de discutir o assunto com o Príncipe e com a menina do nariz arrebitado: “Assim, manca duma perna, se viro princesa ficarei sendo a Princesa Manca; se viro sereia, ficarei sendo a Sereia Manca – e todos caçoarão de mim. Além do mais, como já sou aranha há mil anos, estou acostumadíssima.” (“**Narizinho Arrebitado**”, 17 a 20). Na ocasião do reencontro de Narizinho com o Major Agarra no Reino-das-Abelhas, a menina ficou sabendo por ele que o Príncipe Escamado andava cada vez mais taciturno, e acreditavam, no seu reino, que ele sofresse de “paixão recolhida”. Narizinho quis saber quem era essa pessoa que o Príncipe amava, e o Major lhe disse que apenas Dona Aranha Costureira sabia quem era, mas guardava muito bem guardado o segredo, pois era uma senhora discretíssima (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 64, 65). Quando Narizinho aceitou casar-se com o Príncipe, assim que chegou ao palácio, foi com Emília à casa de Dona Aranha para escolherem os figurinos e as fazendas para o casamento. A costureira tirou dos seus armários de madrepérola um vestido da cor do mar, com todos os seus peixinhos, e desdobrou-o como se fosse um tecido barato, diante das clientes admiradas. Narizinho sentiu uma tontura tão

forte, que teve de sentar-se para não cair, pois o vestido era de uma beleza única. Em vez de enfeites conhecidos, ele era enfeitado com todos os peixinhos do mar, das mais diferentes cores e dos mais variados formatos, que nadavam sem parar, fazendo o vestido variar sempre e lindamente. Isso fez com que a tontura da menina aumentasse, fazendo-a chorar. Dona Aranha explicou a elas, então, que Narizinho tivera a “vertigem da beleza”, e deu-lhe um vidrinho de éter para cheirar. Emília quis apalpar a fazenda, mas foi impedida por Narizinho, que ainda tinha os olhos turvos. A curiosidade de Emília, contudo, levou-a a perguntar à costureira do Reino-das-Águas-Claras quem fabricava aquele tecido e até mesmo a apalpar a fazenda, sem que sua dona visse. “- Este tecido é feito pela fada Miragem – respondeu a costureira. – E como a senhora o corta? – Com a tesoura da Imaginação. – E com que agulha o cose? – Com a agulha da Fantasia. – E com que linha? – Com a linha do Sonho. – E ... por quanto vende o metro?” A bonequinha, neste momento, levou uma cotovelada de Narizinho, que já se sentia melhor da vertigem e temia que os peixinhos se assustassem com as asneiras de Emília e fugissem do vestido.” (“**O casamento de Narizinho**”, 113 a 115). Também integrou a comitiva do Príncipe Escamado na visita ao sítio de Dona Benta, pois, mesmo manca, nunca deixava de acompanhá-lo em suas viagens, em razão de seus préstimos serem muito úteis nessas ocasiões. Tão logo chegou, foi examinar os apetrechos de costura da dona da casa: “...a cestinha, a almofadinha de alfinetes, os agulheiros, os carretéis. Só não gostou da máquina.” Disse à Emília, que a acompanhava e lhe mostrava tudo, que achara o instrumento muito pesado e complicado. A bonequinha aproveitou para fazer muitas perguntas, já que se encontrava sozinha com a costureira. Ela explicou, então, que as aranhas nasciam com um carretel dentro delas que nunca acabava e achou estranho a bonequinha não comer, pois no mar era bem diferente: “ - Pois lá no mar não existe uma só criatura que não coma. E um come o outro. A gente precisa andar com as maiores cautelas, espiando de todos os lados e escondendo-se quando vê algum peixe. Minha mãe foi comida por uma garoupa.” Quando Emília lhe perguntou se sua mãe era também costureira, Dona Aranha respondeu que sim, que todas as aranhas tinham esse dom e todas tinham um carretel na barriga. A bonequinha quis saber a cor da linha, e ao saber que a cor era sempre a mesma para todas as aranhas, disse que gostaria de morar com uma aranha que tivesse linha vermelha, pois gostava muito dessa cor. Enquanto conversavam, Dona Aranha cerzia meias de um modo tão perfeito, que jamais perdia o ponto. A perfeição do trabalho da costureira causou admiração em Emília, que passou a falar do dinheiro que ela poderia ganhar se se mudasse para a cidade. Dona Aranha, todavia, não sabia o que poderia fazer com o dinheiro, e a esperta boneca relacionou os bens materiais que poderiam ser adquiridos com ele, além de falar das posses de Pedrinho e

de seu próprio sonho de comprar um trem de ferro que apitasse. A conversa com a boneca foi interrompida com a chegada de um recado de Narizinho que pedia que Emília se vestisse para um passeio. Dona Aranha ainda afirmou estar com fome e revelou a intenção de apanhar “umas três moscas”. Quando se encontrou com sua dona, que estava acompanhada do Príncipe, a bonequinha sugeriu ao soberano que desse Dona Aranha a Narizinho, pois, apesar de ser princesa, andava sempre de meias furadas por não ter uma costureira. A menina ralhou com a boneca por dizer tal inconveniência, e saíram para visitar a vaca mocha (“**Aventuras do Príncipe**”, 135 a 137; 141). Também foi convidada para o espetáculo circense montado pelas crianças no sítio. Foi acompanhada de suas seis filhas; quando chegou, Narizinho a recebeu com festa, e contou-lhe que tinha estado com Branca-de-Neve e com outras princesas para quem Dona Aranha havia costurado. A famosa costureira perguntou, então: “- Branca-de-Neve ainda é muito branca?” Narizinho respondeu-lhe que de tão branca até doía na vista olhar para ela (“**O circo de cavalinhos**”, 242).

DONA BENTA - Uma “velha de mais de sessenta anos”, que sempre estava com a “cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz.” Era a “mais feliz das vovós”, porque vivia com “a mais encantadora das netas - Lúcia...”. Também era a avó de Pedrinho, pois ele era filho de Antonica, filha de Dona Benta que morava na cidade. Achava muita graça nas asneiras da boneca Emília e, todas as noites, contava-lhe histórias, tendo-a em seu colo. Foi por causa de Dona Benta e de tia Nastácia que Narizinho desentendeu-se com Dona Carochinha na primeira visita ao Reino-das-Águas-Claras. A menina “perdeu as estribeiras” quando ouviu a baratinha contadora de histórias dizer que eram “duas velhas corocas” (“**Narizinho Arrebitado**”, 3; 12; “**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 32). Dona Benta lia livros do filósofo Rousseau, como disse Narizinho a Emília, ao encantar-se com o modo bonito como a rainha das abelhas falava e, por isso, a fazia lembrar-se do intelectual lido pela avó. Foi transformada em tartaruga pela velha feiticeira que surgiu no sítio, “de porrete na mão e cesta no braço” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 71; 76). Quando Narizinho reclamou para a avó que já estava cansada do noivado de Emília com Rabicó, a velha senhora perguntou à neta o que estava faltando para o casamento. Ao saber que eram os doces, deu os níqueis com os quais foram comprados seis cocadas, seis pés-de-moleque e uma rapadura. Participou com as crianças e com tia Nastácia do casamento da bonequinha, realizado debaixo de uma laranjeira do pomar (“**O Marquês de Rabicó**”, 91, 92). Espantou-se com a decisão da neta de casar-se com o Príncipe Escamado, e ponderou: “- Sim minha filha (...) Todos se casam, não há dúvida. Eu me casei, sua mãe se casou. Mas todos se casam com gente da mesma igualha. É

muito diverso disso de casar com um peixe...”. Narizinho, porém, não aceitou os argumentos da avó; deixou claro que se casaria com Escamado mesmo assim, e ainda disse que achava as idéias da velha senhora “muito atrasadas”. Dona Benta comentou, então, olhando para tia Nastácia: “- Já não entendo estes meus netos. Fazem tais coisas que o sítio está virando livro de contos da Carochinha. Nunca sei quando falam de verdade ou de mentira. Este casamento com peixe, por exemplo, está me parecendo brincadeira, mas não me admirarei se um belo dia surgir por aqui um marido-peixe, nem que esta menina me venha dizer que sou bisavó duma sereiazinha...”. Apesar de ter dito que Dona Benta tinha idéias atrasadas, Lúcia a respeitava muito, tanto que até se irritou com Pedrinho quando percebeu que o primo desconfiava da sabedoria da avó, na viagem que fizeram com destino ao Reino-das-Águas-Claras, para o casamento da menina com o Príncipe Escamado. Narizinho afirmou que sereias não existiam porque Dona Benta havia dito isso a ela. Pedrinho não entendia como a avó podia saber disso, se nunca havia devassado os mares. A menina do nariz arrebitado lhe respondeu, então: “- Essa é boa! É de primeira. Parece até que a burrice de Emília pegou em você, Pedrinho? Vovó sabe porque lê nos livros e é nos livros que está a ciência de tudo. Vovó sabe mais coisas do mar, sem nunca ter visto o mar, do que este Senhor Caramujo que nele nasceu e mora” (“**O casamento de Narizinho**”, 102, 103; 108). Quando o Príncipe Escamado mandou avisar que faria uma visita ao sítio na companhia de sua corte, Narizinho, Pedrinho, Emília e o gato que trouxe a notícia da visita reuniram-se e decidiram fazer uma surpresa à boa senhora. O gato retornou à presença do Príncipe e o avisou da hora exata em que deveria chegar: logo após o almoço. À mesa, todos se comportaram com naturalidade, porém Emília chamou a atenção de Dona Benta, que começou a desconfiar de que algo estava para acontecer. Ao ouvir um rumor fora de casa, a velha senhora estranhou, e pediu para tia Nastácia ver o que era. Quando espiou pelo buraco da fechadura, a cozinheira ficou assombrada com o que viu, e sua patroa perguntou: “- Que é filha de Deus?” Tia Nastácia não disse o que era exatamente, mas continuou manifestando medo, deixando Dona Benta impaciente: “- Mas que é, rapariga? Desembuche...” Ao ser informada, finalmente, da chegada dos estranhos visitantes do reino marinho, espiou ela mesma pelo buraco da fechadura e depois interrogou Narizinho: “- Que significa isto?” Sua neta procurou tranquilizá-la, dizendo que eram todos boa gente, que iriam apenas passar a tarde no sítio e que não iriam desarrumar nada. Em princípio ela se zangou: “- Mas que idéia, Narizinho, de virar esta casa em jardim zoológico! Onde iremos parar com tais brincadeiras?” Depois, entretanto, à medida em que foi sendo apresentada àqueles bichinhos, passou a se acostumar com a presença deles em seu sítio, e começou até mesmo a achar muita graça em tudo. Confessou a Narizinho: “- Você tem razão, minha filha (...). Esse mundo em

que você e Pedrinho vivem é muito mais interessante que o nosso.” Chegou mesmo a iniciar uma longa conversa com Doutor Caramujo a respeito da doença do pinto sura e a acompanhar seu ensinamento de como administrar uma de suas pílulas ao franguinho. Tia Nastácia foi chamada para ajudar e acabou ela mesma engolindo a pílula milagrosa do caramujo médico, o que divertiu Dona Benta. Quando se deu o triste fato da morte de Miss Sardine, frita na frigideira ao saltar na gordura fervendo, o Príncipe sofreu um desmaio e quis ir logo embora. Dona Benta disse-lhe, então: “- Pois, Senhor Príncipe, nossa casa está sempre às suas ordens. Quando quiser aparecer, não faça cerimônia, apareça.” Na partida da comitiva real, chorou e acenou um lenço, como todos, na despedida, demonstrando completa integração às fantasias dos netos (“**Aventuras do Príncipe**”, 124 a 130; 133 a 135; 146 a 148). Foi de Dona Benta a idéia de pedir à Emília que contasse uma história para todos em seguida ao gato que imaginavam ser o famoso Gato Félix. Neste dia, o gato sentou-se no colo da velha senhora para ouvir a narrativa da bonequinha. A decisão do próximo a contar uma história, o Visconde de Sabugosa, também foi da dona do sítio. O Visconde relatou o resultado de suas investigações a respeito do sumiço dos franguinhos do galinheiro e, para isso, contou com a ajuda de um utilíssimo instrumento: o binóculo da velha senhora. Esclarecido o caso, que apontou o falso Gato Félix como o culpado pelo delito, todos comemoraram o trabalho de detetive do Visconde, e Dona Benta informou solenemente: “- Vejam que injustiça íamos cometendo com o nosso pobre Visconde só porque havia embolorado e estava muito feio! Os acontecimentos desta noite acabam de provar que ele é um verdadeiro sábio – e dos que dão lucro a uma casa. Deste momento em diante, quem vai tomar conta dele sou eu. Vou curá-lo do bolor e botá-lo como administrador do sítio.” Dito isso, guardou-o em sua estante, entre um livro de Aritmética e outro de Álgebra (“**O Gato Félix**”, 126 a 130; 133 a 135; 146 a 148; 158; 164; 171). Antes de as crianças receberem, no sítio, a visita das personagens dos contos maravilhosos, Dona Benta ensinou Pedrinho a cortar as unhas da mão direita e foi escrever uma carta à filha Antonica, mãe do menino. Pediu aos netos que não fizessem muito barulho, pois queria ficar em paz no seu canto. Narizinho a orientou para que espiasse a festa, que estavam preparando em honra daquelas criaturas, no momento em que ouviu uma grande salva de palmas e um hino de índios. Dona Benta não entendeu em princípio, e a neta explicou que as palmas e o hino dos índios, uma composição de Emília, eram para homenagear Peter Pan, um dos convidados da celebração. A boa senhora garantiu que o faria, mas antes da chegada do famoso menino que não quis crescer, Dona Benta foi a razão de uma grande preocupação de Narizinho e das princesas presentes. Isso porque surgiu no terreiro, no auge da festa, o lobo que devorou a avó de Chapeuzinho Vermelho. Essa criança foi quem

primeiro o identificou, pelo buraco de fechadura: “Justamente o malvado que comeu vovó...” Foi uma correria e uma grande consternação, pois todos pensavam que o lobo havia sido morto a machadadas, inclusive Narizinho, que havia lido isso nos livros. Emília achou que talvez fosse um erro tipográfico, pois o animal estava lá fora, e bem vivo. Narizinho caiu em prantos: “- Pobre vovó (...). Que desgraça se o lobo a devora! Chamem Pedrinho e os príncipes! Corra, Emília!...” O menino e os príncipes estavam lá fora, e dentro da casa ficaram as meninas, desprotegidas e apavoradas com o lobo, que começou a arranhar a porta, querendo entrar. Num dado momento, conseguiu arrancar uma tábuca da porta, enfiou o focinho pelo buraco, farejou o ar e rosnou: “- Hum... Hum!... Estou sentindo cheiro de avó de gente...” As meninas ficaram tão assustadas, que chegaram a desmaiar, e a boneca não encontrou outra solução a não ser berrar a plenos pulmões: “- Acuda, tia Nastácia! O lobo está entrando de verdade e vai comer Dona Benta...” A cozinheira apareceu e espantou a fera com três certezas vassouradas no focinho: “- Lobo sem-vergonha! Vá prear no mato que é o melhor. Dona Benta nunca foi quitute pra teu bico, seu cão sarnento!...” Estava resolvido o problema. A festa já estava quase para terminar, quando Peter Pan entrou pela janela como um grande pássaro. Assim que foi reconhecido por todos, ouviu-se uma imensa salva de palmas, seguida do hino dos índios guerreiros, composto por Emília. Dona Benta já acabara de escrever a carta à filha e se lembrou da recomendação de Narizinho ao ouvir aquele rumor. Não apenas espiou a festa pelo buraco da fechadura, mas entrou na sala e cumprimentou a ilustre personagem que chegava: “- Boa tarde, senhor Peter Pan! Fico satisfeita de saber que o senhor também é amigo dos meus netos – mas quero que não faça com eles o que fez com Wendy e seus irmãozinhos. Não lhes ensine a voar, senão estou perdida. Se não sabendo voar já são assim, imagine sabendo...” O medo dela era de que seus netos fossem para muito longe e esquecessem de voltar para casa. O menino da Terra do Nunca tranqüilizou-a, porém, e prometeu-lhe que só os ensinaria a voar com o consentimento dela. Depois que as personagens todas se foram do sítio, as crianças e Emília perceberam, maravilhadas, que algumas delas haviam esquecido seus objetos preciosos: Cinderela havia deixado a varinha de condão, o Gato-de-Botas, suas botas-de-sete-léguas, e Aladim havia esquecido sua lâmpada. Antes que pudessem viver extraordinárias aventuras com aqueles objetos, receberam a visita antipática de Dona Carochinha, que chegou justamente para apanhar os pertences de suas personagens de volta. Até mesmo o espelho mágico que Emília havia ganhado de Branca-de-Neve teria de ser devolvido. Ficaram muito contrariados com isso, mas Narizinho e Pedrinho eram fiéis aos ensinamentos de Dona Benta, com ela tinham aprendido a respeitar os mais velhos, e ela estava na sala contígua, podendo ver o que de errado pudessem vir a fazer. Ela

foi, portanto, a responsável, ainda que nem soubesse disso, pela decisão dos três de entregar os objetos solicitados. Narizinho disse, por fim, à baratinha: “Pois leve (...). Mas fique sabendo que o que lhe vale é vovó estar ali na salinha. Ah, se não fosse isso...” (“**Cara de Coruja**”, 173 a 197). A velha senhora era a contadora principal de histórias da casa, mas, num dado momento, Narizinho percebeu que seu repertório estava se esgotando. Dona Benta tratou, então, de escrever a um livreiro de São Paulo, solicitando o envio dos livros que fossem surgindo. Os livros foram chegando, um depois do outro, até que foi enviado um exemplar de *Pinocchio*. Apesar de, inicialmente, Pedrinho manifestar o desejo de lê-lo sozinho, debaixo da jabuticabeira do pomar, Dona Benta avisou: “- Alto lá! (...) Quem vai ler o *Pinocchio*, para que todos ouçam, sou eu, e só lerei três capítulos por dia, de modo que o livro dure e nosso prazer se prolongue. A sabedoria da vida é essa.” Pedrinho chegou a ficar zangado com o que ouviu de sua avó, porque queria conhecer logo toda a história da personagem, mas sua irritação durou pouco. À noite, aceso o lampião por tia Nastácia, mostrou-se empolgadíssimo para ouvir a história lida pela avó, que tinha um modo “diferente” de fazer isso. Dona Benta identificava, nos livros lidos, os termos mais antigos ou só usados em Portugal e os traduzia para uma linguagem conhecida pelas crianças. Também alterava a sintaxe das frases, tornando-as mais coloquiais e mais interessantes para os pequenos ouvintes. Ela ainda interpretava o discurso do narrador e das personagens, criando sotaques, como fez com o livro em questão. Enquanto lia, passou a arremedar a voz de um senhor italiano que vendia frangos e, às vezes, os procurava no sítio. Criou, ainda, para o *Pinocchio*, uma voz “de taquara rachada” muito apropriada para um boneco de madeira. Depois que Pedrinho, por causa de um plano de Emília, julgou ter encontrado o pau vivente de que era feito o *Pinocchio*, restava construir com ele um boneco que fosse o irmão da personagem. Como cada um do sítio quisesse insistentemente que o boneco tivesse uma aparência diferente, o menino teve a idéia de um concurso de desenho. Quem fizesse o desenho mais bonito teria sua obra como modelo para o boneco. Ele pediu, então, que todos parassem com o que estivessem fazendo para se ocuparem com aquela atividade divertida. Seis desenhos ficaram prontos e foram pregados na parede por Pedrinho para que fossem julgados. Todos os trabalhos estavam muito esquisitos, na verdade, e o de Dona Benta “parecia um Judas no sábado de aleluia”. Abandonada a votação em função de cada um votar no próprio trabalho, foi tirada a sorte para se resolver a questão. Emília não gostou de saber que seria Dona Benta quem tiraria, de dentro de um chapéu, o papelzinho com o nome do vencedor do concurso, e protestou. Disse que seria ela quem tiraria a sorte, pois Dona Benta não saberia fazer isso. Enquanto protestava, mantinha uma das mãozinhas no bolso da saia.

Pedrinho disse que seria Dona Benta, sim, mas a bonequinha insistiu no protesto, e acabou chamando a atenção de Narizinho para aquela mãozinha no bolso da saia. Quis ver o que ela escondia e, apesar das recusas da boneca, a menina acabou descobrindo, à força, que estava no bolso um papelzinho enrolado de modo idêntico aos outros do chapéu. Em princípio todos a criticaram por isso, por fim acabaram rindo da ingenuidade da boneca, que havia escrito “O MEU” no papelzinho, no lugar de seu nome. Tia Nastácia, porém, não se conformou com a atitude de Emília e confessou que, se fosse Dona Benta, daria umas palmadas na bonequinha. A velha senhora, então, pela primeira vez, repreendeu a boneca com as seguintes palavras: “- Tia Nastácia tem razão, Emília (...). O ato que você praticou é dos mais feios e só perdão porque você é uma bobinha que não distingue o bem do mal. Fosse algum dos meus netos e eu o castigaria.” A boneca, que já botara uma língua comprida para a cozinheira, chegou a pensar em fazer o mesmo com Dona Benta, mas as palavras sábias da dona da casa a impediram de fazer isso e ela se limitou a sair da sala, batendo o pé. A sabedoria da distinta senhora, a propósito, era lembrada com frequência pela bonequinha nos momentos em que sentia necessidade de sustentar alguma idéia sua ou tirar proveito do ensinamento adquirido e safar-se de uma enrascada, indicando esperta utilização daquela ciência. Emília recorreu ao que aprendera com a sábia senhora no episódio do falso Gato Félix, ao lembrar o Visconde do que ela contara sobre o profeta Jonas. Fez isso para justificar sua credulidade no que o gato narrou sobre o tempo vivido no estômago de um tubarão e vencer a discussão com o sábio. Neste episódio da busca pelo pau vivo, Emília novamente recorreu ao que aprendera com Dona Benta. Desta vez ela valeu-se de um belo ditado ensinado pela velha senhora para reverter uma situação a seu favor. Com o adágio, a bonequinha abriu uma reflexão sobre o pau que Pedrinho, enganado por ela, pensava fosse o mesmo de que fora feito o Pinocchio. Como o menino não pudesse entender a “mudez” do pedaço do tronco que gemera ao ser encontrado no campo, na artimanha montada pela bonequinha e pelo Visconde, ele precisava ser convencido ou, do contrário, o cavalinho que ela ganhara dele, pela idéia da busca do pau vivo, poderia voltar a seu antigo dono: “- Dona Benta falou outro dia que as grandes dores são mudas. Esse pau bem que sente, mas como a dor de se ver separado do tronco pai dele é muito grande, está assim mudo como um peixe. De repente a dor diminui e ele começa a gemer que ninguém o pode aturar.” Os “progressos psicológicos” que a bonequinha revelou nesse discurso impressionaram o próprio Visconde e também indicaram influência da ciência de Dona Benta. Encerrado o caso do protesto de Emília, a velha senhora buscou um papelzinho no chapéu, abriu-o e leu o nome do vencedor do concurso de desenho: Tia Nastácia (“**O irmão de Pinocchio**”, 199 a 209). Dona Benta e tia Nastácia tiveram cadeiras

reservadas no sítio montado pelas crianças, mas tiveram de pagar com dinheiro de verdade para isso. Como não encontrava os óculos perdidos, permitiu que Emília os procurasse para ela, pagando \$ 3,00 à boneca pelo serviço. Assistiu ao espetáculo num vestido de gorgorão do tempo do Imperador (“**O circo de cavalinhos**”, 236, 237; 245). Contou certa feita a história de Peter Pan às crianças e as deixou fascinadas com as personagens. Quando os meninos e os bonecos foram para a cama mais cedo do que de costume, na ocasião do encontro de Pedrinho com o menino invisível, a velha senhora comentou com tia Nastácia: “Temos novidades amanhã!...”. De fato, as crianças partiram de madrugada para a aventura com o menino invisível, mas Dona Benta não percebeu coisa nenhuma. Na partida do País-das-Fábulas, Emília convidou o Senhor de La Fontaine e Esopo para uma visita ao sítio, e disse, sobre Dona Benta: “- (...) Não façam cerimônias. Dona Benta não se importa. Ela é muito boa...” (“**Pena de papagaio**”, 251; 256, 257; 284). Ao saber que os netos tinham conhecido La Fontaine, a velha senhora lamentou não ter participado da aventura, pois já tinha lido suas obras em francês e tinha uma grande admiração pelo fabulista. Pedrinho teve, então, a idéia de levá-la ao País-das-Fábulas, pois achou que já conheciam o caminho. Em princípio Dona Benta achou a idéia um despropósito, mas acabou concordando. Ao cabo de uma semana de preparativos, tudo feito em segredo para que tia Nastácia não desconfiasse de nada, chegou o dia da partida. Antes de sair com as crianças e os bonecos, Dona Benta disse à cozinheira que iria fazer um longo passeio com os netos. E recomendou: “Se aparecer alguém, diga que estou na casa do compadre Teodorico.” Com a ajuda de todos, inclusive do Visconde, ela conseguiu montar no burro. Então, só faltava cheirar o pó mágico. Ela achou que fosse rapé e divertiu a todos com o engano. O efeito do pó já era esperado: a vista turva, a cabeça tonta, a zoadade pião nos ouvidos – *fiuun...* Dona Benta, porém, foi escorregando do animal, assim que chegaram, “mais morta que viva”. Ficou com medo quando descobriu que não estavam no lugar pretendido e verdadeiramente desesperada ao saber que se sentara, sem saber, aos pés do pássaro Roca. Com a chegada do Barão de Münchhausen, entretanto, a velha senhora ficou mais aliviada, e até serviu o mexido de galinha, que o Barão comeu fartamente. A atitude do Barão de sentar-se com o grupo e comer o mexido deixou Dona Benta lisonjeada. O Barão mandou vir uma caleça para levar a boa senhora ao castelo dele, mas, no caminho, tiveram contratemplos com o filhote do pássaro Roca, que atraiu com seus pios a ave terrível. Por isso, foram todos obrigados a correr muito, inclusive Dona Benta, que “teve de esquecer os sessenta anos, o reumatismo e a pontada”, e só pensar na fuga. No castelo do Barão de Münchhausen, a avó das crianças só fazia reclamar e Pedrinho percebeu que o único jeito era voltarem. Apesar do susto com a falha do pó de pirlimpimpim, bem na hora em que o pássaro

gigantesco vinha na direção do castelo, os aventureiros conseguiram voltar para o sítio. Isso porque fecharam os olhos com toda a força, por sugestão de Emília, e viajaram. Dona Benta quis enganar tia Nastácia sobre o passeio que fizera, mas a cozinheira avisou que já fora informada de tudo pelo burro. A boa senhora recolheu-se, então, bem quieta (“**O pó de pirlimpimpim**”, 290; 292 a 300; 306 a 310).

DONA PALHA DE MILHO – Mãe do Visconde de Sabugosa. Quando o Visconde foi pedir a mão de Emília para o Marquês de Rabicó, seu filho, Narizinho lhe perguntou sobre essa senhora. Ele revelou, então, com um suspiro, que sua mãe havia falecido num “horrível desastre”. A menina quis saber como tudo acontecera, e o Visconde explicou que ela tinha sido comida pela vaca mocha. Narizinho ficou muito triste, disse que sentia bastante, mas ponderou que no mundo era assim mesmo, e completou: “Um come o outro.” (“**O Marquês de Rabicó**”, 84).

DONAS PALHAS – Outras espigas de milho devoradas pela vaca mocha, como a mãe do Visconde de Sabugosa. Narizinho as designou dessa forma quando refletiu sobre o “come-come” da vida, para consolar o boneco de sabugo: “Eu sinto bastante, Visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vaca mocha come as donas Palhas e a gente come as vacas. A vida é um come-come danado! Estou aqui apostando que também os seus filhos foram comidos pelas senhoras galinhas...” (“**O Marquês de Rabicó**”, 84).

DONO DO SÍTIO – Esta personagem apareceu no relato feito pelo Visconde de Sabugosa sobre o gato que surgiu no sítio e foi confundido com o Félix. Para desmascarar o felino e apontar sua culpa no roubo dos franguinhos de Dona Benta, o sábio empreendeu uma rigorosa investigação e descobriu muitos fatos relacionados à vida do gatuno, como a permanência dele no sítio de um homem que criava franguinhos. O gato ladrão começou a roubar os pintos do galinheiro, chegando a furtar até três por dia. O dono do sítio conversou com a esposa, então, e falou de sua intenção de arranjar um cão policial para vigiar o galinheiro durante a noite. Ao saber do propósito do homem, contou o Visconde, o gato fugiu da propriedade (“**O Gato Félix**”, 169).

DOUTOR CARAMUJO - Médico “excelente na corte”, “célebre”, segundo o Príncipe Escamado, quando falou dele a Narizinho. Empregava umas pílulas que curavam todas as doenças, “menos a gosma dele”, como frisou o soberano; mas recomendou os serviços do

médico para resolver o problema da mudez da boneca Emília. Doutor Caramujo trabalhava cientificamente, como observou Narizinho na ocasião do acidente com a taturana e o besouro, na festa do Príncipe Escamado, da primeira vez em que esteve em seu reino. Ela notou que “antes de tratar do doente o doutor nunca deixava de fazer o ‘diagnóstico.’” Isso a fez pensar em levar a boneca Emília ao consultório dele. Antes de ver a boneca em seu consultório, porém, o médico da corte do reino marinho chegou a examinar Emília por causa do incidente ocorrido com ela durante a festa no reino. Foi encontrada desacordada, com o rosto arranhado, e sem um dos olhos de retrós. Narizinho, indignada, queria saber quem seria o “monstro” responsável pelo ataque. Doutor Caramujo, chamado às pressas, despertou-a com um beliscão, mas, como o Príncipe Escamado ponderou, somente depois de curada da mudez é que poderia dar pistas do criminoso. No dia seguinte, bem cedo, Emília foi levada ao consultório do médico. Doutor Caramujo estava aborrecidíssimo, porque descobrira que suas famosas pílulas tinham sido furtadas. Narizinho achou que bastava fabricar outras, mas o médico disse que o besouro boticário que as fazia já havia morrido e não revelara o segredo da fabricação delas a ninguém. O jeito para curar a mudez de Emília, conforme explicou o médico a Narizinho, seria pôr dentro da garganta da boneca “uma falinha”. Em seguida a tal explicação, chegaram uns caranguejos bastante carrancudos que auxiliavam o médico, e arrastavam um papagaio de bico amarrado que seria sacrificado para a extração da falinha. Narizinho não admitiu o sacrifício, e protestou, desamarrando o bico do papagaio e jogando as cordas na cara dos auxiliares antipáticos. Doutor Caramujo achou que o caso estivesse perdido, mas apareceu no consultório, então, o Major Agarra, o sapo guardião do palácio. Ele recebera, como castigo por dormir no trabalho, a pena de engolir cem pedrinhas redondas. Engoliu noventa e nove e ficara empachado. Mesmo tendo sido perdoado depois e recebido a ordem de pôr fora as pedrinhas, o Major precisou da ajuda do Doutor Caramujo, pois não conseguira desengolir as tais pedrinhas sozinho. Por isso estava no consultório. A barriga do sapo foi aberta pelo médico e assim que tirou a primeira pedrinha, o cirurgião sorriu de satisfação. Ao examiná-la, Doutor Caramujo percebeu que o Major, na verdade, engolira suas preciosas pílulas e não pedras. O médico ficou aliviado com a descoberta, pois temia ser demitido do posto se não recuperasse suas pílulas. Restava, pois, curar Emília de sua mudez. O Doutor escolheu a pílula falante e a pôs na boca da bonequinha. Engolida a pílula, Emília falou tanto, que Narizinho chegou a sugerir ao médico a administração de uma outra, mais fraca. Doutor Caramujo respondeu: “- Não é preciso (...). Ela que fale até cansar. Depois de algumas horas de falação, sossega e fica como toda gente. Isto é ‘fala recolhida’, que tem de ser botada para fora.” Emília falou três horas seguidas e, quando finalmente se calou, pôde

revelar que fora Dona Carochinha quem lhe atacara, mas, como sua fala era recente, ainda trocava as letras das palavras e chamou o médico que lhe curou de “Doutor Cara de Coruja” e “Doutor Cara de Corujíssima” (“**Narizinho Arrebitado**”, 8; 22 a 28). O médico voltou a encontrar-se com Narizinho no Reino-das-Abelhas, mas desentendeu-se com a menina ao chamar tia Nastácia de “reles curandeira”, sumindo em seguida (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 63). Foi chamado para examinar o Príncipe Escamado, que caíra em profunda tristeza depois que a menina do nariz arrebitado fora embora de seu reino. Tomou o pulso do soberano, pediu para ver sua língua, e erguendo, em seguida, os óculos de tartaruga para a testa, disse a ele: “- Vossa Majestade está sofrendo de narizinhoarrebitadite, doença muito séria, cujo único remédio é casamento com uma certa pessoa.” O Príncipe espantou-se, pois era a primeira vez que o médico não receitava pílulas, mas concordou com o Doutor que sua moléstia não era de corpo, mas de alma, e que a razão dela era a ausência da menina. Permitiu ao médico que lhe arranjasse um remédio para seu mal, e prometeu recompensá-lo tornando-o Duque da Pílula. A idéia de tornar-se duque encantou Doutor Caramujo, pois em sua família de caramujos não havia sequer um comendador, e tratou de discutir com outros figurões da corte o assunto dos amores do Príncipe. Decidiram, depois de muito conferenciar, que deveriam enviar à Narizinho um pedido de casamento. Doutor Caramujo chamou, então, a escrevente do mar, a Senhora Lula, e pediu a ela que redigisse uma carta bem bonita pedindo a mão da menina para o Príncipe. A carta foi escrita e o Doutor encarregou-se de dobrá-la e fechá-la dentro de uma concha de madrepérola, para que não se molhasse durante a viagem até o sítio. A correspondência foi entregue aos peixinhos escoteiros pelo médico, que ainda lhes orientou quanto ao local onde deveriam deixar a concha, um local bem visível à beira do ribeirão de Dona Benta. Lembrou-lhes de que, caso se distraíssem com alguma minhoca pelo caminho e perdessem a concha, seriam eletrocutados pelo peixe elétrico. Os peixinhos escoteiros fizeram tal como o Doutor Caramujo orientara e Narizinho aceitou o pedido de casamento. No dia da viagem ao Reino do Príncipe que seria seu marido, a menina e seus companheiros, Pedrinho, Visconde de Sabugosa e Marquês de Rabicó, estavam prontos para embarcar no coche de gala, na companhia do Doutor Caramujo. Ele avisou, então, muito aflito, que o leitão não queria entrar, mas Pedrinho resolveu o problema acertando uma pelotada de bodoque na orelha direita do teimoso. Durante a viagem, o Doutor foi interrogado pelo menino sobre a serpente do mar. Queria saber sua opinião a respeito da existência do bicho: “- Nunca a vi – respondeu o médico. Mas o mar é tão grande que deve haver de tudo.” Narizinho achou que o conhecimento do médico era menor do que o da avó, que sabia, na opinião dela, mais coisas sobre o mar do que o Doutor, porque lia nos livros e nos livros

estava a ciência de tudo. Perguntou, então, ao Doutor Caramujo qual era seu nome científico, e o ilustre médico engasgou, “com cara de quem nem sequer sabia que tinha um nome científico.” A menina disse que sua avó saberia responder àquela pergunta, e até o Visconde, pedindo a ele, com ironia, que mostrasse isso àquele “sábio da Grécia”. Quando o Visconde respondeu, Narizinho falou: “Está vendo, Doutor? O Senhor é um Líparis, Lí-pa-ris! Com “L” grande! Escreva na sua casca para não esquecer.” O Doutor ficou muito admirado quando ficou sabendo que o Visconde tinha medo de vacas, embora não soubesse o que era uma. Veio às pressas o Doutor novamente no momento em que a boneca Emília, envergonhada, sofreu um desmaio ao verificar que se tratava de um siri aquilo que o Marquês de Rabicó trazia preso na ponta da cauda, quando adentrou o palácio onde acontecia o casamento de sua dona com o Príncipe Escamado. O Doutor tomou o pulso de Emília e tranqüilizou Narizinho, avisando que a boneca não estava morta, mas desacordada. A menina perguntou se haveria éter por ali e o Doutor disse que havia coisa melhor: siri. E pediu que lhe trouxessem um. O Marquês de Rabicó mostrou-lhe a cauda, satisfeito por ter arranjado um modo de ver-se livre daquele incômodo. Doutor Caramujo retirou o siri da cauda do leitão e o colocou no nariz da bonequinha, que, no mesmo instante, começou a sorrir. Acordada, o médico quis saber se se sentia melhor, e Emília respondeu: “- Um pouco... Mas tenho a vista turva. Vejo tudo atrapalhado, como se o mundo estivesse cheio de pernas...” O doutor riu, e afastou as pernas do siri do nariz da bonequinha, mas guardou-o no bolso para outra emergência. A festa recomeçou depois do incidente do desmaio de Emília, porém, novo incidente, desta vez provocado pelo sumiço da coroa de rosquinha do Príncipe Escamado, levou Narizinho e seus companheiros a debandarem daquele reino. Somente no sítio, quando pararam para tomar fôlego, é que Emília contou a Narizinho que vira Rabicó devorando a coroa (“**O casamento de Narizinho**”, 97, 98; 106 a 109; 119, 120). O ilustre médico visitou o sítio de Dona Benta na companhia de outros membros da corte do Príncipe Escamado e, assim que chegou, foi apresentado à boa senhora por Narizinho: “- Não tenha medo, vovó. Este é o Doutor Caramujo, o grande médico que fez Emília falar. Tem pílulas para todas as doenças. É até capaz de curar aquele pinto sura que está com estupor.” De fato, o Doutor Caramujo quis dar uma de suas pílulas milagrosas ao pinto, mas no momento em que ensinava tia Nastácia a administrar a pílula ao franguinho, mediante um canudinho que deveria ser assoprado por ela para que entrasse diretamente na garganta do animal, foi a cozinheira, na verdade, quem acabou por engolir a pílula. Doutor Caramujo asseverou, porém, que isso não faria mal nenhum a ela, pelo contrário, até poderia curar-lhe alguma doença que tivesse “lá por dentro”, sem saber. Isso aconteceu realmente. Tia Nastácia curou-se de uma “tosse de cachorro” que a

acompanhava já por duas semanas, e tão satisfeita ficou, que passou a recomendar as pílulas do Doutor Caramujo para todo mundo. Os préstimos do médico do reino do Príncipe Escamado foram novamente solicitados quando se deu a tragédia com Miss Sardine. A pobre sardinha se atirou na frigideira de gordura fervendo, imaginando que fosse uma pequena lagoa, e morreu frita. Todos caíram em prantos por causa do triste ocorrido e, ao ouvir o choro de Narizinho, o Príncipe correu, desmaiando com a notícia da tragédia. Chamaram, então, o doutor Caramujo, que não era encontrado naquela confusão (**“Aventuras do príncipe”**, 133 a 135; 146). Foi chamado para tratar do Visconde de Sabugosa, que sofrera um ataque. Depois de examinar o doente, falou: “- Hum! O caso é dos mais graves. Tenho de operá-lo imediatamente. Sua Excelência está empanturrado de álgebra e outras ciências empanturrantes. Tragam-me uma bacia d’água, toalha e também uma pedra de amolar.” Realizada a cirurgia, foi embora, recomendando que escondessem todos os livros de álgebra existentes no sítio, “para evitar recaída”. Retornou na ocasião da montagem do circo, de casca nova, trazendo sua maleta de médico debaixo do braço. Contou a Narizinho sobre o sumiço do Príncipe Escamado depois da visita ao sítio. Quando a menina perguntou se ele achava que o Príncipe morrera afogado, Doutor Caramujo respondeu: “- Isso é absurdo, menina. Um peixe nunca desaprende a arte de nadar. O que aconteceu, sabe o que foi? (...) Foi comido pelo falso Gato Félix, apostado.” (**“O circo de cavalinhos”**, 228, 229 230; 241, 242).

EMÍLIA - Uma “boneca de pano bastante desajeitada de corpo”, feita por tia Nastácia “com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima”, que parecia uma bruxa. Apesar disso, Narizinho gostava muito dela: não fazia suas refeições sem que a tivesse ao lado, nem se deitava “sem primeiro acomodá-la numa redinha entre dois pés de cadeira”. A bonequinha era “muda de nascença” e “uma grande medrosa”. No Reino-das-Águas-Claras, Narizinho a levou ao consultório do Doutor Caramujo para que ele a curasse da mudez. O médico pôs-lhe na boca uma pílula falante e Narizinho pediu que a boneca a engolisse de uma vez. Engolida a pílula, Emília começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!”. No começo, Narizinho percebeu que a fala da boneca “não estava bem ajustada”, mas considerou que Emília conseguiria resolver isso com o tempo. Percebeu também que a bonequinha “era do gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu.” A menina pensou que assim seria melhor, pois lembrou-se de que as idéias de Dona Benta e de tia Nastácia a respeito das coisas eram previsíveis: “As idéias de Emília hão de ser sempre novidades.” (**“Narizinho Arrebitado”**, 3; 8; 27; 29). Suas idéias eram mesmo de “verdadeira louca”. Jamais se

atrapalhava em suas respostas. Podia dizer as maiores asneiras do mundo, mas respondia sempre. Sua dona ria-se, e dizia: “Possa-se com uma diabinha destas!”. Todas as noites, ouvia as histórias contadas por Dona Benta, porque “não havia no mundo quem gostasse mais de história do que a boneca.” Como a própria tia Nastácia lhe disse certa vez, era feita de macela por dentro. Por isso, não podia se molhar, senão embolorava. Na ocasião em que Narizinho levou uma picada de vespa na língua, ao chupar jabuticabas, Emília ficou esquecida no pomar. Lá permaneceu quando a menina voltou para casa com tia Nastácia para arrancar o ferrão da abelha. Por causa disso, ao ser recolhida por tia Nastácia, a pedido de Narizinho, estava úmida de orvalho. Ficou emburrada e só melhorou com a promessa de um vestido novo de chita cor-de-rosa com pintinhas. Também foi nomeada, nesse momento, por sugestão dela própria, Condessa de Três Estrelinhas: “- Quero ser a Condessa de Três Estrelinhas! Acho lindo tudo que é de Três Estrelinhas – a cidade de ***, o ano de ***, o duque de ***, como está naquele romance que Dona Benta vive lendo.” Disse a sua dona que assistira ao funeral da vespa que lhe picara a língua e narrou-lhe todo o acontecido: falou do esforço das formigas para levar o cadáver da vespa até a cova, do besourinho orador e seu interminável discurso, do sapo que devorou o besourinho que não parava de discursar. Espantou Tia Nastácia e Dona Benta quando conseguiu pescar uma trairinha com a varinha feita com alfinete e linha de costura, providenciada pela cozinheira a pedido da menina do nariz arrebitado. Depois que aprendeu a falar, passou a dormir na mesma cama de Narizinho, e a rede armada entre pés de cadeira foi esquecida. A primeira e última vez que Emília embarçou-se numa resposta foi no momento em que Narizinho lhe perguntou como ela entendia a linguagem das formigas. Primeiramente, a bonequinha atribuiu essa habilidade ao fato de ser de pano. Como a resposta não satisfez sua dona, Emília argumentou que a razão era por ser de macela. Ainda não satisfeita, Narizinho insistiu, e a boneca engasgou: “ – Então... então... (...). Então não sei.” Quando voltava do Reino-das-Abelhas com uma das pernas vazias do recheio de macela, ficou zangada por ter de acomodar-se num ancorote de mel, mas uma maneira de sossegá-la foi deixar que viesse à frente do bando, vendo tudo antes dos outros. Isso porque estava “nascendo nela aquele espírito interesseiro que a ia tornar célebre nos anais da ciganagem.” (“O Sítio do Picapau Amarelo”, 31, 32; 36 a 40; 45, 46; 73). Depois do ocorrido no passeio ao Reino-das-Abelhas, tia Nastácia encheu a perna de Emília com macela nova, sua dona consertou-lhe uma das sobancelhas de retrós, que estava desfiando, e pintou-lhe duas “rodela de carmim, bem redondinhas”, nas faces. Aceitou, então, casar-se com o Marquês de Rabicó, pois acreditou na história que Narizinho lhe contou sobre a nobreza do leitão. De acordo com essa história, Rabicó era um príncipe que fora transformado em porco por uma

fada má. Quando encontrasse, na barriga de uma minhoca, um anel mágico, voltaria a ser príncipe. Antes da realização do casamento, Pedrinho confeccionou o Visconde de Sabugosa a pedido de Narizinho, para ser apresentado a Emília como o pai do Marquês. No dia em que o Visconde foi pedir a bonequinha em casamento para seu filho, assim foi saudada pelo futuro sogro: “- Tenho a mais subida honra de receber no seio de minha família esta nobre condessa (...). Pelo que vejo é a mais linda criatura destes arredores! Acho-a ainda mais bonita que a franguinha pedrês de tia Nastácia...” Emília agradeceu a amabilidade do Visconde, mas não gostou de ser comparada com uma franguinha. Narizinho principiou, então, a enumerar vários atributos da boneca para impressionar o Visconde. Disse que Emília sabia cozinhar muito bem, lavar roupas, além de ler perfeitamente. Chegou a afirmar que a boneca tocava músicas na vitrola, sabia miar como gato, arrebentar pipocas e até costurar. Segundo Narizinho, o vestidinho de pintas que a bonequinha usava tinha sido feito por ela. Como Emília ainda não soubesse mentir, interrompeu sua dona e falou a verdade: “- Não fui eu, foi tia Nastácia quem o fez.” Levou um beliscão de Narizinho por isso. Ao ouvir o Visconde dizer que o único defeito do Marquês de Rabicó era comer tudo que encontrava pela frente, a boneca interrompeu a conversa, enojada: “- Pois se se casar comigo só há de comer coisas gostosas e cheirosas. Não consinto que meu marido ande comendo o que encontra.” A intervenção de Emília foi apoiada por sua dona que, em seguida, quis a resposta de sua boneca quanto ao pedido de casamento. Depois de muito pensar, Emília aceitou, porque era tentadora a idéia de começar como marquesa e acabar princesa. Iniciou-se o noivado, mas com um representante do noivo, o Senhor Vidro Azul, um vidro vazio de óleo de rícino que Pedrinho encontrou jogado no quintal. Tal arranjo teve de ser feito porque o leitão não fazia outra coisa a não ser farejar a sala, à procura de algo para comer, e atrapalhava a brincadeira. Emília ainda assim implicou com o noivo, como demonstrou ao indignar-se com os versos enviados por seu representante, com o seguinte conteúdo: “*Pirulito que bate bate,/ Pirulito que já bateu,/ Quem adora o Marquês é ela,/ Quem adora Emília sou eu.*” Apesar de Narizinho encantar-se com os versos, Emília se zangou, e reclamou: “- O verso está todo errado! Vou casar-me com ele mas não ‘adoro’ coisa nenhuma. Tinha graça eu ‘adorar’ um leitão!” A sinceridade da bonequinha novamente irritou sua dona, que lhe explicou a necessidade do fingimento nos compromissos sociais. A menina desculpou-se com o Senhor Vidro Azul pela franqueza de sua boneca e enfatizou o que, para ela, seria uma regra do trato social a ser aprendida por Emília: saber mentir. Com o desastre acontecido no dia do casamento, quando o noivo roubou da mesa de doces a mais bonita das cocadas, Pedrinho se enfureceu e contou a Emília a verdade: o Marquês não era e jamais seria um príncipe. A boneca desmaiou ao ouvir aquilo, mas gostou

quando, no dia de Ano Bom, o leitão que surgiu assado, numa travessa, foi confundido com Rabicó. Bateu palmas e cantou o “Pirulito que bate-bate”, sua música predileta. Foi, portanto, grande sua alegria ao se imaginar viúva e com a possibilidade de casar-se com o Visconde de Sabugosa ou com outro nobre qualquer. Narizinho, porém, não suportou a atitude da boneca e deu-lhe um peteleco. Comentou com Dona Benta que iria mandar o Doutor Caramujo fazer uma cirurgia em Emília e botar-lhe dentro um coração, pois demonstrava não ter nem um pouquinho de pena de Rabicó. O leitão da travessa, como se descobriu depois, não era o Marquês, mas outro porquinho de sua idade e também muito parecido com ele (“**O Marquês de Rabicó**”, 81 a 96). Quando Narizinho aceitou casar-se com o Príncipe Escamado, Emília foi convidada para madrinha do casamento. No dia da partida para o Reino-das-Águas-Claras, a bonequinha trajava um vestido novo, mas não estava satisfeita. Queria um vestido de cauda e não aquele que estava usando, considerado por ela “vestido de Judas no sábado de Aleluia”. Narizinho a convenceu a usar aquele mesmo, e disse-lhe que no reino arranjaría um outro, pois se fizesse um vestido de cauda, a boneca ficaria “enganchando pelo fundo do mar, onde há muito pé de coral mais espinhento que carrapicho.” Emília ainda estava brava com Rabicó, mas sempre o vigiava. No momento em que o coche de gala já esperava a turminha de aventureiros para os levar ao reino, ela alertou sua dona de que o leitão ainda não estava vestido. Providenciados o laço de fita na caudinha e um brinco de amendoim em cada orelha, a boneca ainda percebeu como o porquinho ficara ao entrar no coche “esfogueteado por Pedrinho”, que lhe acertara uma pelotada para o convencer a embarcar: “- Veja, Narizinho! Rabicó já perdeu o brinco da orelha direita! E olhe como está todo amarrotado o laço de fita...”. Enquanto a carruagem seguia seu caminho até o reino, Emília principiou a conversar sobre o polvo, de que gostou muito, e disse que seria capaz de fabricar um: “Pego numa porção de cobras e amarro todas as cabeças num saco de couro e solto no mar e vira polvo!...” Narizinho a provocou dizendo que seria melhor que se preocupasse com o brinco do marido Rabicó, que estava prestes a cair. A bonequinha disse que Rabicó estava era com vontade de comer o brinco. Comprou briga com o Visconde de Sabugosa ao ouvir dele o que seria seu nome científico: “- A Senhora Emília é um animal artificial que não está classificado em nenhuma zoologia.” Narizinho a provocou dizendo que, se fosse com ela, não aturaria tamanho desaforo, ao que Emília respondeu, olhando para o Visconde com “um arzinho de soberano desprezo”: “- Não ligo a vegetais (...) que antes de serem viscondes andavam jogados no chão, perto do cocho das vacas, sujos de terra e outras coisas, sem cartola nem nada... O Visconde é muito importante, mas treme de medo cada vez que passa perto da vaca mocha...” A resposta do Visconde sobre o nome científico de Emília ainda foi retomada com

ironia pela bonequinha no palácio, ao ouvir de sua dona uma frase que a interrogava sobre a possibilidade de vir a se casar com o sabugo sábio: “- ‘Animal’ não casa com ‘vegetal’...” Na casa de Dona Aranha Costureira, Emília encantou-se, tal como sua dona, com a beleza do vestido cor do mar. Ao contrário de Narizinho, contudo, foi extremamente prática nesta questão, pois conseguiu apalpar a fazenda, embora em sua primeira tentativa de tocar o maravilhoso tecido de peixinhos vivos tivesse sido impedida pela menina. Manteve o seguinte diálogo com a costureira real: “- Mas quem é que fabrica esta fazenda, Dona Aranha? (...) – Este tecido é feito pela fada Miragem (...). – E com que a senhora o corta? – Com a tesoura da Imaginação. – E com que agulha o cose? – Com a agulha da Fantasia. – E com que linha? – Com a linha do Sonho. – E... por quanto vende o metro?” Não teve problemas para perguntar ao Príncipe também o que ele achava do figurino que havia escolhido para o seu vestido de cauda. Como o soberano pensasse em outra coisa quando a boneca lhe fez tal pergunta, respondeu maquinalmente que achava muito bonito, e Emília lhe disse, então: “- Pois está às suas ordens...” Narizinho considerou a atitude da boneca um atrevimento e a repreendeu, cochichando-lhe ao ouvido. A bonequinha “amarrou um pequeno burrinho”, porque tinha certeza de que eram ciúmes do Príncipe a razão de Narizinho não querer que conversasse com ele. Na solenidade do casamento, acompanhou sua dona a caminho do trono de vestido de cauda e braço dado a um “soleníssimo Bernardo Eremita”, mas Rabicó voltou a provocar-lhe transtornos neste momento. Como estivesse com um siri preso à pontinha da cauda quando entrou no palácio com Pedrinho e o Visconde, bichinho esse que havia se alojado ali depois que o leitão fora libertado das garras de um polvo, o Marquês deixou sua esposa com vergonha. E tal sentimento foi tamanho, que a boneca desmaiou, mobilizando toda a corte para ampará-la. O Doutor Caramujo foi chamado e lhe aplicou o siri no nariz, o mesmo que se encontrava no rabinho do leitão, pois não havia coisa melhor para acordar criaturas desmaiadas do que os tais bichinhos, como explicou o ilustre médico aos presentes. Assim que sentiu a picada do siri, Emília deu um sorriso, perguntou onde estava, abrindo os olhos, e disse ao Doutor que se sentia um pouco melhor, mas ainda via tudo atrapalhado, “como se o mundo estivesse cheio de pernas...” Reiniciada a cerimônia interrompida com o desmaio, tudo se complicou novamente quando a coroa do Príncipe Escamado sumiu. A cólera do Príncipe fez com que todos fugissem e, já no sítio, Emília contou a Narizinho o que presenciara no palácio: “- Eu vi, Narizinho! Juro que vi! Foi Rabicó quem comeu a coroa do Príncipe!...” (“**O Casamento de Narizinho**”, 104 a 121). A curiosidade da bonequinha era imensa. Foi isso, novamente, o que a levou a perguntar ao gato que surgiu no sítio, afirmando ser o famoso Gato Félix e trazendo um recado da visita do Príncipe Escamado, como era a malinha

do soberano. Mais uma vez foi advertida por Narizinho, mas acabou participando, ao lado da menina, de Pedrinho e do bichano, da conferência que decidiu a surpresa que seria feita a Dona Benta com a chegada da corte do Príncipe ao sítio. Da comitiva de Sua Alteza fez parte Dona Aranha, a costureira do reino, e com ela Emília conversou à vontade, e fez muitas perguntas. Quis saber se engolia carretéis, se os carretéis se acabavam, se tinha uma fábrica de linha na barriga. Também falou dela própria: “... Rabicó é diferente de mim em tudo. Por exemplo: ele come e eu não como. Só como de mentira, por brincadeira.” Como Dona Aranha se espantou ao saber disso, a bonequinha continuou: “- Nunca comi coisa alguma – e sinto bastante, porque comer parece uma coisa muito gostosa. Rabicó quando come arregala os olhos de gosto, e grunhe se alguém se aproxima. A vaca mocha, essa até baba quando come um sabugo de milho.” Quando soube que a mãe de Dona Aranha havia sido comida por uma garoupa, primeiro lamentou, depois quis saber se ela também tinha um carretel na barriga e de que cor era sua linha. A costureira disse, então, que a cor era sempre a mesma para todas as aranhas, e Emília exclamou: “- Que pena! (...) Gosto muito da cor vermelha e se soubesse numa aranha de linha vermelha, iria morar com ela.” Enquanto conversavam, a costureira cerzia meias, e de um modo tão perfeito, que motivou a boneca a lhe sugerir algo: “- Se a senhora se mudasse para a cidade havia de ganhar um dinheirão.” Dona Aranha quis saber o que faria com o dinheiro e a bonequinha, revelando seu lado materialista, falou da compra de uma casa e de um guarda-chuva, e comentou a respeito das posses e do desejo de compra de Pedrinho: “Pedrinho é bastante rico. Tem um cofre com mais de cinco cruzeiros dentro. (...) Diz que vai comprar um revólver.” Aproveitou para revelar seu sonho, se tivesse dinheiro: “Eu, se tivesse dinheiro, sabe o que comprava? Um trem de ferro! Não há nada de que goste tanto como o trem de ferro...” A costureira quis saber a razão, e Emília disse que era porque um trem de ferro apitava: “A senhora já ouviu apito de trem?” A boneca causou a curiosidade do capitão dos couraceiros encarregados de fazer a guarda do Príncipe enquanto esteve no sítio. Quando a viu passar “muito requebrada” no seu vestidinho de teia cor-de-rosa, começou a fazer perguntas sobre ela a Pedrinho, que acompanhava o caranguejo. Ficou sabendo que aquela senhora que passava era a Marquesa de Rabicó, uma das “damas mais ilustres dos tempos modernos”. Explicou que Emília mudava conforme a vontade de sua dona: “Cada vez que Narizinho se enjoa da cara dela, muda. Muda tudo. Muda a boca mais para baixo ou mais para cima. Muda as sobrancelhas, muda os olhos. Houve até uma vez em que Emília passou sem olhos cinco dias.” Pedrinho contou, então, o que se passou nessa ocasião, quando a menina percebeu que não havia mais retrós no carretel só depois que arrancou os que estavam na boneca. O couraceiro, apesar de ser um “guerreiro de coração duro”, compadeceu-se com

o ocorrido, e avaliou o sofrimento da bonequinha. Pedrinho disse que Emília “tirou a forra” quando ganhou olhos novos, com a chegada da linha: “Passou o dia inteiro sem fazer outra coisa senão olhar, olhar, olhar.” O curioso couraceiro ainda quis saber se a boneca tinha filhos e ouviu do menino uma resposta negativa, com a justificativa de que isso a impediria de acompanhar sua dona nos passeios e viagens: “Se tivesse filhos, teria de ficar em casa, a dar de mamar às crianças, a lavar fraldinhas – e adeus passeios...” Emília, entretanto, nada ouviu dessa conversa, pois passou absorta em seus pensamentos e deles fazia parte, com certeza, seu encanto pela costureira do reino. Tão logo encontrou-se com Narizinho, que estava acompanhada de Escamado, já foi falando que, se fosse a menina, não permitiria que Dona Aranha voltasse para o reino. Perguntou, com sua habitual sem-cerimônia, por que o Príncipe não dava a costureira a sua esposa: “Apesar de ser princesa, Narizinho anda sempre de meias furadas por falta duma boa aranha aqui no sítio.” Levou nova advertência da menina pela inconveniência, mas continuou falando das suas na visita à cocheira da vaca mocha. Escamado nunca vira uma vaca, por isso perguntava a respeito de tudo relacionado a ela, e quis saber, por exemplo, como fabricava o leite. Narizinho manifestou sua dúvida acerca desse assunto também, e afirmou ser um mistério que não entendia. A bonequinha, no entanto, tinha uma explicação: “- Pois eu entendo! (...) É que a mocha todos os dias come mandioca. Leite, na minha opinião, é mandioca líquida.” Narizinho achou sua explicação uma completa sandice e, para provar-lhe isso, indagou-lhe de Rabicó, que também comia mandioca e não produzia leite. Emília saiu-se com a seguinte resposta: “- Isso é porque Rabicó não tem torneirinhas. Se tia Nastácia pusesse nele quatro torneirinhas, juro que saía leite.” Narizinho desculpou-se com o Príncipe pela “torneirinha de asneiras” da boneca, mas Emília não se aquietou. Ao saber do desejo de Escamado de levar a vaca mocha para o reino, disse que apostava como Dona Benta permitiria que a levasse se o Príncipe desse uma baleia em troca, e ainda afirmou: “As baleias também dão leite.” O lugar para acomodar o enorme peixe no sítio também não seria problema, ficaria na cocheira mesmo, pois uma baleia não era melhor do que a mocha, refletiu. Farta das asneiras da bonequinha, Narizinho enfiou-a no bolso do avental. Na despedida do Príncipe, Emília, que fugira do bolso, voltou a propor o negócio da troca da vaca ao soberano: “- Se o Senhor Príncipe me conseguir uma boa aranha costureira, eu arranjo jeito de Dona Benta trocar a mocha por um tubarão...” (“**Aventuras do Príncipe**”, 123 a 126; 135 a 137; 143, 144; 147) Com a partida da corte do Príncipe Escamado, Narizinho quis conhecer a história do gato que surgira no sítio e que todos pensavam ser o famoso Gato Félix. Por sugestão dele, seu relato foi feito quando caiu a noite. Todos ouviam atentamente, acomodados sob a claridade do lampião, e, ao saber que o avô do

gato viajara no mesmo navio do navegador Cristóvão Colombo, Emília pediu que contasse como fora a descoberta da América de acordo com o que ele presenciara. O gato o fez, porém sua versão da história do descobrimento não convenceu o Visconde de Sabugosa, que alertou a todos sobre a diferença do que o bichano contara em relação ao que lera sobre o assunto no livro de Dona Benta. A bonequinha ficou irritada com a intervenção do sábio e defendeu o que acabara de ouvir do gato, pois o livro não poderia saber mais do que o avô do felino. O Visconde insistiu em afirmar que o relato do convidado era um absurdo, e, por isso, como ele estivesse dentro de uma lata para não sujar o chão da sala de bolor, Emília sugeriu a sua dona que a tampasse. O gato pôde continuar sua história, mas despertou novamente a indignação do Visconde quando afirmou que o estômago do tubarão onde permanecera tinha o tamanho da sala de Dona Benta. O sábio empurrou a tampa da lata e gritou que o gato mentia, pois nem o estômago de uma baleia poderia ser tão grande, nem o bichano conseguiria manter-se vivo na barriga de um tubarão. Emília ficou ainda mais furiosa, e mencionou a história de Jonas ao Visconde. Se ele pôde, por que não o gato? “Mas Jonas era profeta”, foi a resposta do sábio, ao que a bonequinha retorquiu: “- Jonas era profeta e Seu Félix é quadragésimo. Dá na mesma.” O numeral aludido pela boneca era do andar em que o gato afirmara ter nascido; ele teria nascido no quadragésimo terceiro andar precisamente, do arranha-céus mais alto da cidade de Nova York, nos Estados Unidos, e ao mencionar o numeral, a boneca ficou encantada com a palavra. Por isso, deu a resposta em que destacava tal número. A frase de Emília pôs um ponto final na discussão com o Visconde e o gato continuou seu relato, mas sua história começou a ficar monótona e a própria bonequinha passou a caçoar dele por isso: “- Pare de andar, Seu Félix. Chegue logo, que já está caceteando.” Como o felino punha muitos velhos na história, ela não deixou por menos: “- Que terra esquisita!... Só velho para cá, velha para lá... Com certeza foi no país de Matusalém...”. Ao término da história, a decepção foi geral, porém somente Emília teve coragem de encarar o gato e dizer isso a ele. Disse mais, afirmou que até ela, que nunca saíra do sítio, seria capaz de contar uma história mais bonita. Dona Benta aceitou seu desafio, e avisou que no dia seguinte seria a vez de Emília contar a história. A bonequinha narrou uma belíssima história envolvendo um príncipe em busca de uma moça para se casar, e agradou a todos, que bateram palmas quando ela terminou. O único que não gostou foi o gato, mas a boneca sabia que ele estava apenas implicando com ela, e botou-lhe a língua. Dona Benta avisou que o próximo a contar a história seria o Visconde. Ele andava investigando o sumiço dos franguinhos do galinheiro do sítio e estava na pista do culpado. O sucesso da história contada pela bonequinha provocou a briga dela com o gato. Insultaram-se e Emília avançou no desafeto, arrancando-lhe um fio da

barba. Com isso, o Visconde pôde comparar o pêlo de felino que recolhera no galinheiro com aquele que ela arrancara da barba do gato na briga. Tomando os pêlos como prova do delito, o Visconde descobriu o culpado pelo sumiço dos franguinhos e apontou a verdadeira identidade do felino que julgavam ser o célebre Gato Félix: ele não passava de um gato ladrão. Com seu desempenho como detetive, o Visconde de Sabugosa sagrou-se definitivamente um sábio, sendo aclamado por todos como tal. Nesse momento do reconhecimento geral da sabedoria do Visconde, até a bonequinha, “que era muito envergonhada”, ganhou coragem e beijou-o na testa (“**O Gato Félix**”, 149 a 171). No episódio da visita das personagens maravilhosas ao sítio, Emília foi quem avisou Pedrinho, na “linguagem do ‘pisco’”, que Narizinho mandava chamar para arrumarem a sala para os convidados. Deveriam também salvar o Visconde, caído, havia uma semana, atrás da estante. A menina distribuiu as incumbências para todos: o sábio seria o vigia, Rabicó anunciaria as ilustres personagens, Pedrinho já ajudara a recuperar o Visconde, e Emília, que se encontrava numa grande agitação, e varria sem cessar o local sujo de bolor em que ficara o sábio, foi orientada a apresentar-se a contento: “- Chega, Emília! Assim você fura o soalho de vovó. Antes vá tomar banho e vestir aquele vestido cor do pomar com todas as suas laranjas. Ponha ruge, não esqueça. Está um tanto pálida hoje.” Depois do café, tomado às pressas, Narizinho indicou que a festa poderia começar e o Visconde avisou que via uma “poeirinha” ao longe. A bonequinha quis saber: “- Poeirinha pequeninha ou grandinha? (...) Se é grandinha, aposto que é Pé-de-Vento que vem vindo.” A dona da bonequinha afirmou que não convidara essa personagem, e muito menos a conhecia. Como Emília andava prosa de sua capacidade de contar histórias desde a bela narrativa que inventara no episódio do falso Gato Félix, já se preocupava com outra criação sua. Respondeu, então, a sua dona: “- Pois eu conheço (...). Estou escrevendo uma historinha onde há o grande Príncipe Pé-de-Vento, que é o maior levantador de poeira que existe. Uma vez, quando ele tinha justamente três anos, três meses, três dias e três horas de idade...” Narizinho interrompeu a bonequinha, pois a primeira convidada estava chegando: a princesa Cinderela. Ela ainda inventaria uma outra engenhosa história ao falar de tia Nastácia à Branca-de-Neve. Ao ser apresentada à princesa Cinderela, Emília tratou de conferir os famosos pés da personagem. Enfiou-se debaixo de sua cadeira para vê-los bem de pertinho e deixou Narizinho horrorizada com semelhante atrevimento. Cinderela, no entanto, achou muita graça nessa atitude, colocou Emília no colo e afirmou que já a conhecia de fama. A boneca viu-se à vontade para começar a perguntar e fez isso sem demora, demonstrando ser a mais curiosa a respeito das histórias maravilhosas. Depois de dizer que já conhecia toda a história de Cinderela também, quis que a princesa lhe explicasse pontos dela que não

entendia. O primeiro era sobre os sapatinhos: “Um livro diz que eram de cristal; outro diz que eram de cetim. Afinal de contas estou vendo você com sapatinhos de couro...” A personagem esclareceu a dúvida de Emília ao dizer que, no baile em que conhecera o príncipe, fora de fato com os sapatinhos de cristal, mas, como aqueles sapatos não fossem nada cômodos, ela agora usava apenas sapatinhos de camurça. Emília quis saber qual era o número do calçado que Cinderela usava, e, ao saber que era trinta, disse-lhe: “Então meu pé é muito menor, porque o meu número é 3 – e no entanto nunca me apareceu nenhum Príncipe encantado!...” O segundo ponto da história da princesa que a boneca não compreendia dizia respeito ao destino da madrasta e das irmãs da personagem: “Um livro diz que foram condenadas à morte pelo Príncipe; outro diz que um pombinho furou os olhos das duas...” Quando soube que, na verdade, nada daquilo havia acontecido, e que as tais personagens tinham sido perdoadas por Cinderela e ganhado uma casinha atrás de seu castelo onde viviam contentes e curadas de toda maldade, Emília exclamou: “- Como a senhora é boa! Se fosse comigo, eu não perdoava! Sou mazinha. Tia Nastácia se esqueceu de me botar coração, quando me fez...” Nesse ponto da conversa, a boneca foi interrompida por Narizinho, sempre preocupada com inconveniências e tropeços nas regras de etiqueta com pessoas ilustres. Durou pouco, entretanto, o silêncio de Emília. A segunda convidada que chegou, Branca-de-Neve, reconheceu a bonequinha tão logo a viu, ainda que aquela fosse a primeira vez que se encontravam. Esse era mais um indício claro da notoriedade da personagem, pois a princesa Cinderela também disse, ao chegar, que já conhecia Emília de fama. Reforçou ainda mais a celebridade da boneca o espelho mágico que Branca-de-Neve lhe trouxe de presente, enquanto os anfitriões Narizinho e Pedrinho nada receberam. Tão alegre ficou a boneca com presente tão precioso que chegou a beijá-lo, e não resistiu ao desejo de fazer-lhe naquele momento mesmo uma pergunta: “- Diga-me, senhor espelho, qual a boneca que conta histórias mais bonitas?” O espelho não teve dúvidas: “- É a ilustre Marquesa de Rabicó!” A bonequinha até suspirou, levando sua dona a perceber nisso um lamento por já ser casada e, portanto, não poder vir a se casar com o espelho. Branca-de-Neve contou toda sua história, prometeu voltar outras vezes para brincar com Emília e sua dona, e revelou, indagada pela curiosa bonequinha, que os anões viviam com ela, em seu castelo, e deixavam tudo de lá brilhando, pois eram as pessoas mais trabalhadeiras do mundo. Emília imediatamente viu nisso a oportunidade para mais uma de suas perguntas audaciosas: “- Oh! (...) por que não dá um deles a tia Nastácia? A coitada vive se queixando de que está velha e precisada de quem a ajude na cozinha.” Branca-de-Neve explicou-lhe que não poderia alterar o número resultante da soma dos anões, já que sete era um número mágico. O assunto relacionado aos anões foi retomado por Emília quando

entabulou conversa com as irmãs Rosa-Vermelha e Rosa-Branca. Naturalmente que conhecia tudo de suas histórias, demonstrando isso ao confessar-lhes seu desejo de ver uma pele de urso que virara príncipe e ao expor sua indignação com a brutalidade do anão de barba comprida. Ouviu a resposta de Rosa-Vermelha sobre o perigo representado por “essa gatinha” em meio aos beliscões de Narizinho, incansavelmente guardando as personagens dos excessos de Emília. Todo o esforço da menina para conter a bonequinha era inútil, porém. Quando o Pequeno Polegar chegou ao sítio, Emília “ficou num assanhamento jamais visto”. Ela apoderou-se dele, quis que lhe contasse toda sua história e depois o levou para seu quartinho, a fim de lhe mostrar os brinquedos. Perguntou-lhe primeiramente a respeito das botas, e se não tinha medo de elefante e de “jacarepaguá”, o que, para ela, deveria ser o mais terrível dos monstros. Mostrou, então, seus brinquedos: uma coleção de feijões pintadinhos ganhos de tia Nastácia, o pincel de goma arábica que ela usava como vassoura, e outras coisas mais. O pequenino gostou mesmo foi de um velho pito que tinha sido de tia Nastácia e, por isso, num gesto incomum em se tratando da bonequinha, ela lhe disse: “- Pois se gosta, leve, que arranjo outro.” Quis saber por que motivo o Polegar queria aquele cachimbo velho, e ele respondeu que poderia esconder-se dentro dele. Esse foi o único presente que Emília ofereceu a alguém. Era muito interesseira e amiga de receber mimos, não de ofertá-los. Por ser assim tão possessiva, arrependeu-se de ter dado o pito ao Pequeno Polegar, pois toda vez que se lembrava do brinquedo, suspirava. Nesse episódio da visita das personagens maravilhosas ao sítio, Emília, Narizinho e mesmo os próprios convidados espantavam-se freqüentemente com fatos novos relacionados àqueles seres das histórias, como já havia acontecido com as revelações das princesas Cinderela e Branca-de-Neve. Isso aconteceu também com a aparição de Barba Azul no sítio. Era sempre Emília, porém, quem tinha uma explicação própria para a novidade em relação ao destino conhecido das personagens. Quando Cinderela espantou-se com o fato de o pavoroso ser ainda estar vivo, já que supunha ter sido morto pelo irmão de sua sétima esposa, a bonequinha saiu-se com o seguinte raciocínio: “- É que não o matou bem matado (...). Outro dia aconteceu um caso assim aqui no sítio. Tia Nastácia matou um frango, mas não o matou bem matado e de repente ele fugiu para o terreiro...” Também explicou, a seu modo, a razão de o lobo mau também estar vivo e aparecer no sítio, apesar de Narizinho afirmar que não podia ser o malvado que comera a avó de Chapeuzinho Vermelho, porque este havia sido morto a machadadas por um homem. Como a menina explicasse que tinha lido isso nos livros, Emília refletiu: “- Deve ser erro tipográfico (...). É lobo, sim – e magríssimo! Bem se vê que só se alimenta de velhas bem velhas. Com certeza soube que Dona Benta morava aqui e...” A ousadia da bonequinha não conhecia limites. Pôde-se observar isso, mais

uma vez, nas perguntas e sugestões feitas às princesas Cinderela e Branca-de-Neve, e, particularmente, no que disse ao Barba Azul. Ao ouvi-lo, esmurrando a porta, ameaçar casar-se com as princesas presentes à festa, ela gritou pelo buraco da fechadura: “- Pois case, se for capaz! Mando Pé-de-Vento te ventar para os confins do Judas. Vá pintar essas barbas de preto que é o melhor, seu cara de coruja!” Depois de ouvir isso, o monstro foi-se embora furioso. Como fosse possessiva e teimosa por natureza, queria para si, insistentemente, tudo que a encantava. Foi assim com as botas de Polegar, com a lâmpada de Aladim e com a varinha de condão de Cinderela. Narizinho, como sempre, era pronta nas repreensões à bonequinha, o que coibia, pelo menos temporariamente, sua fúria de posse. A mania, contudo, de em tudo se envolver não a abandonava. Foi isso que a levou a alertar o filho do Patinho Feio a ficar longe da cozinha de tia Nastácia, pois lá, confidenciou ao pobre patinho assustado, a cozinheira matava frangos e patos torcendo-lhes o pescoço e depois os assava no forno. As asneiras de Emília chegavam a provocar o riso coletivo. Notou-se isso quando a boneca conversou com Chapeuzinho Vermelho. Depois de também pedir-lhe informações sobre seu verdadeiro nome, quis saber se a avó da adorável personagem era muito magra. A menina disse que era, e Emília insistiu: “- Muito magra ou meio magra?” Ao descobrir que era “bem magra”, a bonequinha emendou: “- Então não entendo aquele lobo (...) porque uma velha muito magra não é alimento. Só osso...” A risada foi geral e Narizinho explicou que sua boneca era “asnática de nascença”. Ninguém tinha melhores idéias do que as dela e, por esse motivo, venceu sua sugestão de transformar o Visconde de Sabugosa num pilãozinho de socar sal, quando o sábio caiu do alto da porta de onde vigiava a chegada dos convidados e ficou desacordado, parecendo que jamais voltaria a si. A justificativa que a boneca deu para que Cinderela o virasse no utensílio referido foi que tia Nastácia andava precisando de um e, assim, o Visconde ficaria servindo para alguma coisa. No momento em que o lobo mau surgiu, atemorizando todas as meninas e levando-as a desmaiar, Emília pensou rapidamente e viu que o melhor seria fazer voltar o Visconde para ajudá-las, pois, como ela disse, os sábios conheciam meios para tudo. Vendo que o Visconde não fora completamente transformado e continuava pilão da cintura para baixo, o que o impedia de se mover, a bonequinha refletiu se valeria a pena desmaiar também. Viu, porém, que o lobo arrancava mais uma tábuca da porta e entraria se nada fosse feito. O jeito foi berrar por socorro para tia Nastácia, que acorreu e espantou o malvado com sua vassoura. A atitude da cozinheira encantou a bonequinha, que até bateu palmas: “- Bravos! (...). A senhora é tão valente que até merece casar com o pássaro Roca.” Na despedida das personagens maravilhosas, comprovou-se novamente a notoriedade de Emília. Todos quiseram beijá-la e mimá-la, e a bonequinha aproveitou-se de sua influência

para aconselhar o Pequeno Polegar a fugir mesmo da história de Dona Carocha e ir morar no sítio. Foi Emília quem primeiro viu a lâmpada de Aladim e a varinha de condão de Cinderela, esquecidos debaixo da mesa por seus donos na partida. Pedrinho achou que poderia ficar com a lâmpada e a boneca pensou que a varinha seria dela a partir daquele momento. Narizinho, por sua vez, acreditou que as botas-de-sete-léguas também esquecidas pelo Gato-de-Botas passariam a ser suas depois que as encontrou atrás do armário. Descobriram, entretanto, com a chegada de Dona Carochinha, que teriam de devolver aqueles preciosos achados. Emília quis mentir para a baratinha, e dizer-lhe que nenhum daqueles objetos estava no sítio, mas Narizinho resolveu entregar o que ela queria pensando no que Dona Benta ensinara sobre o respeito aos mais velhos. Dona Carochinha levou tudo, inclusive o espelho mágico que a boneca havia ganhado de Branca-de-Neve. Pegos os objetos de suas personagens, a baratinha contadora de histórias saiu às pressas, mas antes de alcançar a porteira do sítio, Emília, que até aquele momento se contivera, desabafou: “- Cara de coruja seca! Cara de jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo, *ahn!*...” E mostrou a língua, forçando Dona Carochinha a apressar o passo (“**Cara de Coruja**”, 173 a 197). No início da leitura do *Pinocchio* por Dona Benta, Narizinho quis saber a opinião da boneca sobre o herói do livro. Emília respondeu: “- Eu acho (...) que achei uma grande coisa.” A grande coisa que ela achava dizia respeito a uma idéia tida com a audição da história, mas, por aqueles tempos, a bonequinha estava “uma perfeita cigana”, de modo que só aceitava revelar a idéia se ganhasse o cavalinho de pau sem rabo de Pedrinho. Tal interesse de Emília tinha a ver com o desejo de se tornar a boneca mais rica do mundo em brinquedos, por isso não fazia nada sem receber algum em troca. Pedrinho concordou em efetuar a cessão do cavalinho, desde que a idéia fosse de fato “aproveitável”, e, depois de jurar para a bonequinha que lhe daria o brinquedo, Emília falou: “- Pois minha idéia é esta: Se Pinocchio foi feito de um pedaço de pau vivente, bem pode ser que ainda haja mais pau dessa qualidade no mundo.” Pedrinho não sabia o que tinha a ver com isso, e a boneca explicou: “- Tem que, se houver mais pau dessa qualidade, você poderá arranjar um pedaço e fazer um irmão do Pinocchio!” Ficaram todos impressionados com a esperteza de Emília, e Pedrinho, o mais empolgado com a idéia, autorizou-a a ir pegar o cavalinho de pau de sua gaveta. O menino conversou com o Visconde de Sabugosa sobre o pau vivente e foi convencido a procurar a preciosa madeira no próprio sítio. Ao cabo de uma semana de buscas infrutíferas, Pedrinho manifestou sua irritação com o fato, e isso preocupou Emília, que temia perder o cavalinho se o menino acabasse por achar sua idéia um fiasco. A boneca, então, depois de muito pensar, encontrou a solução: um plano para enganar o neto de Dona Benta e fazê-lo acreditar que encontrara o pau

vivente. Para isso precisou dos préstimos do Visconde de Sabugosa, quem prontamente aceitou auxiliá-la, revelando nutrir uma paixão secreta pela bonequinha. O sábio, depois de provar que sabia gemer, foi levado pela boneca até um velho tronco caído à beira da estrada e ouviu a seguinte recomendação: “- Pedrinho tem o costume de passar por aqui quando volta da mata onde anda procurando o pau vivente. E como está que não pode passar por perto de pau nenhum sem dar um golpe, já estou vendo o jeitinho dele: chega, pára e – *pã!* machadada neste tronco. Pois bem, vosmecê vai ficar escondido aqui neste oco de pau; assim que ele chegar, parar e der o golpe, vosmecê vai gemer – mas gemer bem gemido, com voz rouca de pau velho, está entendido?” Tudo saiu exatamente como planejara a boneca e Pedrinho voltou para casa muitíssimo feliz com um pedaço do que imaginava ser o pau vivente. Emília demonstrou ter, nesse episódio, uma característica: a dissimulação. Enquanto Pedrinho contava orgulhoso aos habitantes do sítio sobre sua descoberta, a bonequinha fingia não estar interessada e ainda ria, à socapa, do que via. Comentou com seu cavaliño: “- Pedrinho caiu como um pato e com certeza agora não se lembra mais de tomar você de mim. Viva! Viva! Você é meu e bem meu, e tem que brincar comigo o dia inteiro. Antes de mais nada, preciso consertar Vossa Senhoria, pois onde já se viu um cavalo sem rabo? Vou arranjar para Vossa Cavalência um lindo rabo de galo, muito mais na moda que esses rabos de cabelo com que os cavalos nascem, está ouvindo, Senhor Barão Cavaladura Cavalcanti Cavalete da Silva Feijó?” A capacidade da bonequinha para nomear as coisas era outro marcante atributo dela. Essa habilidade tinha, com certeza, ligação com seu gosto pelo ato de ouvir e contar histórias, e também com seu encanto pela sonoridade das palavras, o que a boneca demonstrou ao sugerir a Dona Benta que desse o nome de “Quadragesima” para a vaca mocha. Ela propôs isso quando ouviu o falso Gato Félix afirmar que nascera no quadragésimo terceiro andar do mais alto arranha-céus da cidade de Nova York, nos Estados Unidos. A bonequinha achou o numeral um nome bonito e já o relacionou à vaca. Ela ainda confirmaria a habilidade comentada ao nomear o boneco construído com o falso pau vivente. Neste episódio Emília também revelou estar amadurecendo psicologicamente, como mostrou com a refinada explicação que deu para o fato de a madeira encontrada na estrada não mais gemer, como acontecera quando foi encontrada: “- Dona Benta falou outro dia que as grandes dores são mudas. Esse pau bem que sente, mas como a dor de se ver separado do tronco pai dele é muito grande, está assim mudo como um peixe. De repente a dor diminui e ele começa a gemer que ninguém o pode aturar.” A fala de Emília chamou a atenção do Visconde de Sabugosa, que, embora cúmplice da farsa imposta a Pedrinho, não pôde deixar de notar os progressos do desenvolvimento intelectual da bonequinha. A fala destacada ainda apontou a esperta

utilização da sabedoria de Dona Benta pela boneca. Apesar do silêncio do pau, Pedrinho quis que se construísse o irmão de Pinocchio, e propôs um concurso de desenhos para a definição da forma do boneco. O desenho de Emília ficou uma “trapalhada”, tantos detalhes ela lhe acrescentou: “Fez cacunda de Polichinelo, boca de sapo, rabo de jacaré, orelhas de morcego, pés de bode e nariz ainda mais comprido que o de Pinocchio. Tinha também um olho arregalado nas costas, ‘para que ninguém o pudesse agarrar de surpresa’, - explicou ela, cheia de orgulho dessa lembrança que ninguém havia tido.” O concurso não deu certo, porém, pois cada um votava no próprio desenho. Pedrinho achou mais conveniente a realização de um sorteio; escreveu o nome dos participantes, cada um dos moradores do sítio, em papéis e colocou-os no seu chapéu. Decidiu que Dona Benta, por ser a mais velha, faria o sorteio. Emília protestou levantando a mão esquerda, mantendo a direita no bolso, sempre. Dizia insistentemente que ela era quem deveria tirar a sorte, mas aquela mão no bolsinho da saia intrigou Narizinho, que pediu para ver a mão da boneca. Apesar da negativa de Emília, a menina do nariz arrebitado tirou-lhe mesmo contra a vontade a mão do bolso, e viu que a bonequinha enrolara um papelzinho de modo idêntico aos do chapéu. Em princípio todos ficaram incomodados com a tentativa de trapaça de Emília, mas depois começaram a rir, por ela ter escrito “O MEU” no papelzinho. Tia Nastácia, entretanto, a criticou duramente e sugeriu a Dona Benta que lhe desse umas palmadas. Emília mostrou-lhe uma língua enorme, numa reiteração da atitude que a acompanhava nas situações de fúria, como essa, e também aquela em que teve de devolver a Dona Carochinha os objetos encantados esquecidos pelas personagens dos contos de fadas. Depois de ouvir a condenação de tia Nastácia ao gesto de Emília, Dona Benta repreendeu a boneca pela primeira vez, dizendo que só a perdoava por ser uma “bobinha” que ainda não sabia distinguir o bem do mal. A boneca teve vontade de botar a língua para a velha senhora também, e ainda mais comprida, mas, numa clara demonstração de que respeitava Dona Benta muito mais do que respeitava a cozinheira do sítio, conteve seu desejo. Era atrevida por natureza, porém; não mostrou a língua para a dona do sítio, mas saiu da sala resmungando e batendo o pé. Tal atrevimento levou tia Nastácia a dizer que a bonequinha parecia uma “cascavelzinha”. Mesmo sem Emília, fez-se o sorteio, e o nome retirado do chapéu foi o da cozinheira, a autora do desenho mais feio na opinião de todos. Tirada a sorte, Narizinho foi ver o que fazia sua boneca, e a encontrou no canto da sala que lhe servia de quartinho. Estava ocupada arrumando os vestidos e brinquedos em caixas de papelão, pois tencionava ir embora de casa depois do acontecido. A raiva de tia Nastácia era tanta, que a boneca havia pisoteado os vestidos e brinquedos recebidos dela. Sentia-se seriamente ofendida e conversava com seu cavalinho proferindo insultos à mulher. Disse ao

brinquedo que tia Nastácia era ainda mais malvada do que Barba Azul, pois matava frangos, patos, perus, camundongos, leitões. Por isso queria partir, a bonequinha dizia, pois temia que a mulher também matasse o cavalinho e o assasse no forno. Narizinho começou a conversar com Emília, então, e descobriu que sua intenção era ir morar com o Pequeno Polegar, pois ele a convidara quando ganhara dela o pito de barro. Narizinho lembrou-lhe que não caberia na casinha dele e a boneca se assustou com a idéia de dormir ao relento, com a possibilidade de ser atacada pelos animais dos quais ela tinha um medo horrível: morcegos e corujas. Aceitou ficar, mas aproveitou para fazer um pedido: “- Nesse caso fico, mas você há de me dar um vestido novo, de seda, com um laço de fita aqui e um babado. Dá?” A menina concordou, mas condicionou o cumprimento do pedido da bonequinha às pazes que queria que ela fizesse com tia Nastácia. Emília já esquecera a raiva e tratou de tirar ainda mais proveito da situação, pedindo, em troca do retorno à boa convivência com a cozinheira, um alfinete de pombinha que estava em poder dela. Esse alfinete era mais um objeto desesperadamente desejado pela boneca em sua fúria de posse. Tratava-se de um alfinete antigo, de aço azul, que, no lugar da cabeça, tinha uma pombinha carijó de vidro. Ao apresentar aos amigos do sítio o boneco que construía para ser o irmão de Pinocchio, tia Nastácia decepcionou a todos, pois sua criação era horrenda. Indagada por Narizinho a respeito de algum gemido percebido enquanto o modelava, a boa mulher respondeu que nada ouvira, deixando Pedrinho intrigadíssimo. O Visconde de Sabugosa aconselhou-o, nesse momento, a tentar o assopro, como Deus fizera com o primeiro homem, para dar vida ao boneco mudo. Emília, então, fez uma intervenção que impressionou a todos, pois nela havia um nome para o boneco recém-construído: “Também acho que se você [dirigindo-se a Pedrinho] assoprar o João Faz-de-conta, bem assoprado, ele vive, bem vivinho.” Quiseram saber a razão do nome e a bonequinha explicou: “- João, porque ele tem cara de João. Todo sujeito desajeitado é mais ou menos João. E Faz-de-conta, porque só mesmo fazendo de conta se pode admitir uma feiúra destas. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem ponta de prego nas costas. Faz de conta que...” Narizinho interrompeu a explicação para dizer que era suficiente o que dissera e que não poderia existir nome mais apropriado para o boneco. Todos concordaram com a menina e designaram a bonequinha como a “melhor ‘botadeira de nome’ do sítio”. Faltava ganhar o tão desejado alfinete de tia Nastácia, o que aconteceu depois da insistência da menina do nariz arrebitado em favor da boneca. A cozinheira entregou finalmente o alfinete e comentou: “- Tome lá, cigarinha! (...) Não sei por quem você puxou esse espírito interesseiro. Estou vendo o dia em que acaba pedindo os óculos e a dentadura de Dona Benta. Credo!...” Emília foi correndo mostrar sua mais nova aquisição ao cavalinho, transformado em seu amigo e

confidente. Já tinha-lhe arranjado um belo rabo de pena de galo e com ele passava muito tempo, envolvida em muitas brincadeiras. Havia o temor de perdê-lo, entretanto, já que Pedrinho poderia vir a descobrir a qualquer momento toda a mentira relacionada ao pau vivente. A bonequinha chegou a fazer uma proposta ao horrendo boneco: se vivesse, lhe daria seu aventalzinho vermelho de bolso. Tudo inútil, todavia, e Pedrinho acabou se aborrecendo de verdade. Insultou o boneco mudo e atirou-lhe para cima do armário da sala de jantar. Emília assistiu a tudo e notou, acertadamente, que teria problemas. Na tarde daquele mesmo dia, Pedrinho perguntou-lhe pelo cavalinho. Seguiu-se à pergunta do menino uma discussão séria entre os dois, que se tornou ainda mais acalorada depois de o neto de Dona Benta xingar a boneca de “cara de coruja seca”, o pior insulto na opinião dela, e ainda dar-lhe um beliscão. Emília começou a gritar, então, por socorro, dizendo que Pedrinho, a quem ela comparava ao Barba Azul, estava querendo matá-la. Todos acorreram e deram razão à boneca, e Dona Benta ameaçou matricular o neto no Caraça, um colégio de péssima fama, caso continuasse a brigar com a bonequinha de pano. O menino se calou e Emília foi cochichar coisas a seu cavalinho. Ao se encontrarem logo depois, voltaram a discutir, e a boneca usou como trunfo, para impedir que o menino a insultasse novamente, a ameaça de Dona Benta: “- Não diga outra vez que eu grito e Dona Benta põe você no Caraça!” Pedrinho acabou por descobrir, num passeio pela floresta, a farsa do pau vivente. Prometeu vingar-se da bonequinha e do Visconde, e ela, por esse tempo, andava tão envolvida com o cavalinho, que começou até a recusar a companhia de sua dona, Narizinho. Por causa do brinquedo, Emília deixou de acompanhar a menina no costumeiro passeio pelo pomar, e assim justificou sua recusa: “- Não posso hoje (...). Estou ensinando o abc a este analfabeto, que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras ‘cavalências’ célebres.” Narizinho resolveu levar consigo o boneco João Faz-de-conta, e viveu, na companhia dele, uma experiência maravilhosa. O boneco construído para ser o irmão de Pinocchio viveu por mais de uma hora e revelou ser possuidor de um nobre caráter. A menina do nariz arrebitado descobriu ainda, por intermédio de uma vespa-fada, que o alfinete de pombinha de Emília era, na verdade, uma varinha de condão, e isso poderia transformar a boneca numa fada de pano. Narizinho fez também uma visita à casa de Chapeuzinho Vermelho, soube da intenção de Peter Pan de aparecer no sítio e brincar com Pedrinho, e levou um grande susto quando o terrível Barba Azul surgiu com uma faca na mão. Salvou-se fechando os olhos, e quando os reabriu, deu-se conta de que estava em seu estado normal novamente. Ao saber das novidades contadas pela prima, Pedrinho entusiasmou-se tanto que até esqueceu de seus planos de vingança e só fez agradar a bonequinha que poderia vir a ser uma fada. Ele disse à Emília, com toda a

amabilidade: “... vou fazer três cavalinhos novos para você, cada qual de uma cor, e uma casinha linda para você morar, e um fogãozinho para você cozinhar, e um trapézio para você balançar-se, e umas asinhas para você voar e uma...” A boneca estranhou tantas gentilezas vindas do menino e arregalou muito os olhos de retrós, até que os arrebentou. Disse-lhe, então, querendo chorar: “- Malvado! (...) Está aí o que você me fez...” (“**O irmão de Pinocchio**”, 200 a 226). Emília foi quem teve a idéia de um “círculo de escavalinho” no sítio. Dona Benta a corrigiu, mas prevaleceu a idéia da boneca de darem ao circo o nome de Pedro Malazarte Escavalinho da Silva. Ao se oferecer para encontrar os óculos perdidos por Dona Benta, pediu em troca \$ 3,00 e os recebeu para ajudar na compra da peça de algodãozinho que seria usada para fazer o circo. Antes de entregar o dinheiro a Pedrinho, esperou que o menino consertasse uma das rodas do carro de carretel, brinquedo que pediu em troca da obtenção do dinheiro para a montagem. Foi a responsável pelo primeiro número apresentado no circo: uma corrida no cavalinho de rabo-de-cavalo, pulando arcos de papel. Como o boneco João Faz-de-conta atrapalhou sua apresentação, provocando risadas e vaias do público, Emília mostrou-se furiosa e brigou seriamente com o feio boneco (“**O circo de cavalinhos**”, 227; 235 a 238; 246, 247). Quando soube da viagem que fariam, ela, o Visconde de Sabugosa, Pedrinho e Narizinho, na companhia do menino invisível, Emília não dormiu, pois “tinha idéias especiais sobre tudo, e tudo fazia diferente dos outros.” Resolveu que levaria na viagem uma canastrinha ganha de Dona Benta e nela pôs, entre outras coisas, uma pena de papagaio, uma perna de tesoura de unha encontrada no lixo e o alfinete de pombinha que conseguira com tia Nastácia. A pena que a boneca guardou na canastra foi amarrada à testa do menino invisível e, com isso, o grupo de aventureiros não mais teve dificuldade para localizá-lo. Isso inspirou o nome dado por Emília ao ser invisível: Peninha. Assim que chegaram ao País-das-Fábulas com a ajuda do pó de pirlimpimpim oferecido por Peninha, foram apresentados ao Senhor de La Fontaine. Na companhia dele, acompanharam, inicialmente, o desenrolar da fábula do lobo e o cordeiro; depois, assistiram aos acontecimentos da fábula da cigarra e a formiga. No momento em que a formiga bateu a porta no nariz da cigarra, deixando-a enfraquecida, Emília a amparou, dizendo: “- Não morra, boba! Não dê esse gosto para aquela malvada. Está com fome? Vou já trazer um montinho de folhas. Está com frio? Vou já acender uma fogueirinha. Em vez de morrer, feito uma idiota, ajude-me a preparar uma boa forra contra a formiga.” Emília ajudou a cigarra, de fato, segurando a formiga pela perna seca, de modo a facilitar que a cigarra batesse com a porta inúmeras vezes no nariz da formiga coroca. Tanta foi a sova dada na coroca, que o Senhor de La Fontaine teve de intervir, dizendo à boneca que já bastava. Esopo, o outro fabulista que se encontrou com o grupo, ao saber da habilidade de

Emília de falar, ficou encantado, e perguntou quem lhe ensinara. A bonequinha respondeu: “- Ninguém (...). Nasci sabendo. Quando o Doutor Caramujo me deu uma pílula tirada da barriga dum sapo, comecei a falar imediatamente.” Ao encontrarem Laura, personagem de outra fábula, Emília ficou impaciente com os desdobramentos diferentes de sua história vislumbrados pela própria menina, e disse a ela: “- Pare, senhorita, e derrube o pote de leite, senão a fábula fica sem pé nem cabeça!” Laura, porém, informou que não mais derramava o leite e, por isso, podia sonhar à vontade, sem o risco de se desiludir. Na circunstância da captura do grupo pelos macacos do reino de Simão XIV, Emília teve a idéia de usar o alfinete de pombinha como passaporte, enganando o rei e conseguindo sua liberdade por isso. Liberta, foi a boneca quem avisou Peninha do incidente, e isso permitiu que o menino invisível salvasse os prisioneiros. Encerrada a aventura no País-das-Fábulas, a boneca convidou os célebres fabulistas para visitarem o sítio, mas pediu a Esopo que fosse de paletó e calça, para não assustar tia Nastácia (“**Pena de papagaio**”, 257; 259; 270; 273; 276; 280; 284). Quando viu que tia Nastácia iniciava uma grande amizade com o burro falante, chegou a dizer: “- Isto ainda acaba em casamento!...” Já nas terras das Mil-e-Uma-Noites, ao saber pelo Barão de Münchhausen que estava famosa no Reino-das-Fadas, Emília inchou de tanto gosto. E foi capaz de esconder a pederneira da espingarda do Barão, para ver se de fato ele conseguiria atirar com a faísca de um soco no olho. Só a boneca não se comoveu com a morte do Visconde, mas foi dela a idéia de guardar o “tronco” do sábio de sabugo, para que tia Nastácia pudesse fazer um Visconde novo. Graças à sua sugestão de fechar os olhos com força, o grupo pôde retornar ao sítio, e salvar-se do ataque do pássaro Roca (“**O pó de pirlimpimpim**”, 290; 300, 301; 303, 304; 310; 312).

FADA – Personagem da história contada por Emília na ocasião da presença, no sítio, do falso Gato Félix. A fada, segundo o relato da bonequinha, morava com um rei e um príncipe num belíssimo palácio de cristal e fios de ouro. Quando o príncipe decidiu casar-se, comunicou o pai de seu desejo de buscar uma noiva longe dali, e o rei pediu que levasse a fada do palácio, para que não fosse sozinho. O príncipe transformou a fada numa bengalinha, virando ele próprio uma formiguinha. Quando finalmente encontrou uma pastora com o melhor coração do mundo inteiro para casar-se, bateu com a bengalinha em seu ombro e a transformou na mais linda princesa que poderia existir (“**O Gato Félix**”, 159; 164).

FADA DOS SETE MARES – Quando os fidalgos do reino do Príncipe Escamado viram Narizinho entrar com ele na sala de baile, da primeira vez em que esteve em seus domínios,

acharam que ela fosse a filha única dessa fada, tão linda estava (**“Narizinho Arrebitado”**, 20).

FADA MÁ – Segundo a história inventada por Narizinho, e contada a Emília para convencê-la a aceitar o leitão Rabicó como marido, o porquinho era, na verdade, um legítimo príncipe. Esta fada, porém, o transformara em leitão, e Rabicó somente voltaria a sua condição original quando encontrasse um anel mágico na barriga de uma minhoca. De acordo com a menina, ainda, era por isso que o leitão fossava tanto a terra, à procura de minhocas (**“O Marquês de Rabicó”**, 82).

FADA MIRAGEM – Ela fazia o tecido da cor do mar, com peixinhos vivos de todas as cores e formas, que nadavam sem parar. Com esse tecido foi confeccionado o vestido que Dona Aranha Costureira tirou dos seus armários de madrepérola e mostrou a Narizinho e a Emília, para que a menina pudesse escolher aquele que seria usado no seu casamento com o Príncipe Escamado. O tecido fabricado pela fada era tão lindo, que Narizinho teve uma tontura e pôs-se a chorar. Ela tivera, como explicou Dona Aranha Costureira, a “vertigem da beleza”, e deu-lhe um vidrinho de éter para cheirar (**“O casamento de Narizinho”**, 114).

FALSO GATO FÉLIX – Surgiu no sítio “num dia de sol muito quente”, quando Narizinho e Emília recordavam, à sombra da jabuticabeira, as festas de casamento sempre terminadas por causa da gulodice do Marquês de Rabicó. Disse à menina que estava correndo mundo para fazer um estudo sobre ratos, a fim de saber em qual país esses animais seriam mais gostosos. Disse ainda que trazia um recado do Príncipe Escamado a ela: o peixinho mandava dizer que vinha naquele dia, sem falta, com uma comitiva, fazer uma visita a sua esposa. A menina contou a Pedrinho da vinda do Príncipe, e o gato deveria avisar a Escamado a hora exata em que deveria chegar. A corte do Reino-das-Águas-Claras foi de fato visitar o sítio, contudo o recado dessa visita era incumbência de uma sardinha que foi comida pelo gato (**“Aventuras do Príncipe”**, 123 a 126). Depois que todos se foram, Lúcia quis que o gato contasse sua vida inteira a ela. Ele disse que o faria, mas à noite, porque só sabia contar histórias nesse horário, já que de dia perdiam a graça, segundo seu raciocínio. Sumiu durante o dia, caçou três ratos e reapareceu à noite. Tudo se providenciou para que o ilustre convidado contasse sua história: tia Nastácia acendeu o lampião da sala, Dona Benta sentou-se em sua cadeira, Narizinho, com Emília no colo, e Pedrinho sentaram-se na rede, e o Visconde, embolorado depois que voltou da viagem ao reino do Príncipe Escamado, teve o bolor espanado pela menina e foi colocado

num canto da sala, dentro de uma lata, para que não sujasse o chão. O gato contou, então, que era “cinquentaneto” do Gato-de-Botas, mas que não nascera na Europa, pois seu avô viera para a América no navio de Cristóvão Colombo, naturalizando-se americano. De acordo com a história do gato, seu avô vira quando Colombo desceu do navio para conhecer uma “terra cheia de palmeiras”, com “uma porção de índios nus, armados de arcos e flechas”, e perguntou se aquela era a “tal América” que estava procurando. O cacique respondera que sim, e aproveitara para perguntar se ele era o “tal Cristóvão Colombo”. Feitas as apresentações, o índio, já íntimo do navegador, virara-se para seus companheiros e dissera: “- ‘Estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristóvão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por diante é vida nova – e vai ser um turumbamba danado...’”. Ao ouvir isso o Visconde protestou, dizendo que lera toda a história de Colombo num livro de Dona Benta, e podia, por isso, afirmar que o gato estava inventando tudo o que contara. Emília não gostou, e disse que o livro não poderia saber mais do que o avô “de Seu Félix”. Como o Visconde continuasse afirmando o absurdo da história contada pelo gato, foi obrigado a se calar, pois, por sugestão da bonequinha, Narizinho tampou a lata onde ele se encontrava. O gato, pôde, então continuar sua história. Falou que nascera nos Estados Unidos, na cidade de Nova Iorque, no quadragésimo terceiro andar do mais alto arranha-céus daquela localidade. Falou que se criara na rua, e fora o “gatinho mais travesso da América”. Já crescido, tornara-se um perseguidor ferrenho de ratazanas e espantara quase todas da cidade. Um dia resolvera viajar e escolhera o mais velho navio do porto, por achar que nele encontraria mais ratos. Apanhara trinta e nove, tornando-se gordo como um porquinho. Dera-se, então, o afundamento do velho navio, e, para salvar-se, a solução fora deixar-se engolir vivo por um tubarão, cujo estômago era do tamanho da sala de Dona Benta. O Visconde, ouvindo isso, empurrou a tampa da lata, pôs a cabecinha para fora e novamente alertou para o absurdo daquela história: “Nem baleia tem estômago desse tamanho. Além disso, é impossível a um gato permanecer vivo num estômago de tubarão.” Emília brigou com ele novamente e o fez lembrar-se da história do profeta Jonas contada por Dona Benta. Para o sábio Visconde, Jonas era um profeta e por isso havia conseguido permanecer tanto tempo na barriga de um peixe. Emília respondeu, então: “- Jonas era profeta e Seu Félix é quadragésimo. Dá na mesma.” Como todos acharam que a bonequinha estivesse com a razão, o gato continuou sua história. Havia a necessidade de sair do estômago do tubarão, porque lá não existiam ratos para que um gato pudesse viver. Mas como sairia? O gato conseguira sair, porque o tubarão acabara morto por pescadores, que o fisgaram com um anzol e abriram sua barriga com uma faca, possibilitando que o felino pulasse dentro do navio. Os marinheiros

ficaram espantadíssimos de ver um gato vivo saindo da barriga de um peixe, e pediram que contasse a eles toda sua história. Ao final dela, o Capitão colocara-se à disposição para levá-lo ao país que quisesse, e descobrira que o gato procurava a terra “onde o demo perdeu as botas”. O Capitão ficara bravo, achando que o gato estivesse mangando dele, e dera-lhe um pontapé forte, que o arremessara até o porão. Quando desembarcaram, o gato vira uma velha coroca, de porretinho na mão, sem um só dente nas gengivas. Quando o gato lhe perguntara sobre a tal terra, ela lhe dissera que também não sabia, mas o aconselhara a continuar andando sem parar, que um dia a encontraria. O gato fez como a velha dissera, até que encontrara um sábio muito velho, de barbas brancas, e, ao ouvir a pergunta sobre a localização da terra onde o demo perdera as botas, respondera: “Fica pertinho dos confins do Judas.” O gato achara que o velho sábio estivesse caçoando dele e continuara andando, até que encontrara uma outra velha ainda mais coroca do que a primeira. Emília, neste ponto da narração, sorriu gostosamente e disse: “- Que terra esquisita!... Só velho para cá, velha para lá... Com certeza foi no país de Matusalém...” . O gato ficou desapontado, mas continuou a falar sobre a velha coroca que havia encontrado. Essa outra lhe dissera que o dito lugar não existia, pois o demo nunca tivera botas, mas cascos. Quando a bonequinha perguntou ao narrador sobre a continuação da história, ele respondeu: “- Aí eu... eu... parei de procurar a tal terra e fui cuidar de outra coisa.” Todos ficaram decepcionados com este final, porém apenas Emília teve coragem de dizer ao gato que não valia a pena vir de tão longe para contar uma história tão boba. Chegou a dizer que até ela, que nunca havia saído dali, seria capaz de contar algo melhor. Dona Benta comunicou, então, que estava na hora de irem dormir, e que no dia seguinte seria a vez da boneca contar a história. Neste dia, tia Nastácia disse a todos que sumira um dos doze pintos do galinheiro, e o Visconde pediu que deixassem o “negócio” com ele. Passou o dia no galinheiro e recolheu os pelinhos que lá encontrou. À noite, Emília contou sua historinha, e tão bem, que agradou a todos, menos ao gato. No dia seguinte, seria a vez do relato do Visconde, e, neste dia, tia Nastácia avisou que outro pinto havia desaparecido do galinheiro. Dona Benta, muito aborrecida, perguntou o que Pedrinho dizia sobre o sumiço dos franguinhos e soube que ele e o Visconde estavam investigando, mas ainda não haviam descoberto nada. Em conversa com o menino, o sábio disse que examinaria no microscópio o pêlo que recolhera do galinheiro e pediu ao primo de Lúcia que providenciasse um. Pedrinho lembrou-se do binóculo da avó e o trouxe para “o novo Sherlock Holmes”, que disse estar, após examinar o pelinho, na pista do ladrão. Depois disso, Pedrinho foi brincar, e Emília, na varanda, desentendeu-se com o gato por causa das histórias contadas por ambos. A bonequinha ficou tão brava ao ser xingada de “macaca” pelo gato, que avançou sobre ele e

agarrou-lhe a barba fortemente, chegando a ficar com um fio dela na mão. Narizinho, mais que depressa, apartou os dois e pôs o gato intrigueiro para fora. Ao ver o Visconde, Emília narrou-lhe o acontecido e ele quis ficar com o fio que a boneca arrancara do bichano. O sábio o levou para examiná-lo com o binóculo de Dona Benta. Quando anoiteceu e o lampião foi aceso, o Visconde iniciou sua história, não sem antes cochichar ao ouvido de tia Nastácia que deixasse uma vassoura ao alcance de sua mão. Contou, na verdade, sobre suas investigações relacionadas ao gato e ao sumiço dos pintos do galinheiro. Informou, antes de iniciar seu relato, que sua história era resultado de “estudos científicos e criminológicos” e de rigorosas “deduções matemáticas”. O sábio contou, então, que antes de chegar ao sítio, o gato já havia permanecido em três casas. A primeira era onde nascera, e de lá fora colocado para correr com “uma boa sova”, porque descobriram seu temperamento ruim. A segunda casa onde o gato estivera pertencia a pessoas que acreditaram, em princípio, em suas palavras mentirosas. Ele dissera que seu dono havia morrido e que era “o melhor caçador de ratos do mundo”. Já na primeira noite passada nessa casa, roubou um pedaço de carne, e nada fez quando a culpa pelo furto foi colocada numa menininha, que foi castigada injustamente. Assim que descobriram suas artimanhas, porém, também o fizeram correr de lá. A terceira casa onde o gato permanecera era um sítio, e, neste local, o bichano também furtara pintos do galinheiro. Chegou a roubar três franguinhos por dia desse sítio, e só não continuou lá porque o dono comunicou à mulher a intenção de arranjar um cão policial para vigiar o galinheiro durante a noite. O sítio de Dona Benta era, de acordo com o relato do Visconde, outro local onde o gato havia sido bem acolhido, mas não estava honrando a boa receptividade. O sábio, então, com as provas do delito - os pêlos do gatuno, recolhidos por ele e por Emília -, mostrou a todos que aquele que estava ali não era o Gato Félix coisa nenhuma, mas um gato ladrão da pior espécie. Assim que o Visconde terminou seu relato, tia Nastácia avançou sobre o falso Gato Félix com a vassoura e o ladrão fugiu pela janela, desaparecendo na escuridão da noite. Todos deram, então, vivas ao Sherlock Holmes do sítio e Dona Benta disse que o Visconde havia provado ser um verdadeiro sábio e, por isso, ela mesma iria curá-lo do bolor e colocá-lo como administrador do sítio. Guardou-o, depois, na estante, entre os livros de Aritmética e Álgebra (“**O Gato Félix**”, 149 a 171).

FILHAS DE DONA ARANHA – Eram “seis aranhinhas muito espertas” que ajudavam a mãe, Dona Aranha Costureira do Reino-das-Águas-Claras, a tomar medidas para a confecção dos mais belos vestidos. Auxiliaram na feitura do vestido de Narizinho para o baile em sua homenagem e também na ornamentação da menina (“**Narizinho Arrebitado**”, 17; 19).

Acompanharam a mãe na ocasião do espetáculo de circo montado no sítio (“**O circo de cavalinhos**”, 242).

FORMIGAS CARREGADEIRAS – Emília disse entender a linguagem das formigas, informando a Narizinho que essas conversavam com uma outra, mandante. Primeiro teriam discutido sobre a localização do cadáver de um grilinho verde; depois, sobre a descoberta de uma “bela minhoca” nas proximidades da porteira do sítio, e sobre a melhor maneira de carregá-la, já morta, para dentro do formigueiro (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 44, 45).

FORMIGAS DO ENTERRO DA VESPA – Conforme contou Emília a Narizinho, elas arrastaram o cadáver da vespa da jabuticaba, que picou a língua da menina, até a cova onde moravam. Ao chegar ao buraquinho, esperaram pelo orador, um besourinho do Instituto Histórico. Este iniciou um discurso tão longo, que elas resolveram apitar, chamando um louva-a-deus policial. Assim explicaram a solicitação ao soldado: “‘Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau’”. O louva-a-deus arrolhou o besourinho com um pau, e, desse modo, as formigas puderam prosseguir com seus trabalhos. Levaram a vespa morta para o fundo da cova e providenciaram um letreiro, que foi fincado num montinho de terra, com as seguintes palavras: “‘Aqui neste buraco jaz uma pobre vespa assassinada na flor dos anos pela menina do nariz arrebitado. Orai por ela!’” Ao cabo desse ato, as formigas recolheram-se, e o besourinho acabou devorado por um sapo que passava pelo local (“**O Sítio do Pica-Pau- Amarelo**”, 38).

FORMIGA MANDONA – De acordo com Emília, que revelou a Narizinho entender a linguagem das formigas, essa teria dito a uma amiga carregadeira: “‘Encontrou o cadáver do grilinho verde?’” Recebendo uma resposta negativa, teria ordenado: “‘Pois volte e procure perto daquela pedra onde mora o besouro manco.’” Emília comentou com a menina do narizinho arrebitado, enquanto observavam o movimento das formigas, que essa deveria ser uma dona de casa do formigueiro, pois dava a impressão de estar sempre dirigindo um serviço. Quando as formigas carregadeiras encontraram uma gorda minhoca e a mataram, a formiga mandona ordenou que a picassem em vários roletes, para facilitar o carregamento para dentro do formigueiro (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 44, 45) .

GALINHA SURTA - Mãe do primeiro pinto comido pelo gato ladrão que surgiu no sítio e foi confundido com o Gato Félix. O Visconde de Sabugosa, dando início às investigações sobre o

caso do sumiço do franguinho, passou o dia no galinheiro examinando tudo e conversou com a galinha (“**O Gato Félix**”, 159).

GALO CARIJÓ – Pai do primeiro pinto comido pelo gato ladrão que surgiu no sítio e foi confundido com o Gato Félix. O Visconde de Sabugosa, dando início às investigações sobre o caso do sumiço do franguinho, passou o dia no galinheiro examinando tudo e conversou com o galo (“**O Gato Félix**”, 159).

GIGANTE FURA-BOLOS - Na verdade, era o Pequeno Polegar disfarçado de bobo da corte, que adotou esse nome no reino do Príncipe Escamado para fugir da história de Dona Carochinha: “Narizinho percebeu incontinenti que o bobinho não passava do Pequeno Polegar vestido com o clássico saiote de guizos e uma carapuça também de guizos na cabeça.” (“**Narizinho Arrebitado**”, 14)

GRILOS CARREGADORES – Compuseram a tropa de grilos arreados de cangalhas e ancorotes para o transporte de mel e cera do Reino-das-Abelhas. Foram arregimentados por Tom Mix, a pedido de Narizinho (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 72).

GUARDA DO REI SIMÃO XIV – Quando transpuseram as fronteiras do país dos macacos, sem o saber, e sem a companhia de Peninha, as crianças e os bonecos foram enleados com cipós pelos guardas do soberano. Um deles comunicou ao rei, depois da captura: “-Majestade (...) aqui trazemos à Vossa Sublime Presença estes quatro viajantes que estavam atravessando as fronteiras sem passaporte.” (“**Pena de papagaio**”, 280).

HIPOCAMPOS – “... uns bichinhos com cabeça de cavalo e cauda de peixe”, os cavalos-marinhos que puxavam o coche de gala do Príncipe Escamado. Constituíam seis pares, e o condutor do veículo, mestre Camarão, chicoteava-os com os fios da própria barba: “*lepte! lepte!...*”. No Reino-das-Águas-Claras, puxaram o coche durante o passeio de Narizinho com o Príncipe pelo fundo do mar. Também levaram a menina e seus amigos do sítio para aquele reino, para o casamento dela com Escamado (“**Narizinho Arrebitado**”, 13, 14; “**O casamento de Narizinho**”, 107).

INSPETOR DE QUARTEIRÃO – “... um velho amigo de Dona Benta que às vezes aparecia pelo sítio...”. Foi representado, na festa do casamento de Emília com Rabicó, por um pedaço de pau com uma dentadura de casca de laranja na boca (“**O Marquês de Rabicó**”, 91, 92).

ITALIANO GALINHEIRO – Aparecia, às vezes, no sítio à procura de frangos, conforme esclareceu o narrador. Ao iniciar a leitura do livro *Pinocchio* às crianças, Dona Benta imitou sua voz para tornar a audição da história mais interessante (“**O irmão de Pinocchio**”, 200).

JACAREPAGUÁ – “... monstro dos monstros”, na imaginação da boneca Emília. Ela o mencionou, pela primeira vez, para o Pequeno Polegar, com o propósito de saber se o pequenino era, de fato, corajoso. Ao ouvir dele que não tinha medo de gigante, elefante, hipopótamo, rinoceronte, girafa, anão mau, serpente, ainda quis saber: “- E de jacarepaguá?” Polegar respondeu: “- Nem de jacarepaguá, nem de nada. Cada passo desta bota anda sete léguas. Acha que um jacarepaguá pode me pegar?” A bonequinha voltou a citar o nome de sua criatura no momento em que xingou Dona Carochinha. Emília ficou com muita raiva da baratinha, porque ela apareceu no sítio depois da festa em homenagem às personagens das histórias maravilhosas, e recolheu os objetos preciosos esquecidos por algumas delas na partida. Até mesmo o espelho mágico que a boneca havia ganhado de Branca-de-Neve teve de ser devolvido. Narizinho e Pedrinho também ficaram desapontadíssimos com a idéia de perder os objetos encantados dos quais chegaram a se imaginar os donos, mas nenhum deles teve coragem de insultar a baratinha por isso. Emília, porém, antes de esperar que Dona Carochinha alcançasse a porteira do sítio, desabafou: “- Cara de coruja seca! Cara de jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo, *ahn!* ...” Disse tudo isso e mostrou a língua (“**Cara de Coruja**”, 182; 197).

JOÃO FAZ-DE-CONTA – Boneco modelado por tia Nastácia para ser o irmão de Pinocchio. A idéia da construção da personagem foi da boneca Emília, na ocasião em que ela e os demais moradores do sítio conheceram a história da criatura ficcional de Collodi. A bonequinha sugeriu a Pedrinho a busca pelo pau de que fora construído Pinocchio, pois, de acordo com seu raciocínio, isso possibilitaria a modelagem de um irmão para ele. O menino gostou muito da idéia e começou a procurar a preciosa madeira, mas acabou sendo enganado por Emília e pelo Visconde de Sabugosa, levando para casa um falso pau vivente. Fez-se um concurso de desenhos, seguido de um sorteio, que definiu a forma do boneco, e a sorteada foi tia Nastácia. Todos ficaram desapontados com o resultado, pois o desenho da cozinheira era o mais feio:

“O desenho de tia Nastácia não tinha forma de gente; parecia um coisa-ruim de carvão, tão feio que todos se riram.” Encarregada de dar forma ao pedaço de pau que imaginavam, com exceção de Emília e do Visconde, ser o vivente, tia Nastácia fechou-se em sua cozinha por uma hora. Ao cabo desse período, apresentou seu trabalho aos amigos, adiantando que não ficara bonito, mas “muito simpático”. O desapontamento foi geral, contudo, no momento em que avaliaram o boneco, “... porque realmente não se poderia imaginar coisa mais feia, nem mais desajeitada. Os braços saíam do meio do corpo, quase; os pés não tinham jeito de pés; o nariz era um fósforo cabeçudo espetado no meio da cara; e a cabeça, em forma de castanha de caju, estava pregada nos ombros por meio de um prego torto, cuja ponta aparecia nas costas.” Pedrinho ficou “danado” com a feiúra do boneco e continuava intrigado com o fato de a madeira de que fora construído não dar sinal de vida. Nesse momento da apresentação do boneco, Emília batizou-o, concordando com a sugestão do Visconde, dada a Pedrinho, de assoprar o feioso para tentar animá-lo: “- Boa idéia!(...) Também acho que se você assoprar o João Faz-de-conta, bem assoprado, ele vive, bem vivinho.” Todos ficaram espantados com o nome e quiseram saber a razão de sua escolha. Emília explicou, então: “- João, porque ele tem cara de João. Todo sujeito desajeitado é mais ou menos João. E Faz-de-conta, porque só mesmo fazendo de conta se pode admitir uma feiúra destas. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem prego nas costas. Faz de conta que...” Narizinho interrompeu a boneca para dizer que a explicação era suficiente, pois, na opinião dela, não poderia haver nome “mais bem posto”. Construído e batizado o boneco, restava viver, o que não acontecia, apesar dos assopros repetidos de Pedrinho. Um dia, o menino se irritou seriamente com a mudez do boneco e desabafou: “- Basta! Basta! Basta! Já estou ficando bochechudo de tanto te assoprar e ‘tu não vive’ nunca, seu feiúra. Vai-te pros quintos!” O boneco foi, em seguida, atirado para cima do armário da sala de jantar. Passado o incidente com Emília, que não aceitou devolver-lhe o cavalinho de brinquedo ganho pela idéia da construção do irmão de Pinocchio, Pedrinho veio a descobrir a mentira sobre o pau, e prometeu vingar-se. Deu-se, então, a experiência maravilhosa vivida por Narizinho na companhia de João Faz-de-conta. Ela saiu para passear pelo pomar e o levou. Ao recostar a cabeça no tronco do velho pé de ingá, fechando os olhos, ouviu um bocejo: era Faz-de-conta que acordava, parecendo sair de um longo sono. O boneco disse à menina, depois de ouvir um comentário dela sobre a influência dos ares do ribeirão em sua mudança: “- Eu sou sempre o mesmo (...). Não mudei. Não mudo nunca. Quem muda são vocês, criaturas humanas. Você mudou, Narizinho.” Ela não compreendeu, pois achava que continuasse a mesma. Faz-de-conta argumentou: “- Parece. Tanto mudou que está entendendo a minha linguagem e vai ver coisa que sempre existiu nesse sítio e no entanto você nunca viu.

Olhe lá!” Narizinho viu ninfas e um fauno, conversou com uma vespa-fada malvada, e foi salva de seu ataque pelo boneco, que revelou ser muito corajoso. Antes de proteger a menina de ser ferroadada pela vespa, Faz-de-conta reconheceu a pequenina dos tempos em que ele ainda era parte de uma árvore: “Estou reconhecendo esta vespa. Quando o tronco de pau de que fiz parte era árvore viva, cheia de flores cada mês de setembro, muitas vezes a vi lá em nossos galhos.” Para evitar que Narizinho fosse alvo daqueles terríveis ferrões, não hesitou em pôr sua vida em risco para espantar a maligna. Ao se armar com o prego que segurava sua cabeça, esta rolou morro abaixo e mergulhou no ribeirão. A vespa fugiu assustada ao se defrontar com a esquisita criatura sem cabeça, segurando um prego, e Narizinho não foi ferida. Ela ficara de olhos fechados durante o confronto do boneco com a vespa, de modo que se espantou ao vê-lo daquele jeito, sem a cabeça, e ficou preocupada por não poder contar com o auxílio do companheiro. Encontrou surpreendentemente a casa de Chapeuzinho Vermelho nas proximidades, com ela conversou e descobriu que a pequena havia encontrado a cabeça do boneco no ribeirão, enquanto lá se banhava. Consertado, Faz-de-conta contou tudo o que acontecera às duas meninas, encantando a gentil criança pela lealdade e valentia demonstradas. Narizinho ainda conversava com Chapeuzinho Vermelho, quando o boneco saiu e voltou muito animado, contando: “- Adivinhem quem passou por aqui! Peter Pan. Conversou comigo meio minuto e lá se foi, voando, para a Terra do Nunca, onde mora. Disse que qualquer dia aparece no sítio de Dona Benta para brincar com Pedrinho.” A neta de Dona Benta fez várias perguntas ao amigo sobre Peter Pan e sobre a fada Sininho, e estava ouvindo seu relato, quando Barba Azul pulou para dentro do quintal com uma faca na mão. João Faz-de-conta gritou desesperadamente para Narizinho, pedindo-lhe que fechasse os olhos. Quando a menina os reabriu, percebeu que estava de novo no pomar, sentada na raiz do ingazeiro. João Faz-de-conta se encontrava em seu colo, mudo como antes, e não reagiu com as sacudidelas da garota. Narizinho murmurou, desapontada: “- Que pena! (...) ‘Mudei de estado’ outra vez. Estou agora no estado de todos os dias – um estado tão sem graça...” Ao chegar em casa, contou tudo o que vivera a Dona Benta e a Pedrinho, a quem comentou sobre o caráter do boneco: “Faz-de-conta viveu por mais de uma hora e revelou-se nobre caráter. Tem gênio muito diferente do de Pinocchio. Muito mais sensato e, além disso, valente e leal.” O menino não podia compreender semelhante acontecido, pois descobrira que o boneco não fora feito do verdadeiro pau vivente. Narizinho falou, então: “- Não sei explicar. Só sei que em certos momentos a gente muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de nós. Vi ninfas, e um fauno, e uma vespa que era fada, e Faz-de-conta lutou com ela e me salvou, e vi uma fumacinha lá longe e fui correndo e dei com a casa – sabe de quem?

(...) – Da menina da Capinha Vermelha!” Contou ainda sobre o fato de Peter Pan ter aparecido para Faz-de-conta e da promessa de visitar o sítio. Pedrinho ficou muito alegre, e esqueceu totalmente o propósito de se vingar de Emília (“**O irmão de Pinocchio**”, 200 a 209; 211 a 214; 217 a 225). No espetáculo de circo montado pelas crianças, o boneco foi vestido com uma casaca verde por Narizinho e provocou a vaia do público por causa da ponta de prego que lhe furava as costas. Mesmo assim, incumbiu-se muito bem da arrumação dos lampiões da iluminação. Durante a apresentação de Emília, o rabo de pena do cavalinho da boneca prendeu-se no prego de Faz-de-conta, o que provocou muitas gargalhadas e vaias da platéia. Emília ficou tremendamente zangada com o boneco, e lhe disse: “- Estrupício! Onde se viu tamanho homem andar de fisga nas costas, feito anzol?” Ela ouviu como resposta do feio boneco: “- Que culpa tenho? (...) Nasci assim...” Depois, Faz-de-conta entrou no picadeiro para entreter o público, enquanto Pedrinho procurava o Visconde, que havia sumido. Começou a engolir espadas, tendo também uma lata de brasas debaixo do braço. Engolida a última espada, principiou a engolir as brasas, mas, no momento de comer a última da lata, esbarrou nela com a ponta do nariz, um palito de fósforo, e pegou fogo. Muitos convidados pularam no picadeiro para ajudar João Faz-de-conta, porém, não se pôde salvar seu nariz, que ficou totalmente destruído, dele só restando um pedacinho de carvão. “O curioso é que o boneco melhorou bastante de aspecto. Ficou bem menos feio, porque sua feiúra era causada principalmente por aquele horrível nariz de fósforo que tia Nastácia lhe havia espetado na cara.” (“**O circo de cavalinhos**”, 243; 246, 247, 248).

LIBELINHA MENSAGEIRA – Ela levou uma carta do Marquês de Rabicó para Narizinho. Nesta carta o leitão pedia perdão à menina por sua covardia, quando fugiu e deixou-a, juntamente com Emília, na companhia do bandido Tom Mix. Em troca desse favor, a libelinha ganharia do Marquês um lindo lago azul, onde poderia voar a vida inteira. Esse trato, no entanto, não foi cumprido, e a libelinha recebeu apenas uma sementinha de abóbora. Ficou furiosa e sentiu-se vingada ao ver o leitão levando lambadas de chicote do jabuti, na ocasião em que, a pedido de Narizinho, este montou no Marquês (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 61 a 68; 74).

LIBÉLULAS DANÇARINAS – Executaram uma linda valsa na festa oferecida pelo Príncipe Escamado a Narizinho, no Reino-das-Águas-Claras: “Vieram as libélulas, que gozam a fama de ser as mais leves dançarinas do mundo. De fato! Dançam sem tocar os pezinhos no chão – voando o tempo inteiro.” Sua dança estava na metade, quando o mordomo do reino avisou,

afobadíssimo, que a boneca Emília havia sido assaltada e se encontrava estendida no chão, na gruta dos tesouros (“**Narizinho Arrebitado**”, 22).

LIVREIRO – Profissional, da cidade de São Paulo, a quem Dona Benta recorreu, quando Narizinho reclamou do esgotamento das idéias da avó para novas histórias. A velha senhora escreveu a ele, pedindo que enviasse ao sítio os livros que fossem surgindo por lá. O livreiro fez como solicitado, o que permitiu que as crianças pudessem conhecer, entre outras obras, o *Pinocchio* (“**O irmão de Pinocchio**”, 199).

LOUVA-A-DEUS POLICIAL – A personagem surgiu no enterro da vespa que picou a língua de Narizinho, quando a menina chupava jabuticabas. De acordo com o relato de Emília, ele apareceu depois que as formigas apitaram, solicitando sua presença, e “de pauzinho na mão”. Perguntou às formigas: ““Que há?””. Elas responderam: ““Há que estamos cansadas e com fome e este famoso orador [um besourinho do Instituto Histórico] não acaba nunca o seu discurso. Está muito pau””. O policial ordenou: ““Pára pau, pau!””. E “arrolhou o orador com o seu pauzinho.” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 38).

LÚCIA (Narizinho) - A “menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho”, como era conhecida por todos. Ela tinha sete anos, era “morena como jambo”, gostava muito de pipoca e sabia fazer bolinhos de polvilho. Além da boneca Emília, o outro encanto da menina era o ribeirão que passava pelos fundos do pomar. Suas águas, “muito apressadinhas e mexeriqueiras”, corriam por entre pedras negras de limo, que Lúcia chamava as “tias Nastácias do rio”. Todas as tardes apanhava sua boneca e ia passear à beira d’água, onde se sentava na raiz de um velho ingazeiro para dar farelo de pão aos lambaris. Iniciou a aventura no Reino-das-Águas-Claras depois de dar comida aos peixinhos do ribeirão, quando, ao sentir os olhos pesados de sono, deitou-se na grama e “ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos (...) embalada pelo mexerico das águas...”. No palácio do Príncipe Escamado, o soberano daquele reino, a menina brigou para valer com Dona Carochinha das histórias. A baratinha surgiu na sala do rei muito apressada e preocupada, pois estava à procura do Pequeno Polegar, que fugira de seu livro. Começou a conversar com o Príncipe e com Narizinho e, sem saber a identidade da menina, contou dos problemas que vinha tendo com o desejo de novidades das personagens de suas histórias. Disse que tudo era “por causa do Pinocchio, do Gato Félix e sobretudo de uma tal menina do narizinho arrebitado” que todos desejavam muito conhecer. Comentou que andava até desconfiada de que a menina,

“essa diabinha”, era quem havia desencaminhado o Polegar, aconselhando-o a fugir. Quando Lúcia lhe perguntou se conhecia a tal menina, a baratinha disse que não, mas sabia que morava com “duas velhas corocas”. Ao ouvir semelhante insulto, Narizinho não se conteve e revelou ser a menina de quem ela falava, não sem antes lhe devolver o desaforo: “- Dobre a língua! - gritou vermelha de cólera. Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas.” Negou ter desencaminhado o Pequeno Polegar, mas desabafou que faria isso, sim, se o encontrasse, e com as outras personagens também. Dona Carochinha ameaçou desarrebitar o nariz da menina e Narizinho disse que arrebitaria o dela. A baratinha pôs-lhe a língua magra e seca e retirou-se muito brava, resmungando. O incidente assustou o Príncipe Escamado, que respirou aliviado quando a discussão terminou. Narizinho usou o mais bonito vestido do mundo na festa que o Príncipe ofereceu em sua honra; esse vestido foi confeccionado por Dona Aranha Costureira. Também foi em sua primeira visita a esse reino que a menina intercedeu em favor do Major Agarra junto ao Príncipe, pedindo-lhe que perdoasse o pobre sapo por ter dormido em serviço e o livrasse do castigo de engolir cem pedrinhas redondas. Escamado atendeu ao pedido de sua convidada e autorizou o guarda do reino a desengolir as pedrinhas que, com muita dificuldade, já havia engolido. Como estivesse empachado, o Doutor Caramujo teve de entrar em ação, e abriu a enorme barriga do sapo com uma faca. Ao retirar a primeira pedra, percebeu que eram suas pílulas falantes, na verdade, o que o Major havia engolido, podendo com isso curar a boneca Emília de sua mudez. Antes de recuperar suas pílulas, o médico do reino tencionou matar um papagaio a fim de retirar sua fala e introduzi-la na boneca. Ao se dar conta do propósito do Doutor, Narizinho revoltou-se, pois não aceitava que se matasse nem mesmo uma formiga, e disse: “- Então não quero! Prefiro que Emília fique muda toda a vida a sacrificar uma pobre ave que não tem culpa de coisa nenhuma.” Em defesa da pobre ave que seria sacrificada, a menina foi mais uma vez audaciosa e voltou a ficar vermelha de cólera, como já tinha ficado na passagem com Dona Carochinha. Não apenas libertou o papagaio das cordas, como as jogou, de forma desafiadora, no nariz dos caranguejos antipáticos que arrastavam o pássaro. No consultório do Doutor Caramujo, orientou Emília, depois que o médico do reino pôs-lhe uma das pílulas na boca: “- Engula duma vez! (...) E não faça tanta careta que arrebeta o outro olho.” Lúcia retornou com a boneca dessa aventura ao ouvir um grande estrondo de uma voz, fora da sala de baile do Príncipe Escamado, que dizia: “- Narizinho, vovó está chamando!...” O susto provocado pelo estrondo fez as personagens do reino marinho sumirem, uma ventania muito forte envolveu as duas personagens e as arrastou do fundo do oceano de volta à beira do ribeirão do pomar

(“**Narizinho Arrebitado**”, 3 a 30). Narizinho contava sobre suas histórias maravilhosas a Dona Benta e a tia Nastácia, às quais nenhuma das duas dava crédito em princípio. A menina, por isso, preferiu não contar a respeito dos acontecimentos vividos no Reino-das-Águas-Claras, e assim justificou sua decisão: “Vi um milhão de coisas mas não posso contar nem para vovó nem para tia Nastácia porque não acreditam. Para Pedrinho, sim, posso contar tudo, tudo...” Depois que fez Emília falar, porém, as duas senhoras ficaram perturbadas. Dona Benta passou a encarar as experiências vividas pela neta de um outro modo, e comentou com a cozinheira: “- Isto é um prodígio tamanho que estou quase crendo que as outras coisas fantásticas que Narizinho nos contou não são simples sonhos, como sempre pensei.” Tia Nastácia, a seu modo, também alterou sua visão a respeito daqueles fatos maravilhosos narrados por Narizinho: “ – Eu também acho, Sinhá. Essa menina é levada da breca. É bem capaz de ter encontrado por aí alguma varinha de condão que alguma fada tenha perdido... Eu também não acreditava no que ela dizia, mas depois do caso da boneca fiquei até transtornada da cabeça. Pois onde é que já se viu uma coisa assim, Sinhá, uma boneca de pano, que eu mesma fiz com estas pobres mãos, e de um paninho tão ordinário, falando, Sinhá, falando que nem uma gente! ... Qual, ou nós estamos caducando ou o mundo está perdido...” Lúcia não gostava de esperar e gostava muito de chupar jabuticaba. “Volta e meia trepava à árvore, que nem uma macaquinha. Escolhia as mais bonitas, punha-as entre os dentes e *tloque*. E depois do *tloque*, uma engolidinha de caldo e *plufe!* – caroço fora. E *tloque, plufe – tloque, plufe*, lá passava o dia inteiro na árvore.” Costumava carregar a boneca Emília no bolso do avental, onde também a enfiava quando exagerava nas asneiras. Para tia Nastácia, Narizinho era uma “menina reinadeira”, e Dona Benta a chamava de “minha neta do chifre furado”. Pedrinho a achava mais esperta do que as meninas da cidade e espantava-se com a capacidade dela de adivinhar as coisas. A espevitada Emília, quando brigava com Narizinho, a chamava de “princesa”, pois a menina de fato possuía maneiras refinadas, que indicavam uma educação sofisticada. Quando a bonequinha recebeu o presente da rainha das formigas, os croquetes de minhoca trazidos por uma formiga mensageira, a menina disse à Emília, recém nomeada Condessa de Três Estrelinhas: “Presente, Senhora Condessa, paga-se com presente. Mande à tal rainha uma perna daquele pernilongo que queimei com a vela antes de deitar.” Narizinho tinha um costume: sempre convidava as personagens de suas aventuras para irem morar no sítio. Fez isso com o Pequeno Polegar, com o besouro que reencontrou mendigo e aleijado no Reino-das-Abelhas, e com a libelinha mensageira. Foi de Narizinho a idéia de encher o alforje do bandido Tom Mix com o recheio de macela de uma das pernas de Emília. Acreditando ser ouro aquele conteúdo amarelo, ficou à disposição dela para quando precisasse

de sua ajuda. No Reino-das-Abelhas, demonstrou ter uma percepção aguçada dos problemas da vida em sociedade, pois seus comentários encantados com o estilo de vida das abelhas sempre vinham com a manifestação do desejo de que entre os seres humanos acontecesse da mesma forma: “O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar o espaço, como sabem economizar a cera, tudo dispendo de modo que a colméia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim...” (...) Que pena que também não seja assim na humanidade!”. Retornou da aventura com Tom Mix e do passeio ao Reino-das-Abelhas quando fechou os olhos para não ver a feiúra da velha feiticeira. Esta havia transformado Pedrinho num pássaro tiziu, dona Benta em tartaruga e tia Nastácia em uma galinha preta, e foi capturada pelo *cowboy* em mais uma de suas ações em favor da menina. Ao reabrir os olhos, viu tia Nastácia lhe chamando: “- acorde menina! Parece que está com pesadelo...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 31 a 78). A idéia de fazer o casamento de Emília com o leitão Marquês de Rabicó também partiu de Narizinho, que disse à boneca, revelando preocupação com as convenções sociais: “- Senhora Condessa, acho que é tempo de mudar de vida. Precisa casar, senão acaba ficando tia.”. Como a bonequinha em princípio não se mostrasse disposta a aceitar o leitão para marido, Narizinho recorreu a uma história em que Rabicó era um príncipe transformado em leitão, arranjou-lhe um pai - o Visconde de Sabugosa feito por Pedrinho a seu pedido - e orientou-a quanto ao que pedia o convívio social, quando Emília disse o que realmente pensava do leitão com quem ia se casar: “- Emília, tenha modos! Não é assim que se trata um poeta. Você vai ser marquesa, vai viver em salões e precisa saber fingir, ouviu?” Como a bonequinha noivasse com um representante do Marquês, o Senhor Vidro Azul, a menina se desculpou com ele e reforçou o que julgava ser o apropriado para os compromissos em sociedade, comparando o comportamento de Emília com o do discreto Visconde: “Peço-lhe mil desculpas, Senhor Vidro Azul! Emília tem a mania de ser franca. Nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir. Não é aqui como o nosso Visconde de Sabugosa, que fala, fala e ninguém sabe nunca o que ele realmente está pensando, não é, Visconde?” Para o casamento da bonequinha, Narizinho providenciou seis cocadas, seis pés-de-moleque e uma rapadura, comprados com os níqueis dados por Dona Benta. Chegou a chorar “uma lágrima de verdade” após o casamento da boneca, mas o noivo estragou tudo ao roubar a cocada mais bonita da mesa de doces, levando Pedrinho a dizer à Emília que o Marquês não era príncipe coisa nenhuma. No dia de Ano Bom, Narizinho achou que o leitão servido, de ovo cozido na boca e rodela de limão pelo corpo, fosse o seu querido Rabicó: “- Não coma esse leitão, Pedrinho! É Rabicó! Aquela diaba feia [tia Nastácia] nos enganou e assou no forno o coitadinho...”. Emília gostou muito da possibilidade de estar

viúva, pois assim poderia casar-se com um outro fidalgo qualquer. Bateu palmas e cantou o “Pirulito que bate-bate”, sua música preferida, o que irritou sua dona, chocada com a insensibilidade da bonequinha. Narizinho deu-lhe, então, um peteleco, e disse que pediria ao Doutor Caramujo para fazer uma cirurgia e colocar-lhe um coração. O porquinho assado, no entanto, não era Rabicó, mas um outro de sua idade e muito parecido com ele (**“O Marquês de Rabicó”**, 79 a 96). O espírito audacioso de Lúcia mostrou-se claramente no episódio de seu casamento com o Príncipe Escamado. Quando recebeu o pedido numa carta que foi achada por Pedrinho à beira do ribeirão do sítio, disse muito calmamente ao primo que era para responder que sim, e que estava ajudando tia Nastácia a enrolar umas rosquinhas, mas, tão logo acabasse, iria se casar com ele. Achava muito natural casar-se com um peixe, para o assombro de Dona Benta e de tia Nastácia. Para ela, Escamado não era um peixe qualquer, mas “um grande príncipe das águas”, e se Emília, que era uma boneca, havia se casado com um leitão, por que ela não poderia se casar com uma criatura de outra espécie também? “Acho as suas idéias muito atrasadas, vovó...” E a resposta com o “Sim!” de Narizinho foi enviada. O Príncipe ficou tão feliz com a aceitação da menina, que principiou a lhe enviar muitas cartas, e todas eram lidas e respondidas com presentes: uma flor, um grilinho de gramado, uma rosada e roliça minhoca, uma rosquinha de polvilho enrolada por ela própria. Esse foi o presente de que o Príncipe mais gostou; por isso, não a comeu, e mandou que o melhor ourives do reino engastasse na rosquinha uma fileira de diamantes, de maneira a transformá-la numa preciosa coroa. Lúcia partiu para o casamento no coche de gala de seu noivo, e levou Emília, convidada para ser sua madrinha, o Visconde de Sabugosa, que seria o padrinho, Pedrinho e o Marquês de Rabicó. Apesar de, em princípio, o primo não concordar com a ida do leitão, teve de aceitar a presença dele, pois Narizinho explicou a necessidade disso valendo-se, novamente, de uma convenção social: “- Mas não fica bem, Pedrinho! Rabicó, afinal de contas, é marido de Emília e não fica bem que Emília apareça na corte sozinha. Podem falar dela...” Acompanhou-os o Doutor Caramujo, quem, por sinal, diagnosticou o mal que consumia seu Príncipe: “...narizinhoarrebitadite, doença muito séria, cujo único remédio é casamento com uma certa pessoa.” A menina retocou o vestido novo de sua boneca para a viagem e foi quem enfeitou o leitão com um laço de fita em sua caudinha. No percurso até o reino, se irritou quando Pedrinho desconfiou da sabedoria de Dona Benta, que foi citada pela menina por ter dito que sereias não existiam. O menino perguntou: “- Como vovó pode saber, se nunca devassou todos os mares?”. Narizinho retorquiu: “ – Essa é boa! É de primeira. Parece até que a burrice de Emília pegou em você, Pedrinho? Vovó sabe porque lê nos livros e é nos livros que está a ciência de tudo. Vovó sabe mais coisas do mar, sem nunca

ter visto o mar, do que este Senhor Caramujo que nele nasceu e mora. Quer ver?” E puseram-se a conversar sobre o nome científico dos caramujos e da boneca Emília, sobre a sabedoria do Visconde, e até sobre a família dele, toda devorada pela vaca mocha. Ao chegarem ao palácio, assim que acabaram as saudações, tratou de orientar o Príncipe quanto ao gosto de seus amigos para que pudessem ser acomodados no reino: “O Visconde que é um sábio, só quer saber de livros. Basta enfiá-lo numa estante. E para o Marquês, nada melhor do que um chiqueirinho com três grandes abóboras do mar dentro (...) Esse [Pedrinho] é deixar solto por aí, com o bodoque. Não mexam com Pedrinho, que ele dana. Emília fica comigo.” Lúcia encontrou-se novamente com Dona Aranha Costureira quando foi a sua casa, na companhia de Emília, escolher os figurinos para o casamento com o Príncipe. Foi nessa ocasião que teve, como definiu Dona Aranha, “a vertigem da beleza”, ao ver o vestido cor do mar, cheio de peixinhos vivos, coloridíssimos e multiformes mostrado pela costureira. Assim que viu o tecido, exclamou, de olhos arregalados: “- Que maravilha das maravilhas!” E sentiu uma tontura forte, tendo que se sentar para não cair. Quando a vertigem piorou, a menina até chorou. Mesmo com os olhos turvos, ainda tentou impedir que Emília tocasse no tecido, mas a bonequinha não tinha a mesma reverência da dona, e não só o apalpou sem que a menina visse, como chegou a perguntar a Dona Aranha Costureira por quanto vendia o metro daquela fabulosa fazenda. Como já estivesse com muita influência sobre o Príncipe, Narizinho pediu a ele que salvasse Rabicó a todo custo das garras do polvo, e também determinou que a festa do casamento recomeçasse do princípio quando seus amigos chegaram atrasados por causa do incidente com o porquinho. Antes de entrar no palácio para assistir ao casamento, Pedrinho espiara de uma janela o que se passava lá dentro, e vira a prima, “deslumbrante no seu vestido cor do mar com todos os seus peixinhos. Na cabeça trazia um diadema feito das mais raras pérolas dos sete mares, e na mão um cetro de nácar todo esculpido. Ao lado dela caminhava o Príncipe no seu maravilhoso manto de rei, feito das mais raras escamas. Atrás vinha a Emília, de vestido de cauda, braço dado a um soleníssimo Bernardo Eremita. Este senhor trazia nas mãos uma salva de escama onde repousava a coroa com que o Príncipe ia ser coroado.” Mas tudo acabou quando se deu o sumiço da coroa de Escamado. Enfurecido por ter perdido o que para ele era o que havia de mais precioso, a coroa de rosquinha ganha de Narizinho e que fora enfeitada com diamantes, o Príncipe bateu com o cetro no fidalgo encarregado de cuidar da jóia. Isso significava o pior lá no reino, e todos fugiram assustados, inclusive a menina e seus companheiros. Pararam apenas no sítio, quando Lúcia ficou sabendo por Emília que fora Rabicó quem comera a coroa do Príncipe (“**O casamento de Narizinho**”, 97 a 121). Ela recordava com sua boneca as festas de casamento sempre arruinadas pela gulodice de Rabicó,

quando ouviu o miado do gato que imaginou ser o famoso Gato Félix. Como a bonequinha nada soubesse sobre essa personagem, a menina descreveu-lhe as características, deixando Emília encantada com a vivacidade do gato e demonstrando possuir informações privilegiadas para uma menina criada no sítio. Conversou com ele e ficou sabendo que receberiam, naquele mesmo dia, a visita da corte do Príncipe Escamado. Combinou com Pedrinho, Emília e o gato a surpresa que fariam a Dona Benta com a chegada da corte do reino marinho ao sítio. Assim que as criaturinhas chegaram e foram entrando pela janela, já que a porta fora trancada por tia Nastácia, Narizinho tratou de ir fazendo as apresentações: “- Não tenha medo, vovó. Este é o Doutor Caramujo, o grande médico que fez Emília falar. Tem pílulas para todas as doenças. É até capaz de curar aquele pinto sura que está com estupor. (...) Este é o meu esposo, o Príncipe Escamado, rei do Reino-das-Águas-Claras (...). E esta senhora, Príncipe, é a minha querida vovó, Dona Benta de Oliveira.” Feitas as apresentações, ela e o Príncipe ficaram juntos, para que a menina pudesse lhe mostrar as coisas do sítio. Muito carinhosa, não se conteve diante da graça que via na ignorância do marido em relação aos costumes dos humanos, e deu-lhe um beijo na testa ao mostrar-lhe os objetos da sala. Depois deu notícias do Visconde de Sabugosa e do Marquês de Rabicó, e ficou sabendo, pelo marido, que o recado da visita ao sítio, na verdade, fora uma incumbência de uma sardinha mensageira e não do gato, quem, aliás, o Príncipe nem conhecia. Narizinho, muito esperta, logo se lembrou do cheiro de sardinha que sentira no focinho do gato quando o beijou, e pensou que a mensageira poderia ter sido devorada pelo bichano com recado e tudo, mas nada comentou com Escamado para não deixá-lo triste. Saíram para passear na companhia de Emília, que não parou um minuto de falar suas asneiras, sendo sempre advertida pela dona, preocupada com as inconveniências da bonequinha diante de Sua Alteza. O Príncipe ficou admirado com a vaca mocha, e Narizinho explicou-lhe tudo que pôde sobre a vaca, só não soube lhe dizer como o animal produzia o leite: “- Está aí uma coisa que não sei (...). A mocha come capim, come abóbora, come sabugo, mastiga tudo muito bem, engole – e sai leite do outro lado pelas torneirinhas. Tudo quanto come vira em leite. Se comer o Visconde, vira-o em leite também. É um mistério que não entendo.” Ao saber do desejo do esposo de levar a vaca para seu reino, alertou-o quanto à impossibilidade da idéia, pois além da recusa de Dona Benta, ela achava que, até chegar a seu destino, a mocha “beberia tanta água do oceano que o leite ficaria salgado.” Como Emília insistisse com suas asneiras diante do Príncipe, chegando mesmo a propor ao soberano a troca da vaca por uma baleia, Narizinho a enfiou no bolso do avental. Assim, ajudou sozinha seu marido a compor as escamas que saíram do lugar no momento em que o pequenino levou um grande susto com o mugido da vaca. Ao voltarem para a casa, tomaram conhecimento de um

triste incidente, que só fez agravar o estado de saúde de Escamado: uma integrante da comitiva real, Miss Sardine, havia morrido frita na frigideira, ao se atirar para dentro do recipiente, achando que fosse um pequeno lago. As explicações foram dadas por tia Nastácia, e, ao saber dos fatos, a menina chorou muito, chamando a atenção do Príncipe, que ocorreu muito aflito, e desmaiou ao tomar conhecimento da tragédia. Quando voltou do desmaio, Escamado só queria retornar a seu lar; então, na despedida, sua esposa propôs-lhe darem um presente. Não sabia o que poderia ser, mas Pedrinho teve uma idéia: as quatro rodinhas que sobraram do despertador que havia consertado. Aprovada a sugestão do menino, Sua Alteza levou as quatro rodinhas como lembrança das pessoas que conhecera. Todos choraram na partida da corte, porém logo receberam a notícia, por intermédio do gato que surgira no sítio, de que o Príncipe estava se afogando por ter desaprendido a “arte de nadar” (“**Aventuras do Príncipe**”, 123 a 148). Narizinho correu para salvar seu amado esposo, mas não encontrou ninguém ao chegar ao ribeirão. Voltou correndo para casa, porque queria muito saber das aventuras vividas pelo gato. Ao chegar disse a ele: “- Você tem que me contar a sua vida inteira, sabe?” O bichano concordou, mas pediu para contar sua história à noite. Assim aconteceu, porém o desfecho de sua narrativa desagradou a todos, e Emília provocou-o dizendo que até ela seria capaz de contar uma história mais bonita. Dona Benta disse, então, que no dia seguinte seria a vez da bonequinha contar uma história. Ela fez isso e surpreendeu a todos, mas o gato, enciumado, disse que não gostara. Narizinho interveio: “- Não acredite, Emília! (...) A história que você contou está muito boa e merece grau dez. Para uma boneca de pano, e feita aqui na roça, não podia ser melhor.” No outro dia, foi a vez do Visconde contar uma história. Como ele estivesse envolvido na investigação do culpado pelo sumiço de dois franguinhos do galinheiro, aproveitou as provas que obtivera em seu trabalho de detetive para relatar a história do gato que surgira no sítio. Ele não era o Gato Félix coisa nenhuma, mas um gato ladrão da pior espécie. Ao ser desmascarado pelo Visconde, o gato foi enxotado com a vassoura por tia Nastácia e o responsável pela investigação foi aclamado por todos como um verdadeiro sábio (“**O Gato Félix**”, 149 a 171). Era sempre a menina quem convocava Emília e Pedrinho para as aventuras que seriam vividas. No episódio da festa das personagens maravilhosas, Narizinho pediu à bonequinha que chamasse o primo para ajudá-la na arrumação da sala e no salvamento do Visconde, que se encontrava caído, havia uma semana, atrás da estante de Dona Benta. Assim que o menino atendeu ao chamado da prima, ela lhe disse: “- Venha acudir o Visconde. Estou vendo um pedaço dele lá no fundo; com certeza o resto foi devorado pelas aranhas de pernas compridas. Temos que salvá-lo depressa – e vesti-lo, porque os convidados não tardam.” Pedrinho perguntou se ela havia enviado todos os

convites às personagens, e Narizinho respondeu que sim, por intermédio de um beija-flor que todos os dias visitava as roseiras de Emília. Era tão grande o fascínio da menina pelas personagens dos contos maravilhosos, que chegou a convidar o terrível Barba Azul apenas para saciar seu desejo de verificar se sua barba era de fato azul. Como sempre assumisse a liderança da aventura, Narizinho distribuiu as funções. Depois que o primo a ajudou a desencostar a estante da parede e o Visconde pôde ser içado com a vassoura do local onde se encontrava, a menina fez-lhe alguma limpeza, pois, apesar de estar inteiro, encontrava-se bastante embolorado, sujo de poeira e de teias de aranha, e já deu uma incumbência ao sábio. Deveria colocar-se no alto da janela com o binóculo de Dona Benta e espiar a estrada para avisar da chegada dos convidados: “- Assim que aparecer uma poeirinha lá longe, avise. Agora vou buscar Rabicó.” O leitão teve de interromper, a contragosto naturalmente, uma farta refeição de mandioca, e veio para receber sua tarefa. Narizinho instruiu-lhe: “- Você vai ficar na porta para ir recebendo os convidados. Assim que chegar um e bater, abra, pergunte quem é e anuncie: ‘O senhor ou senhora Fulano de Tal!’ Mas comporte-se e não vá comer os brincos como da outra vez.” Emília recebeu instruções sobre como deveria apresentar-se naquele dia. Dona Benta percebeu que haveria algo de novo pela maneira rápida como o café foi tomado pelas crianças e indagou a líder das brincadeiras sobre isso, que lhe respondeu animada: “- Nem é bom falar, vovó! Vai ser uma festa linda até não poder mais. Só reis e príncipes e princesas e fadas...” Até Dona Benta foi orientada pela menina sobre o momento em que deveria espiar a festa, mas apenas um pedacinho dela, pelo buraco da fechadura. A velha senhora pareceu não entender o que a neta disse a respeito da salva de palmas e do hino de índios; por isso, Narizinho explicou-lhe detalhadamente que tudo isso fora organizado para homenagear a personagem Peter Pan. O momento exato em que a brincadeira deveria começar foi indicado pela menina, ao gritar para o Visconde: “- É hora! Pode começar.” Narizinho não admitia deslizes, contudo. Quando o distraído Rabicó anunciou a princesa Cinderela como “senhorita” e princesa das “botinas” de vidro, a menina chamou-o de “estúpido”, além de dizer que ele, sim, merecia uma botina de vidro de garrafa no focinho. No momento em que o leitão anunciou Branca-de-Neve como “Princesa Branca-das-Neves”, a menina do nariz arrebitado chamou-o de “bobo” depois de o corrigir, mas deu-lhe um beliscão ao errar o nome das convidadas Rosa-Vermelha e Rosa-Branca. Tinha muita desenvoltura na arte de receber convidados ilustres, e mostrou isso, mais uma vez, quando saudou a princesa Cinderela com um “Asalam alekun!”, modo oriental de cumprimento que aprendera num volume das *Mil e Uma Noites*. Ao apresentar à princesa seu primo e sua boneca, continuou mostrando traquejo social: “- Permita-me, Senhora Princesa, que apresente meu primo

Pedrinho, o Conde dos Bigodes de Manga, e a minha amiga Emília, Marquesa de Rabicó.” Como a bonequinha não tivesse a mesma formalidade da dona, exagerou nas perguntas à princesa, obrigando Narizinho a ensinar-lhe as conveniências do trato social: “- Basta, Emília (...). Conversar demais com uma princesa é contra as regras da etiqueta.” Um outro indício claro de seu conhecimento sobre etiqueta foi quando acomodou Branca-de-Neve ao lado de Cinderela, permitindo que as amigas ficassem próximas e, portanto, mais à vontade na festa. Quando Branca irritou-se com a menina por ter convidado o pavoroso Barba Azul, e até chegou a proferir uma indelicadeza ao afirmar que se tivesse conhecimento antes da presença dessa personagem à festa não teria ido, nem assim Narizinho foi rude. Desculpou-se, explicou às princesas que não resistira à tentação de descobrir se aquela barba era mesmo azul e as tranqüilizou, informando que Rabicó não abriria a porta. Extasiou-se quando, ao espiar pelo buraco da fechadura, confirmou que tinha mesmo a cor azul, mas ficou horrorizada com o que o homem trazia na cintura: “Que horrendo monstro! Imaginem que traz na cintura um colar de seis cabeças humanas...” Depois que a terrível personagem se foi, muito irritada por terem impedido sua entrada na casa, Narizinho continuou recebendo seus convidados e contendo Emília em suas inconveniências com aqueles seres memoráveis. Eram tantos, que a menina olhava todos “no maior êxtase de sua vida”. Quando se organizou um baile na festa, a menina agarrou o príncipe Codadade e saiu dançando com ele “como se fosse uma princesa oriental”. Depois que ela e Emília conversaram com Chapeuzinho Vermelho, teve de justificar, mais uma vez, nova sem-cerimônia da boneca, quando esta afirmou que não entendia como o lobo se alimentara de uma velha magra como a avó da gentil personagem. A menina disse a todos que sua boneca era “asnática de nascença”. Ao ouvir o relógio bater cinco horas, em mais um gesto de respeito às regras do tratamento às visitas ilustres, convidou-as para um café, que foi pedido à tia Nastácia: “- Tia Nastácia! Traga um café bem gostoso para estes ilustres amigos.” No momento da queda do Visconde de seu posto de observação, quando perdeu totalmente os sentidos e, por isso, Emília teve a idéia de fazê-lo virar uma outra coisa, Narizinho queria que fosse transformado num “mágico de chapéu de cartucho”. Venceu, porém, a sugestão da bonequinha, e Cinderela fê-lo transformar-se num pilãozinho de socar sal. Quando o lobo da história de Chapeuzinho Vermelho surgiu no terreiro, a menina demonstrou, mais uma vez, ter total confiança nos livros. Ela já provara isso na viagem ao reino do Príncipe Escamado, quando disse a Pedrinho que nos livros estava a ciência de tudo. Agora, estando o lobo lá, tão perto e vivíssimo, ela não podia aceitar algo que era diferente do que havia lido: “- Não pode ser (...). O lobo que comeu a avó de Capinha [Chapeuzinho] foi morto a machadadas por aquele homem que entrou. É o que dizem os livros.” Como gostasse demais da avó, apavorou-

se com a possibilidade de vê-la morta pelo lobo: “- Pobre vovó! (...) Que desgraça se o lobo a devora! Chamem Pedrinho e os príncipes! Corra, Emília!...” Como as princesas que a acompanhavam, Narizinho não pôde suportar o susto provocado pela fera, que conseguiu arrancar uma tábuca da porta e enfiar o focinho pelo buraco, e desmaiou. Foi acordada, juntamente com as ilustres companheiras, por tia Nastácia, quem espantou o lobo com certas vassouradas no focinho. Por terem passado sozinhas tanto medo, a menina repreendeu Pedrinho e os príncipes quando retornaram à sala, como uma verdadeira “dama” que era: “- Bonito! (...) . Os senhores vão para a troça e nos deixam aqui sozinhas à mercê das feras...” Depois que todas as personagens maravilhosas se foram do sítio, Narizinho revelou ao primo aquela de quem tinha gostado mais: “- De quem mais gostei foi de Branca-de-Neve (...). Como é boa e linda! Conte-lhe que estive com a aranha que lhe fez o vestido de casamento e Branca ficou muito admirada. Pensou que Dona Aranha tivesse morrido daquele desastre na perna. Como Branca é branca! Nunca imaginei que pudesse haver uma criatura alva assim. Parece feita de coco ralado...” Tal como Emília e Pedrinho, que já se imaginavam donos dos objetos preciosos esquecidos por algumas personagens no sítio, encantou-se com a possibilidade de apossar-se das botas-de-sete-léguas do Gato-de-Botas, ao encontrá-las atrás do armário. Decepcionou-se enormemente, porém, ao descobrir que teria de devolver tudo à Dona Carochinha, não só as botas, mas também a lâmpada de Aladim que estava com Pedrinho, a varinha de condão de Cinderela que estava em poder de Emília e até mesmo o espelho mágico com o qual a bonequinha fora presenteada por Branca-de-Neve. A decisão de entregar tais preciosidades à baratinha contadora de histórias tinha o respeito pelos ensinamentos de Dona Benta como motivo. Apesar de ter “ímpetos de morder a velha” que pedia de volta objetos tão especiais e queridos, a menina sabia que sua avó estava na salinha do lado e com ela havia aprendido a respeitar os mais velhos. Narizinho disse à Dona Carochinha, então: “Pois leve (...). Mas fique sabendo que o que lhe vale é vovó estar ali na salinha. Ah, se não fosse isso...” (“**Cara de Coruja**”, 173 a 197). A menina foi quem comentou certo dia: “- Coitada de vovó! (...) De tanto contar histórias ficou que nem bagaço de caju; a gente espreme, espreme e não sai mais nem um pingo.” O comentário da neta levou Dona Benta a escrever a um livreiro de São Paulo, orientando-o a enviar os livros que fossem surgindo. Desse modo, o *Pinocchio* foi enviado. Narizinho não simpatizou com a personagem quando a leitura do livro começou, feita pela avó; achou mesmo que não estava com cara de ser “boa bisca”. Ao contrário da prima, entretanto, Pedrinho encantou-se com o boneco logo de início. Por causa de seu entusiasmo cego, foi enganado por Emília e pelo Visconde com a idéia da busca pelo pau vivo que daria vida ao irmão da personagem. Pensando que a

preciosa madeira estivesse em seu poder, o menino quis que nascesse logo a fraterna companhia para o Pinocchio, e propôs o concurso de desenho para definir-lhe a forma. Todos da casa participaram, e a criação da menina ficou muito semelhante ao boneco original. A semelhança foi explicada por Narizinho como sendo proposital, para que a personagem tivesse “um irmão gêmeo”. No momento da votação que decidiria o modelo a ser adotado, cada um queria que o seu desenho fosse o escolhido e votava na própria criação, o que obrigou Pedrinho a pensar em outro meio de definir um vencedor: um sorteio. Ele, então, encarregou-se de escrever os nomes dos participantes num papelzinho, enrolou-os, colocou-os em seu chapéu e pediu a Dona Benta que retirasse um. Emília não gostou da escolha da velha senhora e começou a protestar levantando uma das mãos, mas mantendo a outra escondida no bolso da saia. A bonequinha achava que ela própria deveria fazer o sorteio. Aquela mãozinha escondida no bolso da saia, entretanto, intrigou a astuta Narizinho, que pediu: “- Deixe ver a mão, Emília.” Tendo uma recusa como resposta, a menina do nariz arrebitado retirou à força a mão da bonequinha do bolso e descobriu que nela havia um papelzinho dobrado do mesmo jeito dos outros que seriam sorteados. Todos, em princípio, acharam feia a tentativa de trapaça de Emília, mas acabaram rindo de sua ingenuidade por ter escrito “O MEU” no papelzinho. O procedimento da boneca, porém, motivou a primeira repreensão de Dona Benta a ela, que saiu da sala, logo depois de ouvir a reprimenda, muito irritada com tia Nastácia. A cozinheira ficara inconformada com a atitude de Emília e dissera que merecia umas palmadas pelo que fizera. Na ausência da boneca foi escolhido o nome do autor do desenho que serviria de modelo para a construção do irmão do Pinocchio: tia Nastácia. Findo o sorteio, Narizinho foi ver o que a bonequinha estava fazendo e a encontrou arrumando as malas, pois pretendia deixar a casa no sítio, tão inconformada estava com a possibilidade de levar umas palmadas. Enquanto arrumava as malas, onde guardava apenas as roupas e brinquedos ganhos de sua dona, atirando no chão e pisoteando aqueles que havia recebido da cozinheira, Emília conversava com um cavalinho de madeira. Ela ganhara esse brinquedo de Pedrinho, por ter dado a ele a idéia de construir um irmão para a famosa personagem de Collodi. Na conversa, a bonequinha proferia ofensas à tia Nastácia, aludia a sua maldade, por matar frangos, patos, perus, leitões, e dizia ao brinquedo que tinha medo de que ele acabasse no forno, como aqueles animais. Narizinho interrompeu a fala da bonequinha e quis saber para onde pretendia ir. Ao tomar conhecimento da intenção de Emília de ir morar com o Pequeno Polegar, que havia feito o convite quando de sua passagem pelo sítio, Narizinho iniciou um diálogo com sua boneca em que revelou, claramente, uma postura maternal, como se falasse a uma filha adolescente disposta a ir embora de casa: “- E você pensa que cabe na casinha do Pequeno

Polegar? Já se esqueceu, boba, de que ele é deste tamanho?” Com a decisão da bonequinha de ficar, condicionando, porém, sua mudança de pensamento ao recebimento de um vestido novo, a menina falou como uma mãe, que se dirige carinhosamente à filha: “- Dou, diabinha, dou.” Era muito evidente também na menina, complementando sua índole maternal, a capacidade de conciliação. Demonstrou isso de forma explícita ao fazer perceber à bonequinha que haveria algo a ser feito por ela para ganhar o vestido: “- Fazer as pazes com tia Nastácia. A coitada está lá na cozinha chorando de arrependimento de haver ameaçado você com palmadas.” A postura madura e conciliatória de Narizinho foi decisiva para a reconsideração da bonequinha, ainda que Emília tivesse reivindicado, como condição para esquecer sua zanga, a posse do alfinete de pombinha da cozinheira. Esta postura da menina, ainda, fez um contraponto interessantíssimo com a alopração e a inconseqüência de Emília. Depois que foi a escolhida para dar forma ao irmão do Pinocchio, tia Nastácia fechou-se em sua cozinha por uma hora. Ao apresentar o resultado de seu trabalho, decepcionou a todos, pois o boneco era muito feio. Narizinho quis saber se o pau de que ele era feito gemera, como fizera na mata, quando Pedrinho o encontrou e, enganado pela bonequinha e pelo Visconde, imaginou ter ouvido seu gemido de pau vivente. Tia Nastácia respondeu negativamente e Pedrinho foi aconselhado pelo sábio a dar vida ao boneco assoprando-o, como Deus procedera com o primeiro homem. Emília aprovou a idéia e batizou a criatura de João Faz-de-conta. A bonequinha, então, indagada sobre a razão do nome, iniciou uma longa explicação sobre a escolha, o que levou sua dona a interrompê-la: “- Chega, Emília. Já está muito bem explicado (...). Você tem razão. Não pode haver nome mais bem posto.” O elogio da dona animou a bonequinha a insinuar que queria ver cumprido seu pedido de se apossar do alfinete de pombinha carijó da cozinheira. Numa sintonia fina de intenções entre ambas, isso foi percebido prontamente pela menina, sem que a boneca concluísse seu pensamento. Como também tivesse poder de convencimento sobre tia Nastácia, depois de contar a ela o que Emília pensara fazer, Narizinho tanto insistiu, que a boa cozinheira concordou em dar o alfinete à boneca. Não demorou muito, todavia, para Pedrinho descobrir que havia sido bobeadado pela bonequinha e pelo sábio, e enquanto ele pensava num modo de vingar-se, Narizinho saiu para passear no pomar. Neste dia não foi na companhia de Emília, como costumava acontecer, pois a amiga estava ocupada em ensinar o “abc” ao seu cavalinho de madeira. Resolveu, por isso, levar junto o irmão de Pinocchio, que estivera esquecido em cima do armário, e refletiu: “- Coitado! (...). Porque é feio como o Diogo e morto como um defunto, ninguém faz conta dele. Vou levá-lo comigo. Talvez que os ares do ribeirão lhe façam bem.” Rumou para o riacho, procurou a “sua” raiz no velho ingazeiro, como Emília e

Pedrinho também tinham a deles, e fechou os olhos, “porque o mundo ficava três vezes mais bonito quando cerrava os olhos.” O sol já se escondia atrás do morro, quando a menina percebeu que João Faz-de-conta bocejava – “*ahhh!*” – e se espreguiçava, parecendo acordar de um longo sono. Narizinho comentou, muito naturalmente, ter certeza de que os ares do ribeirão operariam mudanças no boneco. Este, por sua vez, respondeu que ele nunca mudava, era sempre o mesmo, mas as criaturas humanas é que mudavam, como ela havia mudado. A menina não concordou, também achava que continuasse a mesma, mas Faz-de-conta prosseguiu: “- Parece. Tanto mudou que está entendendo a minha linguagem e vai ver coisa que sempre existiu neste sítio e no entanto você nunca viu. Olhe lá!” Ela vislumbrou, então, na direção em que ele lhe apontava, um bando de beldades, que dançavam, entre as árvores do pomar, ao som de músicas tocadas por uma estranha criatura, numa flauta de Pã. Narizinho recordou-se da cena que vira numa gravura de um livro de Dona Benta e identificou aquelas personagens, num novo indício claro de sua formação refinada, apesar de ser uma garota criada na roça: “São as ninfas do bosque e o homem é um fauno.” Polida como era, fez sua observação em voz baixa, mas, mesmo assim, as belas dançarinas e o fauno ouviram suas palavras e fugiram assustados. Na fuga, a criatura que tocava a flauta deixou-a cair e a menina a apanhou. Como o instrumento fosse feito de barro, no momento em que Narizinho o tomou nas mãos, apertou-o muito e o moeu, liberando as vespas que estavam dentro dele. Os insetos voaram aflitos atrás das ninfas, mas uma das vespas acabou presa entre os dedos da neta de Dona Benta, que pôde, assim, examinar atentamente a pequenina. Achou-a uma vespa “esquisita”, o que levou seu companheiro, o Faz-de-conta, a olhá-la de pertinho também. Feito isso, revelou que reconhecia aquela vespa, dos tempos em que fizera parte de uma árvore viva, e desconfiava que fosse uma “fadazinha disfarçada em vespa”. Lúcia não entendia como, sendo uma fada, havia deixado que a pegasse. Disse isso ao companheiro, quando a própria vespa lhe respondeu que isso acontecera porque queria conversar com a menina. Narizinho ficou espantada, mas imensamente feliz: “- É fada mesmo, Faz-de-conta! E das que falam, porque há umas que só fazem *tlin, tlin, tlin*, como aquela fada Sininho que gostava de Peter Pan. Que pena Pedrinho e Emília não estarem aqui. Vão ficar danados de eu ter visto fada antes deles.” A vespa contou toda sua vida à menina e revelou que andava à procura de um alfinete mágico, perdido entre as pessoas comuns, para tornar-se uma fada poderosa. Narizinho imediatamente lembrou-se do alfinete que Emília havia ganhado de tia Nastácia e perguntou à vespa-fada se o alfinete era de pombinha carijó. Ao ouvir uma resposta afirmativa, a menina tratou de disfarçar, pois temia que a vespa tomasse o alfinete de Emília e a impedisse, com isso, de tornar-se uma fada de pano. A vespa percebeu que a

menina escondia algo, escapou-lhe da mão, pousou num galho de árvore e de lá disse que já sabia que Narizinho lhe sonegava a verdade. Faz-de-conta alertou a menina sobre o perigo representado pelas fadas más e pediu que não contasse nada sobre o que sabia. A vespa ouviu tudo e avisou que, como castigo, iria ferroar a menina na ponta de seu nariz. Disse isso e inchou bastante, ficando do tamanho de uma aranha caranguejeira, e arreganhou os ferrões venenosos para atacar Narizinho. Ela pediu socorro a Faz-de-conta e fechou os olhos, como sempre fazia para escapar de grandes perigos. Seu companheiro saltou na frente da garota, heroicamente, e, como arma, utilizou o próprio prego que prendia sua cabeça ao corpo. Com tal gesto, o valente boneco perdeu a cabeça, que rolou morro abaixo e caiu no ribeirão. A vespa malvada assustou-se com o boneco sem cabeça investindo contra ela com um prego em punho, e sumiu no ar. Narizinho perguntou duas vezes se já podia abrir os olhos, e, como ninguém respondesse, ela fez isso devagarinho, até abri-los inteiramente. Assustou-se com o que viu: “- Que é isso, Faz-de-conta? Que fim levou sua cabeça?” Narizinho, naturalmente, não obteve resposta, pois seu salvador estava sem a cabeça. A menina ficou preocupada por estar naquele lugar, que lhe parecia perigoso, sem poder contar com a ajuda do boneco. Viu que havia uma fumaça ao longe e que poderia ser uma casa, e era mesmo, “a mais linda casa que ela viu em toda a sua vida”. Bateu e alguém de dentro pediu que entrasse. Quando Narizinho abriu a porta, percebeu, eufórica, que aquela era a casa de Capinha Vermelha. Cumprimentaram-se carinhosamente e a pequena quis saber por que a menina não a avisara da visita. Narizinho respondeu, então: “- É que cheguei aqui por acaso. Vi-me só na floresta, depois que meu guia perdeu a cabeça, e não sei o que seria de mim se não fosse a fumacinha de tua casa, que vi de longe. E vim correndo, mas sem saber quem morava aqui.” Todo o acontecido com Faz-de-conta foi relatado à Capinha, que revelou ter encontrado no ribeirão, onde fora tomar banho, um objeto, “com boca, nariz e tudo”, que poderia ser a cabeça do boneco. Capinha Vermelha guardara o achado no bolso de seu avental e, ao trazê-lo, Narizinho pôde consertar João Faz-de-conta. Já com a cabeça, o boneco teve condições de contar tudo o que houve enquanto sua companheira esteve de olhos fechados, e impressionou Capinha Vermelha pela lealdade e pela valentia demonstradas. Narizinho contou a Capinha, em seguida, que Emília poderia transformar-se numa poderosa fada, já que tinha o alfinete de pombinha com poderes de vara de condão. A gentil criança convidou-a para vir visitá-la, juntamente com sua dona, para poderem brincar “de virar”. Nisso, João Faz-de-conta, que saíra para refrescar a cabeça, voltou dizendo que conversara rapidamente com Peter Pan no terreiro e ele dissera que apareceria qualquer dia no sítio de Dona Benta para brincar com Pedrinho. Narizinho aproveitou para fazer várias perguntas ao boneco sobre o “extraordinário

‘menino que jamais quis ser gente grande’” e também sobre a fada Sininho. Estava ouvindo as histórias dele, quando Faz-de-conta deu um grito desesperado e apontou para o terrível Barba Azul, que pulara a cerca do quintal e portava uma faca de “matar mulher na mão”. O boneco berrou para a menina: “- Feche os olhos, Narizinho! (...) Barba Azul vem vindo!...” Lúcia obedeceu, apertou bem os olhos, e, quando os reabriu, percebeu que estava no pomar do sítio novamente. A menina salvou-se, porém o boneco tornou a ficar sem vida, e, mesmo sendo sacudido, não voltou a andar. Narizinho murmurou, parecendo, de fato, ter amadurecido sua percepção das coisas, como João Faz-de-conta havia apontado: “- Que pena! (...) ‘Mudei de estado’ outra vez. Estou agora no estado de todos os dias – um estado tão sem graça...” Voltou para casa rápido, porque já começava a anoitecer, e contou tudo a Dona Benta o que vivera na companhia de Faz-de-conta. A velha senhora não conseguia entender o que ouvia, pois a neta contava tudo de uma vez. Pediu, então, à menina que fosse narrar sua história a Pedrinho e a deixasse em paz. Lúcia fez isso e, ao dizer ao primo que o boneco vivera por mais de uma hora, ele não pôde admitir que isso fosse possível. Narizinho explicou que Faz-de-conta somente podia viver quando as pessoas mudavam de estado. Como Pedrinho não entendesse o que ela lhe dizia, perguntou sobre tal “história”, e a menina assim tentou elucidar a visão do maravilhoso, num outro indício de amadurecimento: “- Não sei explicar. Só sei que em certos momentos a gente muda de estado e começa a ver as maravilhosas coisas que estão em redor de nós.” Em seguida, ela lhe contou tudo o que vivera, inclusive o ocorrido com Peter Pan. Ao saber que o famoso menino prometera vir ao sítio, Pedrinho deu pulos de alegria, e tratou de mimar Emília, porque descobriu que a bonequinha poderia tornar-se uma fadinha. As muitas gentilezas oferecidas à boneca fizeram-na arregalar demais os olhos de retrós, e eles chegaram a arrebentar (“**O irmão de Pinocchio**”, p. 199 a 226). Quando o Visconde de Sabugosa sofreu um ataque por causa de sua mania de ciência, foi Narizinho quem correu para socorrê-lo e quem pediu a Pedrinho que chamasse Doutor Caramujo, constatando a gravidade do estado do sábio. Realizada a cirurgia, deu a idéia ao primo de rechearem a barriga do Visconde com anedotas, aproveitando que a cola usada na cirurgia ainda não secara. Disse a Emília, depois de terminado o trabalho: “- Venha ver, Emília, quanta letra saiu de dentro do coitado (...). Eu bem digo que é muito perigoso ler certos livros. Os únicos que não fazem mal são os que têm diálogos e figuras engraçadas.” No dia do espetáculo de circo montado no sítio, fez a apresentação de Dona Benta e tia Nastácia aos convidados e preparou Emília para seu número de cavalgada. Com a confusão provocada pelo avanço do cão Maroto em Rabicó, disfarçado de elefante, foi Narizinho quem entrou no picadeiro com uma tabuleta, onde se lia em grandes letras vermelhas: “INTERVALO” (“**O circo de cavalinhos**”, 228, 229 230; 245,

246; 249, 250). Quando chegou com Peninha, Pedrinho, Emília e o Visconde de Sabugosa ao País-das-Fábulas, foi Narizinho quem iniciou a conversa com o fabulista La Fontaine, pois era a única que sabia duas expressões em francês: “ ‘bon jour’ ” e “ ‘au revoir’ ”. Atrapalhou-se, contudo, quando os companheiros a incitaram a falar com o escritor, e em vez de dizer “ ‘bon jour’ ” na apresentação, disse “ ‘au revoir’ ”. Apesar disso, recebeu, na testa, um beijo do fabulista, que achou muita graça em sua inocência, e avisou que não precisava falar com ele em francês, pois conhecia todas as línguas do mundo, dos animais e dos homens. Na corte do rei Simão XIV, no país dos macacos, onde foi parar com o primo e os bonecos, sem a companhia de Peninha, foi levada pelo soberano a dar suas impressões sobre a corte. Esperta, achou melhor fazer apenas elogios, para que não lhe acontecesse o pior. O rei ficou lisonjeado com suas palavras, ordenou aos guardas que providenciassem a mais alta árvore para a menina morar, e o macaco mais gentil para seu esposo. O jeito foi esperar, resignada, pelo socorro de Peninha, que pôs uma dose alta de uma “planta dormideira” no poço onde bebiam os macacos, e os fez dormir um sono pesado, possibilitando a fuga daquele reino. Ao chegar novamente onde estavam os fabulistas La Fontaine e Esopo, Narizinho contou atropeladamente os sucessos vividos, e completou: “- Quando estivermos juntos outra vez, contarei tudo mais direitinho. Agora não posso. Adeus, Senhor de La Fontaine! Adeus, Senhor Esopo! Até um dia! (**“Pena de papagaio”**, 264; 281; 283, 284). Nas terras das Mil-e-Uma-Noites, tentou animar a avó, temerosa por estar naquela aventura: “- Não seja tão boba vovó! Não tenha medo, que nada adianta. Faça como eu, que estou fresca da silva. Há tanto tempo que vivo nesta vida de aventuras, que já não sei ter medo. Seja lá o que apareça, leão, cuca, saci, onça ou pássaro Roca, a gente dá um jeito e no fim sai vencendo. Para que tremer assim, justamente agora que o perigo passou?” Foi a menina quem encontrou o Visconde na areia, morto, depois de o sábio se afogar no mar, quando caiu da crina do burro (**“O pó de pirlimpimpim”**, 296; 304).

MADRASTA DA PASTORA - Personagem criada pela boneca Emília. Apareceu na história contada pela bonequinha, na ocasião em que os habitantes do sítio receberam a visita do gato que imaginaram ser o Félix. Era muito má, batia na pastorinha, a terceira que a boneca pôs no relato, e tentou matar sua enteada quando esta chegou em casa com o aroma do doce mais gostoso do mundo na boca. A madraستا quis matar a pastora com um facão, mas foi impedida pelo pobre, que surgiu bem na hora em que a malvada estava prestes a cometer o crime. O pobre era, na verdade, um príncipe que procurava uma noiva, e transformou a madraستا da pastorinha num sapo muito feio. O sapo foi pulando para a cidade, e lá havia uma porção de

meninos nas ruas, os quais, como explicou a bonequinha a Narizinho, iriam judiar da madrasta má (“**O Gato Félix**”, 159 a 164).

MAESTRO TANGARÁ - Regente, no Reino-das-Águas-Claras, da “excelente orquestra de cigarras e pernilongos”, “de batuta no bico” (“**Narizinho Arrebitado**”, 14).

MAJOR AGARRA-E-NÃO-LARGA-MAIS - Guarda do portão do Reino-das-Águas-Claras. “Esse guarda não passava dum sapão muito feio, que tinha o posto de Major no exército marinho. (...) Recebia como ordenado cem moscas por dia para que ali ficasse, de lança em punho, capacete na cabeça e a espada à cinta, sapeando a entrada do palácio. O Major, porém, tinha o vício de dormir fora de horas, e pela segunda vez fora apanhado em falta”. Por causa disso, o Príncipe condenou-o a engolir cem pedrinhas redondas. Ele conseguiu engolir noventa e nove, ficou estufado, gemendo de dor, e pediu a Narizinho que falasse com o Príncipe, para que este o perdoasse. Isto aconteceu, e Sua Alteza ordenou que o sapo desengolisse as pedrinhas e voltasse ao serviço. Porém, apesar de todo o esforço que fez, não conseguiu. A solução foi levá-lo ao consultório do Doutor Caramujo, que abriu com uma faca a barriga do sapo. Para alegria do grande cirurgião, não eram pedras o que o Major havia engolido, mas noventa e nove pílulas falantes (“**Narizinho Arrebitado**”, 8, 9; 23 a 27). O Major reencontrou-se com Narizinho no Reino-das-Abelhas e contou à menina que o Príncipe Escamado ainda não havia se casado, pois curti uma “paixão recolhida” por uma pessoa que ninguém sabia a identidade, exceto Dona Aranha Costureira (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 64, 65). O Major também fez parte da comitiva do Príncipe Escamado que visitou o sítio de Dona Benta (“**Aventuras do Príncipe**”, 129) e compareceu ao espetáculo de circo montado pelas crianças (“**O circo de cavalinhos**”, 242).

MARIBONDO MENSAGEIRO – Ele levou o convite para a visita ao Reino-das-Abelhas, comunicado que, em princípio, foi pensado como um documento também possível de ter partido de outro Reino, o das Vespas. Isso aconteceu, porque o papelzinho do convite veio rasgado exatamente na palavra que poderia desfazer a dúvida. Dizia o texto: “*Sua Majestade a Rainha das ... dá a honra de convidar vocês todos para uma visita ao seu reino.*” Narizinho e Emília tiveram certeza da procedência do convite ao chegarem ao Reino-das-Abelhas, quando a menina foi saudada por um zangão que assumiu a redação do texto (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 54; 62).

MAROTO – Cão de propriedade de tio Barnabé. Pedrinho o emprestou para que vigiasse o circo montado por ele e seus companheiros de aventuras no sítio, e não deixasse entrar ninguém por baixo do pano. Pedrinho também queria atirá-lo contra Barba Azul e Capitão Gancho. Isso de fato aconteceu com a primeira personagem citada, e o cachorro ainda ferrou uma dentada na barba do monstro, chegando a arrancar um chumaço dela. Maroto também acabou estragando a surpresa preparada pelos meninos para o encerramento do espetáculo, pois se assustou com os berros de Rabicó, disfarçado de elefante, e o atacou, revelando a farsa e provocando a vaia do público. (“**O circo de cavalinhos**”, 234; 244; 249).

MARQUÊS DE RABICÓ – Quando Narizinho decidiu casar a boneca Emília com o leitão Rabicó, teve de recorrer a uma história para convencer a bonequinha a aceitá-lo para marido, já que Emília o considerava um “poltrão”. De acordo com tal história, Rabicó era um príncipe que fora transformado em porco por uma fada má. Ele voltaria a ser príncipe quando encontrasse um anel mágico escondido na barriga de uma minhoca. A menina encomendou a Pedrinho, no momento em que criou essa história, a construção de “um bom visconde de sabugo” para ser apresentado à Emília como o pai de Rabicó, e assim nasceu o Visconde de Sabugosa. Pronto, o Visconde foi à casa de Emília, na companhia de Pedrinho, e assim se apresentou ao ser indagado sobre sua identidade: “- É o ilustre Senhor Visconde de Sabugosa que vem fazer uma visita à Senhora Condessa de Três Estrelinhas e pedi-la em casamento para o seu ilustre filho, o Senhor Marquês de Rabicó.” Narizinho, antes de abrir a porta para os visitantes, disse à boneca: “- Vê, Emília? Além de príncipe ele ainda é marquês. De modo que se você casar-se com ele começa já a ser marquesa e um dia virará princesa. Não pode haver futuro mais bonito para uma coitadinha que nasceu na roça e nem em escola esteve. Você vai ser a Gata Borracheira das bonecas!...” Com essas palavras, Narizinho convenceu Emília e o leitão foi aceito (“**O Marquês de Rabicó**”, 82 a 84).

MARQUESA DE RABICÓ – Emília. Tornou-se marquesa ao se casar com o leitão Rabicó, um marquês, de acordo com a história contada à bonequinha por Narizinho. A narrativa atribuía nobreza ao porquinho, que seria de fato um príncipe, mas fora transformado em porco por uma fada má. Convencida da estirpe do leitão, Emília aceitou casar-se. Manifestou sua vontade na circunstância em que o Visconde de Sabugosa foi a sua presença e pediu-lhe a mão para seu filho, o Marquês de Rabicó. Narizinho disse, então, batendo palmas de satisfação pela resposta positiva da boneca: “- Bravos! Está tudo resolvido. Senhor Visconde, abrace a sua nora, a futura Marquesa de Rabicó...” (“**O Marquês de Rabicó**”, 88).

MENINO OPILADO – A personagem com ancilostomíase foi mencionada pelo narrador para caracterizar o desenho de Pedrinho, na ocasião da escolha do modelo para o boneco que seria o irmão de Pinocchio: “O [desenho] de Pedrinho saiu o retrato de um menino opilado que às vezes aparecia no sítio, acompanhando sua avó, Nhá Veva Papuda.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 207).

MENSAGEIRO VINDO DA ALEMANHA – Ele trouxe a carta do Imperador ao Barão de Münchhausen, com o pedido para que retornasse à Alemanha. Como esse país declarara guerra à Turquia, o soberano pedia a ajuda do Barão (“**O pó de pirlimpimpim**”, 308).

MESTRE CAMARÃO - Condutor do coche de gala do Reino-das-Águas-Claras. O coche, por sua vez, era “tirado por seis parelhas de hipocampos, uns bichinhos com cabeça de cavalo e cauda de peixe.” O cocheiro usava os fios de sua própria barba para chicotear os cavalos marinhos (“**Narizinho Arrebitado**”, 12, 13). O camarão cocheiro conduziu Narizinho e o Príncipe no passeio que deram pelo fundo do mar da primeira vez em que a menina esteve no reino, e também foi o condutor da viagem que a levou de volta a esses domínios, na companhia do Doutor Caramujo, de Pedrinho, Emília, Visconde de Sabugosa e Rabicó, para seu casamento com o Príncipe Escamado (“**O casamento de Narizinho**”, 107).

MESTRE CASCUDO - Era um besouro “vestido de gente”, que trajava sobrecasaca preta, óculos e bengalão. Estava vestido dessa forma elegante quando conversou com o Príncipe Escamado em cima da testa de Narizinho, mas reencontrou-se com a menina do nariz arrebitado, no Reino-das-Abelhas, já numa situação bem diferente: transformara-se em mendigo, “de chapéu na mão à espera de esmolas”. Contou à Narizinho que, depois do tombo que levou ao cair de sua testa, tombo esse provocado por um espirro da menina, ficara aleijado para sempre. Lúcia compadeceu-se com a situação do besouro, enfiou-o no bolso, ofereceu-lhe os bolos que lá estavam e comunicou que iria levá-lo para o sítio de dona Benta, onde não precisaria mais tirar esmolas. As muletinhas que usava foram, então, dadas à boneca Emília, pois ela precisava de um apoio após ter perdido o recheio de macela de uma de suas pernas. O besouro, porém, fugiu do bolso da menina (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 64).

MINHOCA DO MAR – Pedrinho pediu a ela que passasse pelo buraco da fechadura da porta do Reino-das-Águas-Claras e fosse dizer ao Príncipe Escamado para abri-la. Como o menino chegara atrasado à cerimônia de casamento de Narizinho com o soberano, por estar envolvido

no salvamento do Marquês de Rabicó das garras do polvo, juntamente com o Visconde de Sabugosa, encontrou as portas do palácio já fechadas. A minhoca fez o que lhe foi pedido, mexeu no pé do Príncipe quando já se encaminhava para o trono ao lado de Narizinho, e ele entendeu o que a pequenina disse. Avisou, então, a menina da chegada de seus companheiros, e ela falou que teriam de recomeçar a cerimônia, senão Pedrinho ficaria “danado”. As portas do reino foram abertas e os três surgiram (“**O casamento de Narizinho**”, 118, 119).

MORDOMO DO PALÁCIO – No Reino-das-Águas-Claras, essa personagem primeiro avisou o Príncipe Escamado da chegada do anãozinho que surgiu naqueles domínios e se candidatou ao posto de bobo da corte. Quando o Príncipe autorizou a entrada do pequenino, o mordomo o conduziu até onde estava o soberano, acompanhado de Narizinho, e logo a menina percebeu que o candidato era, na verdade, o Pequeno Polegar disfarçado. Mais tarde, quando o Príncipe ordenou ao mordomo que fosse procurar a boneca Emília, atendendo a um pedido de Narizinho, ele interrompeu a valsa das libélulas, nervosíssimo, e gritou: “- Dona Emília foi assaltada por algum bandido! (...) Está lá na gruta dos tesouros, estendida no chão, como morta.” Narizinho correu, então, para salvar sua querida boneca (“**Narizinho Arrebitado**”, 14; 22).

MULHER – Esta personagem foi citada pelo Visconde de Sabugosa, quando contou aos moradores do sítio a verdadeira história do gato que surgiu na propriedade e foi confundido com o Félix. A história do sábio era resultado de uma meticulosa investigação sobre o felino, com o objetivo de comprovar sua culpa no roubo dos franguinhos do galinheiro de Dona Benta. A mulher em questão era esposa do dono do sítio onde o gato permanecera por um tempo, antes de chegar à propriedade da avó de Pedrinho e Narizinho. Naquele sítio o gato chegara a roubar até três pintos por dia, levando o dono a comentar com a mulher a idéia de arrumar um cachorro policial para vigiar o galinheiro durante a noite. De acordo com o Visconde, quando ouviu isso, o gato ladrão fugiu (“**O Gato Félix**”, 169).

NEGRINHA – Personagem do relato feito pelo Visconde de Sabugosa aos moradores do sítio. A narrativa reunia os verdadeiros fatos da vida do gato ladrão surgido na propriedade de Dona Benta, confirmava a responsabilidade dele no roubo de dois franguinhos do galinheiro e negava que fosse o famoso Gato Félix. A menininha negra era moradora da segunda casa onde o gato permanecera. Neste local, o felino roubara um pedaço de carne, e a cozinheira, sem saber da verdade, pusera a culpa pelo furto na pobre menininha. Como o bichano ficara

quietinho, a garotinha acabou sendo injustamente castigada com vara de marmelo pela cozinheira (“**O Gato Félix**”, 169).

NHÁ VEVA PAPUDA – Avó do menino opilado com o qual ficou muito parecido o desenho de Pedrinho, na ocasião da escolha do modelo do boneco para ser o irmão de Pinocchio. Ela e o menino doente apareciam de vez em quando no sítio, conforme esclareceu o narrador (“**O irmão de Pinocchio**”, 207).

NARRADOR DO TÍTULO “OS SETE LEITÕEZINHOS” – Esta personagem contou a história de Rabicó e do triste destino de seus irmãozinhos, todos mortos e assados no forno por tia Nastácia: “Eram sete leitõezinhos. Bem sei que sete é conta de mentiroso, mas eram mesmo sete, todos ruivos, com manchas brancas pelo corpo. Quando a mamãe deles saía a passeio, os sete leitõezinhos acompanhavam-na em fila – *ron, ron, ron...* O tempo foi passando e os leitões foram crescendo, e à medida que iam crescendo iam entrando... – Para a escola, já sei! – Sim, para a escola do forno. – Que horror! – Pois é verdade. Vida de leitão no sítio do Picapau Amarelo não é das mais invejáveis.” (“**O Marquês de Rabicó**”, 79 a 81).

NARRATÁRIO DA HISTÓRIA DE RABICÓ – Esta personagem manifestou-se duas vezes durante o relato do narrador do título “Os sete leitõezinhos”: “O tempo foi passando e os leitões foram crescendo, e à medida que iam crescendo iam entrando... – **Para a escola, já sei!** – Sim, para a escola do forno. – **Que horror!** – Pois é verdade. Vida de leitão no sítio do Picapau Amarelo não é das mais invejáveis.” (“**O Marquês de Rabicó**”, 79).

PAPAGAIO FALADOR - O pássaro do Reino-das-Águas-Claras que seria sacrificado para curar a mudez da boneca Emília. Doutor Caramujo pretendia matá-lo com uma faca de ponta e extrair sua “falinha”, que seria, então, introduzida na boneca. Ele chegou ao consultório do médico com o bico amarrado, na companhia de uns caranguejos antipáticos, que o arrastavam e o esmurravam, por serem mais fortes. Ao saber da intenção do médico, Narizinho protestou e libertou a ave. A fala do pássaro não foi necessária, todavia, pois Doutor Caramujo recuperou suas pílulas e Emília passou a falar depois de engolir uma delas (“**Narizinho Arrebitado**”, 26, 27).

PASTORA (I) – Personagem da história contada por Emília aos moradores do sítio e ao gato que pensavam ser o Félix. De acordo com o relato da bonequinha, foi a primeira guardadora

de rebanhos a ser abordada pelo príncipe, que se transformara num pobre para encontrar uma esposa de bom coração. A moça fiava na roca, enquanto o rebanho pastava. Ao lhe pedir um pão para matar sua fome, o pobre ouviu a seguinte resposta da pastora, depois de receber dela uma pedra: “- ‘Aqui tens um pão muito gostoso.’” Mesmo tendo recebido a pedra, o pobre disse: “- ‘Que todos os pães que comas sejam gostosos como este!’” Continuou seu caminho, quando a pastora sentiu fome e buscou o pão guardado no bolso. Ela viu, então, que o alimento se transformara em pedra e, tendo todos os dentes quebrados, morreu (“**O Gato Félix**”, 160).

PASTORA (II) - Personagem da história contada por Emília aos moradores do sítio e ao gato que pensavam ser o Félix. Foi a segunda moça guardadora de rebanhos abordada pelo príncipe, que se transformara num pobre para encontrar uma esposa de bom coração. Também a ela pediu uma esmola, e, ao receber um osso, ouviu a seguinte frase dessa pastora: “- ‘Leve este pão, que é muito gostoso.’” O pobre agradeceu, dizendo: “- ‘...que todos os pães que comas sejam gostosos como este!’” Depois que o andarilho se foi, essa pastora procurou o pão que tinha na cesta para saciar a fome. Encontrou no lugar do alimento um osso. Ela não morreu como a primeira pastora, mas passou a vida roendo ossos, como um cão, pois toda comida em que tocava se transformava em osso (“**O Gato Félix**”, 160, 161).

PASTORA (III) – De acordo com narrativa da boneca Emília, apresentada aos habitantes do sítio e ao falso Gato Félix, essa personagem foi a última pastora a ser abordada pelo príncipe transformado em pobre, que fazia uma longa caminhada em busca de uma esposa. Ela parecia ser muito mais destituída de posses do que o andarilho e ele a encontrou chorando. O pobre quis saber o motivo do pranto da pastorinha, que lhe respondeu: “- ‘Choro porque minha madrasta, que é muito má, me bate todos os dias. Põe-me neste lugar, guardando estes porcos imundos, e não me dá comida a não ser este pão bolorento e tão azedo que até preciso tapar o nariz quando o como.’” O peregrino confessou-lhe, então, que receberia alegremente esse pão, pois, apesar de estar faminto, só encontrava pedras e ossos. A moça disse que dividiria seu pão com ele e, ao parti-lo em dois pedaços, deu-lhe o maior. O pobre agradeceu e continuou seu caminho, e a pastorinha, quando foi comer seu pedaço de pão, percebeu que se transformara no doce mais gostoso do mundo. Ela comeu até se fartar, pois quanto mais comia, mais doce tinha. Ao chegar em casa, a madrasta malvada notou que a pastora havia comido algo saboroso e a interrogou sobre isso. Como a moça negasse, a megera cheirou-lhe a boca e, ao flagrar-lhe a mentira, disse que iria matá-la. Saiu para apanhar uma faca,

deixando a pastorinha desesperada, a rezar: “- ‘Pobre encantado, que transformaste o pão bolorento em doce, socorre-me!’” Num instante, o pobre surgiu, e a pastora pediu que se escondesse, pois a malvada não tardaria com a faca. Ele escondeu-se atrás de um armário e viu quando a madrasta entrou com uma faca enorme, dizendo à pastorinha: “- ‘Reze depressa, que vai morrer.’” A pobre moça pediu clemência, porque era inocente, mas a terrível mulher não se compadeceu e já estava prestes a fincar a faca no peito da pastora, quando o pobre segurou-a. Chamou-a de “miserável” e a transformou num sapo horrendo, que foi pulando na direção da cidade, onde havia muitos moleques para judiar dele. O pobre, em seguida, despediu-se, dizendo que iria para muito longe. A pastorinha falou: “- ‘Que pena! (...). Por que não ficas morando aqui comigo? Como és pobre, trabalharei para ti e comprar-te-ei uma roupa nova e uma cartola.’” O pobre beijou as mãos da gentil pastorinha e disse que aceitaria ficar, com a condição de que ela se casasse com ele. Ela disse sim à proposta do homem e, depois de casados, foram caminhando até o palácio real. O rei não sabia que o pobre era seu filho, mas ficou imensamente feliz quando soube, pelo peregrino, que o príncipe encontrara uma esposa de muito bom coração. O soberano quis saber, então, quando receberia a visita do filho. O pobre, nesse momento, revelou-se para o pai: “- ‘Ei-lo! (...). E eis minha amada esposa...’” Disse isso batendo no ombro da esposa com uma bengalinha encantada, transformando-a na mais linda princesa que poderia existir. O rei ficou felicíssimo, beijou a nora na testa e disse para o filho: “- ‘Muito bem! Só resta agora que fiques rei. Adianta-te, meu filho, e vem sentar-te neste trono, ao lado de tão formosa princesa. Deste momento em diante o rei és tu, e ela a rainha. Já estou cansado e até enjoado de ser rei. Amém (**“O Gato Félix”**, 161 a 164).

PÉ-DE-VENTO – Personagem criada pela boneca Emília. No episódio da festa em homenagem aos seres das histórias maravilhosas, a bonequinha a mencionou, causando surpresa a Narizinho, que disse: “- Não convidei Pé-de-Vento nenhum, Emília, nem conheço tal personagem.” A bonequinha respondeu, então: “- Pois eu conheço (...). Estou escrevendo uma historinha onde há o grande Príncipe Pé-de-Vento, que é o maior levantador de poeira que existe. Uma vez, quando ele tinha justamente três anos, três meses, três dias e três horas de idade...” Emília foi interrompida por sua dona, pois o primeiro convidado da festa estava chegando. Mais tarde, no momento em que Barba Azul, do lado de fora da casa, ameaçou casar-se com as princesas da festa, Emília referiu-se novamente a sua personagem. Desta vez como forma de expulsar o malvado do sítio: “- Pois case, se for capaz! Mando Pé-de-Vento te

ventar para os confins do Judas. Vá pintar essas barbas de preto que é o melhor, seu cara-de-coruja! (**“Cara de Coruja”**, 176; 184).

PENINHA – Essa personagem surgiu na presença de Pedrinho, enquanto o menino comia goiabas, trepado no pé. Era um ser invisível, de modo que assustou o neto de Dona Benta da primeira vez que se comunicaram. Afirmou que tinha “mais ou menos” a mesma altura de Pedrinho e também “mais ou menos” a idade dele. Disse também que estava ali para ensinar um grande segredo a todos: o jeito de tornar uma pessoa invisível como ele. Em princípio, o menino achou que se tratasse de Peter Pan, mas o menino invisível negou. Na conversa com Pedrinho, o ser invisível disse que, para aprenderem o referido truque, ele e a prima Narizinho precisavam acompanhá-lo na viagem pelo mundo das maravilhas. Sendo o primeiro menino invisível do mundo, sentia-se muito só e por isso precisava de companheiros. Mostrou, então, o mapa desse mundo a Pedrinho, e quando o neto de Dona Benta quis saber o meio de ir até esse lugar, o ser invisível respondeu: “Não se preocupe com isso. Tenho jeitos para tudo. Guiarei você.” Combinaram de partir já no dia seguinte, de madrugada, e, ao se despedir, o menino invisível cantou como um galo. Na hora estipulada, foram os primos, e também Emília e o Visconde de Sabugosa, ao pomar, para o encontro com o ser invisível. Feitas as apresentações, Emília decidiu amarrar uma pena de papagaio na testa do menino invisível, de maneira que pudessem localizá-lo. Isso deu a ela a idéia de chamá-lo de Peninha e assim ficou. Para que fizessem a viagem, Peninha deu a todos uma pitada de um pó mágico, chamado pó de pirlimpimpim. Chegaram, então, ao País-das-Fábulas. Nesse lugar, o grupo de aventureiros encontrou os fabulistas célebres La Fontaine e Esopo, e teve contato com as personagens de suas fábulas. As crianças, porém, se perderam de seu guia e acabaram capturadas pelos guardas do rei Simão XIV, do país dos macacos. Emília foi a única que conseguiu se safar e pôde, assim, ir ao encontro de Peninha e pedir ajuda. Ele libertou os prisioneiros enquanto os macacos dormiam, pois pusera uma forte dose de uma “planta dormideira” na água dos símios, o que permitiu a fuga, no lombo do burro de uma das fábulas (**“Pena de papagaio”**, 251 a 284). Ao retornar com as crianças e os bonecos do País-das-Fábulas, Peninha espantou tia Nastácia e Dona Benta por sua condição de ser invisível. Narizinho, então, contou à avó tudo sobre a aventura vivida na companhia do amigo invisível (**“Pó de pirlimpimpim”**, 288).

PEDRINHO – Neto de Dona Benta e primo de Narizinho. Sua mãe chamava-se Antonica. Era um menino de dez anos, que nunca havia saído de sua casa na cidade. Tinha o bíceps duro por

causa da ginástica escolar e dizia que os meninos tinham mais “muque” do que as meninas. Antes de vir ao sítio, enviou uma carta com recomendações à Dona Benta: pedia que o cavalo pangaré estivesse na estação com o chicotinho de cabo de prata, que Emília usasse seu vestido novo, que Rabicó tivesse um laço de fita na cauda e que tia Nastácia preparasse um café com bolinhos de frigideira. Trouxe presentes a todos: Narizinho ganhou uma boneca que chorava, abria e fechava os olhos; Rabicó recebeu uma fita nova, de seda; Emília ganhou um joguinho de cozinha completo, com fogãozinho de lata, panelas, e um rolo de folhear massa de pastel; e dona Benta recebeu um presente escolhido por Antonica, mãe de Pedrinho. Era ele quem pintava o mastro de S. João de todas as cores, e quem trazia a bandeira com o retrato do santo menino, escolhida com cuidado nas casas de negócio da cidade. Trocava confidências com a prima Narizinho e planejava com ela as “grandes aventuras pelo mundo das maravilhas” debaixo das velhas árvores do pomar. Foi lá que comentou intrigado o caso da boneca Emília, que começou a falar, conheceu o plano da menina de transformar a bonequinha em Marquesa de Rabicó, e soube do assunto Reino-das-Águas-Claras. Quando Narizinho contou a ele sobre a fuga do Pequeno Polegar de sua história, disse à prima: “- Isso, sim, não deixa de me intrigar (...) Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo que ando com esta idéia – fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras. Que lindo, não?”. Não acompanhou Narizinho e Emília ao Reino-das-Abelhas, porque, segundo a bonequinha, ele não era nobre - nem barão era -, e foi transformado em pássaro tiziu pela velha feiticeira que surgiu no sítio (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 32; 50 a 53; 55; 76, 77). Quando a prima Narizinho resolveu casar a boneca com o leitão Marquês de Rabicó, pediu a Pedrinho que lhe arranjasse um “bom visconde de sabugo, bem respeitável, de cartola na cabeça e um sinal de coroa na testa” para que se fizesse passar pelo pai do noivo, quem, na história contada à boneca, era um príncipe transformado em porquinho por uma fada má. O menino fez exatamente como a menina pediu, e assim construiu o Visconde de Sabugosa. Durante o noivado, porém, Pedrinho zangou-se com o péssimo comportamento do Marquês e o substituiu por um vidro vazio de óleo de rícino nas visitas à boneca, o Senhor Vidro Azul. No dia do casamento, pôs no braço do porquinho uma aliança de casca de laranja, que Rabicó quase devorou. Quando o leitão roubou a cocada mais bonita da mesa de doces, o menino se enfureceu com a feia atitude do noivo e bateu-lhe no lombo com um toco de pau, que figurava ser um dos convidados à festa. Essa fúria juvenil, que por vezes tomava conta dos atos de Pedrinho, era uma de suas características mais marcantes. Por isso, repetidas vezes, sua prima, particularmente, comentava que o menino ficara “danado” diante de algo

que não o agradara. Não adiantou, entretanto, a surra que o porquinho levou, porque o Marquês correu sem largar o doce. Pedrinho, todavia, desfez a farsa montada pela prima para casar Emília com o leitão: “- Príncipe nada, Emília! Narizinho boboeu você. Rabicó nunca foi nem será príncipe. É porco e dos mais porcalhões, fique sabendo.” Tal revelação fez a bonequinha sofrer um desmaio (“**O Marquês de Rabicó**”, 79 a 94). Foi Pedrinho quem encontrou a concha com o pedido de casamento do Príncipe Escamado a Narizinho, quando se preparava para pescar no ribeirão do sítio. Admirou-se de encontrar uma concha à beira do rio e disse consigo: “Isto tem dente de coelho!” Ao descobrir que era uma carta para Lúcia, desconfiou que só podia ser namoro e voltou correndo para casa para entregar a correspondência à prima. Chamou-a já da porta da rua e avisou-a da carta. Narizinho leu a missiva com o pedido de casamento e ordenou muito naturalmente a Pedrinho que providenciasse a resposta com seu “Sim!”, e dissesse ao Príncipe que estava ocupada ajudando tia Nastácia a enrolar rosquinhas, mas, assim que acabasse, iria se casar com ele. O menino fez a resposta, dobrou-a, fechou-a e a colocou no mesmo envelope-concha onde viera a carta do Príncipe. Quando chegou o dia da partida para o Reino-das-Águas-Claras, Pedrinho não queria que o Marquês de Rabicó fosse também, pois achava o leitão muito mal-educado e “estragador” das festas que faziam. Acabou sendo convencido por Narizinho, pois para ela não ficaria bem Emília apresentar-se na corte sem o marido. Pedrinho disse, porém, que levaria seu bodoque de guatambu, e, se o Marquês não se comportasse muito direitinho, já sabia: “é cada pelotada na orelha de sair cinza!”. Como a menina achasse que o primo implicava muito com o porquinho, Pedrinho comparou o Marquês ao Visconde, mostrando como um era bem diferente do outro. O Marquês foi considerado “capadócio e encrenqueiro por natureza”, enquanto o Visconde era “distinto, palaciano, todo cheio de medidas!”. No momento da partida, porém, já que o leitão iria mesmo, o jeito foi vesti-lo para a viagem, e Pedrinho completou a arrumação do porquinho com dois amendoins com casca que encontrou no bolso, e foram colocados por ele nas orelhas do Marquês. Lembrou, no entanto, ao guloso, que não comesse os brincos, senão saberia o que lhe aconteceria. O menino disse isso ao Marquês apontando para o bodoque. Todos já tinham embarcado no coche real, e teriam a companhia do Doutor Caramujo, quando, ao contarem-se, deram pela falta do Marquês. “- Sempre se espera pela pior figura!”, comentou Pedrinho aborrecido. Foi ele mesmo quem fez o leitão entrar sem demora, pois, avisado pelo Doutor de que o porquinho não queria embarcar, o menino saiu do coche e fincou-lhe uma pelotada na orelha. O Marquês entrou correndo e se aninhou aos pés de Narizinho, mas Emília percebeu que Rabicó estava sem o brinco da orelha direita e com o laço de fita todo amarrotado. Pedrinho, então, disse,

resolvendo a questão: “- Não faz mal - (...) Explica-se lá na corte que a moda aqui na terra é um brinco na orelha esquerda e todos acreditam.” Ordenou ao camarão cocheiro que pusesse o coche a caminho e a viagem ao reino do Príncipe Escamado começou. Pedrinho conversou com o Doutor Caramujo sobre a serpente do mar, e queria saber a opinião do médico a respeito de sua existência. Ao ouvir de Narizinho o que a avó dissera sobre as sereias – uma “mentira” -, duvidou da possibilidade de Dona Benta saber de tudo sobre os mares, se nunca havia devassado todos eles. A menina ficou irritada e até disse que a “burrice” da boneca Emília parecia estar pegando nele. Quando o coche entrou numa planície de areia, Pedrinho demonstrou preguiça de ter de atravessar tanta areia e disse: “- Estou farto de fundo de mar (...). O melhor é chegarmos já, já, ao palácio do príncipe.” E gritou ao cocheiro que chegasse logo, senão levaria pelotada. Ao chegarem ao palácio, finalmente, enquanto Narizinho e Emília ficaram ocupadas com a escolha dos figurinos da cerimônia de casamento, Pedrinho, o Visconde e Rabicó saíram para passear pela Floresta Vermelha, “a mais linda mata de coral do reino”. O menino achava que era lá a morada dos polvos, e queria levar um para assustar tia Nastácia. Foi lá, porém, que o Marquês de Rabicó passou por apuros, resolvidos com a ajuda de Pedrinho. O primeiro deles foi a mordida que o leitão deu num ouriço do mar, julgando ser algo de comer. Ficou com o bicho espetado na boca e só a muito custo o menino pode livrá-lo do infortúnio. Pedrinho ralhou com o porquinho pelo acontecido, novamente comparou o comportamento do leitão ao do Visconde, mas acabou com dó do guloso companheiro ao ouvir dele o lamento por ter um estômago que valia por dois, e que nunca ficava saciado. Permitiu, por isso, que o Marquês devorasse o brinco de amendoim, porque não haveria outra coisa para comer enquanto estivessem ali. Viram, de repente, um vulto negro ao longe, confundido pelo Visconde com um gigantesco polvo. Pedrinho o corrigiu de um modo malcriado, o que fazia freqüentemente, em diferentes situações, como contestação – “- Polvo o seu nariz.”- e perguntou ao amigo feito de sabugo se já vira um polvo com mastros. “É navio e muito bom navio.” Era, de fato, um enorme navio de três mastros naufragado, e entraram pelo rombo do casco para explorá-lo. Rabicó distanciou-se dos dois companheiros para ver se encontrava algo para comer na cozinha e meteu-se, novamente, em apuros. Deu uma mordida no que para ele era uma linda raiz de mandioca, quando, na verdade, era um dos tentáculos de um polvo escondido no navio. Foi enleado pelo monstro e precisou, mais uma vez, da ajuda de Pedrinho. O menino percebeu que não adiantaria usar seu bodoque para fazer o bicho soltar o Marquês, e teve a idéia de pedir a uma sardinha que fosse correndo ao palácio e avisasse o príncipe do ocorrido. A sardinha fez exatamente como pedira o menino, e Escamado enviou em socorro do porquinho seu melhor batalhão de couraceiros, os

caranguejos rajados montados em velozes peixes elétricos. Enquanto o socorro não chegava, Pedrinho suava de aflição, mas já tomara certas atitudes. Por uma fresta do camarote do navio, fazia sinais ao Marquês para que o pobre não morresse antes da chegada da ajuda. Também ordenara ao Visconde que subisse na gávea do mastro grande e avisasse assim que enxergasse as tropas de salvamento. O sábio não viu, todavia, a chegada dos couraceiros, pois distraiu-se com uma baratinha do mar, tentando descobrir o nome científico dela. Pedrinho conduziu as tropas ao camarote onde se encontrava o Marquês, que foi salvo ao produzir-se o choque dos ferrões dos caranguejos montados nos peixes elétricos assim que tocaram o polvo, fulminando-o. Apesar de salvo, o Marquês continuou gritando de dor, pois um siri ficara espetado na ponta de sua cauda. Pedrinho achou graça naquilo e resolveu deixar o bichinho ali, pois considerou que ficara melhor do que o laço de fita vermelha. Ao ver o Visconde descendo do mastro com a baratinha do mar dentro da cartola, ficou “danado” e brigou com o sábio, chamando-o de “perfeito palerma”. O Visconde até quis voltar ao seu posto no alto do mastro, mas o menino avisou que Rabicó já fora salvo e que voltariam, isso sim, para o palácio. Quando retornaram, encontraram as portas fechadas, e o porteiro lhes disse que o casamento do Príncipe Escamado com Narizinho já começara. Pedrinho ficou aborrecido, chegou a armar o bodoque, mas teve uma outra idéia. Pediu a uma minhoca do mar, que conversava com o porteiro do palácio, que passasse pelo buraco da fechadura e fosse dizer ao Príncipe para abrir a porta. Enquanto a minhoca fazia seu serviço, o menino espiou o que se passava lá dentro trepado a uma das janelas, e se encantou com a beleza das vestes de Narizinho, do Príncipe, de Emília, e com a pompa da cerimônia. Considerou que a prima tivera muita sorte, pois apanhara um marido que, além de Príncipe, tinha idéias muito felizes. Quando Pedrinho viu as sereias cantando as mais belas músicas que se podia imaginar, como nunca tinha visto um desses seres, arregalou bastante os olhos e pensou consigo: “E a boba da vovó que não acredita em sereia?”. Assim que o Príncipe recebeu o recado da minhoca do mar, avisou sua noiva da chegada de seus amigos e ela, de tão feliz, bateu palmas e mandou que a festa começasse do início novamente, senão o primo ficaria “danado”. Assim aconteceu, e os três entraram para ocupar as poltronas que lhes estavam reservadas. Resolvido o contratempo com Emília, que sofreu um desmaio de vergonha ao ver Rabicó entrando no palácio com um siri preso na cauda, a cerimônia recomeçou. Com o sumiço da coroa de rosquinha do Príncipe, entretanto, todos tiveram de debandar do Reino-das-Águas-Claras. Correram de lá e só pararam quando chegaram ao sítio de Dona Benta. Foi, então, que Emília contou a Narizinho que vira Rabicó comendo a coroa do Príncipe (“**O casamento de Narizinho**”, 100 a 121). Juntamente com a prima Narizinho, o falso Gato Félix e Emília,

Pedrinho combinou a surpresa que foi feita a Dona Benta com a chegada da corte do Príncipe Escamado ao sítio. Na chegada da comitiva, demonstrou, mais uma vez, ter um modo diferente de Narizinho de aceitar os receios e a sabedoria da avó. Como demonstrou no episódio da viagem ao reino marinho para o casamento da prima com o Príncipe Escamado, quando pôs em dúvida os conhecimentos da avó sobre o mar, o menino também não aceitou o comportamento das senhoras diante da inusitada visita. Ao perceber que estavam temerosas de abrir a porta para os convidados vindos do mar, e que, por isso, o Príncipe manifestava o desejo de voltar, Pedrinho disse ao soberano: “- Isso é que não! (...) Já que vieram, têm que entrar, quer as velhas queiram, quer não queiram. Se não puderem entrar pela porta, entrarão pela janela. Esperem aí...” Foi graças a essa rebeldia, portanto, que a corte adentrou a casa e pôde mostrar que não representava o menor perigo. Pedrinho pôde, igualmente, passar um tempo conversando com o capitão dos couraceiros, os caranguejos vindos para fazer a guarda do Príncipe, e com ele fez camaradagem. Como o capitão era um grande contador de proezas, falou das terríveis lutas que presenciou e das quais participou. Todas foram ouvidas com muito interesse pelo menino, que “tinha paixão por histórias de caçadas, guerras, lutas de boxe – aventuras de terra e mar, como dizia Dona Benta.” Contou as próprias histórias também, e “histórias de onças, tigres de Bengala, leões do Uganda, jacarés do Amazonas.” O capitão quis saber, então, que bicho da terra Pedrinho achava mais perigoso. Seria o leão? O menino disse que era e não era, pois qualquer caçador poderia matar um deles com uma boa bala na cabeça. E revelou a seu interlocutor o bicho que mais lhe punha medo: “Para mim o bicho mais perigoso é uma tal vespa, que quando morde incha e arde que nem fogo.” O couraceiro não sabia o que era uma vespa e perguntou se ela também não poderia ser morta com uma bala na cabeça. Pedrinho disse, então, que, se o caçador a acertasse, sim, mas que estava para existir um capaz de tal façanha. O capitão dos couraceiros achou que as vespas fossem encantadas e o menino lhe explicou que eram piores do que isso, e lhe confessou não temer nada, mas respeitar as vespas, e não se envergonhar disso. O couraceiro, porém, era um dos caranguejos mais presunçosos do mar, e, dando uma risada de desafio, disse que tiraria a prosa de uma vespa, se encontrasse uma. Pedrinho riu da valentia do caranguejo e provocou-o com a idéia de que sua intrepidez vinha da couraça que possuía. “Tire a casca e venha lutar com uma vespa, se é capaz!” O couraceiro não gostou do que ouviu e tratou de lembrar o menino de sua vitória fácil contra uma grande lagosta. “- Grande coisa! Pois eu já dei no Chiquinho Pé-de-Pato, que é o moleque mais temido lá da cidade, e no entanto corro de vespa. Corro e hei de correr, e nunca terei vergonha de contar isso, porque medo de vespa é o único medo que não desmoraliza ninguém.” A conversa entre ambos foi interrompida com a

chegada de Emília, que passou “muito requebrada” no seu vestido de teia cor-de-rosa, e chamou a atenção do capitão couraceiro, que passou a indagar Pedrinho sobre a bonequinha. Quando a corte do Príncipe Escamado se preparava para partir, foi do menino a idéia de dar de presente ao soberano as quatro rodinhas do despertador que consertara. Pedrinho ponderou: “Roda é coisa que não existe no oceano. Juro que o Príncipe vai ficar contentíssimo.” Sua idéia foi aprovada por todos e Escamado levou de lembrança as quatro rodinhas simbolizando cada uma das pessoas que moravam no sítio (“**Aventuras do Príncipe**”, 126 a 128; 138, 139; 147). Partiu do menino também a idéia de consultar o Visconde quando tia Nastácia avisou que havia sumido um pinto do galinheiro. Pedrinho foi também seu colaborador nas investigações para descobrir o ladrão de franguinhos, pois quando desapareceu o segundo, o Visconde já estava na pista do gatuno e a confirmação da autoria dos delitos só foi possível graças ao binóculo de Dona Benta, outra idéia de Pedrinho. Com o binóculo foram comparados os pêlos de felino que deram a culpa ao gato, que se fez passar pelo Félix, e a glória ao Visconde, quem provou ser um sábio verdadeiro (“**O Gato Félix**”, 158; 164, 165). Pedrinho dominava, como Emília, a “linguagem do ‘pisco’”. Mediante tal linguagem, comunicou-se com a bonequinha para saber que Narizinho o chamava para ajudá-la na recuperação do Visconde e na arrumação da sala para a visita das personagens das histórias maravilhosas. Comunicou-se pelo meio referido enquanto recebia instruções de Dona Benta para cortar as unhas da mão direita. Para esse episódio da visita das famosas personagens, Pedrinho arrumou “bigodes de manga” e assim os explicou à avó: “Quero que eles [os amigos das histórias maravilhosas convidados para a festa no sítio] pensem que sou o Conde dos Bigodes de Manga!...” Com esse título, portanto, foi apresentado pela prima Narizinho à primeira convidada a chegar à festa, a princesa Cinderela. Fez camaradagem com Aladim e o Gato-de-Botas mais tarde, e com eles ficou à parte, conversando a respeito de seu assunto favorito: valentias. Chegou mesmo a brigar com a personagem dona da lâmpada maravilhosa, porque esta atribuíra muitas proezas a esse objeto e o menino não queria perder, e falava também das façanhas de que seu bodoque era capaz: “- Pois apareça aqui um dia (...), para vermos quem pode mais, você com sua lâmpada ou eu com o meu bodoque.” Aladim respondeu que apostava em sua lâmpada, e Pedrinho retorquiu que apostava em seu bodoque. Foi preciso que o Gato-de-Botas interviesse, mas acabou pondo ainda mais calor naquela discussão: “- Eu serei o juiz e em seguida desafiarei a ambos. Quero ver o que vale mais, se esse bodoque e essa lâmpada ou minhas botas-de-sete-léguas!...” Tanto ficaram envolvidos naquele assunto da lâmpada de Aladim, que nada viram, nem os príncipes presentes igualmente, da aflição por que passaram as meninas e Emília: primeiro foi o acidente do

Visconde, que caiu do alto da janela de onde espiava a chegada dos convidados; depois foi a presença do lobo da história de Chapeuzinho Vermelho, que queria de todo modo devorar Dona Benta. Tia Nastácia o espantou, felizmente, mas mesmo assim Pedrinho e os príncipes receberam uma reprimenda de Narizinho por esse gesto tão pouco cavalheiro de deixar as damas “à mercê das feras”, como ela disse. O momento mais aguardado por Pedrinho aconteceu com a chegada de Peter Pan. Ele já estava até decepcionado, pois, no auge da festa, quando o terreiro estava repleto daqueles seres encantadores, o menino percebia que Peter Pan não vinha, e seu desejo era conhecer essa personagem. Tão logo Pedrinho e os demais presentes identificaram o vulto que entrava pela janela como sendo o menino da Terra do Nunca, saudaram-no com uma grande salva de palmas e com o hino dos índios guerreiros, composição da boneca Emília. Dona Benta já fora avisada desse momento pela neta e entrou na sala especialmente para cumprimentar a personagem. Na despedida, Pedrinho disse ao menino que não quis crescer: “- Quando voltar, veja se traz o crocodilo que comeu o Capitão Gancho. Tenho muita vontade de ver um crocodilo dessa espécie.” A Aladim, Pedrinho recomendou: “- Venha com a sua lâmpada – e areie bem ela, ouviu?...” Depois o menino confidenciou à Narizinho, quando trocavam impressões sobre suas personagens favoritas: “- E eu gostei muito do Gato-de-Botas (...). Já Aladim me pareceu um tanto prosa. Pensa que aquela lâmpada é a maior coisa do mundo.” No momento em que Emília a descobriu esquecida debaixo da mesa, entretanto, e avisou que seu dono a havia deixado na pressa de ir embora, o menino ficou eufórico: “- É verdade! (...) Esqueceu-se e agora a lâmpada é minha!...” A bonequinha apoderou-se da varinha de condão de Cinderela e Narizinho, das botas do Gato-de-Botas. Nem tiveram tempo, todavia, de concretizar os projetos de incríveis aventuras que viveriam com aqueles objetos preciosos esquecidos pelas personagens. Dona Carochinha surgiu logo depois e pediu de volta os pertences de suas personagens, inclusive o espelho mágico que Emília havia ganhado de Branca-de-Neve. Recuperando o que queria, a baratinha raspou-se do sítio sem demora (“**Cara de Coruja**”, 173, 174; 177; 187; 190 a 192; 194 a 197). Com a chegada do livro *Pinocchio* ao sítio, trazido pelo correio, Pedrinho ficou exultante, mas quis lê-lo sozinho, debaixo da jabuticabeira. Dona Benta lembrou-lhe de que seria ela quem leria para todos e, para que pudessem usufruir do prazer dessa leitura por mais tempo, só leria três capítulos por dia. Explicou-lhe que a sabedoria da vida era essa. O menino teve de aceitar, mas não deixou de mostrar sua contrariedade com tal ensinamento, demonstrando ter uma pressa típica de sua idade e de sua vivência urbana que, às vezes, se chocava com o vagar dos hábitos do sítio: “- Que pena! (...) Não fosse a tal sa-be-do-ri-a da vida, que nunca vi mais gorda, e hoje mesmo eu dava conta do livro e ficava sabendo toda a

história do *Pinocchio*. Mas, não! Temos de ir na toada de carro de boi em dia de sol quente – *nhen, nhen, nhen...*” A fala de Pedrinho, ainda, mostrou mais uma vez que ele, em certos momentos, não apenas discordava do pensamento de sua avó como chegava até mesmo a zombar dele. Chegada a hora da leitura, no entanto, ele foi um dos mais entusiasmados para ouvir e, apesar dos capítulos lidos ainda não darem uma idéia mais precisa da história, comentou que simpatizara com a personagem. Emília anunciou que achara uma “grande coisa” na narrativa e, dizendo isso, despertou a curiosidade do menino, mas avisou que só diria se ele lhe desse um cavalinho de pau sem rabo que estava em sua gaveta. A resposta de Pedrinho foi a seguinte: “- Pode ser que dê (...). Se a idéia for aproveitável...” A idéia era sobre a possibilidade de se construir um irmão para o Pinocchio com o pau vivente que ainda poderia existir no mundo. Todos ficaram espantados com a esperteza de Emília, mas Pedrinho ficou realmente animado com tal possibilidade, tanto que permitiu que a bonequinha ficasse com o cavalinho. A idéia de fazer um irmão para a personagem da história não mais saiu de sua cabeça. Pensava até em ir à Itália, mas sabia que Dona Benta não consentiria uma viagem de navio, pois temia os naufrágios. O Visconde deu-lhe, então, a idéia de procurar o pau vivente no sítio mesmo, pois a natureza era a mesma em toda a parte, não havendo razão para só existir na Itália a madeira de que fora feito o Pinocchio. O menino ficou novamente entusiasmado com o que ouviu e, já na manhã do dia seguinte, partiu para a mata com seu machadinho no ombro. Durante uma semana, procurou incansavelmente pela preciosa madeira, mas nada encontrou. Como Pedrinho tivesse o temperamento impulsivo, comentou, irritado, na volta de mais um dia de buscas: “- Acho que estou fazendo papel de bobo (...). Pau de Pinocchio só mesmo na Itália. A idéia do Visconde está me parecendo como o nariz dele.” Emília ouviu o comentário e temia perder o cavalinho que ganhara do menino pela idéia da feitura do irmão da famosa personagem; por isso concebeu o plano que enganou Pedrinho. Desse modo, ele imaginou que o velho tronco encontrado caído à beira da estrada, para lá da porteira do sítio, fosse de fato a madeira vivente que procurava. Não suspeitou que fosse o Visconde, escondido dentro do tronco a pedido da bonequinha, quem gemia a cada golpe de seu machadinho: “- Homessa! (...) Será possível que este tronco tenha gemido ou foi ilusão minha?” Sua agitação diante do que pensava ser a madeira de Pinocchio foi tão grande, que teve de tomar uns goles da água do riacho para tomar coragem de cortar um pedaço daquele tronco. Ao chegar em casa com ele, contou animadíssimo a história de sua descoberta, e a repetiu várias vezes, enquanto o intrigante pedaço de madeira passava de mão em mão. Os responsáveis por essa ilusão de Pedrinho ouviram tudo e disfarçaram o riso. A mudez do pau, entretanto, inquietava o menino, e Emília fez, para tranquilizá-lo, uma refinada explicação

para aquele silêncio. De qualquer modo, já que o pau fora encontrado, urgia construir o boneco, mas a forma que teria provocou polêmica. Cada um queria que fosse de um jeito diferente, e isso levou Pedrinho a pensar num concurso de desenho em que o vencedor teria sua idéia adotada. Ele gritou: “- Concurso de desenho, gentarada! (...) Pára tudo! Vovó, largue essa costura e pegue no lápis. Tia Nastácia, você também pare com esse fogão! Toca a desenhar!” Todos da casa se envolveram em tal atividade e, ao cabo de meia hora, os seis desenhos produzidos foram expostos para o julgamento. Pedrinho encarregou-se ele mesmo de os pregar na parede. Todos os trabalhos estavam muito estranhos, e o do neto de Dona Benta se parecia com um menino doente que de vez em quando surgia no sítio com a avó. Iniciada a votação, cada um elegia seu próprio trabalho como o melhor, e isso motivou a decisão de Pedrinho de sugerir que tirassem a sorte. Apesar do contratempo envolvendo a tentativa de trapaça de Emília, Dona Benta tirou o nome do escolhido de dentro do chapéu de seu neto e revelou: “Tia Nastácia”. Ainda que a boa cozinheira fosse a autora do desenho mais feio na opinião de todos, sua idéia seria utilizada, e assim aconteceu. Ela se fechou na cozinha por uma hora e construiu o boneco, porém, ao apresentá-lo a todos, foi uma decepção geral. Pedrinho, impulsivo como sempre, ficou “danado”: “- Que vergonha, tia Nastácia! Você fez um monstro que não pode ser mostrado a ninguém. Desmoraliza a família!” A questão da mudez do pau continuava incomodando, ainda mais depois de tia Nastácia revelar que nem “o menor sinal de vida” percebera naquela madeira, enquanto a modelava na forma do horrível boneco que seria irmão de Pinocchio. Pedrinho, ao ouvir isso, refletiu: “- É extraordinário! (...) Não posso compreender tal fenômeno. O tronco gemeu de cortar o coração da gente, e no entanto este pedaço do tronco não dá sinal de vida. Anda aqui um grande mistério!...” O Visconde resolveu sugerir ao menino que fizesse como Deus procedera com o primeiro homem do mundo, e experimentasse o assopro. Depois que Emília batizou o horrendo boneco de João Faz-de-conta, Pedrinho passou três dias tentando dar-lhe vida, assoprando-o com insistência. Já que era um menino preocupadíssimo com a possibilidade de ser caçado, fez isso bem escondido, mas sem resultado. Suas bochechas chegaram a ficar doloridas de tanto que assoprou o boneco, e nada. Um dia, porém, em mais um momento de demonstração explícita de seu temperamento explosivo, o primo de Narizinho bradou: “- Basta! Basta! Basta! Já estou ficando bochechudo de tanto te assoprar e ‘tu não vive’ nunca, seu feiúra. Vai-te pros quintos!” Seguiu-se a tal desabafo desesperado e malcriado uma atitude condizente com a aflição do garoto: ele agarrou o boneco por uma perna e jogou-o para cima do armário da sala de jantar. Emília assistiu a tudo o que se passou e imaginou, acertadamente, que teria problemas. De fato, na tarde do mesmo dia do destempero de Pedrinho, ele se aproximou dela

e perguntou pelo cavalinho de pau que estava em seu poder. Começaram a discutir seriamente, pois a bonequinha se recusava a lhe devolver o brinquedo: “- Eu disse que dava o cavalo se a idéia fosse boa, mas a idéia saiu como o seu nariz e quero o meu cavalo. – Pois vá querendo!” O menino ficou impaciente, xingou a boneca de coruja seca, o que era para ela o pior dos insultos, e deu-lhe um beliscão. A bonequinha percebeu que precisaria de ajuda e gritou por socorro. Todos acorreram e deram-lhe razão, inclusive Dona Benta, que ameaçou matricular o neto no colégio Carraça, velho estabelecimento de ensino com péssima fama, caso ele continuasse a importunar a “pobre bonequinha de pano”. Ele ficou emburrado, calou-se temporariamente, mas logo depois tornou a se encontrar com Emília e voltaram a trocar ofensas: “- Deixe estar que você me paga, fedor! – Antropófago!” Como a esperta bonequinha sabia do medo de Pedrinho de ir para o tal colégio, lembrou-lhe do risco que corria se voltasse a ofendê-la com aquele insulto que ela abominava. Por isso, o menino preferiu deixá-la e saiu para o terreiro. Ele pensou em ir pescar no ribeirão, mas achou melhor pegar seu machadinho e encaminhar-se para a floresta. Quando ficava nervoso como nesse momento, tinha um meio de curar-se da irritação: ia para a mata e derrubava pés de imbaúba; com essa distração, a raiva saía-lhe do corpo e voltava calmo para casa. Andou pela floresta por meia hora e acabou indo parar perto do tronco que gemera. Resolveu repetir a experiência de golpeá-lo com o machadinho, mas percebeu, consternado, que desta vez o tronco não dera um pio. Pensou consigo que ali havia “marosca”, e passou a examinar aquele tronco cuidadosamente. Não demorou para encontrar o oco do velho pau e, lá dentro, a cartolinha do Visconde. Percebeu também no chão sinais que indicavam a presença do sábio lá e não teve mais dúvidas: fora enganado pelo Visconde a mando de Emília, que temia perder o cavalinho. Pedrinho ficou muito desapontado, pois feriu-lhe os brios de menino, que se considerava o “mais esperto e sabido daquelas redondezas”, ser bobeadado por uma bonequinha de pano e por um visconde feito de sabugo. Por isso, vaticinou: “- Mas não fica assim! (...) Qualquer dia tiro a forra e quero ver a cara dos dois...” Ao voltar para casa, encontrou-se com Narizinho, que lhe contou, entusiasmada, das novidades que presenciara: João Faz-de-conta vivera por mais de uma hora, estivera com Capinha Vermelha e soubera que Peter Pan aparecera para o boneco e prometera chegar até o sítio. O menino vibrou com tais novidades, chegou a dar pulos de alegria. Embora não pudesse admitir que Faz-de-conta vivesse, já que não era feito do verdadeiro pau vivente, falar com a personagem da Terra do Nunca era o que ele mais desejava no mundo. Mas ainda havia mais. Soube pela prima que o alfinete de pombinha que Emília ganhara de tia Nastácia era, na verdade, uma poderosa varinha de condão, o que poderia transformar a bonequinha numa fada. Pedrinho deu ainda outros pulos de alegria e esqueceu-se

completamente da zanga e dos planos de se vingar da boneca. Tratou mesmo foi de bajular a futura fadinha, dizendo com uma voz amabilíssima: “- Emília (...) vou fazer três cavalinhos novos para você, cada qual de uma cor, e uma casinha linda para você morar, e um fogãozinho para você cozinhar, e um trapézio para você balançar-se, e umas asinhas para você voar e uma...” Emília arregalou tanto os olhos de retrós diante dessa inusitada cortesia, que os arreventou (“**O irmão de Pinocchio**”, 199 a 226). Foi um dos organizadores do circo montado no sítio, ao lado de Narizinho e Emília. Incumbiu-se do programa do espetáculo e ainda foi dele a idéia da surpresa reservada para o final, quando Rabicó apareceria disfarçado de elefante aos convidados. Chegou a ficar com bolhas nas mãos de tanto cavar os buracos para fincar os esteios e o mastro. Quando Barba Azul tentou entrar no circo, Pedrinho atçou o cão Maroto contra o monstro, o que fez com que fugisse de lá. No posto de diretor do circo, acalmou os presentes do susto provocado por aquela invasão, e convocou o boneco João Faz-de-conta a entrar em cena como o homem que engole espadas e brasas, enquanto procurava o Visconde para o número do palhaço. Como o sábio não foi encontrado, Pedrinho teve de apresentar logo a “surpresa”, mas foi atrapalhado pelo cão. Maroto, assustado com os berros de Rabicó, sob a pele de um elefante, avançou contra o estranho animal e provocou as vaias da platéia. Enquanto o leitão fugia para o terreiro, o menino, danado, dava pontapés no cachorro (“**O circo de cavalinhos**”, 227; 232, 233; 238; 244; 248, 249). Foi com Pedrinho que o menino invisível fez contato, a quem deu o mapa do mundo das maravilhas e com quem combinou a viagem para esse mundo. O menino ficou intrigado com o fato e considerou que o menino invisível era Peter Pan. Contou tudo à Narizinho, e juntos decidiram que iriam os quatro, ele, a prima, Emília, e o Visconde de Sabugosa. No País-das-Fábulas, o menino comentou com o Senhor de La Fontaine sobre sua desconfiança: “- Ando desconfiado que esse menino é o mesmo Peter Pan. Tem igual modo de falar e igual mania de cantar de galo. Que é que o senhor pensa disto?” O célebre fabulista não sabia, pois se tratava de algo muito novo para um homem antigo como ele, como comentou. Ao vislumbrarem no topo de uma árvore seca um corvo com um queijo no bico, o menino apressou-se a narrar a famosa história, dizendo, ao final, que não valia a pena pararem para ver aquela fábula. Quando o grupo foi capturado pelos guardas do rei Simão XIV, no país dos macacos, foi Pedrinho quem pediu a Emília, na linguagem do P, que avisasse Peninha. A boneca conseguira sua libertação usando o alfinete de pombinha como passaporte. Ao contrário da prima, o menino não fez elogios ao rei quando foi levado à presença dele. Teve vontade de responder ao soberano com bodocadas, mas como suas mãos estavam amarradas, falou, em relação ao que achava daquele reino: “- O que eu acho deste reino? Não acho coisa nenhuma. Não é reino nenhum. Não vejo

rei nenhum. Vejo um macacão, como todos os outros, trepado num galho que ele supõe ser trono. As damas da corte? Macacas. Simples macacas, como todas as macacas do mundo. Tudo macaco! Isto não passa dum grande macacal como os que há em todas as florestas...” Furioso com resposta tão sincera, mas bem do feitio de Pedrinho, o rei ordenou que amarrassem o menino a um tronco, para ser devorado pelas formigas. Emília, porém, fez o que Pedrinho pediu, e, quando anoiteceu, Peninha surgiu e salvou os prisioneiros, com a ajuda da planta “dormideira”, que fez os macacos dormirem um sono pesado. Antes de fugirem, entretanto, o neto de Dona Benta avisou que tinha contas a ajustar com o “macacão rei”. Apanhou uma tesoura e vingou-se de Simão XIV cortando-lhe as barbas, a ponta da cauda e meia orelha. Explicou, então: “- Quando a macacada despertar amanhã, nenhum poderá reconhecer o grande rei Simão Banana, e todos correrão daqui, a pau, este mono duma figa!...” (**Pena de papagaio**”, 251 a 256; 266; 274; 280; 282, 283, 284). A idéia de levar Dona Benta na aventura do grupo foi do menino, pois imaginou que já soubesse o caminho até o País-das-Fábulas. Como errou na administração do pó mágico, e o grupo de aventureiros foi parar num outro lugar, teve de ir ao encontro do Barão de Münchhausen, pois precisariam dele para auxiliar no resgate do burro. Este voara preso às pernas do pássaro Roca, já que fora amarrado ali pelo menino, que imaginou tratar-se de uma árvore. O neto de Dona Benta sabia que o castelo do Barão estava próximo, porque possuía o mapa do Mundo-das-Maravilhas, ganho de Peninha. Pedrinho desferiu um formidável soco no olho do Barão, a pedido dele, e isso provocou a faísca que disparou o tiro e acertou o cabresto do burro, libertando-o do terrível pássaro. Pedrinho e o Barão retiraram o burro da água, mas, no resgate, o pó de pirlimpimpim molhou-se e perdeu o efeito. As constantes reclamações de Dona Benta durante a aventura levaram Pedrinho a chatear-se com a avó e a prometer não mais repetir o convite. Fechando o olho bem forte, por sugestão de Emília, retornou com os amigos ao sítio, mas no dia seguinte recebeu uma carta de Dona Antonica, pedindo que voltasse para casa (“**O pó de pirlimpimpim**”, 290; 296; 302; 309 a 312).

PEIXES ELÉTRICOS – A primeira menção a um desses peixes foi feita pelo Doutor Caramujo, como uma ameaça aos peixinhos escoteiros, caso não cumprissem a tarefa de levar a concha com o pedido de casamento do Príncipe a Narizinho: “ Se se distraírem pelo caminho com alguma minhoca e perderem a concha, o Príncipe os fará electrocutar a todos pelo peixe elétrico, estão ouvindo?” Mais tarde, aceito o pedido de casamento, a menina dirigiu-se ao Reino-das-Águas-Claras com seus amigos, dentre eles, o Marquês de Rabicó. Lá, o leitão foi enleado por um polvo, necessitando da ajuda do batalhão de couraceiros do

reino, os caranguejos rajados, para ser salvo. Por serem muito lentos, os caranguejos foram montados nos peixes elétricos, que eram “velocíssimos”, como explicou o Príncipe a sua noiva. Os couraceiros tiveram êxito no salvamento do Marquês, porque fulminaram o polvo com a eletricidade de que ficaram impregnados por estarem montados naqueles peixes (“**O casamento de Narizinho**”, 98; 115 a 117).

PEIXES FOSFORESCENTES – Quando Narizinho chegou ao Reino-das-Águas-Claras para seu casamento com o Príncipe Escamado, logo que desceu do coche de gala enviado pelo noivo, foi recebida com festa pelo povo do mar. Os animais do reino bateram palmas, deram vivas e lançaram esses peixes em comemoração, pois eram como os foguetes do mundo dos seres humanos (“**O casamento de Narizinho**”, 109).

PEIXINHO DE RABO VERMELHO - Narizinho encontrava-se, com Emília, na gruta dos tesouros do Reino-das-Águas-Claras, quando foi avisada, por este peixinho, de que o jantar estava na mesa (“**Narizinho Arrebitado**”, 13, 14).

PEIXINHOS ESCOTEIROS – A eles foi entregue a concha de madrepérola contendo a carta escrita pela Senhora Lula, com o pedido de casamento do Príncipe Escamado a Narizinho. A concha foi entregue a eles pelo Doutor Caramujo, que recomendou que ela fosse levada até à beira do ribeirão do sítio de Dona Benta e depositada num lugar onde pudesse ser enxergada. Avisou também que, se se distraíssem no caminho com alguma minhoca e perdessem a concha, o Príncipe os faria eletrocutar pelo peixe elétrico. Os peixinhos escoteiros juraram obediência e seguiram, rodando com a concha pelo fundo do mar. Ao chegarem ao sítio, ergueram-na e enroscaram-na entre duas pedras na beira do ribeirão, bem perto do pé de ingá. Feito isso, ficaram por ali, descansando e espiando. Não demorou muito e Pedrinho apareceu com uma vara de pescar, e encontrou a concha. A resposta de Narizinho com o “Sim!” foi feita e colocada pelo menino no mesmo “envelope-concha”, que, por sua vez, foi deixado no mesmo lugar onde havia sido encontrado. Os peixinhos escoteiros, assim que farejaram a resposta dentro da concha, derrubaram-na na água com fortes narigadas e voltaram a rolar com ela pelo fundo do rio, levando-a até o Príncipe (“**O casamento de Narizinho**”, 98; 100 a 103).

PINTO SURA – Estava com estupor quando a comitiva do Príncipe Escamado fez uma visita ao sítio. Doutor Caramujo, o médico do Reino-das-Águas-Claras, fazia parte do grupo de

visitantes, e recomendou uma de suas pílulas para curar o franguinho. Dona Benta chamou tia Nastácia e pediu-lhe que pegasse o pinto. A cozinheira achou que o Doutor estivesse caçoando da velha senhora, pois não compreendia como um caramujo pudesse entender de remédios. Dona Benta disse que também gostaria de “tirar a prova”, e o franguinho foi trazido. Doutor Caramujo pediu, então, que providenciassem um canudinho, e explicou: “Só sei dar pílulas a pinto pelo sistema do canudo.” Tia Nastácia arranjou o canudo e seguiu as instruções do médico: deveria introduzir o canudinho na garganta do franguinho, pôr a pílula dentro do pequeno duto e depois assoprar. A cozinheira ficou impressionada com a sabedoria do caramujo médico e comentou isso com sua patroa. Doutor Caramujo pediu que uma pessoa assoprasse, então. Seguindo a recomendação da dona do sítio, tia Nastácia preparou-se para assoprar, quando começou a tossir desesperadamente. Dona Benta perguntou-lhe o que acontecera, e a cozinheira respondeu: “ – Aconteceu, Sinhá, que o pinto assoprou primeiro e quem engoliu a pílula fui eu! ...” Dona Benta riu, mas tia Nastácia ficou apreensiva com a possibilidade de a pílula provocar-lhe algum mal. Foi tranquilizada pelo médico do reino marinho, porém, quem lhe garantiu que o remédio além de não fazer nenhum mal, ainda poderia curar-lhe de alguma doença. Isso de fato aconteceu. Tia Nastácia curou uma tosse terrível que a perseguia por semanas e passou, assim, a recomendar as pílulas do Doutor Caramujo para várias pessoas (“**Aventuras do Príncipe**”, 130; 133 a 135).

PÓLIPOS – Eram os polvos pedreiros “mais trabalhadores e incansáveis do mar”. Foram eles que construíram o palácio do Príncipe Escamado, “todo de coral rosa e branco” (“**Narizinho Arrebitado**”, 8).

POLVO – No Reino-das-Águas-Claras, enquanto Emília e Narizinho foram visitar Dona Aranha Costureira para escolherem os figurinos do casamento da menina com o Príncipe Escamado, Pedrinho, o Visconde de Sabugosa e o Marquês de Rabicó saíram para passear pela mata de coral. O leitão, por causa de sua busca incansável por comida, acabou por morder um dos tentáculos de um polvo escondido num navio naufragado, pensando que fosse uma raiz de mandioca. Os amigos do Marquês viram quando o enorme animal enrolou-se no porquinho e o puxou para dentro de um camarote. Pedrinho espiou, com o bodoque pronto, e percebeu que o polvo olhava espantado para o leitão, parecendo nunca ter visto um leitão com laço de fita na caudinha. O Visconde sugeriu que Pedrinho desse pelotadas de bodoque no polvo, mas o menino viu que não adiantaria. Pediram ajuda ao Príncipe por intermédio de uma sardinha, e o soberano enviou sua tropa de caranguejos rajados. Antes da chegada do

batalhão, o Marquês sofreu nos tentáculos do polvo, que só não estrangulou de vez o leitão por estar curioso sobre a criaturinha assustada, e parecia divertir-se olhando para o focinho amedrontado do porquinho. Assim que chegaram, os caranguejos rajados foram orientados por Pedrinho e se dirigiram ao camarote do navio onde se escondia o monstro, tendo Rabicó em seu poder. Como tivessem vindo montados em peixes elétricos, por serem muito lentos, os caranguejos estavam carregados de eletricidade e, por isso, fulminaram o polvo assim que seus ferrões tocaram o bicho. O Marquês foi salvo e não morreu com o imenso choque produzido pelos ferrões eletrificados dos caranguejos em contato com o polvo, porque o leitão se agarrou a um pára-raios encontrado por perto (**“O casamento de Narizinho”**, 112, 113; 115 a 117).

PRIMA DODOCA – Parente de Dona Benta. Foi mencionada por ela na ocasião em que orientou tia Nastácia a matar um dos sete leitõezinhos ruivos, irmãos de Rabicó: “- Tia Nastácia, a prima Dodoca vem jantar hoje aqui. Acho bom pegar ‘aquele um!’...” (**“O Marquês de Rabicó”**, 79).

PRÍNCIPE – Personagem da história contada por Emília no episódio da visita do falso Gato Félix ao sítio. Ele morava num belo palácio, na companhia do rei e de uma fada. Um dia Sua Alteza disse ao pai: “- ‘Meu pai: quero casar-me, mas as moças daqui não são bonitas, nem boas de coração. Vou procurar uma pastora bem pobrezinha, mas que tenha um coração de ouro.’” O rei concordou com a idéia do filho, mas pediu que levasse a fada para fazer-lhe companhia. O príncipe fez isso, mas virou-a numa bengalhinha e se transformou numa formiguinha. Iniciou uma longa caminhada e, ao encontrar uma velha, perguntou-lhe: “- ‘Velha dugudéia, diga-me, se for capaz, se há por aqui uma pastora assim, assim, e de bom coração.’” A velha respondeu que havia muitas pastoras por ali, mas aconselhou-o a experimentar o coração delas. Indagada a respeito do modo de conseguir isso, a idosa sugeriu que se transformasse num pobre e fosse pedir esmolas às pastoras. De formiguinha, o príncipe se transformou em pobre e, ao encontrar a primeira pastora, pediu-lhe um pão. A pastora deu-lhe uma pedra, dizendo que ali tinha um pão muito gostoso. O pobre agradeceu e continuou seu caminho. Quando essa pastora sentiu fome e buscou o pão guardado no bolso, percebeu que o alimento havia se transformado em pedra, o que lhe quebrou os dentes e a levou à morte. Mais à frente, o pobre encontrou uma outra pastora e voltou a pedir pão. A pastora deu-lhe um osso, dizendo que era um pão muito gostoso. Novamente o pobre agradeceu e continuou caminhando. Essa pastora, ao sentir fome, viu que o pão de sua cesta virara um

osso. Ela não morreu, mas passou o resto de sua vida roendo ossos, como se fosse um cão. O pobre continuou sua jornada, até que encontrou uma outra pastorinha. Essa terceira moça parecia ainda mais pobre do que o peregrino, e estava chorando. O pobre quis saber o motivo do choro da pastorinha e ela contou que era por causa de sua madrasta. Disse ser uma mulher muito má, que a surrava, a obrigava a guardar porcos imundos, e não lhe dava nada para comer além de um pão bolorento e azedo. O pobre confessou-lhe, então, que estava com tanta fome, que comeria alegremente o pão bolorento. A pastorinha disse que repartiria seu pão, e partiu o alimento em dois, dando ao pobre o pedaço maior. O homem agradeceu e se foi. No momento em que a pastorinha começou a comer seu pedaço, chegou a tapar o nariz para não sentir o cheiro desagradável dele. Percebeu, entretanto, que o pão se transformara no doce mais apetitoso do mundo e dele comeu até saciar sua fome. Quando voltou para casa, a madrasta da moça percebeu que ela havia comido algo muito gostoso e a indagou sobre isso. Como a pastorinha negasse, a malvada mulher cheirou-lhe a boca, comprovando a mentira, e avisou que iria matá-la por ter mentido. Desesperada, a pastora clamou pelo socorro do pobre, que surgiu de repente e a salvou de ser morta por uma faca empunhada pela madrasta. O pobre ainda transformou a malvada num sapo e este foi embora para a cidade saltitando. O andarilho despediu-se, mas a pastorinha o convidou para morar com ela, e disse que trabalharia a fim de poder lhe comprar trajes novos. O pobre aceitou e, beijando as mãos da moça, pediu-a em casamento. Depois de casados, saíram caminhando e chegaram ao palácio real. O pobre apresentou-se como alguém que trazia uma boa notícia ao rei, pois este se encontrava muito triste por não receber notícias do filho. Ao saber que o príncipe encontrara uma esposa de muito bom coração, o soberano ficou satisfeitíssimo e quis saber quando receberia a visita do filho. O pobre, então, transformou-se novamente em príncipe e, ao apresentar sua esposa ao pai, virou-a na mais bela princesa que poderia existir. O bom homem beijou sua nora na testa e disse ao filho que, a partir daquele momento, ele seria o rei e ela, a rainha, pois já estava enjoado desse posto (**“O Gato Félix”**, 159 a 164).

PRÍNCIPE ESCAMADO - Peixinho “vestido de gente”, que trazia “casaco vermelho, cartolinha na cabeça e guarda-chuva na mão – a maior das galantezas ...”. Era o rei do Reino-das-Águas-Claras, um “príncipe-rei”, como Lúcia o chamava. Era muito valente, e “um vagalume de cabo de arame (...) lhe servia de lanterna viva”. Era pequenino, “muito delicado de corpo”, e dono de uma memória muito fraca. Ofereceu uma grande festa em seu reino em honra de Narizinho, sua convidada, e solicitou à Dona Aranha Costureira o vestido mais bonito do mundo para que a menina usasse nesta ocasião (**“Narizinho Arrebitado”**, 4; 7, 8;

17; 21 a 23). Conforme contou o Major Agarra a Narizinho, quando a reencontrou no Reino-das-Abelhas, o Príncipe andava taciturno depois que a menina se foi de seu reino. Recusava a mão das mais belas princesas e diziam que ele sofria de paixão recolhida, por amar alguém que não fazia caso dele. Somente Dona Aranha Costureira sabia quem era essa pessoa que o príncipe amava, mas guardava muito bem guardado esse segredo (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 64, 65). De fato, o Príncipe adoeceu depois que Narizinho se foi de seu reino. Caiu em profunda tristeza, emagreceu, suas escamas ficaram fininhas como papel de seda. Ficava horas olhando o trono onde a menina assistiu ao grande baile que ele lhe ofereceu, quando de sua visita. Perdeu o apetite, não mais tocava em prato algum, por mais apetitoso que fosse. Esse estado de alma do Príncipe entristecia e preocupava sua corte, que temia a possibilidade de, caso Escamado morresse, subir ao trono alguma piranha “de má casta” ou um polvo que se divertisse em estrangular os peixinhos nos seus terríveis tentáculos. O Doutor Caramujo foi chamado para examinar o Príncipe e constatou que seu mal era de amor. “- Tens razão, Caramujo! (...) Minha moléstia não é do corpo, mas da alma. Desde que Narizinho deixou o reino não mais houve sossego para mim. Perdi o apetite, o sono, a coragem e não tenho gosto para coisa nenhuma.” Sabendo pelo médico que o casamento seria seu remédio, deu permissão ao Doutor para obtê-lo, prometendo recompensá-lo com o título de Duque da Pílula. O Doutor conseguiu, desse modo, que uma carta com um pedido de casamento fosse enviada à menina, que aceitou casar-se com o Príncipe. Ao saber da resposta de Narizinho, o peixinho quase morreu de alegria e chegou a perder a compostura, dando pinotes em cima do trono. Explicou a seus fidalgos que o “sim” de sua noiva o comovera por vir seguido de um “ponto de admiração”. Queria dizer, portanto, que aceitava sua proposta com entusiasmo e isso o deixava muito feliz. Deu ordem para prepararem a maior festa que já houve nos Sete Mares e, molhando uma pena de beija-flor na pérola furada que lhe servia de tinteiro, começou a escrever cartas de amor a sua noiva. Escreveu tantas, que acabou a tinta, a pena ficou reduzida a um toco, e o mordomo do palácio teve de providenciar um serviço especial de correio, com milhares de sardinhas pelo mar fora que se encarregavam de ir fazendo chegar as missivas à menina. Ela respondia às cartas com presentes e o de que ele mais gostou foi uma rosquinha de polvilho, enrolada pela própria noiva. Essa rosquinha não foi comida, e recebeu uma fileira de diamantes do melhor ourives do reino, a pedido do Príncipe, e transformou-se numa preciosa coroa. No dia em que a menina chegou ao palácio com seus convidados para o casamento, foi recebida pelo Príncipe, sua corte e por uma multidão de povo do mar que bateu palmas, deu vivas, e soltou peixes fosforescentes para comemorar. Ele beijou a ponta dos dedos de Narizinho e disse que a levaria aos aposentos

nupciais, feitos de pérola e coral. Ela quis, juntamente com Emília, ir escolher logo os trajes para o casamento e, depois de escolhidos, soube pelo noivo da desgraça que acontecera com o Marquês de Rabicó, que fora apanhado por um polvo. Escamado disse a sua noiva, porém, que já mandara seu melhor batalhão de couraceiros, os caranguejos rajados, montados nos peixes elétricos, em socorro do leitão, e Narizinho ficou mais aliviada. Escamado não prestou muita atenção quando a boneca Emília lhe perguntou o que achava do figurino escolhido para o casamento. Limitou-se a dizer que estava muito bonito, e a bonequinha recebeu uma advertência de sua dona pelo atrevimento. Emília “amarrou um pequeno burrinho”, pois tinha certeza de que Narizinho estava com ciúmes do Príncipe. Quando Pedrinho, o Visconde de Sabugosa e o Marquês de Rabicó chegaram ao palácio depois do contratempo com o polvo, a cerimônia já começara, e, por isso, as portas encontravam-se fechadas. O menino enviou um aviso de sua chegada ao noivo, por intermédio de uma minhoca do mar, e enquanto aguardava, trepou a uma das janelas para assistir ao que se passava. Viu a beleza dos trajes de Narizinho, de Emília, e do Príncipe. Ele usava seu maravilhoso manto de rei, confeccionado com as mais raras escamas. O menino viu também a coroa de rosquinha engastada de diamantes, com a qual Escamado queria ser coroado. Já dentro do palácio, Pedrinho e os amigos acompanharam os acontecimentos: a festa recomeçou do início a mando de Narizinho, e Emília recuperou-se de um desmaio. O pior, no entanto, foi acompanhar a cólera do Príncipe quando soube que sua coroa havia desaparecido. Chamou de “miserável” o fidalgo que segurava o recipiente onde deveria estar a valiosa jóia e bateu-lhe com o cetro na cabeça. Isso provocou um rebuliço, pois todos sabiam que, quando o Príncipe surrava alguém com o cetro, algo de muito ruim aconteceria. Debandaram todos, inclusive Narizinho e seus acompanhantes. Só pararam no sítio, para tomar fôlego, e foi nesse momento que Emília disse a Narizinho que jurava ter visto Rabicó comendo a coroa do Príncipe (**“O casamento de Narizinho”**, 97, 98; 103, 104; 109 a 111; 113; 115; 118, 119; 120, 121). Antes de chegar ao sítio de Dona Benta para uma visita, o Príncipe enviou um recado por uma sardinha mensageira, porém ela foi devorada pelo falso Gato Félix e quem acabou avisando Narizinho da chegada da corte de Escamado foi o próprio felino. A menina resolveu, em combinação com Pedrinho, Emília e o gato, que fariam uma surpresa à Dona Benta. O Príncipe recebeu a orientação da hora exata em que deveria chegar e, assim que terminou o almoço no sítio, a comitiva do Reino-das-Águas-Claros surgiu. A vinda dos bichinhos em princípio assustou tia Nastácia, que chegou a pôr uma tranca na porta. Ao saber por Pedrinho que as senhoras estavam com medo, Escamado ameaçou voltar, pois não se achava no direito de perturbar o sossego de ninguém. A teimosia do menino, entretanto, foi maior do que os melindres do

Príncipe, e o neto de Dona Benta tratou de arranjar uma escadinha de modo a facilitar a entrada da corte pela janela. Quem primeiro entrou foi o Doutor Caramujo, e, em seguida, Dona Benta viu um peixinho vestido de rei, que prontamente foi apresentado a ela pela neta: “- Este é o meu esposo, o Príncipe Escamado, rei do Reino-das-Águas-Claras (...) E esta senhora, Príncipe, é a minha querida vovó, Dona Benta de Oliveira.” O Príncipe murmurou, então, com toda a amabilidade: “- Tenho muita honra em conhecê-la, minha senhora, e peço-lhe permissão para a tratar de vovó também.” Feitas as apresentações, Escamado foi conhecendo os objetos da sala, mostrados pela menina. Encantou-se com um guarda-chuva que estava num canto e quis saber para que servia. Quando Narizinho lhe explicou a utilidade do objeto, ele perguntou: “- Por que não o levaram, então, na viagem ao fundo do mar?” A menina do nariz arrebitado não se conteve diante de tão graciosa ingenuidade e deu um beijo na testa do peixinho, dizendo: “- Você é um burrinho, sabe, Príncipe? Um amor de burrinho.” O soberano não se ofendeu por ser chamado de burrinho, pois ignorava o significado dessa palavra, e quis saber do Marquês de Rabicó e do Visconde de Sabugosa, que ainda não vira. Também falaram de Emília e do desejo da menina de que se casasse com alguém como o Gato Félix. Foi então que Narizinho se deu conta de que o Príncipe não o conhecia e de que o tal gato poderia ter, na verdade, devorado a sardinha mensageira incumbida de trazer o aviso da chegada da corte ao sítio. Não comentou nada com Escamado, todavia, porque não queria magoar seu marido, e continuou passeando com ele pelo sítio. Visitaram o chiqueirinho de Rabicó e depois foram até o local onde estava a vaca mocha. Emília os acompanhou. O Príncipe foi informado pela menina de tudo sobre a vaca: seus hábitos alimentares, o nome das partes de seu corpo, a utilidade dela para a vida no sítio. Tanto se interessou pelo animal, que manifestou o desejo de levá-lo para seu reino, mas soube que isso seria impossível, já que pertencia à Dona Benta e ela jamais permitiria que o levassem. Além disso, Narizinho acreditava que até chegar ao reino teria bebido tanta água do mar, que seu leite ficaria salgado. Emília tinha confiança na possibilidade de Dona Benta aceitar a troca da vaca mocha por uma baleia, por ser também um animal que produz leite, porém Narizinho se cansou das asneiras da bonequinha e a enfiou de cabeça para baixo no bolso de seu avental. Nesse momento, a vaca mugiu e Escamado levou um grande susto, preferindo voltar para a casa, pois afirmou sofrer do coração e temia ter um desmaio caso a vaca berrasse outra vez. Assim que chegaram nos arredores da casa, ouviram uma choradeira, e Narizinho correu na frente para saber o que era. Ficou sabendo por tia Nastácia da trágica morte de Miss Sardine, que saltara para dentro da frigideira com gordura fervendo, acreditando ser uma lagoa, e morrera frita. O berreiro da menina fez com que o Príncipe

acorresse, aflito, e assim que soube do triste acontecimento, desmaiou. Quando voltou a si do desmaio, não quis mais saber do passeio no sítio, e só pensava em voltar para seu reino. Agradeceu a amabilidade de sua anfitriã, Dona Benta, e manifestou o desejo de que ela também o visitasse. Narizinho perguntou o que poderiam dar de presente ao Príncipe e Pedrinho deu a idéia de lhe darem as quatro rodinhas do despertador que consertara, para guardar uma lembrança das quatro pessoas moradoras do sítio. Despediram-se todos com lágrimas e com acenos de lenços. Quando a comitiva desapareceu na distância, o falso Gato Félix apareceu dizendo que o Príncipe estava se afogando, pois, como passara toda a tarde fora d'água, desaprendera a arte de nadar. Narizinho correu em disparada para salvar seu amado Príncipe, mas quando chegou ao ribeirão, já não viu mais nada, e acreditou que Escamado se salvara sozinho (**“Aventuras do Príncipe”**, 124 a 131; 140 a 148; **“O Gato Félix”**, 149). Na circunstância do espetáculo de circo montado pelas crianças, Doutor Caramujo contou a Narizinho que o Príncipe não existia mais. Ao ser indagado pela menina sobre a possibilidade de o soberano ter morrido afogado, por ter desaprendido a arte de nadar, o famoso médico manifestou seu pensamento sobre o fato: “- Foi comido pelo falso Gato Félix, aposto.” (**“O circo de cavalinhos”**, 242).

QUADRILHA CHUPA-OVO - Bando de lagartos, chefiados pelo *cowboy* Tom Mix, que atacou Narizinho, Emília e Rabicó quando eles se dirigiam, a cavalo, para o Reino-das-Abelhas. Ao serem abordados, os cavalos se assustaram e empinaram. Emília logo identificou os bandidos e ergueu os braços, como nos filmes de cinema. Narizinho também ficou com medo e tentou se agarrar ao Marquês de Rabicó, mas ele já havia sumido. O chefe da quadrilha intimou: “- A bolsa ou a vida!” Narizinho o reconheceu e pensou consigo: “É Tom Mix, o grande herói do cinema!... Mas quem havia de dizer que esse famoso *cowboy* tão simpático, havia de acabar assim, feito chefe duma quadrilha de lagartos?...” O bandido queria ouro a todo custo e a menina o enganou, entregando-lhe o recheio de macela de uma das pernas de Emília. Como imaginou que houvesse obtido um montinho de ouro puro, Tom Mix pôs-se à disposição dela para quando precisasse dele. Bastaria gritar seu nome três vezes – “Mix, Mix, Mix!”-, que ele iria salvá-la, no mesmo instante. Depois de dizer isso a Narizinho, o *cowboy* do cinema cumprimentou-a com o grande chapéu de abas largas, e se retirou na companhia dos lagartos de seu bando (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 57, 58).

RABICÓ – Era “assim chamado porque só possuía um toquinho da cauda.” Salvou-se do destino de seus seis irmãos, o forno, porque Narizinho brincava com ele desde pequenino e se

tornaram amigos. Numa ocasião em que comemorariam o aniversário de Pedrinho, Dona Benta pediu a tia Nastácia que matasse o porquinho. A menina ouviu a combinação e escondeu o leitão num lugar que somente ela conhecia. Passado o perigo, trouxe-o de volta, para surpresa da cozinheira, que o procurara por todo o sítio. Por isso, tia Nastácia dizia que ele não escaparia quando chegasse o Ano Bom. Era muito guloso, abocanhava cascas que a mulher botava fora e os caroços das jabuticabas chupadas por Narizinho no pomar do sítio. Na verdade, devorava tudo que encontrava (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 34; **“O Marquês de Rabicó”**, 79 a 81). Possuía uma ortografia inconfundível, cheia de desvios da norma, como Narizinho comentou, ao receber uma carta dele na passagem com Tom Mix: “- O estilo, a letra, a ortografia e a gramática é tudo dele! Este bilhete corresponde a um perfeito retrato de Rabicó – ou Rabico, sem acento, como ele assina. Grandíssimo patife!” Também não costumava cumprir sua palavra, como provou no episódio já referido. Em troca do favor de levar uma carta a Narizinho, pedindo perdão por sua covardia e clamando por sua vida, já que o bandido estava prestes a matá-lo, o leitão prometeu à libelinha mensageira que lhe daria um lindo lago azul. Recebido o favor e tendo sido perdoado por Narizinho e poupado por Tom Mix em consequência, Rabicó não cumpriu o prometido e deu à libelinha apenas uma sementinha de abóbora. Recebeu uma lição de Narizinho quando apareceu, ao bando que regressava do Reino-das-Abelhas, montado no jabuti e picando o pobre animal com o chicote e as esporas: a menina pediu ao jabuti que pusesse os arreios e montasse no porquinho. Com isso, o leitão “perdeu pelo menos um quilo de peso e pagou pelo menos metade dos seus pecados...” (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 65; 68; 74). Foi escolhido por Narizinho para ser o marido de Emília, e só foi aceito pela boneca quando sua dona lhe contou que o leitão era um príncipe, na realidade, e que fora transformado em porco por uma fada má. Ainda de acordo com tal história, o encanto somente acabaria no dia em que Rabicó encontrasse um anel mágico na barriga de uma certa minhoca. Pedrinho construiu o Visconde de Sabugosa para se fazer passar pelo pai do porquinho, que, a partir de então, tornou-se o Senhor Marquês de Rabicó. Emília concordou casar-se, mas não aceitava ir morar com o leitão, enquanto este não voltasse a ser príncipe. Como não soubesse brincar nem se comportar, e jamais prestasse atenção às conversas durante o noivado, preocupado sempre em descobrir coisas de comer, passou a ter um representante nas visitas à Emília, o Senhor Vidro Azul. Por intermédio desse representante, chegou a enviar uns versos à bonequinha, mas ela não gostou, porque achou que o verso estivesse todo errado. No dia do casamento, Rabicó usou cartola e faixa de seda em torno do pescoço. Pedrinho colocou-lhe no braço uma aliança de casca de laranja, que quase foi comida. Como o leitão não soube se comportar nem no dia de seu casamento e

provocou um desastre na festa por roubar a cocada mais bonita da mesa de doces, Pedrinho se enfureceu e contou à Emília que Rabicó não era e nunca seria um príncipe. No dia de Ano Bom, como era costume de Dona Benta, foi preparado um farto jantar. As crianças pensaram que aquele leitão que foi servido com um ovo cozido na boca e rodelas de limão pelo corpo se tratasse de Rabicó e ficaram tristes. Emília, entretanto, ficou exultante, porque achou que estivesse viúva e poderia, por isso, casar-se com outro fidalgo qualquer. Narizinho indignou-se com a falta de “coração” de Emília, mas tudo não passou de um engano. Quem, de fato, estava na travessa era um outro leitão, muito parecido com o Marquês, e que viera, a convite do esperto porquinho, passear no terreiro de Dona Benta e comer abóboras (“**O Marquês de Rabicó**”, 81 a 96). O leitão quase não foi ao Reino-das-Águas-Claras para o casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado, pois Pedrinho ainda não esquecera do acontecido com a cocada. O menino queria que ele ficasse, por ser um “estragador” de todas as festas que faziam. Narizinho, porém, protestou, por achar que não ficaria bem para Emília se surgisse na corte desacompanhada do marido. O menino concordou, mas avisou que levaria seu bodoque e, se o Marquês não se comportasse, levaria pelotada na orelha. A menina teve pena do leitão, e disse a Pedrinho que não sabia a razão de sua implicância com o coitado. O menino respondeu: “- Não é implicar, Narizinho. Rabicó é mesmo capadócio e encrenqueiro por natureza.” Apontou, em seguida, as qualidades do Visconde de Sabugosa para mostrar a ela o quanto os dois eram diferentes: um tinha maneiras acanhadas, o outro era “distinto”, “palaciano”. Chegada a hora de irem para o reino, e estando o coche de gala do Príncipe à espera deles no fundo da água do ribeirão do sítio, Emília percebeu que Rabicó ainda não estava vestido, pois Narizinho tinha esquecido de arrumá-lo. A menina disse que isso era coisa de um minuto, e “atou um laço de fita na caudinha encaracolada do Marquês.” Pedrinho achou que faltavam uns brincos, tirou dois amendoins ainda com casca do bolso, quebrou-os e pendurou um em cada orelha do porquinho. Disse a Rabicó, de cara feia, que não era para comer os brincos, deixando claro que, se isso acontecesse, levaria pelotadas do bodoque. Já tinham entrado no coche, quando perceberam que o Marquês sumira. O Doutor Caramujo, que os viera buscar, avisou, aflito, que o leitão não queria embarcar, e isso deixou Pedrinho encolerizado, e Emília, com um começo de faniquito. O menino fincou-lhe, então, uma pelotada na orelha, “das de arrancar faísca”, como ele mesmo disse, e o porquinho entrou como uma bala e se escondeu aos pés de Narizinho. Emília comentou que o Marquês perdera um brinco da orelha direita e amarrotara o laço de fita. Narizinho ficou com pena e lamentou também a perda do brinco. Pedrinho, no entanto, autor da pelotada responsável pelo sumiço do brinco de amendoim, disse que poderiam explicar na corte que era moda na terra usar

brinco apenas na orelha esquerda. Durante a viagem, Rabicó ficou “jururu”, e Emília disse que era porque não podia comer o brinco. Ameaçado como estava pelo bodoque de Pedrinho, o Marquês passou a língua pelos beijos e suspirou. Já no palácio, enquanto Narizinho e Emília foram à casa de Dona Aranha Costureira, para escolherem os figurinos do casamento, Pedrinho, o Visconde e o Marquês saíram para passear pela Floresta Vermelha, “a mais linda mata de coral do reino”. Pedrinho comentou que deveria ser lá a morada dos polvos, e que queria levar um para assustar tia Nastácia. O Visconde mal teve tempo de dar sua opinião sobre os polvos, quando o grito de Rabicó o interrompeu. O porquinho dera uma bocada num ouriço do mar, pensando que fosse coisa de comer, e estava com ele espetado na boca. Pedrinho livrou-o a muito custo do bicho, e ralhou com ele, lembrando-lhe que, se fosse comportado como o Visconde, nada lhe aconteceria. O porquinho respondeu, então: “- É muito fácil ser bem comportado quando não se tem estômago que vale por dois. Por mais que coma, estou sempre com fome - e hoje ainda não almocei...” O menino acabou com pena do Marquês e permitiu que ele devorasse o brinco de amendoim, pois não haveria mais nada para comer naquele momento. O porquinho deliciou-se e lambeu os beijos com saudade do outro amendoim, espatifado pela pelotada do bodoque de Pedrinho. Mais adiante, os aventureiros encontraram um enorme navio de três mastros naufragado e foram explorá-lo. Enquanto o menino e o Visconde percorriam as dependências do navio, Rabicó se separou deles e foi procurar a cozinha, na esperança de encontrar comida. Ferrou o dente no que para ele era uma linda raiz de mandioca, mas, na verdade, era um dos tentáculos de um enorme polvo escondido no navio afundado. Foi enleado pelo monstro e ficou preso em suas garras. O Visconde sugeriu a Pedrinho que desse pelotadas no polvo, mas o menino percebeu que isso não adiantaria e pediu, por intermédio de uma sardinha, ajuda ao Príncipe Escamado. O soberano mandou em socorro do leitão a tropa de caranguejos rajados, os couraceiros, e, por serem muito lentos, foram montados em peixes elétricos. Assim que os ferrões dos caranguejos tocaram o polvo, por estarem carregados da eletricidade dos peixes elétricos, produziu-se um terrível choque e o polvo foi fulminado. O leitão não foi fulminado também, porque se agarrou a um pára-raio que encontrou perto. Apesar de salvo, porém, o Marquês continuava gritando. Ao examiná-lo, Pedrinho notou que estava com um siri preso na pontinha de sua cauda. Rabicó gemia de dor, pois, como disse ao menino, o siri ferrado em sua cauda era mais dolorido do que o polvo. O menino achou graça, considerou que o siri preso na cauda ia muito melhor do que o laço de fita vermelha e o deixou lá. Quando regressaram ao palácio, as portas já estavam fechadas, porque o casamento de Narizinho com o Príncipe já havia começado. Resolveu-se o problema com novo recado ao noivo, desta vez

levado por uma minhoca do mar, que passou pelo buraco da fechadura e avisou o Príncipe da chegada dos amigos de sua noiva. A mando dela, a festa parou e começou novamente, a fim de que os recém-chegados pudessem acompanhar toda a cerimônia. Emília percebeu que havia algo preso na cauda de Rabicó e, ao verificar que se tratava de um siri, desmaiou de vergonha. O Doutor Caramujo foi chamado para reanimá-la, e disse que não conhecia nada melhor para esses casos do que botar um siri em cima da criatura desmaiada. O Príncipe gritou que daria seu reino por um siri naquele momento, e foi, então, que o Marquês virou-se de costas e mostrou ao Doutor Caramujo aquele agarrado em sua cauda, satisfeito por ter surgido um jeito de se livrar daquele incômodo. O Doutor retirou o siri da cauda de Rabicó e colocou-o no nariz da boneca, que imediatamente sorriu, abrindo os olhos. Quando o médico lhe perguntou se se sentia melhor, Emília disse que via tudo atrapalhado, “como se o mundo estivesse cheio de pernas...” O doutor sorriu e afastou o “pernudo ‘éter’” do nariz da bonequinha, guardando-o no bolso para outra emergência. A festa recomeçou e realizou-se o casamento. Faltava a coroação do Príncipe, mas a coroa de rosquinha de polvilho dada a Escamado por Narizinho, e que ele mandara decorar com uma fileira de diamantes, sumiu. Isso aconteceu no momento em que o Bernardo Eremita convidado para realizar o casamento e coroar o Príncipe pediu a coroa. O soberano foi tomado de súbito acesso de cólera e bateu com o cetro na cabeça do fidalgo que segurara a salva de escama onde estava a coroa. A corte debandou assustada, porque lá todos sabiam que, quando o Príncipe batia em alguém com o cetro, era sinal de algo muito ruim, pior que tempestade em alto mar. Narizinho e seus amigos debandaram também, saíram correndo do palácio e chegaram pingando ao sítio. Só então pararam para tomar fôlego. Emília disse a Narizinho, nesse momento, que jurava ter visto o Marquês de Rabicó comendo a coroa do Príncipe Escamado (“**O casamento de Narizinho**”, 105 a 121). Quando a corte do Príncipe visitou o sítio, Narizinho teve receio de revelar a Escamado que fora o Marquês quem comera sua coroa de rosquinha. O soberano chegou a lhe indagar sobre o leitão, e a resposta foi que se encontrava confinado no chiqueiro para engordar (“**Aventuras do Príncipe**”, 131). No episódio da visita das personagens dos contos maravilhosos ao sítio, Narizinho foi buscar o leitão em seu chiqueiro e o guloso veio contrariado, pois fora interrompido no meio de uma “comilança de mandioca”. Pedrinho amarrou-lhe na caudinha a fita vermelha de sempre e pôs-lhe os famosos brincos de amendoim. Orientou-lhe a menina: “- Você vai ficar na porta para ir recebendo os convidados. Assim que chegar um e bater, abra, pergunte quem é e anuncie: ‘O senhor ou senhora Fulano de Tal!’ Mas comporte-se e não vá comer os brincos como da outra vez.” Quando surgiu a primeira convidada, a princesa Cinderela, o Marquês a anunciou da seguinte

maneira: “- Senhorita Cinderela, a princesa das botinas de vidro!” Narizinho o chamou de “estúpido”, e informou-lhe que Cinderela era casada e não usava botinas de vidro. Disse-lhe, ainda, que ele, sim, precisava de uma boa botina de vidro de garrafa no focinho. A princesa Branca-de-Neve, a segunda a chegar, foi anunciada como “Princesa Branca-das-Neves”. Narizinho corrigiu o porquinho e desta vez o chamou de bobo, enquanto caminhava na direção da ilustre convidada. No momento de introduzir as irmãs Rosa-Vermelha e Rosa-Branca, Rabicó proferiu: “- As senhoras Pé-de-Rosa-Branca e Pé-de-Rosa-Vermelha!” A menina do nariz arrebitado não se conteve mais, era muita burrice do Marquês: tascou-lhe disfarçadamente um beliscão, ao mesmo tempo em que recebia as duas princesas (“**Cara de Coruja**”, 175 a 180). Rabicó foi quem chamou Doutor Caramujo para tratar o Visconde de Sabugosa do ataque que sofreu. Também fez parte da surpresa que os meninos pretendiam fazer para os convidados do circo montado por eles. Apareceu disfarçado de elefante e caminhou sobre umas garrafas arranjadas por Pedrinho. Despertou a curiosidade do cão Maroto, porém, quando começou a berrar com força, a pedido da platéia. O cão, assim, acabou avançando no estranho animal e revelando a farsa. O espetáculo quase veio abaixo e Rabicó correu para o terreiro (“**O circo de cavalinhos**”, 229; 249). Por decisão de Narizinho, que disse que o leitão estava “muito malcriado”, não acompanhou o grupo na viagem pelo mundo das maravilhas (“**Pena de papagaio**”, 256).

RAINHA DA CINTURA FINA – Era a rainha das formigas. Presenteou Emília com croquetes de minhoca levados por uma formiga mensageira trajada de saiote vermelho e avental de renda (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 46 a 49).

RAINHA DAS ABELHAS – Enviou um maribondo mensageiro com um convite para uma visita ao seu reino. Como explicou uma abelha à Narizinho e Emília, a rainha delas não era como as damas emproadas do reino dos homens. “Nada disso. Nem rainha é! Os homens é que lhe chamam assim. Para nós não passa de mãe. Todas somos filhinhas dela – todas, todas! E rodeamo-la de comodidades e carinhos, sem nunca lhe darmos o menor desgosto.” Quando Narizinho e Emília a viram pela primeira vez, estava “num trono de cera, conversando com vários zangãos emproados e orgulhosos (pelo menos assim pareceu à menina.)”. Na verdade, esses zangãos faziam a corte à rainha, pois, como ela explicou às suas convidadas, todos os anos escolhia um dentre eles para marido, e os outros eram condenados à morte. A inteligência da rainha e sua capacidade de falar tão bem lembraram à Narizinho, nesta ocasião, o filósofo Rousseau (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 70, 71).

RAINHA DAS VESPAS – Andava furiosa com Narizinho por ter matado uma de suas súditas na ocasião em que a menina levou uma picada na língua, chupando jabuticabas. Quem informou a menina disso foi um zangão do Reino-das-Abelhas (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 62).

REI – Personagem da história criada por Emília e contada aos habitantes do sítio na circunstância em que o falso Gato Félix lá esteve. O rei tinha um filho e moravam, na companhia de uma fada, num palácio muito bonito, à beira de um lago bem azul. O príncipe, certa feita, disse ao pai que queria se casar e, por isso, iria buscar uma noiva longe dali. O rei falou para o filho: “- ‘Vai, meu filho (...), mas leva contigo a fada do palácio. Sozinho, não te deixarei ir.’” O príncipe obedeceu ao rei, partiu e encontrou uma pastora de muito bom coração, que foi sua escolhida. Ao retornar ao palácio, foi falar com o rei, na companhia de sua noiva. O príncipe havia-se transformado num homem pobre e Sua Majestade não o reconheceu. Estava sentado em seu trono de ouro e marfim e se encontrava muito triste, porque não recebia notícias do filho. Perguntou ao visitante: “- Que é que queres, senhor pobre?” O visitante respondeu que queria dar ao rei uma boa notícia e o soberano exclamou, esperançoso: “- Pois fala, e se a notícia for mesmo boa dar-te-ei os mais ricos presentes.” O pobre contou ao rei, então, que seu filho já estava casado com uma moça de muito bom coração. O rei ficou exultante: “- Bravos! (...) E quando esse amado filho me aparece por cá?” O pobre, nesse momento, transformou-se no príncipe novamente, e, com a ajuda da fada, virou a esposa na mais linda princesa que poderia existir. O rei, muito satisfeito, beijou a princesa na testa e disse para o filho: “- ‘Muito bem! Só resta agora que fiques rei. Adianta-te, meu filho, e vem sentar-te neste trono, ao lado de tão formosa princesa. Deste momento em diante o rei és tu, e ela a rainha. Já estou cansado e até enjoado de ser rei. Amém.’” (“**O Gato Félix**”, 159; 163, 164).

SARDINHA MENSAGEIRA – No Reino-das-Águas-Claras, enquanto fazia um passeio pelo fundo do mar, na companhia de Pedrinho e do Visconde de Sabugosa, Rabicó viu-se em apuros ao morder o que pensou ser uma raiz de mandioca: foi enleado por um polvo. Ficou preso em seus tentáculos e precisava da ajuda de seus amigos. O menino percebeu que não adiantaria usar seu bodoque e teve, então, a idéia de pedir um favor à “senhorita” sardinha que também assistia ao infortúnio do leitão. Ela deveria ir depressa ao palácio dizer ao Príncipe Escamado o que acontecera ao Marquês e pedir que mandasse ajuda com urgência. Ela já ia partindo, quando o Visconde a segurou pela caudinha e lhe perguntou qual era seu nome

científico. A sardinha não era culta como o Visconde, julgou que estivesse sendo caçada e, por isso, retrucou: “- Malcriado! Não se enxerga?” Mostrou-lhe a língua ainda. Ela levou, mesmo assim, o recado ao Príncipe, que enviou em socorro de Rabicó seu melhor batalhão de couraceiros, os caranguejos rajados (“**O Casamento de Narizinho**”, 112 a 115).

SARDINHA MENSAGEIRA DO PRÍNCIPE – O Príncipe Escamado a mencionou, quando contou a Narizinho que incumbira a sardinha de dar a notícia de sua visita ao sítio. Ao ouvir isso do soberano, a menina ficou pensativa e se lembrou do cheiro de sardinha percebido no focinho do gato que imaginava ser o Félix e quem, de fato, trouxera o recado da visita da comitiva do Reino-das-Águas-Claras. Narizinho pensou, então: “Querem ver que ele [o gato] comeu a mensageira do Príncipe com recado e tudo?” Ela não comentou nada com o Príncipe, porém, pois não queria entristecê-lo (“**Aventuras do Príncipe**”, 131).

SARDINHAS CORREIO – Elas constituíram um serviço especial de correspondência para o Príncipe Escamado, na ocasião em que o pedido de casamento feito a Narizinho foi aceito. O soberano do Reino-das-Águas-Claras ficou tão satisfeito, que principiou a escrever muitas cartas de amor à menina. Foram tantas, que a tinta acabou, a pena ficou reduzida a um toco e o mordomo do palácio teve de arranjar milhares de sardinhas pelo mar afora. Elas foram dispostas de modo a permitir que as missivas fossem passando pelos peixes, um a um, até chegar ao destino, como acontece com os pedreiros, quando passam tijolos. Narizinho lia todas as cartas e respondia com presentes. O de que o Príncipe Escamado mais gostou foi uma rosquinha de polvilho, enrolada pela própria menina do nariz arrebitado (“**O casamento de Narizinho**”, 103, 104).

SENHOR BARÃO CAVALGADURA CAVALCANTI CAVALETE DA SILVA FEIJÓ – O cavalinho de pau sem rabo, de Pedrinho. Emília ficou com ele quando deu ao menino a idéia da busca pelo pau vivente de que era feito o Pinocchio, e com este se construir um irmão para a personagem. Propôs a troca de sua idéia pelo brinquedo e o neto de Dona Benta aceitou, pois considerou a sugestão da bonequinha “aproveitável”. Quando Pedrinho começou a se irritar com o fato de não encontrar a tal madeira, Emília tratou de criar um plano, com a ajuda do Visconde de Sabugosa, de modo a enganar o menino e a continuar com o cavalinho. O plano consistia em fazer Pedrinho acreditar que encontrara o pau vivente, pois o sábio gemeria quando o garoto golpeasse um tronco caído em seu caminho. O plano deu certo e, ao ver o menino contando entusiasmado aos habitantes do sítio sobre sua descoberta, Emília pôs

o cavalinho no colo e disse-lhe baixinho: “- Pedrinho caiu como um pato e com certeza agora não se lembra mais de tomar você de mim. Viva! Viva! Você é meu e bem meu, e tem que brincar comigo o dia inteiro. Antes de mais nada, preciso consertar Vossa Senhoria, pois onde já se viu um cavalo sem rabo? Vou arranjar para Vossa Cavalência um lindo rabo de galo, muito mais na moda que esses rabos de cabelo com que os cavalos nascem, está ouvindo, Senhor Barão Cavaladura Cavalcanti Cavalete da Silva Feijó?” Na circunstância em que a bonequinha tentou trapacear e ser a vencedora do sorteio que definiria a forma do boneco, irmão de Pinocchio, tia Nastácia sugeriu a Dona Benta que desse umas palmadas na boneca. Emília ficou indignada com essa possibilidade, chegou a pensar em ir embora do sítio, e manifestou toda sua raiva pela cozinheira num diálogo com o cavalinho. Proferiu insultos à boa mulher, comentou com o brinquedo sobre a malvadeza dela, na tarefa de matar e assar os animais para as refeições no sítio, e externou a preocupação em tirar o cavalinho daquela casa antes que a cozinheira o matasse e o assasse no forno. Depois de ser convencida por Narizinho a ficar no sítio, Emília aceitou fazer as pazes com tia Nastácia e ganhou dela um alfinete de pombinha carijó. Logo que recebeu o alfinete, foi mostrá-lo ao cavalinho, seu amigo e confidente. Por esse tempo já tinha lhe arranjado um belo rabo de pena de galo e passava muito tempo envolvida em brincadeiras na companhia do brinquedo. O temor de perdê-lo incomodava a bonequinha, entretanto, pois o boneco construído com o falso pau vivente não dava sinal de vida, apesar das tentativas de Pedrinho de animá-lo. Uma tarde, o menino, conforme Emília temia, quis de volta o brinquedo. Assim justificou sua decisão: “- Eu disse que dava o cavalo se a idéia fosse boa, mas a idéia saiu como o seu nariz e quero o meu cavalo.” Emília e o neto de Dona Benta brigaram para valer por causa do cavalinho, mas todos do sítio ficaram do lado da boneca, e ela permaneceu com o brinquedo. Pedrinho acabou por descobrir a farsa montada por Emília e pelo Visconde sobre o pau vivente e chegou a pensar numa maneira de se vingar dos dois. Na ocasião em que Narizinho quis dar um passeio pelo pomar na companhia da bonequinha, Emília recusou, por estar ocupada com o cavalinho. Disse a sua dona: “- Não posso hoje (...) Estou ensinando o abc a este analfabeto, que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras ‘cavalências’ célebres.” Descobrimos mais tarde, depois da experiência maravilhosa vivida pela prima, que a boneca poderia vir a ser uma fada, Pedrinho esqueceu os planos de vingança e tratou foi de adúl-la. Prometeu-lhe muita coisa, inclusive a construção de três cavalinhos novos especialmente para ela. Emília estranhou tanto as gentilezas do menino, que arregalou em demasia os olhos de retrós, arrebatando-os (“**O irmão de Pinocchio**”, 200 a 204; 209 a 211; 214 a 217; 225, 226).

SENHOR ESPELHO MÁGICO – Tal como o ente de ficção da história de Branca-de-Neve, também respondia a todas as perguntas feitas a ele. Foi trazido por Branca na festa em honra das personagens maravilhosas e dado a Emília, como um presente. Veio num pacote amarrado com uma fita dourada. Assim que a bonequinha recebeu o espelho das mãos da princesa, abraçou-o, beijou-o, limpou-o com o lençinho e já lhe fez uma pergunta: “- Diga-me, senhor espelho, qual a boneca que conta histórias mais bonitas?” O espelho respondeu: “- É a ilustre Marquesa de Rabicó!” Emília chegou a suspirar, pois, como Narizinho percebeu, por já ser casada, a bonequinha não poderia casar-se com o espelho. Mais tarde, quando Dona Carochinha surgiu no sítio em busca dos objetos encantados esquecidos por suas personagens no momento da partida, também recolheu o espelho dado à Emília (“**Cara de Coruja**”, 179; 197).

SENHOR JABUTI – Quando surgiu, tendo o Marquês de Rabicó em seu dorso, aplicando-lhe chicotadas, Emília o confundiu com um monstro. A bonequinha, Narizinho e Tom Mix voltavam do Reino-das-Abelhas, e, ao ver algo adiante, ela gritou: “- Estou vendo uma coisa esquisita lá na frente! Um monstro com cabeça de porco e ‘peses’ de tartaruga!” Tom Mix esclareceu o que de fato se passava e Narizinho ficou indignada com a maldade do leitão para com o jabuti. O *cowboy* manifestou a disposição, caso a menina quisesse, de apear o porquinho com uma bala, mas ela preferiu dar uma lição no malvado a seu modo. Tão logo o Marquês alcançou o grupo, Narizinho pediu-lhe que descesse do jabuti imediatamente, deixando o leitão atônito com tal recepção da menina. E continuou, então: “- E para castigo (...) quem agora vai montar é o senhor jabuti. Vamos, senhor jabuti! Arreie o Marquês e monte e meta-lhe a espora sem dó!” O jabuti agiu de acordo com o que pedira a menina, mas fez tudo muito devagar, do seu jeito. Montado, fincou o chicote no lombo do porquinho: “*lept! lept!*”. Enquanto Rabicó berrava, Emília pedia ao jabuti que o esporeasse mais. Até a libelinha que havia sido enganada pelo leitão surgiu naquele momento, e também pediu ao jabuti que aplicasse umas boas lambadas no tratante (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 73, 74).

SENHOR VENTO – Assim Pedrinho se refere ao portador do convite para o circo montado por ele, Narizinho e Emília no sítio: “- É no que estou pensando (...). Acho melhor fazer um convite geral e incumbir o Senhor Vento de ser o portador.” (“**O circo de cavalinhos**”, 233).

SENHOR VIDRO AZUL – Um vidro vazio de óleo de rícino que andava jogado pelo sítio, e foi escolhido por Pedrinho para representar o noivo Rabicó nas visitas à Emília, pois o leitão não sabia brincar nem se comportar. Também usava cartola, e quando ia noivar, fazia-se acompanhar pelo Visconde de Sabugosa, e beijava Emília na testa, na despedida. Em certa ocasião, recitou uns versos escritos pelo noivo à boneca e encantou Narizinho, mas deixou a noiva “meio danadinho”, porque ela achou que o verso estivesse todo errado (“**O Marquês de Rabicó**”, 89 a 91).

SENHORA LULA – A escrevente do mar, no Reino-das-Águas-Claras. Tinha dentro do corpo, como disse o Doutor Caramujo, uma pena de osso e um tinteiro. A pedido do Doutor Caramujo, escreveu a carta pedindo a mão de Narizinho, em casamento, para o Príncipe Escamado (“**O casamento de Narizinho**”, 98).

SENHORA RUIVA – A formiga que levou o presente ofertado pela rainha das formigas à Emília, a Condessa de Três Estrelinhas. Quem a anunciou foi Rabicó, e tão logo Narizinho ordenou que entrasse, o leitão abriu a porta para lhe dar passagem. Trajava saiote vermelho e avental de renda. “Trazia na cabeça uma salva de prata, coberta com guardanapo de papel.” Quando a menina lhe perguntou o que desejava, a formiga respondeu: “- Quero entregar à Senhora Condessa este presente mandado pela rainha das formigas.” Eram croquetes de minhoca. Emília ficou orgulhosa pelo fato de a rainha ter-se lembrado dela e pediu à formiga mensageira que dissesse a ela que estava muito agradecida e que era uma grande cozinheira. Narizinho riu muito e fez a bonequinha perceber que havia cometido uma gafe: uma rainha não poderia ser cozinheira. Emília procurou corrigir seu erro, pedindo à mensageira que lembrasse a rainha das qualidades de sua cozinheira. A menina do nariz arrebitado ainda comentou com a bonequinha da necessidade de retribuir o presente, e sugeriu que mandasse à rainha uma perna do pernilongo queimado pela vela. Emília concordou; procurou o pernilongo assado, tirou-lhe uma perna e, depois de enfeitá-la com um laço de fita e embrulhá-la com papel de seda, acomodou-a na salva da formiga, com um cartão: “À Sua Majestade a Rainha da Cintura Fina oferece a humilde criada Condessa de ***”. Ainda deu à formiga mensageira um mocotó de pernilongo, para que se distraísse pelo caminho. A pequenina agradeceu e retirou-se muito satisfeita (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 46 a 48).

SENHORAS GALINHAS – As galinhas da criação de Dona Benta no sítio. Narizinho desse modo se referiu a elas, na conversa com o Visconde de Sabugosa. Ele fora pedir a mão de

Emília para seu filho, o Marquês de Rabicó, e, quando comentou a respeito da morte de sua mãe, devorada pela vaca mocha, a menina do nariz arrebitado refletiu: “Eu sinto bastante, Visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vaca mocha come as donas Palhas e a gente come as vacas. A vida é um come-come danado! Estou aqui estou apostando que também os seus filhos foram comidos pelas senhoras galinhas...” (“**O Marquês de Rabicó**”, 84).

SENHORAS SARDINHAS – No Reino-das-Águas-Claras, quando Narizinho sentou-se ao lado do Príncipe Escamado para jantar, elogiou a arrumação da mesa. Ele comentou, então: “- Artes das senhoras sardinhas (...). São as melhores arrumadeiras do reino.” A menina refletiu consigo: “Não é à toa que sabem arrumar-se tão direitinhas dentro das latas...” (“**Narizinho Arrebitado**”, 14).

SENHORES ENVELOPES, SENHORES SELOS, SENHORES SOBRESCRITOS – Os portadores dos convites para o circo, que foi montado no sítio pelas crianças e por Emília: “Quem levou as cartas? Quem mais senão esses preciosos portadores chamados envelopes? Mas como os senhores Envelopes não sabem chegar ao destino se não forem acompanhados dos senhores Sobrescritos e de diversos senhores Selos, Pedrinho arranjou diversos senhores Sobrescritos e diversos senhores Selos para acompanharem os senhores Envelopes na longa viagem que tinham de fazer.” (“**O circo de cavalinhos**”, 233).

SENHORITA SARDINHA – “Ou Miss Sardine, como era chamada no reino, por ter nascido nos mares que rodeiam a Terra Nova, perto do Canadá. Como boa norte-americana, Miss Sardine mostrava-se muito segura de si. Não era acanhada como as outras. Fazia o que lhe dava na cabeça, tornando-se famosa no reino pelas suas excentricidades. Uma delas consistia em dormir dentro duma latinha, em vez de dormir na cama. ‘Estou praticando para a vida futura’ – costumava dizer com um sorriso melancólico. A vida futura das sardinhas, como todos sabem, não é o céu, mas dentro de latas...” A dama sardinha fez grande amizade com tia Nastácia, pois, logo que chegou ao sítio na companhia dos demais membros da corte do Príncipe Escamado, entrou na cozinha e quis conhecer tudo: o fogão, o fogo, o sal, o açúcar, a pimenta, que quase lhe deixou cega, por alguns instantes, ao cair de ponta cabeça no vidro do tempero, e a frigideira. Encantou-se com tudo e sua ingenuidade diante do perigo chegou a provocar o riso da cozinheira. Foi tanta a curiosidade de Miss Sardine, que quis conhecer mais de perto “aquela água que pulava e chiava”, a gordura fervendo, imaginando ser um pequeno

lago. Pulou para dentro da frigideira num momento em que a boa mulher não estava para socorrê-la, como aconteceu quando caiu no vidro de pimenta, e morreu frita. Quando tia Nastácia viu o que tinha acontecido à dama da corte, começou a chorar, o que também fizeram todos os amigos de Miss Sardine. Ao saber do desastre, Narizinho igualmente rompeu num berreiro. O choro da menina chamou a atenção do Príncipe, que desmaiou assim que soube da tragédia. Tia Nastácia mostrou o corpinho frito da sardinha à Dona Benta, cheirou-o, e, com lágrimas nos olhos, provou um pedacinho dele em princípio, devorando-o inteiro logo depois (“**Aventuras do Príncipe**”, 131 a133; 144 a146).

SIMÃO XIV – Rei do país dos macacos, para onde o grupo de aventureiros foi parar quando se perdeu de Peninha, no País-das-Fábulas. Seus cortesãos o chamavam de Rei-Sol, “porque quando Simão aparecia todas as caras se iluminavam de sorrisos.” Ao serem capturados pelos guardas do reino, as crianças e os bonecos foram levados a sua presença, e Emília, muito esperta, apresentou como passaporte seu alfinete de pombinha. Ao ver o objeto, Simão falou: “- O passaporte adotado no meu reino é uma banana-ouro, mas como sei que outros povos usam outros passaportes, aceito como válido este que esta senhora apresenta. Podem soltá-la.” A boneca enganara o rei, e tratou de sair rapidamente de lá. Antes, recebeu de Pedrinho a incumbência de avisar Peninha sobre a captura. Enquanto o socorro não veio, os prisioneiros tiveram de dar suas impressões sobre o reino, e Narizinho achou melhor elogiar. Simão XIV chegou a lamber-se de gosto pelas lisonjas, ordenou que soltassem a menina e a levassem para a árvore mais alta para ser sua morada, e lhe arranjassem o mais gentil dos macacos para marido. O Visconde pediu para descansar primeiro e dar sua resposta no dia seguinte. Pedrinho disse o que achava de verdade sobre aquele reino, e foi amarrado a um tronco para ser devorado pelas formigas, pois o rei tomou as palavras do menino como calúnias. Peninha os salvou, todavia, porque fez os macacos dormirem um sono pesado, com a ajuda da planta “dormideira” colocada na água dos símios. Antes de fugirem, Pedrinho se vingou de Simão, e cortou-lhe as barbas, a ponta da cauda e meia orelha durante o sono. Assim, quando os macacos despertassem, não reconheceriam seu rei, e o expulsariam de lá, a pau... (“**Pena de papagaio**”, 280 a 284).

TATURANA GORDA – Um velho caranguejo a tirou para dançar no baile oferecido pelo Príncipe Escamado a Narizinho, no Reino-das-Águas-Claras. Apertou-a muito durante a valsa, porém, e a feriu com seu ferrão. Assim que a dama percebeu que estava espirrando seu líquido verde, por causa do ferimento, começou a gritar. Doutor Caramujo foi chamado para

curá-la, e a arrolhou com extrema perícia. Narizinho acompanhou o médico no tratamento da taturana e de um besouro, que também se feriu durante o baile, e ficou impressionada com seus métodos. A menina comentou com o Príncipe Escamado, então: “Amanhã sem falta vou levar Emília ao consultório dele” (“**Narizinho Arrebitado**”, 21, 22).

TIA NASTÁCIA - A “negra de estimação que carregou Lúcia em pequena” e quem fez a boneca de pano Emília. Chamava Dona Benta de “Sinhá”, fumava cachimbo de barro, o “pito”, e fazia todo o serviço da casa, mas seus dotes como cozinheira é que se destacavam dentre todas suas ocupações no sítio. Explicou, certa feita, à Dona Benta, que a razão de Emília dizer tanta asneira era porque havia feito a boneca de tecido ordinário, e não de seda ou de um retalho do vestido de ir à missa da patroa. Dona Benta achou tal justificativa muito parecida com as da boneca, numa indicação de que o raciocínio da boa cozinheira aproximava-se muito da visão de mundo da própria bonequinha (“**Narizinho Arrebitado**”, 3, 32). Dentre as recomendações da carta de Pedrinho que anunciava sua chegada estava a de que tia Nastácia preparasse café com bolinhos de frigideira. Os bolinhos feitos pela personagem também eram muito apreciados por Narizinho, que os levou no bolso do vestido quando partiu com Emília e Rabicó para o Reino-das-Abelhas. A cozinheira foi transformada numa galinha preta pela velha feiticeira que surgiu no sítio, enquanto Narizinho e Emília estiveram ausentes visitando aquele reino. Assim que a malvada foi capturada por Tom Mix e obrigada por ele a desfazer o encanto, em mais uma das ações do *cowboy* em favor da menina do nariz arrebitado, foi tia Nastácia quem surgiu à frente dela quando esta abriu os olhos, que havia fechado para não ver a feiúra da bruxa. A boa mulher disse à Narizinho: “- Acorde menina! Parece que está com pesadelo (...) Deixe de bobagens e venha tomar o seu café que já está esfriando...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 50; 54; 76 a 78). Era o terror dos leitõezinhos do sítio, pegos no terreiro quando vinham comer o milho propositalmente debulhado para eles. Depois de pegos eram assassinados com uma faca de ponta, pelados com água fervendo, destripados, temperados e assados no forno. Na hora do jantar, eram servidos num prato grande, rodeados de rodela de limão, com um ovo cozido na boca. Tal foi o destino dos irmãos do Marquês de Rabicó. Este se salvara porque Narizinho brincava com ele desde pequenino e o protegeu da faca de tia Nastácia, escondendo-o quando a cozinheira ameaçou matá-lo para o aniversário de Pedrinho. No dia de Ano Bom, a mulher foi o motivo do choro desesperado de Narizinho e da fúria do menino, pois acreditaram que o porquinho servido no jantar se tratasse do querido Rabicó. Descobriu-se mais tarde que não era, mas sim um outro leitão muito parecido com ele, e que fora convidado pelo próprio Marquês para

visitar o terreiro de Dona Benta por aqueles dias, exatamente para ser confundido por tia Nastácia (“**O Marquês de Rabicó**”, 79 a 81; 95, 96). A cozinheira estava na companhia de Narizinho quando esta leu a carta com o pedido de casamento do Príncipe Escamado. A menina ajudava tia Nastácia a enrolar rosquinhas de polvilho e espantou a mulher, que arregalou os olhos, ao dizer que aceitava se casar. Tia Nastácia benzeu-se com ambas as mãos, gesto invariavelmente feito ao deparar-se com algo que a espantava ou fugia à sua compreensão, depois de ouvir Dona Benta falar das aventuras de seus netos, e dizer que não estranharia se a menina lhe dissesse que era bisavó de uma sereiazinha. Então, avisou: “- Credo! Até parece bruxaria... Mas se chegar esse tempo, Sinhá, mecê que trate de arranjar outra cozinheira. Assim catacega como sou, tenho medo de escamar e fritar um bisneto de mecê pensando que é alguma traíra...” (“**O casamento de Narizinho**”, 102, 103). Os sustos da ingênua mulher com o que não compreendia ou não aceitava levavam-na também a fazer acompanhar suas frases com a interjeição “Credo”. O expediente de atribuir os fatos extraordinários presenciados no sítio a bruxedos era outra característica marcante de seu temperamento e também se verificou na ocasião em que Emília pescou uma trairinha com o anzol de alfinete feito pela cozinheira, que comentou: “- Credo! Até parece feitiçaria!...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 40). Pedrinho gostava de assustá-la, por isso lembrou-se dela quando, no passeio pela Floresta Vermelha, a mata de corais do Reino-das-Águas-Claras, quis saber se era lá a morada dos polvos, já que queria levar um para pôr medo na cozinheira (“**O casamento de Narizinho**”, 111). Quando chegou a comitiva do Príncipe Escamado ao sítio, tia Nastácia foi chamada para ver quem batia, e, como sempre fazia, olhou pelo buraco da fechadura antes de abrir. Ficou assombrada com o que viu: “- Credo! (...) O mundo está perdido, Sinhá!... (...) É uma bicharia que não acaba mais, Sinhá! O terreiro está ‘assim’ de peixe, de concha, de caranguejo, de quanto bichinho esquisito há lá no mar. Até nem sei se estou acordada ou dormindo...” Aconselhou Dona Benta a não abrir a porta por estar com muito medo, apesar de as crianças garantirem que nada havia para temer. Orientados por Pedrinho, as criaturinhas do mar entraram pela janela, pois a medrosa cozinheira já havia colocado uma tranca na porta e se preparava para construir uma barricada de modo a impedir a entrada dos visitantes. Quando se deu conta de que entravam pela janela, a cozinheira se apavorou. Pediu ajuda a sua patroa, fez o sinal da cruz, e correu assustada para a cozinha. Acabou, porém, tal como Dona Benta, por perder o medo dos bichinhos do mar ao constatar que não mordiam. Fez amizade, inclusive, com Senhorita Sardinha, ou Miss Sardine, como era conhecida no reino. Mostrou a ela os utensílios da cozinha, os temperos, e divertiu-se com a ingenuidade da pequenina acerca do mundo dos seres humanos. A cozinheira deixou-a

sozinha na cozinha por um tempo e foi ter com Dona Benta, que a chamara para curarem o estupor do pinto sura com a ajuda das pílulas do Doutor Caramujo. Tia Nastácia não podia acreditar que um caramujo pudesse entender de remédios, mas fez exatamente como ele ensinou para administrar a pílula ao franguinho: colocou-a dentro de um canudinho para assoprá-la na garganta do pinto. A ave foi mais rápida e assoprou primeiro e a cozinheira engoliu a pílula. A boa senhora ficou apreensiva com a possibilidade de a pílula lhe fazer mal, mas foi tranqüilizada pelo médico, quando lhe falou dos benefícios do medicamento na cura de alguma enfermidade que ela por ventura tivesse. Isso de fato ocorreu, pois sarou de uma “tosse de cachorro” que a perseguiu havia semanas, e com isso passou a ter fé nas tais pílulas, chegando mesmo a recomendá-las para as pessoas conhecidas. Durante a ausência de tia Nastácia da cozinha, deu-se uma tragédia. A pobre Miss Sardine, encantada com a gordura fervente na frigideira, atirou-se dentro do recipiente, acreditando ser um pequeno lago, e morreu frita. O ocorrido deixou todos imensamente tristes, e a cozinheira contou a Narizinho o que se passara, com lágrimas nos olhos. Ao cheirar a sardinha frita, entretanto, gostou e provou um pedacinho. Depois ofereceu um pedaço a Dona Benta, que recusou, e a cozinheira, ainda chorando, devorou a sardinha inteira (“**Aventuras do Príncipe**”, 127 a 129; 131 a 135; 145, 146). Com a partida da corte do Príncipe Escamado do sítio, as atenções voltaram-se para o gato que ali surgira e pensavam ser o célebre Gato Félix. Narizinho quis conhecer sua história e pediu-lhe que a contasse. Por sugestão dele, a história de sua vida foi contada à noite, depois que tia Nastácia acendeu o lampião da sala. Esse ato da cozinheira, ressaltou-se, marcava o momento das histórias contadas por alguém ou lidas por Dona Benta na sala. A boa cozinheira ouviu tudo atentamente e fez o sinal da cruz ao ouvir do gato, num dado momento de seu relato, que não lhe restava outra alternativa a não ser deixar-se engolir por um tubarão para tentar salvar-se depois: “- Credo! (...) É por essas e outras que nunca hei de sair do meu cantinho...” Foi a boa senhora quem primeiro percebeu o sumiço dos franguinhos do galinheiro e quem, avisada pelo Visconde de Sabugosa, avançou com a vassoura sobre o gato ladrão de pintos que se passara pelo famoso Gato Félix (“**O Gato Félix**”, 149 a 171). Na ocasião da visita das personagens das histórias maravilhosas ao sítio, houve a necessidade de se retirar o Visconde de Sabugosa do lugar onde permanecera por uma semana: atrás da estante. Com a ajuda de Pedrinho, Narizinho o pegou e, vendo-o todo embolorado, sujo de poeira e de teias de aranha, a menina recordou o que tia Nastácia pensava a respeito dos sábios: a cozinheira não acreditava em sábios que tomavam banho, faziam a barba e se perfumavam; para ela, um sábio de verdade era como o Visconde, “bem sujinho”. Quando a gentil cozinheira surgiu na sala com a bandeja de café, manifestou de seu modo peculiar o

encanto de ver-se diante de todas aquelas criaturas, e chamou a atenção da princesa Branca-de-Neve com seu discurso: “- Credo! (...) Não sei onde Narizinho descobre tanta gente importante e tanta princesa tão linda! A sala está que até parece um céu aberto...” A princesa quis saber quem era aquela mulher e perguntou baixinho a Emília, que respondeu com ar maroto: “- Pois não sabe? (...) Nastácia é uma princesa núbia que certa fada virou em cozinheira. Quando aparecer um certo anel, que está na barriga dum certo peixe, virará princesa outra vez. Quem vai danar com isso é Dona Benta, que nunca achará melhor cozinheira.” Nesse momento mesmo em que trazia o café, ao servir Narizinho, a menina notou algo preso à saia da mulher. Perguntou-lhe o que era aquilo, mas ela mesma viu que parecia ser uma coroinha. Tia Nastácia também abaixou-se para olhar e, mais uma vez, atribuiu o desconhecido a alguma feitiçaria, tal como já fizera quando viu Emília pescar uma traíra e na ocasião em que Narizinho decidiu casar-se com o Príncipe Escamado: “- Credo! (...) Até parece feitiço. Uma coroinha de rei, sim... É que fui ao quintal buscar um pau de lenha e quase nem pude andar de tanto rei e fada e princesa que vi por lá. Com certeza esbarrei nalgum reizinho e a coroa enganchou na minha saia. Mas não foi por querer, não. Credo!...” Tia Nastácia foi citada por Emília quando pediu à princesa Branca-de-Neve que desse à cozinheira um dos anões, a fim de ajudá-la nas tarefas da cozinha, e no momento de a bonequinha, Narizinho e as princesas decidirem em que deveriam virar o Visconde. O pobre sábio caíra do alto da porta e ficara desmaiado, parecendo que nunca mais voltaria a si. A bonequinha sugeriu que o sábio fosse transformado num pilãozinho de socar sal, pois tia Nastácia andava precisando de um. A idéia de Emília foi aceita e Cinderela bateu no Visconde com sua varinha, fazendo surgir um pilãozinho do jeito que a cozinheira queria. Ela, ao ver o utensílio, ficou assustada, mas depois disse: “- Mas eu não tenho coragem de socar sal nesse pilãozinho! Pego a imaginar que já foi o Visconde e morro de dó. Em todo caso, fico muito agradecida a Dona Cinderela pelo lindo presente.” Guardou o pilão na prateleira e refletiu: “- O mundo está perdido!... Quando eu havia de pensar que o Visconde ia ter este fim? Não valem nada nesta vida. Quando chega a hora de virar, pode ser rei, pode ser Visconde, a gente vira mesmo – e ainda é bom quando vira pilão...” Tia Nastácia ainda teve um outro momento de destaque nesse episódio da visita das personagens das histórias ao sítio. Foi quando o lobo que devorou a avó de Chapeuzinho Vermelho apareceu no terreiro e arrombou a porta, tentando entrar para comer Dona Benta. O susto de Narizinho e das princesas foi tão grande, que desmaiaram, e Emília não encontrou outra solução a não ser gritar pelo socorro da cozinheira. Ela, ao ouvir o berro da bonequinha, veio depressa e trouxe seu famoso instrumento de ataque, a vassoura, com a qual espantou a fera com três bons

golpes no focinho. Disse à terrível criatura: “- Lobo sem-vergonha! Vá prear no mato que é o melhor. Dona Benta nunca foi quitute pra teu bico, seu cão sarnento!...” Emília ficou impressionada com a intrepidez da boa senhora: “- Bravos!... (...) A senhora é tão valente que até merece casar com o pássaro Roca.” Tia Nastácia não se deixou levar pelo elogio da boneca, porém; continuou senhora daquela situação, orientando Emília com dinamismo, e querendo, como era comum em seu comportamento, apontar a necessidade de ações práticas: “- Em vez de dizer bobagens, antes me ajude a acordar estas princesas. Traga depressa uma caneca de água fria, ande...” Ao despertar do desmaio, Chapeuzinho Vermelho ficou tão agradecida à Tia Nastácia por ter espantado o lobo, que abraçou a corajosa cozinheira e prometeu-lhe mandar uma cesta de bolinhos (“**Cara de Coruja**”, 179; 189 a 194). Tudo o que a boa mulher ouvia e não entendia era “inglês”. Por isso, ao escutar o Visconde de Sabugosa conversar “cientificamente” com Pedrinho sobre a possibilidade de a madeira de que foi construído o Pinocchio também existir no sítio, resmungou, com a trouxa de roupa na cabeça: “Que mania essa do Visconde de só falar inglês agora! Credo!”. Com a descoberta do que Pedrinho acreditava fosse o pau vivente, enganado por Emília e pelo Visconde, restava construir o irmão do Pinocchio. O menino estranhava a “mudez” do pau, pois, ao ser encontrado no campo, gemera de cortar o coração. No momento em que o menino contou, entusiasmado, a todos sobre a descoberta do tronco que gemia, a boa cozinheira repetiu inúmeros “pelos-sinais” e murmurou outros tantos “credos” como nunca fizera antes. A bonequinha, porém, preocupada com a possibilidade de perder o cavalinho de madeira que conseguira de Pedrinho pela idéia da procura pelo pau vivente e pela feitura do irmão do Pinocchio, já explicara, engenhosamente, aquele silêncio do pau. Era necessário, então, construir o boneco. Cada um, no entanto, queria que o irmão da famosa personagem tivesse uma aparência, de modo que o menino teve a idéia de um concurso de desenho. O vencedor teria seu modelo adotado. Todos foram convocados a participar e, durante meia hora, só se fez isso na casa. Acabados os desenhos, Pedrinho os prendeu na parede para que fossem julgados. Estavam todos muito engraçados, mas o de tia Nastácia “não tinha forma de gente”; de tão feio, seu boneco parecia “um coisa-ruim de carvão”, levando todos ao riso por isso. Iniciada a votação pelo melhor desenho, cada um votava no seu próprio, o que obrigou Pedrinho a pensar em tirar a sorte. Enrolados os papéis com os nomes, Dona Benta, por ser a mais velha, tiraria o nome do vencedor do concurso. Emília protestou, pois queria que fosse ela a sortear. Como não tirasse a mão do bolso da saia enquanto fazia seu protesto, intrigou sua dona, quem constatou, à força, a existência de um papelzinho dobrado de modo idêntico àqueles que seriam sorteados. Descoberta a tentativa de trapaça de Emília, em princípio ela foi criticada

por todos, depois riram ao perceberem que a boneca havia escrito “O MEU” no lugar de seu nome. Tia Nastácia, entretanto, não aceitou a atitude da boneca, e tamanha foi sua consternação, pura de sentimentos e de ações que era, que chegou, com sua fala, a levar Dona Benta a fazer a primeira repreensão à Emília. A boa cozinheira ralhou: “- Ché, que fiasco! (...). Nunca vi ação mais feia. Eu, se fosse Dona Benta, não deixava que essa cavorteiragem fosse passando assim sem mais nem menos. Dava umas palmadinhas nela, ah, isso dava mesmo! Onde se viu querer empulhar a gente dessa maneira? Credo!” A bonequinha pôs-lhe uma língua comprida, ouviu a repreensão de Dona Benta e saiu batendo o pezinho fortemente, para o assombro da cozinheira, que a comparou a uma “cascavelzinha”. Tirada a sorte, entretanto, o nome sorteado foi o da cozinheira do sítio. Apesar de isso desapontar a todos, já que tia Nastácia era a autora do desenho mais feio, ela ficou encarregada de transformar o desenho no irmão de Pinocchio, usando o pau vivente. Emília, por causa do que ouvira da cozinheira, ficou ofendida e chegou a pensar em ir embora do sítio, indignadíssima que estava com a possibilidade de receber umas palmadas. Aceitou ficar, mas quis ganhar o alfinete de pombinha carijó de tia Nastácia em troca de fazer as pazes com ela. A cozinheira fechou-se na cozinha por uma hora para modelar o boneco. Para ela, o irmão de Pinocchio não havia ficado “bonito”, mas muito simpático”. Não foi o que os outros pensaram ao ver o resultado de seu esforço, todavia, pois estava, de fato, muito feio e desajeitado: “Os braços saíam do meio do corpo, quase; os pés não tinham jeito de pés; o nariz era um fósforo cabeçudo espetado no meio da cara; e a cabeça, em forma de castanha de caju, estava pregada nos ombros por meio de um prego torto, cuja ponta aparecia nas costas.” Pedrinho ficou “danado” com o que viu, pois achava que aquele “monstro” desmoralizava a família. Narizinho quis saber se o pau vivente, com o qual a cozinheira construía o horrendo boneco, gemera no momento em que ela o cortara. Tia Nastácia respondeu negativamente: “- Nada, nada! Não deu o menor sinal de vida. Mesmo que um pau de lenha à-toa.” O boneco foi batizado de João Faz-de-conta por Emília e, conforme combinara com Narizinho, a boneca recebeu o alfinete de pombinha carijó da cozinheira. Em princípio, tia Nastácia não queria dar o alfinete, mas a menina insistiu e ela cedeu: “- Tome lá, ciganinha! [para Emília] (...) Não sei por quem você puxou esse espírito interesseiro. Estou vendo o dia em que acaba pedindo os óculos e a dentadura de Dona Benta. Credo!... (**“O irmão de Pinocchio”**, 201; 207 a 213). Teve de pagar com dinheiro de verdade por sua cadeira reservada para o espetáculo de circo montado pelas crianças, mas como “era a negra mais regateadeira deste mundo”, de tanto pechinchar com os mascates sírios que passavam pelo sítio, barateou sua entrada de um cruzeiro para 80 centavos. Obteve o desconto com a promessa de providenciar um tabuleiro de cocadas e pés-de-moleque para o evento.

Vestiu para o espetáculo um vestido emprestado por Dona Benta (“**O circo de cavalinhos**”, 235; 245). Quando as crianças e os bonecos foram dormir mais cedo, para que pudessem sair de madrugada e encontrar o menino invisível, foi com tia Nastácia que Dona Benta comentou, sem nada saber dos planos da viagem: “Temos novidades amanhã!...” Emília lembrou-se da cozinheira ao recomendar ao fabulista Esopo, na despedida do País-das-Fábulas: “- (...) Apareça lá no sítio para tomar um cafezinho coado na hora. O senhor também, Seu Esopo. Mas vá de paletó e calça, senão tia Nastácia se assusta.” (“**Pena de papagaio**”, 256, 284). Assustou-se tremendamente quando soube que o burro que trouxe as crianças do País-das-Fábulas sabia falar. Com o tempo, porém, tornou-se grande amiga dele, e conversavam muito enquanto lhe passava a raspadeira. Emília até chegou a dizer: “- Isto ainda acaba em casamento!...” Por causa dessa amizade, mesmo não tendo ido com as crianças às terras das Mil-e-Uma-Noites, soube de tudo pelo burro e não se deixou enganar por Dona Benta (“**O pó de pirlimpimpim**”, 289, 290; 310).

TIO BARNABÉ – Foi citado por Pedrinho na ocasião da montagem do circo pelas crianças. Como fosse necessário um cão para proteger o sítio da chegada de personagens malvadas, Pedrinho falou: “Pedirei ao tio Barnabé que nos empreste o Maroto por uma semana. Preciso dele para não deixar que ninguém penetre por baixo do pano – e também para ser atizado contra Barba Azul, Capitão Gancho ou qualquer outro pirata que apareça.” (“**O circo de cavalinhos**”, 234).

VACA MOCHA – A vaca criada por Dona Benta no sítio. As primeiras menções a ela foram realizadas pelo Visconde de Sabugosa e por Narizinho, na circunstância do pedido de casamento feito a Emília. O Visconde fez uma visita à boneca, com o propósito de pedir sua mão para o filho, o Marquês de Rabicó, e conversou com a menina do nariz arrebitado, que perguntou sobre a mãe dele. Depois de o boneco de sabugo dizer, suspirando, que sua mãe, Dona Palha de Milho, havia falecido “num horrível desastre”, a menina quis conhecer toda a história, e o Visconde explicou, com lágrimas nos olhos: “- Pois é. Foi comida pela vaca mocha ...” Narizinho comentou, então: “- A pobre! (...) Eu sinto bastante, Visconde, mas o mundo é isto mesmo. Um come o outro. A vaca mocha come as donas Palhas e a gente come as vacas. A vida é um come-come danado! Estou aqui estou apostando que também os seus filhos foram comidos pelas senhoras galinhas...” (“**O Marquês de Rabicó**”, 84). Na viagem para o Reino-das-Águas-Claras, quando as crianças, Emília, o Visconde, o Marquês e o Doutor Caramujo se encontravam juntos no coche que os levaria até os domínios do Príncipe

Escamado, onde a menina do nariz arrebitado se casaria com o soberano, a vaca foi novamente mencionada. Primeiramente por Emília, para insultar o Visconde de Sabugosa: “- Não ligo a vegetais (...) que antes de serem viscondes andavam jogados no chão, perto do cocho das vacas, sujos de terra e outras coisas, sem cartola nem nada... O Visconde é muito importante, mas treme de medo cada vez que passa perto da vaca mocha...” No prosseguimento dessa conversa, Narizinho explicou ao Doutor Caramujo, no momento em que este inquiriu a respeito do medo do Visconde pelas vacas: “Ele [o Visconde de Sabugosa] é sabugo e todo sabugo assim que vê uma vaca finca o pé no mundo. Não sabe que as vacas preferem comer um sabugo a comer um bombom? A mãe do Visconde, o pai do Visconde, os irmãos, os primos, os tios, o sogro – a parentela inteira do Visconde, todos os sabugos lá do sítio de vovó foram mascados pela vaca mocha. Só escapou este, porque usa cartola e vaca tem medo de sabugo de cartola.” (“**O casamento de Narizinho**”, 109). A vaca mocha teve destaque na ocasião da visita da corte do Príncipe Escamado ao sítio. Por este tempo, Narizinho já se tornara esposa de Sua Alteza, e o conduziu no passeio pela propriedade de Dona Benta para mostrar-lhe tudo que lá havia. Como o Príncipe nunca vira uma vaca, estava impaciente por ser apresentado à mocha. Antes de ver o quadrúpede, o soberano do reino marinho acompanhou as primeiras explicações de Narizinho: “- A vaca mocha (...) é a senhora mais importante aqui do sítio – depois de vovó e tia Nastácia. Muito bondosa, incapaz de fazer mal a um mosquito.” Escamado não podia entender como comera, então, toda a família do Visconde de Sabugosa, sendo tão boa. Narizinho esclareceu que tal acontecera por ser a parentela do Visconde toda formada de sabugos, o que a mocha não perdoava mesmo, e mascava. Para “gente de carne”, porém, explicou a menina, a vaca não fazia mal algum; nem minhoca ela comia, e isso Pedrinho já confirmara, ao deixar no cocho do animal uma daquelas bem gordas, que fora, no entanto, recusada. Assim que chegaram à cocheira, na companhia de Emília, Narizinho apresentou: “- Pois é esta a mocha, Príncipe (...). Veja que respeitável senhora é, que pêlo macio, que pontudos chifres. Mocha quer dizer sem chifres. Esta é a única exceção que há no mundo, isto é, aqui no sítio.” O Príncipe começou a fazer uma série de perguntas sobre a vaca: quis saber sobre os úberes, a cauda, os chifres, as pernas e como fabricava o leite. Narizinho respondeu a todas as questões: afirmou que tomava um copo do leite da mocha todas as manhãs, disse que o bicho não chifrava ninguém, apenas cães que se aproximavam dela, latindo. Não soube explicar como a mocha produzia o leite, contudo: “- Está aí uma coisa que não sei (...). A mocha come capim, come abóbora, come sabugo, mastiga tudo muito bem, engole – e sai leite do outro lado pelas torneirinhas. Tudo quanto come vira em leite. Se comer o Visconde, vira-o em leite também. É um mistério que não

entendo.” Emília tentou explicar a seu modo tal mistério: achava que o leite fosse resultado da mandioca comida todos os dias pela vaca. Sua dona considerou a explicação uma completa bobagem e se desculpou com o marido pelas asneiras da bonequinha. O Príncipe nem ouviu o que Emília disse, pois estava fascinado com o animal de quatro patas e não tirava os olhos dele. Acabou manifestando o desejo de levá-lo para seu reino, mas Narizinho avisou, com pesar: “- Impossível, Príncipe! (...) Em primeiro lugar, a mocha é de vovó e vovó não deixa; em segundo lugar, beberia pelo caminho tanta água do oceano que o leite ficaria salgado.” Escamado lamentou a impossibilidade de ter seu desejo satisfeito, pois considerou que aquela senhora faria um enorme sucesso em sua corte. Emília acreditava na chance de Dona Benta aceitar trocar a mocha por uma baleia, já que o imenso animal produzia leite também. Narizinho perguntou à bonequinha onde a avó iria deixar a baleia, e ela assim respondeu: “- Aqui na cocheira, ora essa! Se a mocha pode morar aqui por que não o poderia a baleia? Em que a tal baleia é melhor que a mocha, diga?” Farta das asneiras da bonequinha, a menina enfiou-a no bolso do avental, no mesmo momento em que a vaca deu um mugido. O Príncipe não esperava pelo ruído e chegou a cair para trás de susto. Narizinho o acudiu, explicando com todo carinho: “- Coitadinho do meu maridinho! (...) Não precisa assustar-se assim, bobo. A mocha dá esses berros só de brincadeira...” Disse isso enquanto ajudava o peixinho a compor suas escamas, todas fora do lugar, depois do susto. Emília ainda tentou, antes que o Príncipe Escamado e sua comitiva partissem do sítio, propor a troca da vaca mocha por um tubarão (“**Aventuras do Príncipe**”, 140 a 144; 147). Quando a bonequinha ouviu a história da vida do falso Gato Félix, encantou-se com a palavra “quadragésimo” usada por ele para se referir ao andar do arranha-céus em que nascera nos Estados Unidos. Conforme ele contou aos habitantes do sítio, nascera precisamente no quadragésimo terceiro andar, e Emília exclamou, sugerindo: “- Quadragésimo! (...) Que bonito nome! Eu, se fosse Dona Benta, batizava a vaca mocha de Quadragésima...” (“**O Gato Félix**”, 152).

VAGA-LUMES DE CIRCO – Durante o jantar oferecido pelo Príncipe Escamado a Narizinho, no Reino-das-Águas-Claras, três desses vaga-lumes fizeram mágicas. Isso aconteceu nos intervalos da apresentação da orquestra de cigarras e pernilongos, e foi muito apreciado o número em que os insetos comeram fogo (“**Narizinho Arrebitado**”, 14).

VELHA – Personagem da história contada pela boneca Emília na ocasião da visita do falso Gato Félix ao sítio. De acordo com a narrativa da bonequinha, essa velha surgiu no caminho do príncipe que procurava uma esposa, e a ela ele perguntou: “- ‘Velha dugudéia, diga-me, se

for capaz, se há por aqui uma pastora assim, assim, e de bom coração.” A velha respondeu: “- ‘Há muitas pastoras por aqui (...), mas se tem bom coração não sei. Só experimentando.’” O príncipe quis saber como se experimentava o coração de uma pastora, e a velha ensinou: “- ‘Virando num pobre bem pobre e indo pedir-lhe esmola.’” O príncipe, que já havia se transformado em formiguinha para empreender sua jornada, virou um pobre e saiu a pedir esmolas às pastorinhas de seu caminho. Pediu esmola a três moças, sendo a terceira a sua escolhida, por ser possuidora de muito bom coração. Com ela casou-se, transformando-a, depois, numa princesa belíssima (“**O Gato Félix**”, 160 a 164).

VELHA BRUXA – Ela surgiu no sítio quando Narizinho e Emília estavam visitando o Reino-das-Abelhas. Conforme Pedrinho contou à prima, era “uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço”. Teria perguntado a ele: “‘Menino (...), é aqui a casa onde moram duas velhas dugudéias em companhia duma menina pequenina de nariz arrebitado, muito malcriada?’” Pedrinho afirmou, enquanto contava o ocorrido, que ficara furioso com a pergunta, e, por isso, dera uma resposta atrevida para a velha. Ela, então, teria dito: “‘Ah, é assim?(...) Espere que te curo!’” Transformou-o, em seguida, em pássaro tiziu. Dona Benta foi transformada em tartaruga, e tia Nastácia, em galinha preta. Narizinho ouviu o relato de Pedrinho estando o menino na forma da ave e desconfiou que a velha poderia ser Dona Carochinha, mas não disse o nome da baratinha. Tom Mix, que a acompanhava, quis saber do acontecido e a menina lhe contou. O *cowboy* disse: “- Deixe tudo por minha conta, princesa, e não duvide da minha arte de resolver situações complicadas. Siga viagem que eu vou dar volta pelos arredores a fim de apanhar essa velha. Juro que hei de trazê-la bem segura, para que desfça o mal que fez...” Narizinho estava com o pássaro tiziu em seu ombro quando se encaminhou para o sítio na companhia de Emília. Ficou imensamente triste ao chegar, pois tão logo apeou do cavaleiro que montava, ouviu o cacarejar de uma galinha dentro de casa: era tia Nastácia. No momento em que adentrou a sala de jantar, viu uma tartaruga de óculos costurando: tratava-se de Dona Benta. A menina se desesperou e caiu em prantos, e confessou à Emília seu receio de que nem Tom Mix pudesse resolver aquele assunto. A bonequinha tranquilizou a menina do nariz arrebitado, pois confiava no *cowboy*. Passados três dias, exatamente como havia antecipado, Tom Mix retornou com a feiticeira, apontando-lhe dois revólveres, enquanto a malvada caminhava à frente dele, de braços erguidos. Mix gritou no ouvido da velha: “- É agora! (...) Vais desfazer o mal que fizeste, senão te como os fígados, já neste momento!...” Narizinho ficou horrorizada com a feiúra da feiticeira e fechou os olhos. Ao reabri-los, viu tia Nastácia a sua frente, que lhe disse: “Acorde menina! Parece que está com pesadelo...” A neta de Dona

Benta quis saber da avó e de Pedrinho, e, ao descobrir que estavam bem, em seus costumeiros afazeres, perguntou por Tom Mix. A cozinheira respondeu-lhe: “ – Deixe de bobagens e venha tomar o seu café que já está esfriando...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 76 a 78).

VELHA DA HISTÓRIA DO FALSO GATO FÉLIX (I) – A personagem, de acordo com o relato do gato, surgiu quando ele desembarcou do navio onde viajara depois de sair da barriga de um tubarão. Era muito velha e coroca, e carregava um porretinho. O gato teria se aproximado dela e perguntado a respeito da localização do lugar onde o demo perdera as botas. Ela teria ficado admirada com a pergunta, arregalado os olhos, e aberto “uma boca de bagre sem um só dente nas gengivas”. Teria respondido: “- ‘Não sei, gatinho. Mas se você for andando, andando sem parar, aposto que um dia chega a essa terra.’” O felino afirmou que aceitara o conselho da velha e continuara andando (“**O Gato Félix**”, 156, 157).

VELHA DA HISTÓRIA DO FALSO GATO FÉLIX (II) – O gato afirmou aos ouvintes do sítio que essa personagem era ainda mais velha e mais coroca do que a primeira. Ao ouvir isso, Emília riu muito e disse que a terra da narrativa do felino era esquisita, pois nela havia muitos velhos, e, por isso, deveria ser o “país de Matusalém”. O gato ficou desapontado, mas continuou sua história, e relatou que fizera a essa velha a mesma pergunta feita à primeira: onde seria o local em que o demo perdera as botas. A resposta da segunda anciã teria sido: “‘Esse lugar não existe, gatinho. O demo nunca teve botas. Você não sabe que o que ele tem são cascos?’” Quando a bonequinha quis saber o que acontecera depois disso, o gato respondeu-lhe que parara de procurar a tal terra e fora cuidar de outra coisa, encerrando o relato. A decepção dos ouvintes com a história foi geral, porém somente Emília disse isso abertamente para o gato (“**O Gato Félix**”, 157, 158).

VELHO CARANGUEJO – Tirou uma gorda taturana para valsar na grande quadrilha que se seguiu à contradança do Príncipe e de Narizinho, no baile que o soberano ofereceu em honra da menina, no Reino-das-Águas-Claras. O velho caranguejo apertou tanto a taturana, que a penetrou com seu ferrão. A dama gritou ao perceber que estava ferida, e o Doutor Caramujo foi chamado rapidamente para curá-la (“**Narizinho Arrebitado**”, 21, 22).

VELHO DA HISTÓRIA DO FALSO GATO FÉLIX – Era um sábio, de longas barbas brancas. O gato teria se aproximado dele e perguntado a respeito da localização do lugar onde o demo perdera as botas. O velho sábio teria respondido: “‘Fica pertinho dos confins do

Judas.” O felino afirmou aos habitantes do sítio, ouvintes de sua narrativa, que encarou tal resposta como uma troça do velho, e, por isso, fora embora, continuando a andar (“**O Gato Félix**”, 157).

VESPA-FADA – Ela estava na flauta do fauno vislumbrado por Narizinho e pelo boneco João Faz-de-conta, na ocasião em que a menina viveu outra experiência maravilhosa no pomar do sítio. Mesmo a menina falando baixo, assustou o fauno e as ninfas que dançavam em torno dele, ao som daquele instrumento. Na fuga das criaturas, a flauta foi deixada. Quando a menina a apanhou, ansiosa por apoderar-se dela, apertou-a com muita força e a partiu, por ser de barro. De dentro dela saíram várias vespas, que voaram desesperadas na direção das ninfas. Apenas esta ficou, presa entre os dedos de Narizinho. Ao examiná-la com cuidado, a menina comentou que era muito esquisita, e, por isso, Faz-de-conta também a olhou, recordando: “Estou reconhecendo esta vespa. Quando o tronco de pau de que fiz parte era árvore viva, cheia de flores cada mês de setembro, muitas vezes a vi lá em nossos galhos. Desconfio que é uma fadazinha disfarçada em vespa.” Narizinho não compreendia a razão de não ter fugido como as outras, deixando-se aprisionar em seus dedos. Mal terminou de dizer isso, ouviu a explicação da própria vespa: “- Porque queria conversar com você ...” Narizinho ficou eufórica ao perceber que se tratava de uma fada mesmo, e daquelas que falavam, como comentou com o boneco, ao contrário da fada Sininho, que só fazia “*tlin, tlin, tlin*”. A vespa-fada contou-lhe, então, toda sua vida e disse que corria mundo à procura de um alfinete mágico, uma varinha de condão poderosíssima, na verdade, que se encontrava perdida entre as pessoas comuns. Sem ele, explicou a vespa, ela não poderia ser uma fada com o poder de virar uma coisa em outra. Narizinho chegou a ficar com o coração acelerado ao saber disso, pois se lembrou do alfinete que Emília havia ganhado de tia Nastácia. Para ter certeza de que a varinha de condão era, de fato, aquele objeto, perguntou isso à vespa, oferecendo as características do alfinete, inclusive. A vespa, então, falou admirada: “- Isso mesmo! Como sabe?” Narizinho pensou na possibilidade de Emília vir a ser uma fada de pano, e, temendo que a vespa tomasse o alfinete da bonequinha, resolveu disfarçar, dizendo que não sabia de nada, e que apenas sonhara com tudo aquilo. A vespa não se convenceu, percebeu a mentira, escapou da mão de Narizinho e foi pousar no galho de uma árvore. De lá falou: “Estou vendo que você sabe onde está o alfinete e não quer me contar.” João Faz-de-conta orientou a menina do nariz arrebitado, cochichando-lhe ao ouvido: “- Não caia nessa! Não conte! Você lá sabe se ela merece? Com fadas é preciso muita cautela, porque se algumas são anjos de bondade, outras são más como bruxas.” A vespa gritou do galho: “- Estou ouvindo tudo! (...)

E para castigo vou dar uma ferroteada bem venenosa na ponta do nariz dessa menina má. Esperem aí!...” Nesse momento inchou tanto, que ficou do tamanho de uma aranha caranguejeira, e se lançou contra Narizinho. Ela gritou pelo socorro de Faz-de-conta, e fechou os olhos. O boneco, sem hesitar, colocou-se entre a menina e a terrível vespa, retirou o prego que segurava sua cabeça, empunhando-o como se segurasse uma espada, e fez menção de atacar a malvada. Com o gesto descrito, a cabeça do boneco rolou para dentro do ribeirão, e a vespa se assustou ao se deparar com aquela estranha criatura, desaparecendo no ar (“**O irmão de Pinocchio**”, 219 a 221).

VISCONDE DE SABUGOSA – Feito de sabugo, “ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba...”. Pedrinho o fez a pedido de Narizinho, que queria “um bom visconde de sabugo, bem respeitável” para se fazer passar pelo pai do Marquês de Rabicó, com quem a menina queria que a boneca Emília se casasse. O Visconde iria pedir a bonequinha em casamento para seu filho. O menino “botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo – e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha...”. O sinal na testa foi feito também a pedido da menina do nariz arrebitado, que contou uma história a Emília para convencê-la a se casar com Rabicó. Tal história dava conta do seguinte: o Visconde era um soberano de um reino atrás do morro. Tinha um sinal de coroa em redor da testa e, para escondê-lo, usava sempre uma cartola. Seu filho, o Marquês de Rabicó, que era príncipe, portanto, foi transformado em porco por uma fada má. O encanto somente seria desfeito quando o Marquês encontrasse um anel mágico escondido na barriga de uma minhoca. Era por essa razão que Rabicó vivia fossando a terra, à procura de minhocas. Narizinho disse à Emília que o próprio Visconde havia-lhe revelado essa história. O Visconde era viúvo, e sua mãe, Dona Palha de Milho, havia sido comida pela vaca mocha (“**O Marquês de Rabicó**”, 82 a 84). Quando Narizinho aceitou casar-se com o Príncipe Escamado, do Reino-das-Águas-Claras, foi para lá com Emília, Pedrinho, Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa, que serviria de padrinho. Por isso, a fita de sua cartola foi mudada pela menina, que também pediu à Emília que o escovasse da cabeça aos pés. O Visconde estava mudando de gênio, por esta época. Como disse a menina, depois que caíra atrás da estante de Dona Benta e lá ficara esquecido três semanas, embolorara e dera para sábio. Parecia que os livros haviam pego ciência nele. Falava numa linguagem difícil, e era “física praqui, química prali...”. Narizinho comentou com Pedrinho que ele implicava muito com o Marquês de Rabicó, quando disse que o leitão levaria pelotadas de bodoque caso não se comportasse no reino do Príncipe Escamado.

Pedrinho, então, comparou-o ao Visconde, descrevendo-lhe a postura: “Veja o Visconde. Não passa dum simples sabugo de milho, mas como é distinto, palaciano, todo cheio de medidas! Quando se senta numa cadeira, fica ali horas, dias, semanas inteiras sem incomodar ninguém.”. O Visconde aprendera os nomes científicos das coisas e, quando Narizinho pediu a ele que dissesse o nome dos caramujos, prontamente respondeu: “- O Senhor Caramujo é um molusco gasterópode do gênero Líparis.” A ciência do Visconde entusiasmou a menina, que chegou a bater palmas depois de ouvi-lo. A mesma pergunta havia sido feita ao ilustre Doutor Caramujo, que acompanhava Narizinho e seus amigos ao reino do Príncipe Escamado, no coche de gala, e ele não soubera responder, demonstrando mesmo cara de quem nem soubesse que tinha nome científico. O conhecimento do Visconde acerca dos nomes científicos, porém, irritou Emília, pois quando sua dona botou-o à prova novamente e disse apostar que ele não soubesse o nome científico da bonequinha, ele pigarreou e respondeu: “- A Senhora Emília é um animal artificial que não está classificado em nenhuma zoologia.” Emília não gostou da resposta e passou a provocar o Visconde fazendo referência ao fato de ser um sabugo de milho, que antes de ser visconde andava jogado no chão, perto do cocho das vacas, sujo de terra e outras coisas, sem cartola, nem nada. Ela disse ainda que o Visconde era importante, mas tremia de medo da vaca mocha. Doutor Caramujo perguntou se o Visconde tinha mesmo medo de vacas, embora não soubesse o que era uma, e Narizinho respondeu: “- Como não? (...) Ele é sabugo e todo sabugo assim que vê uma vaca finca o pé no mundo. Não sabe que as vacas preferem comer um sabugo a comer um bombom? A mãe do Visconde, o pai do Visconde, os irmãos, os primos, os tios, o sogro – a parentela inteira do Visconde, todos os sabugos lá do sítio de vovó foram mascados pela vaca mocha. Só escapou este, porque usa cartola e vaca tem medo de sabugo de cartola.” Ao chegarem ao palácio, no momento em que o Príncipe manifestou a intenção de acomodar os acompanhantes de sua noiva nos seus maravilhosos aposentos, Narizinho lhe lembrou que ele não conhecia os gostos de seus companheiros. No caso do Visconde, ela disse que bastava enfiá-lo numa estante, pois era um sábio e só queria saber de livros. Como o Príncipe realmente desconhecesse as preferências de seus hóspedes, comentou a idéia de instalar Emília no chiqueiro do Marquês de Rabicó. A menina respondeu que a boneca era uma “emproada”, inimiga de dar confiança ao marido, tendo se casado apenas pelo título: “... se encontrar por aqui algum duque, é bem capaz de divorciar-se do Marquês. A menos que não queira casar-se com o Visconde...” Ao ouvir isso de Narizinho, Emília replicou no mesmo instante, com carinho de pouco caso: “- ‘Animal’ não casa com ‘vegetal’...”. No incidente com Rabicó, apanhado por um polvo no passeio que fazia na companhia do Visconde e de Pedrinho, o sábio perguntou à sardinha, que

levaria o pedido de socorro ao Príncipe, qual era o nome científico dela. Como não fosse uma sardinha culta, acreditou estar sendo caçada pelo Visconde, chamou-o de malcriado e mostrou-lhe a língua. O Visconde, por sua vez, ficou desapontadíssimo e pôs-se a refletir consigo que era uma pena os habitantes daquele reino serem totalmente analfabetos. Enquanto aguardavam a chegada do socorro ao leitão, Pedrinho deu ordem ao Visconde para que ficasse de prontidão na gávea do mastro grande do navio naufragado, onde acontecera a captura de Rabicó pelo polvo, e avisasse assim que visse as tropas do Príncipe se aproximando. Isso, porém, não aconteceu, porque, como todo sábio verdadeiro, era muito distraído, e ficou entretido com uma baratinha do mar, tentando descobrir seu nome científico. Não se deu conta, portanto, quando a tropa de salvamento composta pelos caranguejos couraceiros chegou, muito menos quando deu cabo do monstro. Pedrinho viu o sábio descer do mastro, explicando qual poderia ser o nome científico da baratinha do mar, com a pequenina dentro da cartola. Ficou “danado”, chamou-o de “perfeito palerma” e lhe perguntou se fora para pegar baratinha que o havia mandado subir ao mastro do navio. O Visconde bateu a mão na testa e confessou que havia esquecido completamente a recomendação do menino; disse, contudo, que voltaria para lá e daria sinal tão logo visse as tropas do Príncipe se aproximando. Pedrinho avisou-o, então, que as tropas já tinham salvado o Marquês, e que voltaria, sim, mas para o palácio. O Visconde seguiu o menino, mas levou a baratinha, e ainda ficou às voltas com o pensamento sobre o nome científico da pequenina: “Será uma *balabera* ou uma *stylopyga*?” E lamentava não ter por perto o livro de Dona Benta onde poderia resolver sua dúvida, tendo a testa cheia de rugas, de tanto pensar. Ao voltar ao palácio na companhia dos amigos, encontrou as portas do reino já fechadas por causa do atraso à cerimônia do casamento de Narizinho com o Príncipe Escamado. Resolvido o problema, todavia, entrou e pôde acompanhar todos os acontecimentos, inclusive o rebuliço formado com o desaparecimento da coroa do Príncipe, o que os obrigou, a ele e aos amigos, a debandarem do reino (“**O casamento de Narizinho**”, 104, 105; 108 a 110; 113; 116 a 121). Quando a corte do Príncipe foi ao sítio de Dona Benta para uma visita, o soberano perguntou do Visconde à Narizinho ao notar sua ausência. Ficou sabendo que, como o sábio voltara da viagem àquele reino todo encharcado, a menina teve de pendurá-lo no varal de roupa para secar. Acabou caindo com o vento e ficou esquecido num canto por um tempo, apanhando uma “doença esquisita” chamada bolor, que o deixou todo verdinho, coberto de um pó que sujava o assoalho. Por isso, explicou Narizinho, ela o embrulhou num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes* e o deixou num lugar que nem lembrava mais; achava mesmo que já havia morrido. O Príncipe prometeu decretar luto oficial de sete dias pelo Visconde assim que

regressasse a seu reino. Narizinho, porém não concordou com isso, e explicou que o senhor sabugo andava “meio maluco” com suas atitudes de sábio e, tão logo chegasse o tempo da colheita, arranjaria um Visconde novo. Isso não aconteceu, todavia. A menina teve pena do coitado, espanou-lhe o bolor e deixou-o num canto da sala, dentro de uma lata, para não sujar o chão (“**Aventuras do Príncipe**”, 130). De lá, o Visconde de Sabugosa pôde acompanhar a história contada pelo falso Gato Félix sobre sua vida, e protestar sempre que o felino relatava absurdos. Isso aconteceu no momento em que o bichano fantasiou sobre a descoberta da América e quando afirmou que o estômago do tubarão onde permanecera era do tamanho da sala de Dona Benta. Os ouvintes, entretanto, não deram ouvidos ao sábio, e o falso Gato Félix pôde contar integralmente sua história. Ao término de seu decepcionante relato, Dona Benta informou que, no dia seguinte, seria Emília quem contaria uma história. Na manhã deste dia, ficaram todos sabendo por tia Nastácia que havia sumido um pinto do galinheiro. Assim, Pedrinho achou melhor consultarem o Visconde, pois, como ficara enrolado no folheto das *Aventuras de Sherlock Holmes*, era bem capaz de descobrir o ladrão. Consultado, pediu que deixassem o caso com ele e, como um detetive, iniciou suas investigações. Passou o dia todo no galinheiro e de lá recolheu um pêlo, que depois foi comparado, no binóculo de Dona Benta, com outro arrancado por Emília da barba do gato mentiroso. Depois da bonequinha, quem contaria a história seria o Visconde, e, na manhã do dia de seu relato, um outro franguinho sumiu do galinheiro. À noite, antes de iniciar sua história, o detetive Visconde de Sabugosa pediu à tia Nastácia que deixasse uma vassoura ao alcance de sua mão. Expôs, então, o resultado de suas investigações, provando a todos que o gato visitante não era o Félix coisa nenhuma, mas um gato ladrão que roubara e comera os franguinhos do galinheiro. Tia Nastácia, tão logo se encerrou a exposição do Visconde, avançou sobre o gatuno com a vassoura e o ladrão fugiu pela janela, ganhando a escuridão da noite. Todos deram vivas ao Visconde, e Dona Benta disse que ele provara ser um verdadeiro sábio. A velha senhora disse ainda que, a partir daquele dia, ela tomaria conta dele, curaria seu bolor e o colocaria como administrador do sítio. Guardou-o, em seguida, enquanto todos se preparavam para ir dormir, na sua estante, entre livros de Aritmética e Álgebra (“**O Gato Félix**”, 149; 151; 154; 158 a 171). Quando as crianças e Emília resolveram preparar a festa para as personagens das histórias maravilhosas, o sábio estava caído atrás da estante havia uma semana. Narizinho pediu a ajuda de Pedrinho para retirá-lo de lá: “- Venha acudir o Visconde. Estou vendo um pedaço dele lá no fundo; com certeza o resto foi devorado pelas aranhas de pernas compridas. Temos que salvá-lo depressa – e vesti-lo, porque os convidados não tardam.” O menino ajudou a prima a desencostar a estante da parede e o Visconde foi “pescado” com o cabo da

vassoura. Para surpresa das crianças, o sábio feito de sabugo estava inteiro, mas muito embolorado e sujo de poeira e teias de aranha. Narizinho comentou, logo que o viu daquele jeito: “- Agora é que vai ficar um sábio completo! Tia Nastácia não acredita em sábio que toma banho, faz a barba e perfuma-se. Diz que sábio de verdade é assim – bem sujinho.” Depois de receber alguma limpeza, foi designado para ficar no alto da janela com o binóculo de Dona Benta e espiar a estrada, indicando a chegada das personagens convidadas. Conforme foi orientado por Narizinho, assim que via aparecer uma poeirinha ao longe, avisava. Fez isso quando viu o sinal da chegada da princesa Cinderela. Embora tivesse cochilado em cima do binóculo, acordou com o grito da menina, orientando o começo da festa. Disse o Visconde: “- Estou vendo uma poeirinha lá longe!...” A mesma frase foi dita no momento em que Branca-de-Neve e Chapeuzinho Vermelho chegaram, e, para comunicar a chegada das princesas Rosa-Vermelha e Rosa-Branca, o Visconde gritou: “- Estou vendo duas poeirinhas lá longe!...” Para avisar da chegada do Pequeno Polegar, o sábio, do alto de seu posto, especificou: “- Vem vindo uma poeirinha tão pequenininha que até parece poeira de camundongo!...” O cochilo em cima do binóculo repetiu-se, mas, da segunda vez, as conseqüências foram terríveis: o pobre sábio despencou do alto da janela e ficou desacordado. Não houve meio de fazê-lo voltar a si, apesar do esforço das princesas, e Emília teve a idéia de virar o Visconde em alguma coisa. A bonequinha incumbiu Cinderela para tal tarefa, que seria realizada com a ajuda de sua varinha; só precisavam decidir no que, exatamente, ele seria transformado. Novamente venceu a idéia da boneca: “- Tia Nastácia anda precisando dum pilãozinho de socar sal. Boa ocasião para virar o Visconde em pilão! Ao menos fica servindo para alguma coisa.” Batida a varinha de Cinderela no boneco de sabugo, imediatamente transformou-se num pilãozinho novo, como a cozinheira queria. Tia Nastácia, entretanto, esclareceu que jamais teria coragem de utilizar aquele pilão que já tinha sido o pobre Visconde; agradeceu o presente, mas guardou-o na prateleira, lamentando o destino do sábio. Uma presença assustadora à festa, contudo, obrigou a volta do Visconde: o lobo que devorou a avó de Chapeuzinho Vermelho. Assustadas e sozinhas, as meninas e Emília não sabiam o que fazer na iminência de a casa ser invadida pela fera, que ameaçava devorar Dona Benta. A bonequinha percebeu que o pilãozinho deveria ser transformado em Visconde novamente, pois, refletiu: “Os sábios sabem meios para tudo.” Cinderela bateu no utensílio com a varinha e o Visconde surgiu novamente, tonto e assustado. Nada pôde fazer, todavia, pois, na correria, a princesa dos sapatinhos de cristal havia virado o pilão em Visconde apenas até a cintura, de modo que nem se mover o coitado podia. Quem salvou as meninas foi Tia Nastácia, que espantou o lobo com três certas vassouradas no focinho (“**Cara de Coruja**”,

173 a 176; 178 a 180; 188; 191 a 194). Depois do tempo que passou atrás da estante, entre os livros de Álgebra e Aritmética, o Visconde de Sabugosa ficou ainda mais sabido. Falava de um jeito que espantava tia Nastácia, que nada entendia sobre seus assuntos. Assim foi quando o sábio conversou com Pedrinho sobre a possibilidade de a madeira de que foi feito o Pinocchio também existir no Brasil, porquanto o menino se entusiasmara com a idéia de Emília de construir um irmão para a personagem: “- Eu acho – observou ele cuspidando um pigarrinho, que não é preciso ir à Itália para descobrir madeira com ‘propriedades pinocchianas’. A Natureza é a mesma em toda parte; e se lá há disso, não vejo razão plausível para que não o haja aqui também. Logo, se você procurar, bem procurado, é possível que descubra em nossas matas algum ‘exemplar esporádico da mirífica substância.’” Tia Nastácia considerou “inglês” o que o sábio disse, mas Pedrinho entendeu tudo e tanto se empolgou com o assunto, que, já no dia seguinte, começou a procurar a madeira de Pinocchio. Fez isso durante uma semana, sem sucesso, e um dia, ao voltar da floresta, o menino comentou sua decepção com a idéia do Visconde. Emília ficou preocupada, pois ganhara o cavalinho de pau de Pedrinho pela idéia da feitura do irmão de Pinocchio e temia perdê-lo se o menino também considerasse sua idéia um fiasco. Tratou de agir rápido e envolveu o Visconde num plano, que consistia em fazer o sábio entrar num velho tronco, caído para além da porteira do sítio, à beira da estrada, e gemer quando Pedrinho golpeasse a madeira com seu machadinho, de maneira que o menino pensasse ter encontrado o pau vivente. Por causa de sua prontidão em prestar o serviço à bonequinha, chegando a fazer uma mesura e a declarar que “dona” Emília não pedia, mandava, era possível que o sábio feito de sabugo tivesse alguma paixão secreta pela boneca. Tudo foi feito conforme planejara Emília, e Pedrinho, ao dar uma machadada no tronco, ouviu um gemido – “Ai! ai! ai!” - e depois outro, ao golpear novamente o pau para ter certeza de que este gemera. Um pedaço do pau foi cortado para que pudesse dar origem ao boneco, e, em casa, enquanto o menino comentava, agitadoíssimo, sobre sua descoberta, o Visconde fingia ler um livro de Álgebra. Acompanhava tudo, entretanto, com risadinhas de vez em quando. Pedrinho, porém, não entendia a razão da mudez do pau, se, na floresta, gemera de dar pena. Emília, preocupada com a possibilidade de seu plano ser descoberto, deu uma explicação psicológica bastante intrincada sobre o silêncio daquele pedaço de tronco, e impressionou o Visconde por tal progresso em seu desenvolvimento de boneca. Ninguém mais percebeu isso além do sábio, o que reforçou o sentimento que unia o Visconde à Emília. Quando Pedrinho resolveu moldar o boneco ainda que estivesse mudo, e propôs um concurso de desenho para a escolha do modelo, o desenho do Visconde ficou tão científico que ninguém entendia nada. Não foi o desenho dele o escolhido, todavia, mas o de tia Nastácia, a

autora da obra mais feia. Isso aconteceu porque não deu certo o expediente do concurso, e se realizou um sorteio, no qual a cozinheira foi a contemplada. O fato de o pedaço de tronco não mais gemer, como Pedrinho supunha que este fizera na floresta, intrigava a todos, particularmente ao menino, que considerava isso um grande mistério. Quando ouviu o menino fazer tal reflexão, o Visconde parou de ler sua *Álgebra* por um momento, piscou bastante, e sugeriu: “- Deus deu vida ao primeiro homem fazendo um boneco de barro e assoprando. Por que não experimenta o assopro, Pedrinho?...” A idéia do sábio foi posta em prática pelo neto de Dona Benta, mas sem resultado nenhum. Isto irritou Pedrinho, que acabou por atirar o desengonçado boneco construído por tia Nastácia para cima do armário da sala de jantar. Além disso, como a idéia da feitura do irmão de Pinocchio revelara-se um grande malogro, o menino quis de volta o cavalinho de pau que dera à Emília em troca da sugestão. Brigou muito com a boneca por não querer devolver o brinquedo, mas descobriu o plano dela e do sábio ao retornar ao local onde encontrara o tal tronco que gemera, e prometeu vingar-se dos dois. (“**O irmão de Pinocchio**”, 201 a 217). Quando teve um ataque por causa de sua mania de ciência, Doutor Caramujo foi chamado para tratá-lo. O médico abriu a barriga do sábio e Pedrinho e Narizinho puderam espiar: “... viram que em vez de tripas o Visconde só tinha lá uma maçaroca de letras e sinais algébricos, misturados com ‘senos’ e ‘co-senos’ e ‘logaritmos’ – ou ‘mangaritmos’, como dizia a tia Nastácia.” Doutor Caramujo retirou toda a álgebra da barriga do Visconde, e as crianças aproveitaram que a cola da cirurgia ainda não havia secado e rechearam o ventre do sábio com três páginas de um livro de Cornélio Pires. Passados alguns dias de repouso, o Visconde parecia curado de suas manias. Ele seria o palhaço do circo montado pelas crianças. Na hora de seu número, porém, o Visconde sumiu e deixou Pedrinho, o diretor do circo, numa imensa aflição. Tiveram de antecipar o fim do espetáculo com o sumiço misterioso do palhaço. O Gato-de-Botas chegou a dizer que fora Peter Pan quem raptara o Visconde, mas nada disso aconteceu, na verdade. O que se deu é que o Visconde de Sabugosa, que não estava curado completamente de sua mania científica, encontrou uma antiga Trigonometria que havia pertencido ao tio de Dona Benta. O livro estava servindo de calço para um dos esteios do circo. O sábio, satisfeito por ter encontrado o velho volume, retirou-o de lá e saiu de braço dado com ele, num passeio pelos arredores, em que conversaram até o dia seguinte sobre “senos” e “co-senos” (“**O circo de cavalinhos**”, 228, 229, 230; 248; 250). Acompanhou a turma na viagem para o mundo das maravilhas, mas teve uma penosa tarefa: carregar a canastrinha de Emília às costas. O peso era tanto para ele, que, mesmo na presença dos célebres fabulistas La Fontaine e Esopo, o sábio nada falou, nem debateu ciência com aqueles homens. Estava mais embolorado do que nunca, e quando o rei

Simão XIV lhe perguntou o que achava de seu reino, o pobre Visconde respondeu: “- Vossa Majestade me perdoe (...) mas ainda não vi nada, de tão cansado que estou. Deixe-me primeiro tomar fôlego e dormir um sono. Amanhã darei minha opinião mais sossegado.” Dos prisioneiros era o único feliz, pois só assim pôde dormir e sonhar com um país onde “não havia nem Emílias nem canastras.” (“**Pena de papagaio**”, 257; 274; 282, 283). Acompanhou as crianças na aventura na companhia do Barão de Münchhausen, e continuou carregando a pesada canastrinha de Emília. Não teve o mesmo destino do burro falante, porém, que foi salvo por Pedrinho e pelo Barão de morrer no mar. Foi encontrado morto na areia da praia por Narizinho, mas não perdeu a canastra da boneca, provando ser cumpridor da palavra como um nobre verdadeiro. Apesar de Emília não se comover com o acontecido, teve a idéia de guardar o “tronco” do sábio de sabugo na canastrinha, de maneira que tia Nastácia pudesse vir a fazer um outro Visconde qualquer dia (“**O pó de pirlimpimpim**”, 292; 303, 304).

ZANGÃOS – Eles receberam Narizinho e Emília quando elas chegaram ao Reino-das-Abelhas. Assim saudaram a menina, curvando o corpo: “- Salve, princesinha do Narizinho arrebitado!” A neta de Dona Benta agradeceu e, em seguida, informou que recebera um convite da rainha, mas não sabia ao certo se era da rainha das abelhas ou das vespas. Um dos zangãos esclareceu a dúvida: “- O convite foi da rainha das abelhas (...). Fui eu mesmo quem o redigiu. A rainha das vespas anda furiosa com a menina por ter matado uma das suas súditas.” O zangão referia-se à vespa da jabuticaba chupada por Narizinho, e que morrera depois de picar a língua da menina. Ela comentou com Emília, então, do que haviam se livrado; apresentou a boneca àqueles senhores e perguntou-lhes se poderiam providenciar um par de muletas para a amiga, já que esta estava com uma das pernas vazias do recheio de macela. Os zangãos disseram que sim, mas aconselharam uma consulta com Doutor Caramujo, pois ele se encontrava lá, vindo do Reino-das-Águas-Claras. Narizinho ficou muito feliz com tal notícia e pediu aos zangãos que chamassem o médico. Isso foi feito e, instantes depois, aqueles senhores retornaram na companhia do Doutor. Depois da briga de Narizinho com o médico, por ele ter chamado tia Nastácia de “reles curandeira”, os zangãos informaram que no palácio não havia muletas. Disseram, porém, que fora dali havia um besouro manco possuidor de duas. A menina acompanhou os zangãos até o besouro e descobriu que se tratava de mestre Cascudo, manco desde que caíra de seu rosto, e transformado em mendigo. Narizinho pôs o besouro no bolso, onde havia bolos feitos por tia Nastácia, avisou que o levaria para o sítio, e passou suas muletinhas à Emília. Voltaram, então, precedidas pelos zangãos, ao palácio. As duas convidadas voltaram a ver zangãos nos cômodos da rainha. Estes

eram emproados e pareciam muito orgulhosos por estar conversando com Sua Majestade. Quando Narizinho confessou à soberana que não gostara da cara desses senhores, a rainha explicou que estavam lhe fazendo a corte. Ela comentou que todos os anos escolhia um deles para marido e disse que os preteridos eram condenados à morte. A menina do nariz arrebitado ficou horrorizada com semelhante crueldade, como ela classificou. A rainha informou que assim acontecia, porque a natureza dotara os zangãos apenas para serem esposos, e, uma vez escolhido um pela rainha, não havia nenhuma consideração das abelhas para com os outros (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 62 a 64; 70, 71) .

ALADINO (Aladim) - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Como Dona Carochinha disse ao Príncipe Escamado, andava se queixando de que sua lâmpada maravilhosa estava enferrujando (“**Narizinho Arrebitado**”, 11). Assim que chegou ao sítio, Pedrinho conversou com a prima Narizinho para saber das novidades. Disse a ela, então, quando começaram a falar dos contos de fadas, que gostaria de “tirar a prosa” de Aladim (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 53). A personagem foi um dos convidados à festa organizada por Narizinho, Pedrinho e Emília, para as criaturas das histórias de reis, príncipes, princesas e fadas. Ao chegar à festa, foi recebido de forma efusiva pelos outros convidados, pois todos queriam ver sua lâmpada maravilhosa e seu anel mágico. Emília chegou a pedir-lhe a tal lâmpada, mas explicou a sua dona, quando esta lhe advertiu: “- Não é dada que eu quero, Narizinho. É emprestada; depois eu a entrego outra vez.” Aladim era um rapaz tão bonito, que os maridos das princesas certamente ficariam com ciúmes, se estivessem presentes. Ajudou Ali Babá a se livrar dos quarenta ladrões que o perseguiram quando chegou à festa. Depois de fazer o Gênio sair da lâmpada, passando a mão por seu vidro, disse a ele: “- Amigo Gênio (...) vá lá fora e espalhe duma vez para sempre esses quarenta bandidos que vivem atropelando o meu caro Ali Babá.” Ninguém soube exatamente o que fez o Gênio, mas, logo em seguida, não havia nem rasto dos ladrões no terreiro do sítio. Por causa disso, Aladim e Ali Babá tornaram-se grandes amigos desde então. Enquanto acontecia o baile e era servido o café, ficou na companhia de Pedrinho e do Gato-de-Botas conversando sobre valentias. Disputava com o menino o que era capaz das maiores proezas: a lâmpada ou o bodoque. Chegaram a discutir por isso, e Pedrinho desafiou: “- Pois apareça aqui um dia (...), para vermos quem pode mais, você com sua lâmpada ou eu com o meu bodoque.” Aladim disse que apostava em sua lâmpada e o menino respondeu que apostava no seu bodoque. Foi preciso que o Gato-de-Botas interviesse, afirmando que seria o juiz do duelo, mas também os desafiaria em seguida com suas botas-de-sete-léguas. No momento em que o lobo surgiu no sítio, ameaçou devorar Dona Benta, e foi espantado pelas vassouradas de tia Nastácia, Aladim não estava presente, pois havia saído na companhia dos outros príncipes e de Pedrinho para fazerem uma experiência com a lâmpada maravilhosa no terreiro. Por isso, ficou muito aborrecido quando soube que perdera uma oportunidade de mostrar a todos o poder daquele objeto. Na pressa de voltar para casa, esqueceu a lâmpada debaixo da mesa, e Emília a encontrou. Pedrinho, apesar de achar Aladim “um tanto prosa” por causa dessa lâmpada, achou que poderia ficar com ela, mas teve de entregá-la a Dona Carochinha, que surgiu no sítio para apanhar essa e as outras preciosidades deixadas por suas personagens: a varinha de condão de Cinderela, a bota-de-

sete-léguas do Gato-de-Botas e o espelho mágico de Branca-de-Neve (“**Cara de Coruja**”, 184 a 186; 190, 191; 194; 196, 197). Foi o primeiro convidado a chegar ao sítio na ocasião do espetáculo de circo montado pelas crianças e seus companheiros. Veio com a lâmpada maravilhosa em sua mão, e subiu as arquibancadas com tal destreza, que deu a impressão de ser um assíduo freqüentador de circos. Ao ouvir os latidos do cão que fora emprestado de tio Barnabé para afugentar pessoas não esperadas para o espetáculo, perguntou ao amigo Ali Babá o que estava acontecendo. Descobrimo tratar-se do terrível Barba Azul que chegara, mas fora impedido de entrar por causa do cachorro, Aladim preparou-se para utilizar a lâmpada e solicitar os préstimos do Gênio. Não foi necessário, contudo, já que o monstro foi enxotado pelo cão. Na apresentação do número de Emília, ao ver o boneco João Faz-de-conta que a auxiliava, horroroso no traje de *cowboy*, o dono da lâmpada maravilhosa comentou com o Gato-de-Botas: “Este é que é o verdadeiro Cavaleiro da Triste Figura”. Foi ainda um dos que pularam no picadeiro para socorrer o feioso, no momento em que este, executando seu número, incendiou o nariz feito de palito de fósforo (“**O circo de cavalinhos**”, 243, 244; 246; 248).

ALFAIATE VALENTE – Ente de ficção do volume *Kinder und Hausmärchen* (*Contos de fadas para crianças e adultos*), dos irmãos Grimm. O “alfaiate que matava sete de um golpe” foi outro convidado da festa em homenagem às personagens dos contos maravilhosos, que foi preparada por Narizinho, Emília e Pedrinho no sítio (“**Cara de Coruja**”, 186).

ALI BABÁ - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Chegou muito aflito à festa em homenagem às personagens maravilhosas celebrada no sítio, dando a impressão de estar fugindo de alguém. Quando a princesa Cinderela o reconheceu dos bailes no castelo do Príncipe Codadade e disse seu nome, Ali Babá explicou: “- Pssit!... Os quarenta ladrões souberam que eu vinha. Armaram uma emboscada aí no terreiro e por um triz que não me apanham...” Narizinho lhe perguntou se aquela gente toda já não tinha sido morta com azeite fervendo pela Morgiana, e a célebre personagem respondeu: “- O azeite não estava bem fervendo (...). Queimou só, não deu para matar. Sararam, e agora andam me perseguindo por toda parte.” A menina olhou pelo buraco da fechadura e notou que os ladrões eram horríveis. Por causa do azeite fervendo, as caras daqueles homens ainda mostravam as cicatrizes. Aladim ofereceu-se para ajudar, passou a mão pelo vidro da lâmpada e fez surgir o Gênio. Ninguém soube exatamente o que ele fez, mas, logo depois, não se viu nem rasto dos ladrões

no terreiro do sítio. Por causa desse auxílio, Ali Babá e Aladim tornaram-se grandes amigos desde então (“**Cara de Coruja**”, 185, 186). Retornou ao sítio para o espetáculo de circo sem os quarenta ladrões. Quando ouviu os latidos do cachorro que vigiava a entrada, espiou por uma fresta do pano. Pôde, assim, informar o amigo Aladim sobre o que se passava lá fora: “- É Pedrinho que atçou o cachorro num sujeito muito feio, de barba azul como céu.” Depois de enxotado o terrível Barba Azul, o espetáculo teve início. Mais tarde, quando se deu o incêndio do nariz de João Faz-de-conta, Ali Babá também pulou no picadeiro para tentar socorrer o horrendo boneco, que acabou ficando, curiosamente, menos feio sem o nariz de pau de fósforo (“**O circo de cavalinhos**”, 244; 248).

ALICE DE WONDERLAND (Alice do País das Maravilhas) – Ente ficcional de Lewis Carroll. A personagem foi convidada para o espetáculo de circo montado pelas crianças e seus companheiros, no sítio, e compareceu (“**O circo de cavalinhos**”, 244).

ANJOS – Seres espirituais que exercem o ofício de mensageiros entre Deus e os homens. Foram mencionados pela princesa Rosa-Vermelha quando conversou com Emília, na circunstância da festa em homenagem às personagens das histórias maravilhosas: “Anões são gatinha perigosa (...). Se uns comportam-se que nem anjos, como aqueles sete do castelo de Branca, outros são verdadeiras pestes. É muito perigoso lidar com essa gatinha (“**Cara de Coruja**”, 180).

ANÕES – Personagens fictícias, de estatura diminuta, muito populares no folclore, nas lendas e nos contos infantis. Foram referidas inicialmente pela princesa Rosa-Vermelha, na conversa que manteve com Emília, na ocasião da festa em honra das criaturas das histórias maravilhosas: “- Anões são gatinha perigosa (...). Se uns comportam-se que nem anjos, como aqueles sete do castelo de Branca, outros são verdadeiras pestes. É muito perigoso lidar com essa gatinha.” Mais tarde, na mesma festa, o narrador citou as personagens na descrição da variedade de seres fantásticos que podiam ser vistos no terreiro do sítio: “Só reis e príncipes e fadas e anões e madrastas boas e más, e bruxas e mágicos de chapéus em forma de cartucho, e ursos que viram príncipes, e lobos de dentuça arreganhada...” (“**Cara de Coruja**”, 180; 187).

BARÃO DE MÜNCHAUSEN – Personagem do livro *As aventuras do Barão de Münchhausen*, de G. A. Bürguer. Para Narizinho, as criaturas marinhas do Reino-das-Águas-

Claras eram tão estranhas, que “pareciam mentiras do Barão de Münchhausen” (“**Narizinho Arrebitado**”, 13). A personagem acompanhou o grupo de aventureiros e Dona Benta no episódio vivido nas terras das Mil-e-Uma-Noites. Quando o pássaro Roca levantou vôo e com ele levou o burro falante, Pedrinho foi chamar o Barão para ajudar. Ele veio vestido de caçador e encantou Dona Benta por aceitar sentar-se com eles e comer o mexido de galinha preparado por ela. No momento em que o terrível pássaro se aproximou, o Barão se preparou para atirar no cabresto que prendia o burro à ave, mas percebeu que estava sem a pederneira da espingarda. Emília havia escondido a peça, pois queria ver o Barão de Münchhausen fazer sair faísca de seu olho, conforme contara a todos. Pedrinho foi quem desferiu um forte soco no olho do Barão e, de fato, com a faísca que saiu, foi possível disparar a arma, e o tiro derrubou o burro no mar. Pedrinho e o Barão resgataram o burro, mas o Visconde de Sabugosa, que estava preso à crina do animal, morreu afogado. Por causa desse triste incidente, o Barão de Münchhausen disse que iria “tomar luto no chapéu por três meses, visto que eles, barões e viscondes, são parentes entre si – parentes em nobreza.” O valente caçador ainda teve de chefiar o esforço do grupo para amordaçar o filhote do pássaro Roca, que saiu do ovo quando os aventureiros estavam a caminho de seu castelo. Já no castelo, o Barão recebeu uma carta vinda da Alemanha, e comunicou aos seus hóspedes: “- Que maçada! Tenho de partir incontinenti para meu país, que acaba de declarar guerra aos turcos. O imperador está aflito pela minha volta.” Pôs, então, o castelo à disposição do grupo, e partiu (“**O pó de pirlimpimpim**”, 298 a 308).

BARBA AZUL - Ente de ficção da coletânea *Contes de ma mère l’Oye (Contos da mamãe gansa)*, de Charles Perrault. Foi convidado para a festa organizada pelas crianças Narizinho e Pedrinho, e pela boneca Emília, em homenagem às personagens das histórias maravilhosas. Pedrinho, em princípio, não gostou da idéia da presença dele à celebração, e disse à prima: “- Acho que não devíamos convidar esse monstro. Vovó vai morrer de medo.” Narizinho respondeu-lhe: “- Não faz mal (...). Mandei-lhe um convite bem seco, mas se mesmo assim ele vier nós fecharemos a porta bem no nariz dele – bá!... Convidei-o de tanta vontade que tenho de ver se a tal barba é mesmo azul como dizem”. Quando ele chegou ao sítio, assustou as princesas presentes, porém Narizinho explicou a elas que havia convidado aquele monstro porque tinha muita vontade de saber se sua barba era mesmo azul, mas garantiu a todas que Rabicó não abriria a porta. A menina espiou, então, pelo buraco da fechadura e constatou que a barba do horrendo homem era de fato azul, “como um céu”, e viu que trazia na cintura um colar de seis cabeças humanas. Até mesmo as princesas acabaram espiando também, e

Cinderela estranhou que ainda estivesse vivo, pois supunha que tivesse sido morto pelo irmão de sua sétima mulher. Emília explicou a elas que, na verdade, o irmão da sétima esposa não o matara bem matado. O monstro ficou furioso por não deixarem que entrasse, esmurrou a porta e ameaçou casar-se com todas as princesas dali. Emília o desafiou: “- Pois case, se for capaz! Mando Pé-de-Vento te ventar para os confins do Judas. Vá pintar essas barbas de preto que é o melhor, seu cara-de-coruja!” Barba Azul virou as costas e foi-se embora, resmungando feito uma velha (“**Cara de Coruja**”, 174; 183, 184). Quando Emília se enfureceu com tia Nastácia por ela ter dito a Dona Benta que deveria dar-lhe umas palmadas, a bonequinha ameaçou ir embora do sítio, e enquanto arrumava sua malinha, conversou com seu cavaleiro de madeira e disse a ele, referindo-se à cozinheira: “- Boa? Está muito enganado. Mais malvada que ela só o Barba Azul.” A boneca ainda referiu-se à personagem para caracterizar a atitude de Pedrinho, também julgada malvada por ela; daí o apelido que deu ao menino, no momento em que pediu a ajuda dos outros: “Acudam! Barba Azul está querendo me matar!” Quando acorreram assustados, Emília disse, fazendo alusão a Pedrinho: “É este Barba Azulzinho que me chamou de cara de coruja seca e me deu um beliscão...”. Na ocasião em que Narizinho viveu a experiência maravilhosa na companhia do boneco João Faz-de-conta, enquanto conversava com ele e com Chapeuzinho Vermelho sobre Peter Pan, o horrendo homem surgiu com uma faca na mão, disposto a investir contra a menina do nariz arrebitado. Faz-de-conta gritou, naquele instante, para que Narizinho fechasse os olhos, e foi assim que ela escapou de ser morta pela terrível personagem (“**O irmão de Pinocchio**”, 209; 214; 216; 223, 224). Na ocasião do espetáculo de circo montado pelas crianças e seus companheiros no sítio, Narizinho foi quem manifestou a preocupação com a possibilidade da vinda da personagem e de outras de mesma índole perversa. Por isso, disse ao primo: “- Você fez asneira, Pedrinho. Mandou convites para todos, o que não é prudente. Podem aparecer o Barba Azul, o Capitão Gancho e outras pestes.” O menino tranquilizou-a, porém. Falou que pediria o cão do tio Barnabé emprestado, de modo a impedir a entrada de pessoas por baixo do pano, e completou: “...e também para ser atizado contra Barba Azul, Capitão Gancho ou qualquer outro pirata que apareça. Que acha da idéia?”. De fato, o cão enxotou o tenebroso homem assim que este tentou entrar, assustando mais uma vez as princesas presentes, e pondo Aladim e sua lâmpada de prontidão. O cão não apenas expulsou o malvado, como deu-lhe uma forte dentada na barba, arrancando dela um chumaço. Com o punhado da barba do monstro na mão, Pedrinho acalmou os convidados, que se aproximaram e recolheram os fios como lembrança (“**O circo de cavaleiros**”, 234; 244).

BELA ADORMECIDA – Personagem ficcional da coletânea *Contes de ma mère l'Oye* (*Contos da mamãe gansa*), de Charles Perrault. Como a célebre baratinha, Dona Carocha, contou ao Príncipe Escamado, tinha “vontade de espetar o dedo noutra roca para dormir outros cem anos” (“**Narizinho Arrebitado**”, 11). Também foi convidada para a festa no sítio em honra das personagens das histórias de encantamento, mas não pôde ir, e mandou comunicar isso pela princesa Rosa-Branca. Quando Narizinho quis saber por que não poderia vir, a amiga respondeu: “Não sei. Suponho que está se preparando para espetar o dedo noutra espinho e dormir mais cem anos.” (“**Cara de Coruja**”, 180).

BENTO – Frade beneditino. O nome próprio apareceu designando uma brincadeira desenvolvida pela boneca Emília, na companhia do cavalinho de pau que antes havia sido de Pedrinho. O brinquedo, obtido em troca da idéia da busca pelo pau vivente e da construção do irmão de Pinocchio, passou a ser o amigo e o confidente da bonequinha. Assim, o narrador mencionou as brincadeiras feitas pela boneca enquanto brincava com o cavalinho: “Tinha-lhe posto um lindo rabo de pena de galo e com ele passava horas, brincando de chicote queimado, esconde-esconde e Bento que Bento frade.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 213).

BRANCA-DE-NEVE – Ente de ficção do volume *Kinder und Hausmärchen* (*Contos de fadas para crianças e adultos*), dos irmãos Grimm. Sobre essa personagem, Dona Carochinha disse, no Reino-das-Águas-Claras, que vivia “falando em tingir os cabelos de preto e botar ruge na cara”. Dona Aranha contou a Narizinho que, quando estava tecendo o véu de noiva da personagem, ficou aleijada por ter-lhe caído a tesoura no pé esquerdo (“**Narizinho Arrebitado**”, 11; 18). Quando Pedrinho chegou ao sítio, a menina do nariz arrebitado confessou-lhe que gostaria muito de brincar com a personagem no sítio (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 53). Foi a segunda princesa a surgir na festa em homenagem às personagens das histórias – a primeira foi Cinderela –, preparada por Narizinho, Pedrinho e Emília, no sítio. Quando chegou, “ouviu-se um toque, toque, toque”, e o Marquês de Rabicó, abrindo a porta, anunciou: “- A Princesa Branca-das-Neves.” Narizinho corrigiu o leitão e foi receber a convidada. Depois de fazer as apresentações, acomodou-a ao lado de sua amiga Cinderela. Branca-de-Neve logo reconheceu a boneca Emília, embora aquela fosse a primeira vez que a visse. Disse que lhe trouxera um presente: um espelho mágico que responderia a todas as suas perguntas. Ao abrir o pacote amarrado com uma fita de ouro, a bonequinha chegou a beijar o espelho, tamanha era sua alegria por ter recebido aquele presente, e não resistiu à vontade de fazer naquele mesmo momento uma pergunta a ele: quis saber qual era a boneca que contava

as histórias mais bonitas. O espelho mágico respondeu que era a Marquesa de Rabicó, e Emília suspirou, porque, conforme Narizinho percebeu, ainda que não dissesse nada, a bonequinha ficara triste por já ser casada e, portanto, não poder casar-se com o espelho. Depois perguntou à Branca-de-Neve onde viviam os sete anões, e soube que era no palácio dela que estavam, deixando tudo de lá brilhando, pois não havia no mundo criaturas mais trabalhadeiras do que eles. A bonequinha sugeriu que a princesa desse um deles para tia Nastácia, pois ela vivia se queixando de que estava velha e precisando de quem a ajudasse na cozinha. A princesa respondeu que isso seria impossível, porque o número sete, mágico, não poderia ser alterado com a saída de um dos anões. A princesa ficou aflita com a chegada de Barba Azul ao sítio. Pediu assustadíssima a Rabicó que não abrisse a porta e até ficou zangada com Narizinho por ter convidado aquela pessoa: “- Como é que para uma festa destas convida um monstro como esse? Se eu soubesse não vinha.” A menina desculpou-se, explicou que tinha muita curiosidade de saber se a barba dele era mesmo azul, e garantiu que o porquinho não abriria a porta. Quando viu tia Nastácia servindo o café aos convidados da festa, perguntou baixinho a Emília quem era aquela mulher, e a bonequinha respondeu, “com carinho malandra”, que era “uma princesa Núbia” que uma certa fada virara em cozinheira. Disse-lhe, ainda, que quando aparecesse um “certo anel”, que estaria na barriga de um “certo peixe”, a cozinheira viraria princesa outra vez. Deu um pontapé no Marquês de Rabicó para fazê-lo largar de sua saia, pois o leitão, tremendo como geléia, agarrou-se a ela com medo do lobo que surgiu no sítio e arranhava a porta, querendo entrar. Batidas as seis horas no relógio, a princesa exclamou: “- Como é tarde! (...) Tenho de estar no castelo às sete para receber dois príncipes que vêm jantar conosco.” Narizinho ficou encantada com ela e disse isso a Pedrinho quando todos os príncipes já tinham partido do sítio: “- De quem eu mais gostei foi de Branca-de-Neve (...). Como é boa e linda! Conte-lhe que estive com a aranha que lhe fez o vestido de casamento e Branca ficou muito admirada. Pensou que Dona Aranha tivesse morrido daquele desastre na perna. Como Branca é Branca! Nunca imaginei que pudesse haver uma criatura alva assim. Parece feita de coco ralado...” Dona Carochinha apareceu no sítio depois que suas personagens já tinham ido embora e pegou de volta o espelho mágico que a princesa havia dado à Emília, assim como os outros objetos preciosos esquecidos por suas personagens: a lâmpada de Aladim, a vara de condão de Cinderela e as botas do Gato-de-Botas. Emília botou-lhe uma língua comprida por isso, e a baratinha arregaçou a saia e saiu às pressas de lá (“**Cara de Coruja**”, 178 a 180; 183; 189, 190, 193; 196, 197). Na circunstância do circo montado pelas crianças e seus companheiros no sítio, Dona Aranha, do Reino-das-Águas-Claros, foi convidada para assistir ao espetáculo. Ao chegar, com suas seis filhas, foi

saudada com festa por Narizinho, que lhe contou, então, ter estado com Branca-de-Neve, uma das princesas para as quais havia costurado. Dona Aranha indagou se a princesa ainda era muito branca, e a menina respondeu: “- Cada vez mais (...). Até dói na vista olhar para ela.” (“**O circo de cavalinhos**”, 242).

BRUXAS – No folclore brasileiro, a bruxa é a última das sete filhas de um mesmo casal que não foi batizada pela irmã mais velha, e se transforma em coruja, que, à noite, entra pelo telhado e pelas janelas para chupar o sangue de crianças, bebe cachaça e pia forte, voando e soltando gargalhadas. O ente foi mencionado no plural pelo narrador, para descrever a quantidade de criaturas maravilhosas que se encontravam no terreiro do sítio, na festa em homenagem a elas: “Só reis e príncipes e fadas e anões e madrastas boas e más, e bruxas e mágicos de chapéus em forma de cartucho, e ursos que viram príncipes, e lobos de dentuça arreganhada...” (“**Cara de Coruja**”, 187).

BURRO – Personagem de Esopo. Ao contrário de seu triste destino na fábula, no País-das-Fábulas, o animal conseguiu fugir, livrando-se de ser esfaqueado pelo tigre. Isso aconteceu por causa da ação de Peninha, o menino invisível, que fez cair uma pedra em cima da cabeça do felino carrasco no momento de seu bote (“**Pena de papagaio**”, 278, 279).

CAPINHA VERMELHA (Chapeuzinho Vermelho) – Personagem ficcional da coletânea *Contes de ma mère l’Oye (Contos da mamãe gansa)*, de Charles Perrault. Narizinho disse a Pedrinho que tinha muita simpatia por essa menina. “Aqueles bolos que ela costumava levar para vovó que o lobo comeu – que vontade de comer um daqueles bolos...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 53). Foi uma das últimas a chegar à festa do sítio em honra das personagens maravilhosas. Logo que a viram, as outras personagens a saudaram muito alegres, “porque todas queriam muito bem a essa gentil criança.” Ela entrou muito corada por ter vindo caminhando, e cumprimentou: “- Boa tarde para todos os presentes, ausentes e parentes!” Deu, então, um beijo em Narizinho e outro em Emília, e a bonequinha foi logo perguntando qual era seu nome certo: “- Antes de mais nada (...), quero saber o seu verdadeiro nome, porque uns dizem Capinha Vermelha e outros, Capuzinho Vermelho.” A pequena respondeu: “- Meu verdadeiro nome é Capinha Vermelha, porque depois que vovó me fez esta capinha todos que me viam ir para a casa dela diziam: ‘Lá vai indo a menina da capinha vermelha!’ Mas, como vocês podem ver, esta capinha tem um capuz, que eu às vezes uso. De modo que tanto podem chamar-me Capinha, como Capuzinho, ou mesmo Chapeuzinho

Vermelho.” Emília quis saber depois se a avó da menina era muito magra, e, apesar de estranhar a pergunta, Chapeuzinho respondeu que sim. Emília insistiu: “- Muito magra ou meio magra?” A adorável personagem disse que a avó era bem magra, e a bonequinha saiu-se com a seguinte frase: “- Então não entendo aquele lobo (...), porque uma velha muito magra não é alimento. Só osso...” Todos riram muito, e Narizinho explicou que sua boneca era “asnática de nascença”. Capinha Vermelha foi quem espiou pelo buraco da fechadura quando as princesas brincavam de virar na sala de baile e ouviram uma batida esquisita na porta. Com os olhos cheios de pavor, identificou a causa daquela estranha batida: “- Parece batida de lobo! (...) É lobo mesmo! (...) Justamente o malvado que comeu vovó...” Narizinho não podia aceitar a presença do terrível animal ali: “- Não pode ser (...). O lobo que comeu a avó de Capinha foi morto a machadadas por aquele homem que entrou. É o que dizem os livros.” Emília tentou explicar aquela incompreensível e assustadora presença: “- Deve ser erro tipográfico (...). É lobo, sim – e magríssimo! Bem se vê que só se alimenta de velhas bem velhas. Com certeza soube que Dona Benta morava aqui e...” Apesar do susto e dos desmaios das princesas e de Narizinho no momento em que o lobo conseguiu arrancar uma tábuca da porta e enfiar o focinho pelo buraco, tudo se resolveu com três boas vassouradas de tia Nastácia. Narizinho e as princesas foram acordadas com água fria, e Capinha Vermelha abraçou alegremente a cozinheira, prometendo enviar-lhe uma cesta de bolinhos (“**Cara de Coruja**”, 188, 189; 192 a 194). Quando Narizinho voltou a viver uma experiência maravilhosa e descobriu que Emília poderia transformar-se numa fada de pano, encontrou a casa de Capinha na floresta e puderam conversar. A gentil criança ajudou-a a consertar o boneco João Faz-de-conta e pediu que Narizinho e Emília voltassem para brincarem “de virar”. Ao retornar ao sítio, a menina contou tudo que vivera a Dona Benta e a Pedrinho (“**O irmão de Pinocchio**”, 222, 223; 224, 225). A criança compareceu também ao espetáculo circense montado, no sítio, pelas crianças e seus companheiros de brincadeiras (“**O circo de cavalinhos**”, 243).

CAPITÃO GANCHO - Personagem de ficção de James Barrie. Foi citada, pela primeira vez, no episódio da festa que Narizinho, Pedrinho e Emília organizaram para os reis, príncipes, princesas e fadas das histórias. Quando o neto de Dona Benta despediu-se de Peter Pan, disse-lhe: “- Quando voltar, veja se traz o crocodilo que comeu o Capitão Gancho. Tenho muita vontade de ver um crocodilo dessa espécie.” (“**Cara de Coruja**”, 195). Na ocasião do espetáculo de circo montado pelas crianças e seus companheiros no sítio, Narizinho comentou, mencionando a personagem: “- Você fez asneira, Pedrinho. Mandou convites para

todos, o que não é prudente. Podem aparecer o Barba Azul, o Capitão Gancho e outras pestes.” O menino respondeu à prima que pediria o cão do tio Barnabé emprestado, de modo a impedir a entrada de pessoas por baixo do pano, e esclareceu o outro serviço que o animal prestaria: “... e também para ser atizado contra Barba Azul, Capitão Gancho ou qualquer outro pirata que apareça.” (“**O circo de cavalinhos**”, 234).

CARNEIRINHO DA FÁBULA – Personagem original de Jean La Fontaine. Em *Reinações de Narizinho*, o ser teve um final diferente. Foi salvo pelo fabulista, que pregou uma bengalada no focinho do lobo, fazendo-o fugir para a floresta. Com isso, Pedrinho, Narizinho e Emília ficaram eufóricos: “Grande alegria na meninada. Emília correu a brincar com o carneirinho, enquanto os outros se dirigiam para o lado do Senhor de La Fontaine.” (“**Pena de papagaio**”, 260 a 264).

CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA – Dom Quixote, personagem de ficção de Miguel de Cervantes. Foi mencionada por Aladim, quando viu o boneco João Faz-de-conta com roupa de *cowboy*, auxiliando Emília em seu número de circo. Como o boneco estivesse muito feio, o dono da lâmpada maravilhosa virou-se para o Gato-de-Botas e comentou: “Este é que é o verdadeiro Cavaleiro da Triste Figura” (“**O circo de cavalinhos**”, 246).

CAVALO ENCANTADO - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Também compareceu à festa em homenagem às personagens dos contos de fadas, realizada no sítio. (“**Cara de Coruja**”, 187).

CIGARRA – Personagem original de Jean La Fontaine. Em *Reinações de Narizinho*, o ser ficcional teve a ajuda de Emília para alterar seu destino. No momento em que a formiga deu com a porta em seu nariz, a personagem foi cuidada pela boneca e não morreu. Ainda foi auxiliada pela boneca para se vingar da formiga coroca. Aplicou, então, várias “portadas” no nariz daquela que há tempos lhe fazia o mesmo. Foram tantas, que a formiga é que ficou com o nariz inchado (“**Pena de papagaio**”, 267 a 271).

CINDERELA – Personagem ficcional da coletânea *Contes de ma mère l’Oye (Contos da mamãe gansa)*, de Charles Perrault. Dona Aranha, a costureira do Reino-das-Águas-Claras, contou a Narizinho que fora ela quem fizera o vestido de baile da personagem (“**Narizinho**

Arrebitado”, 18). Foi a primeira a surgir no sítio, no episódio da festa em homenagem aos reis, príncipes, princesas e fadas das histórias. Assim que sua carruagem parou no terreiro, o Marquês de Rabicó anunciou, depois de perguntar de quem era: “- Senhorita Cinderela, a princesa das botinas de vidro!” Narizinho ficou irritadíssima com tal apresentação, pois além de Cinderela ser casada, informou ao porquinho que a princesa não usava botinas de vidro. Foi saudada pela menina com um cumprimento que ela havia aprendido num volume das *Mil-e-Uma-Noites*: “Asalam alekun!” Como também entendesse de coisas orientais, porque ia a muitas festas do Príncipe Codadade, Cinderela respondeu na mesma língua: “Alekun asalam!” Narizinho tratou de indicar-lhe seu assento, uma cadeira de espaldar marcado com as iniciais G.B., de Gata Borralheira, cujas letras tinham sido recortadas em casca de laranja por Pedrinho. Fez, então, as apresentações: “- Permita-me, Senhora Princesa, que apresente meu primo Pedrinho, o Conde dos Bigodes de Manga, e a minha amiga Emília, Marquesa de Rabicó.” Emília apressou-se para espiar, por debaixo da cadeira, os “famosos pés calçados no menor sapatinho do mundo”, horrorizando Narizinho por semelhante inconveniência com a princesa. Cinderela, porém, achou engraçada a atitude da bonequinha, acomodou-a em seu colo e afirmou que já a conhecia de fama. Emília pôs-se totalmente à vontade depois de ouvir isso e quis que a princesa lhe explicasse pontos de sua história que ela não entendia muito bem. O primeiro dizia respeito aos sapatinhos: “Um livro diz que eram de cristal; outro diz que eram de cetim. Afinal de contas estou vendo você com sapatinhos de couro...” A princesa riu da dúvida de Emília e lhe disse que os sapatinhos de cristal foram usados no famoso baile em que conheceu o Príncipe. Agora só usava os de camurça, por serem mais cômodos. O outro ponto da história de Cinderela que causava dúvidas na bonequinha era o que dava conta do destino da madrasta e das irmãs da princesa: “Um livro diz que foram condenadas à morte pelo Príncipe; outro diz que um pombinho furou os olhos das duas...” A famosa personagem explicou que nada disso havia acontecido de fato, que ela perdoara o mal causado por aquelas mulheres, e que agora viviam felizes numa casinha atrás de seu castelo, já curadas de toda maldade. Emília espantou-se com a atitude de Cinderela e confessou-lhe que não perdoaria se fosse com ela, pois era “mazinha”: “Tia Nastácia se esqueceu de me botar coração, quando me fez...” Narizinho advertiu sua boneca de que já bastava de prosa, pois conversar demais com uma princesa era contra as regras de etiqueta. Ela espiou Barba Azul pelo buraco da fechadura, como fizeram as outras princesas, e espantou-se: “- É esquisito isto! Sempre supus que o irmão da sétima mulher de Barba Azul o houvesse matado...” Emília explicou que o irmão da sétima esposa não o matara bem matado. Depois que o monstro se foi do sítio muito bravo por não o deixarem entrar, a princesa lembrou-se de que havia deixado sua varinha de

condão em cima do criado-mudo de seu castelo, e preocupou-se: “É capaz dalgum mau gênio aparecer por lá e furtá-la...” O Gato-de-Botas e o Pequeno Polegar ofereceram-se para ir até seu castelo e trazerem a varinha. Cinderela aceitou e os agradeceu, quando retornaram com o instrumento, com um beijo na testa de ambos. Emília queria que a princesa lhe desse a varinha, e insistiu tanto que Narizinho teve de ralar com ela. A bonequinha ficou emburrada por isso. No momento em que se organizou um baile na festa, a princesa Cinderela foi a única que não quis dançar, “para não estragar os seus sapatinhos de camurça”. Também não tomou o café, quando foi servido, e explicou: “- Só tomo leite (...). Tenho medo de que o café me deixe morena.” Emília concordou que era uma boa atitude da parte da princesa, pois tia Nastácia tornara-se negra, na sua opinião, de tanto tomar a bebida. Quando o Visconde de Sabugosa adormeceu e despencou do alto da janela de onde espiava a chegada dos príncipes e heróis dos contos maravilhosos, Emília sugeriu à princesa que o transformasse em alguma coisa com sua varinha mágica, pois o pobre sábio não recobrava os sentidos apesar dos esforços das heroínas. Cinderela achou uma boa idéia, mas não sabia no que poderia virar o Visconde. Venceu a sugestão da bonequinha, que pediu à princesa que o transformasse num pilãozinho de socar sal, pois tia Nastácia estava necessitada de um. Batendo a varinha no Visconde, Cinderela disse: “- Vira que vira, vira virando, vira pilão!” A cozinheira ficou espantada, mas agradeceu à princesa pelo presente, apesar de confessar que não teria coragem de socar sal naquele pilãozinho que já fora o Visconde. Na sala, com a ajuda da varinha de condão da princesa, todos passaram a brincar de virar, e Emília pediu que transformasse seus brinquedos em outros mais bonitos. Depois, quis que trouxesse os brinquedos velhos de volta, por sentir saudades deles. Quando surgiu o lobo querendo devorar Dona Benta, a bonequinha pediu à Cinderela que o virasse numa pulga, mas a princesa avisou que isso seria impossível, porque para virá-lo, teria de abrir a porta, e o lobo poderia agarrá-la de um bote se fizesse isso. Emília ponderou que só o Visconde poderia salvá-las, pois os sábios conheciam meios para tudo. Trouxe o pilãozinho para a princesa e ela bateu nele a varinha, transformando-o no Visconde novamente. No momento em que o lobo arrebentou uma tábuca da porta e enfiou o focinho pelo buraco, Narizinho e as princesas desmaiaram de medo, e Emília insistiu para que o sábio fizesse alguma coisa. Ele não se movia, porque não tinha sido transformado em Visconde por inteiro, apenas da cintura para cima. Não houve outro jeito a não ser gritar pelo socorro de tia Nastácia, que espantou o lobo a vassouradas. Acordada a princesa Cinderela com água fria, como as demais, também retirou-se do sítio ao cair da tarde. Na pressa de voltar para casa, esqueceu a varinha de condão, que foi encontrada por Emília. A bonequinha apoderou-se do objeto e revelou que iria “brincar de virar” o dia todo. Durou pouco seu

contentamento, porém. Quando as criaturas maravilhosas já tinham partido, Dona Carochinha surgiu no sítio e explicou por que viera: “- Vim buscar a lâmpada de Aladim, a vara de condão de Cinderela e as botas do Gato-de-Botas. Esses maluquinhos, com a pressa de voltar, esqueceram-se desses objetos.” As crianças e a bonequinha chegaram a pensar em não lhe entregar coisa alguma, pois cada um já se apossara de determinado instrumento e imaginava as mais fabulosas aventuras com aquelas maravilhas. Dona Benta os ensinara a respeitar os mais velhos, entretanto, e estava na sala próxima, de onde poderia ver o que faziam. Resolveram entregar os objetos, resignados. Emília, todavia, mal Dona Carochinha alcançou a porteira, gritou-lhe os piores desaforos, e mostrou-lhe uma língua tão comprida que assustou a baratinha e a fez apressar o passo (“**Cara de Coruja**”, 176 a 178; 183 a 185; 189, 190; 191 a 197). Foi citada na conversa entre o menino invisível e Pedrinho: “- (...) Foram os Grimm os que primeiro contaram a história de Cinderela exatinha como foi. Antes deles já essa história corria mundo, mas errada, cheia de mentiras. – Bem me estava parecendo – murmurou Pedrinho. Tenho um livro de capa muito feia que conta o caso de Cinderela diferente do de Grimm.” (“**Pena de papagaio**”, 254, 255).

COISA-RUIM – Diabo. O chefe dos demônios, o gênio do Mal, geralmente representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas. O ente foi referido pelo narrador para caracterizar o desenho elaborado por tia Nastácia, na ocasião do concurso proposto por Pedrinho, com a intenção de ser definida a forma que teria o boneco representando o irmão de Pinocchio: “O desenho de tia Nastácia não tinha forma de gente; parecia um coisa-ruim de carvão, tão feio que todos se riram.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 207).

CORVO – Personagem da fábula de Jean La Fontaine. Foi visto pelo grupo de aventureiros no País-das-Fábulas: “Assim que entraram na floresta viram no topo de uma árvore seca um corvo de queijo no bico. Pedrinho, muito sabido em fábulas, disse logo: - Aposto que embaixo da árvore está uma raposa. Ela vai gabar a voz do corvo (...). Já sei tudo. Não vale a pena pararmos para ver isso.” (“**Pena de papagaio**”, 274).

CUCA – Monstro do imaginário brasileiro com que se faz medo às crianças. Foi citada por Narizinho numa conversa com Dona Benta: “- Não seja tão boba vovó! Não tenha medo, que nada adianta. Faça como eu, que estou fresca da silva. Há tanto tempo que vivo nesta vida de aventuras, que já não sei ter medo. Seja lá o que apareça, leão, cuca, saci, onça ou pássaro

Roca, a gente dá um jeito e no fim sai vencendo. Para que tremer assim, justamente agora que o perigo passou?” (“**O pó de pirlimpimpim**”, 296).

DEMO – Demônio. Nas religiões judaica e cristã, anjo mau que, tendo-se rebelado contra Deus, foi precipitado no Inferno e procura a perdição da humanidade. O ente foi referido primeiramente por Narizinho, numa expressão usada na conversa com Emília, que tratava do trabalho das formigas ao recolher uma minhoca morta para dentro do formigueiro: “- Sim, senhora! (...) É o que se pode chamar um trabalho limpo! O demo queira ser minhoca neste pomar...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 45). O falso Gato Félix também usou uma expressão com o ente, numa passagem da história de sua vida contada aos moradores do sítio: “- ‘Senhor velho, poderá dizer-me onde é o lugar em que o demo perdeu as botas?’” (“**O Gato Félix**”, 157).

DIOGO – Diabo. O chefe dos demônios, o gênio do Mal, geralmente representado, na tradição popular, como um ser meio homem e meio cabra, de orelhas pontudas, chifres, asas, braços, e com a ponta da cauda e as patas bifurcadas. O ente foi referido numa expressão usada por Narizinho, para enfatizar a feiúra do boneco João Faz-de-conta: “Coitado! (...) Porque é feio como o Diogo e morto como um defunto, ninguém faz conta dele.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 218).

DEUS – Princípio supremo considerado pelas religiões como superior à natureza. Ser infinito, perfeito, criador do Universo. O ente foi mencionado duas vezes. Primeiramente, por Dona Benta, numa expressão dirigida a tia Nastácia, na circunstância da visita da corte do reino marinho ao sítio. Como a cozinheira estivesse assombrada com a presença daqueles bichinhos na propriedade de sua patroa, espiava-os pelo buraco da fechadura, sem dizer do que se tratava. Dona Benta perguntou-lhe, então: “- Que é, filha de Deus?” (“**Aventuras do Príncipe**”, 127). A segunda menção ao ente foi feita pelo Visconde de Sabugosa, ao sugerir a Pedrinho um procedimento para dar vida ao boneco construído para ser irmão de Pinocchio: “- Deus deu vida ao primeiro homem fazendo um boneco de barro e assoprando. Por que não experimenta o assopro, Pedrinho?...” (“**O irmão de Pinocchio**”, 212).

DONA CAROCHINHA – Personagem dos livros para crianças no Brasil, como os de Figueiredo Pimentel, em que se narram os contos de fadas de tradição européia. Uma baratinha de mantilha, já velha, “a célebre Dona Carochinha das histórias, a baratinha mais

famosa do mundo.” Tinha uma “língua muito magra e seca” e “nariz de papagaio seco”. Usava óculos e não enxergava nada sem eles. Surgiu no Reino-das-Águas-Claras em busca do Pequeno Polegar, que fugira, havia duas semanas, do livro onde morava. Ela confessou ao Príncipe Escamado e a Narizinho que muitas de suas personagens andavam aborrecidas de viverem sempre presas em suas histórias e queriam novidades, falando de correr mundo e viver novas aventuras. Brigou com a menina do nariz arrebitado ao chamar Dona Benta e tia Nastácia de “velhas corocas”. Ao ouvir isso da baratinha, a menina “perdeu as estribeiras” e disse que as histórias dela estavam “emboloradas”, e, se encontrasse o Pequeno Polegar, iria aconselhá-lo, como às demais personagens, a fugirem de seus livros (“**Narizinho Arrebitado**”, 10 1 12; 16). Na ocasião da festa que Narizinho, Emília e Pedrinho organizaram, no sítio, para reis, príncipes, princesas e fadas, algumas personagens de seus livros, chefiadas pelo Pequeno Polegar, preparavam nova fuga. Depois que todas as personagens das histórias maravilhosas se foram do sítio, ela apareceu e bateu à porta. Emília foi abrir e lhe perguntou o que desejava. Fingindo não reconhecer a bonequinha, a baratinha de mantilha sentou-se para descansar e disse: “- Boa tarde! (...) Sou Dona Carocha, a que toma conta de todos esses personagens do mundo maravilhoso.” Narizinho, de mãos na cintura, disse-lhe que já sabia quem ela era, mas insistiu em saber o que ela queria ali. Dona Carochinha disse, então, que viera buscar a lâmpada de Aladim, a vara de condão de Cinderela, e as botas do Gato-de-Botas. Essas personagens haviam esquecido seus pertences na pressa de voltar para casa, e as crianças chegaram a pensar que poderiam ficar com eles, mas Dona Benta estava na sala ao lado, e ela fazia questão de que respeitassem os mais velhos. Tiveram, desse modo, de entregar, resignados, aqueles objetos preciosos à Dona Carochinha, que não disse nada, mas levou tudo, até mesmo o espelho mágico que a princesa Branca-de-Neve havia dado à Emília. Antes que chegasse à porteira do sítio, a boneca não se conteve e gritou: “- Cara de coruja seca! Cara de jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo, *ahn!*...” E mostrou-lhe uma língua tão comprida, que a baratinha tratou de arregaçar a saia e apressar o passo (“**Cara de Coruja**”, 182; 196, 197).

FADAS – Entidades fantásticas a quem se atribuía poder sobrenatural e influência no destino dos homens. Foram referidas, primeiramente, pelo narrador do episódio da festa em homenagem às personagens maravilhosas, para descrever a quantidade de criaturas fantásticas que podiam ser vistas no terreiro do sítio: “Só reis e príncipes e fadas e anões e madrastras boas e más, e bruxas e mágicos de chapéus em forma de cartucho, e ursos que viram

príncipes, e lobos de dentuça arreganhada...” (“**Cara de Coruja**”, 187). Mais tarde, Narizinho citou as entidades enquanto conversava com Emília. A menina do nariz arrebitado dizia-lhe que asneira dita por uma boneca era a única coisa interessante existente neste mundo. A bonequinha perguntou, então: “- E no outro mundo?” Narizinho respondeu: “- No outro há muitas. Há fadas, ninfas, sacis, sereias...” (“**O circo de cavalinhos**”, 239).

FAUNO – Personagem da mitologia romana, que se assemelha à divindade grega Pã. Narizinho identificou o ente ao relacionar a cena vista na companhia do boneco João Faz-de-conta, quando viveu outra experiência maravilhosa no pomar do sítio, aos desenhos contemplados nos livros de Dona Benta: “- Oh! (...) Ainda ontem vi num dos livros de vovó uma gravura com uma cena igualzinha a esta. São as ninfas do bosque e o homem é um fauno.” Retornando ao sítio, a menina contou o que vira a Dona Benta e a Pedrinho (“**O irmão de Pinocchio**”, 219; 224, 225).

FORMIGA COROCA – Personagem da fábula de Jean La Fontaine. Ao contrário do papel da personagem na narrativa original, em *Reinações de Narizinho*, a formiga foi vítima da vingança da cigarra. Essa, ajudada por Emília, que segurou a formiga pela perna seca no momento em que se preparava para bater a porta mais uma vez, aplicou várias “portadas” no nariz da coroca. Tantas que a formiga foi obrigada a pedir a ajuda do fabulista, que interveio, dizendo à boneca que a sova merecida já bastava: “Emília soltou a formiga surrada, que lá se foi para o fundo do formigueiro com o nariz deste tamanho e mais tonta do que se tivesse bebido um cálice de formicida.” (“**Pena de papagaio**”, 267 a 271).

GATO-DE-BOTAS – Personagem ficcional da coletânea *Contes de ma mère l’Oye (Contos da mamãe gansa)*, de Charles Perrault. Dona Carochinha disse ao Príncipe Escamado que a personagem havia brigado com o Marquês de Carabas e queria “ir para os Estados Unidos visitar o Gato Félix” (“**Narizinho Arrebitado**”, 11). O bichano que apareceu no sítio, foi confundido com o famoso Gato Félix, e roubou dois franguinhos do galinheiro, ao contar sua história, iniciou-a fornecendo alguns dados sobre essa personagem: “ – Houve na França um gato muitíssimo ilustre, que era escudeiro do Marques de Carabas – tão ilustre que não há no mundo inteiro criança que o não conheça. (...) Fez coisas do arco-da-velha, como se sabe, até que se casou com uma linda gata amarela e teve muitos filhos. Esses filhos tiveram outros filhos. Estes outros filhos tiveram novos filhos, e veio vindo aquela gatária que não acabava mais até que nasci eu.” O falso Gato Félix afirmou ser “cinquentaneto” dessa personagem (“**O**

Gato Félix”, 149, 150). Ao chegar à festa do sítio, em honra das personagens dos contos maravilhosos, ficou sabendo por Narizinho e Emília de toda a história do falso Gato Félix, inclusive do fato de se impingir como seu “cinquentaneto”. O Gato-de-Botas assim se pronunciou sobre o caso: “- Mentira cínica! (...). Nunca me casei. Não tive nem filho, quanto mais cinquentaneto!”. Com o amigo Polegar foi ao castelo da princesa Cinderela e trouxe de lá sua varinha de condão, que ela havia esquecido e temia que fosse roubada por algum mau gênio. Recebeu, na testa, um beijo da princesa em agradecimento. Interveio na discussão entre Pedrinho e Aladim, que combinavam um pega para descobrir o que era capaz das maiores façanhas: a lâmpada maravilhosa ou o bodoque. Disse-lhes: “- Eu serei o juiz e em seguida desafiarei a ambos. Quero ver o que vale mais, se esse bodoque e essa lâmpada ou as minhas botas-de-sete-léguas”. Pedrinho gostou muito da personagem maravilhosa e disse isso à prima. Na pressa de voltar para casa, o famoso felino esqueceu suas botas atrás do armário. Narizinho encontrou-as e pensou que pudesse ficar com elas, mas teve de entregá-las a Dona Carochinha, que surgiu no sítio apenas para recolher os objetos que suas personagens haviam deixado ali: as botas do Gato-de-Botas, a lâmpada de Aladim, a varinha de condão de Cinderela e o espelho mágico que Branca-de-Neve dera à Emília (“**Cara de Coruja**”, 184, 185; 190, 191; 196, 197). Compareceu ao sítio, na ocasião do espetáculo circense organizado pelas crianças e seus companheiros de brincadeiras, na companhia do Pequeno Polegar, recebendo palmas de todos os presentes. Como o boneco João Faz-de-conta estivesse horrendo no traje de *cowboy*, enquanto auxiliava Emília em seu número de cavalgada, Aladim o relacionou ao Cavaleiro da Triste Figura, e foi para o Gato-de-Botas que o dono da lâmpada maravilhosa fez o comentário. A personagem em questão foi outra que saltou no picadeiro para socorrer o feioso boneco, quando se deu o incêndio de seu nariz de palito de fósforo. Ainda conversou com Pedrinho sobre o desaparecimento do Visconde de Sabugosa, esclarecendo, a seu modo, o caso: “- Juro que foi Peter Pan quem o raptou (...). Peter Pan é muito amigo de pregar peças. Veio aqui às ocultas e ‘bateu’ o palhaço. Garanto que não foi outra coisa.” O sábio, descobriu-se ao final, não desaparecera coisa nenhuma. Apenas ficara de conversa com um velho livro de Trigonometria, o que o levou a esquecer sua atuação como palhaço do espetáculo, e a prolongar o assunto sobre senos e co-senos até o dia seguinte (“**O circo de cavalinhos**”, 243; 246; 248; 250).

GATO FÉLIX - Criação dos cartunistas Pat Sullivan e Otto Messmer. Foi citada por Dona Carochinha como a personagem que o Gato-de-Botas gostaria de conhecer (“**Narizinho Arrebitado**”, 11). O falso Gato Félix que surgiu no sítio e trouxe a notícia da visita da corte

do Príncipe Escamado foi apresentado por Narizinho a Emília como se fosse o verdadeiro, pois, somente depois das investigações do Visconde de Sabugosa, é que se descobriu sua farsa. A menina disse sobre ele: “... é um gato que você nem imagina que gato é, de tão inteligente e reinador! Mete-se nas maiores aventuras, aparece nas fitas de cinema, pinta o sete. Ninguém pode com a vida dele. O Gato Félix sai vencendo sempre” (“**Aventuras do Príncipe**”, 123). O verdadeiro foi convidado para a festa organizada pelas crianças e por Emília em honra das personagens das histórias (“**Cara de Coruja**”, 174). O Gato Félix verdadeiro também compareceu ao espetáculo circense do sítio, montado pelas crianças e por seus amigos de brincadeiras. Ao ouvir seu miado, Pedrinho inicialmente o confundiu com o falso, e chegou a ameaçar usar o bodoque. Sendo o Félix de fato, foi acomodado em seu lugar pelo menino, e o gato já foi perguntando: “- E há cocadas?” Emília avisou que só haveria o doce no intervalo. Depois do incidente com o Barba Azul, que foi enxotado do sítio pelo cão vigia, o gato tornou a pedir: “- Cocada!” Pedrinho deu, então, início à função. Com o desaparecimento do Visconde e a recusa de Emília de representar a pantomima, Pedrinho resolveu encerrar o espetáculo com a surpresa que havia combinado com Narizinho: a apresentação do elefante, o menor do mundo, caminhando sobre garrafas. Era o Marquês de Rabicó, na verdade, fantasiado de elefante. Antes de se revelar a surpresa aos convidados, que bateram palmas e assobiaram, o Gato Félix gritou novamente: “- Cocadas, ao menos!” Com a confusão provocada no picadeiro, quando o cão vigia assustou-se com o leitão fantasiado e avançou sobre ele, espantando-o para o terreiro, Narizinho não viu outra solução a não ser entrar na arena do circo com a tabuleta onde se lia a palavra “INTERVALO”. O Gato Félix, finalmente, pôde se aproximar de tia Nastácia, que trazia o tabuleiro de cocadas e fazia a distribuição dos doces, e solicitar: “- Quero uma branca, duas cor-de-rosa e três queimadas!” (“**O circo de cavalinhos**”, 242 a 244; 249 a 250).

GÊNIO - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Quando Ali Babá explicou aos amigos, no sítio, que os quarenta ladrões estavam no terreiro, Aladim ofereceu-se para ajudar: “- Espere que já curo esses malandros! (...) Chamo o Gênio e num pingo de minuto ele espalha os quarenta ladrões.” O dono da lâmpada maravilhosa passou a mão pelo vidro do objeto encantado, e uma fumacinha foi surgindo, transformando-se no Gênio. Aladim orientou-o, então: “- Amigo Gênio (...) vá lá fora e espalhe duma vez para sempre esses quarenta bandidos que vivem atropelando o meu caro Ali Babá.” Não se soube exatamente o que o extraordinário homem fez, mas os quarenta ladrões foram expulsos do

sítio. Tal ação fez de Aladim e Ali Babá dois grandes amigos (“**Cara de Coruja**”, 185, 186). No momento em que Barba Azul chegou ao sítio, na circunstância do espetáculo circense montado pelas crianças e seus companheiros, Aladim, um dos convidados, até se preparou para chamar o Gênio novamente. Não foi necessário, entretanto, pois o cão vigia providenciado por Pedrinho enxotou o malvado e ainda arrancou-lhe um chumaço da barba (“**O circo de cavalinhos**”, 244).

GÊNIO MAU – Espírito maléfico, que, segundo os antigos, presidia ao destino de cada um, ao das cidades, de certos lugares, e era responsável pelo desencadear de determinados fatos. Foi mencionado pela personagem Cinderela, quando, na festa do sítio, deu-se conta de que havia esquecido sua varinha de condão: “- Céus! Deixei minha varinha de condão em cima do criado-mudo. É capaz dalgum mau gênio aparecer por lá e furtá-la...” Com a ajuda do Gato-de-Botas e do Pequeno Polegar, que se abalaram até o palácio da princesa, a varinha de condão foi trazida a sua dona (“**Cara de Coruja**”, 185).

HANSEL E GRETEL (Joãozinho e Maria) - Entes de ficção do volume *Kinder und Hausmärchen* (*Contos de fadas para crianças e adultos*), dos irmãos Grimm. Também compareceram à festa, no sítio, em homenagem às personagens dos contos maravilhosos. Emília quis saber do tal ossinho que mostravam à bruxa, toda vez que ela lhes pedia para ver o dedinho e conferir se estavam engordando. A bonequinha considerou que deveriam ter feito um colar com aquele ossinho, pois tinham sido salvos por ele (“**Cara de Coruja**”, 187).

LAURA (Menina do leite) – Personagem da fábula de Esopo. Em *Reinações de Narizinho*, a personagem encontrou-se com o grupo de aventureiros no País-das-Fábulas. Quando Emília lhe pediu que derrubasse o pote de leite, para que sua fábula não ficasse “sem pé nem cabeça”, Laura, sorrindo, disse: “- Já se foi esse tempo, bonequinha! Isso me aconteceu uma vez, mas não acontece outra. Arranjei esta lata de metal, que fecha hermeticamente, para substituir o pote quebrado. Agora posso sonhar quantos castelos quiser, sem receio de que o leite se derrame e meus sonhos acabem em desilusões. Adeus, meninada, adeus!” (“**Pena de papagaio**”, 274, 275, 276).

LEÃO – Personagem da fábula de Esopo. Como na narrativa muito conhecida, também no País-das-Fábulas, o rei dos animais ouviu do macaco a opinião sobre a peste que assolava o reino. Depois de seu testemunho, foi igualmente poupado da culpa e determinou, ao final do

discurso do burro, a sentença de morte da pobre criatura. O burro, entretanto, pôde fugir, pois no momento do ataque do tigre carrasco, uma pedra caiu-lhe na cabeça, por obra de Peninha, o ser invisível (“**Pena de papagaio**”, 277, 278, 279).

LOBO - Personagem ficcional da coletânea *Contes de ma mère l’Oye (Contos da mamãe gansa)*, de Charles Perrault. A criatura surgiu no sítio na circunstância da festa em homenagem às personagens maravilhosas, e bateu à porta de um modo esquisito, assustando as princesas presentes. Capinha Vermelha percebeu que aquela batida parecia de lobo e espiou pelo buraco da fechadura. Ao certificar-se de que era mesmo o lobo o responsável pela batida esquisita, a pequena arregalou os olhos e revelou que o animal lá fora devorara sua avó. Narizinho não podia entender como poderia ainda estar vivo, se lera nos livros que o lobo morrera a machadadas. Emília retorquiu que deveria ser um erro tipográfico, pois o lobo estava de fato vivo. A menina do nariz arrebitado caiu em prantos, pois temia pela vida de Dona Benta. A bonequinha chegou a pedir a Cinderela que transformasse a fera numa pulga, mas a princesa achava muito arriscado abrir a porta para fazer a mágica. Enquanto as meninas se desesperavam sozinhas, já que Pedrinho e os príncipes haviam saído para fazer uma experiência com a lâmpada de Aladim, o lobo continuava a bater e sempre mais furioso. O terrível animal chegou a arrebentar uma das tábuas da porta e, então, enfiou o focinho pelo buraco, farejou e disse: “- Hum... Hum!... Estou sentindo cheiro de avó de gente...” A atitude do lobo foi demais para Narizinho, que desmaiou, levando todas as princesas a repetirem o ato. Emília estava sozinha com o Visconde naquele momento e pediu a ele que fizesse alguma coisa. O sábio, porém, não podia agir, pois havia sido transformado num pilãozinho de socar sal da cintura para baixo, de modo que não podia sequer mover-se. O lobo, a essa altura, já arrancara mais uma tábua da porta e pusera quase meio corpo dentro da casa. A bonequinha percebeu que a fera conseguiria entrar, se nada fosse feito. O jeito foi apelar para tia Nastácia, num grito: “- Acuda, tia Nastácia! O lobo está entrando de verdade e vai comer Dona Benta...” A cozinheira veio depressa da cozinha e espantou o monstro com três vassouradas no focinho dele. Ela ralhou: “Lobo sem-vergonha! Vá prear no mato que é o melhor. Dona Benta nunca foi quitute pra teu bico, seu cão sarnento!...” Emília ficou orgulhosa da valentia de tia Nastácia. Quando Narizinho acordou do desmaio, também com a ajuda da boa cozinheira, ainda perguntou: “- Que é do lobo? (...) Já comeu vovó?” Tia Nastácia sorriu fartamente, e respondeu: “- Credo! Que idéia! O lobo a estas horas já deve estar chegando na Europa!...” Depois que as outras meninas também foram despertadas, agradeceram muito à

corajosa senhora, abraçaram-na e prometeram enviar-lhe muitos presentes (“**Cara de Coruja**”, 192 a 194).

LOBO DA FÁBULA – Personagem original de Jean La Fontaine. Em *Reinações de Narizinho*, o ser foi impedido de devorar o carneiro pelo próprio fabulista, que lhe aplicou uma bengalada no focinho: “Mestre lobo não esperava por aquilo. Meteu o rabo entre as pernas e sumiu-se pela floresta adentro.” (“**Pena de papagaio**”, 260 a 264).

MACACO – Personagem de Esopo. Como na fábula, no País-das-Fábulas, a personagem foi consultada pelo rei dos animais para dar sua opinião sobre a peste que os desgraçava. O macaco disse: “- ‘Saiba Vossa Majestade que esta peste é um castigo do céu. Ofendemos as majestades celestes, foi isso. Agora, o remédio é aplacarmos a cólera dos deuses com o sacrifício de um de nós.’” Quando o leão quis saber de quem seria o sacrifício, o macaco respondeu: “- ‘Do mais carregado de crimes...’” Ao final, determinou-se que o burro deveria ser sacrificado, mas acabou fugindo, graças à ação de Peninha, o menino invisível (“**Pena de papagaio**”, 277, 278, 279).

MEDUSA – Personagem da mitologia grega. A cabeça da Górgona também apareceu na festa do sítio que homenageou as criaturas dos contos maravilhosos. Surgiu “espetada na ponta de um pau, com aquela porção de cobras se mexendo em lugar de cabelos” (“**Cara de Coruja**”, 187).

MEFISTÓFELES – Demônio intelectual das lendas germânicas, e personagem do *Fausto*, drama de Goethe. O ente ficcional foi mencionado pelo narrador na descrição da cena vista por Narizinho, quando viveu uma experiência maravilhosa na companhia do boneco João Faz-de-conta: “A menina olhou para onde ele [João Faz-de-conta] apontava e realmente viu um bando de lindas criaturas, envoltas em véus de finíssimo tule, dançando por entre as árvores do pomar. No meio delas estava um ente estranho, de orelhas bicudas como as de Mefistófeles, dois chifrinhos na testa e cauda de bode.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 218, 219).

MINOTAURO – Personagem da mitologia grega. É um ser monstruoso com corpo de homem e cabeça de touro. O ente foi referido pelo narrador para caracterizar o herói Teseu, personagem mitológica que também compareceu à festa no sítio em honra das criaturas maravilhosas das histórias: “Depois vieram os heróis gregos, o valente Perseu que matou a

Górgona, o heróico Teseu que matou o Minotauro e até a cabeça da Medusa, espetada na ponta de um pau, com aquela porção de cobras se mexendo em lugar de cabelos.” (“**Cara de Coruja**”, 187).

MORGIANA - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. No momento em que Ali Babá, na festa em homenagem às personagens das histórias maravilhosas, comentou estar sendo perseguido pelos quarenta ladrões, Narizinho lhe perguntou: “ – Como? (...) Pois a Morgiana não matou essa gente toda com azeite fervendo?” Ali Babá afirmou que o azeite apenas queimou aqueles homens, não sendo suficiente para matá-los. A personagem também acompanhou os heróis daquelas histórias fantásticas na ida ao sítio, por ocasião da festa, mas ficou do lado de fora da sala de Dona Benta, por serem muitos (“**Cara de Coruja**”, 185,187).

NINFAS – Personagens da mitologia grega. Foram vistas por Narizinho e pelo boneco João Faz-de-conta, no pomar do sítio, quando a menina vivenciou outra situação maravilhosa. Ao vê-las dançando em grupo, lindas, “envoltas em véus de finíssimo tule”, acompanhadas de uma outra criatura, Narizinho recordou-se de uma cena análoga contemplada num livro de Dona Benta e soube, então, nomear as personagens: “Oh! (...) Ainda ontem vi num dos livros de vovó uma gravura com uma cena igualzinha a esta. São as ninfas do bosque e o homem é um fauno.” Ao retornar ao sítio, contou tudo o que vivera a Dona Benta e a Pedrinho, voltando a citar o nome das personagens. (“**O irmão de Pinocchio**”, 219; 224, 225). Foram mencionadas, ainda, pela menina do nariz arrebitado, numa conversa com Emília. Quando Narizinho disse à bonequinha que asneira de boneca era a única coisa interessante que havia neste mundo, Emília perguntou o que existiria de interessante no outro. A neta de Dona Benta disse-lhe, então: “- No outro [mundo] há muitas. Há fadas, ninfas, sacis, sereias e há o famoso Peter Pan...” (“**O circo de cavalinhos**”, 239).

NHÁ INACINHAS – O nome próprio apareceu designando um tipo de vespa, na passagem da experiência maravilhosa vivida por Narizinho, na companhia do boneco João Faz-de-conta: No meio delas [das ninfas] estava um ente estranho, de orelhas bicudas como as de Mefistófeles, dois chifrinhos na testa e cauda de bode. Soprava músicas numa flauta de Pã, isto é, numa flauta feita de canudos incões, tal qual a casa de barro que umas vespas chamadas

‘Nhá Inacinhas’ haviam feito na parede do fundo da casa de Dona Benta.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 219).

O FANTASMA DA ÓPERA – Erik Claudin, personagem de Gaston Leroux. Nomeou a pantomima do circo montado pelas crianças no sítio. Emília, no entanto, quis que o título fosse O PANTASMA DA ÓPERA. Com a recusa da bonequinha de representar seu papel, emburrada com as risadas do público durante o número da cavalgada, a pantomima foi cancelada (“**O circo de cavalinhos**”, 232; 240, 241).

PÃ – Personagem da mitologia grega. Trazia sempre uma flauta, que ele mesmo construía, aproveitando o caníço em que havia se transformado a ninfa Siringe. Foi citado pelo narrador na descrição da cena vista por Narizinho na companhia do boneco João Faz-de-conta, na vivência de outra experiência maravilhosa: “A menina olhou para onde ele [João Faz-de-conta] apontava e realmente viu um bando de lindas criaturas, envoltas em véus de finíssimo tule, dançando por entre as árvores do pomar. No meio delas estava um ente estranho, de orelhas bicudas como as de Mefistófeles, dois chifrinhos na testa e cauda de bode. Soprava músicas numa flauta de Pã, isto é, numa flauta feita de canudos incões, tal qual a casa de barro que umas vespas chamadas ‘Nhá Inacinhas’ haviam feito na parede do fundo da casa de Dona Benta.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 218, 219).

PÁSSARO AZUL – Ente de ficção de Maurice Maeterlink. Foi citado pelas princesas Rosa-Vermelha e Rosa-Branca, na despedida da festa em homenagem às personagens maravilhosas. Quando o relógio do sítio bateu seis horas, Branca-de-Neve avisou que precisava partir, pois teria um compromisso às sete. As princesas disseram, então: “- E nós também (...). Temos à noite a visita do Pássaro Azul.” (“**Cara de Coruja**”, 195).

PÁSSARO ROCA – Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Foi mencionado, inicialmente, por Emília, que quis saber de Xerazade, quando esta esteve no sítio, na ocasião da festa em homenagem às personagens maravilhosas, por que não trouxera também o pássaro Roca. A princesa respondeu sorrindo: “- Que idéia! (...) Para que esse bruto derrubasse uma pedra em cima do sítio de Dona Benta e nos esmagasse a todos como fez com o navio de Sindbade?” (“**Cara de Coruja**”, 187). Quando o grupo de aventureiros, acompanhado de Dona Benta, chegou a uma das terras das Mil-e-Uma-Noites, o gigantesco

pássaro foi confundido com árvores gêmeas. Isso assustou a velha senhora, mas o animal não os viu, pois eram pequenos demais para ele. Pedrinho amarrou o burro que os conduzia nas pernas do pássaro, pensando ser uma árvore. Quando o animal levantou vôo, levou com ele o pobre burro, que depois foi resgatado, no mar, com a ajuda do Barão de Münchhausen e de Pedrinho. A caminho do castelo do Barão, o grupo teve de enfrentar o filhote do pássaro, que saiu do ovo e deu muito trabalho até ser amordaçado. Os pios do filhote atraíram a mãe e ela surgiu nos ares, obrigando que todos corressem como nunca até o castelo. De lá, da torre, o Barão e Pedrinho espiaram o animal com uma luneta e viram a satisfação dele ao ver o filhote já nascido. No palácio, Dona Benta reclamava muito e insistia em voltar para o sítio, pois não lhe agradava a idéia de saber que havia um monstro como o pássaro Roca rondando o lugar. Pedrinho descobriu, porém, que o pó de pirlimpimpim perdera o efeito quando se molhara na água do mar, na circunstância do salvamento do burro. A ave terrível estava se aproximando e todos pensaram que seria o fim, quando Emília teve a idéia de gritar que fechassem os olhos com toda a força. Foi o que fizeram e, quando tornaram a abrir os olhos, estavam no sítio novamente (“**O pó de pirlimpimpim**”, 295; 300 a 302; 306 a 309).

PATINHO FEIO - Criatura ficcional de Hans Christian Andersen. Compareceu à festa no sítio o filho da famosa personagem que se transformou num belo cisne. Emília tratou de alertá-lo sobre o perigo representado por tia Nastácia. Recomendou ao patinho que não fosse à cozinha, pois lá estava uma pessoa que poderia torcer-lhe o pescoço e assá-lo no forno. A pobre criaturinha fez-se “mais pálido que uma vela de cera” ao saber disso (“**Cara de Coruja**”, 186, 187).

PEDRO MALAZARTE – Personagem de contos populares recolhidos por Luís da Câmara Cascudo. O nome do ente ficcional foi acrescentado, por Emília, ao nome que criou para o diretor do circo montado por ela e pelas crianças: Senhor Pedro Malazarte Escavalinho da Silva. Pedrinho gostou da idéia e a adotou como o nome do circo (“**O circo de cavalinhos**”, 227).

PÉGASO – Personagem da mitologia grega, representada por um cavalo alado. Foi referida pela boneca Emília quando esta explicou a Narizinho por que, excepcionalmente, não poderia acompanhá-la no passeio pelo pomar do sítio: “- Não posso hoje (...). Estou ensinando o abc a este analfabeto [o cavalinho de brinquedo do qual se apossara por ter dado a idéia da busca do

pau vivente a Pedrinho], que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras ‘cavalências’ célebres.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 217).

PEQUENO POLEGAR – Ente de ficção da coletânea *Contes de ma mère l’Oye (Contos da mamãe gansa)*, de Charles Perrault. Depois de fugir de sua história, apareceu no reino do Príncipe Escamado e candidatou-se ao posto de bobo da corte, pois o soberano estava sem um desde que o antigo fora devorado pelo peixe-espada. Ao apresentar-se ao Príncipe, fazendo graças e vestido com o saiote de guizos e uma carapuça também de guizos na cabeça, disse que se chamava gigante Fura-Bolos. Narizinho, percebendo a real identidade do bobinho, convidou-o para ir morar no sítio com ela e a deixar aquela vida de bobo da corte. No momento em que Dona Carochinha, farejando o Polegar, reapareceu na sala do Príncipe, a menina escondeu o pequenino na manga do vestido. Descoberta sua ação pela velha, atracou-se com ela. Emília, que se encontrava ao lado de sua dona, teve, então, a idéia de arrancar os óculos da baratinha. Como a velha não enxergasse nada sem eles, ficou a “pererecar” no meio da sala, e Narizinho teve a oportunidade de correr e esconder Polegar na gruta dos tesouros, no fundo de uma concha. Só foi lembrar-se de ir buscá-lo bem mais tarde, após a festa do reino, mas “perdeu a viagem”, porque o pequeno havia desaparecido com concha e tudo (“**Narizinho Arrebitado**”, 11, 12; 14; 16, 17; 24). No momento em que o Marquês de Rabicó anunciou que um “senhor pingo de gente com umas botas maiores do que ele” chegava para a recepção organizada no sítio, as princesas presentes foram correndo recebê-lo, pois ele era o líder da conspiração das personagens dos contos maravilhosos que queriam sair dos livros de Dona Carochinha e viver novas aventuras na propriedade de Dona Benta. Ele, que já havia fugido uma vez de sua história e fora capturado, preparava agora uma nova fuga, dele e de outras personagens. Emília, assim que o viu, ficou muito agitada, agarrou o pequeno herói e não o deixou mais. Quis que lhe contasse toda sua vida, e soube que o pequenino não tinha medo de nada com suas botas, nem de “jacarepaguá”, o que, para a bonequinha, deveria ser o pior dos monstros. Levou-o para seu quarto de boneca e mostrou-lhe os brinquedos, e até presenteou-lhe com um velho pito de tia Nastácia, de que Polegar gostou muito, pois podia esconder-se dentro dele. Era a primeira vez que Emília dava um presente a alguém, já que a esperta bonequinha preferia ganhar mimos e não ofertá-los. Depois que deu o pito ao Polegar, sempre que se lembrava dele, a boneca dava um suspiro de saudade do objeto querido. O pequenino foi, na companhia do Gato-de-Botas, ao castelo da princesa Cinderela para de lá trazer sua varinha de condão. Ela havia esquecido a varinha em cima do criado-mudo e temia que fosse roubada por um mau gênio. Recebeu um beijo na testa da princesa como

agradecimento por esse feito. Na despedida da festa, Emília cochichou-lhe ao ouvido muitas coisas sobre Dona Carochinha e incentivou-o a fugir novamente e a vir morar no sítio (“**Cara de Coruja**”, 182, 183; 185; 196). Na ocasião da tentativa de trapaça da boneca, no sorteio que decidiria a forma que teria o boneco para ser irmão de Pinocchio, ela ficou zangada com tia Nastácia e ameaçou ir embora do sítio. Ao descobrir sua intenção, Narizinho quis saber para onde iria, e Emília respondeu: “- Vou para a casa do Pequeno Polegar. Quando lhe dei de presente o pito de barro, ele me disse: ‘Muito obrigado, Dona Emília. Tenho lá uma casa às suas ordens. Apareça.’ Chegou o dia. Vou aparecer e ficar morando lá.” A menina alertou-a, porém, para o fato de a casa de Polegar ser bem pequena, como seu dono, onde ela poderia não caber. A bonequinha refletiu sobre o que ouviu de Narizinho, e, reconsiderou, pois não queria dormir no terreiro, onde certamente teria de ficar, não sendo possível acomodar-se na casa do amigo. Temia terrivelmente ser atacada, se dormisse ao relento, por corujas e morcegos, e decidiu ficar (“**O irmão de Pinocchio**”, 210, 211). Quando o Polegar chegou ao sítio para o espetáculo circense montado pelas crianças, na companhia do Gato-de-Botas, foi aplaudido por todos os presentes. Depois que o terrível Barba Azul foi enxotado pelo cão vigia, o que permitia o início da função, o pequenino bradou: “- Palhaço!”. O espetáculo não começava porque Dona Benta e tia Nastácia ainda estavam ausentes, se arrumando. Tão logo se acomodaram em suas cadeiras especiais, o Polegar pediu mais uma vez: “- Palhaço!” (“**O circo de cavalinhos**”, 243, 244; 246).

PERSEU – Personagem da mitologia grega. O herói que matou a Górgona também compareceu à festa no sítio em honra das criaturas dos contos maravilhosos (“**Cara de Coruja**”, 187).

PESCADOR - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Também compareceu à festa em homenagem às personagens dos contos de fadas, realizada no sítio. (“**Cara de Coruja**”, 187).

PETER PAN – Personagem de ficção de James Barrie. Foi citada, pela primeira vez, no episódio da festa que Narizinho, Pedrinho e Emília organizaram para os reis, príncipes, princesas e fadas das histórias. O menino quis saber se a prima não esquecer de convidar a personagem, e Narizinho lhe garantiu que não. Por sinal, era para saldar sua chegada ao sítio, que Emília havia escrito o “hino dos índios guerreiros”. Dona Benta foi avisada pela neta de

que, assim que ouvisse “uma grande salva de palmas e um hino de índios”, deveria espiar um pedacinho da festa pelo buraco da fechadura. Pedrinho acabou ficando decepcionado ao longo da celebração, porque havia, no terreiro do sítio, tantas personagens maravilhosas, reis, príncipes, fadas, anões, madrastas boas e más, bruxas, mágicos “de chapéus em forma de cartucho”, ursos que viravam príncipes, lobos “de dentuça arreganhada”, mas Peter Pan não chegava. O grande desejo do garoto era justamente conhecer a personagem. O menino que não quis crescer foi o último convidado a surgir no sítio. Entrou pela janela como um grande pássaro e, assim que Pedrinho e todos os outros o reconheceram, ouviu-se uma grande salva de palmas, a qual se seguiu o hino dos índios guerreiros composto por Emília. Dona Benta, conforme havia sido orientada pela neta, espiou a festa, entrou na sala e cumprimentou a famosa personagem vinda da Terra do Nunca: “- Boa tarde, senhor Peter Pan! Fico satisfeita de saber que o senhor também é amigo dos meus netos – mas quero que não faça com eles o que fez com Wendy e seus irmãozinhos. Não lhes ensine a voar, senão estou perdida. Se não sabendo voar já são assim, imagine sabendo...” O medo de Dona Benta era de que fossem para muito longe e esquecessem de voltar. Peter Pan sossegou a velha senhora, pois afirmou que só lhes ensinaria a voar se tivesse o consentimento dela. Na despedida, Pedrinho cochichou-lhe várias coisas e pediu-lhe ainda: “- Quando voltar, veja se traz o crocodilo que comeu o Capitão Gancho. Tenho muita vontade de ver um crocodilo dessa espécie.” (“**Cara de Coruja**”, 187, 188; 194, 195). A personagem também foi citada no momento em que Narizinho viveu nova experiência maravilhosa e encontrou a casa de Capinha Vermelha. Enquanto conversava com a criança, o companheiro da menina do nariz arrebitado, o boneco João Faz-de-conta, saiu e voltou muito alegre, dizendo: “- Adivinhem quem passou por aqui! Peter Pan. Conversou comigo meio minuto e lá se foi, voando, para a Terra do Nunca, onde mora. Disse que qualquer dia aparece no sítio de Dona Benta para brincar com Pedrinho.” Capinha contou, então, que a personagem sempre a visitava. Narizinho aproveitou para fazer várias perguntas a João Faz-de-conta sobre Peter Pan e também sobre “sua inseparável companheira, a fada Sininho”. Ao retornar ao sítio, a menina contou a Pedrinho sobre a amizade entre Capinha Vermelha e Peter Pan, e também sobre a promessa dele de ir à propriedade de Dona Benta. O menino chegou a dar pulos de alegria, pois isso era o que mais desejava no mundo (“**O irmão de Pinocchio**”, 223; 225). Quando Narizinho conversou com Emília, e a menina lhe falou que asneira de boneca era a única coisa interessante existente no mundo, a bonequinha quis saber o que havia no outro mundo. Ao lhe responder, a menina do nariz arrebitado citou a personagem: “- No outro há muitas [coisas interessantes]. Há fadas, ninfas, sacis, sereias e há o famoso Peter Pan que Faz-de-conta ficou de convidar.” O convite

a que Narizinho se referia era para o espetáculo circense organizado por ela, por Pedrinho, Emília, pelo Visconde, pelo boneco João Faz-de-conta, e por Rabicó. Para tal evento, os amigos das histórias maravilhosas e do Reino-das-Águas-Claras tinham sido convidados, inclusive Peter Pan, como a menina mencionara. Emília quis saber se a famosa personagem viria mesmo. A neta de Dona Benta respondeu: “- Não sei, mas acho que vem. Peter Pan me parece um grande moleque – e os moleques gostam muito de circo.” Quando começaram a chegar os convidados, Pedrinho comentou: “- Que maçada! (...) Justamente o que eu mais queria que viesse, não veio – Peter Pan...” Narizinho ponderou: “- Talvez ainda venha (...). Ele gosta de fazer tudo diferente dos outros.” Ao final do espetáculo, encurtado por causa, entre outras coisas, do sumiço do Visconde de Sabugosa, o Gato-de-Botas argumentou com o menino: “- Juro que foi Peter Pan quem o raptou (...). Peter Pan é muito amigo de pregar peças. Veio aqui às ocultas e ‘bateu’ o palhaço. Garanto que não foi outra coisa.” O sábio, na verdade, encontrara um velho livro de Trigonometria, usado como calço de um dos esteios da armação do circo, e com ele ficou conversando até o dia seguinte, esquecido de sua atuação como palhaço do circo (“**O circo de cavalinhos**”, 239, 240; 244; 250). A personagem é constantemente citada no penúltimo capítulo pelos seres ficcionais lobatianos, pois Pedrinho a confunde com o ser invisível que acompanha o grupo na aventura ao País-das-Fábulas: “A história de Peter Pan, que Dona Benta contara aos meninos certo dia, tinha-os deixado de cabeça virada. Narizinho só pensava em Wendy; Pedrinho só pensava em Peter Pan, “o menino que nunca quis crescer.” “- Ando desconfiado [diz Pedrinho] que esse menino é o mesmo Peter Pan. Tem igual modo de falar e igual mania de cantar de galo. Que é que o senhor pensa disso? O pobre fabulista [La Fontaine], que não tinha a menor idéia de quem fosse Peter Pan, menino descoberto na Inglaterra muito recentemente, não pôde dar opinião a respeito.” (“**Pena de papagaio**”, 251, 252; 256; 266).

PINOCCHIO – Ser ficcional de Carlo Collodi. Foi mencionado pela primeira vez por Dona Carochinha, no Reino-das-Águas-Claras, como sendo uma das causas da revolta de suas personagens (“**Narizinho Arrebitado**”, 11). Certa feita, Narizinho comentou que Dona Benta estava sem inspiração para novas histórias, por já tê-las contado em grande número. A velha senhora constatou que isso era verdade, e escreveu a um livreiro de São Paulo, solicitando novos livros. Foi assim que chegou ao sítio o volume *Pinocchio*, lido em partes por ela, apesar do desejo de Pedrinho de lê-lo sozinho e rapidamente. A história do boneco inspirou a sugestão, dada por Emília ao neto de Dona Benta, de buscar no sítio o pau de que fora construída a personagem de Collodi, e com ele modelar um irmão para Pinocchio. Feito o

boneco por tia Nastácia, foi batizado com o nome de João Faz-de-conta por Emília, e acabou vivendo por mais de uma hora na companhia de Narizinho, revelando-se possuidor de grande caráter. Ao comentar com o primo o que presenciara, a menina observou: “Tem [João Faz-de-conta] gênio muito diferente do de Pinocchio. Muito mais sensato e, além disso, valente e leal (**“O irmão de Pinocchio”**, 199 a 225).

POLICHINELO – Personagem-tipo muito antiga, cujas origens remontam ao teatro latino, e que alcança maior desenvolvimento na *commedia dell’arte* italiana. Caracteriza-se pelo nariz longo, pela corcunda, barriga grande, barrete e roupas multicoloridas, e pela fala tremida e esganiçada. A personagem foi citada pelo narrador para descrever o desenho de Emília, no concurso que escolheria o modelo do boneco, irmão de Pinocchio: “O [desenho] de Emília era um embrulho. Emília quis botar no boneco tanta coisa que o virou numa trapalhada. Fez cacunda de Polichinelo, boca de sapo, rabo de jacaré, orelhas de morcego, pés de bode e nariz ainda mais comprido que o de Pinocchio.” (**“O irmão de Pinocchio”**, 207).

PRÍNCIPE AHMEDE - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Também compareceu à festa em homenagem às personagens dos contos de fadas, realizada no sítio, e dançou com Branca-de-Neve (**“Cara de Coruja”**, 187).

PRÍNCIPE CODADADE - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. O narrador explicou que a princesa Cinderela, ao chegar ao sítio para a festa em honra das personagens maravilhosas, respondeu ao modo oriental de saudação de Narizinho, porque ia a muitas festas promovidas pelo referido Príncipe. Ele também compareceu à festa no sítio e, quando as princesas decidiram dançar, Emília foi ao terreiro e o trouxe de lá, com outros príncipes. Antes que alguma princesa o escolhesse como par, Narizinho o fez, “e saiu dançando com ele como se fosse uma princesa oriental.” (**“Cara de Coruja”**, 177; 187, 188).

RAGGEDY ANN – Personagem de ficção de Johnny Gruelle. Compareceu ao espetáculo de circo montado no sítio pelas crianças e seus companheiros de brincadeiras (**“O circo de cavaleiros”**, 244).

RAPOSA (I) – Personagem da fábula de Esopo. Apareceu na narrativa contada por Pedrinho, quando o grupo de aventureiros, no País-das-Fabulas, viu o corvo no topo de uma árvore: “- Aposto que embaixo da árvore está uma raposa. Ela vai gabar a voz do corvo, dizendo que nenhum sabiá canta mais bonito que ele. O vaidoso acredita, fica todo ganjento, abre o bico para cantar e o queijo cai e a raposa pega o queijo e foge com ele, na risada. Já sei tudo. Não vale a pena pararmos para ver isso.” (“**Pena de papagaio**”, 274).

RAPOSA (II) – Personagem da fábula de Esopo. Tal qual na conhecida narrativa, ela defendeu, no País-das-Fábulas, o leão e o tigre, dois animais poderosos, da acusação deles próprios de serem os culpados pela peste que assolava o reino dos bichos. Igualmente incitou os animais a considerarem o pobre burro o criminoso e o responsável pela epidemia que os castigava. Antes que o tigre estraçalhasse o burro, porém, Peninha, o menino invisível, fez cair uma pedra na cabeça do terrível animal, impedindo que matasse o burro (“**Pena de papagaio**”, 277, 278, 279).

ROSA-BRANCA E ROSA-VERMELHA - Entes de ficção do volume *Kinder und Hausmärchen* (*Contos de fadas para crianças e adultos*), dos irmãos Grimm. Quando chegaram ao sítio para a festa em homenagem às personagens dos contos de fadas, foram anunciadas pelo Marquês de Rabicó como “senhoras Pé-de-Rosa-Branca e Pé-de-Rosa-Vermelha”, o que levou Narizinho a dar, disfarçadamente, um beliscão no porquinho. Rosa-Branca encarregou-se de avisar que a Bela Adormecida não viria. Quando a menina do nariz arrebitado perguntou por que a princesa não viria, Rosa-Branca respondeu: “- Não sei. Suponho que está se preparando para espetar o dedo noutra espinha e dormir mais cem anos.” Emília disse às duas senhoras que conhecia sua história e que havia se indignado com a rudeza do anão de barba longa. Disse isso em meio aos beliscões de Narizinho por mais uma de suas indiscrições, e ouviu de Rosa-Vermelha: “- Anões são gatinha perigosa (...). Se uns comportam-se que nem anjos, como aqueles sete do castelo de Branca, outros são verdadeiras pestes. É muito perigoso lidar com essa gatinha.” Quando Emília ficou emburrada por causa da repreensão de Narizinho diante de sua insistência em segurar a varinha de condão da princesa Cinderela, Rosa-Vermelha a consolou, dizendo que lhe daria um saco dos mais belos presentes. Esta princesa foi tirada para dançar por Ali Babá, quando se organizou um baile na festa. Sua irmã, a princesa Rosa-Branca, dançou com o Gato-de-Botas. Depois, Rosa-Vermelha identificou a coroinha que apareceu enganchada na saia de tia Nastácia como sendo de seu sogro: “- Estou conhecendo essa coroa! (...). É do meu sogro, o poderoso rei que mora

atrás do meu castelo. Com certeza viu passar o bando Xerazade e correu atrás e na correria deixou cair a coroa.” E guardou-a para devolvê-la a seu dono. No momento em que o Visconde de Sabugosa adormeceu e caiu do alto da janela de onde espiava a chegada das personagens, ficou desacordado e Emília sugeriu que Cinderela o transformasse em alguma coisa com a ajuda de sua varinha mágica. Cinderela quis saber no que deveria virar o sábio, e Rosa-Vermelha propôs que fosse transformado num lobo. Na despedida do sítio, as irmãs disseram que precisavam partir para seu castelo, porque teriam, à noite, a visita do Pássaro Azul (“**Cara de Coruja**”, 180; 185; 188 a 191; 195). Compareceram ao espetáculo circense, organizado pelas crianças no sítio, com uma novidade que foi muito comentada: “Rosa Vermelha apresentou-se de cabelo cortado, moda que as princesas do Reino-das-Fadas nunca usaram.” (“**O circo de cavalinhos**”, 244).

SACI – Uma das mais populares entidades fantásticas do Brasil, negrinho de uma só perna, de cachimbo e com barrete vermelho (fonte, este último, de seus poderes mágicos), e que, consoante a crença popular, persegue os viajantes ou lhes arma ciladas pelo caminho. A personagem foi citada pela primeira vez por Dona Benta, por brincadeira, na tentativa de adivinhar, instigada pela neta Narizinho, quem teria pescado a trairinha que a menina lhe mostrava: “- Então foi o saci (...) – Vovó não adivinha! Pois foi a Emília...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 42). A entidade foi citada depois, no plural, pela menina do nariz arrebitado, numa conversa com Emília. Depois de dizer à companheira que asneira de boneca era a única coisa interessante que havia neste mundo, a bonequinha perguntou o que existiria de interessante no outro mundo, e Narizinho respondeu: “- No outro há muitas. Há fadas, ninfas, sacis, sereias e há o famoso Peter Pan ...” (“**O circo de cavalinhos**”, 239).

SEREIAS – Seres mitológicos, metade mulher, metade peixe, que pela maviosidade do seu canto atraíam os navegantes para os baixios do mar. Os entes foram mencionados por Narizinho numa conversa com Emília, para apontar o que, para ela, existiria de interessante no outro mundo: “- No outro há muitas [coisas interessantes]. Há fadas, ninfas, sacis, sereias e há o famoso Peter Pan...” (“**O circo de cavalinho**”, 239).

SHERLOCK HOLMES – Personagem de ficção de Sir Arthur Conan Doyle. Foi citada, pela primeira vez, por Narizinho, ao relatar ao Príncipe Escamado o que acontecera com o Visconde de Sabugosa depois que retornou de seu reino: “Voltou da viagem ao fundo do mar tão encharcado que tive de pendurá-lo no varal de roupa para enxugar. Mas ficou mal

pendurado. Deu o vento e caiu e ficou esquecido num canto por muito tempo. Resultado: deu nele uma doença esquisita chamada bolor. Ficou todo verdinho, coberto dum pó que sujava o assoalho. Embrulhei-o, então, num velho fascículo das *Aventuras de Sherlock Holmes* que andava rodando por aí e o botei não sei onde. Com certeza já morreu...” (“**Aventuras do Príncipe**”, 130). Espanado o bolor do Visconde, porém, ele voltou à vida, e Pedrinho sugeriu que investigasse o caso do sumiço do pinto do galinheiro, justamente por causa do tempo que ficara embrulhado no folheto das aventuras do famoso detetive. Tal aconteceu e, descoberto o ladrão dos franguinhos, o falso Gato Félix que surgiu no sítio, todos deram vivas ao sábio, fazendo novamente referência à personagem: “- Bravos! Bravos ao Visconde! (...) Viva o nosso Sherlock Holmes!...” (“**O Gato Félix**”, 158; 165; 171).

SINDBADE (Simbad) - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. O marujo também compareceu à festa em homenagem às personagens dos contos de fadas, realizada no sítio. (“**Cara de Coruja**”, 187).

SININHO - Personagem de ficção de James Barrie. A fada da história de Peter Pan ganhou destaque em dois momentos. No primeiro, quando foi mencionada por Narizinho, na passagem em que a menina ouviu a voz de uma vespa-fada e se surpreendeu com a capacidade desta de falar. A neta de Dona Benta comentou, dirigindo-se ao boneco João Faz-de-conta: “- É fada mesmo, Faz-de-conta! E das que falam, porque há umas que só fazem *tlin, tlin, tlin*, como aquela fada Sininho que gostava de Peter Pan.” No outro momento, o narrador citou a personagem, enfatizando o interesse da menina do nariz arrebicado pelas histórias relacionadas à fada e ao menino da Terra do Nunca: “Narizinho, que já conhecia Peter Pan, fez várias perguntas a respeito desse extraordinário ‘menino que jamais quis ser gente grande’ e de sua inseparável companheira, a fada Sininho.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 219; 223).

SOLDADINHO DE CHUMBO – Criatura ficcional de Hans Christian Andersen. Ao chegar à festa no sítio, Emília quis saber como virara soldadinho outra vez, já que, em sua história, havia derretido ao fogo e se transformado em coração. A personagem explicou-lhe então: “- Uma fada, que leu minha história, chorou uma lagrimazinha tão sentida que virei soldado outra vez.” A bonequinha indagou pela bailarina do saiote cor-de-rosa e o soldadinho respondeu: “- Essa morreu para sempre.” Todos perceberam que ele chorou nesse momento, porém fingiu que se assoava, para não demonstrar fraqueza (“**Cara de Coruja**”, 186).

TESEU – Personagem da mitologia grega. O herói que matou o Minotauro também foi um dos presentes à festa no sítio que homenageou as criaturas das histórias fantásticas (“**Cara de Coruja**”, 187).

TIGRE – Personagem da fábula “Os animais e a peste”, de Esopo. No País-das-Fábulas, não pôde matar o burro como na narrativa original. Foi impedido disso pela ação de Peninha, que fez cair uma pedra na cabeça do carrasco, deixando-o somente no bote. Com a confusão provocada pela atitude do menino invisível, o burro fugiu (“**Pena de papagaio**”, 278, 279).

XEERAZADA (Xerazade) - Ser ficcional do livro *As mil e uma noites*, cujas histórias do mundo árabe passaram a ser conhecidas no ocidente mediante a versão de Antoine Galland. Acompanhava-a todos os heróis das *Mil e uma noites*. Como eram muitos, alguns não puderam entrar na sala de Dona Benta, na ocasião da festa em honra das personagens dos contos de encantamento, e ficaram fora da casa. Lá estavam o Pescador, o Gênio, o Cavalo Encantado, os Príncipes Codadade e Ahmede, Sindbade (Simbad), o marujo, Morgiana, e uma “multidão de sultões, sultanas, califas e escravos núbios, pretos e lustrosos como jabuticabas.” Emília quis saber de Xerazade por que não trouxera o pássaro Roca, e a princesa respondeu sorrindo: “- Que idéia! (...) Para que esse bruto derrubasse uma pedra em cima do sítio de Dona Benta e nos esmagasse a todos como fez com o navio de Sindbade?” (“**Cara de Coruja**”, 187).

ANDERSEN – Hans Christian Andersen (1805-1875) Célebre poeta e novelista dinamarquês, autor dos contos “O patinho feio”, “O soldadinho de chumbo”, “A pequena vendedora de fósforos”, e muitos outros. Foi citado pelo menino invisível numa conversa com Pedrinho: “- Muitos viajantes têm visitado esse mundo [das maravilhas] (...). Entre eles, os dois irmãos Grimm e um tal Andersen, os quais estiveram lá muito tempo, viram tudo e contaram tudo direitinho como viram.” (“**Pena de papagaio**”, 254).

BUCÉFALO – (Aproximadamente 340 a.C.) Cavalo de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia. Foi referido pela boneca Emília quando esta explicou a Narizinho por que, excepcionalmente, não poderia acompanhá-la no passeio pelo pomar do sítio: “- Não posso hoje (...). Estou ensinando o abc a este analfabeto [o cavalinho de brinquedo do qual se apossara por ter dado a idéia da busca pelo pau vivente a Pedrinho], que anda com vontade de ler a história do Pégaso, do Bucéfalo, do cavalo de Tróia e outras ‘cavalências’ célebres.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 217).

CAIM – (Aproximadamente 4014 a.C.) De acordo com a Bíblia, foi o segundo homem da Terra. Matou o irmão, Abel, por ciúme de sua oferenda a Deus, e foi amaldiçoado por Ele. A personalidade foi mencionada pela boneca Emília na discussão com o falso Gato Félix, entrevero acontecido em razão da história contada por ela aos moradores do sítio. Como a narrativa agradasse a todos, o gato ficou enciumado, e começou a provocar a bonequinha, que disse: “- A inveja matou Caim!...” O felino continuou insultando a boneca, e, por isso, ela repetiu e explicou: “- A inveja matou Caim! (...) Você está mas é danado com o grande sucesso da minha historinha.” (“**O Gato Félix**”, 166).

CORNÉLIO PIRES - (13/7/1884-17/2/1958) Escritor, compositor, conferencista, jornalista, contador de causos, folclorista e poeta brasileiro. A personalidade foi citada pelo narrador na passagem da operação cirúrgica do Visconde de Sabugosa. Depois de retirada “toda aquela tranqueira científica” do ventre do sábio pelo Doutor Caramujo, Pedrinho e Narizinho resolveram tornar o Visconde engraçado e, aproveitando que a cola usada pelo médico ainda não secara, “...puseram dentro três páginas bem dobradinhas dum livro do Cornélio Pires. Depois colaram-no outra vez e deixaram-no a secar em paz.” (“**O circo de cavalinhos**”, 230).

CRISTO – (Aproximadamente 5-4 a.C.–30 d.C.) Profeta que teve como missão revelar Deus aos homens. Foi mencionado numa fala de Emília a Dona Benta, na circunstância em que a

bonequinha queria provar à velha senhora a capacidade de encontrar seus óculos perdidos: “- Tudo é possível neste mundo de Cristo, como a senhora mesma costuma dizer. Se quer experimentar a minha habilidade de achar coisas...” (“**O circo de cavalinhos**”, 236).

CRISTÓVÃO COLOMBO – (1451-20/5/1506) Navegador genovês, quem encontrou a América. Esta personalidade foi mencionada pelo falso Gato Félix quando, ao contar sua história a Narizinho, Pedrinho, Emília, Visconde, Dona Benta e tia Nastácia, relatou-lhes que seu avô viera da Europa para a América no navio do navegador. Quando Emília pediu ao gato que contasse como foi que Colombo descobrira a América, ele disse que o navio no qual viajaram se chamava “Santa Maria” e que o navegador quisera desembarcar para saber se aquela terra era mesmo a América ou outra, pois estaria na dúvida. O cacique dos índios fora o único deles que tivera coragem de chegar perto de Colombo, que o cumprimentara fazendo uma cortesia com o chapéu de plumas. O cacique dera-lhe as boas-vindas e o navegador havia perguntado se aquela era a “tal América” que andava procurando. O índio respondera que sim, e também lhe perguntara, apenas para confirmar o que de fato já sabia, se era o “Tal Cristóvão Colombo”. O navegador ficara surpreso pelo fato de o índio adivinhar sua identidade e perguntara sobre isso. O cacique dissera, então: “ ‘Assim que o senhor botou o pé na praia, senti uma batida na pacuera e disse cá comigo: É o Senhor Cristóvão que está chegando, até aposto!’”. Colombo apertara a mão do cacique, que, então, se voltara para seus companheiros e gritara-lhes: “- Estamos descobertos, rapaziada! Este é o tal Cristóvão Colombo que vem tomar conta das nossas terras. O tempo antigo lá se foi. Daqui por diante é vida nova – e vai ser um turumbamba danado...” Neste momento da narração, o Visconde de Sabugosa interveio para avisar aos demais ouvintes que a descoberta da América não fora assim, mas muito diferente do que contara o gato, e sabia disso porque lera a história de Colombo num livro de Dona Benta (“**O Gato Félix**”, 150, 151).

EDUARDO DAS NEVES - Eduardo Sebastião das Neves (Dudu) (1874-11/11/1919) Palhaço de circo, poeta e cantor brasileiro de lundus e modinhas. Foi o artista negro mais popular do começo do século XX. Pedrinho mencionou esta personalidade quando viu que o Visconde de Sabugosa parecia recuperado de suas manias científicas após a intervenção cirúrgica conduzida pelo Doutor Caramujo. Como as crianças tivessem escolhido o sábio para ser o palhaço do circo que estavam organizando, o menino falou: “- Agora sim (...) nosso circo vai ter um palhaço ainda melhor que o tal Eduardo das Neves que tia Nastácia tanto gaba. Você, Narizinho, precisa fazer-lhe uma roupa bem pândega.” (“**O circo de cavalinhos**”, 230 a 232).

ESOPO – (Aproximadamente 620 a.C.) Fabulista grego. Encontrou o grupo de personagens aventureiras e La Fontaine no País-das-Fábulas. O fabulista francês se encarregou de apresentar a personalidade grega às crianças, depois de Emília confundí-lo com um “homem que estava tomando banho e perdeu as roupas”, já que lhe parecia estar enrolado numa toalha: “- Estás enganada, bonequinha. Aquele homem é um famoso fabulista grego. Não vem embrulhado em nenhuma toalha, mas sim vestido à moda dos antigos gregos. Chama-se Esopo. Foi o primeiro que teve a idéia de escrever fábulas.” Ao se aproximar do grupo, Esopo cumprimentou educadamente La Fontaine, fez festa com as crianças, depois entabulou uma discussão sobre a origem das fábulas com o francês, à beira do ribeirão. Na despedida daquele país, Emília o convidou para uma visita ao sítio, mas recomendou que fosse de paletó e calça, senão tia Nastácia poderia se assustar (“**Pena de papagaio**”, 272, 273; 284).

HIPÓCRATES – (Aproximadamente 460 a.C-377 a.C.) Pertencia a uma família de médicos na antiga Grécia e em muito contribuiu para a formação dessa profissão e do próprio conceito de medicina. Por isso é universalmente considerado o “Pai da Medicina”. A personalidade foi mencionada pelo Doutor Caramujo no momento em que, no Reino-das-Abelhas, o médico se indignou com Narizinho, por ela referir-se à tia Nastácia como alguém que poderia curar Emília da “anemia macelar”: “- Tia Nastácia! (...) Com certeza é alguma curandeira vulgar! Macela! Alguma mezinha vulgar também! Oh, santa ignorância! Admira-me ver uma princesa tão ilustre desprezar assim a ciência de um verdadeiro discípulo de Hipócrates e entregar a condessa [Emília] aos cuidados duma reles curandeira!...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 63).

IRMÃOS GRIMM – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm. Filólogos, grandes folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e da história do Direito alemão – recolhem diretamente da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Foram citados pelo menino invisível numa conversa com Pedrinho: “- Muitos viajantes têm visitado esse mundo [das maravilhas] (...). Entre eles, os dois irmãos Grimm e um tal Andersen, os quais estiveram lá muito tempo, viram tudo e contaram tudo direitinho como viram. Foram os Grimm os que primeiro contaram a história de Cinderela exatinha como foi. Antes deles já essa história corria mundo, mas errada, cheia de mentiras.” O neto de Dona Benta comentou que possuía um livro que contava a história de Cinderela de modo diferente do de Grimm, e o menino invisível recomendou: “- Bote fora esse livro. Grimm é que está certo.” (“**Pena de papagaio**”, 254, 255).

JONAS – (Aproximadamente 760 a.C.) Autor de livro profético do Antigo Testamento bíblico. O profeta foi mencionado pela boneca Emília, numa discussão com o Visconde de Sabugosa. Ela pretendia defender a veracidade dos fatos narrados pelo falso Gato Félix, quando este relatou aos moradores do sítio ter permanecido um período no estômago de uma baleia. Como o sábio classificasse tal experiência como “impossível”, provocou a indignação da boneca, que disse: “– Impossível por que, seu Embolorado? (...) Não se lembra da história que Dona Benta contou do profeta Jonas, que ‘permaneceu’ uma porção de tempo dentro da barriga de um peixe?” A resposta do Visconde justificou a permanência no estômago da baleia com o fato de Jonas ser um profeta. Emília retorquiu: “- Jonas era profeta e Seu Félix é quadragésimo. Dá na mesma.” Ela se referia ao andar mencionado pelo gato, quadragésimo terceiro mais exatamente, como sendo o do local de seu nascimento. A palavra encantou a bonequinha, por isso utilizou-a como argumento na discussão com o Visconde, e todos lhe deram razão (“**O Gato Félix**”, 154).

JUDAS – Judas Iscariotes (Aproximadamente 30 d.C.) Apóstolo de Cristo. O nome dessa personalidade apareceu em expressões semelhantes usadas principalmente por Emília, e, além dela, por um velho sábio da história contada pelo falso Gato Félix, e pelo narrador. A primeira ocorrência deu-se na fala da bonequinha, ao reclamar para Narizinho do vestido que usava na ocasião da partida para o Reino-das-Águas-Claras, onde a menina se casaria com o Príncipe Escamado: “- Você (...) convidou-me para madrinha do casamento, lembre-se. Como, pois, posso apresentar-me na corte com este vestido de Judas no sábado de Aleluia?” (“**O casamento de Narizinho**”, 104). Um velho sábio mencionado pelo falso Gato Félix em sua história, ao ser indagado sobre o “lugar em que o demo perdeu as botas”, desse modo respondeu: “Fica pertinho dos confins do Judas.” (“**O Gato Félix**”, 157). Emília ainda usou a expressão para afastar Barba Azul do sítio, quando o terrível homem surgiu na festa em honra das personagens maravilhosas e ameaçou casar-se com as princesas presentes: “- Pois case, se for capaz! Mando Pé-de-Vento te ventar para os confins do Judas. Vá pintar essas barbas de preto que é o melhor, seu cara de coruja!” (“**Cara de Coruja**”, 184). O narrador também utilizou uma expressão com o nome da personalidade em foco ao caracterizar o desenho de Dona Benta representando o irmão de Pinocchio: “O [desenho] de Dona Benta parecia um judas no sábado de aleluia.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 207).

LA FONTAINE – Jean La Fontaine (1621– 1692) Fabulista francês. Ao chegarem ao País-das-Fábulas, as personagens aventureiras encontraram-se com o autor: “... viram um homem

de cabeleira encaracolada, vestido à moda dos franceses antigos. Usava fivelas nos sapatos, calções curtos e jaqueta de cintura. Na cabeça trazia chapéu de três pontas, e renda branca no pescoço e nos punhos. Apoiava-se em comprida bengala e vinha caminhando pausadamente, como quem está pensando.” La Fontaine foi apresentado ao grupo por Peninha, e, juntamente com as crianças, assistiu ao desenrolar da fábula do lobo e o cordeiro e da cigarra e a formiga, com mudanças em relação aos desfechos já conhecidos, motivadas pelas intervenções de Emília e dele próprio. Incumbiu-se de apresentar Esopo ao grupo, e com o fabulista grego iniciou uma discussão sobre a origem das fábulas, indo os dois sentar-se à beira do ribeirão. Mais tarde, na partida das crianças, suspirou, quando as viu à distância, montadas no burro: “Felicidade, teu nome é juventude!...” (“**Pena de papagaio**”, 260 a 273; 284, 285).

LAMPIÃO – Capitão Virgulino Ferreira da Silva (4/6/1898-28/7/1938) É considerado o rei do cangaço no sertão nordestino brasileiro. Foi citado pelo Marquês de Rabicó quando o porquinho estava prestes a ser morto por Tom Mix, em cumprimento a uma vontade de Narizinho, reconsiderada mais tarde pela menina: “Está assim prosa porque deu comigo, que sou um pobre coitadinho. Queria ver a sua cara, se Lampião aparecesse por aqui com os seus cinqüenta cangaceiros!” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 61).

MORAIS – Antônio de Moraes Silva (1/8/1755-11/4/1824) Lexicógrafo e gramático brasileiro. É o organizador do *Dicionário de língua portuguesa*, o “Dicionário de Moraes”, em dez volumes, citado pelo narrador para descrever a casa do Visconde de Sabugosa: “A casa do Visconde era um vão de armário na sala de jantar. Dois grossos volumes do Dicionário de Moraes formavam as paredes.” (“**O circo de cavalinhos**”, 228).

PLATÃO – (Aproximadamente 427 a.C.- 347 a.C.) Filósofo e escritor grego. Foi citado pelo narrador para descrever a casa do Visconde de Sabugosa: “A casa do Visconde era um vão de armário na sala de jantar. (...) Servia de mesa um livro de capa de couro chamado *O Banquete*, escrito por um tal Platão que viveu antigamente na Grécia e devia ter sido um grande guloso.” (“**O circo de cavalinhos**”, 228).

ROUSSEAU – Jean-Jacques Rousseau (28/6/1712-2/7/1778) Filósofo e romancista suíço de língua francesa. Encantada com o discurso da rainha das abelhas, quando se encontrava em seu reino, Narizinho confidenciou à companheira: “Vê, Emília? Isto é que é falar bem! Até

parece aquele filósofo que vovó lê, o tal Rou... Rousseau, creio.” (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 71).

SANTA MARIA – (Aproximadamente 20 a.C.-52 d.C.) Mãe de Cristo. O nome da personalidade nomeia uma das embarcações comandadas pelo navegador genovês Cristóvão Colombo e foi mencionada pelo falso Gato Félix, quando contou sua história aos moradores do sítio: “- Meu avô veio justamente no navio de Cristóvão Colombo, que se chamava ‘Santa Maria’. Veio no porão e durante toda a viagem não viu coisa nenhuma senão ratos. Havia mais ratos no ‘Santa Maria’ do que pulgas num cachorro pulguento, e enquanto lá em cima os marinheiros lutavam com as tempestades, meu avô lá embaixo lutava com a rataria. Caçou mais de mil. Chegou a enfiar-se de rato a ponto de não poder ver nem um pelinho de camundongo. Afinal o navio parou e ele saiu do porão e foi lá para cima e viu um lindo sol e um lindo mar e bem na frente uma terra cheia de palmeiras.” (**“O Gato Félix”**, 150)

SÃO JOÃO – (Aproximadamente 31 d.C.) Precursor da doutrina de Cristo, seu apóstolo e autor de livros do Novo Testamento bíblico. A personalidade foi mencionada inicialmente por Pedrinho, ao comentar a saudade que sentia da rotina do sítio: “- O mastro de S. João!... (...) Quantas vezes no colégio me iludi com os ringidos das portas, imaginando que era a bandeira do nosso mastro!... Como vai ele?” A resposta de Narizinho informou o menino sobre os danos provocados pelas chuvas na bandeira dedicada ao santo. Na seqüência, o narrador relatou o que acontecia no sítio na ocasião da festividade em honra do santo, e destacou a participação de Pedrinho no evento: “O dia de S. João era o grande dia de festa no sítio do Picapau Amarelo. Reuniam-se lá todas as crianças dos arredores, para soltar bombinhas e pistolões e dançar em torno à fogueira. Pedrinho jamais faltou a essa festa anual, como jamais deixou de queimar o dedo. Um ano em que não queimou o dedo ficou muito admirado. Nos últimos tempos era Pedrinho quem pintava o mastro, caprichando em formar arabescos de todas as cores, cada ano dum estilo diferente. Também era ele quem fornecia a bandeira com o retrato de S. João menino, de cruz ao ombro e cordeiro no braço. Trazia-a da cidade, depois de percorrer todas as casas de negócio a fim de comprar a mais bonita.” (**“O Sítio do Picapau Amarelo”**, 51, 52).

SÃO PAULO – (Aproximadamente 10 d.C.-67 d.C) Apóstolo dos gentios e autor de livros do Novo Testamento bíblico. É considerado, depois de Cristo, a figura mais importante do cristianismo. A personalidade nomeia a cidade para onde Dona Benta destinou sua carta,

solicitando livros a serem lidos para os moradores do sítio, conforme menciona o narrador: “... a boa senhora teve de escrever a um livreiro de São Paulo, pedindo que lhe mandasse quanto livro fosse aparecendo. O livreiro assim fez. Mandou um e depois outro e depois outro e por fim mandou o *Pinocchio*.” (“**O irmão de Pinocchio**”, 199).

SÃO PEDRO – (Aproximadamente 64 d.C.) Apóstolo de Cristo e autor de livros do Novo Testamento bíblico. É considerado líder da Igreja Católica. A personalidade foi mencionada por Emília num comentário. Depois de ouvir o falso Gato Félix dizer, em resposta a Narizinho, que os arranha-céus nos Estados Unidos furavam mesmo o céu de lá, a bonequinha disse: “- Quem deve ficar furioso é S. Pedro (...). Eu, se fosse ele, suspendia o céu um pouco mais para cima.” (“**O Gato Félix**”, 152).

SPINELLI – Afonso Spinelli. Proprietário da Companhia Circo Spinelli, famosa nos anos dez do século passado, localizada no Méier, no Rio de Janeiro. O nome foi referido pelo narrador para caracterizar o circo montado por Pedrinho, no sítio: “Enquanto isso Pedrinho fez os últimos buracos e começou a fincar os paus. Finca que finca, bate que bate, soca que soca – três dias levou na luta, suando que nem vidraça em manhã de frio lá fora. O circo foi tomando cara de circo de verdade e quando Pedrinho armou o pano, ficou tal qual o circo Spinelli.” (“**O circo de cavalinhos**”, 240).

TOM MIX – Thomas Hezekiah Mix (6/1/1880-11/10/1940) Astro dos quadrinhos e do cinema *western* americanos. O “grande herói do cinema”, “o famoso *cowboy*”, como Narizinho caracterizou a personalidade, ao reconhecê-la. Portava um chapelão de abas largas, alforje, faca e revólveres. Abordou a menina, Emília e Rabicó quando eles se dirigiam, a cavalo, ao Reino-das-Abelhas, para uma visita. Chefiava a quadrilha Chupa-Ovo de lagartos. Queria ouro de verdade dos cavaleiros e, como não tivessem, Narizinho teve uma idéia genial: retirou, com a ajuda de uma tesourinha emprestada pelo próprio *cowboy*, um pouco da macela que recheava uma das pernas de Emília. Despejou-a, então, no alforje de Tom Mix e este, acreditando ser ouro aquele conteúdo amarelo, deixou-os livres e colocou-se à disposição da menina quando precisasse dele. “Nos momentos de perigo basta gritar: ‘Mix, Mix, Mix!’, que aparecerei incontinenti para salvá-la.” No momento da abordagem do *cowboy*, Rabicó pulou no chão e sumiu. Por sentir-se traída pelo Marquês, que, ao sinal de perigo, cuidou apenas de si, Narizinho quis vingar-se dele e, pediu, então, a ajuda de Tom Mix. Chamou-o e imediatamente ele apareceu diante dela. Explicou-lhe que queria comer, no almoço do dia

seguinte, virado de feijão com o torresmo do leitão. Tom Mix pôs-se no encalço de Rabicó, seguindo os sinais que deixara na fuga. Encontrou-o com a cabeça enfiada numa abóbora muito grande. Ocupado em devorá-la, não deu pela presença do *cowboy*. Ao compreender a razão da presença dele ali, que passava a faca sobre o couro da bota, o leitão pediu cinco minutos de vida para fazer seu testamento. Concedidos os cinco minutos, Rabicó escreveu uma carta à Narizinho, que foi levada por uma libelinha em troca da promessa de receber do Marquês um lindo lago azul, onde poderia voar a vida inteira. A libelinha aceitou fazer o favor ao Marquês, levou a carta à menina, e esta escreveu uma ordem de perdão ao leitão, que deveria ser entregue ao bandido pela mesma libelinha. Libertado da pena de morte, o Marquês de Rabicó recebeu uma pena bem mais branda de Tom Mix: um formidável pontapé, que foi considerado pelo leitão preferível às facadas do bandido. A promessa de dar um lindo lago azul à libelinha mensageira não foi cumprida pelo porquinho, todavia. Ele achou que isso seria perigoso, já que a pequenina poderia vir a morrer afogada neste lago. Ela recebeu, no lugar do lago, uma sementinha de abóbora e ficou furiosa por isso. No Reino-das-Abelhas, Tom Mix voltou a pedido de Narizinho. Desta vez, trazendo uma tropa de grilos arreados de cangalhas e ancorotes próprios para conduzir mel, pois a menina quis levar mel de flores de jabuticabeira e um quilinho de cera bem branca, para tia Nastácia. Para que pudessem fazer a viagem de volta ao sítio, o bandido acomodou Emília, que estava com uma das pernas vazias do recheio de macela, num ancorote vazio de mel. Meia légua adiante, tranqüilizou Narizinho e a boneca quanto à possibilidade de estarem diante de um monstro, pois ao chegar mais perto do que parecia ser uma criatura com cabeça de porco e pés de tartaruga, percebeu que se tratava do Marquês de Rabicó montado num jabuti. Tom Mix se ofereceu, então, para apear o leitão do jabuti, castigado pelo chicote do porquinho. Perguntou a Narizinho: “- Se quer, apeio aquele maroto com uma bala!”. A menina, porém, preferiu ela própria dar uma lição no Marquês, pedindo ao jabuti que montasse no lombo do leitão e metesse-lhe a espora sem dó. Quando já estavam próximos de casa, pararam para almoçar, e Narizinho descobriu que “uma velha coroca, de porrete na mão e cesta no braço” havia aparecido no sítio e transformado Pedrinho em pássaro tiziu; dona Benta, em tartaruga; e tia Nastácia, em uma galinha preta. Tom Mix quis saber o que estava acontecendo e quis ajudar. Pediu, assim, que seguissem viagem e que a menina deixasse tudo por conta dele, garantindo que apanharia a velha feiticeira para desfazer o mal que fizera. Ao chegar ao sítio, Narizinho ficou muito triste quando ouviu uma galinha cacarejar lá dentro e viu uma tartaruga de óculos sentada na rede da sala de jantar. Chorou abraçada com Emília e disse: “- A única esperança que nos resta é Tom Mix (...) . Mas este caso é tão estranho que receio que nem ele possa nos salvar...” Ao

cabo de dois dias, Emília consolou sua dona, dizendo-lhe que sossegasse: “Tom Mix é um danado. De repente reaparece e conserta tudo, como no cinema.” Disse ainda que era preciso que esperassem três dias, pois três era a conta para tudo. Passados os três dias, o bandido ainda não havia retornado e Narizinho preocupava-se, achando que tudo estivesse perdido. Emília pedia-lhe paciência, pois achava que Tom Mix retornaria brevemente com a velha na ponta da faca. Mal acabou de falar e ouviram um cachorrinho latindo no terreiro. Emília gritou que deveria ser ele, e de fato era. Voltava com dois revólveres apontados para a bruxa, que vinha à frente, com os braços erguidos. Tom Mix gritou à feiticeira que desfizesse o malfeito naquele momento, senão comia-lhe os fígados. Narizinho fechou os olhos para não ver a feiúra da velha e, quando criou coragem, foi abrindo os olhos devagarinho. Viu, então, tia Nastácia, que lhe dizia: “- Acorde menina! Parece que está com pesadelo...” (“**O Sítio do Picapau Amarelo**”, 57 a 78). Ao ver a boneca Emília, em seu cavalinho de rabo de galo, apresentar-se divinamente no espetáculo circense montado pelas crianças no sítio, Dona Benta comentou, tendo tia Nastácia do seu lado: “- Que danada! (...) Nunca pensei que Emília se saísse tão bem; até parece o Tom Mix...” (“**O circo de cavalinhos**”, 246).